JANE HAWKING

A TEORIA De TUDO

A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DE JANE E STEPHEN HAWKING

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME

A MENTE DELE MUDOU O NOSSO MUNDO.
O AMOR DELA MUDOU O MUNDO DELE.

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

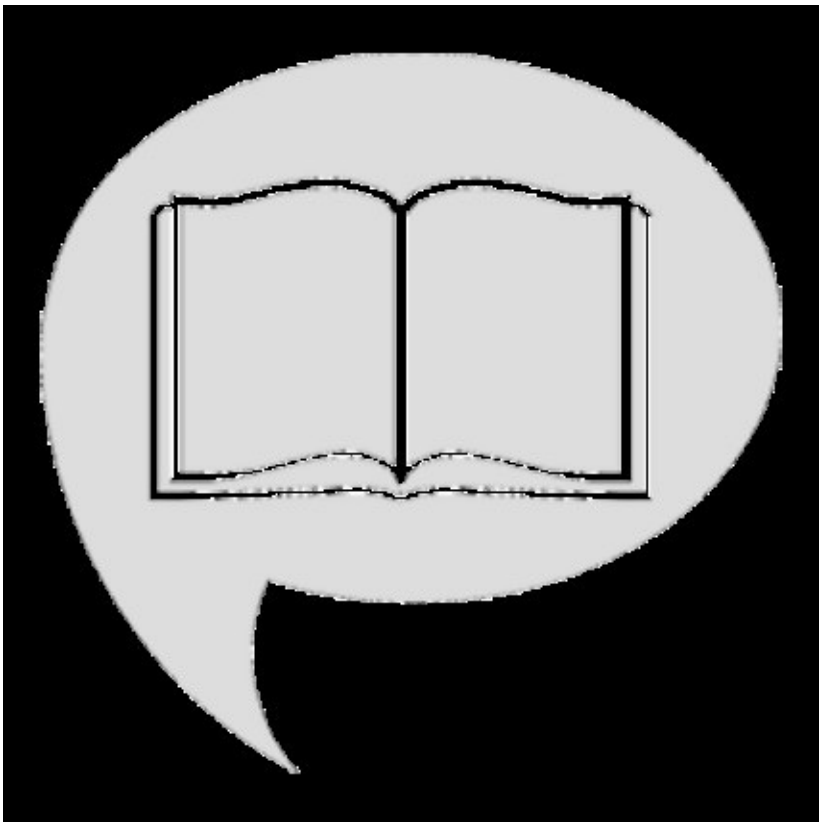
Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

JANE HAWKING
A TEORIA De TUDO
A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DE JANE E STEPHEN HAWKING
O LIVRO QUE INSPIROU O FILME
A MENTE DELE MUDOU O NOSSO MUNDO.
O AMOR DELA MUDOU O MUNDO DELE.



A

história de Stephen Hawking é contada pela luz da genialidade e do amor

que não vê obstáculos.

Q

uando Jane conhece Stephen, percebe que está entrando para uma família

q ue é pelo menos diferente. Com grande sede de conhecimento, os Hawking

p

ossuíam o hábito de levar material de leitura para o jantar, ir a óperas e c oncertos e estimular o brilhantismo em seus filhos – entre eles aquele que seria conhecido como um dos maiores gênios da humanidade, Stephen.

D

escubra a história por trás de Stephen Hawking, cientista e autor de s ucessos como Uma breve história do tempo, que já vendeu mais de 25

m

ilhões de exemplares. Diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica aos

2 1 anos, enquanto conhecia a jovem tímida Jane, Hawking superou todas as

e xpectativas dos médicos sobre suas chances de sobrevivência a partir da p

erseverança de sua mulher. Mesmo ao descobrir que a condição de

S tephen apenas pioraria, Jane seguiu firme na decisão de compartilhar a v ida com aquele que havia lhe encantado. Ao contar uma trajetória de 25

a nos de casamento e três filhos, ela mostra uma história universal e tocante, narrada sob um ponto de vista único.

S tephen Hawking chega o mais próximo que alguém já conseguiu de

e xplicar o sentido da vida, enquanto Jane nos mostra que já o conhecia d

esde sempre: ele está na nossa capacidade de amar e de superar limites em

nome daqueles que escolhemos para compartilhar a vida.

La parole humaine est comme un chaudron fêlé où nous battons des

mélodies à faire danser les ours quand on voudrait attendrir les étoiles.

– GUSTAVE FLAUBERT

“A palavra humana é como um caldeirão rachado, no qual batemos

melodias próprias para fazer dançar os ursos, quando desejaríamos

enternecer as estrelas.”

Primeira parte

— 1 —

ASAS PARA VOAR

AHISTÓRIA DA MINHA VIDA COM STEPHEN HAWKING COMEÇOU NO VERÃO DE 1962,

embora, possivelmente, tenha iniciado dez anos ou mais antes disso, e

sem que eu percebesse. Quando entrei no primeiro ano no colégio St.

Albans, aos sete anos, nos primeiros anos da década de 1950, houve, por um curto período, um menino com cabelos caídos na testa e castanho-dourados que costumava se sentar colado à parede na sala de aula ao lado.

A escola aceitava meninos, incluindo meu irmão, Christopher, no

departamento de juniores, mas eu só via aquele garoto de cabelos caídos na

testa nas ocasiões em que, na ausência de nosso professor, nós do primeiro

ano éramos espremidos na mesma sala de aula com as crianças mais

velhas. Nunca conversamos, mas tenho certeza de que essa primeira

lembrança é confiável, porque Stephen foi aluno daquela escola por

determinado tempo naquela época, antes de ir para uma escola

preparatória a alguns quilômetros de distância dali.

As irmãs de Stephen eram mais reconhecíveis, porque ficaram na escola

por mais tempo. Apenas dezoito meses mais nova que Stephen, Mary, a mais velha das duas meninas, era uma figura excêntrica e facilmente distinguível – cheinha, sempre despenteada, distraída e dada a atividades solitárias. Seu grande trunfo, uma pele translúcida, era mascarado por óculos de lentes grossas e pouco lisonjeiros. Philippa, cinco anos mais nova que Stephen, era uma garota de olhar vivo, nervosa e excitável, de tranças

curtas e com rosto redondo e rosado. A escola exigia conformidade rígida

tanto acadêmica quanto disciplinarmente, e os alunos, como todas as crianças em idade escolar em todos os lugares do mundo, podiam ser cruelmente intolerantes no que diz respeito à individualidade. Seria ótimo

ter um Rolls Royce e uma casa no campo, mas se, como eu, seu meio de transporte fosse um Standard 10 pré-guerra, ou coisa pior, como o antigo

táxi londrino dos Hawking, então você seria objeto de diversão ou vítima de

desprezo compassivo. As crianças dos Hawking costumavam se deitar no chão de seu táxi para evitar ser vistas pelos colegas. Infelizmente, não havia espaço no chão do Standard 10 para tal ação evasiva. As meninas Hawking

saíram da escola antes de iniciar o ensino fundamental 2.

A mãe deles havia sido uma figura familiar durante longo tempo.

Pequena e magra, e vestida com um casaco de pele, ela costumava ficar próxima da faixa de segurança perto da minha escola, à espera do filho mais novo, Edward, que chegava de ônibus vindo da escola preparatória no

interior. Meu irmão também foi para essa mesma instituição depois da pré-

escola no colégio St. Albans: a escola se chamava Aylesford House, e lá os

meninos usavam rosa – blazers e bonés cor-de-rosa. Em todos os outros aspectos, aquele era um paraíso para os meninos pequenos, em especial para aqueles não dotados de inclinação acadêmica. Jogos, camping e shows

da turma, nos quais meu pai sempre tocava piano, pareciam ser as

principais atividades. Charmoso e de boa aparência, Edward, com oito anos,

estava tendo um pouco de dificuldade com sua família adotiva quando me

encontrei com os Hawking pela primeira vez – possivelmente por causa do

hábito de trazer seu material de leitura para a mesa de jantar, ignorando quaisquer não leitores ávidos que estivessem presentes.

Uma amiga minha da escola, Diana King, vivenciara esse hábito

Hawking em particular – e pode ter sido por isso que, quando ouviu, algum tempo depois, sobre meu noivado com Stephen, ela exclamou: “Oh, Jane! Você está se metendo em uma família muito, muito louca!”. Foi Diana quem primeiro me mostrou Stephen naquele verão de 1962, quando, após as provas, ela, minha melhor amiga Gillian e eu estávamos curtindo aquele período de êxtase de poucas atividades escolares antes do fim do ano letivo. Graças à posição do meu pai como alto funcionário do governo, eu já havia feito algumas incursões no mundo adulto que iam além da escola, das lições de casa e das provas – um jantar na Câmara dos Comuns e, em um dia quente e ensolarado, uma festa no jardim do Palácio de Buckingham. Diana e Gillian estavam saindo da escola naquele verão, enquanto eu ficaria como monitora-chefe para o período do outono, quando então faria minha inscrição para a entrada na universidade. Naquela tarde de sexta-feira, recolhemos as malas e, ajeitando nossos chapéus de palha, decidimos passear na cidade para tomar um chá. Mal tínhamos caminhado cem metros, quando vimos algo estranho do outro lado da rua: lá, caminhando de modo incerto em sentido contrário, estava um homem jovem, com andar desajeitado, cabeça baixa, o rosto protegido do mundo sob uma indisciplinada cabeleira castanha e lisa. Imerso nos próprios pensamentos, ele não olhou nem para a direita nem para a esquerda, nem percebeu o grupo de alunas do outro lado da rua. Era um fenômeno excêntrico para aquelas monótonas e puritanas garotas do St. Albans. Gillian e eu ficamos observando o rapaz de modo insensível e com espanto, mas Diana permaneceu impassível.

– Esse é o Stephen Hawking. Saí com ele uma vez – anunciou às amigas

boquiabertas.

– Não, você não fez isso! – rimos as duas, incrédulas.

– Fiz, sim. Ele é estranho, mas muito inteligente. É amigo de Basil

[irmão dela]. Ele me levou ao teatro uma vez e depois estive em sua casa.

Ele vai nesses protestos de “Proíbam as Bombas”.

Levantando as sobrancelhas, continuamos nosso caminho até a cidade,

mas não consegui desfrutar mais do passeio, porque, sem ser capaz de explicar exatamente o motivo, me senti desconfortável com o jovem que acabara de ver. Talvez houvesse algo sobre sua excentricidade que me fascinara, tendo em vista minha existência bastante convencional. Talvez eu tivesse alguma estranha premonição de que o veria de novo. Fosse o que

fosse, aquela cena em si ficou profundamente gravada na minha mente.

As férias naquele verão foram um sonho para uma adolescente à beira

da independência, embora pudessem muito bem ter sido um pesadelo para

os pais, uma vez que o meu destino, uma escola de verão na Espanha, fosse

em 1962 tão remoto, misterioso e repleto de perigos como o Nepal é para

os adolescentes de hoje. Com toda a confiança dos meus dezoito anos, eu tinha certeza de que poderia me cuidar sozinha, e estava certa. O curso foi

bem organizado, e nós, estudantes, fomos alojados em grupos, em casas particulares. Nos fins de semana, éramos todos levados em passeios

guiados por todos os pontos turísticos mais importantes – fomos a

Pamplona, onde os touros correm pelas ruas; fomos assistir à única tourada

que já vi, brutal e violenta, mas espetacular e cativante; e depois fomos até

Loyola, o lar de Santo Inácio, autor de uma oração que eu e todos os outros

alunos em St. Albans tínhamos aprendido e incutido em nossa alma pela constante repetição:

“Ensina-nos, Senhor, a servir-te como mereces:

A dar sem contar o preço,

A lutar sem contar as feridas” (...)

Em contrapartida, passávamos nossas tardes na praia e à noite íamos até o cais visitar bares e restaurantes, participando de festas e bailes, ouvindo as bandas estridentes e ficando maravilhados com os fogos de artifício. Fora do limitado círculo de St. Albans, fiz novos amigos muito rápido, principalmente entre os outros adolescentes que estavam no

mesmo curso, e, com eles, naquela gloriosa atmosfera exótica da Espanha,

pude experimentar o gosto da independência de um adulto, longe de casa,

da família e da disciplina ridícula da minha escola.

Na volta para a Inglaterra, fui levada quase imediatamente pelos meus

pais, que, aliviados com meu retorno em segurança, tinham planejado alguns dias em família nos Países Baixos e em Luxemburgo. Essa foi mais

uma experiência de ampliação de horizontes, um dos feriados prolongados

no qual meu pai havia se especializado e que viria a nos proporcionar durante muitos anos, desde minha primeira viagem para a Bretanha aos dez anos de idade. Graças ao seu entusiasmo, nós nos vimos na vanguarda

do movimento turístico, viajando centenas de quilômetros ao longo de sinuosas estradas rurais por uma Europa em processo de emergir do

trauma da guerra, visitando cidades, catedrais e museus, e que meus pais também estavam descobrindo pela primeira vez. Foi uma combinação

tipicamente inspirada de educação através da arte e da história, e com a

satisfação das coisas boas da vida – vinho, boa comida e sol de verão – tudo misturado aos memoriais de guerra e às campinas do cemitério em

Flandres.

De volta à escola no outono, aquelas experiências do verão arraigaram

em mim uma sensação sem precedentes de autoconfiança. Enquanto eu

emergia de minha crisálida, a escola fornecia apenas o reflexo lívido de consciência e da autoconfiança que eu adquirira durante as viagens.

Usando como inspiração as novas formas de sátira que eu via pela

televisão, eu, a monitora-chefe da escola, inventei um desfile de moda para

divertir o sexto ano, com a diferença de que todas as peças tinham sido confeccionadas com base em itens estranhamente adaptados do uniforme escolar. A disciplina ruiu quando toda a escola queria entrar no palco pela

escada lateral fora do salão, e a senhorita Meiklejohn (também conhecida como Mick), a atarracada diretora castigada pelo tempo e de cujo rosnado

terrivelmente masculino dependia o bom funcionamento do colégio, estava

pela primeira vez reduzida à apoplexia, incapaz de se fazer ouvir em meio à

balbúrdia. Em desespero, ela recorreu ao megafone – que, em geral, só era

usado para dar avisos nas competições esportivas, na mostra de animais de

estimação e para controlar aquela fila indiana interminável que tínhamos de formar ao marchar por todas as ruas secundárias de St. Albans, para os

serviços religiosos que aconteciam antigamente uma vez por ano na

Abadia.

No outono de 1962, aquele ano letivo, havia muito tempo, não deveria

tratar de preparar um desfile de moda ou de qualquer outra coisa. Deveria

ter sido dedicado a me preparar para entrar na universidade. Infelizmente, não fui bem-sucedida em termos acadêmicos. Por mais que adorássemos o presidente Kennedy, a crise dos mísseis cubanos em outubro daquele ano teve o dom de abalar fortemente a sensação de segurança de minha geração e destruiu de verdade nossas esperanças em relação ao futuro. Com as superpotências jogando perigosamente com nossa vida, não era de todo certo que fôssemos ter um futuro com o qual nos preocupar. Enquanto orávamos pela paz sob a supervisão do reitor, lembrei-me de uma previsão feita pelo marechal de campo Marshall Montgomery, no final dos anos 1950, de que haveria uma guerra nuclear em uma década. Todos, jovens e velhos, sabiam que teríamos apenas quatro minutos de aviso antes de um ataque nuclear, o que significaria o fim abrupto de toda a civilização. O comentário de minha mãe, com a calma e a sensatez de sempre, sobre a perspectiva de uma terceira guerra mundial em sua vida foi de que seria muito melhor ser obliterada de tudo e de todos que ter de suportar a agonia de ver o marido e o filho ser recrutados para a guerra da qual eles nunca mais voltariam.

Além da ameaça poderosa do cenário internacional, senti que tinha me queimado com os exames de nível A e que faltava o entusiasmo pelo trabalho na faculdade depois de provar a liberdade em minhas férias de verão. Aquele assunto sério de entrar em uma universidade só me trouxe humilhação quando nem Oxford nem Cambridge expressaram qualquer interesse em mim. E tudo se mostrou ainda mais doloroso porque meu pai acalentara a esperança de que eu conseguiria um lugar em Cambridge desde que

eu tinha cerca de seis anos. Consciente de meu senso de fracasso,

a senhorita Gent, a diretora, esforçou-se de maneira supersimpática em dizer que não havia nenhuma vergonha em não conseguir uma vaga na Universidade de Cambridge, porque vários dos homens naquela

universidade eram muito inferiores intelectualmente em relação às

mulheres que tiveram sua inscrição recusada por falta de lugares. Naqueles

dias, a relação era de cerca de dez homens para uma mulher em Oxford e

Cambridge. A diretora então recomendou aceitar a oferta de uma entrevista

em Westfield College, em Londres, um colégio feminino nos moldes da faculdade Girton, a primeira a aceitar mulheres no país e que ficava em Hampstead, a alguma distância do restante da universidade. Assim, num dia frio e úmido de dezembro, saí de St. Albans para a viagem de vinte e cinco quilômetros até Hampstead.

O dia foi um desastre tão grande que foi um alívio no fim dele eu poder

estar no ônibus de volta para casa novamente, percorrendo o mesmo

caminho sombrio, cinza e cheio de neve da viagem de ida. Depois do desconfortável exercício no Departamento de Espanhol de blefar o tempo todo durante uma entrevista que parecia ser cem por cento voltada a T.S.

Eliot, sobre quem eu virtualmente sabia quase nada, fui enviada para me juntar à fila fora da sala da diretora. Quando chegou a minha vez, ela trouxe o estilo de um ex-funcionário público à entrevista, mal olhando para cima

de seus papéis em seus óculos de aros de tartaruga. Sentindo-me

extremamente agitada e confusa pelo fiasco da entrevista anterior, decidi que era melhor fazê-la me notar, ainda que, no processo, isso pudesse arruinar minhas chances. Assim, quando com a voz entediada, seca, ela perguntou:

– E por que você colocou o espanhol em vez do francês como seu

idioma principal?

Respondi com a voz igualmente entediada, seca:

– Porque a Espanha é mais quente que a França.

Seus papéis caíram das mãos, e ela, de fato, olhou para cima.

Para meu espanto, eles me ofereceram um lugar em Westfield, mas, por

volta do Natal, muito do otimismo e entusiasmo que eu descobrira na Espanha desvanecera. Quando Diana me convidou para uma festa de Ano-Novo que ela e o irmão estavam dando em 1º de janeiro de 1963, fui bem

vestida em uma roupa de seda verde-escuro – sintética, é claro –, com o cabelo preso atrás em um coque extravagante, interiormente tímida e muito insegura. Lá, meio deslocado, encostado na parede em um canto de

costas para a luz, gesticulando os dedos longos e finos enquanto falava, o cabelo caindo no rosto por cima dos óculos, e vestindo um paletó preto de

veludo empoeirado e uma gravata-borboleta vermelha, estava Stephen

Hawking, o jovem que eu vira andando de forma desengonçada na rua, no

verão.

Separado de outros grupos, ele estava conversando com um amigo de

Oxford, explicando que havia começado uma pesquisa em Cosmologia em Cambridge – não, como ele esperava, sob os auspícios de Fred Hoyle, o popular cientista da televisão, mas com Dennis Sciama, dono de um

sobrenome incomum. A princípio, Stephen pensara que o nome pouco

comum do seu supervisor fosse *Skeearma*, mas na chegada em Cambridge

ele descobrira que a pronúncia correta devia ser *Sharma*. Admitiu ainda ter recebido com certo alívio, no verão anterior, quando eu estava cursando o

nível A, a notícia de que ganhara o grau de primeira classe em Oxford. Esse

havia sido o feliz resultado de um exame oral realizado pelos examinadores perplexos para decidir se ao candidato singularmente inepto, cujos trabalhos também revelavam flashes de brilhantismo, deveria ser dado o grau de primeira classe, o de segunda classe ou sem honras, este último equivalente ao fracasso. Ele calmamente informou aos examinadores que, se lhe dessem o grau de primeira classe, iria para Cambridge fazer doutorado, dando-lhes a oportunidade da introdução de um cavalo de Troia no campus rival, ao passo que se lhe dessem o de segunda classe (o que também lhe permitiria fazer pesquisas) ficaria em Oxford. A banca de examinadores preferiu escolher a segurança e deu-lhe primeira classe.

Stephen passou a explicar à plateia de dois, o amigo de Oxford e eu, de que maneira também tomara medidas para jogar no seguro, percebendo que era extremamente improvável que ele receberia essa honraria em Oxford, tendo em vista o pouco trabalho que fizera. Ele nunca tinha ido a uma palestra – que não era uma coisa que estaria predisposto a fazer –, e a história lendária de que rasgara um trabalho em pedacinhos e o arremessara no cesto de lixo de seu tutor ao abandonar um seminário era verdade... Temendo suas chances na Academia, Stephen fizera sua inscrição para se juntar ao serviço público e fora aprovado nos estágios preliminares de seleção para trabalhar em um escritório no interior nos fins de semana. Portanto, estava pronto para prestar o concurso logo após os exames finais.

Certa manhã, ele acordou tarde, como de costume, com alguma coisa martelando em sua cabeça que havia algo que deveria estar fazendo

naquele dia, além da tarefa corriqueira de ouvir *O Anel dos Nibelungos*, de Wagner. Como ele não costumava manter um diário, porque confiava tudo

na memória, não teve como descobrir o que o incomodava até algumas horas depois, quando ficou claro que aquele era o dia das provas do concurso para o funcionalismo público...

Eu ouvia entre fascinada e divertida, atraída pelo senso de humor e pela

personalidade independente daquele personagem incomum. Suas histórias

eram muito atraentes de ouvir, em especial pela forma de quase sufocar a si

mesmo com as risadas geradas pelas piadas que contava, muitas delas contra ele próprio. Claramente aqui estava alguém que, igual a mim, tinha a

tendência de tropeçar ao longo da vida e ainda assim conseguir enxergar o

lado engraçado das situações. Alguém que, como eu mesma, era bastante tímido, mas não avesso a expressar suas opiniões; alguém que, ao contrário

de mim, tinha a autoestima desenvolvida e o descaramento de transmiti-la.

Quando a festa estava chegando ao fim, trocamos nomes e endereços, mas

eu não o esperava ver de novo, exceto, talvez, casualmente de passagem. O

cabelo solto na testa e a gravata-borboleta eram uma fachada, uma

declaração de independência da mente, e, no futuro, eu poderia me dar ao

luxo de ignorá-los, como Diana fizera, em vez de abrir a boca com espanto

se me deparasse com ele de novo na rua.

— 2 —

NO PALCO

APENAS ALGUNS DIAS DEPOIS, CHEGOU UM CARTÃO DE STEPHEN CONVIDANDO-ME PARA

uma festa no dia 8 de janeiro. Estava escrito numa caligrafia burilada

que eu invejava, mas, apesar dos meus laboriosos esforços, nunca

dominara. Consultei Diana, que também recebera um convite. Ela disse que

a festa era para comemorar o aniversário de vinte e um anos de Stephen –

uma informação que não constava no convite –, e ela prometeu vir me pegar. Foi difícil escolher um presente para alguém que eu tinha acabado de conhecer, por isso comprei um vale-presente que poderia ser trocado por um disco.

A casa na Hillside Road, em St. Albans, era um monumento à poupança

e à economia. Não que isso fosse incomum naqueles dias, porque na era do

pós-guerra fomos todos educados para tratar o dinheiro com respeito, para

buscar as melhores pechinchas e evitar o desperdício. Construída nos primeiros anos do século XX, a casa 14 na Hillside Road, uma construção enorme de três andares de tijolos vermelhos, tinha certo encanto, uma vez

que fora totalmente preservada em seu estado original, sem interferência das tendências modernizadoras, como aquecimento central ou carpetes

colocados de parede a parede. A natureza, os elementos e uma família de quatro filhos tinham todos deixado suas marcas na fachada gasta que se escondia por trás de uma sebe indisciplinada. Uma trepadeira balançava na

varanda decrépita de vidro, e grande parte do vidro colorido nos painéis superiores da porta da frente estava faltando. Embora nenhuma resposta imediata tenha vindo depois de apertar a campainha, a porta foi finalmente

aberta pela mesma pessoa que costumava esperar o filho enrolada em um

casaco de pele perto da faixa de pedestres. Ela me foi apresentada como sendo Isobel Hawking, a mãe de Stephen. Estava acompanhada por um

garotinho encantador, com cabelo escuro e encaracolado e olhos azuis brilhantes. Atrás deles, uma única lâmpada iluminava um longo corredor de azulejos

amarelos e decorado com móveis pesados – incluindo um

relógio de pêndulo – e o papel de parede original William-Morris, então escurecido.

Ao mesmo tempo que os diferentes membros da família começaram a

aparecer pela porta da sala de estar para cumprimentar os recém-

chegados, descobri que conhecia todos eles: a mãe de Stephen era bem conhecida por causa de suas vigílias perto da faixa de pedestres; o irmão mais novo, Edward, era, evidentemente, o menino pequeno que usava o bonezinho rosa da escola; as irmãs, Mary e Philippa, eram conhecidas da minha escola, e aquele homem alto e distinto de cabelos brancos, o patriarca da família, Frank Hawking, tinha vindo uma vez recolher um enxame de abelhas em nosso quintal. Meu irmão Chris e eu tínhamos vontade de assistir a cena, mas, para nossa decepção, ele nos enxotou com

seu ar taciturno e mal-humorado. Além de ser o único apicultor da cidade,

Frank Hawking também deve ter sido uma das poucas pessoas em St.

Albans a possuir um par de esquis. No inverno, ele costumava esquiar descendo o morro atrás de nossa casa a caminho do campo de golfe, onde

costumávamos fazer piquenique e colher jacintos na primavera e no verão

e brincar de tobogã em latas de estanho no inverno. Aquilo era como a montagem de um quebra-cabeça: todas essas pessoas eram,

individualmente, muito familiares a mim, mas eu nunca tinha percebido que havia uma relação entre elas. De fato, havia mais um membro dessa família que reconheci: ela se alojava no próprio quarto autossuficiente no sótão, mas descia para juntar-se aos outros em ocasiões de reuniões familiares como essa. Agnes Walker, a avó escocesa de Stephen, era uma figura bem conhecida em St. Albans por causa de seu talento ao piano que

era exibido publicamente uma vez por mês, quando ela unia forças na Câmara Municipal com Molly Du Cane, nossa líder atlética e entusiasta de

danças folclóricas.

A dança e o tênis tinham sido praticamente minhas únicas atividades sociais durante a adolescência. Por intermédio delas, conseguira fazer um

grupo de amigos de ambos os sexos vindos de várias escolas e de origens

diferentes. Fora do colégio, fazíamos tudo e íamos a todos os lugares juntos

– café aos sábados de manhã, tênis à noite e reuniões sociais no clube de tênis no verão, aulas de dança de salão e danças folclóricas no inverno. O

fato de que nossas mães também compareciam às reuniões noturnas de dança, com muitos idosos de St. Albans, não nos deixava envergonhados.

Ficávamos separados e dançávamos em nosso canto, bem fora do caminho

da geração mais velha. Romances floresciam ocasionalmente, dando origem

a muita fofoca e a algumas brigas, e então desapareciam tão rápido quanto

haviam surgido. Estávamos em um grupo descontraído e amigável de

adolescentes, que levavam uma vida mais simples que nossas contrapartes

modernas, e a atmosfera nos bailes dos quais participávamos era

despreocupada e saudável, inspirada por Molly Du Cane e seu contagiante

entusiasmo por sua arte. Com a rabeca no ombro, ela chamava as danças com autoridade, enquanto a avó de Stephen, encurvando sua corpulência sobre o piano de cauda, aplicava os dedos ágeis nas teclas, sem permitir uma vez sequer que os cachos cuidadosamente apoiados na testa ficassem

desfeitos. Sua figura augusta se voltaria para avaliar os dançarinos com o olhar curiosamente impassível. Ela, é claro, desceu para cumprimentar os convidados da festa de aniversário de vinte e um anos de Stephen.

O grupo consistia de uma mistura de amigos e parentes. Alguns eram dos dias em Oxford, mas a maioria era formada por contemporâneos ou quase contemporâneos do colégio St. Albans e contribuiu para o sucesso dessa escola

nos exames de Oxbridge de 1959. Aos dezessete anos, Stephen

era mais jovem que seu grupo de colegas na escola e, consequentemente, jovem demais para entrar na universidade naquele outono, em especial porque muitos dos companheiros universitários não eram apenas um ano

mais velhos que ele, mas muitos anos, porque todos tinham chegado até Oxford depois de prestarem o serviço militar obrigatório, que mais tarde fora abolido. Depois Stephen admitiu que não conseguiu tirar o melhor proveito de Oxford por causa da diferença de idade entre ele e os companheiros de graduação.

Por certo ele manteve laços mais estreitos com os amigos da escola que

com quaisquer conhecidos de Oxford. Além de Basil King, irmão de Diana,

eu os conhecia apenas pela reputação de nova elite da sociedade de St.

Albans. Eles eram considerados os aventureiros intelectuais da nossa geração, apaixonadamente dedicados a uma rejeição crítica de cada

banalidade, ao ridículo de cada comentário banal ou clichê, à afirmação de

sua independência de pensamento e à exploração dos confins da mente.

Nosso jornal local, *The Herts Advertiser*, alardeara o sucesso da escola quatro anos antes, exibindo o nome e o rosto deles em suas páginas.

Enquanto eu estava prestes a embarcar em meus anos de estudos, a vida estudantil desses rapazes já ficara para trás. Eles eram, naturalmente, muito diferentes de meus amigos, e eu, uma garota brilhante, mas tão comum quanto outras de dezoito anos de idade, senti-me intimidada.

Ninguém naquela multidão passaria a noite em um baile de danças

folclóricas. Dolorosamente consciente da minha falta de sofisticação, acomodei-me em um canto, o mais perto possível da lareira, com Edward

no meu colo, e fiquei ouvindo a conversa, sem tentar participar. Algumas pessoas estavam sentadas, outras ficaram encostadas nas paredes daquela

enorme e fria sala de jantar, onde a única fonte de calor vinha de um forno.

A conversa era entrecortada e consistia principalmente de piadas,

nenhuma delas nem de perto tão intelectual quanto eu esperava. A única parte de que me lembro da conversa não era bem uma piada, mas um enigma, sobre um homem em Nova York que queria chegar ao

quinquagésimo andar de um edifício, mas só pegou o elevador até o quadragésimo sexto. Por quê? Porque não era alto o suficiente para alcançar o botão do quinquagésimo andar...

Isso foi algum tempo antes de eu ver ou ouvir falar de Stephen outra vez. Eu estava muito ocupada em Londres fazendo um curso de

Secretariado em um tipo revolucionário de taquigrafia que usava o alfabeto

em vez dos hieróglifos e omitia todas as vogais. No início eu acompanhava

meu pai até a estação em uma corrida para pegar o trem das oito todas as

manhãs, até que descobri que não era obrigada a estar na escola, na Oxford

Street, tão cedo assim. Podia viajar até lá em um ritmo mais lento que meu

pai dedicado e trabalhador, então caminhava até a estação para pegar o trem das nove e encontrava um público completamente diferente daquele

que via mais cedo, composto de chefes de família de meia-idade em ternos

escuros e com ar apressado se amontoando nos vagões. Era raro o dia em

que eu não encontrava nenhum conhecido, sem pressa e vestido

casualmente, quer voltando para a faculdade depois de um fim de semana

em casa, quer indo a Londres para uma entrevista. Este costumava ser um

início bem-vindo para o dia, porque de resto, além de uma pequena pausa

para o almoço, eu ficava confinada à sala de aula, cercada pelo barulho de

máquinas de escrever antigas e pelas conversas de ex-debutantes que tinham como principal distinção o número de vezes que haviam sido

convidadas para recepções no Palácio de Buckingham, no Palácio de

Kensington ou na Clarence House.

Aquela forma revolucionária de taquigrafia era fácil o bastante para se

acostumar, mas a datilografia era um pesadelo. Eu podia entender o sentido da taquigrafia, porque isso seria útil para tomar notas na universidade, mas a datilografia era cansativa ao extremo, e eu me sentia sem esperança em me tornar hábil na atividade, ainda lutando para

alcançar quarenta palavras por minuto, quando o restante da turma

terminara o curso e dominava todas as habilidades adicionais da arte do Secretariado. Na realidade, a taquigrafia seria de valor a curto prazo, enquanto as habilidades de digitação provariam ser úteis vezes sem conta.

Nos fins de semana, eu podia esquecer os horrores da datilografia e sair

com as amigas. Em uma manhã de sábado, em fevereiro, encontrei-me com

Diana, que agora era estudante de Enfermagem no Hospital St. Thomas, e com Elizabeth Chant, outra amiga de escola que estava estudando para se

tornar professora primária, em nosso refúgio favorito, o café na Greens, a

única loja de departamentos em St. Albans. Trocamos ideias sobre os cursos que estávamos fazendo e, em seguida, começamos a falar sobre nossos amigos e conhecidos. De repente, Diana perguntou:

– Vocês já ouviram falar sobre Stephen?

– Oh, sim – respondeu Elizabeth. – É horrível, não é?

Percebi que elas estavam falando sobre Stephen Hawking.

– Do que vocês estão falando? – perguntei. – Não ouvi nada...

– Bem, aparentemente ele esteve no hospital por duas semanas, em

Bart, eu acho, porque foi onde o pai estudou e onde Mary está estudando –

explicou Diana. – Ele vivia tropeçando e mal conseguia amarrar os sapatos

– ela fez uma pausa. – Fizeram um monte de exames horríveis e

descobriram que ele está sofrendo de uma terrível e paralisante doença incurável. É um pouco como a esclerose múltipla, mas não é esclerose múltipla, e acham que ele só vai viver, provavelmente, mais alguns poucos

anos.

Fiquei atordoada. Eu mal conhecia Stephen e, apesar de toda a

excentricidade, gostava dele. Nós dois parecíamos tímidos na presença de

outros, mas tínhamos confiança em nós mesmos. Era impensável que

alguém apenas poucos anos mais velho que eu poderia estar enfrentando a

perspectiva da própria morte. A morte não era um conceito que

desempenhasse nenhum papel em nossa existência. Ainda éramos jovens

demais para sermos imortais.

– E como ele está? – perguntei, agitada com aquela notícia.

– Basil tem ido visitá-lo – continuou Diana – e diz que ele está muito deprimido: os exames são realmente desagradáveis, e um rapaz de St.

Albans que estava na cama oposta morreu no outro dia – ela suspirou. –

Stephen insistiu em ficar na enfermaria, por causa de seus princípios socialistas, e não quis um quarto particular como seus pais desejavam.

– E eles sabem a causa dessa doença? – perguntei mecanicamente.

– Não – respondeu Diana. – Acham que ele pode ter sido vacinado

contra varíola com uma agulha não esterilizada, quando visitou a Pérsia alguns anos atrás, e isso teria injetado um vírus em sua coluna, mas eles realmente não sabem; isso tudo é apenas especulação.

Fui para casa em silêncio, pensando em Stephen. Minha mãe percebeu

minha preocupação. Ela não o conhecia, mas sabia dele e também que eu gostava dele. Eu tomara a precaução de alertá-la de que Stephen era muito

excêntrico, no caso de ela encontrá-lo um dia sem aviso prévio. Com a certeza razoável de sua fé profunda, que a sustentara ao longo da guerra, da doença terminal do amado pai e de todas as crises de depressão do meu

pai, ela disse calmamente:

– Por que você não reza por ele? Isso pode ajudar.

Fiquei surpresa, portanto, quando, uma semana depois, enquanto eu

estava à espera do trem das nove, Stephen veio bamboleando, descendo a

plataforma de embarque e carregando uma mala de lona marrom. Parecia

perfeitamente alegre e feliz em me ver. Sua aparência era mais

convencional e, na verdade, um pouco mais atraente que nas ocasiões anteriores: as características da antiga imagem que ele havia, sem dúvida,

cultivado em Oxford – a gravata-borboleta, o casaco preto de veludo, até mesmo o cabelo comprido –, tudo isso dera lugar a uma gravata vermelha,

uma capa de chuva bege e um cabelo mais curto e mais arrumado. Nossos

dois encontros anteriores haviam acontecido à noite, sob uma luz mais suave: a luz do dia revelou com predominância seu sorriso largo e vencedor e seus límpidos olhos cinzentos. Por trás dos óculos de coruja havia algo sobre o conjunto de suas características que me atraiu, me lembrando, talvez inconscientemente, do meu herói de Norfolk, lorde

Nelson. 1 Sentamo-nos juntos no trem para Londres conversando alegremente,

embora mal tenhamos tocado na questão de sua doença.

Mencionei como lamentei ao saber de sua permanência no hospital depois que ele torceu o nariz e não disse nada. Stephen se comportou de forma tão convincente, como se tudo estivesse bem, que senti que teria sido cruel ter insistido ainda mais no assunto. Ele estava indo de volta para Cambridge, anunciou, e quando nos aproximávamos de St. Pancras informou que voltaria para casa muitas vezes nos fins de semana. Será que eu gostaria de ir ao teatro com ele algum dia? É claro que eu disse que sim.

Nós nos encontramos uma noite de sexta-feira em um restaurante italiano no Soho, o que por si só teria sido uma noite suficientemente extravagante. No entanto, Stephen também tinha ingressos para o teatro, e o jantar teve de ser concluído de maneira apressada e um tanto constrangedora, para que pudéssemos descer o rio até o Old Vic a tempo de assistir à exibição de *Volpone*. Chegando ao teatro às pressas, só tivemos tempo de atirar nossos pertences sob nossos lugares na parte dos fundos da plateia, quando a peça começou. Meus pais eram frequentadores assíduos de teatro, então eu tivera a oportunidade de assistir a outra grande peça de Jonson, *The Alchemist*, e gostei muito. *Volpone* era tão divertida quanto, e logo eu estava totalmente absorvida nas intrigas da velha raposa que queria testar a sinceridade de seus herdeiros, mas cujos planos sempre acabavam muito mal.

Exultantes com a peça, ficamos discutindo isso depois no ponto de ônibus. Um mendigo se aproximou e perguntou educadamente a Stephen se ele tinha algum trocado. Stephen procurou no bolso e exclamou

constrangido:

– Sinto muito, acho que não tenho mais nada!

O mendigo sorriu e olhou para mim.

– Está tudo bem, chefe – disse ele, piscando na minha direção –, eu entendo.

Naquele momento, o ônibus chegou e subimos. Quando nos sentamos,

Stephen virou-se para mim se desculpando:

– Sinto muito – disse ele –, mas não tenho dinheiro nem para a

passagem. Você pode me emprestar?

Sentindo-me culpada sobre quanto ele devia ter gastado em nossa

noitada, fiquei muito feliz em ajudar. O cobrador se aproximou e pairava sobre nós, enquanto eu procurava a carteira verde no fundo da bolsa. Meu

constrangimento igualou-se ao de Stephen, quando descobri que tinha

sumido. Saltamos do ônibus no próximo semáforo e corremos todo o

caminho de volta ao Old Vic. A entrada principal para o teatro fora fechada, mas Stephen empurrou a porta do lado que dava para o palco. Estava aberta, bem como a passagem do lado de dentro. Nos aventuramos com cuidado, mas não havia ninguém à vista. Diretamente no final da passagem,

encontramo-nos no palco deserto, mas ainda bem iluminado. Apavorados,

avançamos por ele na ponta dos pés e descemos as escadas até a plateia às

escuras. Sem demorar muito, e para nosso alívio, encontramos a carteira de

couro verde sob o banco em que eu estava sentada. No momento em que estávamos voltando para o palco, as luzes se apagaram, e lá estávamos nós

na escuridão total.

– Pegue a minha mão – disse Stephen com autoridade.

Segurei a mão dele e minha respiração em admiração silenciosa quando

ele me levou de volta para os degraus, até o palco, e saiu para o corredor.

Felizmente, a porta do palco ainda estava aberta, e assim que chegamos à

rua caímos na gargalhada. Tínhamos estado no palco do Old Vic!

1 Lorde Nelson foi um oficial da Marinha Real Britânica que ficou conhecido por sua capacidade de inspirar e motivar seus homens. (N.E.)

— 3 —

A CARRUAGEM REAL

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DO EPISÓDIO NO OLD VIC, AO MESMO TEMPO QUE O CURSO de datilografia estava oficialmente chegando ao fim, minha mãe me

encontrou animada em meu retorno para casa, uma noite, acenando com uma mensagem de Stephen, que telefonou para me convidar para um baile

em Cambridge. A perspectiva era tentadora. Nos últimos anos do ensino médio, uma menina fora convidada para um desses bailes em Cambridge, e

o restante de nós ficou verde de inveja, sorvendo cada detalhe daquela ocasião de gala que mais parecia algo saído dos contos de fadas. Agora, inacreditavelmente, minha vez chegara. Quando Stephen telefonou para

confirmar o convite, aceitei com prazer. O problema de escolher o que vestir logo foi resolvido quando encontrei um vestido de seda branco e azul-marinho em uma loja perto da escola de datilografia, em Oxford Street,

que estava justamente dentro de minhas posses.

Esse baile de gala em comemoração ao final do ano letivo, que deveria

ocorrer em maio, mas que com a típica contradição de Cambridge ocorreria

em junho, ainda estava distante alguns meses. Nesse meio-tempo, eu

precisava começar a reabastecer minha poupança, esgotados pela compra

do vestido, para minhas viagens ao redor Espanha mais tarde, no verão, por

isso me inscrevi em uma agência de emprego temporário em St. Albans.

Meu primeiro trabalho foi de meio período às quintas-feiras e o dia inteiro

às sextas, no Banco de Westminster, em Hatfield, no qual o gerente da agência, senhor Abercrombie, um homem gentil e paciente, era amigo do meu pai. Primeiro, fui direcionada para a central telefônica, mas, sem noção do que fazer, entrei em pânico com as luzes piscando freneticamente à minha frente e puxei alguns fios no painel enquanto tentava, desesperada,

empurrar outros nos buracos vazios. O que consegui foi cortar todas as chamadas externas e conectar os telefones de pessoas que estavam

sentadas umas em frente às outras. Depois disso, consegui aprender aos poucos uma variedade de trabalhos temporários, enquanto a primavera

avançava em direção ao início do verão e a noite do grande baile de gala se

aproximava.

Quando Stephen chegou em uma tarde quente no início de junho para

me levar a Cambridge, fiquei chocada com a piora de sua condição física desde aquela noite em que escapamos do Old Vic e duvidei de que ele estivesse de fato forte o bastante para dirigir o carro do pai, um enorme e

antigo Ford Zephyr. Construído como um tanque de guerra, o carro tinha,

aparentemente, atravessado alguns rios na Caxemira, quando a família –

menos Stephen, que ficara na escola na Inglaterra – viveu na Índia por alguns anos. Eu temia que aquele veículo pudesse ser rápido demais para o

atual motorista, uma figura leve, frágil, que mancava bastante e parecia usar o volante para içar-se para cima, para ver sobre painel de

instrumentos. Apresentei Stephen a minha mãe. Ela não demonstrou

nenhum sinal de surpresa ou de alarme e acenou para nós quando fomos

embora como se fosse a fada madrinha enviando-me ao baile com o

príncipe encantado que dirigia a carruagem real.

A viagem foi terrível. Ficou claro que Stephen era o mesmo tipo de motorista que o pai, que dirigia rápida e furiosamente, fazendo

ultrapassagens em subidas e curvas – dizia-se até que ele guiara em uma via de mão dupla, na contramão. Acabando com qualquer tentativa de conversa, o vento rugia pelas janelas abertas enquanto acelerávamos

passando os campos e as árvores de Hertfordshire e alcançando a paisagem

exposta de Cambridgeshire.

Eu mal ousava olhar para a estrada à frente, enquanto Stephen, em contrapartida, parecia estar olhando para tudo, exceto para a estrada. Era

provável que ele sentia que poderia se dar ao luxo de viver perigosamente,

desde que o destino lhe infligira um golpe tão cruel. Este, porém, era um fato que muito pouco poderia me tranquilizar, então comecei a jurar, em segredo, que voltaria para casa de trem. E estava em definitivo começando

a ter dúvidas sobre essa suposta experiência de conto de fadas de um baile

de gala de formatura em Cambridge.

Desafiando todas as estatísticas de acidentes rodoviários, conseguimos

chegar inteiros ao alojamento de Stephen, em uma casa dos anos 1930

situada em um jardim repleto de sombras, onde outros foliões estavam ocupados com preparativos de última hora. Quando já trocara de roupa no

quarto reservado a mim no andar de cima pela governanta, fui apresentada

aos companheiros residentes de Stephen e estudantes de pesquisa, cujas atitudes aparentemente contraditórias em relação a ele me deixaram

perplexa. Eles conversavam com Stephen em seus termos intelectuais, às vezes cáusticos e sarcásticos, às vezes esmagadoramente críticos, mas sempre bem-humorados. Em termos mais pessoais, no entanto, tratavam-no com uma consideração gentil que era quase amorosa. Achei difícil conciliar esses dois extremos de comportamento, porque estava

acostumada a manter coerência entre atitudes e abordagem, e fiquei

perplexa com essas pessoas que bancavam, com tamanha confiança, o

advogado do diabo, discutindo ferozmente com alguém – esse era Stephen

– em um minuto e no minuto seguinte não apenas o tratando como se nada

tivesse acontecido, mas atendendo com muito carinho às suas necessidades

pessoais, como se sua palavra fosse o seu comando. Eu não aprendera a distinguir a razão da emoção, o intelecto do coração. Em minha inocência,

tinha algumas duras lições a aprender. Essa inocência, pelos padrões de Cambridge, era chata e previsível.

Nós todos saímos para jantar em um restaurante no primeiro andar na

esquina da King’s Parade. De onde eu estava sentada, olhei para fora observando os pináculos e as torres do King’s College, a capela e a portaria, as silhuetas obscurecidas contra aquele vasto e luminoso panorama de um

pôr do sol na Ânglia Oriental. Isso, por si só, já era mágico o suficiente.

Voltamos para casa para alguns ajustes de última hora antes de sairmos para a caminhada de dez minutos atravessando os espaços de um verde insípido atrás dos antigos pátios do Trinity Hall, a faculdade de Stephen.

Ele insistiu em levar seu gravador e sua coleção de fitas para a faculdade, para instalar no quarto de um amigo, que fora colocado à nossa

disposição quando precisássemos de uma pausa nas festividades, mas ele não conseguia carregar isso sozinho.

– Ora, vamos lá – resmungou um de seus amigos com benevolência. –

Suponho que terei de levá-los para você. – E foi o que ele fez.

Relativamente pequeno, algo despretensioso e longe da agitação,

Trinity Hall consiste de uma coleção heterogênea de edifícios – alguns muito velhos, de construção vitoriana, e outros mais modernos – que abrangem gramados, canteiros de flores e um terraço com vista para o rio.

Nós nos aproximamos da faculdade vindos do outro lado da Câmara e paramos por um instante no arco de uma ponte nova que, Stephen me explicou muito sério, fora construída em memória de um estudante,

Timothy Morgan, que morreu tragicamente em 1960, tendo acabado de

completar seu projeto para ela. Olhando a partir daquela ponte, fomos agraciados com um espetáculo de conto de fadas: lembrei-me da casa de campo misteriosa em um dos meus romances franceses favoritos, *Le Grand*

Meaulnes, de Alain-Fournier, em que o herói, Augustin Meaulnes, vagueia por um casarão todo iluminado nas profundezas escuras do campo e, por ser um observador atento, vê-se arrastado nos folguedos, pela música e pela dança, sem nunca saber muito bem o que esperar. Aqui no Trinity Hall,

fitas estavam balançando no ar da noite, o gramado que levava até o rio estava decorado com luzes cintilantes, assim como a magnífica faia no centro, e os casais já estavam dançando em um tablado elevado sob a árvore. Na marquise na parte superior do gramado, fui apresentada a mais

amigos de Stephen, e, juntos, fizemos um caminho mais curto para nosso estoque de champanhe, que estava sendo servida em uma banheira, e

depois fomos ao bufê e checar os vários entretenimentos: no Hall

absolutamente lotado, onde, em um palco distante, um cabaré inaudível estava ocorrendo e depois a um salão ornado com muita elegância, com painéis onde

um quarteto de cordas estava tentando competir com a banda

jamaicana que tocava no gramado lá fora, e então a um canto da Velha Biblioteca, onde castanhas estavam sendo servidas de um braseiro. Nossos

companheiros tinham se afastado, deixando-nos sentados no terraço à

beira do rio observando os dançarinos se contorcer ao ritmo hipnótico da

banda jamaicana.

– Me desculpe, eu não danço – comentou Stephen.

– Tudo bem, não tem importância – menti.

Dançar não estava totalmente fora de questão, no entanto, porque mais

tarde, depois de mais uma visita ao bufê e mais champanhe, descobrimos uma banda de jazz afastada, em uma adega. O lugar estava escuro, mesmo

com algumas luzes azuladas estranhas. Os homens eram invisíveis, exceto

pelas abotoaduras e pela frente das camisas brancas que brilhavam com uma luminosidade roxa, enquanto as meninas quase não podiam ser vistas.

Fiquei fascinada. Stephen explicou que as luzes estavam pegando o

elemento fluorescente contido no sabão em pó, razão pela qual as camisas

dos homens eram tão visíveis, mas não os vestidos novos das garotas, porque ainda não tinham entrado em contato com sabão em pó ou

detergentes, então não apareciam com a mesma luz fantasmagórica. Na escuridão do recinto subterrâneo, convenci Stephen a dançar. Balançamos

suavemente para trás e para a frente, rindo dos padrões de dança da luz roxa, até que, para nossa decepção, a banda fez as malas e foi embora.

Nas primeiras horas da manhã, as outras faculdades que tinham

conduzido tradicionalmente seus grandes bailes abriram as portas a todos.

Enquanto o dia amanhecia, cambaleamos pela Trinity Street até o Trinity College, onde, em um conjunto amplo de quartos, a namorada

extremamente bem organizada e madura de alguém estava preparando o

café da manhã, mas eu apenas afundei em uma poltrona e adormeci.

Alguma pessoa amável deve ter me conduzido meio sonâmbula de volta para a casa na Adams Road, onde dormi confortavelmente até a metade da

manhã.

O programa do dia para os parceiros do baile fora planejado com a eficiência de um guia turístico moderno, com a diferença de que era muito

mais estimulante. Além das pesquisas na graduação em Química, os amigos

de Stephen, Nick Hughes e Tom Wesley, estavam muito envolvidos, como editores, na produção de um guia para os edifícios do pós-guerra de Cambridge, *Cambridge New Architecture*, que era para ser publicado em 1964. Stephen compartilhava desse mesmo interesse e atuava como

consultor no projeto por meio período. Portanto, estavam todos muito ansiosos para mostrar os objetos de suas deliberações para qualquer um que se mostrasse interessado. Por mais que esses edifícios sejam vistos hoje em dia com ceticismo, nos anos 1960 eram todos motivo de grande emoção, aquela emoção assertiva do desenvolvimento e da expansão do pós-guerra, sem preocupação com a preservação de imóveis antigos,

bosques ou árvores que pudessem inibir a nova onda de estradas, edifícios

e o desenvolvimento das universidades. A conservação ainda não era uma

preocupação popular.

Com zelo e fervor digno dos pioneiros, nossos guias destacaram para nós, as convidadas ignorantes e impressionáveis, as características de uma

seleção de novos locais que tivessem ficado prontos recentemente ou que

ainda estivessem em construção. Entre eles foram incluídos o

desenvolvimento do Sidgwick Site e o Churchill College – o memorial a Sir

Winston, cuja preocupação com a falta de cientistas e tecnólogos no país levou à fundação da faculdade em 1958. Também fomos levados para

Harvey Court, que deixou até mesmo os contribuintes do *Cambridge New Architecture* sem palavras. Eles descreveram isso como "uma experiência que pode, algumas vezes, intimidar seus ocupantes no que se refere ao padrão que a vida impõe", acrescentando em sua defesa: "E é a mais corajosa tentativa de Cambridge de encontrar alguma nova solução para os

problemas da residência universitária". Eu nem sabia que, uns doze anos mais tarde, estaria vivendo próxima dessa experiência particular na vida moderna. Por fim, como um aceno à tradição, nós, os visitantes de universidades menos ricamente dotadas, fomos autorizados a dar uma

espiada rápida dentro da King's College Chapel.

Após o almoço, todos saímos para um passeio de barco, e então a

questão da viagem de volta apareceu.

– Acho que seria melhor se eu fosse de trem – sugeri hesitantemente a

Stephen, mas ele não quis ouvir. Ansiosa para não ofendê-lo, assumi mais

uma vez meu lugar no banco do passageiro do temido Zephyr. A viagem de

volta foi tão aterrorizante quanto a de ida, e no momento em que chegamos

a St. Albans decidi que, por mais que apreciasse esses bailes de gala de formatura, eu não pretendia nunca mais me sujeitar de novo a esse tipo de

passeio. Minha mãe estava no jardim da frente quando paramos diante do

portão. Eu disse, lacônica, "obrigada e adeus" a Stephen e, sem olhar para

trás, marchei em direção à casa. Minha mãe me seguiu e me repreendeu severamente:

– Você não está pretendendo dispensar aquele pobre jovem sem nem

mesmo oferecer a ele uma xícara de chá, está? – disse ela, chocada com a

minha indiferença.

Suas palavras perfuraram a minha consciência. Corri para fora da casa,

para tentar pegar Stephen. Ele ainda estava lá, estacionado perto do portão, tentando ligar o carro. Aos poucos, o carro começou a rolar para trás, para

baixo da colina íngreme, porque ele liberara o freio antes de o motor ligar.

Ele puxou o freio e, com entusiasmo, veio tomar o chá, sentado comigo ao

sol na porta do jardim. Enquanto relatamos animadamente os eventos do baile para minha mãe, ele se mostrava atencioso e encantador. Decidi que

gostava dele de verdade e que poderia perdoar sua loucura na estrada desde que não tivesse de experimentar isso com muita frequência.

— 4 —

VERDADES OCULTAS

ALGUMAS SEMANAS MAIS TARDE, A FAMÍLIA RECEBEU UMA INTEGRANTE TEMPORÁRIA,

quando meus pais responderam a uma chamada para alojar estudantes

franceses adolescentes, e começamos a cuidar de uma garota de dezesseis

anos, cuja melhor amiga, por uma dessas estranhas coincidências, estava hospedada com os Hawking. Em um sábado de junho, pouco depois do baile

de gala, Isobel Hawking convidou as duas meninas francesas e eu para acompanhá-la a uma visita a Cambridge. Para meu alívio, ela dirigia com sensatez, conversava de maneira intelectual e jovialmente concentrada e trouxe um piquenique esplêndido – “um lanche frio”, como ela chamou –, que comemos na varanda do quarto de Stephen, no piso térreo da casa em

Adams Road. Assim, eu e minha família fomos levados a um contato mais

próximo com os Hawking, e, quando Stephen voltou a St. Albans para um fim de semana, meus pais o convidaram para jantar. Trataram-no com hospitalidade impecável, de modo exteriormente imperturbável por sua

aparência. Ele voltara às velhas maneiras de Oxford. O cabelo liso estava mais comprido que nunca, e o paletó preto de veludo e a gravata-borboleta

vermelha tornaram-se um uniforme, adotados para desafiar a própria

conformidade que meus pais representavam. Eles, por sua vez, podem ter

encontrado algum alívio pelo fato de que este seria nosso último encontro

por algum tempo, uma vez que eu estava prestes a partir de novo para a Espanha.

Certa manhã, em julho de 1963, meu pai me levou para Gatwick, para

um voo repleto de estudantes que deveria sair às nove da manhã e chegar

em Madri à uma da tarde, mas a decolagem foi adiada enquanto alguns reparos eram realizados em um motor. Eu não estava nem um pouco

preocupada com o atraso, nem pela necessidade de reparos, nem pelo fato

de que, após a decolagem, a água – que, eventualmente, virava pingentes de

gelo – pingava pelo teto da aeronave. Nem me mostrei preocupada com a

descoberta de que o piloto e o copiloto estavam desfrutando alegremente

de um copo de cerveja quando nós, estudantes, fomos convidados a visitar

a cabine. Bill Lewis, um conhecido de nosso guia local, que iria me encontrar em Madri, estava muito mais ansioso.

– Achei que você estava vindo pelo Polo Norte! – brincou ele, quando,

enfim, saí da Imigração às cinco da tarde.

Ele me levou para casa para conhecer sua esposa, que me assegurou oferecer uma recepção calorosa em seu apartamento todas as noites, a partir das seis em diante, e então ele me levou aos alojamentos que encontrara para mim. Pilar, a dona da casa, era uma senhora pequena, vivaz, de nariz pontudo e cabelos negros que vivia em um apartamento extraordinariamente grande e bem equipado, ao virar a esquina da rua em

que os Lewis moravam. A outra hóspede de Pilar, Sylvia, também era inglesa e trabalhava na embaixada britânica. Sylvia não estava feliz com alguns dos amigos de Pilar, que apareciam todas as horas do dia e da noite,

e quando ela me contou suas preocupações decidi acelerar meus planos de

sair de Madri na primeira oportunidade, mas não antes de usufruir de cada

momento precioso na capital e seus arredores, aproveitando para visitar o

museu do Prado e fazer parte dos grupos nos ônibus de turismo que visitavam os palácios reais em Aranjuez e Escorial. É claro que também fui

a Toledo, a cidade medieval no alto de uma rocha acima do rio Tejo, onde,

no século XIII, judeus, árabes e cristãos haviam trabalhado em perfeita harmonia em busca de aprendizado, e onde, no século XVII, El Greco criou

alguns de seus melhores quadros. Com um grupo de estudantes, fui em peregrinação para El Valle de los Caídos, supostamente o monumento aos

mortos de ambos os lados da Guerra Civil, mas na verdade um local de sepultamento somente para os fascistas – incluindo o próprio Franco –, que

foi construído por prisioneiros de guerra republicanos. Comecei a perceber

que muitos dos pedintes mutilados nas ruas de Madri eram os trágicos remanescentes da Guerra Civil, que revelavam uma horrenda cicatriz que marcava a Espanha. Em meados do século XX, o país ainda exibia os contrastes perturbadores retratados por Goya nas pinturas e nos desenhos

produzidos por ele no século XVIII e início do século XIX que eu vira no Museu do Prado.

De volta ao apartamento de Pilar, Sylvia e eu tínhamos a desconfortável

sensação de que as coisas estavam chegando ao ponto de crise. Tínhamos

nos recusado terminantemente a sair com ela à noite, e agora as panelas ficavam fazendo barulho na cozinha enquanto as refeições se tornaram uma questão de sorte. Sentindo-me um pouco culpada por deixar Sylvia em

apuros, entrei em uma rota evasiva e parti em um trem com ar-

condicionado para a segurança de Granada, onde me estabeleci para uma estada prolongada em um albergue de estudantes internacionais que

abrigava uma multidão estimulante e imprevisível, em especial os

espanhóis entre eles, cujas discussões variavam desde a política à poesia no espaço de uma única respiração. Para preservar minha sanidade, eu

precisava às vezes escapar da intensidade de suas discussões, para vagar pelas ruas de Granada, no calor do dia, assistindo às crianças ciganas que

brincavam na frente de suas cavernas, ou para passear ao redor do palácio

mouro, o Alhambra, e dos jardins da Generalife, surpresa com a beleza extravagante do lugar.

Embalada pelo perfume das rosas e pelo rumor das fontes, eu me

sentava sozinha por horas sob os arcos no pátio da Generalife e de lá ia olhar os muros altos que ocultavam a intricada rede cor de creme dos pátios interiores do Alhambra. Deslumbrante no sol, a cidade espalhava-se

a meus pés, o reflexo quebrado apenas pelas altíssimas pontas verde-garrafa dos ciprestes e pelas manchas roxas e rosa de buganvílias que refletiam as paredes brancas. Uma bela cidade, mas também uma cidade muito cruel. Que outra cidade poderia alegar ter assassinado seu filho mais

famoso? Foi em Granada, com a eclosão da Guerra Civil espanhola, que as

forças franquistas rebeldes de direita abateram o maior poeta espanhol do

século XX, Federico García Lorca, o poeta que, por intermédio da da cor, do

ritmo e da imaginação de seus versos havia me apresentado a Andaluzia muito antes de eu ter colocado meus pés em seu solo.

Durante esses longos períodos de contemplação solitária em um

cenário de tal beleza dramaticamente assustadora, me vi afogada por ondas

de solidão. No passado, eu conhecera momentos de abatimento extremo, sem ser capaz de identificar uma causa precisa. A razão para eles foi-se tornando aparente e suficientemente natural: eu desejava ter alguém com

quem compartilhar minhas experiências. Além disso, percebi que a pessoa

com quem eu mais queria compartilhá-las era Stephen. A relação anterior

entre nós, por mais curta que fosse, contivera muita promessa de harmonia

e compatibilidade. Por causa de sua doença, qualquer relação com ele seria,

sem dúvida nenhuma, precária, de curta duração e, provavelmente, de partir o coração. Poderia eu ajudá-lo a realizar-se e a encontrar felicidade, ainda que breve? Duvidei de que estivesse à altura da tarefa, mas, quando

confiei essas dúvidas aos amigos recém-descobertos de várias

nacionalidades, eles me instaram a ir em frente. “Se ele precisa de você, você deve fazê-lo”, disseram.

Lutando contra essa agitação interna, a forte atração pela aventura finalmente me arrancou da magia que me deixava aninhada em Granada e

me colocou em um ônibus fedorento e quente, cheio de mercadores e seus

produtos – a maioria ainda viva, batendo as asas e cacarejando –, que subia

devagar as colinas para Málaga. Eu estava esperando na estação de ônibus

pela conexão para La Línea, o último posto avançado espanhol antes de Gibraltar, quando um homem se aproximou de mim e perguntou se eu

gostaria de treinar para ser dançarina espanhola. Para minha surpresa, ele

explicou que eu tinha a aparência e o corpo perfeitos. Embora já fosse experiente em cortar as cantadas dos machos espanhóis, fiquei lisonjeada.

Apesar de minhas dúvidas, o homem parecia estar falando a verdade. Não

era nem insinuante nem pegajoso, mas bastante direto na abordagem.

Entregou-me um cartão, em que constava o endereço do seu estúdio de dança. Eu estava pesando a oferta quando o ônibus para La Línea surgiu pesadamente e me arrastou para longe dessa tentação. Às vezes sinto uma

leve pontada de arrependimento por causa daquele ônibus que quebrou todos os recordes de horário na Espanha ao chegar no horário. Quem sabe

como teria sido minha história se ele tivesse aparecido alguns minutos atrasado?

De La Línea, atravessei a fronteira muito sólida entre Espanha e

Gibraltar, uma barricada de grades de ferro verde com cerca de seis metros

de altura, com um portão no posto da alfândega. Gibraltar, com todas as suas armadilhas incongruentes do colonialismo britânico, foi um

trampolim conveniente para minha primeira e única viagem à África, a Tanger, para o meu primeiro encontro com os descendentes das pessoas que invadiram a Espanha em 711 e ficaram por lá por mais de setecentos

anos – os árabes. Eu gostava deles. Eles me trataram, uma jovem inglesa viajando sozinha, com grande cortesia e, ao contrário dos espanhóis, que assediavam automaticamente qualquer passante feminina, não mostraram

desrespeito. Eram um povo digno, orgulhoso de suas habilidades artísticas

que eram exibidas em todos os lugares nos estandes de Casbá. Também eram gentis e hospitaleiros, curiosos para saber sobre a vida na Europa, conforme descobri ao longo de muitos copos de chá quente de hortelã doce,

com o qual eles me agraciavam mesmo quando eu comprava o menor item

em suas lojas.

Algumas panelas tinham voado em Madri durante minha ausência, de

acordo com Sylvia. Pilar estava cada vez mais insatisfeita com o retorno que estava recebendo de suas hóspedes pagantes, tendo, sem dúvida,

antecipado consideráveis bônus de um tipo ou de outro, de modo que tirou

Sylvia de seu quarto, e agora ela estava dividindo o quarto comigo. Isso, concordamos, fora uma coisa boa, porque havia mais segurança assim, mas

não era bom para Sylvia como perspectiva de longo prazo, uma vez que em

breve eu estaria partindo e ela não poderia ficar sozinha naquela casa.

Decidi me abster de contar a verdade ao casal Lewis sobre os alojamentos

que eles tinham gentilmente encontrado para mim, uma vez que não queria

parecer ingrata por sua ajuda ou hospitalidade, mas o tempo chegara para

informar-lhes sobre os acontecimentos em *la casa de Pilar*. Sylvia veio comigo para o lanche das seis na casa dos Lewis e juntas contamos sobre a

sucessão de visitantes repulsivos do sexo masculino que vinham ao

apartamento, porque, ainda que em pequena escala, Pilar estava tocando uma casa desregrada e tinha a intenção de procurar graciosas garotas inglesas para alguns homens velhos e flácidos que ela conhecia. Contamos

como eles tentaram nos pegar quando voltamos para casa à noite, em geral

abrigando-se atrás da guarita do vigia noturno, que guardava as chaves das

portas da frente de todos os apartamentos na rua e que apareceria com algumas palmas para abrir a porta principal. Falamos superficialmente sobre as travessuras que ocorriam a noite toda nos outros quartos do apartamento e sobre as mexidas sinistras no trinco da porta trancada do nosso quarto.

Enquanto Sylvia e eu narrávamos essas histórias ao público cativo de

expatriados britânicos na minha última noite em Madri, a senhora Lewis balbuciou sobre seu gim-tônica enquanto os outros convidados sorriam divertidos. Imediatamente eles começaram a se movimentar para

encontrar um novo alojamento para Sylvia, como uma questão de urgência.

A maioria dos frequentadores da casa de Lewis, assim como Sylvia,

trabalhava na embaixada britânica, embora ela não tivesse encontrado nenhum um deles antes daquela tarde. Eles eram divertidos, mas modestos,

uma boa propaganda para o serviço diplomático que começava a acenar como sendo uma excitante perspectiva de carreira. Voltei para a Inglaterra

no dia seguinte, triste por ter deixado para trás tantas experiências, tantos cenários, tantos sons, tantas amizades e tantas intrigas, mas deslumbrada

com a variedade contrastante, talvez até mesmo conflitante, de

possibilidades que estavam se abrindo diante de mim.

— 5 —

PRINCÍPIOS INCERTOS

MINHAS TENTATIVAS DE ENTRAR EM CONTATO COM STEPHEN QUANDO RETORNEI, DA

Espanha, foram inúteis. Segundo sua mãe, ele já voltara para

Cambridge e não estava nada bem. Eu estava ocupada me preparando para

sair de casa e embarcar em uma nova fase da minha vida em Londres, e, pelas semanas seguintes daquele outono, minha atenção foi totalmente absorvida enquanto me via arrastada na agitação social e acadêmica em Westfield, em particular, e em Londres, em geral. Concertos, teatros e balé

eram todos de fácil acesso. Foi assim que estava viajando de metrô em Londres com um grupo de amigos quando vislumbramos as manchetes dos

jornais que anunciavam o assassinato do presidente Kennedy. Foi nessa época,

novembro de 1963, que tive notícias de Stephen de novo. Ele estava

vindo para Londres, para tratamento dentário, e perguntou se eu gostaria

de ir à ópera com ele. Essa me parecia uma perspectiva um tanto mais atraente que aquelas reuniões de calouros da universidade, que, apesar da

Beatlemania, eram terríveis ocasiões, em que os meninos ficavam presos às

paredes até a última dança. Embora eu adorasse música desde a infância, tivera pouco treinamento formal e fora à ópera apenas uma vez, com a escola, para uma apresentação de *As Bodas de Fígaro,* em Sadler's Wells.

Minha única tentativa para aprender um instrumento, a flauta, fora

abortada rapidamente aos treze anos, quando quebrei os dois braços

tentando patinar no gelo, no lago congelado, no parque no Verulamium, local da cidade romana em que St. Albans foi fundada.

Em uma tarde de sexta-feira de novembro daquele ano, encontrei-me

com Stephen na Harley Street, onde Russell Cole, seu tio australiano por casamento, tinha a clínica dentária. Ele estava caminhando de modo

vacilante, balançando de um lado para o outro, tomando táxis para viagens

de qualquer distância, o que os tornava uma necessidade cara.

Curiosamente, ao mesmo tempo em que sua caminhada se tornava mais e

mais instável, suas opiniões se tornaram mais fortes e desafiadoras. Em nosso caminho para visitar o Wallace Collection, que ficava bem perto de Harley Street, ele anunciou com bastante ênfase que não partilhava da adoração geral que transformava o presidente assassinado em herói. Em sua opinião, a forma como Kennedy lidou com a crise dos mísseis em Cuba

só poderia ser descrita como temerária: ele trouxera o mundo à beira de uma guerra nuclear e fora ele, não os russos, que ameaçaram um confronto

militar. Além do mais, Stephen declarou, era absurda a pretensão dos Estados

Unidos de reivindicar uma vitória nessa crise, porque Kennedy concordara em retirar os mísseis americanos da Turquia para apaziguar Kruschev. Apesar da força com a qual ele defendia suas ideias e da dificuldade em andar, Stephen era infatigável; por isso, depois do Wallace

Collection, fomos caminhando pela Regent Street em busca de um

restaurante. Estávamos exatamente cruzando a Lower Regent Street,

quando, no meio da rua, as luzes foram ficando verdes, ele tropeçou e caiu.

Com a ajuda de um transeunte, eu o coloquei de pé e, em seguida, dei-lhe

meu braço para se apoiar. Abalados, chamamos um táxi e fomos para Sadler's Wells.

A ópera para a qual Stephen tinha ingressos era *O Holandês Voador*. Foi magnífica, arrebatando-nos para longe com o poder de sua música e do drama de sua história lendária. O holandês, amaldiçoado a vagar pelos mares, através das tempestades e dos ventos, até que pudesse encontrar alguém que quisesse se sacrificar por amor a ele, era uma figura selvagem e

assustadora, que lamentava o destino de seu navio açoitado pela

tempestade. Senta, a mulher que se apaixonou por ele, era pura e inocente.

Como a maioria dos sopranos de Wagner, no entanto, seu peso a mantinha

muito firmemente ancorada, rodando no mesmo lugar. Sentindo que

Stephen se identificava com o herói, comecei a compreender suas táticas demoníacas na direção. O carro do pai era o veículo para sua fúria contra a

peça que o destino lhe pregara. Ele também estava voando para lá e para cá

em busca de resgate – de uma maneira que só poderia ser descrita como imprudente.

Depois daquela noite, senti que precisava saber mais sobre a doença de

Stephen. Fiz várias incursões a Londres procurando velhos conhecidos que

se tornaram estudantes de Medicina e investigando os escritórios

acanhados de várias instituições de caridade que tratavam de doenças neurológicas. Em todos os lugares, não achei nada. Talvez fosse melhor não

saber. Fiquei imaginando: o destino de Stephen seria pior que a ameaça que

pairava sobre todos nós? Vivíamos sob a sombra da nuvem nuclear, e nenhum de nós poderia contar com segurança que chegaríamos à velhice.

Na calmaria dos dias de inverno sombrios entre o Natal e o Ano-Novo,

liguei para a casa dele em St. Albans. Stephen estava para partir para Londres, para ir à ópera com o pai e as irmãs. Entretanto, estava tão obviamente encantado por me ver que de pronto aceitei o convite

espontâneo – para acompanhá-lo e a seu pai na semana seguinte a mais uma ópera, *O Cavaleiro da Rosa*, de Strauss. A ópera parecia ser um passatempo familiar bem estabelecido na casa dos Hawking, enquanto eu,

recém-chegada, ainda estava avaliando essa forma de arte híbrida. Embora,

sem dúvida, a ópera pudesse exercer um poder emocional tremendo pela combinação de música e teatro, também poderia parecer ridícula se, por um mero segundo, a concentração do espectador se perdesse. Durante o ano seguinte, Stephen parecia ter acesso a uma fonte inesgotável de ingressos para a ópera e estava sempre indo a Londres para me levar ao Covent Garden ou Sadler’s Wells. Certa vez, aventurei-me a sugerir que eu

preferiria ir ao balé, uma vez que este fora minha paixão desde os quatro

anos, mas essa sugestão foi anulada com fulminante desprezo. Balé era um

desperdício de tempo, e a música, trivial, não valia o esforço de escutar, ele disse. Reprimida, então me abstive de contar a Stephen quando consegui ingressos para *Romeu e Julieta*, de Tchaikovsky, com Fonteyn e Nureyev, por intermédio do grêmio estudantil. Fomos um grupo de meninas e nos sentamos nos assentos baratos, bem no fundo e no alto do anfiteatro do Covent Garden, muito acima do Grand Circle em que os Hawking

geralmente ficavam. Esse espetáculo foi sublime, e isso me deixou

profundamente emocionada.

Stephen ainda estava vindo a Londres com frequência para alguns

seminários ou consultas odontológicas, e, cada vez mais, me vi viajando para Cambridge para visitá-lo aos sábados ou domingos. Essas visitas, embora urgentemente aguardadas, muitas vezes se revelaram

decepcionantes para nós dois. A tarifa – dez xelins – fez um grande rombo

na minha mesada de dez libras por mês, e o curso do amor não corria nada

bem. Não era preciso muita inteligência para perceber que Stephen não podia contemplar a ideia de embarcar em uma relação estável de longo prazo, por causa do prognóstico sombrio de sua doença. Uma aventura rápida era, bem provável, tudo o que ele conseguia imaginar, o que, por sua

vez, não era aquilo que eu – na minha inocência e no clima puritano do início dos anos 1960, quando o medo de uma gravidez indesejada era uma

potente restrição – ousava imaginar. Essas perspectivas opostas levavam a

tamanha tensão entre nós que muitas vezes voltei para Londres em

lágrimas, e Stephen provavelmente sentia que a minha presença estava esfregando sal na ferida de seu trauma. Ele falava pouquíssimo sobre suas

emoções e se recusava a falar sobre sua doença. Por medo de machucá-lo,

tentei intuir seus sentimentos, sem forçá-lo a expressá-los, estabelecendo assim, inconscientemente, uma tradição de não comunicação que se

tornaria intolerável com o passar do tempo. Encontrei-o mais uma vez na

Harley Street, mais tarde naquele inverno, depois de uma consulta com o odontologista.

– E como foi? – perguntei.

Stephen fez uma careta.

– Ele me disse para não me preocupar em voltar, porque não há nada

que possa fazer – respondeu.

Em Westfield, Margaret Smithson, minha companheira de quarto, veio

comigo para as reuniões da União Cristã, onde eu esperava obter alguns *insights* de apoio para uma situação que estava se tornando cada vez mais confusa à medida que eu ficava mais envolvida. Assim como seus pais, Stephen não hesitava em se declarar ateu, apesar da profunda formação metodista dos avós de Yorkshire. Era compreensível que, como cosmólogo

que estuda as leis que governavam o Universo, ele não pudesse permitir que seus cálculos fossem atrapalhados por uma confessada crença na

existência de um Deus criador, para além da confusão que sua doença deveria estar gerando em sua mente. Fiquei bastante feliz por fugir do tédio das idas dominicais regulares à igreja, mas não estava disposta a

abandonar minhas crenças por completo. Mesmo assim, possivelmente

pela influência de minha mãe, eu estava convencida de que tinha de haver

mais no céu e na terra do que havia na fria e impessoal filosofia de Stephen.

Embora nessa fase eu me sentisse completamente enfeitiçada, atraída por

seus olhos claros cinza-azulados e pelo largo sorriso de covinhas, resisti a seu ateísmo. Por instinto, eu sabia que não poderia me permitir sucumbir a

essa influência negativa; que não poderia oferecer consolo nem conforto e

esperança para a condição humana. O que o ateísmo faria seria destruir a

nós dois. Eu precisava agarrar-me a qualquer fio de esperança que pudesse

encontrar e manter a fé suficiente por nós dois se houvesse algo de bom em

nossa triste condição.

As reuniões na União Cristã não tinham muito público, e logo vinham cada vez menos pessoas. O tópico para discussão naquele período era a natureza da graça divina, mas muito rapidamente pareceu que os líderes do

grupo, incluindo o jovem capelão, cujo nome foi traduzido de maneira irreverente como reverendo P. Souper, estavam convictos da opinião de que apenas cristãos praticantes batizados poderiam receber a graça divina,

a salvação ou qualquer outro nome que quisessem lhe dar, e só eles tinham

o direito e as qualificações para entrar no Reino dos Céus. Margaret e eu ficamos tão indignadas que fomos embora compilando listas de todos os entes queridos, boas pessoas, amigos e parentes que não preenchiam todos

os pré-requisitos corretos e mantivemos nossas longas discussões sobre esses assuntos, que continuaram durante as férias, quando fui para

Yorkshire para ficar com ela e sua família.

Hoje em dia, estudantes de idiomas costumam passar um ano inteiro no

exterior. Nos anos 1960, era um luxo até mesmo ser capaz de passar alguns

meses no país de sua língua-alvo. Nós, alunos de Westfield, fomos de trem

ou navio no fim de abril para passar o verão fazendo um curso

predeterminado na Universidade de Valência. Chegamos lá para descobrir

que não existia aquele curso e que tudo o que a universidade poderia nos

oferecer eram algumas aulas em espanhol sobre Shakespeare. Nossa única

obrigação seria retirar nossos certificados de participação no fim do curso, quer tivéssemos ou não frequentado as aulas. Assistimos apenas a uma aula, que fez uma paródia de *Macbeth*, e decidimos que aquilo já era o suficiente. Minha vida toda estudara Shakespeare na escola e não podia suportar a ideia de ter uma dose suplementar em espanhol. Meus

companheiros concordaram, então, depois disso, fomos à praia em vez de ir

às aulas.

Apenas duas semanas depois, porém, os outros ainda foram para à

praia, mas fui forçada a ficar em casa, confinada ao meu quarto, no apartamento no sétimo andar, com uma dor de cabeça insuportável que no

começo pensei que fosse insolação, mas que evoluiu para um caso grave de

catapora. Eu já estava me sentindo miseravelmente infeliz. Com muita saudade de Stephen: qualquer comunicação por telefone estava fora de cogitação naqueles dias, e ele não escreveu para mim, embora eu tivesse lhe enviado muitas cartas. O único consolo foi conferido pelos meus amigos

de Westfield, cujas visitas me mantinham em contato com o mundo

exterior, e com a minha senhoria, Doña Pilar de Ubeda, e sua filha de meia-

idade, Maribel, que eram a bondade em pessoa. Enquanto aos poucos

comecei a recuperar as forças, vagava pela cozinha, onde Doña Pilar me deu

aulas de culinária espanhola, algo muito mais útil que estudar Shakespeare

em espanhol. Ela me ensinou a descascar uma laranja ordenadamente em

partes, a fazer gaspacho e *paella,* e me levou para fazer compras com ela.

Felizmente, com o rosto todo manchado e na presença de uma matrona tão

augusta, fui poupada das abordagens dos homens que descansavam em

torno de todas as ruas. De volta ao apartamento, eu me sentava no sofá da

sala de estar e ficava escutando sem parar os dois discos que comprara: a

Sétima Sinfonia, de Beethoven, e trechos de *Tristão e Isolda*, de Wagner.

Este último me reduziu a um estado doloroso de desgosto. Por fim, o momento tão desejado veio. Partindo de trem para Barcelona na primeira

etapa da viagem de volta, fiquei contente por deixar Valência para trás: apesar da suculência das laranjas e do perfume onipresente dos pomares de frutas cítricas, a cidade deixou o gosto desagradável (de assédio sexual

constante e amargura) de um regime repressivo que não pensava duas vezes antes de jogar estudantes na prisão e retirar as páginas censuradas

de edições importadas do *The Times*.

Meus pais trouxeram Stephen para me encontrar, e o momento inicial

do reencontro foi feliz, mas de curta duração. Logo percebi que, na minha

ausência, ele mudara: sua condição física não se alterara significativamente, com exceção de que agora ele andava sempre com uma bengala, mas sua personalidade fora ofuscada por uma depressão profunda que se revelou em um cinismo negro e sólido, somado a longas horas de ópera wagneriana

tocadas no volume máximo. Ele estava ainda mais conciso e pouco

comunicativo, aparentemente tão absorvido em si mesmo, que, quando se

ofereceu para me ensinar a jogar críquete no gramado do Trinity Hall, por

exemplo, pareceu se esquecer de que eu estava lá. Jogando longe a bengala,

que se tornara seu apêndice constante, ele deu instruções bruscas

enquanto eu mirava minha bola no primeiro arco, errando. Então ele pegou

seu malho e, empurrando minha bola por todo o percurso, alcançou o poste

final antes mesmo que eu fizesse a segunda rodada. Fiquei boquiaberta, impressionada e perturbada ao mesmo tempo. Esta fora realmente uma

proeza impressionante, na qual ele pouco se preocupou em ocultar sua hostilidade e sua frustração, como se estivesse tentando me impedir de continuar essa associação com ele. Era tarde demais. Eu já estava tão envolvida com Stephen que não havia nenhuma maneira fácil ou óbvia de

cair fora.

Foi doloroso, mas talvez benéfico, que estivéssemos prestes a ser

separados de novo: Stephen estava pronto para partir para a Alemanha com a irmã, Philippa, em uma peregrinação ao santuário de Wagner, o Festspielhaus em Bayreuth, com ingressos para o *Anel de Nibelungo* completo. Daí viajariam de trem por trás da Cortina de Ferro até Praga.

Enquanto isso, eu devia acompanhar meu pai em uma conferência

governamental internacional em Dijon, onde ficaria com uma família local,

um casal de idosos com uma filha altamente sofisticada, de vinte e cinco anos, que tinha um emprego e um namorado. No entanto, eu não estava sem diversão por completo, porque a conferência do meu pai, depois de um

ou dois dias de palestras e sessões de estudo, gerou o próprio

entretenimento, o qual tive o privilégio de poder compartilhar. Como estávamos em Bourgogne, que girava em torno dos vinhedos, o famoso *Clos*

da região, ali começou mais uma etapa, sem dúvida nenhuma uma das mais

agradáveis da minha educação – o cultivo de um criterioso paladar, no decurso do qual fui apresentada, de forma agradável, aos grandes nomes e

aos grandes buquês de Bourgogne, Nuits-Saint-Georges, Côtes de Beaune, Clos de Vougeot. A publicidade para Nuits-Saint-Georges despertou minha

curiosidade inocente: tentadoramente, aquele vinho aveludado e profundo

dizia-se assemelhar a "*la nuit des noces, douce et caressante*..." 2

De Dijon fomos de carro para o aeroporto de Genebra para nos

encontrar com minha mãe e depois passar alguns dias em nosso retiro favorito, no alto da Bernese Oberland, em Hohfluh, uma pequena aldeia no

topo do Brenner Pass com vista para o vale do Aare, em Meiringen, desfrutando assim da paisagem mais fascinante. Antes de sairmos da Suíça

para a Itália, papai nos levou para Lucerna, cidade medieval à beira do lago, e

nos mostrou a sequência de pinturas da Dança da Morte nas vigas do telhado de uma das pontes de madeira que atravessava o rio. Ele ressaltou

a figura vestida de branco da Morte selecionando sua vítima e capturando-a

em um abraço mortal e, em seguida, girando-a cada vez mais depressa para

sua condenação.

A Itália era arrebatadora, uma festa para a mente e os sentidos. Arte, história, música, luz e cor nos encontraram e nos perseguiram em todos os

lugares nos quais fomos – Como, Florença, San Gimignano, Pisa, Siena, Verona, Pádua –, em uma exibição vertiginosa de exuberância floreada.

Uma noite em Florença, após um dia na presença de Michelangelo,

Botticelli, Bellini e Leonardo da Vinci, minha mãe e eu estávamos reclinadas para fora da janela do hotel, com vista sobre o rio Arno para o Palácio Pitti, ao qual fomos para assistir a um concerto. Foi então que, em um momento

expansivo, ela me confidenciou suas razões para ter se casado com meu pai

no início da guerra. Se ele fosse ferido, disse ela, queria ser capaz de cuidar dele sozinha. Essa observação foi presciente porque, apenas alguns dias depois, quando chegamos ao nosso hotel em Veneza, o Hotel Della Salute,

em um canal isolado atrás da igreja de mesmo nome, o gerente entregou um cartão-postal endereçado a mim. Era uma vista do castelo em Salzburgo

e vinha de Stephen.

Fiquei muito feliz. Stephen poderia realmente estar pensando em mim

do mesmo modo que eu estivera pensando nele? Esse cartão me deu

motivos para ousar esperar que ele estivesse ansioso para me ver no fim do

verão. O postal vinha estranhamente cheio de novidades. Ele chegara em Salzburgo para o final do Festival, que foi um contraste com Bayreuth. A Tchecoslováquia fora maravilhosa e extremamente barata, uma boa

propaganda para o comunismo. Ele não mencionou que uma queda feia em

um trem na Alemanha o privou dos dentes da frente e que muitas horas de

meticuloso trabalho odontológico de seu tio na Harley Street seriam necessárias para substituí-los. No calor do romance, ainda que conduzido a

distância, Veneza, seus canais, a lagoa, os palácios, as igrejas, as galerias e as ilhas, tudo isso se tornou ainda mais gloriosamente cintilante. E, ainda assim, impaciente para a possível abertura de um novo capítulo na minha

vida, não fiquei triste em partir e voltar para a Suíça. Da Basileia iríamos voar para casa com o carro a bordo de um avião, em um ataque bem justificado de extravagância após muitos milhares de quilômetros que meu

pai dirigira sozinho por todo o continente ao longo dos anos.

Stephen ficou contente em me ver em meu retorno. Intuitivamente,

comecei a perceber que ele passara a ver nosso relacionamento de forma mais positiva e, talvez, decidira que nem tudo estava perdido, que o futuro

não precisava ser tão negro como seus piores temores haviam pintado. De

volta a Cambridge, em um sábado à noite úmido e escuro, ele sussurrou-me, hesitante, um pedido de casamento. Aquele momento transformou

nossa vida e enviou todos os meus pensamentos de seguir carreira no serviço diplomático ao esquecimento.

2 Em tradução livre, “a noite de núpcias, suave e carinhosa...”. (N.E.)

— 6 —

PANO DE FUNDO

UMA VEZ QUE ESSA IMPORTANTE DECISÃO FOI TOMADA, TUDO COMEÇOU A SE ENCAIXAR E

ir para o devido lugar, e, se não fosse automaticamente, era

acrescentada uma boa dose de determinação e esforço para conseguir isso.

Foi nas ondas da euforia que navegamos o ano seguinte. Quaisquer que fossem os receios de meus amigos e da família sobre o estado de saúde de

Stephen, eles o mantiveram para si mesmos, e os únicos comentários que ouvi foram sobre a maneira excêntrica de ser da família Hawking.

Esses comentários não me preocuparam muito, porque eu gostava dos

Hawking e via suas excentricidades com respeitoso fascínio. Eles me deram

as boas-vindas e já me tratavam como membro da família. Podem ter economizado em bens materiais, preferindo o tradicional ao ultramoderno,

e por certo assumiram o compromisso de se esquentar à medida que as pessoas que sentiam frio lhes diziam bruscamente que seguissem o

exemplo de Frank Hawking de usar mais roupa, por exemplo um roupão, mesmo durante o dia. Além disso, como eu já descobrira, havia áreas da casa que poderiam ser descritas com muita clareza, de forma caridosa, como estando em mau estado. No entanto, nada disso foi novo para mim.

Apenas indicava que nesta casa havia um conjunto de prioridades que não

era muito diferente daquelas das quais eu estava acostumada. Meus pais passaram por vários momentos de apuros. Não éramos ricos e muitas vezes

precisávamos nos contentar com os consertos das coisas, porque muito da

renda do meu pai foi destinada para nossa educação e também para

aquelas maravilhosas férias de verão. Não tínhamos aquecimento central em casa, e eu me acostumara a sentar perto do fogo, com o rosto e os dedos

já queimando, enquanto uma onda de frio deslizava pelo meu pescoço. À

noite, quando ia para a cama, descansava os pés na bolsa de água quente,

com o pleno conhecimento de que pequenas bolhas seriam o preço desse singelo conforto na manhã seguinte, quando um requintado jardim de neve

se apresentasse com suas folhas opacas e samambaias geladas que

cobririam as janelas como se fossem venezianas. Se nossa casa era um pouco mais legal que a dos Hawking, era primeiro porque a nossa era menor e, segundo, porque meu pai desistira de todas as pretensões de quaisquer proezas do tipo “o-senhor-faz-tudo”. E isso por outra boa razão,

tendo em vista que suas tentativas comuns de fazer algum reparo saíam muito pior que o esperado, como, por exemplo, o teto que veio abaixo em

sua cabeça e outras experiências de decoração de interiores, como

pinturas, quando normalmente ele aspergia tinta em tudo, menos no que deveria mesmo ser pintado. Então se descobriu que era mais barato – a longo prazo – pagar profissionais para fazer esses trabalhos ocasionais.

Em raras ocasiões, em momentos em que eu estava presente, os

membros da família Hawking confirmaram a história de que tinham o

hábito de levar livros para a mesa. As refeições eram eventos, quase sempre, bem sociáveis e calmamente presididos pela mãe de Stephen, que

mantinha o rosto sereno em meio às frequentes explosões de

temperamento do marido. Embora ele pudesse ser rude e exigente, Frank

Hawking não tinha um coração duro. Seus rompantes eram dirigidos, em geral, às inadequações crassas de algum objeto inanimado, como, por exemplo, uma faca cega ou um copo que derramara algo, um garfo que tivesse caído, mas nunca com pessoas do círculo familiar. De fato, ele lidava com os acessos de raiva na hora de dormir do jovem Edward, como se fosse

um modelo de paciência e tolerância. Quanto a Stephen, aparentemente não estava mais sujeito a seus humores negros e selvagens do passado, e sua natureza mais calma e filosófica indicava um estilo de vida mais pacífico.

Previsivelmente, a conversa na hora das refeições era focada no plano

intelectual, que variava entre questões políticas e internacionais. Como Philippa

fora para Oxford para estudar chinês, a Revolução Cultural foi um

tema mais presente. Eu sabia pouco sobre história ou política oriental, então achei oportuno manter a calma em vez de trair minha ignorância.

Espanha e França pareciam algo provinciano e sem glamour em

comparação ao Oriente, e ninguém manifestou qualquer interesse nisso e em suas culturas como um todo. Os Hawking, de qualquer modo, sabiam tudo o que era preciso saber sobre a França, levando em consideração que

Isobel tinha parentes franceses. Igualmente, sabiam tudo o que era

necessário saber sobre a Espanha, também levando em conta que ela e as

crianças tinham passado três meses vivendo em estreita proximidade com

a casa de Robert Graves em Deià, no inverno de 1950, quando Frank estava

bem longe, na África, envolvido em pesquisas sobre medicina tropical.

Beryl Graves era amiga de Isobel, de seus dias em Oxford, e Robert Graves

era considerado um ícone na família.

Assim que a mesa era limpa, a geração mais nova se preparava para um

jogo de tabuleiro. Um dos jogadores mais fanáticos desde a primeira infância, Stephen tinha, com o amigo John McClenahan, inventado um jogo

dinástico longo e complicado, constituído de árvores genealógicas,

aristocracia, vastas áreas, bispados para os filhos mais novos e punições de morte. Infelizmente, este jogo não foi preservado, por isso o que sobrou foram outros jogos como detetive, palavras cruzadas e, vez ou outra, um jogo chinês notoriamente difícil, Mahjong, com peças de marfim esculpidas

com delicadeza. Eu não apenas fora exposta à amostra de proeza de Stephen no críquete, mas também vivi uma experiência semelhante quando

ele se ofereceu para me ensinar a jogar xadrez. Entretanto, quando se tratava de

Scrabble, eu não precisava de mentor; sentia-me confiante de ser razoavelmente competente nesse jogo de palavras e ainda bem pequena aprendi essa arte inventiva por intermédio da minha tia-avó, Effie, no período em que vivemos em sua casa na região norte de Londres.

Se não houvesse quórum para jogos de tabuleiro, Stephen e eu nos

sentávamos perto do fogo, depois do jantar, enquanto sua mãe nos alegrava

com episódios da história da família. Eu gostava de ouvi-la e admirava a mulher como um modelo a ser seguido. Formada em Oxford e, antes do casamento, tendo trabalhado como fiscal de imposto de renda, ela era inteligente e espirituosa, embora totalmente dedicada à família, e parecia não ter ambição própria. Na época, estava ensinando História em um internato particular de meninas em St. Albans, onde suas consideráveis qualidades intelectuais foram definitivamente subestimadas. Com um

confuso desprendimento, ela tomou para si a tarefa de me apresentar o próprio passado e o da família Hawking. Como segunda filha de sete, ela nasceu em Glasgow, onde o pai, filho de um rico fabricante de caldeiras, era médico. Embora a família tenha se mudado de barco para Plymouth,

quando ainda era muito menina, ela mantinha vívidas as memórias da austera casa do avô em Glasgow, onde as orações familiares no salão, com a

participação de todos os membros do entorno doméstico, constituía a única

forma de diversão. Por parte de mãe, ela assumia uma descendência de John Law de Lauriston, que após o declínio da França no século XVII partiu

para a Louisiana. Na narração multifacetada, brigas de família de formas variadas e abrangentes vinham à tona, e na maioria das vezes o motivo dos

desentendimentos era dinheiro, por isso parecia que deserdar um membro

da família das heranças era considerado um meio automático e bastante aceitável de expressar o profundo e puritano desagrado da família.

A família do pai de Stephen era temente a Deus, e eles se dedicavam à

agricultura em Yorkshire. Sua alegação em relação à distinção veio por intermédio de um antepassado, no início do século XIX, que ocupara a posição de administrador do duque de Devonshire. Em reconhecimento a essa posição elevada, eles construíram uma casa considerável em

Boroughbridge, em Yorkshire, e a denominaram Chatsworth. A fortuna da

família passou por muitos percalços e oscilou desde então, pois, no século

XX, os empreendimentos e os investimentos agrícolas do avô de Stephen o

levaram à ruína financeira, e foi deixada à avó a missão de resgatar a família de cinco filhos – quatro meninos e uma menina – da penúria. Isso a

levou a abrir uma escola em casa. O sucesso, por assim dizer, se deu graças

à sua força de caráter. Dinheiro, riqueza, sua criação e as perdas eram elementos de destaque na narrativa das histórias de Isobel, mesclados com

sua forte tendência de julgar os demais pela inteligência em vez de pela integridade ou bondade. Charme e encanto eram considerados falha grave

de caráter, e aqueles infelizes o suficiente que os possuíam pagariam o preço de sua mais profunda desconfiança.

Como sua mãe era uma em uma família de sete e seu pai um em uma

família de cinco, naturalmente Stephen tinha toda uma legião de primos de

primeiro e segundo graus. Meus pais, em contrapartida, eram ambos filhos

únicos, logo eu não tinha primos de primeiro grau, e tudo o que possuía em

termos de família eram alguns primos de segundo grau, um na Austrália e o

restante na zona rural de Norfolk. Portanto, isso foi um grande choque para

mim: conhecer tantas pessoas que não só estavam intimamente

relacionadas por grau de parentesco, mas que também possuíam notáveis

semelhanças físicas. Do lado materno de Stephen, as características eram a

maçã do rosto saliente, os olhos azuis próximos e os cabelos castanhos ondulados; do lado paterno, todos os parentes tinham rosto alongado e queixo forte. Enquanto apenas meu irmão possuía ligeira semelhança

comigo, aqui todos os trinta e três primos se pareciam, dependendo do lado

da família a que pertenciam e quais tinham alguma ligação próxima com Stephen.

Embora muitos dos parentes vivessem no exterior e o divórcio se

tornara moda entre eles, conheci muitos deles, seus amigos, seus maridos,

suas esposas e até mesmo seus ex-cônjuges durante um curso sucessivo de

festas familiares que aconteceram no inverno. Eles me tratavam de

maneira aberta e amigável, então comecei a perceber qual poderia ser a vantagem de viver em meio a uma grande rede familiar: a perda da individualidade pela aparência era compensada pela sensação de

segurança que uma rede desse tipo poderia gerar. A novidade desse

sentimento de fazer parte de uma família grande foi emocionante. Em comparação, meu círculo familiar imediato – pais, irmão, uma avó e duas tias-avós – parecia um pouco limitado.

Havia, no entanto, uma dos Hawking que notoriamente não possuía a

autossuficiência do restante da família. Ao saber do nosso noivado, a tia Muriel de Stephen anunciou, conforme a própria disse: “Eu tinha de vir de

Yorkshire só para ver com que tipo de menina Stephen se casaria”. Muriel

era a única irmã de Frank Hawking. Era o membro mais tímido da família,

que ficara em casa para cuidar dos pais idosos, apesar de ser uma talentosa

musicista. Agora na casa dos sessenta anos, Muriel demonstrava as marcas

de frustração em seu triste e caído rosto largo, com suaves olhos castanhos.

Era devotada ao irmão Frank e a seu filho mais velho, além de ser respeitosamente admiradora das qualidades intelectuais da família,

embora ela mesma não compartilhasse disso. Sua maneira de falar, um tanto embasada demais no mundo doméstico era, muitas vezes, ignorada pelos outros membros da família; no entanto, Stephen, que na equivalência

metodista seria seu afilhado, sempre a tratou com tolerância bem-

humorada. Com frequência eu ia me sentar ao lado dela para conversar, assim como por vezes também escapava para o sótão da avó Walker, só para fugir da atmosfera intelectual competitiva que acontecia na sala de jantar.

Stephen podia ser altamente crítico com aqueles que não fossem seus

parentes mais próximos. Com a autoconfiança restaurada, sentia prazer em

trazer suas habilidades de Oxford em qualquer conversa, definindo de modo deliberado que seu propósito ali era chocar com suas declarações provocantes. Seu comentário de que Norwich era uma catedral bem

comum perturbava minha educada avó, quando o levei para ficar ali por um

fim de semana. Ele considerava que meus amigos eram vítimas fáceis e não

tinha pudor em monopolizar a conversa nas festas com suas opiniões controversas, muitas vezes dominando o cenário social com argumentos veementes e tenazes.

Comigo, ele diria que as flores artificiais eram preferíveis às naturais e

que Brahms, meu compositor favorito, era de segunda classe, porque era pobre como maestro orquestrador. Rachmaninov era bom apenas para

compor músicas que iriam direto para o lixo, e Tchaikovsky era, em essência, um compositor de música de balé. Até esse momento, meu

conhecimento sobre compositores era embrionário; tudo o que eu sabia sobre

Rachmaninov e Tchaikovsky era que sua música tinha o poder de mexer comigo profundamente, e eu não tinha ideia de nada sobre as orquestrações de Brahms. Foi apenas depois que descobri, para o meu silencioso divertimento, que, apesar de Wagner ter desprezado Brahms, o

sentimento era mútuo.

Enquanto eu aplaudia quando Stephen se recusava a participar de

conversas fiadas, ficava nervosa quando ciente de que sua arrogância era de mau gosto e que isso estava colocando em perigo a possibilidade de eu

perder meus amigos, senão minhas relações. Houve uma fase em que temia

até que ele comprometesse minhas chances de uma futura atividade

acadêmica. Para o bem dele, eu estava disposta a abandonar, para o bem dele, todas as minhas esperanças de uma carreira no Ministério das Relações Exteriores, mas descontente em permitir que ele destruísse uma

oportunidade que eu pudesse ter em algum tipo de pesquisa acadêmica.

Quando o levei para conhecer meu orientador, Alan Deyermond, que

naquele momento estava me encorajando a pensar seriamente em fazer

meu doutorado em Literatura Medieval, Stephen se superou. Acenando

com sua taça de xerez, como se a opinião que estava emitindo fosse tão óbvia que só um tolo poderia discordar, ele se deliciava com a

oportunidade de dizer a Alan Deyermond e a todos os meus

contemporâneos que o estudo de Literatura Medieval era tão útil quanto estudar os seixos em uma praia. Felizmente, como Alan Deyermond

também era formado em Oxford, aceitou o desafio com gosto e deu a Stephen um concorrente à altura. O debate foi inconclusivo, e ambos os lados se separaram em termos extremamente amigáveis. Quando protestei

a caminho de casa no carro, Stephen deu de ombros e disse: “Você não deve

encarar isso para o lado pessoal".

A convicção de Stephen de que seus argumentos intelectuais nunca

deveriam ser considerados como algo pessoal foi testada durante esse mesmo ano. O professor Fred Hoyle, que indeferiu o pedido de pesquisa de

pós-graduação de Stephen, era na época pioneiro no uso da televisão para

popularizar a ciência com grande efeito positivo. Ele se tornou um nome famoso, e seu sucesso foi o que lhe permitiu exercer pressão sobre o governo para lhe conceder o próprio Instituto de Astronomia em

Cambridge. Era uma conclusão evidente a de que, se suas exigências não fossem atendidas, ele – assim como muitos outros cientistas britânicos – se

juntaria à fuga de cérebros para os Estados Unidos. O homem tinha poder e

popularidade, e suas teorias recentes foram avidamente acompanhadas

pela imprensa, em especial aquelas que ele estava desenvolvendo com o estudante e pesquisador Jayant Narlikar, cujo escritório ficava perto do escritório de Stephen no velho Cavendish em Cambridge.

Antes da publicação, o mais recente trabalho de Hoyle, que expunha outros aspectos da teoria do Universo em estado estacionário, que ele desenvolvera com Hermann Bondi e Thomas Gold, foi apresentado em um

distinto encontro de cientistas da Royal Society. Em seguida, o fórum de perguntas foi aberto, coisa que, nessas ocasiões, eram bastante respeitosas.

Stephen estava presente e esperou sua hora. Por fim, a mão levantada foi

notada pelo presidente. Ele, pesquisador iniciante e que ainda não tinha nenhuma pesquisa acadêmica para seu crédito, lutou para ficar de pé e começou a falar para Hoyle e seus estudantes, bem como para o restante da

plateia, que seus cálculos na apresentação estavam errados. O público ficou

atordoado, e Hoyle se sentiu afrontado com tamanho desaforo.

– Como você sabe? – perguntou ele, tendo certeza de que os motivos de Stephen para desafiar sua nova pesquisa poderiam ser facilmente refutados. Ele não esperava a resposta de Stephen.

– Fiz os cálculos – respondeu ele, depois acrescentou: – de cabeça.

Como resultado dessa intervenção, Stephen começou a ser notado nos círculos científicos e assim encontrou o tema para sua dissertação de doutorado: as propriedades dos universos em expansão. As relações entre ele e Fred Hoyle, no entanto, nunca avançaram após o incidente.

Apesar das discussões e dos debates – científicos, impessoais ou não –, tudo o que fizemos no decorrer daquele ano acadêmico contribuiu para um propósito comum: nosso futuro casamento, para o qual fora estipulada uma data em julho de 1965. Como de algum modo era certo que eu deveria ser autorizada a permanecer em Westfield como estudante casada, minha prioridade era ganhar o consentimento das autoridades universitárias. Sem isso, o casamento teria de ser adiado por mais um ano, porque nós dois sabíamos que a promessa que meu pai exigira de nós no noivado – de concluir a faculdade – não era para ser levada com leviandade. Uma vez que um ano era muito tempo para uma doença como a de Stephen, como seu pai me lembrava com insistência, sua sobrevivência para esse período não podia ser garantida. Essa verdade intragável foi um fator que eu deveria ter em mente o tempo todo, sempre que olhasse para o futuro. Agora, cabia a mim convencer o professor John Varey, chefe do Departamento de Espanhol, e a senhora Matthews, a diretora, de que a situação era urgente.

A resposta do professor Varey, quando timidamente toquei no assunto, foi

que a situação era irregular, mas que, se a diretora desse a sua bênção, ele não se oporia.

Como meu anterior – e único – encontro com a senhora Matthews

aconteceu na entrevista em 1962, eu não estava esperançosa de um

resultado favorável. No horário determinado por sua secretária, seis da tarde, em um anoitecer no fim do outono de 1964, bati com a mão trêmula

no feltro verde da porta que separava seu apartamento em Regency da área

administrativa da universidade. Evidentemente, a senhora Matthews

percebeu meu nervosismo no momento em que entrei pela porta. Ela

mandou que eu me sentasse, acendeu um cigarro e o segurou em uma das

mãos e um copo de xerez na outra.

– Qual é o problema? – ela começou dizendo ao mesmo tempo em que

franzia a testa e me olhava direto nos olhos com preocupação ansiosa. –

Não se preocupe, não vou comer você.

Respirei fundo e fiz o meu melhor para explicar minha relação com Stephen, sua doença, o prognóstico e nossos planos para aproveitar ao máximo o tempo que fora deixado para nós. Ela não tirou os olhos de cima

de mim e traiu muito pouco a emoção. Depois de ouvir minha história sem

interrupção, foi direto ao ponto.

– Bem, é claro, se você se casar, vai ter de viver fora da universidade.

Entende isso, não é?

Meu coração pulou ligeiramente, consciente de que ela não vetara

nossos planos de imediato, e eu era capaz de acenar a cabeça com confiança, porque já fizera minha lição de casa nesse aspecto.

– Sim, sei disso – respondi. – Descobri que existe um quarto disponível

em uma casa particular em Platt's Lane.

– Bem, então tudo bem – respondeu a senhora Matthews, olhando

fixamente para as brasas na grelha da lareira. – Vá em frente e aproveite ao máximo a oportunidade que você tem.

Ela fez uma pausa e, em seguida, mudou o tom de voz para um de distração pouco comum a ela, confidenciando que havia estado em situação

similar. O próprio marido estivera bastante debilitado. Ela estava bem consciente de como era importante fazer o que eu sabia ser certo.

Igualmente, concordou com a postura do meu pai de que eu precisava terminar meu curso. E me avisou de que o futuro que me esperava não era

nada fácil. Ela prometeu me ajudar da maneira que pudesse – a mais significativa transmitir sua concordância ao professor Varey.

Superado aquele grande obstáculo, tudo o que restava era organizar as

acomodações em Platt's Lane, o que foi feito facilmente. A senhora Dunham, dona da casa, concordou de imediato em deixar o quarto do sótão

no terceiro andar para mim, e tanto ela quanto o marido provaram ser proprietários hospitaleiros e pacientes. "Pacientes" porque nenhuma vez sequer se queixaram do meu monopólio do seu telefone na sala de estudo

lá embaixo. Stephen criara uma maneira de me telefonar a um custo de quatro pences, o valor de uma chamada local, via todas as conexões intermediárias entre Cambridge e Londres: isso significava que não havia limite de tempo em nossas conversas todas as noites. Além do prazer frenético da comunicação diária e das juras de amor, discutimos muito sobre como planejaríamos nosso futuro. A doença assumiu proporções

menos irritantes como pano de fundo quando falávamos sobre as

perspectivas de emprego, moradia, regime de casamento e nossa primeira

viagem aos Estados Unidos, para um curso de verão na Universidade

Cornell, em Nova York, que estava prevista para apenas dez dias após o casamento.

— 7 —

EM BOA FÉ

AGORA QUE MEUS PROBLEMAS IMEDIATOS FORAM RESOLVIDOS DE UMA SÓ VEZ, EU ESTAVA confiante de que em meu último ano eu pudesse terminar minha

licenciatura em Londres indo e vindo semanalmente de Cambridge, em

especial porque as pesquisas sociais da época sugeriam que alunos de graduação casados conseguiam produzir melhores resultados do que os

alunos solteiros e frustrados. Meu pai generosamente continuou a pagar minha mesada para ajudar a cobrir as tarifas ferroviárias, mas a

responsabilidade de conseguir um emprego e uma renda para nos

sustentar recaíam em Stephen. Ele, por sua vez, estava levando sua pesquisa a sério, percebendo que deveria ter uma parte substancial de trabalho documentada, se não publicada, para capacitá-lo a se candidatar a

uma bolsa de pesquisa. Para esse fim, ele começou a expandir as ideias que

tinham causado tanto rebuliço na palestra de Hoyle, na Royal Society. Ele também havia descoberto, a título de compensação por seus esforços, que

seu trabalho era, na verdade, agradável.

Consequentemente, foi com mais do que apenas a alegre expectativa de

um jovem noivo que aguarda a chegada de sua amada que ele me recebeu

em seus aposentos, agora por conveniência no prédio principal de Trinity

Hall, em uma manhã fria em fevereiro de 1965: ele estava de fato esperando que eu fosse colocar minhas habilidades de secretariado em uso,

datilografando um pedido de emprego para ele. O olhar horrorizado de consternação que se espalhou pelo seu rosto quando entrei em seu quarto,

com meu braço esquerdo sob meu casaco em uma armação de gesso,

frustrou todas as minhas esperanças da menor exibição de simpatia. Eu não

estava querendo nada mais do que isso, porque as circunstâncias em que a

fratura havia ocorrido tinham sido muito embaraçosas para confessar por

telefone.

A verdade é que as reuniões dos alunos em Westfield haviam

melhorado muito com a chegada, no ano anterior, de estudantes do sexo masculino à faculdade e com a eleição de um comitê mais dinâmico no Centro Acadêmico. Agora tínhamos bandas apropriadas para tocar os

sucessos recentes, os Beatles e o twist. Eu amava dançar twist, e uma festa

no meio da semana havia provocado em mim um surto de twist inocente com o namorado de alguém. O piso estava muito encerado, meus saltos escorregaram no assoalho e eu caí no chão, bem sobre a minha mão esquerda estendida. A dor lancinante indicou obviamente que eu tinha quebrado o pulso, desta vez por dançar o twist em vez de estar esquiando.

Ainda abatida por essa terrível experiência, de início não compreendi as razões para o horror no rosto de Stephen – não, até que ele apontou para

a máquina de escrever emprestada e a pilha de papel branco intocada disposta ordenadamente sobre a mesa. Com pesar, ele explicou que estava

esperando por mim para datilografar seu pedido de uma bolsa de pesquisa

em Gonville e no Caius College, que teria de ser apresentado no início da

semana seguinte. Sentindo-me culpada por causa do twist, comecei a

trabalhar preenchendo o pedido de bolsa usando minha mão direita

intacta. O exercício tomou todo o fim de semana.

Ter passado a noite no quarto de Stephen era impensável. Em mais de

uma ocasião, de acordo com Stephen, o bedel Sam e seu olho de águia – que

também era o guardião da moral na faculdade – poderia ter notado um lenço ou um cardigã meu descuidadamente deixado pendurado no encosto

de uma cadeira no estúdio de Stephen. Farejando o cheiro de escândalo e

uma presa fácil – pois Sam não era amigo das jovens visitantes – ele colocava a cabeça pela porta da sala de Stephen logo de manhã, esperando

me pegar apertada ilicitamente na cama estreita de solteiro de Stephen.

Contudo, suas expectativas de um escândalo suculento que pudesse

denunciar às autoridades da universidade eram constantemente

desapontadas, porque muitos dos amigos de Stephen, mais bem

acomodados, ofereciam-me regularmente sua hospitalidade nos fins de

semana. Muitos desses amigos agora tinham casas e carros e estavam, portanto, no processo de produzir descendentes, o que, para a nossa geração, era a esperada progressão de eventos. A nossa foi a última geração

para quem os principais objetivos eram claros: os ideais do amor

romântico, casamento, casa e família. A diferença para mim e Stephen era

que sabíamos que tínhamos apenas um curto período de tempo para que pudéssemos alcançar esses objetivos.

Contra todas as probabilidades, a inscrição foi efetivamente entregue na data, e Stephen então esperou ser chamado para uma entrevista. Não foi,

contudo, algo tão simples assim. Ainda com a força do reconhecimento de

sua notável intervenção durante a conferência de Hoyle, Stephen tinha abordado o professor Hermann Bondi no final de um dos seminários

quinzenais regulares no King's College, de Londres, para perguntar se ele agiria como um árbitro para aquela inscrição de bolsa de estudos. Como Hermann Bondi era vizinho em Hampshire da tia Loraine de Stephen, e de

seu marido Rus, o dentista da Harley Street, uma carta formal não parecia

necessária. Algumas semanas mais tarde, no entanto, Stephen recebeu uma

mensagem embaraçosa vinda do Gonville and Caius College. Em resposta ao pedido da faculdade para uma referência a Stephen Hawking, o

professor Bondi respondeu dizendo que não conhecia nenhum candidato

com esse nome. Dadas as circunstâncias e a natureza informal da

abordagem de Stephen para com ele, talvez fosse compreensível o

professor ter se esquecido. A situação foi corrigida pela apressada sucessão de telefonemas, e assim Stephen foi convocado para uma entrevista, na qual teve bastante espaço para impressionar os membros da comissão com

seus poderes intelectuais de argumentação, ainda mais levando em conta que nenhum deles era cosmólogo, apesar de serem eminentes em outras disciplinas.

A novidade da admissão de um cosmólogo em seu meio deve ter

agradado ao Comitê de Bolsas de Estudo, ao passo que para nós o

aparecimento do nome de Stephen na lista de bolsas de estudo foi causa de

alegria e motivo para celebração. Tudo estava funcionando exatamente como tínhamos a ousadia de esperar, e a data para nosso casamento poderia ser marcada, conforme o previsto, em meados de julho. Alheios ao

sombrio prognóstico médico e extasiados com a felicidade do amor e a promessa de sucesso, mergulhamos naquele verão em uma série de outras

celebrações, com apenas um pequeno grupo de nuvens traquinas se

acumulando no horizonte, como minhas provas do segundo ano, a questão

dos alojamentos e o mal até então desconhecido do imposto de renda.

Para nossa indignação, um vento frio incomum da realidade hostil

soprou uma dessas pequenas nuvens muito rapidamente pelo nosso

caminho, conseguindo amortecer temporariamente nossa euforia.

Encorajado pelo sucesso de seu pedido de bolsa de estudos, Stephen foi telefonar – no que em nossa impaciência juvenil foi considerado um prazo

razoável, algo como um par de semanas ou mais – para o tesoureiro da Gonville e Caius (geralmente pronunciado em Cambridge como “Keys”, o nome do segundo fundador da universidade, mas escrito “Caius” por causa

das tendências latinizantes do Renascimento). O tesoureiro friamente

informou ao recém-nomeado pesquisador que, como ele não ia assumir seu

posto até o mês de outubro seguinte, era altamente presunçoso da parte dele fazer uma consulta seis meses antes. Quanto à questão de Stephen, um

assunto que vinha ocupando nossa mente com frequência, ele não estava disposto a dizer qual salário ele poderia esperar receber dessa bolsa. E

decretou categoricamente que, além disso, a faculdade não considerava mais seu dever fornecer alojamento para seus bolsistas pesquisadores.

Aturdidos por esse tratamento arrogante, fomos deixados a imaginar mais

ou menos quanto Stephen ganharia e fomos em busca de um lugar para morar. Como havia um monte de pesquisadores casados em Cambridge,

imaginamos que eles tinham conseguido sobreviver de alguma maneira.

Quanto ao alojamento, gostei muito do jeito de alguns novos apartamentos

que estavam sendo construídos perto da praça do mercado, e deixamos nosso nome como interessados com o corretor de imóveis.

Então estávamos tão confiantes em nós mesmos, e tão ansiosos para o

nosso futuro começar, que não permitimos que esses problemas mundanos

nos incomodassem por muito tempo. Na verdade, a atitude do tesoureiro e

de pessoas de sua laia simplesmente confirmou a saudável falta de respeito

de Stephen por essas pomposas autoridades de meia-idade, uma falta de respeito pela qual eu vinha me tornando uma disposta convertida. Também

sabíamos muito bem que, em nosso idealismo, estávamos, de modo

deliberado, desafiando o senso comum e tudo o que era cauteloso,

convencional e normal. Nós definitivamente não permitiríamos que nossos

grandes planos ou nossas convicções fossem frustrados e prejudicados pela

burocracia mesquinha. Atacar esses moinhos de vento burocráticos

rapidamente se tornou nossa versão pessoal das tão comuns rebeldias dos

anos 1960. Em contraste, nossa principal batalha foi contra as forças do destino. Nesse esforço nobre, fomos capazes de nos dar ao luxo de ridicularizar os pequenos obstáculos colocados em nosso caminho pelos tesoureiros oficiosos da universidade.

Quando se luta contra o destino, apenas os grandes temas – a vida, a sobrevivência e a morte – são de real importância. Até aquele momento, as

forças do destino pareciam estar dormentes ou ao nosso lado, porque, apesar dos obstáculos, nosso futuro imediato na atmosfera da Guerra Fria

de meados dos anos 1960 estava começando a parecer tão seguro quanto o

de qualquer outra pessoa. Para Stephen, a perspectiva do casamento

significava que ele teria de começar a trabalhar e provar sua capacidade em

Física. Em minha simplicidade, eu acreditava que a fé também tinha dado

uma mão na determinação de nosso caminho a percorrer. Em certo sentido,

nós compartilhávamos uma só fé, uma fé existencial em nosso curso

escolhido, mas, incentivada por minha mãe e pelos meus amigos, fiz contato com a fé de maior influência – Deus talvez –, que parecia estar respondendo à minha necessidade de ajuda ao fortalecer minha coragem e

minha determinação. Em contrapartida, embora eu estivesse bem ciente de

que os Hawking, apesar de sua tradicional formação metodista,

professaram-se agnósticos, se não ateus, descobri sua tendência para zombar de assuntos religiosos desagradáveis. Stephen e eu passamos nosso

primeiro Natal juntos apenas dois meses depois do nosso noivado. O fato de que ele veio para o culto da manhã com minha família produziu sobrancelhas levantadas e comentários sarcásticos por ocasião de nosso regresso ao número 14 da Hillside Road.

– Quer dizer então que você está se sentindo mais santificado agora? –

perguntou Philippa a Stephen calmamente, em um tom carregado de

sarcasmo, e eu senti uma pontinha de hostilidade inexplicável contra mim.

Ele riu em resposta, quando sua mãe disse:

– Ele certamente deve estar mais santificado do que você, porque está

agora sob a influência de uma boa mulher.

Era difícil saber como entender essas observações – não foi fácil

absorvê-las, pois isso tudo cheirava a conspiração e parecia destinado a um

alvo essencial, minha fé, da qual eu implicitamente dependia por causa da

tarefa diante de mim. Esse cinismo era muito diferente do júbilo que compartilhei completamente quando analisamos as várias formas de

realizar a cerimônia de casamento. Fiquei horrorizada ao descobrir que, de

acordo com o *Book of Common Prayers* de 1662, eu deveria me tornar uma

"seguidora das piedosas e sóbrias matronas". Em vez disso, optei pela versão de 1928, na qual essa frase horrível não aparecia.

O sucesso tem o dom de reproduzir mais sucesso, e logo estávamos

celebrando novamente. Outro sábado foi gasto escrevendo outra

solicitação, desta vez para um prêmio, o Gravity Prize, doado por um cavalheiro norte-americano que, em sua sabedoria, acreditava que a

descoberta da antigravidade poderia curar sua gota. É pouco provável que

algum dos ensaios submetidos pudesse trazer alívio ao sofrimento do pobre homem, mas seus generosos prêmios podiam proporcionar grande

alívio financeiro para muitos daqueles jovens físicos. Durante os anos seguintes, Stephen ganhou toda a ampla gama de prêmios, o que culminou

com o primeiro prêmio em 1971. Entretanto, para nossa consternação, a primeira inscrição de Stephen perdeu o prazo de postagem naquele sábado

de 1965, mas seus esforços foram coroados com um grau muito oportuno

de sucesso quando, algumas semanas depois, fui chamada com urgência em

meu sótão em Hampstead para atender a uma ligação de Stephen. Ele estava falando de Cambridge – como de costume, ao custo de quatro pence

– para me dizer que tinha sido premiado com uma Menção Honrosa, no valor de cem libras, na competição do Gravity. Dancei ao redor da cozinha

da senhora Dunham em êxtase. Com as cem libras de Stephen, mais as duzentos e cinquenta libras que meu pai vinha acumulando para mim na poupança e que ele havia prometido me dar no meu vigésimo primeiro aniversário, teríamos o

suficiente para pagar as dívidas a descoberto de Stephen e ainda comprar um carro. Mais tarde, naquele verão, e pouco antes do casamento, um amigo próximo de Stephen em Trinidad Hall, Rob

Donovan, negociou um acordo muito favorável para nós com seu pai, um vendedor de carros em Cheshire. Tivemos a escolha de dois veículos: um deles, um reluzente Rolls Royce vermelho e conversível de 1924, tentador,

mas pouco prático e muito além de nossos meios; na outra extremidade da

escala, havia um Mini vermelho. Stephen relutantemente teve de admitir que o Mini era mais bem adaptado ao nosso portfólio e às nossas

necessidades, em especial desde que uma daquelas nuvens que pairavam sobre meu horizonte sinistramente marcava “teste para tirar a habilitação”.

Como todas as minhas tentativas anteriores haviam falhado, eu não

conseguia supor que se eu aparecesse para a prova num Rolls Royce de 1924 me faria congraçar-me com o examinador mal-humorado e que, em nosso último encontro, me reprovou mais uma vez. Secamente, o homem disse, enquanto me apertava o coração, que minha maneira de dirigir não

era a de uma iniciante, mas a de uma motorista experiente, que eu era alarmantemente desatenta na direção e que andava muito próximo do

limite de velocidade. Ele deveria estar agradecido de que, dadas as minhas

experiências recentes, não excedi o limite de velocidade nem fiz

ultrapassagens em curvas ou colinas e não invadi uma pista na contramão.

Ironicamente, considerando suas técnicas de condução, Stephen ainda

tinha uma licença de motorista válida, embora não fosse mais capaz de dirigir, por isso estava dentro dos limites da lei que eu pudesse dirigir para ele com uma licença provisória enquanto ele estivesse sentado ao meu lado. Quando, finalmente, no outono de 1965, passei no temido teste, isso

pode ter sido porque a minha *bête noire*, o chefe examinador, estava internado

em um hospital.

Todos esses sucessos e celebrações nos primeiros meses de 1965

claramente marcavam nosso caminho para a frente, com o resultado de que

minhas preocupações focaram com mais intensidade Cambridge e o

casamento. Inevitavelmente, isso estava desenvolvendo uma distância

entre mim e meus amigos e contemporâneos, tanto meus amigos alunos de

Westfield quanto meus velhos amigos de dança e de tênis em St. Albans. A

última vez que vi muitos desses meus antigos amigos foi quando fomos trabalhar juntos no escritório do correio antes do Natal 1964, ou na minha

festa de aniversário de vinte e um anos: essa festa os pais de Stephen gentilmente concordaram em dar em sua grande casa, que era muito mais

espaçosa do que a casinha de meus pais.

Foi um dia glorioso, quente e ensolarado com claro céu de primavera, e

minha felicidade estava completa. Stephen deu-me de presente as

gravações dos Quartetos de Beethoven, o que só poderia ser interpretado

como a expressão máxima do nosso sentimento profundo de um para o outro. Esse aniversário, felizmente, foi muito diferente do ano anterior, quando Stephen tinha me dado um registro das obras completas de

Webern e mais tarde levou-me a um drama sobre a utilização da cadeira elétrica nos Estados Unidos. Naquela tarde toda a minha família, inclusive

minha avó, sentou-se em um círculo silencioso na nossa sala de estar para

ouvir todas as obras de Webern. Stephen sentou-se solenemente em uma cadeira de braços, enquanto meu pai enterrou a cabeça em um livro, mamãe estava imersa em seu tricô e minha avó dormia. Com muita pose, minha família conseguiu parecer completamente impassível pelos vários sons átonos, pelas

longas pausas inconsequentes e dissonâncias rascantes

da música, enquanto eu, sentada no chão à beira da histeria, tive de esconder meu rosto em uma almofada.

Em 1965, no entanto, o meu vigésimo primeiro aniversário foi uma

delícia no ar quente de primavera sob as luzes coloridas do terraço. Foi tão mágico como um conto de fadas, mas como em todos os contos de fadas isso mascarava um elemento hostil perceptível. Mais uma vez senti um mal

disfarçado ressentimento na atitude de Philippa para comigo, e que eu não

conseguia entender. Será que foi porque eu recebera permissão para usar

sua casa para minha festa de aniversário, ainda que por apenas uma noite?

Ou foi porque ela me considerava alguém intelectualmente inferior e

“feminina”, um termo ofensivo no léxico Hawking? Ela claramente

considerava minha fé algo ridículo. “Não leve a sério”, foi a resposta de Stephen quando lhe contei a respeito dessas minhas angústias, mas essa reação simplista não foi suficiente para me tranquilizar.

Da parte de Mary, a mais velha das duas irmãs, tive uma recepção mais

cordata. De acordo com sua mãe, Stephen tinha achado difícil perdoar sua

irmã por ter vindo ao mundo apenas dezessete meses após seu nascimento.

Mary, tímida e suave por natureza, encontrava-se em uma posição nada invejável dentro da família, em um ponto entre duas personalidades

excepcionalmente inteligentes e determinadas, Stephen e Philippa. Em

autodefesa, ela forçou a si mesma em um molde intelectual altamente competitivo, quando, na verdade, seus talentos eram muito mais criativos e

práticos. Com intensa lealdade a seu pai, ela estudou Medicina e era com o

pai que ela se comunicava mais livremente. Embora meus pais tivessem ouvido relatos em primeira mão por vários amigos em St. Albans sobre o comportamento abrasivo e descortês de Frank Hawking com sua equipe no

Laboratório de Investigação Médica de Mill Hill, comigo ele tinha sido sempre um cavalheiro atencioso. Era lamentável que ele não se

apresentasse ao mundo sob uma luz mais favorável, uma vez que ele era um homem sensível que tinha qualidades generosas e honoráveis.

Repetidamente, com a cativante franqueza de Yorkshire, ele me

impressionou ao demonstrar quanto ele e sua família estavam

genuinamente felizes com o nosso compromisso, prometendo ajudar de

todas as maneiras possíveis. É compreensível que ele tenha ficado arrasado

com o diagnóstico da doença de seu filho e, apesar de seu prazer em nosso

casamento, sua formação médica o obrigou a adotar uma visão

estritamente ortodoxa e pessimista. Meu pai tinha vindo com informações

de que um médico suíço afirmava ser capaz de proceder ao tratamento de

condições neurológicas através de uma dieta controlada, e ele se ofereceu

para pagar a estada de Stephen na Suíça para um período de tratamento.

Com a vantagem duvidosa de possuir maior conhecimento médico, Frank Hawking julgou improcedentes e infundadas aquelas alegações do suíço.

Por sua vez, ele, entretanto, só foi capaz de me dizer que a vida de Stephen seria curta, assim como seria a sua capacidade de atender às necessidades

de um relacionamento conjugal. Além disso, ele aconselhou-me que, se quiséssemos criar uma família, não deveríamos adiar, assegurando-me de que a doença não era herdada geneticamente.

A mãe de Stephen, que me disse que estava convencida de que os

primeiros sintomas da doença apareceram em Stephen em uma doença

inexplicável quando ele tinha treze anos, também achava que eu deveria ser plenamente informada de todos os acontecimentos terríveis previsíveis

quando a condição de Stephen degenerasse. No entanto, se os únicos tratamentos disponíveis deveriam ser descartados, com ou sem razão, por

serem considerados puro charlatanismo, eu não via muito sentido em ter meu otimismo natural destruído por uma ladainha de profecias mortais sem nenhum conselho paliativo. Então, respondi que eu preferia não saber

os detalhes dessas previsões porque eu amava tanto Stephen que nada poderia dissuadir-me de querer me casar com ele: eu queria construir um

lar para ele, deixando de lado todas as minhas ambições anteriores que agora eram insignificantes em comparação com o desafio diante de mim.

Como retorno, em toda a inocência dos meus vinte e um anos, eu confiava

que ele fosse valorizar isso e incentivar-me a seguir meus interesses.

Também confiei na promessa que ele fez ao meu pai quando pediu a minha

mão: que ele não exigiria mais de mim do que eu poderia razoavelmente alcançar, nem ele se permitiria tornar-se uma pedra amarrada ao meu pescoço. Nós dois prometemos ao meu pai que eu terminaria minha

faculdade.

Os planos do casamento prosseguiram em ritmo acelerado, com muitas

viagens de ida e volta entre St. Albans e Cambridge e com o tipo comum de

discordâncias em todos os lugares: Stephen, com o apoio de seu pai, se recusara a usar fraque, embora meu pai e meu irmão insistissem em manter um sentido próprio de estilo. Da mesma maneira, Stephen se

recusou a usar um cravo na lapela, que achava barato e vulgar, mas para mim era rico em cor e aroma da Espanha. As rosas acabaram sendo um compromisso

satisfatório. Meu pai achava que nenhum casamento estava completo sem um par de discursos simbólicos, ao que Stephen resistiu, recusando-se a dizer qualquer coisa. A questão das damas de honra veio e

se foi sem ser resolvida, deixando um fosso que foi habilmente preenchido

no dia por Edward, de nove anos, alçado à condição de pajem de improviso.

Felizmente chegamos a um acordo, sem vozes discordantes audíveis, de que o casal deveria se casar na capela da Trinity Hall pelo Capelão, Paul Lucas. O serviço religioso de quinta-feira, 15 de julho, teria de ser precedido por uma modesta cerimônia civil no Shire Hall em Cambridge no

dia anterior, uma vez que as universidades não estão licenciadas para casamentos, e o custo de uma licença especial do arcebispo de Canterbury

de vinte e cinco libras foi considerado uma despesa desnecessária.

Escolhido deliberadamente um lugar pequeno, então estávamos lutando

para acomodar todos os convidados. Alguns amigos e parentes tiveram de

ser cortados da lista, enquanto outros foram enviados para o lugar onde fica o órgão.

Em meio a essa confusão, eu estava lutando com Napoleão III, a

Comuna de Paris de 1871 e os exames finais. Pouco antes do casamento, Stephen participou da sua primeira Conferência da Relatividade, que foi convenientemente realizada naquele ano em Londres. Juntei-me a ele para

a recepção oficial do governo no Carlton House Terrace, onde me encontrei

com muitos dos físicos que mais tarde viriam a desempenhar papel

importante em sua carreira: Kip Thorne, John Wheeler, Charles Misner, George Ellis e dois cientistas russos. Muitos deles acabariam por se tornar

amigos permanentes de nós dois. Foi nessa conferência que o mundo dos relativistas, incluindo Stephen, foi atacado pela primeira vez pela febre do entusiasmo na investigação do buraco negro (nessa fase, algo muito menos

conhecido graficamente, pela descrição do colapso das estrelas) e que ia envolvê-los ao longo de décadas.

Após a cerimônia do casamento civil, em 14 de julho, enfraquecida por

ocorrer entre flores artificiais no Shire Hall, minha sogra veio até mim e com seu irônico sorriso disse:

– Bem-vinda, senhora Hawking, porque é assim que vai ser conhecida a

partir de agora.

No dia seguinte, o dia de St. Swithin, o padrinho de Stephen, Rob Donovan, habilmente conduziu a todos nós pelo serviço religioso e pelas festividades no recinto de Trinity Hall sem incidentes. Esse foi um feito bastante notável, no mínimo apenas pelo número de idosos presentes e pela imensa largura do chapéu de Philippa, ao qual ela havia grudado um

número superabundante de papoulas, que rivalizaram com os jardins da universidade em sua exuberância herbácea. Foi um dia feliz, apesar do céu

cinzento e da garoa intermitente. Finalmente, na parte da tarde, no final da recepção no salão College, onde meu pai tinha publicamente agradecido a

Stephen por ter me tirado de suas mãos, Rob Donovan nos deixou nos limites de Cambridge. Lá, em uma rua lateral, ele havia estacionado o nosso

recém-adquirido Mini vermelho, bem fora do caminho dos projetos

maldosos de meu irmão. Eu me acomodei no assento do motorista e, com

Stephen ao meu lado, cautelosamente dirigi para longe do meio-fio, em direção a

Long Melford em Suffolk e ao Bull Inn.

— 8 —

UMA INTRODUÇÃO À FÍSICA

MUITO DEPRESSA ESSA PRIMEIRA SEMANA IDÍLICA DE CASAMENTO TORNOU-SE APENAS

UMA lembrança – de sinuosas ruas de Suffolk e jardins exuberantes, igrejas antigas e aldeias com telhados de madeira. No final dela, quando nós nos sentamos à espera para decolar para Nova York, tendo embarcado com

bastante antecedência em relação aos outros passageiros, essa bem-

aventurada semana com passeios diurnos até aldeias sonolentas, casas de

campo e o litoral foi rapidamente substituída pelo avanço inexorável da ciência, pelas tradições sintetizadas e pelo ritmo do Novo Mundo.

No aeroporto John F. Kennedy, entrávamos na fila de passageiros no controle de passaportes quando uma aeromoça alta, bem vestida se

aproximou de nós, examinando atentamente o registro que ela estava

carregando.

– Quais são os seus nomes? – ela perguntou, olhando para a lista.

– Jane e Stephen Hawking – respondi, sem esperar nenhuma mensagem

especial.

– Ah – ela disse, com alguma surpresa –, eu não tenho seus nomes na

minha lista. Quantos anos vocês têm?

Agora era nossa vez de manifestar surpresa.

– Tenho vinte e um anos e ele tem vinte e três – respondi por nós dois.

– Puxa, sinto muito – desculpou-se a aeromoça. – Eu pensei que vocês

fossem menores de idade desacompanhados!

Indignados com o insulto à nossa maturidade e ao nosso estado civil, endireitamos o corpo em toda a nossa altura e passamos pela Imigração norte-americana e depois fomos para o helicóptero que sobrevoaria a cidade de Nova York até o aeroporto de La Guardia para o voo de conexão

para Ithaca, em Nova York. Nossa primeira vista de Nova York foi

deprimente. Enquanto voávamos um pouco acima do nível dos arranha-

céus, através de uma densa camada de poluição atmosférica, os prédios que

surgiam da névoa se pareciam como dardos gigantes prontos para nos alcançar com suas pontas. Era difícil acreditar que seres humanos viviam e

trabalhavam naquele inferno. Minhas suspeitas de que nós havíamos

pousado em uma Brobdingnag[3] moderna foram confirmados quando fomos levados para a limusine que tinha sido enviada para apanhar-nos no aeroporto de Ithaca e nos levar para a Universidade de Cornell. Tudo – os

carros, as estradas, os edifícios – era dez vezes maior do que qualquer coisa que eu já tinha visto; até mesmo a vasta extensão de paisagem verde agradável parecia rolar para sempre. No entanto, para mim, uma linguista

acostumada com o desafio de uma língua estrangeira que ficava a apenas quarenta quilômetros de distância do outro lado do Canal, o mais

desconcertante aspecto foi que nós tínhamos viajado milhares de

quilômetros apenas para nos encontrar entre as pessoas que falavam a mesma língua que nós, mesmo que, como o resto de seu país, o idioma tivesse sofrido um surto de exagero de estilo.

Nossos alojamentos consistiram em uma acomodação de estudantes,

num quarto com duas camas separadas no terceiro andar de um novo salão

de residência no campus de Cornell. Como nós dois estávamos acostumados com o estilo de vida de estudantes, isso não foi um problema. O que realmente nos irritou foi que o terceiro andar havia sido designado como acomodação familiar por toda a duração do curso de verão, e fomos atirados para sobreviver da melhor maneira possível entre as famílias com bebês e crianças pequenas que choravam a noite toda ou ficavam do lado de fora chorando no corredor enquanto seus pais davam festas na área do lounge. Essa circunstância imprevista deu um fim abrupto à lua de mel que tínhamos a intenção de retomar no lado americano do Atlântico. Apesar de algumas das crianças serem inegavelmente atraentes, uma estadia num berçário gigante não era o que esperávamos.

Os problemas se agravaram com a logística do campus. Para aqueles com corpo são, isso não teria apresentado nenhuma dificuldade, mas uma vez que o hall de residência ficava a quase um quilômetro do auditório e não tínhamos transporte, foi uma luta para Stephen conseguir chegar às palestras pontualmente. Ele podia andar sozinho, mas o progresso era lento; ele andaria muito mais rapidamente se tivesse um braço para se apoiar, e de bom grado segui cumprindo meu novo papel, e fui a todos os lugares com ele. As refeições apresentaram outro problema. Vivendo, como ainda estávamos, com as bolsas de estudo, não podíamos nos dar ao luxo de comer todas as nossas refeições na cantina, mas como não havia um único utensílio na quitinete no nosso andar, não tínhamos meios nem mesmo para preparar uma xícara de chá. Felizmente, uma das secretárias do congresso veio em nosso auxílio e se ofereceu para me levar de carro para

Ithaca e fazer algumas compras no supermercado mais próximo. Enquanto

deslizávamos em sua enorme station wagon, eu educadamente perguntei, como forma de começar uma conversa, se ela já tinha ido à Europa. Ela não

mediu as palavras:

– Não. – foi sua resposta. – Veja, eu não gosto de ir a lugares onde eles

não têm banheiros.

Devidamente equipada com uma panela, talheres, canecas e pratos,

além de um ventilador para amenizar o calor – que, ao contrário do calor

espanhol, era pegajoso e úmido – montei uma casa improvisada, pela primeira vez, mas de nenhuma maneira a única vez na minha vida de casada – , no terceiro andar do hall de residências. Brandon Carter, que era também um estudante com Stephen em Cambridge e tinha sido um

convidado no nosso casamento, foi de uma ajuda preciosa: recordando sobre suas experiências de infância no mato australiano, ele ensinou-me como fazer o chá pelo método australiano – em uma panela, a mesma panela que foi usada para ovos mexidos, massas, feijão assado e todos os outros pratos do tipo quitinete dos quais dependíamos naquelas semanas.

Versatilidade era essencial naquela imprevista introdução às alegrias da vida doméstica.

Grande parte dos meus dias passava-se entre andar com Stephen para

ir e voltar do salão de convenções e para fazer compras na loja nas proximidades do campus. Para preencher as outras horas, que eram tão curtas quanto as distâncias a qualquer outro lugar eram longas, eu recorri

aos meus estudos na biblioteca. Então, para variar a dieta monotemática de

estudos hispânicos, tive a ideia de pedir uma máquina de escrever e uma mesa na secretaria e comecei a datilografar o anteprojeto dos capítulos iniciais da tese de doutorado de Stephen. Os universos em causa poderiam

estar em expansão, mas estavam cheios de tantas formas hieroglíficas incompreensíveis e formas que dançavam acima e abaixo das linhas – bem

como com números convencionais e todos os sinais matemáticos normais

–, que logo se tornou óbvio que aquela atividade estava prestes a se tornar

um pesadelo tipográfico.

Apesar de a essência do casamento com um físico não ter sido

exatamente o que eu esperava, a partir da segunda semana de lua de mel,

fiquei aliviada por ter alguma ocupação útil. Eu também estava feliz por poder testemunhar a intensa excitação de Stephen em seu movimento em

direção aos meios científicos internacionais, onde ele já estava se tornando reconhecido. Ele estava particularmente satisfeito com a crescente

colaboração entre ele e Roger Penrose, um físico britânico ligeiramente mais velho, em um projeto de Matemática conhecido como a teoria das singularidades ou colapso gravitacional. A teoria proposta era a de que qualquer corpo que sofre um colapso gravitacional deve formar uma

singularidade, uma região no espaço-tempo onde as leis da relatividade deixam de causar impacto, provavelmente porque a curvatura do espaço-tempo se torna infinita. No caso de uma estrela em colapso sob a própria gravidade, quando sua superfície e seu volume vão se reduzir a zero, Roger

conjecturou que a singularidade estaria escondida no que foi mais tarde chamado de buraco negro. Inspirado pela teoria de Roger e pelo trabalho dos russos Lifshitz e Khalatnikov, Stephen estava confiante de que essas equações poderiam ser invertidas no tempo para provar que qualquer

modelo de expansão do universo deve ter começado com uma

singularidade, proporcionando, assim, a base teórica para o Big Bang. As equações também lhe forneceriam uma importante conclusão de sua tese.

A chegada como um navio de velas enfunadas de sua família em Detroit,

por parte da esposa de Roger Penrose, Joan, que trazia um filho pequeno em uma espécie de coleira à sua frente e segurava outro pela mão, enquanto sua mãe idosa vinha a reboque, veio proporcionar algum alívio ao

tédio da vida no terceiro andar. Joan tinha se formado em oratória, um atributo útil no controle de uma família de rapazes – e um feito ainda mais

essencial, como eu estava começando a perceber, para fazer sua presença

percebida no mundo dos físicos, onde as esposas – embora houvesse

muitos deles com hordas de crianças pequenas a tiracolo – mal eram notadas. Algumas falavam alto e eram loquazes, outras eram inibidas e reservadas, outras ainda eram positivamente taciturnas e sombrias; o punhado de mulheres que tinham uma formação em Matemática ou Física

tendia a adotar um estilo mais competitivo, definitivamente masculino de comportamento, enquanto aquelas cujos talentos dormentes e meio

esquecidos estavam em outras áreas tendiam a ser espinhosas e

desconfiadas. A Física parecia ter cobrado seu pedágio em todas elas e, quer gostassem uma das outras, quer se dessem bem com outras pessoas,

todas tinham uma coisa em comum: elas já eram, para todos os efeitos, viúvas – viúvas dos físicos.

Houve algumas diversões memoráveis. Todos os dias, enquanto

cruzávamos o campus, eu me agarrava à oportunidade de ouro para

conversar em espanhol com um casal mexicano que parecia tão

desorientado em Cornell quanto eu. Depois, numa tarde de sábado,

conhecidos de alguns amigos dos pais de Stephen gentilmente nos

convidaram para nos juntar a eles em sua casa de verão perto de um lago

não muito longe de Ithaca. Quando não íamos até lá, nossas noites eram passadas cantarolando *Waltzing Matilda* sobre nossa única panela que

borbulhava no fogareiro na cozinha, no terceiro andar, enquanto Brandon nos alegrava com longos relatos de suas aventuras. Estas quase sempre giravam sobre a vida no sertão australiano, mas também tocavam em seu interesse no matemático James Clerk Maxwell e em uma viagem dramática num veleiro para chegar ao Mediterrâneo através do Golfo da Biscaia, mas nunca chegou mais longe do que Cherbourg. Quando esses temas eram esgotados, a conversa normalmente caía em uma discussão cosmológica sustentada entre ele e Stephen, enquanto eu lavava a panela e os pratos de plástico, imaginando se estávamos condenados a passar todo o período da escola de verão ali, confinados ao campus da Universidade de Cornell, e ao terceiro andar do dormitório.

Justo quando eu estava começando a me resignar a uma imutável rotina, Brian e Susie Burns, um casal australiano que tinha passado algum tempo em Cambridge, nos ofereceu uma carona em seu carro para Niágara. Nossa primeira visão repentina das Cataratas depois de uma viagem tediosa através dos intermináveis subúrbios sulfurosos da cidade de Buffalo tirou nosso fôlego. A força do imenso volume de água escura em constante movimento, que caía incansavelmente sobre a borda do precipício, transformada em uma massa de espuma branca e filamentos de arco-íris foi tão hipnotizante quanto o rugido de trovão era ensurdecedor. Nossos sentidos foram anestesiados, e fomos cambaleando pela ponte para o lado canadense para ter uma visão melhor e ficamos ali, hipnotizados, até

a hora de apanhar o curto voo de volta a Ithaca. Contra um céu ameaçador,

embarcamos no pequeno avião e decolamos em meio a trovões e

relâmpagos. Pela primeira vez na minha vida, fiquei com medo de voar.

No fim de semana seguinte, Brandon e alguns amigos arranjaram um

passeio de barco até o Lago Ontário. Partimos em uma brisa suave e, uma

vez no lago, o dia passou depressa. Nadei naquelas águas esverdeadas e Stephen sentou-se imerso em seus pensamentos, apreciando o céu azul e o

som da água que batia suavemente contra o casco do barco. No final da tarde, nossos companheiros tinham há muito deixado de compartilhar

nosso prazer quanto às pacíficas condições do local e falavam

ansiosamente em lançar sinais luminosos e emitir sinais de socorro –

estávamos em meio a uma calmaria no lago. Brandon prestativamente

observou que aquela não era uma situação que ele teve de enfrentar no Golfo de Biscaia, uma vez que lá você pode sempre contar com o vento. De

alguma maneira, muito mais tarde naquela noite, conseguimos chegar de volta ao porto ao mesmo tempo de um magnífico pôr do sol, encobrindo das vistas o horizonte enegrecido, banhando nossos rostos cansados em seu brilho âmbar.

Não foi até a última semana do curso de verão que alguém – acho que

foi Ray Sachs, um físico californiano extrovertido, pai de quatro filhas – teve a brilhante ideia de organizar um evento social, um piquenique no campo,

para as famílias. Lá nós fomos apresentados a mais esposas e mais filhos,

mas a pessoa que causou a maior impressão sobre nós foi um tranquilo norte-americano do Texas, Robert Boyer, com quem Stephen já

estabelecera um relacionamento profissional. Robert me incluiu na

conversa de maneira natural, simpática e falou sobre assuntos além da Física. De fato, devo dizer que, individualmente, muitos físicos podem ser muito charmosos, amigáveis e pés no chão. Em grupo, no entanto, sua tendência natural é a de escorregar inexoravelmente para discussões e debates intermináveis, quase sempre sobre a Física. Contudo, havia um tópico que rivalizava nas conversas e que estava cada vez mais na mente das pessoas, não só de todos os acadêmicos, mas de todos os jovens: Vietnã.

A ameaça crescente da guerra era encarada com medo e ódio; ela ameaçava

abrir uma enorme fenda na juventude da nação por uma causa apoiada apenas por militares e pelos intolerantes.

Na última noite, no final do curso de verão, enquanto estávamos

sentados no degrau do edifício dos dormitórios admirando a Lua cheia suspensa em um céu translúcido, fui apresentada ao professor Abe Taub, o

paternal organizador da escola de verão, que com sua esposa Cice também

estava tomando ar e admirando o céu noturno. Ouvimos fascinados

enquanto falavam de sua vida na Califórnia, da vista maravilhosa que sua casa tinha da Golden Gate, de São Francisco e do campus e do

departamento de Ciências em Berkeley, onde Abe era o líder do Grupo da

Relatividade. Detectei uma tentativa de convite de Abe para Stephen e uma

ânsia correspondente da parte de Stephen de aceitar, embora nenhuma proposta formal tenha sido feita.

Vagamos de volta para dentro e estávamos prestes a retomar nossa

conversa quando, sem nenhum aviso, Stephen, talvez afetado pelo frio do ar noturno, foi atacado por uma crise respiratória devastadora, sufocando,

a primeira que testemunhei. A doença, aparentemente suprimida por longo

tempo, de repente se revelou em sua verdadeira fúria aterrorizante. O

fantasma à espreita saiu das sombras e agarrou-o pelo pescoço, atirou-o para longe, sacudiu-o como uma boneca, pisou sob os pés e arremessou-o

pelo quarto com sua tosse rascante que ressoava alto, um assustador chiado no peito. Desamparado nas garras do inimigo, Stephen estava além

do meu alcance. Fiquei ali, despreparada para esse encontro repentino com

o poder terrível daquela doença motora, o até então invisível parceiro em

nosso casamento. Finalmente, Stephen conseguiu gesticular para que eu batesse em suas costas. Eu fiz isso com tanto vigor, determinada a expulsar

o monstro invisível. Finalmente ele recuou, tão depressa quanto tinha vindo, deixando-nos esgotados e exaustos e os espectadores educadamente

pasmos. Esse ataque veio como um grande choque para nós dois, um aviso

de mau presságio de um futuro perigoso. Os sonhos da Califórnia

desapareceram nas brumas da fantasia a partir da qual eles tinham

começado a surgir.

No momento em que voltamos para Nova York, a experiência em

Cornell tinha rapidamente me transformado – com a idade de vinte e um anos – em uma seguidora bastante confusa daquelas sóbrias, se não

divinas, matronas. A natureza demoníaca da doença havia anunciado sua presença de maneira muito mais dramática do que através das dificuldades

de locomoção e coordenação de Stephen. Como se isso não bastasse, eu sentia que havia ainda outro parceiro à espreita em nosso já superlotado casamento. O quarto parceiro apareceu primeiro na forma de uma amiga de

confiança e tranquila, sinalizando o caminho para o sucesso e de realização

para aqueles que a seguissem. Na verdade, ela mostrou-se uma rival implacável, tão exigente como qualquer amante, uma inexorável sereia, que

atraía seus devotos para os poços profundos da obsessão. Ela não era outra

senão a Física, citada pela primeira esposa de Einstein como a

correspondente em processos de divórcio.

Nova York ofereceu a nós dois uma pausa necessária dessas

considerações sombrias e a oportunidade de restabelecer o equilíbrio da nossa relação, longe da companhia sedutora de outros físicos. Um colega médico de Frank Hawking generosamente nos ofereceu um quarto em seu

apartamento em Manhattan para o fim de semana. Ele foi ideal em termos

de localização para as nossas excursões turísticas ao Metropolitan Museum,

ao Empire State Building, à Time Square e à Broadway. Infelizmente a Broadway tinha pouco a oferecer em agosto, então, curiosamente,

passamos a noite de sábado em um cinema assistindo *My Fair Lady*. Tive alguns arrependimentos quando nos despedimos de Nova York. Quando o

ônibus nos levou para o aeroporto John F. Kennedy, olhei por cima do ombro para a linha sólida dos arranha-céus estacionados em posição de sentido em uma massa cinzenta no horizonte, e pensei que eu nunca tinha

visto uma aparição de tamanha brutalidade monstruosa. Eu estava

impaciente para voltar ao gerenciável, embora apertado, mundo de

proporções menores e genuinamente antigas ao qual eu pertencia, o menos

frenético mundo liliputiano de onde vim. Meu lugar era em um continente

amadurecido pela história e um sentido de valores poéticos, onde eu carinhosamente achava que havia maior estabilidade e onde as pessoas tinham mais tempo para o outro.

3 *Brobdingnag é uma terra fictícia do livro* As viagens de Gulliver, de Jonathan Swift. (N.E.)

— 9 —

A ALAMEDA

MEUS SENTIMENTOS ILUSÓRIOS EM RELAÇÃO À ESTABILIDADE DA VIDA NO LADO

EUROPEU do Atlântico foram rapidamente dissipados assim que

retornamos à Inglaterra, quando descobri que meus pais estavam prestes a

se mudar para uma casa que ficava a apenas trinta portas do lar onde eu tinha vivido desde a idade de seis anos. A ruptura com o passado foi agora

irremediavelmente definida em tijolos e argamassa. E por falar nisso, o apartamento que Stephen e eu tínhamos reservado em Cambridge ainda

não estava pronto, então tivemos de encontrar uma casa por nós mesmos,

em regime de urgência, apenas para guardar todos os nossos presentes de

casamento. Carregando nossas bagagens e presentes no Mini vermelho,

partimos para Cambridge e fomos diretamente procurar o corretor

imobiliário. Os apartamentos, de fato, estavam terminados e fomos

informados que, como o corretor não tinha registro de nossos nomes e reservas, os apartamentos disponíveis foram para outros inquilinos. Ou seja, o Velho Mundo estava começando a parecer pouco confiável para nós.

Desanimados, discutimos durante o almoço os nossos próximos passos.

Stephen decidiu enfrentar o Tesoureiro da Caius uma vez mais, na vã esperança de que ele pudesse ser convencido a ajudar, mesmo que

temporariamente. Juntos, fomos pegar o ogro em seu covil. Para nossa surpresa, ele mudara de identidade nos últimos seis meses, e o novo Tesoureiro também era um conferencista em tibetano. Seja como for, esse

cargo era uma espécie de enganação, uma vez que nunca havia alunos de

tibetano, então ele tinha o tempo que quisesse em suas mãos para

supervisionar os assuntos financeiros da universidade. Ao contrário de seu

antecessor, ele não dispensou Stephen com um estalar de dedos, ao invés

disso, ouviu-o com seriedade, até mesmo com certa simpatia ao seu pedido.

Então, ele veio com uma solução brilhante, que trouxe um vislumbre de sorriso ao seu rosto sisudo:

– Sim – ponderou ele. – Eu penso que posso ser capaz de ajudar, somente em curtíssimo prazo, é claro, porque você sabe que a universidade

tem uma política de não oferecer alojamento para bolsistas de pesquisa, não é mesmo?

Nós assentimos com a respiração suspensa. Ele consultou uma lista e continuou:

– Há um quarto vago no Hostel Harvey Road; custa doze xelins e seis pence por noite para solteiro, então vamos colocar mais uma cama e, portanto custará vinte e cinco xelins para o casal.

Tivemos de conter nossa indignação com essa prática, porque não

tínhamos mais para onde ir; os hotéis estavam acima de nossas

possibilidades, mas nós nos comprometemos a passar o menor tempo

possível no Harvey Road.

Embora as autoridades da universidade fossem duras e mesquinhas, o

pessoal de serviço de lá, especialmente a governanta da pousada, não poderia ter sido mais gentil. Essa provou ser uma característica dos empregados da universidade, seja a equipe de limpeza, sejam os operários,

os jardineiros, porteiros e garçons. Eles revelavam incessantemente suas qualidades de cordialidade e simpatia muitas vezes notadamente ausentes

na atmosfera rarefeita dos escalões mais elevados. A governanta aquecia nosso

quarto, arejava e arrumava nossas camas; trouxe chá e biscoitos para

nós na primeira noite e, na manhã seguinte, o café da manhã. Ela até se ofereceu para lavar nossa roupa, apesar de que não fosse necessário, considerando que nossa estadia seria misericordiosamente breve.

No dia seguinte, o supervisor de Stephen, Dennis Sciama, veio

rapidamente para nos socorrer e nos colocou em contato com um membro

da Peterhouse, que procurava sublocar uma casa que tinha sido alugada por aquela universidade. A casa estava sem móveis, mas imediatamente disponível e, além disso, sua localização era ideal para nós, pois situava-se numa das ruas mais antigas e pitorescas de Cambridge, Little St Maryś Lane, a menos de cem metros do departamento de Stephen, que mudara recentemente do antigo edifício Pitt Press para a Mill Lane.

Uma vez que o número 11 da Little St Mary’s Lane não continha sequer

um palito como móvel, tivemos de cerrar os dentes, mergulhar em nossa poupança e no dinheiro ganho no casamento e ir para uma rápida viagem

de compras e adquirir o mobiliário básico, um pequeno fogão elétrico e uma cama. Enquanto esperávamos a cama ser entregue, eu saí para

comprar mantimentos, deixando Stephen encostado na parede nua da sala

por falta de assento. Para minha surpresa, quando voltei ele estava sentado

confortavelmente em uma cadeira azul de cozinha. Ele me explicou que uma senhora desceu a rua, veio até ali, apresentou-se e como o encontrara

encostado na parede, gentilmente trouxe a cadeira, dizendo que poderia nos emprestar até que tivéssemos nossos móveis. A senhora em questão era Thelma Thatcher, a esposa do ex-Censor, ou Master da Fitzwilliam House, que vivia no número 9. Thelma Thatcher tornou-se uma das

influências mais benevolentes e mais divertidas em nossa vida ao longo dos

dez anos seguintes. Naquela noite, fizemos nosso jantar na caçarola Cornell

no minifogão elétrico, bebemos xerez em nossos copos de cristal e, usando

uma caixa como mesa, comemos em nossa porcelana branca e usamos

nosso brilhante conjunto de talheres de aço inoxidável. Stephen sentou-se

na cadeira de cozinha de Thatcher enquanto eu me ajoelhei no chão de cerâmica branca sem tapetes. Não importava que tudo aquilo fora

improvisado, nós celebramos nossa boa sorte em ter um teto sobre nossa

cabeça para os três meses seguintes.

Sua entrada era guardada por duas igrejas em pé como sentinelas – a Victorian United Reform Church à direita e a Church of Little St Mary medieval à esquerda – e essa alameda era escondida ao olhar do público. Os

turistas, se a descobrissem, seria por puro acaso. Nos dias de hoje, o caminho está fechado para o tráfego de carros, graças a uma campanha por

parte dos moradores, incluindo Stephen e eu, para que os visitantes dos dois grandes complexos que se situam à frente do rio, o Garden House Hotel e o Centro Universitário, tenham seu acesso pela Mill Lane, que não é

residencial. O número 11 é o último terraço principal das casas de três andares no lado direito da rua, algumas das quais provavelmente datavam

do século XVI. Quando nos instalamos ali em 1965, a casa tinha sido recentemente reformada pela Peterhouse, uma universidade que, ao

contrário da Caius, fornecia alojamento aos seus bolsistas de pesquisa e investigação.

Grades de ferro ao lado sul da alameda encerram o cemitério de Little

St Mary’s, um jardim selvagem que, em setembro daquele ano, estava em chamas pelo vermelhão das rosas do outono. As poucas lápides que ainda

estavam de pé o clima maltratou tanto que suas inscrições se tornaram ilegíveis, apesar dos ramos estendidos dos sicômoros imponentes e das retorcidas hastes

das trepadeiras que as abrigava das mais pesadas

devastações provocadas pelos elementos. Aqui a Natureza tinha absorvido

suavemente os mortos dos séculos passados para dentro do seu seio, ressuscitando-os em uma profusão de flores que se perdiam ao longo dos

caminhos e se estendiam para acariciar o antigo poste de lâmpadas a gás que iluminava a rua à noite com seu brilho sulfuroso.

Thelma Thatcher se autonomeou a zeladora daquela alameda. Ela

plantou muitas roseiras no adro da igreja, onde levava Matty para se exercitar, sua King Charles Spaniel, envolvendo cada uma de suas patas em

sacos plásticos em tempos de chuva. Por uma questão natural, ela se encarregou de manter os olhos abertos sobre o bem-estar de todos os seus

vizinhos, independentemente da idade deles ou das circunstâncias. Mal havia passado uma semana, ela já emprestara mais cadeiras, mesa, panelas

e frigideiras, encontrara um fogão a gás para nos emprestar – vindo da Irmã Chalmers, uma enfermeira da Peterhouse que estava se mudando

para um apartamento totalmente equipado da universidade – e procurava

outro lugar para nós vivermos quando expirasse o contrato do nosso aluguel e nos serviu inúmeros copos de xerez em sua requintada, limpa e

ampla sala de estar de sua elegante casa caiada de branco.

Em 1965 ela já deveria estar na casa dos setenta, embora seus cabelos

ainda escuros e sua figura imponente pudessem facilmente fazer com que

passasse por alguém dez anos mais jovem. Ela combinou o brilho de uma

talentosa contadora de histórias com uma intensa praticidade: certa vez, ela nos contou, em um momento de inspiração em um casamento Quaker,

ela se levantou e anunciou que os ajudantes tinham se esquecido de acender o

gás sob o bule de chá. De uma forma que teria feito justiça a Joyce Grendell, ela se deliciava em esvaziar os egos pomposos de muitos

acadêmicos de Cambridge. Seu estilo era aristocrático e assertivo, mas sempre apoiado por arraigados e sinceros valores cristãos. Uma

autoproclamada pilar do sistema, que representava tudo o que Stephen desprezava, ela encontrou seu alvo natural na mente vaga e confusa dos liberais. Nela, porém, Stephen encontrou seu páreo e ele tinha de respeitá-

la por sua bondade e generosidade, mesmo que, politicamente, eles

estivessem em polos opostos.

Nos meses seguintes, Thelma Thatcher nos levou sob sua asa como uma

mãe. Ela manteve um olhar cuidadoso sobre Stephen quando eu estava longe em Londres, bem como atendia às necessidades do seu marido idoso

– que, segundo ela, tinha arrebatado-a de seu berço – e de sua vívida e independente filha Mary, que estava envolvida em um trabalho de arquivar

filmes sobre a vida doméstica dos britânicos na Índia.

Muito cedo, tive de regressar para o meu último ano em Westfield.

Partir a cada segunda-feira era algo desesperadamente doloroso e o regime

era duro para nós dois. Stephen era suficientemente capaz de cuidar de si

mesmo para lidar com as coisas da casa e viver lá, mas todas as noites, a não ser que ele fosse convidado para sair, ele tinha de fazer a longa caminhada, descendo a King’s Parade sozinho para comer na universidade.

Nossa amiga australiana, Anne Young, mantinha-se infalivelmente atenta na janela enquanto ele passava do outro lado da rua e, geralmente, um ou

outro companheiro mais jovem ia vê-lo em casa após a refeição, quando ele

me telefonava para me informar como tinha sido seu dia.

Minha rotina era exaustiva. Eu partia para Londres todas as manhãs de

segunda-feira e passava a semana em Westfield e depois, todas as tardes de

sexta-feira, eu me juntaria com os passageiros de volta uma vez mais. Na minha ansiedade de chegar à casa em Cambridge, para estar com Stephen –

e com Nikolaus Pevsner, o professor de arquitetura renascentista, para assistir às suas palestras de sexta-feira sobre o tema, ao qual nós dois, Stephen e eu, assistíamos juntos – eu roía minhas unhas conforme

observava os minutos passar enquanto estava no metrô, imaginando

quanto tempo o trem demoraria no túnel, temendo perder a conexão para

Liverpool Street. Nos anos seguintes, meus piores pesadelos eram em relação a ficar presa em um túnel no metrô.

Durante a semana, a pressão estava em: fazer as traduções do espanhol,

ensaios e apresentação de seminários que todos deveriam apresentar no prazo e o único tempo que eu tinha era o período da noite. Os fins de semana eram dedicados às compras, lavar roupa, cuidar da casa e escrever

a tese de Stephen, a qual ele desenvolvia durante a semana com sua escrita

que já era praticamente ilegível, além de juntar com as partes que ele havia ditado para mim enquanto eu estava sentada na nossa nova e brilhante mesa de jantar na sala de estar. As aprendizagens do curso pré-

universitário de secretariado estavam ali, sinalizando seus frutos. A taquigrafia foi moderadamente útil para tomar notas em palestras, mas a datilografia estava se provando uma dádiva de Deus em apresentar as leis

da criação, uma vez que nos economizou um bom dinheiro em honorários

profissionais que teríamos precisado contratar. A tese que vislumbrei primeiro em Cornell – com suas equações e seus sinais, símbolos e coeficientes, inscrições gregas, números acima e abaixo da linha e infinitos e não infinitos universos – levaram-me à distração. Seja como for, uma vez

que se tratava de uma tese científica, o fato de ser curta foi uma singela benção. Além disso, eu sentia uma pequena satisfação de saber que meus dedos estavam sendo consignados para descrever os primórdios do

universo no papel. O pensamento de que todos esses números codificados,

essas letras e esses sinais misteriosos penetravam nos segredos daquele profundo infinito negro do universo era inspirador. Ficar insistindo sobre a dimensão poética do tema por muito tempo foi contraproducente, porque

isso distraía a concentração de todos aqueles pontinhos e hieróglifos acima

e abaixo das linhas, e qualquer um que se extraviasse poderia ter jogado os

primórdios do universo numa horrível confusão e perturbar toda a ordem

da criação.

Eu não estava tão orgulhosa, apenas por ser capaz de dar uma

contribuição própria que não simplesmente a pura digitação mecânica. O

inglês de Stephen deixava muito a desejar. Seu discurso era repleto de expressões como “você sabe” e “eu quero dizer” e seu estilo de escrita mostrava pouca preocupação com o idioma inglês. Como filha de um

dedicado funcionário público, eu tinha aprendido desde cedo a usar a linguagem com precisão, com apreço à clareza e sua riqueza. Ali era um lugar onde eu poderia juntar forças com Stephen; eu poderia ajudá-lo no plano intelectual e não apenas no plano físico, bem como ajudar a preencher a lacuna entre as artes e as ciências.

Os fins de semana também se destinavam à compra de mais

equipamentos e mobiliários, para explorar Cambridgeshire e para ver os amigos. Certa vez, passamos toda a tarde de sábado em uma loja de eletroeletrônicos tentando decidir se poderíamos pagar, se cabia no nosso

orçamento, um adicional de cinco libras para adquirir uma geladeira maior

do que aquela que compramos antes. Considerando que o salário de

Stephen, como recém havíamos nos dado conta, foi para mil e cem libras por ano, enquanto a nossa despesa semanal e o aluguel da casa – sem contar as inúmeras outras despesas – fosse de dez libras, um extra de cinco

libras em qualquer compra era uma grande despesa. Nas tardes de

domingo, se o Mini pudesse ser liberado da garagem comum do Caius, nós

fazíamos um passeio a Cambridgeshire, visitando aldeias e igrejas, sempre

procurando uma casa ou um terreno adequado para comprar. Às vezes, nossas expedições tinham de ser abandonadas antes de começar porque o

Mini ficava tão preso por enormes Bentleys e Rovers, que só um guindaste

seria capaz de tirá-lo.

Numa tarde de domingo, depois de ter manobrado o Mini para fora da

garagem, nós tentamos visitar a propriedade local do National Trust, Anglesey Abbey. Como o estacionamento se encontrava a quase meio

quilômetro da casa, eu dirigi o carro ao longo da avenida arborizada até a

entrada principal, esperando uma recepção simpática do meu passageiro parcialmente deficiente. Na verdade, nós fomos recebidos com uma rude intolerância e fomos mandados embora. Fomos diretamente para casa e eu

escrevi minha primeira carta de protesto em fúria, não só pela falta de instalações para deficientes físicos na Grã-Bretanha, bem como pelo

desrespeito com que fomos tratados, iniciando assim, um papel para mim

mesma como militante da causa para portadores de necessidades especiais.

Muitas vezes, em nossas excursões de domingo à tarde, que aconteciam

na hora do chá, acabávamos nas imediações de alguns dos nossos amigos casados, e apegados à ilusão da espontaneidade da vida estudantil, íamos visitá-

los. Um pouco mais velhos do que nós, muitos desses amigos já tinham seus primeiros bebês. Consequentemente, nós nos encontrávamos

cada vez mais atraídos para o padrão de uma vida doméstica, em especial

quando me tornei uma fascinada e um pouco confusa madrinha de dois dos

referidos bebês. Stephen também estava sendo levado para outros círculos:

daqueles da Gonville e Caius. Uma noite de sábado, no início de outubro, eu

o acompanhei até a College Chapel para a iniciação de novos membros na

universidade. Por sugestão do capelão, assisti à missa na galeria do órgão e então ele me convidou, uma mera esposa vestida com roupa de faxina, para

jantar na High Table. Essa foi uma ruptura com o passado sem precedentes,

porque era uma regra estabelecida havia muito nas universidades de

Cambridge que as mulheres – especialmente as esposas – eram banidas da

High Table. A High Table era reservada para os membros da universidade

que cultivavam a autoimportância com o mesmo requinte cuidadoso e

primoroso que os simples mortais poderiam esperar de suas coleções de selos ou da criação de pombos-correios. A conversação deles girava em torno dos mais finos detalhes dos temas mais obscuros – os próprios assuntos, naturalmente, sobre os quais eles poderiam discorrer

longamente, evitando o constrangimento de ter de discutir assuntos sobre

os quais eles sabiam pouco ou nada. As amantes eram preferíveis a esposas

maçantes e tolas. Na verdade, um desses membros poderia convidar

qualquer mulher para jantar desde que ela não fosse sua esposa. É

desnecessário dizer, claro, que juntamente com as esposas, os estudantes universitários também eram banidos na High Table. Sem o conhecimento das

autoridades da universidade, seu capelão violou duas regras sagradas.

A iniciação de Stephen foi logo seguida por sua primeira participação em uma reunião do corpo diretivo da universidade. Antes que ele tivesse tempo para entender o que estava acontecendo naquela tarde de sexta-feira, encontrou-se profundamente envolvido na política da universidade.

Para sua confusão, ele parecia ter caminhado diretamente para uma

reencenação do romance de Charles Percy Snow, *The Masters*. A única pequena diferença é que, no romance, a disputa sobre o mestrado tem seu

lugar na própria universidade, enquanto as cenas de Stephen estavam acontecendo em Caius. Aqui era a vida que imitava a arte da maneira mais

extraordinária. Como Stephen descobriu após o evento, o ataque contra o

Mestre titular, Sir Nevill Mott, era que ele estava usando sua posição para

favorecer os próprios pupilos. Na época, era impossível dizer o que estava

acontecendo. O corpo dirigente estava em alvoroço, os ânimos estavam incandescentes e as acusações imoderadas estavam sendo arremessadas

para todos os lados. Como resultado de um rápido cálculo, Stephen teve a

desconfortável sensação de que os votos dos novos bolsistas seriam

decisivos – mas como eles não tinham a mínima ideia de em quem estavam

votando, seu padrão de votação foi inevitavelmente arbitrário. A iniciação

de Stephen com a política da universidade teve um final dramático, com a

renúncia do Mestre naquela mesma tarde.

Durante o curso do ano seguinte, as discussões desenfreadas sobre a crise diminuíram com o novo Mestre, Joseph Needham, que, afastando-se relutantemente da sua tarefa gigantesca de compilação da História da Ciência na China, levou a universidade de volta para um eixo de

estabilidade. Embora eu o achasse seco e conciso, sem contar a memorável

ocasião em que, depois de ter bebido vinho do porto após um jantar, ele expansivamente me alertou para nunca mais beber vinho francês doce –

Barsac e afins – por causa do alto teor de bissulfeto, sua honorável esposa

Dorothy foi de ajuda inestimável na obtenção de um ponto de apoio para mim nos círculos acadêmicos de Cambridge. Ela, não obstante todo o seu brilhantismo científico, foi uma das mais modestas e simpáticas pessoas do

meio acadêmico que já conheci.

— 10 —

UMA PAUSA DE INVERNO

COM A FORÇA DE SUA TESE, STEPHEN FOI GANHANDO UMA REPUTAÇÃO PARA SI MESMO

como um prodígio em seu campo. Em resposta à sua participação no

cobiçado Prêmio Adams com Roger Penrose naquele inverno, por um

ensaio em Matemática chamado *Singularidades e a geometria do espaço-tempo,* seu supervisor, Dennis Sciama, garantiu-me ter certeza de que Stephen tinha uma carreira de proporções newtonianas à frente dele e que

faria tudo o que pudesse para encorajar seu progresso. Ele era tão bom quanto sua palavra. Com toda a sua exuberância, Dennis Sciama

abnegadamente promoveu a carreira de seus alunos, em vez da própria.

Seu desejo de entender o funcionamento do universo era mais apaixonado

do que qualquer ambição pessoal. Por enviar seus alunos para fora em reuniões e congressos, quer fossem em Londres, quer no exterior, e fazendo-os examinar e produzir relatórios de volta sobre todas as

publicações relevantes, ele aumentou dramaticamente o próprio cabedal de

conhecimento, bem como o dos alunos, e conseguiu nutrir uma geração de

excepcionais cosmologistas, relativistas, astrofísicos, matemáticos e físicos teóricos. A distinção entre esses vários termos nunca foi bastante clara para mim, a não ser que as identidades se alteravam de acordo com os títulos das conferências: todos se tornariam astrofísicos se a próxima reunião fosse um Congresso de Astrofísica, ou relativistas se fosse uma conferência sobre Relatividade Geral, e assim por diante. Naquele outono os relativistas da conferência de julho em Londres começaram, de maneira

camaleônica, a adotar os adornos dos astrofísicos em preparação para a próxima conferência, em Miami Beach em dezembro.

Já era bastante avançado o ano quando Stephen descobriu que os

recursos financeiros estavam disponíveis para nós dois irmos para Miami.

Eu estava em dúvida sobre tirar algum tempo longe de Westfield, mesmo que eu só fosse faltar alguns poucos dias no final do período letivo, mas surpreendentemente o professor Varey não levantou objeções, então em uma tarde maçante de dezembro, depois de uma longa espera para o

nevoeiro levantar no aeroporto de Londres, decolamos. Já estava escuro na

Flórida quando chegamos, por isso foi apenas na manhã seguinte que descobrimos que nosso hotel dava direto na praia, com vista para as águas

azul-turquesa do Caribe. Por ter acabado de sair do frio e da umidade de Londres, após o trabalho duro de um ano letivo, fiquei maravilhada com a

irrealidade, com a improbabilidade da situação, como se eu tivesse entrado

em uma dimensão diferente, passado através do espelho, talvez. Essa impressão foi crescendo à medida que a estadia evoluía. O céu azul e o sol

eram certamente bem-vindos, em especial porque os acessos de falta de respiração estavam se tornando mais frequentes, e sua irmã Mary

sinceramente aconselhou-me a levá-lo para algum lugar quente durante o

inverno. Pelo menos, e por um feliz acaso, tivemos a possibilidade de ficar

uma semana ao sol.

No dia da abertura, Stephen, junto com seus colegas informalmente

vestidos, desapareceu nas sessões preliminares da conferência, enquanto eu explorava o local. O hotel, construído em uma curva em torno da piscina,

parecia notavelmente familiar.

Foi uma sensação de *déjà vu*, eu me perguntei, pois eu tinha certeza de que já vira esse hotel em algum lugar antes. De repente me dei conta de que

esse fora o hotel onde filmaram a abertura de *Goldfinger*, aquele filme de James Bond. Foi num quarto nesse hotel onde a garota havia morrido por

asfixia, depois de ter sido pintada de ouro da cabeça aos pés! O hotel Fontainbleau era uma estrutura moderna de concreto, com piso em

mármore, paredes de vidro e enormes espelhos que cobriam totalmente as

paredes. Em deferência ao seu nome, ele foi decorado em cada canto e recanto com mobiliário no estilo Luís XV.

Os móveis não eram a menor das incongruências, uma vez que a

conferência de Astrofísica foi uma grande incongruência em si. O pessoal bem vestido do hotel parecia claramente desconfortável com os delegados,

que não eram de nenhuma maneira modelos de elegância em suas camisas

de gola aberta, shorts e sandálias. Um dia me aventurei na sala de exposições, com a intenção de assistir durante um tempo a uma das palestras. No começo eu fiquei perplexa, não conseguindo ver nenhum rosto reconhecível na plateia e, em seguida, notei que a roupa dos congressistas não tinha relação com a roupa que os físicos estavam usando

no café da manhã, uma vez que essas pessoas estavam todas vestidas com

ternos escuros, gravatas, seu cabelo bem escovado e com brilhantina, sem

vestígio de barba. Ouvi o orador apenas por um momento antes de

perceber que se tratava de um congresso de diretores de funerárias judaicas que promovia caixões de plástico biodegradável.

Das cores exóticas e do sol do verão de Miami voamos no outono – para

Austin, Texas, uma pequena cidade universitária que em meados dos anos

1960 foi alardeada na imprensa como a casa dos melhores e mais

brilhantes estudiosos em Cosmologia. George Ellis, que viajou conosco de Miami, viera passar um ano em Austin com sua esposa, Sue, que conheci rapidamente no nosso casamento. Como nós ficaríamos com os Ellis por uma semana, aquela foi minha oportunidade de conhecer melhor os dois e

forjar o início de uma amizade que permaneceria ao longo da vida e que sobreviveria às vicissitudes de muitos episódios turbulentos na vida de cada um. Pensativo e reservado, George era o filho de um muito respeitado

ex-editor do *Rand Daily Mail*, um jornal bastante aclamado por sua resistência ao *apartheid* na África do Sul. Foi na Cape Town University que Sue, a filha de uma família tradicional de fazendeiros rodesianos, conheceu

George. Tanto George quanto Sue eram opositores ferrenhos do *apartheid* e tornaram-se autoeLivross políticos da África do Sul, e insistiam que nunca

poderiam pensar em voltar a viver lá. Enquanto George era pensativo e introvertido, Sue era extrovertida e vibrante e, ainda assim, sensível às necessidades dos outros.

Talentosa artista e escultora, ela exalava calor e criatividade,

qualidades que colocara à disposição de uma escola para crianças carentes

perto de Austin. Entre seus alunos estavam não apenas as vítimas de lares

desfeitos e de abuso físico, mas algumas eram até mesmo pequenas

crianças negras prostitutas que haviam sido resgatadas das favelas de Chicago e

trazidas para o Texas para reabilitação. Não era difícil imaginar o que uma Sue, ativa como era, deve ter sido para aquela escola em particular, porque tinha um jeito de fazer um fascinante artefato a partir de uma pequena torção de um papel, de um fio ou de um punhado de palitos

de fósforo, e sua simpatia carinhosa a tornou imediatamente popular entre

as crianças que, desde cedo, tiveram de aprender a desconfiar de adultos.

Na criação de uma estrutura para a sua vida no Texas, Sue parecia ser a

exceção e não a regra entre as esposas de cientistas. Para elas havia poucas coisas de interesse além dos manuscritos de Max Beerbohm e dos desenhos

animados na biblioteca da universidade, bem como as ruas cercadas de casas opulentas em uma paisagem dominada por bombas negras de

extração de petróleo parecidas com guindastes, que balançavam para cima

e para baixo enquanto extraíam o ouro líquido da terra amarela. O

sentimento de afastamento do resto da civilização era esmagador em um ambiente em que até mesmo a recepção de rádio era uma coisa sem muita

certeza. Essa sensação de isolamento foi reforçada pelo período de tempo,

a duração de vinte horas, que levou para Stephen e eu voltarmos para Londres via Houston e Chicago, onde ficamos retidos durante horas por causa de neve na pista.

Embora Stephen pudesse ter abrigado ambições de se juntar ao grupo

de físicos em Austin, uma experiência salutar me deixou mais do que feliz

em colocar os Estados Unidos para trás de nós mais uma vez, apesar de todas as vantagens do clima do sul. Fomos visitar amigos dos Ellis uma tarde de domingo, quando Stephen teve uma queda feia, que resultou em uma mancha de sangue expelida em sua tosse. Como seu maior medo era o

de danos cerebrais, ele insistiu para que nossos anfitriões chamassem um

médico. Sua consternação era notável. Eles estavam envergonhados que o

convidado tivesse sofrido uma queda, mas seria realmente inédito que algum médico fosse atender em casa, em especial em um domingo à tarde,

e eles duvidavam muito se seriam capazes de persuadir qualquer médico a

ir até lá. Depois de uma longa sucessão de telefonemas, eles foram finalmente colocados em contato com um clínico geral que, como uma exceção, concordou em ir e examinar Stephen. Quando ele chegou, recebeu

tratamento de rei, como era de esperar. Enquanto ele conduzia os exames,

que nada indicaram de errado, cheguei à conclusão de que os Estados Unidos eram um bom lugar para as pessoas saudáveis e bem-sucedidas, mas para os doentes, para as pessoas que, por motivos alheios à vontade mas através de acidentes de nascimento, ou doença, eram menos capazes

de se ajudar, aquela era uma sociedade cruel, na qual somente os mais aptos sobreviviam.

— 11 —

CURVA DE APRENDIZADO

NOSSO RETORNO À INGLATERRA, VINDOS DO TEXAS NA VÉSPERA DE NATAL,

ANUNCIAVAoutra mudança em nossa vida. Depois do Natal em St. Albans,

nós voltamos a Cambridge para retomar a residência, não mais no número

11 da Little St Mary’s Lane, mas no número 6. Nossa incansável apoiadora,

Thelma Thatcher, tinha telefonado para a dona da casa vazia no número 6,

uma senhora Teulon-Porter (“uma mulher estranha, meus queridos”), para

reclamar que era uma desgraça absoluta que a casa estivesse desocupada

em um momento de “escassez desesperada de acomodação para nossos

jovens”. A senhora Teulon-Porter respondeu ao apelo urgente ao pegar o primeiro ônibus para Cambridge desde sua casa em Shaftesbury. Apesar das dúvidas sobre sua estranha personalidade, a ela foi oferecida uma generosa hospitalidade na casa dos Thatchers, enquanto ela cuidava de sua

propriedade vazia.

A senhora Teulon-Porter era uma mulher pequena e grisalha, já em

idade avançada. Como Fräulein Teulon, ela fora para a Inglaterra na década

de 1920, havia comprado a casa número 6 na St. Mary’s Lane e depois se casara com seu vizinho do lado, o falecido senhor Porter. Tanto ela quanto

ele foram historiadores apaixonados do folclore e estiveram intimamente ligados ao Museu de Folclore de Cambridge, o que pode ter contribuído para a convicção da senhora Thatcher de que eles estavam envolvidos com

o ocultismo. Vários itens da casa testemunharam o seu interesse comum: uma runa anglo-saxônica, provavelmente do adro de uma igreja, foi

incorporada à lareira; a tela da porta era uma fatia escavada a partir do tronco de um olmo; a madeira de um carrinho de rodas fora convertida em

um banco pesado, curvo; a caixa de um cocheiro do século XVIII, feita de carvalho, tinha sido erguida e presa a uma parede para formar um pequeno

armário.

A senhora Teulon-Porter parecia inofensiva o suficiente para nós –

talvez porque ela fora tão bem tutelada por sua anfitriã no número 9, mas

sua casa, apesar de todas as adições típicas e sua localização ideal, pareceu-nos muito úmida e sombria, com cheiro de mofo e pegajosa com sujeira como nos livros de Dickens. A fachada em tijolo vermelho e estuque sugeria

que haviam sido feitas reformas eduardianas, enquanto os quartos da frente em todos os três andares eram datados do século XVIII, charmosos o

suficiente se alguém pudesse ignorar a sujeira. Os dois lances de escadas eram estreitos e íngremes, mas não representavam naquela altura

dificuldades intransponíveis. A parte dos fundos da casa, com vista para um

pátio sujo cercado por outras casas e um alto muro à volta, parecia estar à

beira de desabar, porque as fundações tinham afundado tanto que o chão

da cozinha e, correspondentemente, o teto da cozinha e o piso do banheiro

acima, tinham se inclinado em um ângulo alarmante. A senhora Teulon-Porter não pareceu considerar essa excentricidade algo perigoso, de

qualquer maneira. De acordo com uma placa na parede do lado de fora, John Clarke tinha idealizado aquela peça exemplar de engenharia em 1770.

Era necessária imaginação e a abordagem direta da senhora Thatcher

para nos convencer de que aquela realmente era a nossa casa dos sonhos.

Com certeza sua situação era perfeita. Os quartos da frente, diretamente opostos ao antigo poste de iluminação a gás, tinham uma visão completa do

adro da igreja, melancolicamente poética mesmo no inverno, e embora as

proporções do piso térreo tivessem sido bastante prejudicadas pela escada

da casa número 5, que avançava pela parede, os dois quartos eram mais do

que suficientes para as nossas necessidades.

– Meus queridos, tudo o que esta casa precisa é de uma demão de tinta,

vocês vão se surpreender com o que uma camada de tinta pode fazer –

declarou a senhora Thatcher com autoridade, determinada a não deixar seu

plano magistral ser perturbado por trivialidades.

Assim convencidos, entramos em negociações com a proprietária.

Stephen corajosamente fez uma oferta de duas mil libras pela propriedade.

Não surpreendentemente ela recusou, timidamente esticando um olho para

a senhora Thatcher que ela esperava conseguir pelo menos quatro mil libras no mercado. No entanto, ela concordava em deixar a casa para nós por quatro libras a semana, até que pudéssemos levantar as quatro mil necessárias para comprá-la. Nesse meio-tempo nós estávamos

praticamente livres para tratar a casa como se fosse nossa e redecorá-la à

vontade. O acordo seria satisfatório para todo mundo. A senhora Thatcher

conduziu sua convidada de volta à casa 9, onde a dobrou com quantidades

liberais de xerez, ou possivelmente gin, e a notícia seguinte que ouvimos foi que a senhora Teulon-Porter, antes de partir para Shaftesbury, havia concordado em ter o empoeirado galpão de carvão removido do quintal e

pintar a fachada da casa.

Como a casa já estava vazia, a senhora Teulon-Porter concordou em nos

permitir começar a redecorar o interior antes de nos mudarmos. Como a tese de Stephen estava agora no encadernador, o tempo que eu passara anteriormente a digitá-la nos fins de semana poderia ser dedicado à minha

próxima ocupação, a pintura da casa. Era algo gratificante, mas tinha pouca

ou nenhuma relação com os estudos de espanhol que eu deveria

supostamente estar revisando para os exames finais. No entanto, como a casa estava em um estado verdadeiramente deprimente e como não

podíamos nos dar ao luxo de ter um profissional para redecorá-la, eu não

tinha escolha, a não ser fazer isso sozinha. Armada com uma coleção de pincéis e uma oferta abundante de tinta branca, ataquei as paredes sujas da

sala de estar. Minha intenção era pintar as duas salas mais importantes, a

sala de estar e o quarto principal, antes de mudar de lugar e depois enfrentar o resto – o sótão, os dois lances de escadas, a cozinha e o banheiro – de forma mais gradual ao longo dos meses seguintes.

Como não gostava do cheiro de tinta, eu normalmente trabalhava com a

porta da frente aberta. Os Thatcher eram visitantes frequentes e

admiradores do meu trabalho, adulando-me com xícaras de chá e

comentários encorajadores. Um dia, o senhor Thatcher fez uma pausa

enquanto estava passando, inclinando ligeiramente a sua postura militar para olhar pela porta aberta.

– Devo dizer uma coisa – exclamou. – Você parece uma coisinha tão frágil, mas, por Deus, deve ser durona!

Do alto da escada sorri, lisonjeada com esse elogio vindo de um

veterano da Primeira Guerra que ainda trazia as marcas desfigurantes daquele conflito em seu rosto magro. Poucos dias depois, foi-nos dito que

os Thatcher tinham decidido pagar ao seu homem de manutenção e que fazia tudo para pintar o teto da sala de estar para nós. “Esse é o presente de boas-vindas de Billy para os nossos novos vizinhos”, foi a maneira de Thelma Thatcher descrever a extraordinária generosidade de seu marido.

O faz-tudo dos Thatcher, uma versão um pouco corpulenta de John Gielgud,

era um artista aposentado que preenchia seu tempo com a pintura em larga

escala em prédios e casas, enquanto sua esposa tocava uma loja de impressão em King’s Parade. Ele era um homem amável que, eu suspeitava,

divertia-se muito com minhas tentativas iniciais de empunhar um pincel.

De fato, sob suas benevolentes aulas, logo aprendi muitos dos truques de seu ofício, como começar a pintar uma parede de cima, ou aplicar o pincel

em movimentos circulares sobre uma superfície irregular, ou usar um pincel

mais duro para a moldura da janela.

A reputação de Stephen em círculos relativistas podia estar

rapidamente ascendendo a escada da fama por causa de sua busca de singularidades, mas o meu avanço na aprendizagem estava exibindo uma igualmente vertiginosa, embora mais errática, série de altos e baixos: impulsionada para cima por doses intensivas de línguas medievais e

modernas, Filologia e Literatura durante a semana, e trazida para baixo por

um curso intensivo sobre as habilidades de decoração de interiores, aos sábados. Finalmente, quando comecei a concluir que a área da parede e do

teto ainda a ser coberta era um pouco mais difícil do que eu imaginava, nós

avaliamos que poderíamos nos dar ao luxo de pedir ao pintor que pintasse

a cozinha para nós, uma tarefa particularmente desagradável uma vez que

a gordura e a sujeira eram provavelmente tão antigas quanto a casa.

Embora meus pais tivessem apenas acabado de se mudar para sua nova

casa, eles e meu irmão Chris vieram para Cambridge um fim de semana, no

começo de 1966, para redecorar o quarto do último andar da casa e, em um

sinal da sua vontade de ajudar, o pai de Stephen separou um dia em suas

viagens para pintar o banheiro enquanto eu aplicava uma demão de

esmalte na velha banheira lascada. Então, de maneira mágica, justificando

totalmente as convicções de Thelma Thatcher, a nossa casa do século XVIII

em ruínas adquiriu o ar de uma bem desejável habitação, e na

transformação os ângulos de seus pisos e tetos tinham se tornado

simplesmente uma excentricidade. Nossas poucas peças de mobiliário, que

vários colegas de Stephen carregaram pela distância correspondente à largura de cinco casas, couberam perfeitamente – apesar de, é claro, quando nós as compramos não tivéssemos considerado o tamanho de

outro imóvel.

Orgulhosos da restauração de nossa pequena casa, Stephen e eu

decidimos que o novo tesoureiro da Caius devia receber uma nova visita, especialmente porque Stephen estava agora começando a se sentir mais seguro do seu lugar na hierarquia da universidade. Logo no início do novo

ano, enfrentamos a anual Noite das Senhoras, a Bishop Shaxton's Solace, quando as esposas eram oficialmente bem-vindas nos recintos

universitários e, em seguida, eram homenageadas com um banquete, como

se fosse uma compensação pelo desprezo com que eram tratadas durante o

resto do ano. O Bispo Shaxton tinha, no século XVI, legado a soma generosa

de doze xelins e seis pence para o consolo de cada sujeito que tivesse de passar o Natal em casa e não na faculdade. O equivalente em termos modernos de doze xelins e seis pence por cabeça seria suficiente para proporcionar um generoso jantar de cinco ou seis pratos com quantidades

ilimitadas dos melhores vinhos para o camarada da confraria e seu cônjuge.

Como de costume, a refeição consistiria de sopa, uma lagosta inteira, uma

ave de caça indefinida – normalmente servida completa, com cabeça e membros – um pudim cremoso substancial, um queijo salgado e depois, é

claro, na sobremesa, o famoso porto – ou clarete – que a tradição exigia só

deveria ser passado no sentido horário ao redor da mesa. Em teoria, era um

magnífico jantar, mas na prática os salões nas universidades tendiam a ser

locais com correntes de ar, e geralmente, a comida estava fria antes de chegar à mesa. Nossa primeira experiência nesse banquete foi de arrepiar,

não só por causa da temperatura da comida, do vinho e do salão.

Estávamos sentados na mesma mesa que o ex-tesoureiro – aquele que

tinha arrogantemente indeferido o pedido razoável de Stephen para uma descrição do cargo antes do nosso casamento. Isso já era ruim o suficiente,

mas nosso desconforto foi agravado por nos terem colocado em uma

extremidade da mesa. Após a refeição, provada em um silêncio gelado, uma

banda de idosos surgiu das sombras e começou a tocar foxtrotes

antediluvianos. Eu nunca havia aprendido a dançar o foxtrote, mas o advento dos Beatles cortou meu breve flerte com a dança de salão, e agora

eu só podia assistir na triste frustração quando nossos companheiros de jantar que não abriram a boca nos abandonaram em troca da pista de dança – parecendo guarda-chuvas pretos enrolados, dirigindo suas

submissas esposas, vestidas de saias rodadas e exibindo habilmente uma precisa e bem cuidada série de trabalhos com os pés. Eu tinha vinte e um

anos: ao meu redor nossos companheiros de jantar estavam em seus

quarenta e cinquenta anos, se não nos sessenta e setenta. Era como se tivéssemos sido impelidos para uma cultura geriátrica na qual nossa geração foi deliberadamente esnobada como irrelevante.

O único consolo era que Caius, como uma das mais ricas, e mais

solidamente baseadas faculdades, provavelmente poderia se dar ao luxo de

nos emprestar alguns milhares de libras, sem que esse empréstimo

causasse impacto nas contas da faculdade. Estávamos bem conscientes de

que nenhuma sociedade sequer começaria a considerar a casa para uma hipoteca, mas Stephen, decidido por causa de seus encontros anteriores no

escritório da tesouraria, achou que seria perfeitamente razoável entrar com uma

requisição de empréstimo na universidade para que pudéssemos

melhorar nossa oferta para a senhora Teulon-Porter. Enquanto ele estava

com o tesoureiro, sentei-me à espera na antessala e abordei um assunto delicado com o senhor Clarke, o assistente da tesouraria de cabelos brancos, muito mais amável do que o próprio tesoureiro. Minha discussão

começou na natureza de uma queixa. Por que, perguntei ao senhor Clarke,

ele tinha enviado a Stephen os formulários de candidatura para uma pensão da universidade algumas semanas atrás, quando era de

conhecimento comum que a vida de Stephen ia ser tão drasticamente

abreviada que, com toda probabilidade, ele não se qualificaria? Não tinha sido um pouco cruel demais ele ter enviado esses formulários? Stephen tinha dado uma olhada neles e, com um gesto cansado, tinha empurrado todos para o lado, não querendo pensar em arranjos para um futuro que outros poderiam estar ansiosos para ter, mas que lhe seria negado.

O senhor Clarke não se desculpou por nenhuma insensibilidade; muito

pelo contrário, ele balançou a cabeça como se fosse incapaz de

compreender meu problema.

– Bem, senhorita, eu só segui as instruções – disse ele, virando os olhos

azuis brilhantes em mim debaixo de sobrancelhas brancas. – As instruções

são para enviar os formulários a todos os novos bolsistas, tendo em vista que todos os novos bolsistas têm, por direito, uma pensão da universidade.

Seu marido é um deles, então ele tem direito a uma pensão da

universidade, assim como o resto dos rapazes. Tudo o que ele tem de fazer

é assinar os formulários para estabelecer seus direitos. – Suas palavras ainda soavam em meus ouvidos quando ele acrescentou casualmente, como

se fosse uma reflexão tardia. – Não há necessidade de nenhum exame médico ou qualquer coisa desse tipo, se é nisso que você está pensando.

Eu mal podia acreditar no que ele estava dizendo. Essa era uma área que, em nossa ignorância, havíamos tacitamente rejeitado como inaplicável

para nós. Agora eu estava sendo informada de que tudo poderia ser resolvido com uma simples assinatura e, além disso, esse fato nos

asseguraria um conforto em que nenhum de nós jamais havia pensado

antes – ou seja, a segurança. Para uma tarde apenas, nós dois tínhamos sido

notavelmente bem-sucedidos e, através do nosso sucesso, tínhamos

descoberto esse novo objetivo na vida, a segurança, que de repente assumiu uma reconfortante importância. Stephen tinha persuadido o

tesoureiro a enviar o inspetor da Universidade para avaliar a casa, com vistas a garantir um empréstimo, e eu tinha assegurado os direitos de Stephen a uma pensão. Com um empréstimo para comprar a casa e uma pensão, nosso bem-estar ganharia duas âncoras firmes em um mundo, de

outra forma, incerto.

O inspetor veio avaliar a casa em uma manhã ensolarada de primavera,

quando o pátio da igreja estava explodindo em uma profusão de flores amarelas. Nosso otimismo logo se reprimiu diante do rosto seco e

impassível do inspetor, e quando ele lançou seu resumo verbal em seu relatório, nossas esperanças foram frustradas além da medida. O homem nos deu a forte impressão de que estávamos desperdiçando seu tempo, chamando-o para uma missão tão absurda. Seria possível que não

enxergássemos que a parte de trás da casa estava caindo? E, como se isso

não bastasse, o sótão do terceiro andar era um definitivo foco de incêndio.

Ele não correria o risco de dormir lá em cima, ou mesmo utilizar aquele andar

como um estúdio, nem aconselharia nenhuma outra pessoa a fazê-lo.

A casa de duzentos anos de idade não era, em sua opinião, uma compra inteligente. Em todo caso, havia tantos projetos de construção de estradas

em um futuro próximo que ele não ficaria surpreso se toda a quadra fosse

demolida para dar lugar a uma nova estrada de acesso ao centro da cidade

vindo do oeste. Ele não poderia recomendar a propriedade como um

investimento para a universidade.

Stephen estava furioso com esse veredito tão míope, mas apesar de

seus protestos veementes, o tesoureiro aceitou o relatório. Algum tempo depois, quando estávamos dirigindo perto do terreno do escritório do inspetor, que ficava do outro lado da cidade, Stephen bradou indignado, apontando para o local. Como a nossa casa, o edifício se erguia em três andares, mas numa escala maior, alguns bons metros mais altos que a nossa. O terceiro andar estava, obviamente a julgar pela iluminação perceptível, sendo usado como escritório ou um espaço para um estúdio.

Além disso, a propriedade estava caiada e inchada, inclinada

pitorescamente na forma de um decrépito edifício do século XVI. Ele fez a

nossa pequena casa do século XVIII parecer positivamente moderna e bem

conservada. Não havia solução imediata para o problema, exceto, talvez, economizar o máximo de dinheiro que pudéssemos para fazer um depósito

para uma hipoteca sobre uma casa nova. Um sistema começou a evoluir na

medida em que Stephen ganhou o dinheiro por meio de salário, de aulas e

de concursos de ensaios científicos, e eu, na contramão da tendência nacional de extravagância imprudente incentivada pelo governo Macmillan,

cuidava das finanças da família, pagando as contas e poupando o máximo

possível através de cuidadosa economia doméstica. Deliciosas tiras de bacon vinham a um xelim e seis pence do antigo Sainsbury, com seus balcões de mármore e filas intermináveis; fígados de pato, de Sennit, eram

nutritivos e baratos; o mercado provou ser uma verdadeira cornucópia de

frutas e legumes frescos; e o açougueiro local me apresentou a cortes baratos de carne – pata de porco e ombro de cordeiro nunca custavam mais

do que cinco xelins e não eram nenhuma desgraça na mesa de jantar quando entretínhamos nossos novos amigos da faculdade e do

Departamento.

O governo trabalhista eleito em 1964 tinha herdado dos Conservadores

o legado dúbio de uma nação envolvida em uma gigantesca farra de gastos.

Na primavera de 1966, depois de ter exercido meu direito de voto pela primeira vez, fiz parte das multidões no Market Square para saudar o sucesso do candidato trabalhista na eleição, que havia sido convocada para

aumentar a maioria governamental. Infelizmente, nosso novo membro do Parlamento, Robert Davies, morreu no exercício do mandato e o governo trabalhista foi chacoalhado por problemas econômicos que se acumulavam,

greves frequentes e a constante preocupação com a crise da “balança de pagamentos”, a frase econômica da moda nos anos 1960. Com uma moeda

em queda, a Grã-Bretanha estava sendo obrigada a abrir mão de seu papel

como potência mundial. Os noticiários foram dominados como nunca antes

pela economia, enquanto o pano de fundo internacional da guerra no Vietnã e das tensões que aumentavam no Oriente Médio ameaçou dar

origem ao confronto de superpotências que desencadearia as forças dos arsenais nucleares de ambos os lados.

Stephen, entretanto, tinha descoberto uma maneira de ganhar mais

dinheiro e aperfeiçoar-se no processo. Ele queria estudar Matemática na Universidade de Oxford, mas seu pai tinha sido convencido, erroneamente,

como se provou, que não haveria empregos em Matemática no futuro.

Consciente de que ele já havia decepcionado seu pai, não mostrando nenhum interesse por Medicina, Stephen tinha se comprometido,

concordando em estudar Física. Quando ele veio para Cambridge como

estudante de pós-graduação, ele tinha apenas formação básica em

Matemática. Como ele já estava trabalhando com Roger Penrose, um

matemático exemplar, sentiu-se em desvantagem, mas chegou à feliz

solução de ser pago para aprender Matemática ao supervisionar as aulas da

disciplina na graduação da Gonville e Caius College. Não é preciso dizer que seu progresso ultrapassou em muito o de seus alunos, cuja falta de aplicação ele considerou frustrante, como apontou nos relatórios de final de período que eu datilografei seguindo seu ditado. Com Brandon Carter, ele também participou de algumas das palestras de graduação em

Matemática, em particular o curso dado pelo genial mestre do Pembroke College, Sir William Hodge. Durante o curso da palestra, o resto do público

gradualmente foi embora, deixando Sir William dando sua palestra para apenas três ouvintes, Stephen, Brandon e outro colega, Ray McLenaghan.

Eles lamentaram não terem tido a oportunidade de escapar mais cedo, mas

como sua ausência teria sido extremamente visível, eles se sentiram obrigados a permanecer.

Deve ter sido durante o meu último ano em Londres que um tio de Stephen, Herman Hardenberg, um psiquiatra com consultório na Harley

Street, passou longo período no hospital em St. John’s Wood, na mesma rua

de Westfield, sofrendo de um problema no coração. Eu costumava visitá-lo,

por vezes, à tarde, quando as palestras e os seminários do dia tinham acabado. Herman, o marido da tia de Stephen, Janet, ela mesma médica, era

um homem charmoso e gentil, muito culto e que gostava de falar sobre os

assuntos que me interessavam, em particular sobre a poesia dos

trovadores provençais, o tema do meu ensaio especial para os exames finais. Ele tinha estado lendo *A alegoria do amor*, de C. S. Lewis, e naturalmente, aproximou-se das tensões da poesia – onde o poeta amante

definha por sua amada inatingível – pelo ângulo psicológico. Então, nossa conversa se voltaria para temas familiares: eu contei a ele sobre a nossa vida em Cambridge e nosso trabalho na casa.

– Espero que os Hawking a estejam tratando bem – ele disse certa vez

cautelosamente, fazendo segredo de sua desconfiança quanto àquela

família. Eu acalmei seus temores. Disse que os Hawking eram excêntricos,

estranhos mesmo, e isso era bem conhecido; o fato de eles serem distantes,

convencidos de sua superioridade intelectual sobre o resto da raça

humana, era também amplamente reconhecido em St. Albans, onde eles

eram vistos com um misto de desconfiança e temor. Havia explosões e irritações e havia tensões no ar no momento do nosso noivado e

casamento, mas estes eu avaliei como parte do teor geral da vida familiar.

Eu não tinha razões substanciais para reclamar da maneira como eles me

tratavam. Na verdade, como eu disse a Herman, eles sempre me pareceram

muito contentes por ver Stephen e eu juntos, e sempre nos acolheram calorosamente na Hillside Road.

UM FINAL INSIGNIFICANTE

COM A APROXIMAÇÃO DO VERÃO, AS ÁRVORES E AS PLANTAS NO ADRO DA IGREJA

competiam pela atenção de moradores e transeuntes em uma exibição

desenfreada de cor e perfume. Sucessivos grupos de turistas,

principalmente norte-americanos, viriam passear descendo a rua. Muitos deles pressionariam o nariz em nossas janelas na tentativa de espiar pelas

cortinas e ver como era elegante o interior da casa. Contudo, nem todos foram sensíveis à beleza do ambiente: tinha aquele menino pequeno que anunciou em voz alta aos seus pais enquanto eles passeavam:

– Puxa, mamãe, eu não gostaria de viver aqui: o Espírito Santo pode vir

pra cima e levar a gente!

Eu não podia me permitir gozar das recém-reveladas belezas de nosso

entorno. Além de uma breve celebração pelo doutorado de Stephen em março, cada precioso momento livre era dedicado às revisões – em

Londres, na biblioteca da faculdade durante a semana, em Cambridge com

meus livros espalhados em volta de mim no sótão nos fins de semana ou,

naquela Páscoa, em St. Albans, onde passamos os feriados tranquilamente

com meus pais.

Na casa dos Hawking, em contrapartida, havia certa aflição. A irmã mais

nova de Stephen, Philippa, tinha sido recentemente levada para o hospital

em Oxford, por razões que não foram divulgadas para mim. Compartilhei a

preocupação de Stephen para com ela e queria visitá-la, ingenuamente esperando que talvez, finalmente, ela e eu fôssemos capazes de resolver algumas dessas

perturbações obscuras que se estabeleceram entre nós, tendo em vista que ela era minha cunhada. Como eu amava Stephen, eu queria me dar bem com sua família, gostar deles e de ser amada por eles, e

não conseguia perceber o motivo de esse relacionamento em particular ser

tão difícil. No dia marcado para nossa visita, no entanto, a mãe de Stephen

me disse, em termos inequívocos, que Philippa queria ver apenas Stephen,

não a mim, explicando que ninguém, muito menos Philippa, queria

perturbar "essa coisa (provavelmente nosso casamento) entre Stephen e você". Como Stephen não disse nada para amenizar o efeito da grosseria de

sua mãe, eu estava a ponto de ir para casa em lágrimas em busca de meus

pais, mas então o velho Ford Zephyr não pegou e, em uma súbita

reviravolta nos acontecimentos, eu me vi levando Isobel e Stephen para Oxford em nosso Mini.

Enquanto o resto do grupo foi fazer a visita, passei a tarde na sala de espera, fazendo uma revisão do grande poema épico medieval baseado nas

façanhas no exílio do herói, *el Cantar de Mío Cid*. O tempo passou depressa quando me vi absorvida pela psicologia sofisticada do poema do final do século XII, que habilmente entrelaça duas vertentes principais temáticas em sua textura: a imagem pública do guerreiro invencível e a face privada

do marido e pai dedicado. Quando o Cid vai para o exílio, o poeta descreve

sua angústia durante a despedida de sua família como "o rasgar do prego

na carne". Mais tarde, o poeta documenta quantas tentativas do herói para

ser generoso e encorajador para seus genros covardes são mal

interpretadas e viram-se contra ele. Esse conto épico, como um sussurro distante que sopra ao longo dos séculos, falou sobre a complexidade e a imprevisibilidade da mente humana. Mesmo no século XII, a distinção pungente

entre a vida privada do herói e sua imagem pública era vista como um conceito autêntico.

Em nosso retorno vindos de Oxford, não foi feita mais nenhuma

referência ao episódio daquela manhã. Na tradição da família, aquilo foi varrido para debaixo do tapete com muitos outros restos empoeirados de

violência psicológica e outros detritos de ordem emocional, considerados demasiadamente insignificantes para merecer qualquer consideração

nessa atmosfera rarefeita, em que as questões emocionais nunca foram discutidas por causa da ameaça que poderiam representar ao intelecto. Foi,

por conseguinte, uma surpresa, pouco antes do início de meus exames finais, quando recebi uma carta de Philippa, que me escreveu em letras minúsculas. Ela lamentou as diferenças que poderiam ter existido entre nós, mas aguardava com expectativa um melhor relacionamento no futuro,

assegurando-me que ela respeitava o meu desejo “de tentar amar Stephen”.

Embora eu tenha respondido sinceramente a essa carta, fiquei tão perplexa

com aquele comentário como minha mãe tinha ficado alguns meses antes,

quando o rumor tinha alcançado seus ouvidos, de que os Hawking estavam

pensando em se mudar para Cambridge para montar uma casa lá para

Stephen. Eles não esperavam que o casamento fosse durar, ela perguntou

indignada. Fiquei confusa com essas ocorrências e me perguntei por que a

família de Stephen, entre todas as pessoas, parecia tão empenhada em minar nosso relacionamento e a nossa felicidade, especialmente quando ele

era dependente de mim para grande parte de sua existência cotidiana.

Como se para confundir os céticos, estávamos mais próximos do que

nunca na semana de provas finais. Stephen veio a Londres para me dar apoio

moral e ficou no meu quarto no último andar trabalhando em seus teoremas de singularidade e, de tempos em tempos, mergulhando em

traduções das grandes obras da literatura espanhola – entre elas *La Celestina*, de Fernando de Rojas, o protótipo de *Romeu e Julieta* com a sua antiga cafetina, Celestina, um dos mais divertidos personagens da literatura medieval espanhola – enquanto eu saía a cada manhã para a sala de exames. Após a sessão da tarde, Stephen e eu íamos passear em Hampstead

Heath ou nos jardins de Kenwood, em busca de refúgio das cãibras do escritor e do cansaço mental. Visitamos também a minha muito amada tia-avó, Effie, tão irrepreensível como sempre em seus quase oitenta anos e ainda vivendo sozinha em sua casa grande em Tufnell Park. No final da semana eu estava dando passos largos, mas os exames já estavam quase no

fim. Senti uma sensação enorme de anticlímax em vez de alívio. Os temas

que eu havia revisto e estudado tinham se mostrado vagos e imprecisos, e

eu sabia que receber a graduação máxima, que era o que se esperava de alguém com o sobrenome Hawking, se provaria tão impreciso quanto.

Com o último floreio da caneta na última página do último trabalho dos

exames finais, fechei irrevogavelmente os meus tempos de estudante. O

último disco dos Beatles, *Revolver*, que Stephen tinha me dado pelo meu aniversário, parecia tristemente incongruente. Não houve festas, nem

celebrações, apenas algumas despedidas precipitadas antes de pisar

definitivamente na minha outra existência e partimos no carro para nos encontrar com Roger Penrose, que nos guiaria até sua casa em Stanmore para jantar com sua família. Paramos no estacionamento da estação de Stanmore para Roger pegar seu carro, um velho Volkswagen azul.

Imperturbável ao ver todos os pneus vazios, Roger levou o carro para uma

garagem na esquina onde ele encheu a todos. Quando chegamos à sua casa

térrea no final de uma rua sem saída, e longe da agitação das mansões adiante, fomos recebidos de forma entusiástica por Joan e por seus dois filhos pequenos, Christopher e Toby, que havia sido bebê de colo em Cornell no verão anterior. Agora, aos dezoito meses, ele estava andando muito bem e expressava sua contagiante alegria de viver correndo por toda

a extensão da sala em velocidade, com um biscoito na mão, deixando uma

trilha de migalhas em todo o tapete azul-marinho. Logo ele estava

arremessando sua pequena pessoa em uma poltrona, trepando no braço da

cadeira e, em seguida, pulando. Alegremente despreocupados com essas brincadeiras, Roger e Stephen entraram na discussão inevitável sobre a matemática da Física.

Os resultados dos exames finais foram mais ou menos como se

esperava, não brilhantes, mas bons o suficiente para me permitir começar a

trabalhar para o doutorado. De minhas observações sobre a dinâmica da vida em Cambridge, eu pude ver que o papel de uma esposa – e,

possivelmente, uma mãe – era uma passagem de ida para as trevas

exteriores, e que era essencial que eu preservasse minha identidade.

Mesmo que houvesse movimentos em andamento para admitir as mulheres

em certas faculdades para homens mais esclarecidos, havia inúmeras

mulheres bem qualificadas, mas infelizes em Cambridge, cujos talentos individuais tinham sido totalmente desconsiderados e desprezados por um

sistema que se recusava a reconhecer que esposas e mães poderiam ser capazes de manter uma identidade intelectual própria.

Meus deslocamentos semanais para Londres tinham chegado ao fim

nem um pouco cedo, porque Stephen precisava da minha ajuda mais e mais. Como ele precisava se apoiar em meu braço aonde quer que fosse, eu

caminhava com ele para o Departamento todas as manhãs, levava-o para casa para almoçar, coisa que – como qualquer outra refeição – tinha de consistir em carne e dois tipos de legumes para satisfazer seu enorme apetite, e iria buscá-lo novamente à noite. Todas as ideias de perseguir uma carreira no Ministério das Relações Exteriores há muito tinham sido relegadas ao passado, mas mesmo um trabalho simples ou mesmo um

curso de formação de professores estavam fora de questão, uma vez que minha presença era tão óbvia e constantemente exigida no pequeno círculo

do Departamento de Matemática Aplicada, na Little St Mary's Lane e na cozinha. Um doutorado parecia ser a solução ideal. Eu poderia facilmente adaptar minhas horas de estudo na biblioteca da universidade e meu trabalho em casa com a agenda de Stephen. Além disso, eu era elegível para

uma bolsa de estudos, o que seria um bônus muito bem-vindo.

A literatura do período medieval foi uma área de pesquisa que me

atraiu, mas como nossas circunstâncias não me permitiam viajar para bibliotecas remotas em busca de manuscritos empoeirados, eu não poderia

esperar editar um texto até então desconhecido. Minha pesquisa teria de assumir a forma de um estudo crítico, utilizando textos já publicados, o que não seria difícil, considerando os serviços disponíveis em Cambridge. Eu continuei a ser registrada, no entanto, como uma estudante da

Universidade de Londres por várias boas razões, e a mais convincente era

que os Ph.Ds. de Cambridge estavam sujeitos a um limite de três anos, tempo bastante rigoroso, enquanto não havia essa restrição aos graduados

de Londres, e parecia improvável que eu fosse capaz de me dedicar de maneira ininterrupta à minha tese.

Não entrei em meu campo de pesquisa, a poesia lírica medieval da

Península Ibérica, de imediato, porque, em grande parte graças a Stephen,

outro tema havia surgido como assunto para um artigo de investigação

preliminar. Como resultado da leitura de *La Celestina* enquanto eu estava fazendo meus exames, Stephen tinha vindo com uma ideia brilhante que ele

me apresentou enquanto voltávamos para Cambridge, no final da semana dos exames finais. Se eu não tinha percebido, ele perguntou, que a tragédia

final da morte, destruição e desespero no drama foi precipitada pela rejeição da velha cafetina Celestina por um personagem menor, Parmeno,

um jovem que tem um complexo maternal em relação a ela? A ideia era fascinante, e ganhou a aprovação espantada de meu supervisor: e ele ficou

ainda mais espantado quando confessei que a ideia era de Stephen. Eu também estava espantada com seus poderes de percepção e invenção, que

poderiam se focar sobre a essência de um problema em qualquer campo, incluindo o meu. Minha tarefa era explorar e desenvolver a ideia e justificar o conceito freudiano quando aplicado a um texto que datava de 1499. O

mais gratificante aspecto do projeto é que era um tributo ao sucesso de nosso relacionamento: nós estávamos vivendo e trabalhando em harmonia,

apoiando um ao outro, participando de interesses um do outro, apesar da

disparidade dos nossos temas escolhidos, apesar das tentativas de nos separarem e apesar das dificuldades inevitáveis causadas pelo

agravamento da deficiência de Stephen. Nós ficamos muito felizes. Ambos

ganhamos confiança e coragem da força da nossa vontade e da confiança um no outro. Então, no início do outono, descobrimos que eu estava esperando um bebê.

— 13 —

OS CICLOS DA VIDA

SEGUINDO DE PERTO A CONFIRMAÇÃO DA GRAVIDEZ VEIO O TRISTE CUMPRIMENTO DE UMA das leis inevitáveis da natureza: a avó paterna de Stephen, a senhora Hawking, a quem eu tinha sido apresentada

apenas um mês antes, morreu

aos noventa e seis anos, enquanto os pais de Stephen estavam na China, em

uma excursão oficial no país no auge da Revolução Cultural. Naquele agosto, em uma viagem ao norte com Stephen, sua mãe e Edward para visitar seus velhos parentes, eu havia sido apresentada às tias idosas e solteiras de Isobel em Edimburgo e, em nossa viagem de regresso,

passamos a noite na casa ancestral dos Hawking em Boroughbridge, em Yorkshire.

No início do século XIX, o antepassado que tinha sido mordomo do

duque de Devonshire e construíra para si mesmo a grande mansão tinha também alterado o sobrenome do vulgar awkins para o mais nobre

Hawking. Aquele Hawking Chatsworth, com sua escadaria, seus tetos altos

e suas janelas enormes, tinha visto melhores dias. A pobre tia Muriel cuidava daquela grande casa sozinha, enquanto ao mesmo tempo, atendia

sua mãe com necessidades especiais, mas ainda imperiosa. Assim como a casa, a senhora Hawking era certamente uma sombra de sua *persona* anterior, mas não foi difícil perceber em suas feições enrugadas a determinação e a coragem da mulher que tinha criado cinco filhos e salvado sua família da falência. Ela morava no único cômodo da casa que ainda era aquecido e habitável, a sala de estar. Os outros quartos, incluindo o nosso, com sua cama de quatro colunas, eram frios, escuros, úmidos e um

pouco assustadores, apesar dos esforços da tia Muriel para torná-los um pouco mais confortáveis.

Enquanto os pais estavam fora, o irmão mais novo de Stephen, Edward,

ficou com meus pais. Quando ele chegou a Cambridge para passar um fim

de semana com a gente, viu-se, na tenra idade de dez anos, com a obrigação

de fazer o próprio almoço de domingo – sob as instruções de seu irmão, porque

de repente eu estava prostrada passando mal logo de manhã. Isso

durou todo aquele dia e o dia seguinte, e o próximo, e assim por diante, semana após semana. Uma amiga experiente sugeriu que a melhor cura para quando se passa mal de manhã seria uma xícara de chá logo antes de

se levantar. Isto era bom na teoria, mas na prática eu não poderia tomar uma xícara de chá sem me levantar para prepará-lo. Meus pais vieram em

meu auxílio com o presente de uma máquina de fazer chá. Depois disso, eu

me vi pouco perturbada por alguns dos efeitos da gravidez e fui capaz de retomar minha habitual rotina de estudos e voltei a escrever com vigor renovado.

Não houve falta de amigas prestativas, todas elas mães recentes, para aconselhar sobre os prós e contras de hospitais, enfermarias, tratamentos

de saúde, respiração profilática, aulas de relaxamento e amamentação.

Apesar de minha ignorância nessas questões, elas ainda deixaram seus bebês comigo para treinos na mudança de fraldas, mas tudo parecia muito

teórico, pois, em geral, a gravidez parecia tão simples e os bebês tão bem comportados. Eu estava convencida de que os bebês só comiam e dormiam,

choramingando um pouco de vez em quando.

Minha própria saúde era uma coisa simples em comparação com a de

Stephen, que estava começando a exigir algum acompanhamento mais de perto. Antes de partir para a China, Frank Hawking tinha lido em uma revista médica que a ingestão regular de comprimidos de vitamina B

poderia beneficiar o sistema nervoso, o que também poderia ser reforçado

com injeções semanais de uma preparação chamada hidroxocobalamina. A

vitamina poderia ser obtida mediante receita médica do doutor Swan, formado na mesma faculdade que o pai de Stephen, e com quem Stephen foi registrado em Cambridge – mas as injeções semanais eram mais um problema, uma vez

que o consultório médico ficava do outro lado de Cambridge e, na opinião de Stephen, uma manhã passada lá à espera de uma injeção seria uma manhã desperdiçada. Tentamos algumas vezes, para

a irritação crescente dele. Certa manhã, chegamos de volta à casa do consultório em torno do meio-dia para encontrar Thelma Thatcher na

alameda, vassoura na mão, envolvida em seu exercício diário de varrição da

rua e das calçadas. Percebendo nossos rostos desanimados, ela nos

chamou:

– Queridos, queridos, qual é o problema?

Expliquei, e ela veio imediatamente com uma solução.

– Ah, mas isso é fácil! Vamos pedir à irmã Chalmers para ver isso a caminho de Peterhouse!

Ela nos abraçou e em seguida entrou para fazer contato com a irmã Chalmers, que gentilmente nos tinha emprestado seu fogão a gás quando nos mudamos para lá. Por instigação de Thelma Thatcher, agora ela se vira

compromissada a aplicar a injeção de Stephen uma vez por semana, assim

que terminasse seu período na faculdade. Isso, em nossa casa, coincidia mais ou menos com o café da manhã.

Um problema similar surgiu quando as autoridades médicas sugeriram

fisioterapia regular para manter as articulações de Stephen alongadas e seus músculos ativos. Seus dedos já estavam começando a enrolar, e ele não podia mais escrever, a não ser para assinar o próprio nome.

Participamos apenas de uma sessão de fisioterapia no Addenbrooke, o novo hospital nos arredores de Cambridge, mas no final dela Stephen estava com tanta raiva que ele declarou que não desperdiçaria mais seu precioso tempo esperando para ser tratado. Foi Dennis Sciama quem veio

para ajudar nessa ocasião. Ele convenceu o Instituto de Física a patrocinar visitas domiciliares duas vezes por semana, de um fisioterapeuta particular de seu fundo de caridade. Foi assim que Constance Willis entrou em nossa vida.

Constance era uma daquelas valentes senhoras inglesas solteironas, feitas no mesmo molde da jovial e alegre Molly Du Cane, a líder do grupo de dança e folclore do St. Albans Folk Dance, uma pessoa aberta e simples em suas maneiras. Antes de vir alongar os músculos de Stephen às dez horas na terça-feira e na quinta-feira de manhã, Constance Willis visitava dois pacientes octogenários no Trinity College: senhor Gow, o eminente classicista, e o reverendo Simpson, ex-reitor da faculdade – principalmente para ajudá-los a colocar suas meias.

Entre elas, a irmã Chalmers e a senhora Willis minimizaram os inconvenientes na rotina de Stephen, habilitando-o a trabalhar aproximadamente às mesmas horas que qualquer um de seus colegas. Na realidade, embora ele pudesse chegar a seu escritório no final da manhã e mais tarde do que eles, normalmente Stephen trabalhava até mais tarde da noite também. Passaria longos períodos em profundos pensamentos, e muitas vezes nos fins de semana sentava-se silenciosamente em disputas com as equações que governam o início do universo, treinando seu cérebro para memorizar longos e complicados teoremas sem o auxílio de uma caneta ou de um papel.

– Mecânica celeste – diria o senhor Thatcher em tom de brincadeira. –

Suponho que o seu jovem marido esteja ocupado com sua mecânica

celeste?

Era isso que aconteceria se Stephen passasse por ele na rua sem

cumprimentá-lo, uma ocorrência comum que, juntamente com a relutância

de Stephen para fazer qualquer esforço de manter uma conversação banal,

tendia a ofender alguns dos nossos vizinhos mais sensíveis, ou conhecidos

e parentes, e por isso eu frequentemente tinha de pedir desculpas, explicando que Stephen tinha de colocar toda a sua concentração em permanecer na posição vertical.

As crises de enjoo matinal haviam me impedido de participar do

funeral da velha senhora Hawking em Yorkshire. Na verdade, eu nunca tinha estado em um funeral. Essa omissão, infelizmente, em breve seria corrigida.

Mary Thatcher, a única filha de nossos vizinhos, estava planejando uma

visita de estudos por tempo prolongado no Oriente Médio, onde ela ia dividir sua estadia de vários meses entre Israel e Jordânia. Pouco antes de

sua partida naquele outono, eu a vi caminhando ao longo da alameda de mãos dadas com seu pai, cujo ritmo se tornara mais lento e hesitante. Eles

desapareceram da vista no adro da igreja. Essa pungente visão de pai e filha me atingiu com força, pois parecia que nesses momentos preciosos eles estavam antecipando sua despedida final. Logo depois que Mary viajou, seu

pai adoeceu e foi levado para a casa de repouso, onde morreu algumas semanas depois.

Enquanto as folhas secas dançavam pelas ruas antes das pontadas do vento de dezembro, Stephen e eu ficamos de mãos dadas na parte de trás

da imponente e fria igreja da Santíssima Trindade, a Low Church que William Thatcher frequentava em preferência ao Alto Anglicanismo de

Little St Mary's. As palavras vibrantes do serviço de funeral, entoadas quando o caixão foi levado para a igreja, enviou um arrepio frio pela minha

espinha. Vendo e ouvindo aquilo, eu estava me sentindo assombrada pelo

paradoxo de que, de um só golpe, a morte tinha apagado todo o

aprendizado, as experiências, o heroísmo, a bondade, as conquistas, as lembranças daquela vida da qual estávamos ali nos despedindo, enquanto

dentro de mim eu estava carregando o milagroso início de uma nova vida,

uma página em branco na qual o longo processo de aprendizagem,

experiência, conquistas, memórias, tinha ainda de ser escrito. Ao meu lado

estava o pai da criança, jovem e vibrante, apesar do início da sua incapacidade. Sua saúde em geral era boa, e sua determinação de

aproveitar a vida ao máximo – e para ter sucesso na Física – vinha ganhando força a cada dia. A caminhada era difícil, os botões eram um incômodo, as refeições levavam mais tempo e o cérebro tinha assumido o

lugar do papel e da caneta, mas estes eram problemas mecânicos que invenção e perseverança conseguiriam superar. Era impensável que ele pudesse ser um candidato para a triste cerimônia da qual estávamos participando naquele dia. A morte era a tragédia da velhice, não da juventude.

A juventude é essencial para a própria existência de Cambridge, apesar

dos edifícios medievais e dos membros fossilizados que voltavam para casa

para pernoitar em seus cantos e recantos poeirentos. O magnetismo do lugar atrai onda após onda de jovens para três anos, ou se tiverem sorte para seis, e depois não hesita em ejetá-los para o mundo real, como se os

despertasse de um encantamento. Muitos dos nossos primeiros amigos já tinham

ido para cargos em universidades de todo o mundo, e seus lugares

foram logo preenchidos por recém-chegados, alguns semipermanentes,

alguns transientes. Um desses visitantes do outono foi nosso tranquilo amigo norte-americano, que havíamos conhecido em Cornell, Robert Boyer.

Ele fez apenas uma breve visita a Cambridge, e depois de uma sessão no Departamento veio jantar conosco. Ele falou sobre sua esposa inglesa e sua

filha pequena, e sobre o Vietnã, a principal preocupação dos norte-americanos naqueles dias, bem como sobre singularidades e Física.

Um dia, não muito tempo depois da visita de Robert, o rádio estava tocando as manchetes das notícias, enquanto eu estava preparando o

almoço e esperando Stephen voltar para casa. Desde seu retorno do Texas,

George Ellis tinha gentilmente trazido Stephen para casa na hora do almoço

a caminho para comer no Centro Universitário recém-inaugurado na frente

ribeirinha, no final da alameda. Ouvi atentamente enquanto a notícia principal falava de um ataque de atiradores em Austin, Texas. Um maluco

subiu ao topo da torre da universidade, de onde ele tinha atirado nos professores e alunos que atravessavam a praça mais abaixo. Uma das vítimas foi morta. A reportagem foi ainda mais terrível por causa da familiaridade da cena. Eu podia imaginá-la em minha mente e percebi de imediato que os tiros do atirador poderiam muito bem ter incluído alguns

dos nossos conhecidos. Mais tarde naquele dia, ouvimos que Robert Boyer

foi quem recebeu a bala fatal do atirador. Essa não foi uma morte por velhice ou causada por catástrofes naturais como o recente desastre Aberfan no País de Gales, ou em decorrência de uma doença prematura, era

uma morte na mão brutal do homem. Havia uma verdade sóbria nas

palavras duras do serviço de funeral:

“... Por um homem veio a morte...”

Chocados e perplexos com esse truque cruel do destino, buscamos uma

forma duradoura de expressar nossa tristeza e nossa admiração por Robert

Boyer.

— 14 —

UM MUNDO IMPERFEITO

ROBERT GEORGE NASCEU, PESANDO QUASE TRÊS QUILOS, ÀS DEZ DA NOITE DE DOMINGO, 28 de maio de 1967, assim como Francis Chichester, o velejador

solitário, navegou no porto de Plymouth para ser recebido por multidões torcendo para retornar de sua volta ao mundo. O nascimento de Robert foi

recebido com alegria de tamanha intensidade que quando Stephen passou

a manhã seguinte para dar a boa notícia para Peck e Ghee Ang, nossos vizinhos de Cingapura, que haviam assumido a casa no número 11 de nós,

ele estava tão tomado pela emoção que Peck temia que eu tivesse morrido

no parto.

Robert, em sua ânsia de vir ao mundo duas semanas mais cedo, tinha me pego de surpresa. Em março, a irmã de Stephen, Mary, seu primo Julian

e eu, juntamente com milhares de outros graduados, todos tínhamos

recebido nossos diplomas na gigantesca cerimônia da Universidade de

Londres, no Albert Hall, a ocasião afetada apenas pela ausência do Chanceler da Universidade, por causa de doença. Depois nossos pais nos ofereceram uma festa memorável em um local esplêndido, Royal Society of

Tropical Medicine, aberto para nosso uso pelo meu sogro.

No início do ano letivo, a doutora Dorothy Needham, a distinta esposa

do Mestre da Caius, tinha me levado sob sua asa e me apresentou a uma sociedade acadêmica incipiente, Lucy Cavendish College, iniciada por duas

cientistas, a doutora Anna Bidder e a doutora Kate Bertram; seu objetivo era promover oportunidades acadêmicas para mulheres maduras

estudantes em Cambridge. A associação com a Lucy Cavendish College me

permitiu adquirir um status melhor na Universidade, e este, por sua vez, mais importante ainda, permitiu-me poder emprestar livros da biblioteca da universidade. No final da primavera, o estudo sobre a *Celestina* inspirado por Stephen, “Madre Celestina”, estava na gráfica, e eu não vi nenhuma razão para supor que não fosse capaz de combinar a maternidade

com a pesquisa. Na última sexta-feira em maio, e fiel à minha rotina habitual, passei a maior parte do dia alegremente trabalhando na biblioteca

da universidade, reunindo material para a tese. Eu não suspeitava que isso

estivesse para ser minha última visita à biblioteca por um longo tempo.

Naquela noite, desconsiderando as sensações de aperto estranho em

minhas coxas, eu fui com Sue Ellis, que também estava grávida, a uma festa

oferecida para as esposas por Wilma Batchelor, a esposa do Chefe do Departamento. Na manhã de sábado, depois de uma noite de desconforto,

as sensações de aperto se tornaram mais fortes e mais frequentes, então corri para a cidade para fazer uma compra grande para Stephen antes de ficar fora de ação. Sentindo-me um pouco doente enquanto voltava para casa, fui ao açougue para fazer as últimas compras da semana. Chris, o açougueiro, deu uma olhada em mim e insistiu em servir-me em primeiro

lugar, furando a fila, e disse que eu deveria ir diretamente para casa. Eu, de bom grado, segui seu conselho.

Mais tarde naquele dia, no auge de uma tempestade, Ghee, que era pai

de duas filhas pequenas, levou Stephen e eu para uma casa de repouso, mas

logo desejei ter ficado em casa ou me inscrito para um leito na maternidade

– que, naqueles dias, admitia apenas mulheres desfavorecidas ou aqueles que estivessem com complicações. As parteiras de meia-idade eram tão duras quanto as professoras solteironas de minha adolescência. Enquanto

eu caminhava pelo corredor com Stephen apoiado em meu braço, senti o início de uma forte contração, como os tentáculos de um polvo abraçando e

apertando minha barriga. Assiduamente seguindo as técnicas adquiridas nas aulas do pré-natal, eu me encostei contra uma porta e foquei minha atenção em todos os exercícios de respiração que tinham sido muito praticados.

– O que diabos está acontecendo com você? – a irmã de olhos de aço perguntou asperamente.

Ela era muito mais jovem do que o resto de sua equipe e deveria saber

melhor que as outras. Então, depois que os procedimentos chegaram a um

impasse por vinte e quatro horas, o bebê finalmente chegou, não por uma

das parteiras, mas por John Owens, um jovem médico alegre da clínica onde fui internada. Enquanto isso, Stephen era meu fiel companheiro, sentado à minha cabeceira por longas horas e até mesmo esgueirando-se no braço de sua mãe pela entrada do jardim, às seis horas da manhã seguinte.

Fiquei deitada na cama, aborrecida e frustrada, distraída apenas pelos

magníficos temas do concerto para violino e violoncelo de Brahms que eu

tinha memorizado como meu mantra, a música em que eu tinha aprendido

a me concentrar para distrair minha mente da dor. A música me levou de

volta ao feriado da semana que tinha sido providenciado para nós pelos meus pais naquela Páscoa, apenas dois meses antes do nascimento. A casa

que eles tinham alugado ficava na enseada de Port St. Isaac, na Cornualha,

um caminho muito longo a partir de Cambridge. É provável que eles tenham pensado, erroneamente, como se comprovou, que aquela seria

minha última oportunidade de viajar por um longo tempo. Durante aquela

semana Stephen, fazendo uma concessão para o meu gosto, tinha me dado

a gravação do concerto de Brahms como presente de aniversário.

Ao mesmo tempo em que a autoconfiança de Stephen tinha crescido, ele

também tinha ganhado uma determinação feroz. Durante nossa estadia em

Port St. Isaac, uma viagem de carro numa tarde levou-nos a Tintagel, uma

das casas de renome da lenda do rei Artur, situada remotamente na costa

norte da Cornualha. Foi desanimador que o castelo em ruínas não fosse visível da aldeia e, de acordo com a administradora do posto do Correio, a

única maneira de chegar até lá seria descendo pelo barranco íngreme que

dava no Vale de Avalon. Stephen insistiu em ver o castelo e – incapaz de negar-lhe qualquer coisa, de tão conscientes que estávamos de sua

expectativa de vida mais curta – minha mãe e eu, uma de cada lado, o guiamos, o erguemos, o descemos por aquele declive selvagem, tropeçando

nas pedras no nosso caminho com o vento soprando do mar em nossos rostos. A banda safira do mar que se via no fim do caminho parecia recuar,

e o castelo parecia querer se esconder. Depois de termos lutado por cerca

de quarenta e cinco minutos, minha mãe estava ficando com falta de ar e começou a se preocupar comigo em meu estado avançado de gravidez, mas

Stephen se recusou a desistir. Por um feliz acaso, um Land Rover apareceu

do nada, subindo a trilha rústica de volta para a aldeia, então acenamos para o motorista. Ele estava relutante em parar, mas fez uma pausa para nos dizer que o castelo ainda estava longe, em um promontório. O castelo

estava, evidentemente, além de nosso alcance, mas insistimos que ele nos

levasse de volta para a aldeia. Finalmente, com impaciência brusca, ele concordou em dar carona para apenas um passageiro. Não havia dúvida de

que o passageiro teve de ser Stephen. Com semelhante obstinação, Stephen

estava perseguindo seu plano de participar de um curso de verão no Instituto Battelle Memorial em Seattle, em julho daquele ano. Sem nenhum

único momento de hesitação, concordei com os planos, não vendo razão para que nós três, Stephen, eu mesma e o bebê, não devêssemos apreciar

sete semanas na costa do Pacífico. Afinal, os bebês só comiam e dormiam.

A alegria que o bebê trouxe era inebriante. Depois de minutos de seu nascimento ele foi alojado na dobra do meu braço, parecendo ligeiramente

roxo, mas observando o seu entorno com consumada falta de preocupação,

como se tivesse visto aquilo antes. Ele era “um futuro professor”, foi esse o veredito de minha sogra, tão previsível, para seu primeiro neto. Quando ele

foi trazido de novo para mim, já tinha se recuperado da experiência do parto e apresentava uma cor mais saudável. Os olhos estavam mais

profundos, de um azul brilhante, fixado em um rosto de puro elfo, com bochechas rosadas e orelhas pontudas. Ele não tinha cabelo, só um

incipiente espiral loiro que descia do alto da cabeça e nas pontas das orelhas. Os dedinhos, cada um deles equipado com suas unhas minúsculas,

apertavam meu dedo estendido.

Essa linda e pequena criatura, a encarnação miraculosa da perfeição, tinha entrado em um mundo dolorosamente imperfeito. Na semana após

seu nascimento, a Guerra dos Seis Dias entrou em erupção no Oriente Médio, com consequências violentas que perdurariam por todas as décadas

seguintes, da infância até por muito tempo na sua vida adulta. Em meu estado

mental simples pós-parto, eu estava convencida de que, se o mundo

fosse governado pelas mães de recém-nascidos, em vez de homens velhos e

endurecidos, que incitavam jovens impetuosos à violência, as guerras cessariam de um dia para o outro.

Aos poucos, nos dias seguintes ao nascimento de Robert, nós fomos nos

aclimatando a uma nova realidade. Os avós ajudaram por algumas

semanas, e depois seguimos por nossa própria conta, vivendo um estilo de

vida que fora dramaticamente modificado. Doravante, nossas expedições, quer para o Departamento ou para a cidade, envolviam agora três pessoas,

além de um carrinho de bebê e uma bengala. Felizmente, George Ellis veio

para o resgate. Não só ele levava Stephen para casa na hora do almoço como também o buscava depois do almoço e o levava para casa à noite.

Uma tarde, depois de umas duas semanas, quando começamos a atingir uma leve semelhança de normalidade, considerei que havia chegado a hora

de voltar para meus livros e minha crescente coleção de cartões da biblioteca em livros sobre a poesia medieval de amor da Península Ibérica.

O bebê foi alimentado e trocado e colocado no seu carrinho de bebê no quintal sob o céu azul. Ele parecia confortável e sonolento na tarde quente.

Eu esperava que ele dormisse por pelo menos uma hora. Sufocando minha

própria tendência a bocejar, eu rastejei para cima com meus livros e cartões no sótão e espalhei-os sobre a mesa. Assim que eu encontrei o meu

lugar, um grito estridente veio lá debaixo. Corri pelas escadas para Robert, peguei-o, dei de mamar, troquei a fralda novamente. Ele realmente não parecia estar com fome. Coloquei-o no carrinho de novo e subi as escadas

novamente, somente para ouvir o mesmo grito. Essa pequena cena foi repetida muitas vezes naquela tarde, até que finalmente me dei conta de que este pequeno

bebê não tinha nem fome, nem sono: ele só queria ser sociável. Então, com a idade de um mês ele começou a trabalhar em uma tese de doutorado, ajudando-me por ficar se contorcendo no meu colo e gorgolejando enquanto eu tentava escrever. Essa única tarde destruiu completamente quaisquer ilusões que eu poderia ter de combinar a

maternidade com algum tipo de ocupação intelectual. Também não tinha nenhuma noção das exigências do corpo no processo do nascimento. Eu achava que estaria de pé e totalmente apta a cumprir minhas atividades normais dentro de uma semana, sem perceber que a gestação de nove meses e o trauma do longo parto exigiria seu pedágio da minha força. Não

fazia ideia de que amamentar o bebê seria um exaustivo e demorado compromisso que, combinado com as demandas sem hora de uma criança,

dia e noite, significaria que eu muitas vezes escorregaria em um cochilo quando, finalmente, ele fosse dormir.

Enquanto julho se aproximava, comecei a ter dúvidas sérias sobre a viagem a Seattle, especialmente porque os arranjos foram se tornando mais

e mais complicados. Charlie Misner, um visitante americano do

Departamento e que se tornou padrinho de Robert no batizado na Capela

de Caius em junho, queria que Stephen fosse visitá-lo na Universidade de Maryland depois do curso de verão em Seattle para falarem sobre

singularidades. Tanto ele como sua esposa dinamarquesa, Susanne,

garantiram-nos que seríamos bem-vindos para ficar com eles e seus quatro

filhos em sua casa enorme nos subúrbios de Washington, DC. Eu não podia

permitir-me parecer tímida naquela altura, mas eu não tinha certeza de como chegaríamos a Seattle inteiros, muito menos para podermos ir mais

longe. O cansaço que senti enquanto tentava fazer as malas para Stephen,

para mim e para nosso bebê de seis meses foi devastador. Eu não esperava

nada parecido com isso, nem eu tinha esperado que meu próprio corpo, antes tão absolutamente confiável, fosse capaz de me decepcionar de modo

tão catastrófico.

De alguma forma, ajudados por uma legião de pais ansiosos, nenhum

deles mais do que a minha mãe, conseguimos fazer o check-in no aeroporto

de Londres na hora, na manhã de 17 de julho de 1967. Nossas despedidas

foram apressadas, porque a companhia aérea prontamente forneceu uma

cadeira de rodas para Stephen, que se viu obrigado a sentar-se nela e ser rodado diretamente pela alfândega e pelo controle de passaporte para o portão de embarque. Carregada com Robert e uma série de malas e valises

carregadas com uma variada provisão para o voo, corri logo atrás. O

sistema de ventilação no Terminal Três havia quebrado naquele dia, o dia

mais quente do verão, com o resultado de que o ar quente estava sendo jogado para dentro do prédio, mas nenhum estava saindo, tornando a sala

de embarque um verdadeiro inferno. Nós tínhamos acabado de chegar ao

salão quando o alto-falante anunciou que nosso voo fora adiado.

Enquanto nós nos sentamos à espera no calor sufocante, Robert

ansiosamente engoliu todo o conteúdo da mamadeira de xarope diluído e

que deveria durar por todo o voo para Seattle. O primeiro anúncio foi logo

seguido por outro, convidando os passageiros da Pan American a recolher

refrescos e lanches de graça no bar. Eu depositei Robert no colo de Stephen

e entrei na fila para pegar nossos sanduíches gratuitos. Quando voltei, congelei no horror absoluto com a visão que encontrou meus olhos. Robert

continuava sentado ainda no colo do pai, de forma segura, sorrindo beatificamente e inclinando-se confortavelmente de volta contra o peito de

Stephen, com o braço de Stephen em volta dele. Mas o rosto de Stephen tinha uma expressão de agonia. Para baixo de suas calças novas corria um

grande rio amarelo. Ele se sentou impotente enquanto a maré amarela se derramava em seus sapatos. Pela única vez na minha vida, eu gritei – eu deixei os sanduíches cair e gritei.

Gritar parece uma reação bastante irracional, mas surpreendentemente

era a mais sensata nas circunstâncias. Meus gritos convocaram a muito necessária ajuda com incrível entusiasmo. Uma corpulenta enfermeira

apareceu do nada e assumiu o comando. Um grave olhar crítico para mim

foi o suficiente para convencê-la, com toda a razão, de que eu estava irremediavelmente incapaz de lidar com a situação. Ela dirigiu a cadeira de

rodas e empurrou-a, e a seus ocupantes, pai e filho, de volta através da Imigração, desconsiderando os oficiais em nosso caminho, para um

berçário onde ela limpou o bebê, deixando-me a tarefa de ajudar Stephen.

Enquanto estávamos no berçário, a última chamada para o nosso voo foi anunciada pelo sistema de som. Sem se abalar, a enfermeira ligou para o controle central e disse-lhes que o voo teria de esperar por nós. Assim, com sete semanas de vida, Robert adquiriu a distinção de ter atrasado a partida

de um voo internacional.

Stephen teve de sentar-se naquelas calças durante toda a duração

daquele voo espetacular de nove horas. Ele sentou-se nelas sobre a Islândia, que estava incrustada no mar como uma joia num suporte de cetim, sobre os blocos de gelo do Atlântico Norte, ao longo da Groenlândia e suas montanhas cobertas de neve e geleiras reluzentes, sobre as águas congeladas de Hudson Bay e as vastidões áridas do norte do Canadá. Em seguida, enfim, sinalizando o fim da provação de Stephen, o Monte Rainier

surgiu no horizonte à medida que começamos a pousar no aeroporto de Tacoma. Um ou dois dias depois, eu levei as calças para o tintureiro, mas Stephen recusou-se a usá-las novamente.

Segunda parte

— 1 —

INSONES EM SEATTLE

AS ACOMODAÇÕES ARRANJADAS PARA NÓS EM SEATTLE EM 1967 PELO BATTELLE

MEMORIAL Institute (Instituto Battelle) foram muito generosas. Além de

uma casa térrea, ricamente equipada com todos os confortos modernos –

incluindo uma máquina de lavar louça e uma secadora – e um enorme carro

com controles automáticos, eles forneceram duas vezes por semana uma reposição de fraldas novas e o recolhimento correspondente das fraldas sujas por essa instituição singularmente norte-americana, um serviço de entrega de fraldas. Se esses arranjos não me ajudavam completamente, não

era porque eu estivesse insatisfeita, mas porque eu me sentia esmagada por estar em um lugar estranho, ainda que luxuosamente isolada, privada,

logo após o parto, da ajuda e do apoio da minha mãe, da família e dos amigos em casa. Ali eu era a única responsável tanto pelo meu marido doente quanto pelo meu bebê, e não havia George Ellis para dar a Stephen

uma mão amiga ao virar da esquina para ir ao trabalho.

O Instituto Battelle, a secretária assegurou-me, era muito próximo, a apenas dois ou três quilômetros de distância, mas dois quilômetros ou vinte não fazia muita diferença. Stephen tinha de ser levado até lá de carro, e eu tinha de levar Robert junto. Isso significava ajudar Stephen a se vestir e comer de manhã, e alimentar Robert e dar-lhe banho – nessa ordem ou na

ordem inversa – dependendo de cujas necessidades eram as mais

prementes. Em seguida, o carro monstruoso – um Ford Mercury Comet –

tinha de ser colocado na frente da casa e minhas duas cargas, o pequeno mas voraz Robert em seu carrinho e depois Stephen apoiado no meu braço,

iam passo a passo até o carro e eram acomodados um no banco de trás e o

outro no da frente. Metodicamente realizada, essa rotina poderia ter sido tolerável. Como era, apesar de tentarmos o nosso melhor para minimizar o

número de sessões da manhã que Stephen perdia, o sistema foi reduzido ao

ponto de ruptura. Nosso querido bebê, que tinha acabado de aprender a dormir durante a noite na Inglaterra, estava agora, em Seattle, com um lapso de tempo de oito horas de diferença, dormia profundamente o dia todo e ficava bem acordado e cheio de intenções sociáveis durante toda a

noite. Além disso, Seattle estava apreciando, ou sofrendo, uma onda de calor mais intenso do que nos últimos anos.

Por algum tempo, em um espírito de autopreservação nervosa, restringi

minhas incursões apenas até o Instituto Battelle e às lojas da esquina –

principalmente, é claro, o tintureiro. Eu dirigia o enorme carro com tamanha ansiedade que, por fim, apesar do calor, decidi fazer o que nenhuma mãe norte-americana teria sonhado em fazer: desci para as lojas

empurrando meu carrinho de bebê e coloquei as compras no carrinho, ao

lado dele.

Com a alegria de um náufrago ao avistar um barco de resgate, saudei a

chegada da família Penrose. Eric, o mais recente membro, andava um pouco

mais do que Robert, mas ficava frequentemente deitado. Quando os dois carrinhos estavam lado a lado, ou os dois bebês eram colocados juntos em

um tapete, Joan comentava que eles continuavam o diálogo Hawking-

Penrose. Graças a Joan, minha vida social iluminou-se consideravelmente.

Ela me apresentou a algumas das outras esposas dos delegados e me levou

em várias excursões para o centro de Seattle, onde vaguei pelas lojas de departamento e comprei roupas para o bebê. Sob sua influência, minha autoconfiança aumentou quando comecei a encontrar meu caminho para

cima e para baixo no eixo norte-sul da autoestrada através do centro de Seattle, conseguindo até mesmo localizar uma antiga companheira de

infância de Norwich, que havia se casado com um engenheiro da Boeing.

Então, num domingo, ainda mais aventureira, a leitura dos mapas de Stephen nos guiou para um porto de balsa, e nós cruzamos Puget Sound para a Península Olímpica, onde levei Robert até a água pela praia e mergulhei seus dedos nas cintilantes e geladas águas do Oceano Pacífico.

Em outro fim de semana, com Robert apoiado entre nós e adormecido no

banco na parte da frente do carro, nós dirigimos os duzentos e cinquenta quilômetros ao norte, do outro lado da fronteira, para ir a Vancouver, visitar nossos amigos australianos de Cambridge, os Youngs, que tinham vindo para ficar na University of British Columbia. Vancouver estava tão fria e nublada como Seattle estava quente e seca, e tinha o charme canadense de ser mais descontraída do que seu vizinho norte-americano.

De volta a Seattle, nós nos reunimos com o restante do grupo em um quente sábado de manhã na orla marítima para uma das excursões

organizadas pelo Instituto Battelle – um passeio de barco até a reserva indígena em Blake Island. Enquanto ficamos à espera da balsa, Jeannette Wheeler, a esposa de um proeminente físico norte-americano, veio se apresentar. Naquele mesmo ano, em um flash de inspiração digno de

Arquimedes, enquanto tomava banho, John Wheeler tinha criado o nome de

buraco negro para o fenômeno que Stephen e muitos outros estavam estudando. Ali, no Seattle Waterfront, Jeannette – uma senhora de cabelos

grisalhos que era membro desse seleto grupo, o das Filhas da Revolução Americana – encarregou-se do carrinho de bebê de Robert enquanto

Stephen se apoiava no meu braço. Duas velhotas olharam amorosamente para o carrinho de bebê, e uma delas estendeu a mão para fazer cócegas nos dedos do bebê que dormia, descobertos no calor daquele dia.

Horrorizada, Jeannette Wheeler ralhou com ela que não perturbasse o bebê

adormecido. A pobre senhora assustou-se e, com a companheira, afastou-se

de modo nervoso para o meio da multidão. Pessoalmente, achei que um pouco de cócegas nos pés de Robert para acordá-lo durante o dia poderia

ser uma ideia muito boa. Assim eu poderia dormir à noite. De fato, ele dormiu durante a maior parte do dia, acordando apenas para olhar

angelicalmente o rosto castigado pelo tempo de uma índia idosa que o balançava em seu colo enquanto eu jantava na longa mesa comunitária em

um grande celeiro antiquado.

Pelo menos naquela excursão em particular, minha única

responsabilidade, além de atender às necessidades do bebê, era empurrar

seu carrinho com um braço e apoiar Stephen com o outro. Os demais passeios interessantes nos quais eu tinha de dirigir por longas distâncias me deixavam tão cansada e tão tensa que eu estava praticamente de joelhos de exaustão no momento em que Gillian, minha amiga de escola, veio para Seattle de Vancouver Island, onde seu marido Geoffrey, um engenheiro, deveria residir porque tinha um contrato de dois anos. Gillian –

e Geoffrey, que só conseguiu passar um fim de semana com a gente – foram

minha salvação. Geoffrey assumiu a condução, levando-nos em viagens

longas – não menos importante naquela viagem de um dia para o Monte Rainier –, ajudou a carregar as compras e também ajudou Stephen a entrar

e sair do carro, enquanto Gill voluntariamente deu uma mão no

funcionamento da cozinha. Durante uma semana, eu pude relaxar um

pouco.

Enquanto Gill ainda estava conosco, ocorreu um incidente de que

ambas ainda nos lembramos com desgosto. O monumento simbólico que

Seattle manteve da Feira Mundial de 1962 era a Space Needle, uma torre de

concreto com pouco mais de cem metros de altura, encimado por uma plataforma de observação na forma de um disco voador. No último sábado

que Gill ficaria conosco, fomos até o Space Needle pelo elevador

panorâmico para admirar a vista lá de cima, as águas cristalinas do Puget

Sound e as cristas brancas da Península Olímpica a oeste, a acidentada cadeia de montanhas a leste e ao sul o Monte Rainier, o grande vulcão adormecido. A vista era majestosa, mas com Gill carregando Robert e Stephen apoiado em meu braço, nós logo desistimos sob o sol escaldante e

voltamos ao elevador para entrar na fila para a descida. Perto de nós estavam duas meninas, adolescentes, talvez, mas não tão muito mais jovens

do que Gill e eu. Elas nos observavam, cutucando uma à outra; então, quando estávamos todos de pé juntos no elevador, elas começaram a fazer

comentários rudes e maldosos sobre a aparência de Stephen, enquanto ele

se encostava languidamente contra a parede, em temperaturas que eram suficientes para deixar qualquer um esfarrapado. Enquanto elas riam, minha angústia crescia. Eu queria dar um tapa no rosto delas e fazê-las pedir desculpas. Eu queria gritar que esse era meu corajoso e amado marido e pai daquele lindo bebê, e era um grande cientista, mas na minha

reticência inglesa eu não fiz nem disse nenhuma dessas coisas: eu

simplesmente olhei para o lado, ocupando-me com Robert, tentando fingir

que elas não estavam lá. Nunca vi um elevador expresso, que viajava tão depressa quanto aquele, levar tanto tempo para chegar ao chão. Quando saímos do elevador, uma das meninas olhou por cima do ombro de Gill e viu Robert.

– Esse bebê é seu? – perguntou ela, com admiração perplexa.

– É claro! – respondi bruscamente.

A menina e sua companheira saíram apressadas, e eu esperei que fosse

de vergonha.

Gill comentou:

– Que pessoas estranhas!

Isso resumia o que ela e eu sentimos. Felizmente Gill e eu tínhamos nos

estacionado entre Stephen e essas meninas, de maneira que ele não sabia o

que tinha acontecido.

Depois daquele episódio, eu estava pronta para ir para casa

imediatamente. No entanto, em uma noite no final do curso de verão, em um coquetel do Instituto Battelle, Stephen recebeu a tentadora

possibilidade de uma estada de duas semanas na Universidade da

Califórnia, em Berkeley, e imediatamente um participante brasileiro no Battelle nos ofereceu o apartamento vazio de um amigo ausente. A oferta era atraente em termos financeiros e, uma vez que já tínhamos chegado tão

longe, mais duas semanas na Costa Oeste, na Califórnia, entre todos os lugares, não parecia uma grande dificuldade. Eu não tinha perdido

inteiramente aquele meu espírito de aventura, que me levara a viajar ao sul

da Espanha em meus tempos de estudante, e essa seria nossa oportunidade

de descobrir por nós mesmos aquela utopia com que Abe e Cice Taub tinham

descrito em Cornell, em 1965.

Sobrecarregados por uma grande parafernália – o carrinho de bebê e desordenadas quantidades de bagagem – voamos para São Francisco, onde

fui obrigada a dominar mais um enorme carro e descobrir o caminho por

mais um labirinto de ruas. Felizmente Stephen era um navegador melhor do que tinha sido motorista – exceto naquelas ocasiões em que ele vislumbrava uma saída no último minuto e gritava comigo para atravessar

quatro pistas imediatamente. Depois de desviar do caminho algumas vezes

e bater nos freios em bom estilo Keystone-Cops, nós finalmente

encontramos o endereço, um apartamento de dois quartos em uma velha casa de madeira com uma visão distante, através da neblina e do nevoeiro,

da ponte Golden Gate. O alojamento, embora muito mais de acordo com nosso estilo e nossa idade do que a casa suntuosa de classe média em Seattle, representava um problema logístico temível, uma vez que ficava no

piso superior da casa, no segundo andar. A rotina que esperávamos poder

deixar para trás em Seattle teve de entrar em jogo novamente, e agora eram necessárias não duas, mas três viagens para cima e para baixo – e não

um, mas dois lances de escada. Robert, com mais de quatorze semanas, era

pesado demais para ser levado no carrinho, de modo que este tinha de ser

levado para o carro em primeiro lugar, em seguida, Stephen – deixando Robert em um tapete no chão – em seguida, o próprio Robert. Em

compensação para todo esse inconveniente, nós maximizamos o uso do

carro e, com frequência, de noite ou excepcionalmente no fim de tarde, nós

íamos para as montanhas ressecadas atrás de Berkeley, ou às vezes, de maneira mais aventureira, para o norte ao longo da San Andreas Fault –, uma área pantanosa deserta onde as rachaduras no solo testemunharam as

poderosas forças naturais que se ocultavam sob a superfície. Uma vez fomos até uma enseada devastada em um litoral não muito diferente da Cornualha, onde, desafiando o modo de vida norte-americano, os hippies viviam livres das restrições de uma sociedade materialista em barracas na

praia.

Abe Taub, o chefe do Grupo de Relatividade em Berkeley, garantiu uma

nomeação temporária para Stephen em seu departamento, e uma noite ele

e Cice nos convidaram para jantar em sua casa no alto das colinas com vista

para a baía. A casa era mais longe do que esperávamos e, no momento em

que chegamos, a noite já havia caído. Incapaz de ver onde estacionar, acabei caindo com o carro numa vala ao lado da estrada. As rodas ficaram

bloqueadas e o carro ficou preso. Depois de tentar, sem sucesso, levantar o

carro para fora da vala sozinha, fui procurar a ajuda dos Taub e de seus ilustres convidados, entre eles um altamente sofisticado e influente matemático parisiense, o professor Lichnerowicz. Os homens despiram

seus elegantes paletós e casacos, arregaçaram as mangas e começaram a tarefa com entusiasmo cavalheiresco. Quando finalmente fomos salvos da vala e levados para a casa – embaraçosamente atrasada e muito

despenteada – Robert começou a choramingar. Ele tinha aplicado esse truque em nós uma vez antes em Seattle. Dormindo profundamente até o momento em que seu carrinho era colocado bem devagar em um canto

escuro da sala, ele de repente começava a protestar, como se sentisse que

havia uma festa em outro lugar da qual ele estava sendo excluído. O único

remédio era lhe permitir passar a noite no meu colo na mesa, ao lado de todos os outros convidados. Cice Taub permaneceu imperturbável por

tantas interrupções em sua gentil reunião e, talvez, com pena de minha aparência

tão abatida, convidou-me para acompanhá-la e madame

Lichnerowicz ao Berkeley Rose Garden no dia seguinte.

O Rose Garden se tornou meu refúgio de paz e solidão naquele

ambiente frenético da área da baía e um refúgio da extenuante rotina exigida pelos nossos arranjos de vida. Tinha um efeito calmante sobre Robert, que ficava em seu carrinho de bebê sob as pérgulas observando os

padrões de luz sobre as rosas e as folhas acima de sua cabeça. Eu me sentava ao lado dele na sombra, respirando o perfume das rosas, imersa no

meu livro de Stendhal *A Cartuxa de Parma,* e olhando para a baía de vez em quando. Meus pensamentos eram atraídos para a Espanha – para os jardins

do Generalife acima de Granada, onde, apenas poucos anos antes, eu tinha

tentado imaginar um futuro para mim com Stephen. Esse futuro se tornara

realidade e excedera nossas esperanças mais absurdas. Eu estava cansada,

mas era resistente, e minha felicidade superava em muito meu cansaço.

Stephen já era reconhecido e procurado nos círculos científicos por sua compreensão intuitiva de conceitos complicados, por sua capacidade para

visualizar estruturas matemáticas em muitas dimensões e por sua memória

fenomenal. O futuro que se abria à nossa frente era agora fisicamente incorporado na pequena pessoa de nosso bebê.

Se o futuro tinha adquirido uma aura reconfortante de certeza, a chave

para isso residia na gestão do presente. Viver cada dia como ele se apresentava, em vez de projetar uma miragem fantasiosa para o distante futuro, estava se tornando um modo de vida. A partir dessa perspectiva, em

linhas gerais, o futuro parecia bastante claro: em curto prazo, nossa estrela estava em ascensão. No longo prazo, aquele enorme ponto de interrogação

que pairava sobre toda a raça humana poderia muito bem obliterar todos

nós. A guerra do Vietnã havia escalado – para usar a expressão cunhada e

então vigente – para o mais feio dos conflitos, no qual os horrores da moderna ciência química estavam sendo cinicamente despejados sobre

uma população camponesa, impulsionada pelos complexos industriais

militares descontrolados do Oriente e do Ocidente. Uma simples faísca em

outro lugar em nosso planeta conturbado poderia provocar um incêndio mundial.

Nós vivíamos o presente, mas mesmo isso tinha uma maneira irritante

de nos fazer tropeçar em obstáculos imprevistos. Por exemplo, o casal brasileiro que nos encontrou, com a melhor das intenções, no apartamento

em que vivíamos, ofereceu-se para nos levar em uma excursão aos pontos

turísticos de São Francisco. Pela primeira vez, eu pensei que poderia descansar e desfrutar de um dia de passeio. Eles chegaram cedo numa manhã de sábado, trazendo consigo uma amiga brasileira que não falava inglês. Ajudei Stephen a descer as escadas, esperando instalá-lo no carro do brasileiro antes de voltar para apanhar Robert, que então viajaria no meu

colo. Quando animadamente saímos à rua, olhamos em volta procurando o

carro deles. Além de nosso próprio Plymouth, havia apenas um decrépito Volkswagen cinza estacionado na frente da casa.

– Onde está seu carro? – perguntei ao nosso anfitrião daquele dia.

Ele me olhou com surpresa.

– Não, não, nós não iremos no nosso carro, ele é pequeno demais para

todos nós. Iremos no seu carro.

Com o coração afundando no peito, abri o carro. Stephen sentou-se na

parte de trás com as mulheres brasileiras e nosso “anfitrião” instalou-se no banco do passageiro na frente, dirigindo-me, a motorista, enquanto

segurava Robert em seu colo. Um olhar para ele foi suficiente para fazer Robert berrar como ele nunca tinha feito antes. Ele gritou durante o dia todo – através da ponte de Oakland, durante todas as horas do tórrido engarrafamento que enfrentamos, por todo o Haight-Ashbury, para cima e

para baixo em todas as ruas íngremes da região central de São Francisco.

Eu ficaria feliz em ter berrado também. Desesperadamente querendo

consolar meu frenético, calorento e desconfortável bebê, lá estava eu, presa no banco do motorista em uma situação sem sentido, que não tínhamos criado.

Houve uma pausa quando finalmente chegamos a Golden Gate Park.

Distanciando-nos de nossos passageiros, nós nos juntamos a um grande encontro dos hippies pela paz, e nos sentamos na grama no festival Flowerpower, balançando ao ritmo da música. Em todo o gramado viam-se

pessoas da minha idade, mas de alguma forma eu já era muito mais velha

do que elas. Stephen e eu compartilhamos seu idealismo e seu ódio à violência. Nós também havíamos conseguido uma liberdade comparável

contra uma sociedade rígida em nossa luta contra a burocracia e a estreiteza mental, no entanto, para manter nosso curso tão difícil, nós fomos obrigados a seguir uma rotina tão organizada e tão rígida como qualquer outra que tivesse sido imposta pela sociedade contra a qual eles

estavam se rebelando.

A guerra do Vietnã, embora nós compartilhássemos seu antagonismo a

ela, não era nosso alvo principal. Nossos esforços foram dirigidos contra a

doença e a ignorância.

Depois daquele dia, decidi que nunca mais dependeria de outras

pessoas. No entanto, colocar essa resolução em prática era mais fácil dizer

do que fazer, porque Stephen já tinha aceitado o convite para passar um tempo no departamento de Charlie Misner na Universidade de Maryland.

Washington DC ficava no caminho para casa, raciocinamos, de modo que mais algumas semanas não fariam muita diferença. Com efeito, dividir a viagem em duas etapas nos ajudaria a todos, incluindo Robert, a lidar com o

fuso horário. Também estávamos ansiosos para ver a irmã de Stephen, Mary, agora médica diplomada, que estava trabalhando na costa leste, e para visitar o velho amigo de Stephen John McClenahan e sua animada esposa norte-americana, que falava espanhol, e que moravam na Filadélfia.

No voo para o leste, nós nos sentamos na mesma fileira que uma

senhora de meia-idade que chorou por toda a viagem. Como ela lançava olhares ocasionais para Robert, passei-o para ela para que cuidasse dele por um tempo. Um sorriso pálido cintilou em seu rosto quando ele a conquistou com seu sorriso simpático. Seu companheiro inclinou-se

através do corredor para me dizer que ela estava voltando para casa do Vietnã, onde seu único filho tinha sido morto. Os hippies tinham razão para

protestar contra o fato de os jovens estarem sendo usados como bucha de

canhão quando muitos deles não tinham nem o direito de voto, nem mesmo

o direito de comprar uma bebida, tendo em vista que a idade da maioridade

ainda era vinte e um anos. Muitos dos jovens tinham mais sorte, porque, como estudantes, o alistamento militar seria adiado e os professores da faculdade tentariam ajudar os mais capazes a evitar serem enviados para a

guerra, enquanto outros fugiriam para o exterior, para o Canadá, talvez. O

filho daquela mãe no avião não tinha tido tanta sorte...

Nossa visita aos Misners em Maryland não ocorreu, evidentemente, no

melhor dos momentos porque Susanne estava envolvida em uma batalha

diária estressante com as autoridades da escola que rejeitavam Francis, seu

filho mais velho, por causa de seu autismo leve. Vimos Mary, a irmã de Stephen, e passamos um fim de semana com os McClenahan, mas eu estava

exausta e deprimida, especialmente porque tinha tido de recorrer à

alimentação de Robert com leite artificial. Sentei-me chorosa na cama do quarto de hóspedes da luxuosa casa dos Milner em Silver Spring por ter sido obrigada a romper esse primeiro vínculo com meu bebê.

Se o recurso de usar mamadeiras teve repercussões psicológicas

infelizes para mim, ele teve ainda piores consequências físicas para os Misner. Uma noite, Charlie e Susanne, que estavam começando a relaxar um pouco de sua luta diária, organizaram um esplêndido jantar a fim de nos apresentar a alguns de seus amigos. Todas as crianças estavam

dormindo e nós nos sentamos em volta da mesa comendo e bebendo,

conversando e rindo. Mais tarde, afundamos todos sonolentamente nas

confortáveis poltronas enquanto Charlie mostrava slides de sua família encantadora. No meu estado de quase sonolência, de repente me tornei consciente de um cheiro muito desagradável proveniente da cozinha. A terrível verdade logo foi revelada quando outras pessoas começaram a franzir a testa e tossir, quando também detectaram aquele venenoso odor,

e percebi que eu era a responsável por isso. Antes do jantar, havia colocado as mamadeiras de plástico de Robert e seus bicos de borracha no fogão para ferver, e havia me esquecido totalmente delas. O conteúdo da panela

tinha evaporado por completo, enchendo a cozinha com uma fumaça preta

que foi rapidamente penetrando cada canto da casa impecavelmente limpa.

Mortificada, eu não teria ficado surpresa se tivéssemos sido atirados na rua, com bebê e tudo, naquele exato momento. Para crédito duradouro de

Charlie e de Susanne, eles não o fizeram e no dia seguinte, armados de um

grau prodigioso da caridade, eles ainda conseguiram de alguma forma brincar com aquele episódio vergonhoso. Eles devem ter ficado muito contentes ao ver nossas costas alguns dias depois, quando eles alegremente

se despediram de nós e de nosso bebê. Seu alívio ao ver-nos partir não poderia ter sido maior do que o meu com a perspectiva de ir para casa.

— 2 —

TERRA FIRMA

AQUELA VIAGEM PARA SEATTLE MUDOU NOSSA VIDA, EM ALGUNS ASPECTOS PARA MELHOR, já em outros para pior. O dinheiro que Stephen tinha ganho como seus

honorários em conferências ministradas durante os longos meses do outro

lado do Atlântico teve efeito saudável sobre nosso saldo bancário. Com ele

pudemos comprar a tão necessária máquina de lavar roupas e, no bom estilo norte-americano, uma secadora também. Isso já seria um

extraordinário bem de consumo para qualquer família britânica nos anos 1960, entretanto Stephen decidiu – após uma exposição lancinante à

realidade doméstica – que nosso estilo de vida exigia ainda mais ajuda dos

equipamentos elétricos. Essa realidade doméstica surgiu numa noite de sexta-feira após o inverno de 1967, quando demos um grande jantar para

um eminente cientista russo, Vitaly Ginzburg, que viera de Moscou para Cambridge em uma visita de três meses. Não foi apenas a extensão de tempo de sua visita algo excepcional no repressivo clima da Guerra Fria, mas ele também tinha sido autorizado a levar sua glamorosa esposa loira

com ele. A quantidade de louças e talheres empilhados na cozinha indicou o

sucesso da festa. Inclinando-se contra a parede da cozinha, Stephen pegou

uma toalha de mão e se revoltou de tal maneira com o desperdício de tempo gasto em lavar e secar a louça que, no dia seguinte, pediu ajuda a George Ellis e partiu para a cidade para comprar uma máquina de lavar louça.

Houve outros efeitos menos tangíveis da viagem norte-americana. Já

ficara bem estabelecido que o fenômeno que Stephen esteve pesquisando tinha recebido um nome facilmente identificável, o *buraco negro,* que era menos denso que *colapso gravitacional de uma estrela massiva*, o processo previsto na matemática dos teoremas de singularidade, e conferiu unidade

para a pesquisa científica. Foi também o nome que chamou a atenção da mídia. Como resultado do curso de verão em Seattle, ficou firmemente consolidada sua posição internacional como pioneiro nessa pesquisa, e nós

ampliamos bastante nosso círculo de amizades. Stephen calculou que, no momento em que voltássemos para a Inglaterra em outubro, Robert tinha

voado uma grande distância em relação a sua idade que, mesmo durante seu sono, ele estaria em teoria, ainda em movimento. Felizmente, o próprio

Robert não pareceu incomodado por essa consequência particular da sua primeira visita à América. Eu também tinha viajado muito, mas, ao

contrário de Robert, sofri resultados atormentadores e duradouros. Elas tinham plantado as sementes de um medo paralisante de voar, que cresceu

como uma erva daninha gigante em minha mente nos meses seguintes e anos após nosso retorno para casa. Em comparação com minha atitude despreocupada para voar como uma estudante, apenas dois anos antes, esse medo era tanto frustrante quanto incompreensível. Foi só algum tempo depois que a razão para a fobia se revelou. Quando revi os acontecimentos daqueles quatro meses nos Estados Unidos, percebi que o

problema não estava em voar de avião – uma vez que tinha voado em muitos aviões diferentes ao longo de grandes distâncias sem incidentes –

mas com as circunstâncias concomitantes, as tensões e o estresse de ser totalmente responsável, apenas sete semanas após o parto, por duas outras

vidas frágeis, mas muito exigentes. Essa responsabilidade onerosa e

desgastante lentamente cristalizou-se no medo de voar por falta de outra válvula de escape. O simples fato de ser capaz de racionalizar o medo não

me fez lidar com isso com mais facilidade, porque eu tinha vergonha de admitir essa fraqueza, em especial quando nossa vida era estritamente governada por aquela corajosa máxima de Stephen – que, se houvesse uma

doença física em casa, não havia espaço para problemas psicológicos também.

Apesar da comoção de Stephen com o marcante sucesso de sua

pesquisa e de sua determinação de se apresentar em todas as suas

conferências, seminários ou palestras por todo o mundo, a possibilidade de

outras viagens não surgiu naquele inverno, um inverno que passamos em

um estado estacionário de modo confortável, reajustando a rotina familiar

com a vida acadêmica. A bolsa de pesquisas de Stephen tinha sido renovada

por mais dois anos e agora que Rob Donovan, seu padrinho de casamento,

também era um pesquisador da Gonville e Caius, Stephen poderia contar regularmente com a ajuda vinda por parte dele para ir à universidade para

jantar uma vez por semana. Minha rotina se tornara um pouco menos previsível e constituía-se em uma batalha constante em conciliar as necessidades do bebê com as demandas da minha tese. Quando eu brincava

com Robert, minha consciência me dizia que eu deveria estar trabalhando

na tese. Quando eu trabalhava na tese, meus instintos maternais me encorajavam a brincar com o bebê. Isso não era um estado satisfatório para

realizar minhas tarefas – no entanto era a única maneira de manter minha

autoestima intelectual em um ambiente onde bebês eram desdenhados e considerados apenas como fatos necessários à vida. As teses, em

contrapartida, eram respeitadas. No final dos anos 1960, a universidade não oferecia creche – embora, fiéis aos instintos chauvinistas machistas, tenha gabado-se por muitos anos de ter um campo de tiro...

O fato de eu ter conseguido perseverar com minha investigação, em

grande parte, deve-se à minha mãe e a uma sucessão de babás e

empregadas para cuidar de Inigo Shaffer, o filho bebê de vizinhos da alameda. Minha mãe costumava vir para Cambridge de trem mais cedo na

sexta-feira, chegando bem no momento em que eu estava levando Stephen

para o trabalho, e cuidaria de Robert para que eu pudesse passar a maior

parte do dia na biblioteca da universidade, coletando livros e outros materiais para estudar em casa durante a semana seguinte. Às vezes, a babá de Inigo levava Robert consigo por uma hora ou mais, ou então –

quando os meninos cresceram – convidava-o para brincar com Inigo

durante a tarde, deixando-me livre para voltar à biblioteca. Esse sistema também permitiu que ocasionalmente eu pudesse assistir e dar seminários

em Londres, confiante de que Robert estava sendo bem cuidado e Stephen,

ajudado por George Ellis, era capaz de almoçar com o resto do Grupo de Relatividade no Centro Universitário recém-inaugurado.

Assim, consegui meu projeto, uma pesquisa de linguística e de

temáticas similares e discrepâncias dos três períodos e áreas de poesias de

amor mais populares na Espanha Medieval. Enquanto Stephen percorria

mentalmente o espaço, eu viajava no tempo – de volta aos *kharjas*, o primeiro florescimento da poesia popular nas linguagens românticas.

Comecei minha pesquisa documentando o vocabulário moçárabe – um

dialeto espanhol inicial da Espanha Muçulmana – usado nos *kharjas*, que

consistia em pouco mais do que fragmentos poéticos incorporados como refrões do antigo hebraico e das odes e elegias do árabe clássico. Eu pretendia então estender o exercício para as *Cantigas de Amigo* em Galego-Português do século XIII, e, finalmente, para as letras populares do castelhano do século XV ou *villancicos*. Essas três áreas de florescimento lírico, díspares no tempo e no lugar, compartilharam muitas características

comuns: as canções de amor eram todas cantadas por uma jovem, quer ansiosa para encontrar seu amante na madrugada quer lamentando sua

ausência ou doença. Muitas vezes, a jovem ia confiar sua alegria ou sua dor

espontaneamente à sua mãe ou às suas irmãs, mas em muitos casos o imaginário dessas letras, aparentemente originais e sofisticadas, era derivado da linguagem da formação religiosa cristã.

Havia muitas teorias conflitantes, para não dizer contendas, que

disputavam sobre a proveniência e a interpretação da poesia, em especial

dos *kharjas*, e era nesse labirinto que eu tinha de encontrar meu caminho como uma estudante novata de pesquisa na biblioteca da universidade.

Meu tempo era gasto examinando os enormes volumes de capa verde do catálogo, buscando artigos arcanos em registros desconhecidos, à procura

de referências enigmáticas em notas de rodapé e vasculhando nas pilhas de

livros e nas prateleiras as numerosas obras de crítica literária sobre as quais eu escreveria notas em casa durante o decorrer da semana seguinte.

Apenas ocasionalmente eu, de fato, entrei em contato com manuscritos medievais originais, uma experiência inesquecível, mas nada disso ajudou

minha pesquisa a avançar de maneira muito eficiente, porque a tentação de

me maravilhar sobre as belezas das iniciais ilustradas e a precisão do roteiro causavam-me bastante distração.

Embora a perspectiva de ter de abrir meu caminho através das pilhas

de material crítico fosse assustadora, eu apreciava aquelas horas na biblioteca. Eu amava o efeito curiosamente deferente que esse santuário de

erudição tinha produzido em seus adoradores enquanto, como sombras,

eles voavam através de seus vastos salões silenciosos. Cada estudante, fosse jovem, fosse velho, estava envolto na própria pequena cápsula de estudos, tendo assegurada a liberdade de ser capaz de ler e escrever sem interrupção. Uma ainda maior compensação para o tédio que alguns

aspectos da pesquisa envolviam encontrava-se na própria poesia,

particularmente nos *kharjas*. Os *kharjas* tinham sido inicialmente interpretados, editados e publicados por Samuel Stern, um erudito de Oxford que, em 1948, no Cairo, tinha descoberto seu arcabouço, escrito em

árabe ou aparentemente em uma escrita hebraica sem sentido. Ele

descobriu isso quando, ao transcrever os fragmentos em alfabeto latino e,

em seguida, adicionar vogais, os textos em árabe e hebraico enigmáticos puderam voltar à vida como pequenos trechos de poesia romântica,

respirando uma vida pulsante. Por exemplo, Stern tinha transcrito um grupo de letras hebraicas em consoantes romanas assim: *gryd bs ’y yrmnl’s km kntnyr ’mw m’ly sn ’lhbyb nn bbr’yw ’dbl’ry dmnd’ry.* Com a adição das vogais, o texto poderia ser lido da seguinte maneira: *Garid vos ay yermanellas com contenir a meu male Sin al-habib non vivireyu advolarey demandare.* Deixando de lado uma forma arcaica, e uma expressão árabe, *al-Habib,* o poema é agora perfeitamente inteligível, mesmo para um falante de espanhol moderno:

Digam-me irmãzinhas,

Como conter minha dor.

Não vou viver sem meu amante

Eu voarei para procurá-lo.

Em outro kharja, em clara referência à sua formação cristã, ela chora

tristemente:

Venid la pasca ayun sin ellu…

…meu corajon por ellu

Vem a Páscoa ainda sem ele…

... meu coração é dele.

Quando o amante retorna, ele vem como o sol com a glória do

amanhecer, pois nesses poemas os amantes se encontram na madrugada –

e se reunirão na madrugada em todas as eras da poesia lírica popular da Espanha, ao contrário da sofisticada tradição provençal, na qual os amantes

aristocráticos partem de madrugada:

non dormiray mamma

a rayo de mañana

Bon Abu ’l-Qasim

la faj de matrana

Não dormirei mamãe

Na luz da manhã

O bom Abu ’l-Qasim

A face da manhã.

Para mim, porém, os fragmentos mais comoventes foram os versos

emocionantes em que a jovem chora em desespero com a doença de seu amante:

Vaisse meu corajon de mib

ya rabbi si se me tornerad

Tan mal me doled li ’l-habib

enfermo yed cuand sanarad

Meu coração sai do meu corpo

Será que ele retornará?

O meu pesar para o meu amor é tão grande

Ele está doente – quando ele irá se recuperar?

Em um *kharja*, a única palavra decifrável é *enfermad* – enfermidade – e no outro a própria menina adoece por causa de tanto amar:

Tan t’amaray tan t’amaray

habib tan t’amaray

Enfermaron welyos cuidas

ya dolen tan male

Eu vou te amar sempre,

Eu vou te amar sempre, meu amor,

Meus olhos estão doentes de chorar

Eles doem tanto!

— 3 —

ESFERAS CELESTES

EMBORA, EM TERMOS ESTRATÉGICOS, TENHA SIDO SENSATO PARA MIM QUE EU FOSSE

registrada como estudante de Londres, na realidade, isso significava que eu me

sentia muito isolada em Cambridge. Os seminários e as

supervisões em Londres sob os auspícios do meu supervisor, Alan

Deyermond, eram sempre estimulantes, mas minhas oportunidades para ir

a Londres eram raras. Em Cambridge, onde eu lia na biblioteca e escrevia

em casa, não havia fórum de discussão. Graças à doutora Dorothy

Needham, eu me tornara uma estudante afiliada da Lucy Cavendish College,

uma sociedade recém-fundada para mulheres maduras estudantes e, por

força de uma organização cuidadosa – que envolvia deixar Robert

alimentado, de banho tomado e em seu berço, e a comida de Stephen pronta para ele em cima da mesa – consegui sair algumas vezes para os jantares noturnos da Lucy Cavendish, que aconteciam no Churchill College.

A solução para meu problema do isolamento acadêmico veio em uma

forma muito inesperada – por meio da crescente amizade de Robert com o

filho de nossos vizinhos, Inigo Shaffer. Uma das convidadas da festa do primeiro aniversário de Inigo era uma menina vivaz de cabelos ruivos e seis anos, Cressida Dronke, que, espiando por trás de um par de óculos de

sol coloridos, atraiu a companhia de meninos e suas mães e babás atônitas

com um relato longo e fascinante sobre uma produção de *Romeu e Julieta*

para onde os pais tinham acabado de levá-la. Não havia, aparentemente, nada de anormal naquela introdução precoce a Shakespeare, porque

Cressida tinha sido frequentadora de teatro desde a primeira infância.

Eu já ouvira falar de Peter Dronke, que lecionara Latim Medieval, e sua

ótima reputação como um dos mais talentosos intelectos em Cambridge, não se limitando apenas ao Latim Medieval, mas a uma ampla variedade de

estudos literários medievais, incluindo o meu. O feliz acaso desse encontro

com os Dronke levou-me a conseguir um supervisor extraoficial em

Cambridge. Peter estava sempre pronto para compartilhar seu vasto acervo

de conhecimentos e passar sugestões construtivas, críticas e referências úteis, enquanto sua esposa Ursula, ela própria uma estudiosa de antigas sagas nórdicas e islandesas, foi uma fonte constante de incentivos gentis.

Outra consequência importante de conhecer Peter e Ursula foi que eles me

convidaram para participar de seus cobiçados seminários informais que, ofereciam na própria casa nas noites de quinta-feira durante o período letivo. Apenas Peter poderia realmente ser considerado mestre em todos esses tópicos por vezes obscuros que eram apresentados nas palestras, porque sua gama de conhecimentos era eclética, cobrindo a maior parte do

pensamento europeu clássico e medieval e a literatura. Nós, os alunos, sentávamos com respeito no tapete mostarda, literalmente aos pés de um

dos maiores estudiosos da época.

Fiquei surpresa e contente ao descobrir quanto esses seminários me

trouxeram para mais perto, em termos filosóficos, do estudo da

Cosmologia, embora fosse a Cosmologia medieval. Inevitavelmente, muitas

discussões focaram a expansão intelectual do século XII que emanou de Paris, em especial a partir da escola da catedral de Chartres, onde se acreditava que Deus, o universo e a humanidade poderiam ser analisados e

compreendidos por meio de números, pesos e símbolos geométricos,

efetivamente transformando a Teologia em Matemática. As novas

universidades de Paris e Oxford estiveram no centro de um intenso debate

intelectual contínuo, em que principalmente a natureza de Deus, a criação e

as origens do universo excitavam a mente de estudiosos e teólogos. O

renascimento vigoroso que teve lugar no século XII deve muito às ideias inovadoras provenientes da Espanha, onde no ano de 1085 as forças cristãs

tinham recapturado Toledo dos mouros, com o resultado de que essa

cidade mista, multilinguística, acabou por tornar-se um dos mais ricos centros culturais da Europa, famosa como uma escola próspera de tradução

por causa de sua herança da literatura árabe e de obras supostamente perdidas da antiguidade clássica.

No século XIII, Alfonso, o Sábio de Castela, expandiu o papel de Toledo

como importante centro de tradução e estudos participando de suas

atividades pessoalmente, tornando-se pioneiro na utilização do espanhol em vez do latim para todos os documentos, e ao tentar vários projetos históricos nesse idioma. As traduções produzidas em sua corte foram ainda

mais significativas do que os outros projetos de Alfonso, e incluíram um livro sobre xadrez, as teorias científicas sobre a natureza da luz de Alhazen, o mais eminente cientista árabe do século XI – lançando assim as bases da

perspectiva sobre as quais Leonardo da Vinci construiria, no norte da Itália, no século XV – e, o mais importante, *Almagesto*, a grande obra de Ptolomeu, o matemático e astrônomo alexandrino do século II a.C.

Originalmente escrito em grego, o *Almagesto* existia apenas em uma versão árabe até Alfonso encomendar sua tradução em Toledo. O modelo cosmológico do Universo de Ptolomeu foi baseado no conceito aristotélico

de uma Terra estacionária, em cuja órbita estavam o Sol, a Lua, os planetas

e as estrelas. No modelo ptolomaico, ou geocêntrico, a Terra está fixada no

centro do universo enquanto os corpos celestes, o Sol, a Lua e os planetas

cada um deles se movimenta ao redor da Terra seguindo a trilha das próprias

esferas fixas. Um sistema de movimentos circulares menores ou epiciclos é introduzido para explicar as desigualdades reconhecidas nos movimentos dos corpos. Além da esfera de Saturno está a esfera em que as

estrelas fixas são carregadas em todo o céu, e mais além está o *primum mobile*, a força divina misteriosa por trás do cíclico movimento das esferas.

Esse movimento perfeito, circular que impulsionou os planetas em seu curso criou uma música celestial, a harmonia das esferas. O modelo ptolomaico não chegou a coincidir com a visão bíblica do universo como se

fosse feita nos céus, a terra sendo plana e o inferno abaixo dela, mas uma

vez que poderia se corresponder com essa visão sem perturbar

drasticamente a visão que já existia de o lugar de Deus ser no céu e o inferno nas profundezas da Terra, então o modelo tornou-se um princípio

de dogma religioso da cristandade, até que foi questionado pelo astrônomo

polonês Copérnico no século XVI. Para a igreja cristã, a implicação mais importante desse modelo geocêntrico foi que o homem, o habitante da Terra, estava no centro do universo e que a atenção divina era focada exclusivamente sobre ele e seu comportamento.

Stephen foi a um desses seminários sobre a Cosmologia antiga na sala

de estar dos Dronke com um colega do Departamento, Nigel Weiss, cuja esposa, Judy, era membro do seminário. Os dois cientistas foram forçados a

admitir que o pensamento dos filósofos do século XII, Thierry de Chartres,

Alan de Lille e, no século XIII, Robert Grosseteste e Roger Bacon, entre muitos outros, foi extraordinariamente perspicaz, preciso e certeiro.

Incluída nas fileiras dos filósofos havia uma mulher, a abadessa alemã Hildegard de Bingen, que inventou a própria versão da Cosmologia em que

o universo tomou a forma de um ovo. Hildegard de Bingen foi uma pessoa

muito à frente de seu tempo. Ela não só foi uma antecessora das

cosmonautas, mas também propôs que as mulheres reparassem as falhas sociais e religiosas provocadas pelas fraquezas dos homens e, para esse efeito, deveriam seguir seu exemplo, empreendendo viagens missionárias ao longo do Reno, pregando, condenando hereges e corrigindo erros

sociais.

Várias ironias me impressionaram ao longo desses seminários,

particularmente durante aquele do qual Stephen e Nigel Weiss

participaram. O mais gritante, é claro, foi que na segunda metade do século

XX, a posição das mulheres na sociedade, em especial na ciência, tinha progredido a passo de caracol desde o século XII, apesar das afirmações agudas e frequentes de Hildegard sobre a força e a glória das mulheres.

Quanto às cosmologias, eu me diverti com a reflexão de que, embora os avanços na ciência possam ter sido revolucionários no século XX, certos vínculos conceituais com as teorias mais antigas são difíceis de morrer. O

sistema ptolomaico, que tinha conseguido pronta aceitação no século XIII entretanto, mais tarde foi suplantado pelo sistema solar de Copérnico, ainda tinha um ponto de contato, porém improvável, com um importante princípio cosmológico do século XX: o princípio antrópico.

Esse foi um daqueles temas em que, durante esse período no final dos

anos 1960 e início dos anos 1970, Stephen passou muito tempo

concentrado em discussões com Brandon Carter, geralmente nas tardes de

sábado, quando saíamos de carro de Cambridge para a felicidade bucólica

do chalé que Brandon e sua esposa belga, Lucette, tinham começado a reformar desde seu casamento recente. Lucette e eu levaríamos Robert para fazer longos passeios pelos campos, conversando em francês sobre nossos escritores, pintores e compositores favoritos, prepararíamos o chá e

o jantar – e ainda Brandon e Stephen estariam envolvidos em uma disputa

intelectual sobre os detalhes do princípio antrópico, na qual nenhum dos dois se mostrava preparado a se render ao outro.

O princípio antrópico, tanto quanto eu entendi das explicações de

Stephen em um daqueles raros momentos em que discutíamos seu

trabalho, levou-me a pensar na sua afinidade tão próxima com o universo

medieval. Como no universo medieval ptolomaico, o homem é mais uma vez colocado no centro da criação pelo princípio antrópico, ou mais precisamente, pelo que é conhecido como sua versão mais “forte”. Os proponentes do princípio antrópico mais “forte” alegam que o universo em

que vivemos é o único tipo possível de universo no qual poderíamos existir,

porque a partir do Big Bang alguns quinze bilhões de anos atrás, ele tem se

expandido de acordo com condições precisas, muitas vezes envolvendo

oportunidades químicas coincidentes e uma sintonização física muito fina,

que são necessárias para o desenvolvimento de vida inteligente. A vida inteligente então é capaz de perguntar por que o universo é como é, mas essa é uma questão tautológica, cuja resposta é: se nosso universo fosse diferente, a vida inteligente não existiria para fazer essa pergunta. Em um

sentido real, portanto, a humanidade ainda pode-se dizer que ocupa um lugar especial no centro do universo, tal como tinha sido no sistema de Ptolomeu. Considerando que, para o homem medieval, essa posição

especial foi uma forte declaração daquela relação única entre os seres humanos e seu Criador, os cientistas modernos pareciam estar irritados ou

simplesmente divertindo-se com essas inferências que eram extraídas a partir do princípio antrópico.

Embora o conceito moderno não seja certamente limitado pela ideia

medieval de céu ou inferno, ele é, em muitos aspectos, um ambiente mais

hostil do que sua contrapartida medieval mais organizada, mesmo que apenas por causa de suas condições extremas de temperatura e suas vastas

extensões de espaço e tempo em que a raça humana parece viver em isolamento solitário. Em 1968, por um momento fugaz, parecia que

poderíamos não estar sozinhos na imensidão escura do espaço, afinal das

contas. Em uma tarde, em fevereiro daquele ano, quando cheguei ao

Departamento, o salão de chá estava movimentado com a emoção. Uma

estudante de pesquisa em radioastronomia, Jocelyn Bell, e seu supervisor Antony Hewish, tinham captado sinais de rádio regulares que pulsavam do

espaço exterior através da linha de radiotelescópios posicionados ao lado da antiga linha férrea entre Cambridge e Oxford, em Lord's Bridge, que ficava a coisa de cinco quilômetros fora de Cambridge. Poderiam esses sinais ser nosso primeiro contato com a vida extraterrestre, os pequenos homens verdes, talvez? Brincando, eles batizaram de PHV as primeiras fontes dessas ondas de rádio. A excitação se esvaziou quando as fontes dos

pulsos de rádio foram identificadas como estrelas de nêutrons, minúsculos

restos de estrelas, possivelmente com apenas vinte quilômetros de

diâmetro, com densidades em massa de centenas de milhões de toneladas

por polegada cúbica. Não havia nenhuma possibilidade de que as estrelas de nêutrons pudessem suportar a vida.

Enquanto os cosmólogos do século XX ainda pudessem manter alguns

tênues pontos conceituais comuns com o sistema de Ptolomeu através do

princípio antrópico, e pudessem respeitar o intelecto dos filósofos antigos

do século XII de Chartres, Oxford e até Bingen no Reno, os seminários medievais dos Dronke serviram para pôr em perspectiva clara a muito divergente

abordagem moderna sobre o tema da criação. A principal

intenção dos filósofos do século XII foi dirigida para a reconciliação da existência de Deus com os rigores das leis da ciência, unificando assim a imagem do Criador com a complexidade científica de sua criação. Para esse

fim, Alan de Lille tentou reconstruir a Teologia como uma ciência

matemática, e outro estudante de Chartres, Nicolau de Amiens, tentou fazê-

lo em conformidade com a geometria euclidiana, com o uso de símbolos geométricos para explicar a Trindade. Por mais excêntricas que essas noções possam parecer hoje em dia, elas foram, sem dúvida, tentativas genuínas para introduzir a objetividade científica nos ensinamentos de Teologia e para explorar e explicar o mistério divino através de números e

estruturas matemáticas.

Em contrapartida, seus herdeiros intelectuais, cerca de oitocentos anos

depois, pareciam ter a intenção de distanciar a ciência, tanto quanto possível, da religião e de excluir Deus de qualquer papel na criação. A sugestão da presença de um Deus Criador era um desajeitado obstáculo para um cientista ateu, cujo objetivo era reduzir as origens do universo a um pacote unificado de leis científicas, expressas em equações e símbolos.

Para os não iniciados, essas equações e esses símbolos eram muito mais difíceis de compreender do que a noção de Deus como o principal motor, como a força motivadora por trás da criação. Estranhamente, para o feliz grupo dos iniciados, as equações revelavam uma beleza matemática

miraculosa, de tirar o fôlego. Essa revelação, que refletia as maravilhas ocultas do universo, era quase uma versão moderna do mundo celestial das

Formas, de Platão. No século V a.C., Platão, o professor de Aristóteles e detentor de grande influência sobre o pensamento medieval, descreveu uma teoria das Formas ou Ideias celestiais perfeitas, sem relação com os sentidos, e perceptível apenas para a mente. Cada forma perfeita ou Ideia

teria sua contrapartida nas formas tangíveis e imperfeitas manifestadas na

Terra. A reverência com que os cientistas modernos tratavam a Matemática

do universo sugeria e insinuava uma sublime perfeição, mas infelizmente essas insinuações de perfeição não eram de fácil acesso para aqueles que não eram fluentes no jargão matemático e para quem as equações eram algo impenetrável. Outra dificuldade, que aparentemente foi resultado direto de sua obsessão com a Matemática, foi a irrelevância para esses cientistas do conceito de um Deus pessoal. Se, através de seus cálculos, eles estavam diminuindo qualquer possibilidade da existência de um Criador, era lógico supor que não poderiam prever nenhum outro lugar ou papel para Deus no universo físico.

Em face desses argumentos racionais dogmáticos, não havia nenhum

sentido em levantar questões de espiritualidade e fé religiosa, questões da

alma e de um Deus que estava preparado para sofrer por amor à

humanidade – questões que pareciam completamente contrárias à

realidade egoísta da teoria genética. As questões de moralidade, de consciência, da apreciação das artes, deveriam ser mantidas fora da arena,

para que elas também não se tornassem vítimas da abordagem positivista.

Ainda reagindo contra a religião organizada da minha infância, eu não frequentei regularmente nenhuma das duas igrejas no final da alameda onde vivíamos, mas procurei a santidade nos jardins da Little St. Mary’s, onde Thelma Thatcher me destinou um pequeno pedaço de terra pelas

grades em frente à nossa casa e do qual eu deveria cuidar. Lá, sob a sombra

das rosas, pude tirar as ervas daninhas, revolver a terra e plantar flores para a primavera e rosas para o verão, enquanto ponderava sobre os mistérios, as teorias e as realidades. Robert e Inigo brincavam correndo pelas trilhas sinuosas e escalando os túmulos cobertos de musgo, enquanto

eu trabalhava. O antigo jardim sagrado ganhou vida com a música de suas

jovens vozes, e nossa faixa de terra floresceu com as rosas manchadas de

pink e branco que Stephen tinha me dado no meu aniversário. Era a famosa

Rosa gálica, chamada de Rosamundi em menção à amante de Henrique II, Rosamond, ou Rosa do Mundo.

— 4 —

DINÂMICA PERIGOSA

COMO O ADRO DO CEMITÉRIO FORA FECHADO, ROBERT E INIGO PODERIAM BRINCAR POR ali seguros, liberando toda a sua energia. Desde a primeira infância, era bem evidente que Robert foi abençoado pelo menos com duas vezes mais

energia do que qualquer outra criança. Além de derrubar todas as minhas

noções a respeito de padrões de sono de um recém-nascido, ele descobriu,

em cerca de oito semanas, que seus pés e suas pernas foram feitos para ficar de pé. Depois disso, ele não se sentaria mais, insistindo em manter-se na vertical, apoiado nos meus joelhos. Mesmo quando, em Seattle, nós fomos convidados para aproveitar uma sessão fotográfica gratuita por cortesia do serviço de fraldas, Robert resistiu a todas as tentativas para ficar de mentirinha num tapete ou olhar timidamente debaixo de um

cobertor que envolvia sua cabeça, o que acabou reduzindo o fotógrafo a um

estado de apoplexia quando, a contragosto, teve de permitir que meus braços aparecessem na foto, em discreto apoio a um bebê de apenas doze

semanas que estava firmemente plantado em seus dois pequenos pés.

Com apenas sete meses, essa inventiva criança descobriu como

desmontar sua cama dobrável, retirando-a de seus encaixes, fechos e dobradiças, que por fim tiveram de ser firmemente amarrados com

barbantes para impedir que ele caísse da cama. No entanto, todas as noites,

assim que Stephen e eu virávamos as costas e descíamos a escada,

bocejando e afetuosamente confiando que as repetitivas leituras de

Thomas, o trenzinho tivessem finalmente embalado nosso bebê aos reinos do sono, nós ouvíamos seus pezinhos se ocupando de descer as escadas para se juntar a nós para nossa ceia e ouvir conosco o concerto a que estivéssemos ouvindo no rádio. Uma vez que ele não podia mais

desmantelar o berço, Robert aprendeu a saltar por cima da barra e, em seguida, cair no chão. Por volta das onze horas todos nós caíamos na cama

juntos.

Mesmo antes de ter aperfeiçoado esse grau de agilidade, o dinamismo

de Robert nos deu um susto. Na primavera de 1968, meus pais nos levaram

para a Cornualha uma vez mais com meu irmão Chris. Felizmente, Robert

estava preparado para ficar sentado no carro, preso em seu assento, não importando quanto tempo demorasse a viagem – mas quando finalmente,

no início da noite, nós adultos nos afundamos com sonolência nas

confortáveis poltronas em nossa casa alugada, Robert, já podendo aos dez

meses andar cambaleante ao redor dos móveis, partiu para uma excursão

no piso térreo. De repente, um grito estridente nas minhas costas nos despertou precipitadamente. Para se firmar de pé, Robert tinha colocado sua pequena mão direita contra um aquecedor elétrico, que, sem nosso conhecimento, estava ligado em sua máxima potência, e o calor tinha queimado o suficiente para arrancar a pele da palma da mão. Graças à formação médica do meu irmão, Robert foi acalmado com a fração de uma

aspirina – o único analgésico disponível – a mão tratada com cuidado e enfaixada num lenço limpo, e todos nós, embora chocados, conseguimos ter

uma boa noite de sono. Robert, Chris e eu passamos a maior parte do dia

seguinte em busca de um médico, pois durante a noite a mão da criança tinha

inchado em uma enorme bolha. O médico, impressionado com a

qualidade dos primeiros socorros ministrados por um mero estudante de Odontologia, simplesmente prescreveu um analgésico pediátrico e fez mais

alguns curativos, e em seguida, encarregou Chris a dar continuidade ao tratamento do seu pequeno paciente.

No verão daquele mesmo ano, o ano em que Robert fez seu primeiro aniversário, Ghee e Peck Ang com suas filhas saíram da casa no número 11

para regressar a Cingapura. Na verdade, ao estilo de St. Mary's Lane, os Thatcher deram uma festa de despedida informal para eles, para a qual nós

e Inigo e seus pais fomos convidados, juntamente com uma dúzia de outras

pessoas. Inigo e Robert já estavam numa fase em que se sentiam em casa

quando estavam no lar da família Thatcher. Eles adoravam Thelma e ela retribuía com um carinho típico de avó. Eles a visitavam todas as manhãs,

olhando através da sua caixa de correio, chamando: "Tatch, Tatch!" na esperança de ser convidados para brincar com a coleção de bolas de gude

brilhantes em sua mesa de paciência. Eles eram visitantes frequentes, sentados em sua elegante mesa Regency, nas suas elegantes cadeiras

Regency – embora, por medida de precaução, ela educadamente cobrisse os

assentos amarelo-damasco listrado com plástico. Na festa dos Ang, os adultos não deram muita importância aos pequenos meninos que estavam

felizes se divertindo, até que Thelma pediu um brinde aos Ang – a Ghee, Peck, Susan e a recatada Ming – e a sua felicidade futura. Nós todos nos voltamos para pegar nossas taças de champanhe apenas para descobrir que

estavam todas vazias. Do andar de cima, veio o som de água corrente, salpicos e gargalhadas. Duas crianças de um ano, bastante embriagadas, estavam tendo a própria e muito divertida festa no banheiro de Thatcher.

Mais tarde, naquele mesmo verão, Stephen e eu levamos Robert em seu primeiro feriado com seu balde e sua pazinha para a costa norte de Norfolk, onde me deparei o dilema da necessidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Conforme a velocidade de movimento de Stephen se abrandou, a de Robert se acelerou. Stephen encontrava dificuldades para andar pela areia macia e eu também, tendo em vista que em um dos meus braços eu levava as bolsas, o balde e a pá, toalhas e uma cadeira dobrável no outro. Robert, ao mesmo tempo, corria para longe em direção ao mar aberto. Felizmente, naquela costa, a maré baixa mais depressa do que os olhos podem ver e aquela semana foi semana de maré baixa, portanto isso evitou contratempos desnecessários.

Na última manhã da nossa estadia, subi para arrumar as malas, deixando Stephen e Robert lá embaixo na sala principal na frente da casa. Na parte de trás, um solário com um mezanino que podia ser alcançado por uma escada bamba tinha sido adicionado ao chalé. Por razões óbvias, não usamos esse quarto e mantivemos a porta firmemente fechada. Depois de meia hora gasta em arrumar as malas, desci para encontrar Stephen sentado sozinho na sala da frente.

– Onde está Robert? – perguntei, confusa.

Stephen apontou para o quarto dos fundos.

– Ele abriu a porta – disse ele. – Ele entrou e fechou-a atrás de si. Não havia nada que eu pudesse fazer, e você não ouviu quando eu chamei.

Momentaneamente confusa, olhei para a porta aterrorizada e em

seguida, invadi o quarto. Não havia nenhum sinal de Robert. Meus olhos viajaram para cima e lá, para minha surpresa, estava meu filho, sentado no

topo da escada de um mezanino aberto, com as pernas cruzadas como um

Buda Criança, alegremente despreocupado com a altura abaixo dele. Corri

até a escada e subi os degraus antes que ele pudesse fazer qualquer movimento.

Se nessa primeira visita à costa, Robert não conseguiu atirar-se ao mar,

foi só porque suas pernas eram muito curtas para que ele chegasse até a beira da água antes que eu o pegasse. Depois de instalar seu pai na cadeira

dobrável da maneira mais firme na areia das dunas da praia, eu corria ao

longo da praia em velocidades que possivelmente me fariam ganhar uma medalha olímpica. Ao longo dos dois ou três anos seguintes, Robert se jogava regularmente de cabeça em qualquer trecho de água disponível, mar, lago ou piscina, assim que meu olho estivesse distraído por um segundo. Em uma visita posterior a Norfolk com os Ellis e sua filhinha –

morena, de olhos azuis, chamada Maggie – Sue mergulhou no mar como um

relâmpago para resgatar Robert, que tinha corrido direto para a água e desaparecido. Quando visitamos os Cleghorn – os pais de Bill, amigo de colégio de Stephen – no interior, Robert foi em linha reta para a lagoa e caiu de cabeça em meio a lama, arbustos e rãs. E, no verão de 1969, quando passamos o mês de julho na Universidade de Warwick no curso de verão,

estudando apropriadamente a Teoria da Catástrofe, Robert destacou-se por

saltar para o lado fundo da piscina mais próxima a cada oportunidade.

Felizmente, nessas ocasiões, como seu pai estava em palestras e não dependia de meu braço de apoio, Robert teve o benefício integral de toda a

minha atenção.

Aquele curso de verão coincidiu com o “grande salto para a

humanidade", a caminhada na Lua, que nós assistimos na televisão na sala

comum dos alunos. Saltos gigantescos, pequenos passos e todos os demais

– verdadeiras catástrofes evitadas por um fio, estes termos sonoros pareciam resumir a essência do nosso dia a dia. Saltos gigantescos eram necessários para manter-se em sincronia com os movimentos mercuriais de Robert, enquanto os passos de Stephen se tornavam menores, mais lentos e mais instáveis. Todas as manhãs eu dirigia para Stephen e o levava

do albergue estudantil onde estávamos hospedados para a sala de aula, do

outro lado do novo campus. No ritmo de Stephen, o percurso demorava cinco minutos desde o estacionamento, para atravessar os pátios e através

de um labirinto de passagens, enquanto Robert, com apenas dois anos, atirava-se para fora do carro assim que eu estacionasse, e corria na nossa

frente. O único consolo era que ele tinha um infalível sentido de direção que o levava através da rota tortuosa para a sala de aula, onde ele se instalava na primeira fila. Tornou-se piada entre os demais que a aparição

de Robert pela manhã sempre anunciava a chegada de Stephen cinco

minutos depois. O conferencista, então, ajustava a ordem de suas notas da

apresentação, adiando quaisquer resultados importantes até que Stephen chegasse.

Em casa, tivemos de barricar a residência a fim de evitar que Robert escapasse e se atirasse no rio. Em nossa caminhada vespertina eu era duramente pressionada a encontrar um meio de gastar toda a sua energia

sem esgotar-me, em especial porque ele não retornaria para casa até que estivesse num ponto de colapso, quando então ele deveria ser carregado ou

ser colocado no carrinho. Geralmente eu deixava o carrinho em casa em nossos passeios, para não interferir na velocidade dos meus reflexos, afinal isso era o mais importante, porque qualquer objeto poderia interferir na rapidez de minhas reações.

– Ponha rédeas nele – pediam meus pais com certa urgência, talvez preocupados com minha aparência abatida.

– Vocês não entendem, ele não vai andar com rédeas – insistia eu diante

da descrença deles.

– Bobagem – respondiam eles, pensando que aquilo se tratava apenas

de mais um exemplo das minhas malucas teorias sobre liberdade pessoal.

– Tudo bem, então tentem vocês – respondi desafiadoramente,

entregando-lhes o conjunto azul-claro de rédeas de couro que tinham acabado de me dar. Eles pegaram seu angelical neto loiro de olhos azuis e

colocaram nele as rédeas e foram com ele até a margem do rio, longe do tráfego. Contudo, minutos depois, voltaram para casa e pediram o carrinho

de bebê.

– Você estava certa – suspirou minha mãe. – Quando colocamos as

rédeas nele, ele sentou-se e recusou-se a andar. Quando seu pai tentou puxar as rédeas, ele manteve as pernas firmemente cruzadas e quando seu

pai levantou as rédeas ele saiu do chão e lá estava ele, balançando no ar.

Nunca, em todos os longos anos de minha educação e, sem surpresa, em

nenhum lugar em todas as pilhas de literatura medieval que analisei, consegui encontrar uma vírgula de conselhos sobre educação das crianças.

Aparentemente, através dos tempos, as crianças simplesmente aparecem, e

talvez as pessoas nunca tenham considerado necessário ensinar aos pais como cuidar delas. Se este era um exemplo do funcionamento do gene egoísta dos geneticistas, o gene egoísta tinha a intenção de causar sua autodestruição. A partir das seis horas da manhã até as onze da noite, Robert estava cheio de sorrisos dourados – alegre, amoroso e totalmente adorável –, mas sua energia ilimitada me deixava de joelhos. Eu folheava meu único guia, as já gastas

páginas do livro do doutor Spock, *Meu filho, meu tesouro,* procurando ajuda e segurança. Confortavelmente, o doutor Spock pareceu reconhecer o problema, mas a solução proposta – colocar uma rede sobre o berço – não foi uma que eu pudesse vir a adotar por medo de que Robert estrangulasse a si mesmo nela. Então eu me virei para

meu médico, o doutor Wilson, que simpaticamente recomendou uma taça de xerez – para mim – à noite "por volta das seis horas, quando Robert for

para a cama", e também me receitou um tônico.

Certa manhã cedo, em setembro de 1969, acordei assustada e sonolenta

não por causa de um som ou por uma luz, mas por um cheiro – um cheiro

doce e pegajoso que inconscientemente me fez desconfiar de que algo estava errado. Eu abri meus olhos e encontrei Robert em pé ao lado da cama, com um largo sorriso em todo o seu rosto e um líquido rosado viscoso escorrendo na parte posterior do seu pijama azul. Eu pulei da cama

e, tropeçando, desci as escadas em direção à cozinha. A cadeira estava perto da geladeira e o chão estava cheio de garrafas vazias, todas elas frascos de medicamentos. Um dos frascos continha um anti-histamínico doce, na forma de xarope, que o médico havia prescrito para Robert por causa de um resfriado recente e uma dor de ouvido, e que teve um efeito

soporífero conveniente; o outro frasco continha o estimulante que eu estava tomando para me animar. Aos dois anos, Robert tinha empurrado uma cadeira na cozinha, subido na geladeira e chegou até a prateleira onde,

por falta de um armário de remédios, os frascos de remédio foram

armazenados. Ele bebeu o lote inteiro.

Deixando Stephen sozinho para cuidar de si mesmo o melhor que

podia, eu me vesti às pressas e corri com Robert em seu carrinho de bebê

para o médico. A clínica, que ficava a apenas algumas centenas de metros,

estava abrindo justamente naquela hora e iniciando o atendimento, e nos deram prioridade. Como Robert começou a apresentar sintomas de

sonolência, o doutor Wilson nos mandou imediatamente para o hospital, que ficava a quase um quilômetro em outra direção, então peguei um táxi.

Foi aí que o pesadelo realmente começou, quando a gravidade da situação

tornou-se evidente. Robert, com braços e pernas entrando em espasmos e

se agitando em todas as direções, foi tirado de mim e alguém o segurou enquanto seu estômago foi bombeado. Em primeiro lugar, as enfermeiras estavam secas, só perguntando quais eram os medicamentos que ele tinha

tomado, então, quando tentaram todos os métodos intervencionistas à sua

disposição para livrar do sistema da criança aquele coquetel venenoso, uma

delas se virou para mim e disse:

– Ele está extremamente doente, como você pode perceber, e não há nada mais que possamos fazer, vamos ter de esperar e ver o que acontece.

Só uma vez antes Robert havia tido problemas de saúde e me causado

ansiedade. Foi no inverno anterior, quando tínhamos ido com os Ellis a Maiorca para uma semana de férias durante o Ano-Novo. Mal tínhamos chegado quando Robert ficou gravemente doente com uma cepa virulenta

de bactérias que lhe deu infecção intestinal, e nos deixou confinados ao quarto do hotel durante toda a duração da estadia. Incapaz de digerir até mesmo água, ele definhou diante de nossos olhos como as crianças de Biafra, inocentes vítimas da guerra na Nigéria, enquanto o médico local resolvia se devia levá-lo ao hospital ou enviar-nos de volta para casa antes do resto do grupo. Assim que o avião pousou no aeroporto de Gatwick, Robert começou a ter uma recuperação milagrosa. No momento em que

chegou à casa de meus pais em St. Albans, ele estava pronto para brincar seu jogo favorito – de esvaziar todas as latas do armário e fazê-las rolar pelo chão da cozinha. Aquele episódio foi angustiante, mas este era muito

mais; a pior agonia que se possa imaginar, a agonia de ver um filho morrer.

Eles amarraram Robert na cama infantil em um quarto compartilhando

na enfermaria infantil e me chamaram para que eu me sentasse numa cadeira num canto. Ele se debatia violentamente debaixo das tiras

colocadas através do berço para evitar que ele se machucasse.

Mecanicamente eu me sentei, muito entorpecida para falar, pensar ou chorar. A vida foi drenada do meu corpo quando nosso belo filho querido,

nosso bem mais precioso, entrou em coma profundo. Essa criança tinha surpreendido a todos com sua beleza, sua natureza feliz e sua vivacidade.

Ele era a personificação viva de tudo o que era bom e positivo em nosso mundo e em nossa relação. Eu, e Stephen também, o amávamos mais do que qualquer outra coisa. Nós o criamos em amor, eu lhe tinha dado à luz e

ele tinha sido alimentado com amor e carinho apaixonado. E agora, parecia

que nós o estávamos perdendo através de uma combinação de

circunstâncias – meu cansaço, sua energia e a inadequação das precauções

que eu tinha tomado para sua segurança. Se ele morresse, eu morreria também. Meu cérebro foi capaz de formular um único pensamento

expressado em meia dúzia de palavras. Elas giravam dando voltas e voltas

na minha cabeça, presas em um único sulco, com a exclusão de todo o resto:

“Por favor, Deus, não o deixe morrer. Por favor, Deus, não o deixe morrer.

Por favor, Deus...”

De vez em quando uma enfermeira entrava para verificar a respiração

de Robert e seu pulso. Apertando os lábios, ela na ponta dos pés saía para

longe novamente, enquanto eu, sem entender e olhando para um espaço vazio e

frio, fiquei em meu canto me agarrando à minha fórmula, repetindo

uma e outra vez novamente. Algumas horas mais tarde, a Irmã da

enfermaria entrou. Passou pelos procedimentos habituais e então, em vez

de sair na ponta dos pés, informou que Robert estava em uma condição ainda crítica, mas relativamente estável. Seu estado não era esperançoso, e

tudo o que poderia ser dito foi que não estava se deteriorando ainda mais.

Voltando aos sentidos por causa desse mínimo de alterações no estado de

Robert, fiquei chocada ao me lembrar de que eu tinha deixado Stephen sozinho em casa, mal capaz de cuidar de si mesmo. Onde mais eu seria necessária – aqui no hospital com meu filho em estado de coma, ou em casa

com meu marido com necessidades especiais que, sem minha ajuda,

poderia cair ou se machucar ou sufocar? Eu devo ter murmurado algumas

palavras inteligíveis para a Irmã, porque ela me liberou para que eu desse

uma olhada em Stephen. Corri pela rua através da fina garoa para olhar por

ele.

Felizmente George tinha vindo para ajudá-lo a se levantar e ele tinha tomado seu rumo em direção ao trabalho. Àquela altura ele estava

almoçando no Centro Universitário, desesperado por notícias, mas não sabia onde nos encontrar. Sentei-me com ele por um curto espaço de tempo. Não havia nada que pudéssemos dizer para nos confortar, porque não havia nenhum conforto para ser dito em nossa situação, a não ser que

ambos compartilhávamos o mesmo senso de absoluta devastação sombria,

envoltos em uma névoa de escuridão. Eu assisti enquanto Stephen

almoçava. Eu não conseguia nem mesmo beber um copo de água. Parecia inútil tentar. Não havia nenhuma razão para permanecer viva. Como eu poderia viver

com aquela dor? Estávamos cruzando a fronteira para aquele

abismo escuro onde toda a esperança está abandonada.

Eu mal me atrevia a voltar ao hospital, e deixei Stephen aos cuidados de

George. Entrei na enfermaria com medo do que eu poderia encontrar. Tudo

estava em silêncio. Uma jovem enfermeira me seguiu enquanto eu

caminhava na ponta dos pés até o quarto de Robert. Ele ainda estava lá no

berço, vivo. Ele estava dormindo, deitado tranquilamente de costas, como um beatífico querubim de Bellini. Para minha surpresa, o rosto da

enfermeira se iluminou com um sorrido enquanto ela apontava para a criança que eu via dormir.

– Veja, ele está respirando normalmente agora. Ele está dormindo e logo sairá do coma. O pior já passou – ela disse.

Apenas lágrimas, não palavras, poderiam descrever meus sentimentos,

lágrimas de gratidão e alívio.

– Você poderá levá-lo para casa quando ele acordar – continuou a

enfermeira de uma forma como se fosse apenas uma crise qualquer em sua

rotina movimentada, agora felizmente resolvida. Telefonei para Stephen para dar-lhe a boa notícia e às três e meia Robert começou a acordar.

– Você pode levá-lo para casa agora – disseram eles.

No espaço de dez minutos ele recebeu alta e saímos para a realidade vívida do nosso cotidiano. Uma vez de volta à casa, nós avisamos aos nossos vizinhos para virem e se juntarem a nós para uma festa. Todos eles

vieram e nós assistimos em silêncio, como se todo mundo estivesse em transe, enquanto Robert e Inigo empurraram seus carros de brinquedo pelo chão, indiferentes e totalmente inconscientes do drama do dia.

Naquele dia, Robert sobreviveu, mas um pouco de mim morreu. Algum, mas não todo, daquele otimismo juvenil extravagante que eu levava comigo e que me incendiava com tanto entusiasmo agora estava enterrado debaixo de um pesado fardo de ansiedade, aquela atenção surda que, uma vez que infecta a mente, nunca mais é banida. Eu tinha chegado tão perigosamente perto da pior catástrofe que uma mãe pode suportar – a perda de seu filho – que me tornei neuroticamente superprotetora, muitas vezes talvez irritando Robert e seus irmãos com minha preocupação por sua segurança.

Felizmente, a experiência pareceu ter deixado Robert ileso. Também não reduziu de forma nenhuma sua energia vital, como demonstrou adequadamente numa visita durante uma palestra na Suíça na primavera seguinte. Enquanto Stephen passou seus dias mergulhado no passado obscuro do universo, no centro de conferências em Gwatt, às margens do lago Thun, Robert e eu fomos caminhar. Esse foi o lugar onde Robert descobriu sua paixão pelas montanhas, a verdadeira saída para seus instintos de escalada. Quando, mais tarde nessa semana, nós e os Ellis passamos alguns dias no hotel da família em Hohfluh, no alto vale do Aare, onde eu costumava ficar com meus pais, Robert se encontrava totalmente adaptado. Mais de uma vez, com menos de três anos, ele insistiu em subir até o alto onde havia neve, enquanto eu, grávida de vários meses de novo, arrastava-me ficando para trás.

— 5 —

EXPANSÃO DO UNIVERSO

UMA CRISE MENOS DRAMÁTICA DO QUE O ENCONTRO CALAMITOSO DE ROBERT COM OS

medicamentos pairava sobre nós quando a década de 1970 se

aproximava do fim. A bolsa em pesquisa de Stephen, que já havia sido renovada por mais um período de dois anos em 1967, estava a ponto de expirar em 1969. Não havia nenhum mecanismo para renová-la

novamente, mas como Stephen não era capaz de lecionar, ele não poderia

seguir o curso normal da maioria dos outros bolsitas de pesquisa e candidatar-se a um cargo de professor na universidade. Nem havia sentido

em esperar uma bolsa integral, uma vez que as bolsas de estudo dessa categoria, ao contrário das bolsas de pesquisa, não são nomeações

assalariadas, mas simplesmente oferecem a adesão a um clube exclusivo, ainda que altamente intelectual, e que foi baseado – nem precisa dizer –

nos mais altos princípios educacionais.

Em 1968, Stephen tornou-se membro do recém-inaugurado Instituto

de Astronomia, um longo edifício térreo luxuosamente equipado e situado

entre as árvores em campos verdes no terreno do Observatório, no

Madingley Road, fora de Cambridge. Isso lhe possibilitou ter um escritório,

que ele compartilhava com Brandon, e uma mesa, mas não lhe

proporcionou um salário, e era improvável que isso acontecesse durante o

tempo em que Fred Hoyle se mantivesse como seu diretor, uma vez que ele

nunca perdoou Stephen por sua intervenção notória na palestra da Royal Society, alguns anos antes. Ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos,

esses postos de pesquisa com remuneração não apareciam com facilidade.

Tamanho era o entusiasmo gerado pela pesquisa sobre o buraco negro

nos últimos quatro anos, no entanto, que a Stephen não faltavam poderosos

defensores: Dennis Sciama de bom grado aceitou o desafio, assim como Hermann Bondi, cuja ajuda meu pai alistou em nosso nome. Dizia-se que o

King's College tinha uma posição assalariada de pesquisador-chefe, e que o

governo estava preparado para oferecê-la a Stephen. A reitoria de Gonville

e Caius se apressou em frear esses rumores e entrou em cena com uma categoria especial de bolsa, com duração de seis anos, como Distinção em

Ciência, antes que o King's College tivesse chance de fazer sua oferta.

Com um emprego seguro e uma renda estável, era hora de revermos

nossa condição de vida. Embora viajássemos com frequência para as

cidades vizinhas procurando uma residência mais adequada, sempre nos deparávamos com o problema aparentemente sem solução do transporte:

se comprássemos uma nova casa numa dessas vilas, mesmo que fosse a mais próxima, eu teria de levar Stephen para trabalhar todas as manhãs e ir

buscá-lo todas as noites, e essa pressão poderia se tornar cansativa, em especial com duas crianças pequenas a tiracolo. Era impossível melhorar nossa situação em Little St Mary's Lane. Com ajuda, Stephen podia ainda andar para ir trabalhar no Departamento na parte da manhã, embora

ocasionalmente ele pegasse carona para ir ao Instituto à tarde, para seminários e discussões com Brandon. Para Robert havia uma

deliciosamente antiquada escola maternal próxima, Quaker Meeting House,

e a biblioteca da universidade – como e quando eu conseguisse encontrar

tempo e energia para ir trabalhar lá – ficava a cinco minutos de distância de bicicleta. Estávamos a poucos passos do centro da cidade, e o pátio da igreja não só atendia perfeitamente às necessidades de Robert de fazer atividades ao ar

livre, mas também cumpria minhas aspirações de

jardinagem. O único problema é que a casa era muito pequena e decrépita,

apesar de minhas tentativas de redecorá-la.

Nossos amigos empreendedores, George e Sue Ellis, tinham comprado e

reformado uma casa em Cottenham, uma vila fora de Cambridge, e Brandon

e Lucette tinham feito o mesmo com seu chalé dos sonhos, logo depois de

seu casamento em 1969. Mesmo em Little St Mary's Lane, vários vizinhos

tinham habilmente ampliado e reformado suas casas que antes estavam em

ruínas, tornando-as moradias atraentes e confortáveis, e na casa número 5,

a escritora e biógrafa de Rose Macaulay, Constance Babington-Smith, tinha

imaginativamente adaptado o espaço limitado em sua casa estreita para atender aos seus requisitos livrescos. Tendo visto, com uma pontinha de inveja, quão versátil as casas poderiam ser, percebi que a nossa não seria

exceção. No entanto, havíamos sido capturados num ardil meio sem saída.

Tínhamos guardado dinheiro suficiente para um depósito em uma hipoteca

de um imóvel novo, e havia fundos disponíveis para a reforma de imóveis

antigos, mas, por causa de sua idade, nossa casa não se qualificava para uma hipoteca e, é claro, a universidade seguiu o conselho de seu inspetor e

havia considerado que a propriedade era um mau investimento.

Enquanto estávamos refletindo sobre esse dilema, uma mudança de

política da parte dos investimentos imobiliários removeu o problema por completo, e hipotecas – a uma taxa de juros mais elevada – tornaram-se disponíveis para imóveis mais antigos. Uma hipoteca acordada a partir de

uma sociedade de construção, como a nossa, tinha a vantagem adicional de

poder qualificar-nos para um empréstimo extra – a uma taxa de juros mais

baixa – pela universidade. Muito de repente, tudo começou a se encaixar, embora Stephen estivesse cético. Pareceu-me, enquanto eu me debruçava com lápis e régua sobre folhas de papel, que algumas das ideias usadas pelos nossos vizinhos ao longo da alameda poderiam muito bem ser

incorporadas a nossa casa para ampliá-la e renová-la. No piso térreo, poderíamos ter uma sala elegante que pegaria toda a extensão, fazendo dois cômodos em um, com uma nova cozinha em um dos lados do quintal,

ao passo que nos andares superiores poderíamos fazer um novo banheiro,

quartos e um jardim no terraço. Um topógrafo aposentado,

apropriadamente chamado senhor Thrift (Poupança), que provou ser um

verdadeiro mestre genial da sua profissão, elaborou planos detalhados que

ampliaram a casa aparentemente além dos limites da probabilidade,

explorando cada centímetro de espaço.

Ele e eu investigamos as subvenções – tanto para melhoria dos imóveis

como os subsídios para os portadores de necessidades especiais – e assim

que nossos projetos estavam prontos, pudemos nos inscrever para uma hipoteca. Ao contrário do odioso inspetor da universidade, o agente do crédito imobiliário alegremente veio inspecionar a casa e, olhando para os

planos propostos, assentiu.

– Vai ficar muito charmosa, não é? – disse ele, indicando prontamente

que aprovaria a hipoteca para nossa propriedade.

Agora, nos sentíamos capazes de abordar a senhoria novamente e com

uma oferta mais realista para a casa, e dessa vez ela aceitou. De fato, parecia que tudo era possível. Contudo, nós tivemos uma curta

oportunidade para desfrutar o orgulho de ser donos de um imóvel: logo depois de assinarmos o contrato, todos os móveis tiveram de ser

armazenados nos quartos da frente, e nós tivemos de sair para permitir que os pedreiros invadissem nossa propriedade. Novos empréstimos,

incluindo um generoso da parte dos pais de Stephen, e mais subsídios para

a reforma, foi o que nos permitiu embarcar nesse grande programa de reforma.

George e Sue Ellis, com Maggie e Andy, de um ano, tinham ido passar seis meses em Chicago, na casa do altamente respeitado físico teórico indiano e vencedor do Prêmio Nobel, professor Subrahmanyan

Chandrasekhar e sua mulher, Lola. Chandrasekhar, com uma bolsa do

Trinity College, tinha sido forçado a procurar um posto nos Estados Unidos

depois de ser humilhado por seu amigo Arthur Eddington na Royal

Astronomical Society, em 1933. Chandrasekhar tinha antecipado as

pesquisas sobre o buraco negro ao prever o colapso final de estrelas massivas sob o próprio peso, só para ter sua teoria mordazmente

ridicularizada por Eddington e as ideias dominantes da Astronomia. Em Chicago, os Chandrasekhar viviam no tipo de estilo de vida que só um casal

sem filhos pode manter. Tudo em seu apartamento isolado era branco como a neve: um grosso tapete branco, sofás e cadeiras brancas, cortinas brancas – tudo um pesadelo branco para uma mãe visitante, como Sue, com

crianças muito pequenas, cujos dedos viviam permanentemente sujos de chocolate.

Enquanto isso, nós assumimos com gratidão a casa eminentemente

prática dos Ellis, voltada para crianças, e que havia sido reformada, em

Cottenham, e ficaríamos lá durante a reforma de nossa casa 6 na Little St Mary's Lane. Foi somente por meio da vida no campo que eu compreendi

totalmente a conveniência de viver na cidade. A casa era deliciosa, mas o isolamento foi angustiante, em especial porque me sentia mal durante a gravidez. Stephen tinha de ser levado a Cambridge para o departamento todas as manhãs e depois ser recolhido à noite, exceto nas ocasiões em que

ele estava pronto a tempo de pegar uma carona com outros vizinhos moradores em Cottenham. Robert estava inquieto, sentindo falta tanto de Inigo quanto de sua escolinha, enquanto eu sentia muita falta de minhas amigas do bairro, em especial dos Thatcher, e todas as tentativas de trabalhar na minha tese foram bastante inúteis. Minha depressão não foi facilitada pelo constante bombardeio de notícias do Oriente Médio, o que sugeria que outro confronto entre os egípcios e os israelitas – e, consequentemente, entre as superpotências – era iminente. Não apenas os

dois países viviam invadindo regularmente os territórios alheios, mas também um novo aspecto da guerra mostrava seu rosto hediondo, o

sequestro de aviões civis. Fiquei tensa e irritada e, tenho vergonha de dizer, de pavio curto com as pessoas mais próximas e mais queridas: Stephen, Robert e com minha amada avó, que veio de Norwich para ficar conosco durante uma semana muito quente e muito irritante.

Por último, e contra todas as expectativas, nossa casa, que por meses tinha se parecido com um local explodido, enquanto o que restava dela se

resumia a um solitário poste de metal, ficou em um estado suficientemente

habitável para que pudéssemos voltar a ela em meados de outubro. Ela ainda não estava pronta e cada dia trazia uma sucessão de diferentes operários, encanadores, pintores e eletricistas, todos desconfortáveis e conscientes do prazo final que se aproximava, ao qual todos teriam de se conformar. Uma vez de volta à casa, Stephen e Robert poderiam retomar suas rotinas normais e eu poderia me dedicar a esfregar o chão, arrumar os

móveis, pendurar cortinas e preparar o novo quarto dos fundos para o bebê. Esse quarto e um novo e minúsculo banheiro ao lado dele ocuparam

o espaço do antigo banheiro inclinado do primeiro andar. Eles davam para

um jardim no terraço que ficava acima da cozinha, e que tinha sido construída conforme o planejado, em um dos lados do quintal. A área da antiga cozinha era agora a sala de jantar, que se estendia da frente da casa até o fundo, apoiada no meio por uma viga contínua, misteriosamente denominada um RSJ. Na parede posterior, construída de antigos tijolos mosqueados de Cambridge, o senhor Thrift reintegrou a placa de John Clark do século XVIII.

Na parte superior da casa no terceiro andar, atrás do sótão de Robert,

havia um novo quarto que, de acordo com os planos, teria de ser rotulado

como um depósito, porque o teto estava poucos centímetros abaixo da altura regulamentar para um ambiente habitável, em virtude de uma janela

lateral na propriedade vizinha. No entanto, quando o inspetor de obras fez

sua pesquisa final, ele lançou os olhos pelo quarto e impassível, comentou:

– Este poderia ser um quarto agradável, não poderia?

Apressei-me a apontar para ele, em termos inequívocos, que o quarto estava cheio de caixas e malas em reconhecimento do seu propósito

expresso. Logo em seguida, o chamado depósito acabou por encontrar sua

verdadeira função, como uma magnífica sala de jogos – segura, fora da vista, longe do alcance da voz e da mente.

Quinze dias depois, no dia 31 de outubro, quando os operários foram embora, nós demos uma festa e convidamos quarenta dos nossos amigos para se espremer em nossa casa, uma combinação feliz de antigo na frente

e moderno atrás. O entusiasmo e o esforço de colocar de pé a festa produziram resultados positivos, e o dia seguinte me encontrou deitada em

estado de certo desconforto na chaise-longue que eu tinha acabado de estofar. Naquela noite fui para o hospital, decidida a nunca mais me colocar, e ao novo bebê, à mercê das parteiras da casa de repouso, e insisti que esse parto deveria

acontecer com a participação de nossa serena e sempre sorridente parteira local, na maternidade.

Numa demonstração sem precedentes de atividade no início da manhã,

eu dei à luz uma menina, Lucy, às oito horas da manhã de segunda-feira, 2

de novembro. Nossa parteira me deu toda a atenção adequada e, em

seguida, naturalmente o suficiente depois de ter trabalhado a noite toda, ela foi para casa, deixando a mim e ao bebê sob os cuidados das enfermeiras do hospital. Contudo, às oito horas de uma manhã de segunda-feira não foi um momento muito feliz para nascer. Assim que as

enfermeiras presentes no nascimento tinham lavado e vestido o bebê, elas

saíram de serviço, deixando-me encalhada na cama, enquanto a pobre

criatura – no berço ao meu lado, mas fora do meu alcance – gritou até que

seu rosto ficou vermelho. Eu desejava confortá-la, mas eu tinha sido instruída a não me mover e, em qualquer caso, no meu torpor pós-parto, eu

temia que pudesse deixá-la cair. Fiquei fria e desamparada em cima da cama dura, angustiada por ver a pequena criança recebendo essa

apresentação tão rude da vida.

Depois de dois dias no hospital, estava pronta e ansiosa para ir para casa, tão pronta que já tinha vestido meu casaco e envolvido minha bonequinha linda de rosto rosado, agora muito mais calminha, em xales rendados bem aquecidos, quando um médico apareceu e me mandou de

volta para a cama, explicando que ele ia me prender a um soro com ferro

para repor minhas fontes de energia antes de me deixar ir para casa.

Obedeci e, em vez de voltar para casa para Stephen e Robert, eu

tristemente me refugiei em meu livro, *Buddenbrooks,* de Thomas Mann, a saga de uma família prussiana no final do século XIX. Minha paciência na

maternidade foi recompensada no dia seguinte quando Lucy e eu fomos para casa, provavelmente em muito melhor forma graças aos suplementos

de ferro que tinham sido aplicados em mim. Foi bom estar de volta, onde

no início de novembro as últimas rosas, mais doces e mais intensas do que

qualquer rosa no verão, estavam entrando em floração no jardim. Robert chegou em casa vindo da escola maternal com Inigo logo depois do meio-dia. Ele correu para a caixa do correio, procurando excitado, e depois correu para dentro da casa, exigindo:

– Onde está o bebê, onde está o bebê?

Assim que ele viu sua irmã deitada sobre um tapete no chão, ele foi direto para ela e lhe deu um beijo. Depois disso, embora Lucy, uma vez que

tinha adquirido o poder da fala, quase não lhe permitiu dar uma palavra de

tanto que falava, essa relação fraterna foi uma área em que os conselhos do

doutor Spock nunca foram necessários, porque Robert nunca demonstrou o

menor sinal de rivalidade com irmãos.

Embora o pai e o irmão de Stephen, Edward, tivessem ido a Louisiana

para o ano letivo em causa da Medicina tropical, sua mãe tinha ficado na Inglaterra, em Cambridge, durante o período imediato ao nascimento de Lucy, porque Stephen estava começando a precisar de muito mais ajuda com suas necessidades diárias. Ele ainda conseguia subir as escadas, mas seu caminhar era tão lento e instável que precisou, e com o maior desgosto,

enfim ser levado a uma cadeira de rodas. Nos quatro dias da minha ausência no hospital, a pessoa que fosse me substituir no front doméstico

precisava ser alguém com paciência, compreensão e resistência, em quem

Stephen pudesse confiar totalmente. George era seu ajudante fiel no Departamento, mas ele tinha sua família e devia ir para casa à noite, de modo

que naturalmente Stephen preferia ter sua mãe para cuidar dele enquanto eu estivesse fora de ação. Ela permaneceu por alguns dias depois

do meu regresso e foi gentil, bem-humorada e cheia de energia, mesmo um

pouco distante. A rotina era exigente: as compras deviam ser feitas e as roupas tinham de ser lavadas, a casa varrida, as refeições preparadas e Robert e Stephen precisavam ser cuidados. Os dias desde aquela vez em que Stephen tinha pegado uma toalha para ajudar com a louça há muito tinham passado. Sua doença impossibilitava que ele ajudasse com o

funcionamento da casa, porque não havia nada de natureza prática que ele

pudesse fazer. A vantagem para ele dessa incapacidade prática foi que permitiu que ele dedicasse tempo ilimitado à sua paixão, a Física, que eu aceitei, porque sabia que ele nunca teria de bom grado sido distraído disso

pelas considerações mundanas de culinária, dos trabalhos domésticos e das

trocas de fraldas, quaisquer que fossem suas circunstâncias.

Depois de voltar para casa, minha mãe assumiu o papel de Isobel, para

que ela pudesse se juntar à sua família nos Estados Unidos, onde sua presença era urgente. Em sua ojeriza pelos répteis, o pai de Stephen tinha

desobedecido todos os conselhos locais e tinha enfrentado uma cobra mortal com um cabo de vassoura em uma luta até a morte. Stephen

visitaria sua família na Louisiana em dezembro, quando estivesse a

caminho de uma conferência no Texas, seis semanas depois do nascimento

de Lucy. Para meu imenso alívio, concordamos que ele deveria ir com George, e eu deveria ficar em casa com os dois filhos.

Quando todas as avós tinham ido embora, nossa rotina mudou

novamente, girando em torno do bebê e de Stephen, com uma grande ajuda

do menino de três anos, Robert, da babá de Inigo e de Thelma Thatcher.

Senti-me muito abençoada com minhas duas crianças. Stephen, porém,

estava preocupado com Lucy. Ela dormia por longos períodos durante o dia

e, à noite, ficava positivamente angelical, tanto que ele estava convencido de que havia algo de errado com ela. Ele esperava que todos os bebês fossem como Robert, ativo e enérgico durante todas as horas do dia e da noite. Eu não compartilhava dessa ansiedade. Eu aproveitava para

desfrutar desse período felizmente tranquilo depois de seu nascimento, que foi um dos mais estáveis momentos em nossa vida, especialmente bem-vindo após a atividade frenética dos trabalhos de reforma da casa.

A casa era uma delícia em sua claridade e muito espaçosa, e o bebê era

uma fonte de grande alegria; ela era tão pequena que eu podia segurá-la na

palma de uma mão, e tão silenciosa que quando a inspetora da saúde veio

nos visitar, ela nem mesmo a notou deitada a meu lado na cama. Lucy observava horários de dormir convencionais, permitindo-me tocar a casa de uma maneira razoavelmente bem ordenada, cuidar de Stephen e de

Robert e dormir por horas regulares. À noite, eu também era capaz de retomar a leitura de meus romances enquanto Stephen estava se

preparando para dormir. Nós concordamos tacitamente – tendo em vista que todas as referências à sua doença eram ofensivas para ele – que era importante para ele continuar a fazer todas as coisas sozinho enquanto pudesse, mesmo que levasse tempo. Ele poderia se despir assim que eu tivesse afrouxado os cordões dos sapatos e aberto os botões, e então ele se

debateria para tirar as roupas e vestir o pijama enquanto eu estivesse lendo, o que era um luxo precioso no final de cada longo dia. A rotina noturna de Stephen era um processo lento, não só por causa das limitações

físicas, mas também porque sua concentração foi sempre direcionada para

outro lugar, geralmente para um problema relativista. Uma noite, ele levou

ainda mais tempo do que o habitual para ir para a cama, mas foi só na manhã seguinte que eu descobri o porquê. Naquela noite, ao mesmo tempo

em que estava vestindo o pijama e visualizando a Geometria dos buracos negros em sua cabeça, ele tinha resolvido um dos problemas principais na

pesquisa do buraco negro. A solução definia que, se dois buracos negros colidissem e formassem um só, a área de superfície dos dois combinados não poderia ser menor, e deveria ser quase sempre maior do que a soma dos dois buracos negros iniciais, ou, de forma mais concisa, o que quer que

aconteça a um buraco negro, sua área de superfície não pode diminuir de

tamanho. Essa solução foi a que fez de Stephen, aos vinte e oito anos, a figura dominante na teoria dos buracos negros. Como os buracos negros se

tornaram um tema geral das conversas, isso também fez dele uma figura de

reconhecido fascínio para a população em geral. Em Seattle, ficamos em torno daquele fenômeno recém-batizado, o buraco negro; agora tínhamos definitivamente cruzado seu horizonte, aquela fronteira da qual não há como escapar. A teoria previa que, uma vez aspirado pelo evento, o viajante

desafortunado seria esticado e alongado como um pedaço de espaguete, para nunca mais ter nenhuma esperança de emergir dali ou de deixar alguma indicação quanto ao seu destino.

— 6 —

EM CAMPANHA

MIL, NOVECENTOS E SETENTA, O ANO DO NASCIMENTO DE LUCY, VIU A APROVAÇÃO DA Lei de Pessoas com Doenças Crônicas e com Deficiência. Apesar de ela ter

sido aclamada em todo o mundo como um avanço histórico na afirmação dos direitos das pessoas com necessidades especiais, o governo recusou-se

a adotá-la plenamente durante muitos anos, deixando aos indivíduos já duramente pressionados que realizassem suas campanhas para aplicação

da lei em nível local. No entanto, deu substância às muitas queixas contra

os diversos organismos públicos cujos edifícios não permitiam fácil acesso

para pessoas com necessidades especiais.

Carregando um bebê pequeno na minha frente enquanto empurrava

Stephen em sua cadeira de rodas, com Robert, aos três anos, andando ao lado, eu estava na vanguarda dos manifestantes, em campanha em nome das pessoas com necessidades especiais e seus acompanhantes. Uma guia alta ou um degrau malfeito, e muito mais um lance de degraus,

apresentavam o tipo de obstáculo que poderia transformar um

possivelmente tranquilo passeio em família em um desastre inenarrável.

Sem ser forte o suficiente para superar o obstáculo sem ajuda, eu teria de

ficar à espera, vasculhando a vizinhança em busca de um transeunte masculino a quem pudesse solicitar ajuda. Então, eu teria de entregar meu

bebê a qualquer senhora gentil que passasse por perto. Juntos, o homem que eu teria parado, Robert e eu ergueríamos a cadeira de rodas e seu ocupante por cima do obstáculo, sempre tomando cuidado para que a

pessoa em meu auxílio não erguesse a cadeira pela parte errada – o braço

ou o apoio para os pés – que pudesse estar mais à mão. Finalmente, eu me

derramaria em agradecimentos ao ajudante antes de continuar nosso

caminho. Muitas vezes, para meu alívio, os ajudantes se ofereceriam antes

que eu tivesse a chance de importuná-los. Com frequência, assim que erguiam a cadeira, eles perguntavam com espanto:

– O que você dá para ele comer? Ele pesa uma tonelada para alguém tão

magrinho...

– Está tudo em seu cérebro – eu respondia.

Nossas cartas de protesto endereçadas à prefeitura eram recebidas com

desdém superior, uma reminiscência dos primeiros encontros de Stephen com os tesoureiros da Gonville e Caius. O supervisor da cidade nunca antes

ouvira falar de pessoas com necessidades especiais que quisessem cruzar a

cidade até a distante Marks & Spencer para comprar a própria roupa de baixo, por isso eles não conseguia entender a necessidade dessa viagem...

Como se as pessoas com necessidades especiais e suas famílias não

tivessem o direito de se aventurar tão longe. A injustiça nos estimulou à ação. Por que Stephen deveria sofrer restrições em seu estilo de vida além

daquelas que foram infligidas por uma natureza cruel? Por que esses burocratas sem visão tinham o direito de tornar a vida duplamente difícil

para ele, quando ele, ao contrário desses funcionários públicos

presunçosos, o flagelo da Grã-Bretanha, estava usando seu restrito período

de vida com abundância todos os dias?

Depois de muitas batalhas, conseguimos persuadir o Theatre Arts e o cinema a deixar áreas disponíveis para cadeiras de rodas. A Universidade começou lentamente a rever suas disposições para o acesso, assim como algumas das faculdades mais liberais. Nós levamos nossa campanha mais longe – à Ópera Nacional no Coliseu, onde nossas necessidades foram imediatamente reconhecidas, e para a Royal Opera House, em Covent

Garden, onde a ajuda consistiu em descarregar a responsabilidade para o acesso de cadeiras de rodas para dois idosos atendentes que, coitados, enquanto lutavam com Stephen até as escadas para os assentos, deixaram-no cair. Por uma curiosa coincidência, a atitude da Câmara Municipal visando o acesso para os portadores de necessidades especiais amadureceu

rapidamente enquanto a fama de Stephen crescia, mas isso foi muito tempo

depois desses anos extenuantes durante os quais eu empurrei a cadeira de

rodas com dois filhos pequenos a tiracolo.

A maioria das universidades era mais lenta para fazer ajustes, alegando

falta de verbas ou a impraticabilidade de adaptação de edifícios históricos

sem violar as leis de conservação. Muitas vezes, o refeitório da

universidade seria acessível apenas pela cozinha, com suas pistas de obstáculos traiçoeiros, como as cubas fumegantes, as grelhas ferventes e os

carrinhos carregados com pilhas de louças sujas, bandejas de aperitivos e garrafas de vinho. Então, nossa chegada tardia à mesa seria recebida com

desdém pomposo, como se aqueles atrasos fossem assustadoramente

constrangedores e aborrecidos. Nossa batalha com uma universidade, tão avançada em sua ânsia de admitir mulheres, mas distintamente atrasada em sua desatenção para com as prioridades das pessoas com necessidades

especiais, continuou até bem avançado nos anos 1980.

Para além de degraus e lances de escada, havia muitos imprevistos

perigosos na vida cotidiana. Uma vez, quando estava levando Stephen com

Lucy em seu colo para um passeio pelo brejo, o rodízio dianteiro da cadeira

de rodas ficou preso em uma raiz, lançando os amedrontados ocupantes na

terra lamacenta. Em outra ocasião, quando Lucy já estava um pouco mais velha, evitamos os sulcos no chão, mas nos deparamos com um obstáculo

bastante diferente em nosso caminho. Para reduzir a bagagem, eu tinha saído de casa apenas com minha chave da porta e sem dinheiro no bolso.

Quando viramos nos portões de ferro forjado do King’s College, Lucy inevitavelmente avistou uma van de sorveteiro estacionada ali perto. Ela havia começado a falar aos dez meses quando, deitada em nossa cama, olhou para o

lustre no teto e anunciou: “uz, uz”. Portanto, exigir um sorvete com a idade de um ano estava bem dentro de suas capacidades. Recusando-se a aceitar meu “não” cheio de remorsos, ela deslizou para fora do colo do

pai e sentou-se furiosa no chão, interrompendo a passagem. Eu não podia

levá-la e empurrar Stephen ao mesmo tempo, por isso Robert e eu

tentamos persuadir aquela bolinha agitada de roupas azul-royal e cachos castanhos, mas sem sucesso. Integrantes do King’s Choristers pararam em

seu caminho para a escola na capela e ficaram em volta dela, em um círculo,

admirando-a, perturbados com o espetáculo de tanta angústia de uma

pessoa tão pequena. Depois de uma eternidade, um conhecido de Stephen

de outro grupo no Departamento apareceu em cena e veio para o resgate.

Enquanto eu empurrava Stephen, ele carregava Lucy, ainda proclamando sua indignação, para casa – e sem um sorvete.

Como não tínhamos tempo para ler jornais, contávamos com meus pais

para conseguir trechos de informações úteis recolhidos por eles. Muitas vezes eles nos enviavam pacotes de recortes, por vezes sobre descobertas

na Astrofísica, e por vezes, sobre os benefícios para portadores de necessidades especiais. Uma vez que, em um dos últimos recortes, foi sugerido que as pessoas portadoras de necessidades especiais podiam

recuperar o custo da licença dos veículos a motor, fomos falar com o médico de Stephen e pedir esclarecimentos. Verificou-se que a informação

no artigo estava à frente de seu tempo: em 1971, ainda não havia nenhum

mecanismo em vigor para a recuperação da taxa de licença – que viria em

seguida, alguns anos depois – mas o doutor Swan sugeriu que Stephen se

candidatasse a um veículo para portadores de necessidades especiais.

Essa possibilidade incrível começou a abrir horizontes emocionantes.

Se ele pudesse manipular os controles do joystick de um carro elétrico, Stephen teria uma nova mobilidade mecânica em forma de compensação

pelo fato de seus movimentos estarem diminuindo. O pedido foi aceito, as

formalidades burocráticas concluídas, mas apenas um problema

permaneceu: o veículo teria de ser estacionado ao abrigo perto de uma tomada elétrica para carregar as baterias durante a noite. Como tantas vezes aconteceu, uma solução veio de uma fonte totalmente inesperada, quando Hugh Corbett, o diretor do Centro Universitário, respondeu à nossa

necessidade e, sem hesitar, ofereceu a Stephen um espaço de

estacionamento coberto perto de uma tomada no fim da rua.

Embora os veículos para portadores de necessidades especiais fossem

criticados por sua instabilidade, o carro elétrico – que viajava com a velocidade de uma bicicleta rápida – possibilitou que Stephen pudesse novamente comandar a própria rotina, guiando para onde ele quisesse ir e

dividir seu dia de trabalho entre o Departamento pela manhã e o Instituto

de Astronomia à tarde. Em seu retorno para casa no início da noite, ele estacionaria em frente de casa, tocando a buzina, e Robert sairia correndo

animadamente e escalaria o banco ao lado dele para os cinquenta metros finais da viagem até o Centro Universitário, enquanto eu seguiria atrás com

a cadeira de rodas para trazer Stephen de volta para casa. Como sempre, nenhum sistema estava completamente livre de problemas. O carro estava

sujeito a avarias frequentes, e muitas vezes o encontramos fechado em seu

lugar no estacionamento por outros veículos. Uma vez ele tombou, dando a

Stephen um susto desagradável, embora felizmente não tenha havido

ferimentos.

No verão, as crianças e eu, às vezes, fazíamos um piquenique no

gramado do Observatório e visitávamos Stephen em seu escritório no

Instituto de Astronomia. As vozes agudas das crianças corriam na frente delas ao longo dos corredores acarpetados como rajadas de ar fresco na primavera, anunciando sua presença ao seu pai encantado. As expressões no rosto de Stephen eram sempre uma medida muito mais poderosa de suas emoções do que suas palavras, e nessas ocasiões era o sorriso em seu

rosto que transmitia sua alegria inconfundível por seus filhos. O

Observatório, construído em 1823 com uma cúpula no centro e asas

residenciais para os astrônomos, tinha a aparência de uma incomum, mas

imponente, casa de campo, situada em pomares bem cuidados e jardins, onde separamos um pequeno espaço para plantar nossas coisas. Enquanto

a igreja era o local ideal para o cultivo de rosas e lírios, fiquei entusiasmada com o pensamento de plantar hortaliças ali. Fora do Observatório as crianças brincavam determinadas, conversando sem parar enquanto

cavavam, plantavam sementes e as observavam a crescer. E então, no final,

nós orgulhosamente recolhíamos nossas braças de feijão e cenouras e alfaces e levávamos para o Instituto para mostrar a Stephen, antes de irmos

para casa primeiro que ele.

Aquelas tardes despreocupadas passadas à beira do campo provaram

ser um refúgio das crescentes provas da vida em Little St Mary’s Lane.

Quando nos mudáramos para lá em 1965, a alameda era um paraíso de tranquilidade. Até o início dos anos 1970, estava se tornando uma

passagem movimentada e perigosa para o Centro Universitário, Peterhouse

College e o Garden House Hotel na margem do rio. Não raro, um caminhão

de dez toneladas descia a rua equivocadamente com a intenção de entregar

sua carga para o Centro ou para o hotel, apenas para se ver preso no meio

do caminho, onde a pista se estreitava. O caminhão teria, então, de voltar de ré até a Trumpington Street, passando raspando pelas fachadas de nossas

casas e enchendo as salas da frente de fumaça preta.

Se esse era o principal problema de dia, de noite nossos ouvidos eram

assaltados por uma enxurrada de música pop que vinha da, assim chamada,

sala de música do Peterhouse. Eles haviam habilmente colocado sua sala de

música – onde eram realizadas sessões regulares de música pop – o mais longe possível do corpo principal da universidade, em um salão com vista

para o cemitério da igreja. Talvez pensassem que não importava se o sono

dos mortos fosse perturbado. Infelizmente, eles deram pouca atenção à vida das pessoas do bairro, em especial os mais idosos e os mais jovens, para quem os lamentos noturnos, as pancadas e os gritos eram intoleráveis.

Um aviso prévio de que uma nova sessão estaria iminente poderia ser detectado de tarde, com o assobio de alto-falantes, os acordes ocasionais em uma guitarra, a queda de um prato solitário. Em uma dessas tardes, Thatcher acenou na direção de Peterhouse:

– Não é adorável, querida? – disse ela – Eu acho que eles estão tendo um *thé dansant*.

Mais uma campanha – desta vez não se tratando de questões

relacionadas a pessoas com necessidades especiais – era uma necessidade

urgente. Uma sucessão de cartas para o Corpo diretivo da Peterhouse, telefonemas angustiados no meio da noite para os porteiros e até mesmo,

em uma ocasião, ao Mestre, finalmente produziram um compromisso,

reduzindo as horas em que se podia tocar a todo volume e reduzindo o volume após a meia-noite.

O trânsito, um perigo real para as três crianças pequenas, Robert, Lucy

e Inigo, que gostavam de andar de triciclos pela rua para cima e para baixo

e visitar os vizinhos, era um problema intratável que exigia uma campanha

organizada, com reuniões e muito mais cartas, muitas das quais não encontraram uma resposta encorajadora. No entanto, a complexidade do problema mudou dramaticamente em decorrência de um devastador

incêndio que atingiu o Garden House Hotel, em 1972, dois anos depois de

ter sido alvo de um protesto estudantil porque parecia apoiar o regime militar na Grécia.

Até o final do dia do incêndio, a cena de tantas famílias felizes reunidas

não era nada além de uma lembrança, porque dos restos enegrecidos do hotel surgiram planos ambiciosos para instalações muito mais amplas.

Deixando de lado as considerações arquitetônicas, um horrendo volume de

tráfego certamente aconteceria, por isso, os moradores da alameda se opuseram aos planos por unanimidade. Bem no momento em que ambos os

lados estavam indo para um confronto, percebemos que os dois objetivos

aparentemente conflitantes não eram tão incompatíveis como pareciam. Os

donos queriam um novo hotel, e nós queríamos a pista fechada e sua paz e

segurança restauradas; ao unir forças em vez de se oporem, os dois objetivos poderiam ser alcançados, e esse foi de fato o resultado final de uma tensa reunião de moradores e gestores do hotel, habilmente presidida

pelos Thatcher no número 9.

Se em Cambridge Stephen e eu tínhamos começado a encontrar formas

de adaptar e controlar nosso ambiente, em outros lugares seria ainda mais

difícil. Em seu retorno da Louisiana no final de 1970, os pais de Stephen decidiram comprar uma casa de campo. Eu esperançosamente sugeri que uma casa na costa leste seria um recurso maravilhoso para nossa família.

Tanto em Norfolk quanto em Suffolk, embora a areia fosse macia, o terreno

era plano e gerenciável, permitindo que Stephen fosse empurrado para a beira da praia de onde podia ver as crianças brincando. Minha ideia foi bruscamente desconsiderada.

– A costa leste é muito fria para o pai; ele odiaria ter um chalé por lá –

comentou Isobel.

Isso era estranho, pois Frank Hawking passava a maior parte de seu tempo trabalhando no jardim, em todas as estações do ano e em todos os

climas – assim como Hardy McGregor em *Peter Rabbit* – e dentro de casa, ele se enrolava em um robe para se aquecer, em vez de instalar mais aparelhos de aquecimento, deixando todos os outros congelando em

condições subárticas.

Isobel foi procurar um chalé com Philippa, que tinha retornado de um

período de dois anos de estudos no Japão, e voltou muito entusiasmada sobre seu achado – um chalé de pedra com vista para uma curva do rio Wye

acima de uma aldeia chamada Llandogo em Monmouthshire – um lugar de

agradáveis caminhadas e cenários, com rios e florestas para as crianças brincar e explorar. Eu nunca tinha ido ao País de Gales e fui rapidamente contagiada por seu entusiasmo, tanto mais que em abril de 1971 tínhamos

comprado um carro novo e reluzente, um substituto para o Mini cansado,

financiado pelo Primeiro Prêmio de Stephen no Concurso Gravidade anual

para um ensaio que ele tinha preparado logo depois do Natal.

Apesar do seu tamanho – cerca de três vezes maior do que o Mini – até

mesmo o carro novo foi mal adequado para toda a nossa bagagem, como descobri quando experimentei várias formas de carregá-lo para a viagem exploratória ao País de Gales, no outono de 1971. Assim que a cadeira de

rodas, o carrinho e o berço de viagem foram arrumados no porta-malas, restou pouco espaço para as malas. O expediente seguinte foi instalar um rack de teto, que, porém, criou o próprio conjunto de problemas: depois que eu tivesse feito a mala para nós quatro, fechado a casa, colocado Stephen no banco da frente do carro, dobrado a cadeira de rodas e guardado na parte de trás, prendido as crianças em seus assentos,

carregado a bagagem deles, incluindo o berço de viagem e a cadeirinha, e

depois prendido nossas quatro pesadas malas no rack do teto, eu estava tão

exausta que a viagem de pouco mais de trezentos quilômetros, três vezes mais longe que a distância para o litoral de Suffolk ou Norfolk, tornou-se um calvário em vez de uma aventura. Mesmo quando a rodovia M4 abriu pouco depois da nossa primeira viagem, a distância ainda era um grande inconveniente.

No entanto, quando paramos do outro lado da fronteira galesa para

fazer uma pausa para o chá e vimos os sinais de trânsito em uma língua estrangeira e cheiramos aquele ar úmido, nosso sentimento de emoção voltou. Afinal, já poderíamos responder com sinceridade a Robert, que vinha perguntando quanto tempo faltava desde que saímos de Cambridge,

que estávamos quase lá. Alguns quilômetros de estradas de montanha e, em seguida, sinuosas pistas nos levaram finalmente ao nosso destino. A descrição que recebemos do chalé foi inegavelmente precisa. Sua posição acima do rio Wye era incrivelmente bonita, abrindo uma visão ininterrupta

do rio, do vale e das colinas cobertas de aves na margem oposta, onde em

um brilho radiante de cores, o outono reinava em toda a sua glória. Um riacho descia a encosta ao lado da casa, e um caminho através dos bosques

de faias na parte de trás passava pelo mato de turfas para as cachoeiras de

Cleddon. Não muito longe, nas Black Mountains e Brecon Beacons, um vento frio assolava incessantemente, testando a resistência até do

andarilho mais rijo. A casa em si era certamente pitoresca – caiada de branco, com telhado de ardósia, colocada numa encosta verde, uma fumaça

azul ondulava suavemente para cima de sua chaminé – e suas atrações eram inegáveis.

Essa descrição fiel tinha omitido vários detalhes importantes, no

entanto, como o fato de que a encosta era praticamente vertical, de modo

que o único movimento possível seria para cima ou para baixo, e o único trecho de superfície horizontal adequada para uma cadeira de rodas era uma trilha de meros cem metros de comprimento para os pés de amora na

borda do bosque. Além disso, para chegar à casa, a pessoa deveria subir um

lance de uma dúzia de degraus de pedra íngremes, escorregadios com musgo e líquens, enquanto lá dentro uma escada longa e íngreme levava aos quartos e ao único banheiro. Não poderia ter sido mais impróprio para

Stephen. Embora seu pai estivesse junto, ele levava dez minutos para subir

ou descer as escadas para o banheiro, e mais de dez minutos para subir ou

descer a traiçoeira escadaria que levava para a estrada. Todas as excursões

teriam de ser feitas de carro, porque não havia outro lugar para ele ir.

As crianças adoraram o lugar e uma parte de mim compartilhou de sua

alegria. As cores eram hipnotizantes e o ar, deliciosamente limpo. Eu adorava os pratos de minha sogra. Ela era excelente cozinheira, exceto nas

ocasiões em que decidia economizar, servindo-nos folhas de sabugueiro recém-colhidas ou urtigas salgadas do jardim. Ao contrário de Stephen, que

franzia o nariz com nojo, eu também gostava do vinho caseiro de meu sogro, em especial o delicioso hidromel, que ele fermentava a partir do mel

produzido por suas abelhas. Depois do jantar, passávamos longas noites preguiçosas na frente da lareira, jogando jogos de tabuleiro até a cabeça das crianças começar a bater de sono. Contudo, nas ocasiões em que eu saía

para caminhar ou subir com Robert, eu me sentia muito infeliz por deixar

Stephen para trás, sentado tristemente dentro de casa ou fora, no terraço.

Em nenhum outro lugar se poderia mais efetivamente ou mais cruelmente

enfatizar suas limitações físicas. Fiquei chateada e perplexa. Parecia que os Hawking consideravam-se livres de toda a responsabilidade básica para com Stephen. Se nós os visitássemos, eles estariam dispostos a ajudar, mas

de outra forma eles pareciam ignorar os inconvenientes dessa doença motora.

— 7 —

MOBILIDADE ASCENDENTE

LLANDOGO, COM TODOS OS SEUS OBSTÁCULOS, EM 1971, acabou por ser um útil ensaio para a excursão do verão seguinte – para a escola anual de verão em Física em Les Houches, nos Alpes franceses, na encosta mais baixa do Mont

Blanc – que era fruto da imaginação de Cecile de Witt e seu marido norte-

americano Bryce. Mãe de quatro meninas e uma física notável numa época

em que mulheres físicas eram raras, Cecile era uma daquelas mulheres capazes – e não muito diferente das mulheres do Lucy Cavendish – a quem

eu observava em êxtase. De sua casa nos Estados Unidos ela organizou as

conferências em sua França natal e convidou os participantes, que foram escolhidos a dedo. No Les Houches, ela supervisionou todos os arranjos, liderou as sessões e subiu as montanhas. Para Stephen, ela encomendou uma força de

trabalho, trouxe escavadeiras para a construção de uma rampa até o chalé onde ficaríamos por seis semanas, e fez todos os arranjos

possíveis para nosso conforto. Ela não poderia ser responsabilizada pelo clima dos Alpes naquele verão.

Stephen voou para Genebra com seus colegas, enquanto meus pais e eu

fomos de carro com o resto da família para Paris, para pegar o trem noturno para Saint-Gervais, a cerca de trinta quilômetros de Les Houches.

Chegamos a Paris no fim de semana caótico do *le grand rush* no final de julho, quando toda a França saía de férias, mas de alguma forma meu pai conseguiu encontrar a estação do trem autoexpresso e, de alguma maneira,

com nossas cargas, conseguimos abrir caminho entre hordas maciças de viajantes até o trem na Gare de Lyon. Na manhã seguinte, com a viagem de

pesadelo atrás de nós, o sol brilhou sobre o descontraído desjejum de café e croissants fora da estação de Saint-Gervais, e ainda brilhava, banhando os

picos brancos em cintilante esplendor, quando nós embarcamos animados

para a viagem até o vale de Chamonix, no coração das montanhas.

Mal subimos a trilha íngreme para a escola de verão, um conjunto de chalés e salas de aula situado entre prados e pinheiros quando o sol desapareceu, uma névoa desceu e começou a chuva. Choveu e choveu e estava frio. A água pingava de cada telhado, de cada calha, de cada ramo e

de cada folha de grama, e a rampa cuidadosamente construída por Cecile logo se transformou em uma rampa cheia de lama. Em meados de julho, meu pai e eu tivemos de manter o fogão a lenha queimando sem parar para

aquecer o chalé e secar as fraldas que viviam encharcadas. A querida Lucy

fez seu melhor para ajudar, treinando espontaneamente como usar o

penico com quase dois anos.

Nessas circunstâncias, apesar da elevação e da natureza vertical de todas as expedições, Stephen estava feliz. De manhã até a noite, ele vivia cercado por colegas de todo o mundo cuja paixão motivadora era o estudo

dos buracos negros. Ocasionalmente, alguns deles saíam em grupos

durante dia, se o tempo permitisse, para escalar o Mont Blanc, mas isso só

aumentava a emoção e a tensão e emprestava uma aura adicional de

superioridade para sua imagem global. Nada parecia muito difícil para essa

raça de super-humanos capazes de dominar os segredos do Universo e também de conquistar qualquer desafio físico na Terra. Stephen, é claro, foi incluído nessa categoria, uma vez que, obviamente, ele estava lutando contra os próprios limites físicos com a coragem de um alpinista. O resto de nós – puxa-sacos, esposas, mães, avós e bebês – fomos deixados para cuidar

de nossas coisas, para fazer compras e cozinhar e encontrar nosso

entretenimento. Visitas ao mercado local, com sua gama um pouco limitada

de suprimentos, forneciam os ovos para uma dieta básica de omeletes preparada em um fogão a gás de bujão. Embora houvesse um restaurante

que servia aos delegados, seria muito caro para a família toda comer lá, e

em qualquer caso, a conversa na mesa, inevitavelmente, desviaria, da maneira mais amistosa possível, para os assuntos rarefeitos de buracos negros ou montanhismo alpino dos quais nós – a família – não seríamos capazes de participar de maneira construtiva.

Quando a chuva abrandava, nós partíamos para uma caminhada sob os

ramos que ainda pingavam, até a montanha na parte de trás da moradia, além da sala de aula e para o bosque, para procurar framboesas e amoras

silvestres. Então, encontramos outro desafio inesperado. Enquanto Robert,

como sempre, correria à frente, Lucy se recusava terminantemente a andar

mais do que um par de metros de cada vez e, então, colocar os braços para

cima, querendo ser levada no colo. Uma vez que a energia ilimitada de Robert parecia então bastante normal, a relutância de Lucy para andar me

deixava perplexa, assim como sua sonolência quando recém-nascida tinha

deixado Stephen perplexo. Nosso progresso na trilha da montanha era lento, e raramente nós chegávamos à clareira onde as framboesas e os mirtilos cresciam antes de começar a chover de novo. Em uma dessas expedições, uma coisa extraordinária aconteceu.

Pela primeira vez, Lucy estava realmente andando em seus próprios

pés com Robert alguns metros à minha frente e de seus avós. Na ponta oposta eu estava desfrutando de uma liberdade de movimento incomum, livre de qualquer outra pessoa, pequena ou grande, quando de repente vi as crianças pararem na trilha. Ficaram imóveis, cochichando baixinho e, acenando para que nós abaixássemos nossas vozes, apontaram para o chão.

Lá, andando de um lado para o outro em seu caminho, estava a menor e mais perfeitamente bem formada víbora, as marcas de diamantes brancos

em seu corpo destacando-se claramente contra o cinza. Ela não tomou conhecimento de nós enquanto deslizava para dentro do mato. Foi bonito

de ver, mas ainda mais impressionantes foram as reações das crianças, como se algum instinto primitivo tivesse vindo avisá-las para ficar quietas e imóveis.

Por mais que tivessem alto conhecimento de sua Física e por mais

impressionantes que fossem suas proezas de montanhismo, os

participantes norte-americanos em Les Houches trouxeram uma atmosfera

descontraída para o centro, que ajudou a mitigar os efeitos da chuva. Não

havia nada de superficial em sua simpatia descontraída. Kip Thorne e sua

esposa botânica, Linda, tinham feito uma ruptura com as limitações de sua

formação mórmon para procurar verdades mais amplas sem que fossem

restritas pelo dogma religioso. Quaisquer que fossem seus pensamentos privados, eles nunca exprimiram nenhuma crítica aos rigores de sua

formação, mas trouxeram os aspectos positivos do mormonismo, um

profundo carinho e uma preocupação com seus semelhantes, para um

mundo mais amplo.

Jim Bardeen, o mais silencioso, mais modesto físico que se possa

imaginar, estava trabalhando em estreita colaboração com Stephen e

Brandon Carter na árdua tarefa de construir as leis de mecânica do buraco

negro tomando como base as equações de Einstein sobre a relatividade. O

novo conjunto de leis que detalhava a Física dos buracos negros causou um

burburinho de excitação quando sua semelhança com a segunda lei da termodinâmica tinha-se tornado aparente, e era essa semelhança que

estava dirigindo os cosmólogos a tentar diminuir a diferença entre a termodinâmica e os buracos negros, colocando a teoria dos buracos negros

na linguagem da termodinâmica. As leis da termodinâmica governam

operações microcósmicas; elas ditam o comportamento de átomos e

moléculas, incluindo sua eventual decadência em calor, que trocam com os

objetos em torno deles. No entanto, o enigma que os físicos agora enfrentavam era o de que as leis da termodinâmica, embora semelhantes,

poderiam não funcionar no caso de buracos negros, porque as previsões foram que nada, nem mesmo o calor, poderia escapar de um buraco negro.

Stephen, Jim e Brandon estavam tentando desvendar esse grande

enigma quando, numa tarde, incapaz de suportar outra gota de chuva, eu coloquei as crianças e seus avós no carro e parti pela passagem para além

de Chamonix, para a Suíça, convencida de que o sol deveria estar brilhando

em algum lugar. Em algum lugar deveria haver uma transferência de calor

de um corpo celeste para outro, mesmo que o calor fosse significar decadência, ou “entropia” na terminologia da investigação científica. A esposa de Jim, Nancy, veio conosco e encantou as crianças, cantando para

elas, contando-lhes histórias, contando piadas e recitando poemas todo o caminho para Martigny – onde de fato o sol estava brilhando – e na volta.

Através da contagiante alegria que brilhava em seus grandes olhos

castanhos, Nancy escondeu a dor profunda da recente perda de seus pais.

Foi também em Les Houches que Bernard Carr, o novo aluno de

Stephen, veio pulando em nossa vida em uma tarde molhada. Bernard era

certamente diferente do padrão esperado de alunos de pesquisa. Era

falante, sociável, inconsciente, resultado, talvez, de ter sido enviado para um colégio interno aos seis anos. Sua conversa variava amplamente sobre

muitos temas, muitas vezes voltando a seu outro interesse principal, a Parapsicologia, um assunto que os físicos, incluindo Stephen, tendiam a considerar com escárnio. Para Bernard, no entanto, coincidências e

comunicação telepática eram algo significativo. Na verdade, ele foi

surpreendido ao descobrir que sua visita inesperada de Genebra – onde estava hospedado – a Les Houches foi realmente esperada por Stephen, seu

novo supervisor, que já o tinha chamado por meio de um convite verbal que não foi entregue através de um terceiro. A ambição inicial de Bernard

fora se tornar um astronauta. Quando criança, para a consternação da mãe,

ele havia passado um dia inteiro preparando-se para esse objetivo

colocando sobre sua cabeça o armário debaixo das escadas, enquanto seu

irmão mais novo sentou-se do lado de fora da porta fingindo ser o controle

da missão. Sua mãe deve ter ficado agradecida por seu intelecto ter destinado a ele a teoria e não a prática da exploração espacial.

Quando finalmente o sol consentiu em brilhar na França, bem como na

Suíça, e as montanhas apareceram detrás das nuvens, Kip e Linda se ofereceram para me levar com Robert para caminhar nas montanhas, até uma das geleiras, o Glaciar de Bionnassay na face oeste do Mont Blanc.

Deixando Lucy e Stephen com meus pais, pegamos o bonde de Les Houches

até um cume de onde poderíamos olhar para baixo para os chalés e as aldeias espalhadas sobre o vale. A escola de verão à nossa esquerda estava

fora de vista por trás das árvores escuras, enquanto à nossa direita um caminho íngreme subia a montanha, seguindo a trilha do bondinho que se

arrastava penosamente vindo de Saint-Gervais até a estação no alto em Nid

de l'Aigle, (Ninho da Águia). A brancura deslumbrante da montanha contra

o azul profundo do céu era inebriante, levando-nos para cima e para cima,

parando de vez em quando para compartilhar a alegria extasiada de Linda

pela ampla gama de plantas e flores que se abriam ao sol da tarde.

Continuamos nossa escalada, mais e mais, para além do final da linha ferroviária, na direção da enorme extensão azul-cinza da geleira, ainda em

busca de mais espécimes para Linda.

Até que nós alcançássemos o primeiro dos refúgios dos escaladores do

Dôme du Goûter, não havíamos percebido que estávamos sozinhos na

montanha. Lá embaixo, os trens tinham deixado de circular e todos os outros caminhantes tinham ido embora, apesar de o sol ainda estar alto. As

águias circulavam silenciosamente em cima, um córrego distante escorria pelas rochas, havia pouco movimento: uma quietude fantasmagórica

prevaleceu. Nenhum de nós tinha pensado em verificar o horário do último

teleférico até a vila. Em ritmo acelerado, quase uma corrida, partimos de volta para baixo da pista para a estação do teleférico, mais de uma hora de

caminhada. Contra todas as expectativas, lá na estação havia um teleférico

com um atendente ao lado dele. Corremos para ele sorrindo com alívio, mas ele virou um rosto severo para nós, barrando nosso caminho.

Implacavelmente indiferente, ele anunciou que o último teleférico tinha ido

embora às cinco e meia e agora eram quase seis horas. Insistimos com ele,

sem fôlego, apontando para nosso menino de cinco anos que, pelo menos uma vez, estava começando a ficar cansado. O homem era duro como

pedra. Nós fomos embora, ansiosos e irritados. No cume acima da estação

havia um albergue, de onde tentamos ligar para a escola de verão, mas não

houve resposta. Não ousamos esperar mais, pois o sol estava agora mais baixo no céu, por isso, deixamos dinheiro com a guarda da hospedaria e pedimos que tentasse ligar de novo e deixar uma mensagem.

Não havia nada a fazer senão ir direto para baixo da montanha o mais

depressa possível, tomando o caminho quando pudemos encontrá-lo,

lutando contra o mato alto quando não conseguíamos. Uma figura

patriarcal, como St. Christopher em uma pintura medieval, Kip levava Robert, cujas pernas tinham lhe sustentado bem por mais de quatro horas,

mas agora estavam doloridas de cansaço. Abrindo nosso caminho através da

vegetação rasteira, assistimos incrédulos quando o teleférico,

carregando o mesmo atendente não cooperativo, passou por cima de

nossas cabeças em seu caminho para Les Houches. O ar ficou mais frio quando o sol se pôs atrás das montanhas, e o céu ficou mais escurecido.

Nós perseveramos, gratos por pelo menos estarmos descendo a montanha,

e não subindo por ela.

A aldeia de Les Houches estava no fim da estrada. O local da escola de

verão ficava a mais de meia hora de caminhada, na encosta mais suave.

Devia ser bem depois das nove da noite quando tropeçamos cegamente no

refeitório iluminado onde todos esperavam ansiosos por notícias nossas.

Nenhuma mensagem tinha vindo do albergue e o grupo preocupado da

família – meus pais e Stephen –, colegas e alunos estavam temendo o pior.

Chorosos com cansaço e alívio, caímos nos braços uns dos outros.

No final de agosto, enquanto evitamos o último evento social da escola

de verão – um churrasco onde um cordeiro estava sendo assado – Kip sugeriu que Stephen visitasse Moscou para dar palestras a todos aqueles cientistas russos cuja liberdade de viajar era severamente restringida. Ele

prometeu fazer todos os preparativos para uma visita privada que poderia

ser programada para se seguir a partir da Conferência de Copérnico na Polônia, no verão de 1973. As sugestões bem intencionadas de Kip fizeram

meu sangue gelar. Enquanto Lucy era um bebê, Stephen teve de viajar para

o exterior para conferências ou com George Ellis ou com Gary Gibbons, seu

primeiro estudante de pesquisa, ou com a mãe. Agora que Robert tinha cinco

anos e Lucy um ano e meio, meu período de descanso de uma viagem

internacional parecia estar chegando ao fim. Frequentemente Stephen

perguntaria se eu iria com ele para essas conferências e congressos em lugares distantes; com a mesma frequência eu responderia que não podia

suportar a ideia de deixar as crianças.

Essas lealdades divididas estavam começando a me machucar. Stephen

estava prosseguindo em sua carreira com uma vontade de ferro, e os congressos lhe davam a oportunidade de afirmar sua presença no cenário

internacional. Tinha sido o meu objetivo genuíno ajudá-lo a alcançar todo o

sucesso possível, mas desde que anunciei esse compromisso, eu havia me

tornado a mãe de seus filhos, e para eles eu devia uma responsabilidade igual. Embora Stephen obviamente precisasse de minha ajuda para muitas

de suas necessidades pessoais, as crianças precisavam de mim para todas

as delas. Elas eram ainda pequenas o suficiente para requerer uma

presença constante. Se seu futuro era incerto por causa da saúde de seu pai, então eu, sua mãe, tinha de compensar isso não as abandonando mais do que o necessário. Embora elas estivessem em boas mãos com os avós, eu achava excruciante essa perspectiva de estar a milhares de quilômetros de

distância delas por qualquer período de tempo.

O cenário estava montado para uma competição recorrente e sombria.

Stephen perguntaria se eu gostaria de ir com ele a um congresso em, digamos, Nova York e eu tensa, declinaria. Tacitamente ignorando minha relutância, ele repetiria a mesma pergunta, semana após semana, até que eu estivesse reduzida a um frenesi, oprimida pela culpa em desapontá-lo, e

ainda triste com sua falta de compreensão. Essa pressão acabou

exacerbando o medo de voar, que tinha me perseguido desde a turnê pelos

Estados Unidos, em 1967, pairando sobre mim como um grande pássaro preto com a simples menção de uma viagem aérea. Eu tinha voado apenas

duas vezes desde então, uma vez no feriado de inverno para Maiorca, quando Robert adoeceu, e pela segunda vez para a Suíça, em maio 1970.

Tinha havido uma viagem planejada para Tbilisi, na Geórgia, em setembro

de 1968, mas para meu alívio silencioso, muitos cientistas britânicos, incluindo Stephen, recusaram-se a participar em protesto contra a invasão

russa da Tchecoslováquia em agosto. Meu medo de viagens aéreas não era

completamente injustificado: no final dos anos 1960 e 1970, não só os aviões caíam do céu com arrepiante regularidade, eles também eram os alvos preferidos dos sequestros pelos crescentes bandos de terroristas internacionais.

A soma total de todas as pressões conflitantes me condenou a anos de

tristeza e a viajar pelos meios mais lentos e demorados. Em 1971, quando

Stephen foi convidado para participar de uma conferência em Trieste, ele foi pelo ar, enquanto Robert e eu pegamos o trem, deixando Lucy, com sete

meses, com meus pais. Após a longa e abafada viagem por toda a Europa,

paramos em Veneza, onde Robert, enfeitiçado pela vista do topo do

campanário, recusou-se a descer – até que o barulho repentino dos sinos pesados ao meio-dia o enviaram correndo para o elevador. Ele, então, insistiu em sentar-se à mesa na Praça de São Marcos fora de Florian, o que

mostrou ser uma lição cara – o equivalente a seis libras para uma pequena

xícara de café – por isso, na vez seguinte que passamos pelo Florian fomos

nos sentar nos degraus da praça, apenas para nos tornar alvos dos pombos

locais.

Dois anos depois, a viagem proposta para Moscou via Varsóvia foi um empreendimento muito diferente: viagem de avião era indispensável e os pedidos de vistos tiveram de ser enviados com meses de antecedência. Não havia escolha; eu ficaria longe das crianças por quase um mês, e naqueles dias de repressão, após a queda de Kruschev, a ninguém que não eu seria concedido um visto para acompanhar Stephen. A perspectiva me assustava, mas os planos foram feitos, as passagens foram reservadas – pagas, como sempre, por uma organização científica ou outra – e, com alguma dificuldade, os vistos foram emitidos pela Embaixada da Rússia. Foi muito desanimador pensar que, no espaço de poucos anos, eu havia me tornado uma pálida sombra da estudante que tinha viajado sozinha pela Espanha, alegremente desconsiderando todas as preocupações dos pais, deleitando-se com espírito de aventura e saboreando as viagens aéreas, mesmo em decrépitos aviões a hélice. Prestes a embarcar para Varsóvia e Moscou, mas já com saudade saí às escondidas das crianças enquanto brincavam alegremente na casa de seus avós em St. Albans, em agosto de 1973.

— 8 —

INTELIGÊNCIA E IGNORÂNCIA

OS ASTRÔNOMOS ESTAVAM SE REUNINDO NA POLÔNIA NO ANO DE 1973 para comemorar os quinhentos anos do nascimento de Nicolau Copérnico, o astrônomo polonês, cuja insatisfação com a complicada Matemática necessária para contabilizar o movimento dos planetas tendo a Terra como centro do universo, segundo a teoria de Ptolomeu, obrigou-o a desenvolver uma nova

teoria em 1514. Ainda considerando a mim mesma como medievalista,

porém uma medievalista com mais do que um interesse passageiro em

Cosmologia, fiquei fascinada pelo efeito iconoclasta da teoria de Copérnico, que postula que a Terra e os outros planetas giravam em torno do Sol e, portanto, superando a teoria de Ptolomeu, com o que se tornou equivalente

a um artigo de fé, tanto científico como religioso, embora, na verdade, tivesse pouca relação com o conceito bíblico da Terra plana (como centro),

acima da qual estava o céu e abaixo o inferno. Na minha primeira visita por

trás da Cortina de Ferro – além de uma viagem de um dia para a Iugoslávia

a partir de Trieste, em 1971 – também encontrei na Polônia uma lição na

natureza da tragédia: a tragédia da história de um país que tinha as cicatrizes da opressão e da divisão; a tragédia filosófica para a humanidade de separar e dividir a ciência da religião, que resultou da teoria de Copérnico, e a tragédia do gênio.

Apesar de Copérnico não viver para ver como sua teoria foi

desenvolvida por Galileu, no século XVII, ele deve ter estado bem

consciente da sua natureza perigosamente controversa. Ele pode ser visto

como o primeiro cientista a abrir a caixa de Pandora da ciência, com seu duplo potencial de avanço do conhecimento humano e ainda de colocar dilemas desconfortáveis que testam a integridade moral do homem. A

teoria bem merecia o termo pelo qual veio a ser conhecida: a “revolução copernicana”. Uma vez que, de acordo com Copérnico, a Terra não está mais no centro do universo, o homem então não estava no centro da criação. Portanto, não poderia mais ser dito que o homem tinha uma relação especial com o Criador. Essa mudança fundamental de perspectiva

libertaria o homem da obsessão medieval opressiva com a imagem divina,

habilitando-o a expandir suas capacidades intelectuais e valorizar os próprios atributos físicos – e essa foi uma das influências poderosas por trás da filosofia do Renascimento europeu, quando arquitetos construíram

palácios, em vez de catedrais, e artistas e escultores substituíam a imagem

religiosa pela forma humana, retratada por si mesma, por sua beleza e força. Em termos científicos, a teoria de Copérnico abriu caminho para as descobertas de Newton na Inglaterra do século XVII, onde um efeito colateral positivo de um puritanismo de outra forma fanático tinha sido a

libertação do pensamento racional das garras da superstição religiosa.

Dentro do catolicismo, no entanto, a teoria de Copérnico produziria uma reação anticientífica, cujas repercussões ainda se fazem sentir em toda a sociedade.

Talvez cauteloso com suas implicações, Copérnico não permitiu que seu

trabalho *A respeito da Revolução das Esferas Celestes* fosse publicado até pouco antes de morrer; uma cópia do trabalho impressa foi supostamente

levada a ele em seu leito de morte em 24 de maio de 1543. No entanto, ele

não procurou esconder seu conteúdo, uma vez que a teoria havia sido amplamente divulgada durante um longo período, e que ele mesmo falara

ao Papa Clemente VII sobre o assunto em Roma, no ano de 1533. Talvez o

Papa não tenha compreendido as implicações da explicação, pois foi

apresentado a ele apenas como uma simplificação da difícil Matemática de

Ptolomeu, ou talvez não tenha levado a sério, porque foi só um tempo depois – no século XVII – que coube a Galileu Galilei suportar todo o peso

da ira da Igreja por seu apoio e pela divulgação do novo sistema.

Um charmoso relato popular sobre a luneta atribui sua invenção a

crianças que foram brincar com pedaços de vidro e lentes na oficina de um

fazedor de óculos flamenco que descobriu que, colocando duas lentes juntas, a pessoa poderia ver objetos distantes claramente. O artesão viu o

potencial do aparelho para o mercado de brinquedos, mas quando, em 1609, Galileu ouviu falar dele, elaborou a teoria subjacente em uma noite e

desenvolveu sua versão melhorada, o telescópio, que ele demonstrou

àquela cidade de incrédulos mercadores no Campanário, em Veneza. Para

sua surpresa, eles poderiam ver em detalhes as marcações em um veleiro

no horizonte, a duas horas do porto. Galileu então percebeu que seu revolucionário auxílio à navegação poderia ser voltado para os céus. Ele construiu um telescópio em Pádua, descobriu quatro novos planetas – na verdade, os satélites de Júpiter – e publicou os próprios mapas em aquarela

da Lua. Suas observações, que mostraram que nem todos os corpos

celestes, necessariamente, orbitavam a Terra, convenceram-no da precisão

da teoria de Copérnico. Em 1610, ele um tanto ingenuamente divulgou sua

comprovação da teoria obtida a partir de suas observações, e nos anos seguintes, viu-se em conflito com a Igreja, para quem a Terra devia ser teologicamente fixada no centro do universo.

Em 1600, Giordano Bruno foi queimado na fogueira por se atrever a especular sobre questões astronômicas, mas, ainda assim, Galileu não se intimidou pelo destino de Bruno. Inocentemente supondo que ninguém ia

querer contradizer uma evidência visível, ele passou a se tornar o proponente principal e mais bem-sucedido da teoria de Copérnico, em especial porque ele publicou suas descobertas na língua vernácula, italiano, em vez do latim. O ataque à representação da visão judaico-cristã

tradicional de um universo convenientemente centrado na Terra

representava uma ameaça inaceitável de dentro de uma igreja que já lutava

para conter as forças do protestantismo de fora, e, em 1616, as autoridades

da Igreja emitiram uma advertência que exigia que Galileu não mantivesse

ou defendesse a doutrina de Copérnico.

A eleição, em 1623, de Maffeo Barberini ao papado como Urbano VIII aliviou a situação desconfortável de Galileu temporariamente. Barberini era um homem muito culto e amante das artes, mas também era orgulhoso,

extravagante e autocrático – ele supostamente tinha mandado matar todos

os pássaros no jardim do Vaticano porque o perturbavam. Ele era, porém,

um amigo de Galileu e ajudou a trazer um relaxamento limitado à liminar

de 1616, encomendando a Galileu um discurso – *Dialogo sopra i due Massimi Sistemi del mondo, tolemaico e copernicano* – dando os argumentos a favor e contra os dois sistemas concorrentes, com a condição de que o discurso deveria ser completamente neutro. Inevitavelmente, o livro,

quando ele apareceu em 1632, foi visto como uma afirmação categórica da

força dos argumentos de Copérnico e levou à prisão e ao julgamento de Galileu pela Inquisição. Ele foi condenado à prisão domiciliar em sua casa

de campo em Arcetri, onde, velho, cego e cativo, o rei do espaço infinito, ilimitado, em poucas palavras eloquentemente lamentou a disparidade

entre a imensidão de sua área de pesquisa e as limitações de sua condição

física, uma situação com a qual é muito fácil simpatizarmos: “Este universo

está encolhido para mim em um compasso tão estreito como está

preenchido pelas minhas sensações corporais”.

Apesar da sentença de prisão domiciliar para o resto da vida, seus poderes criativos não foram entorpecidos. Um novo manuscrito, *Sobre as duas ciências*, foi contrabandeado para fora da Itália para a Holanda, onde ele foi publicado em 1638. Com esse manuscrito, Galileu é tido como o homem a ter lançado as bases

da Física experimental e teórica moderna, e

com ele a tradição científica foi para o norte, longe das repressões do sul da Europa.

Embora Galileu fosse católico devoto, foi seu conflito com o Vaticano, infelizmente mal administrado em ambos os lados, que criou as bases da batalha corrente entre ciência e religião, um cisma trágico e desconcertante que persiste sem solução. Mais do que nunca, hoje a religião tem suas verdades reveladoras ameaçadas pela teoria científica, e retira-se para um

canto na defensiva, enquanto os cientistas vão para o ataque insistindo que

o argumento racional é o único critério válido para a compreensão do funcionamento do universo. Talvez os dois lados não tenham

compreendido a natureza das suas respectivas funções. Os cientistas estão

preparados para responder à questão mecânica de como o universo e tudo

nele, incluindo a vida, surgiu. Contudo, desde que seus modos de

pensamento são ditados por critérios puramente racionais, materialistas, os físicos não podem responder às perguntas de *por que* o universo existe, e *por que* nós seres humanos estamos aqui para observá-lo, mais do que os biólogos moleculares podem explicar satisfatoriamente por que – se nossas

ações são determinadas pelo funcionamento de um código genético egoísta

– nós de vez em quando ouvimos a voz da consciência e passamos a nos comportar com altruísmo, compaixão e generosidade. Mesmo essas

qualidades humanas estão sob ataque de psicólogos evolucionistas que têm

atribuído o altruísmo a uma teoria genética crua pela qual a cooperação familiar existiria para favorecer a sobrevivência da espécie. Da mesma forma, a sofisticação espiritual da atividade musical, artística e poética é considerada apenas uma função altamente avançada de origens primitivas.

Frequentemente ao longo das décadas de nosso casamento, estimulada

por um artigo científico ou um programa de televisão, encontrei minha mente exercitando-se por questões dessa natureza e tentei discuti-las com

Stephen. Nos primeiros dias, nossas discussões sobre esses temas foram praticadas de maneira brincalhona e bastante alegre. Cada vez mais nos últimos anos, porém, essas querelas tornaram-se mais pessoais,

divisionistas e dolorosas. A fenda prejudicial entre a religião e a ciência parece ter ampliado seu alcance em nossa vida. Stephen inflexivelmente reafirmaria a postura positivista brusca que considerei muito deprimente e

muito limitante para minha visão do mundo, porque eu precisava acreditar

com fervor que havia mais na vida do que os fatos descobertos das leis da

Física e da luta do dia a dia pela sobrevivência. Compromisso era um anátema para Stephen, no entanto, porque fazer isso seria admitir um grau

inaceitável de incerteza, quando ele lidava apenas com as certezas da Matemática.

Galileu morreu em 8 de janeiro de 1642, o ano em que Newton nasceu e

trezentos anos antes do dia em que Stephen nasceu. Assim, não foi de estranhar que Stephen tenha adotado Galileu como seu herói. Quando, em

1975, ele recebeu uma medalha do Papa, ele aproveitou a oportunidade para lançar uma campanha pessoal para a reabilitação de Galileu. A campanha foi bem-sucedida, mas, por fim, no entanto, foi vista como uma

vitória do avanço racional da ciência sobre as forças conservadoras antiquadas da religião, uma capitulação teológica, e não uma reconciliação

da ciência com a religião.

No século XVI, Nicolau Copérnico havia levado a vida de um verdadeiro

homem do Renascimento, sem se incomodar com as crises que Galileu

sofreria no século seguinte. Copérnico desfrutou de todas as vantagens, desde a

amplitude de educação e até a experiência desse período de expansão intelectual e viajou muito, até Bolonha, Pádua e Roma. Ele estudou Medicina, bem como Matemática e Astronomia. Ele fez traduções do grego para o latim, cumpriu uma série de funções diplomáticas e apresentou propostas para a reforma de várias moedas polonesas.

Ironicamente, quinhentos anos mais tarde, essas amplas possibilidades foram negadas pelos compatriotas modernos de Copérnico quando eles

comemoraram seu quinto centenário.

Do ponto de vista científico, a grande vantagem da configuração

polonesa para a conferência comemorativa foi que ela forneceu um ponto

de encontro para todas as grandes mentes, tanto do Ocidente quanto do Oriente, uma vez que os físicos russos foram capazes de viajar para a Polônia com relativa liberdade. Para os ocidentais, a Polônia era, com certeza, mais acessível do que a União Soviética: nossos vistos poloneses vieram automaticamente, enquanto com os russos o processo era muito menos acolhedor. O único inconveniente de entrada na Polônia, como um

bom número de delegados masculinos descobriu, foi que o portador de um

passaporte deveria se assemelhar à sua fotografia até o último detalhe.

Uma vez que o ano era 1973, muitos dos delegados mais jovens e os estudantes ostentavam cabelos compridos e barba espessa, tendo pouca semelhança com suas fotos de passaporte, que poderiam ter sido tiradas há

quase dez anos, quando eles eram apenas estudantes com espinhas e rostos

brilhantes. O único meio de convencer as autoridades polacas que eles realmente eram quem eles pretendiam ser, e não hippies decadentes com a

intenção de prejudicar a pureza da cultura comunista, seria raspar a barba

e cortar o cabelo no posto de fronteira. Eles chegaram em Varsóvia parecendo ovelhas saídas do tosquiador. Stephen foi, provavelmente, o único entre eles cujo cabelo era de fato mais curto do que na foto dele e não teve de submeter a um

corte urgente.

A Polônia que vimos em 1973 era um país triste, devastado pela

Alemanha e dominado pela Rússia. Então, não era surpreendente que os poloneses avaliassem todos os estrangeiros, incluindo nós mesmos, com desconfiança. Éramos todos farinha do mesmo saco: se não éramos

alemães, devíamos ser russos. Protestar para exibir nosso anglicismo de nada valeu, porque nós e os norte-americanos vínhamos das sociedades afluentes invejadas às quais os poloneses gostariam de pertencer, mas para

as quais eles foram barrados. As amplas vitrines de vidro mostravam a evidência das aspirações ocidentais, mas no interior das lojas as prateleiras estavam nuas ou apresentavam os produtos de má qualidade e

proibitivamente caros.

Em todos os lugares a Polônia mostrava sinais de um país pouco à vontade consigo mesmo, no meio de um dilema entre o velho e o novo, o Oriente e o Ocidente. Dilacerado ao longo de sua história por seus dois vizinhos, Rússia e Alemanha, tinha meticulosamente reconstruído muito do

que tinha perdido na Segunda Guerra Mundial – em especial, a cidade de Varsóvia. Em contraste, o presente indesejado de Stalin no pós-guerra para

o povo polonês era um edifício municipal megalítico do qual se dizia que a

melhor vista de Varsóvia poderia ser obtida a partir dele – o que significava que, só vendo Varsóvia a partir do monumento de Stalin se poderia evitar

ver o monumento em si. Nesse edifício ocorreu a conferência Copérnico.

Chegava-se a ela de fora por meio de uma longa escadaria. Outra longa escadaria levava ao interior do edifício para a área de conferência. Todas as manhãs, o orientando de Stephen, Bernard Carr, e eu levávamos Stephen ao

topo da escada, lá nós o fazíamos sentar-se em uma cadeira e em seguida

abríamos a cadeira de rodas. No interior, por falta de um elevador, então nós

tomávamos a cadeira de rodas e a levávamos para baixo ao lance correspondente de escadas antes de levarmos Stephen para lá. Esse

processo era repetido numa sequência inversa, no final do dia, e também várias vezes durante o decorrer do dia, sujeitos às mudanças do programa

e do local. Esses degraus não nos impressionaram pela generosidade de Stalin para o povo polonês: eles nos impressionaram apenas por

demonstrar sua megalomania.

Um comunismo repressivo, imposto pela Rússia, que condenou os

camponeses a aparecer tão magros quanto as vacas que nós vimos no pastoreio ao longo das estradas do país ou aos bois magricelas que eles conduziam através dos campos, tinha produzido uma reação desafiadora nas pessoas. A Polônia era o país mais devotamente católico na Europa: a

Igreja polonesa havia se tornado um símbolo da independência nacional e

nobremente cumpriu seu papel como o defensor da liberdade, produzindo

mártires entre seu sacerdócio. No entanto, fiquei perplexa ao encontrar fortes reminiscências nas igrejas polonesas da Igreja na Espanha, tão diferente da simplicidade refrescante do catolicismo inglês que resultou das reformas do papado inspiradas por João XXIII. Assim como na Espanha,

as igrejas na Polônia eram ornamentadas, escurecidas e com cheiro de incenso, cheias de santos de gesso extravagantes e virgens, todas as imagens imbuídas com aquele ar de mau gosto de superstição.

Aglomeradas de velhinhas vestidas de preto, elas cercavam os altares e se

ajoelhavam tal como faziam as velhinhas na Espanha franquista. A

independência polonesa que se manifestava através da Igreja Católica era

uma força muito conservadora, que competia contra um sistema político hostil com seu próprio ópio tradicional, enquanto na Espanha a atitude da

Igreja Católica foi igualmente conservadora, mas era em geral para manter

alinhamento político com o regime repressivo.

Cracóvia, onde a conferência se situou para a segunda sessão, era mais

segura da sua identidade do que Varsóvia, uma vez que seus monumentos –

o Castelo de Wawel e a igreja de St Mary – haviam sobrevivido à guerra intactos, mas a proximidade de Cracóvia foi contaminada com o notório arrepio vindo de Auschwitz. Não houve excursão oficial para Auschwitz, mas alguns participantes judeus organizaram seu próprio passeio e

voltaram para comunicar ao resto de nós a devastação que tinham sentido

com o que haviam presenciado.

O único lugar naquele país triste onde eu detectei alguma sensação de

paz e integridade era o local de nascimento de Chopin, uma casa de um andar, situada em um emaranhado de vegetação em Zelazowa Wola, no

campo e fora de Varsóvia. Embora a família de Chopin tivesse se mudado

para Varsóvia quando ele era um bebê, ele passou as férias de verão em Zelazowa Wola, a sede no campo das relações aristocráticas de sua mãe, os

Skarbeks, e foi lá que ele deu os toques finais ao seu concerto para piano.

Ele também passou férias com amigos da escola no campo. Em uma dessas

férias, ele e seus amigos foram em uma excursão para Torum e lá ele encontrou a casa onde Copérnico nasceu. Chocado com o estado do imóvel,

Chopin se queixou de que o quarto onde Copérnico nasceu foi ocupado por

“um alemão, que se enche com batatas e, em seguida, provavelmente solta

ventos desagradáveis”.

A velha casa em Zelazowa Wola, com seu mobiliário esparso, pisos

polidos, retratos de família e coleção de instrumentos, modestamente evocava a atmosfera da vida de uma família polonesa culta no início do século XIX. Não foi apenas a aura de desapego que me manteve encantada,

mas também o silêncio evocativo. Mazurcas e valsas estavam no ar como se

a sala principal ainda ecoasse os acordes de uma festa de família. Os Noturnos flutuavam em uma brisa perfumada vindo do jardim sombreado.

O cenário emprestava uma dimensão visual, concreta para aquela música poderosamente emotiva. Acima de tudo, a casa falava de paz, a paz de uma

família devota que nutriu o mais sedutor dos gênios românticos, o gênio por quem, de acordo com seu bom amigo Delacroix, “o céu estava com ciúme da terra”. Como Copérnico, Chopin viveu no estrangeiro durante a maior parte de sua vida. Ele deixou a Polônia em 1830, para nunca mais voltar para sua amada terra natal. Seu amor correspondido pela jovem polonesa Maria Wodzi’nska, que ele conheceu em Dresden, foi frustrado por seus pais, que desaprovavam a união em razão de problemas de saúde

de Chopin. O casamento com Maria poderia ter levado o artista de volta para a Polônia. Em vez disso, ele se estabeleceu na terra natal de seu pai, a França, onde manteve uma ligação tempestuosa com a romancista volátil e

licenciosa, George Sand, e morreu de tuberculose em 1849, aos trinta e nove anos.

A trágica experiência parecia ser a marca daquela estada na Polônia, onde tantas ressonâncias pareciam tocar acordes familiares e revelar pontos de semelhança com nossa vida. A trágica experiência nos perseguiu

até o fim, pois foi na companhia científica de Claudio Teitelbaum, um jovem

delegado do Chile para a conferência, e sua esposa, que estranhas

memórias poéticas fugazes do meu passado ressurgiram. Embora eles

estivessem vivendo em Princeton, os Teitelbaums tinham ligações estreitas

com o governo do presidente Allende – o governo socialista recém-eleito do

Chile – através do pai de Claudio, que foi um dos embaixadores de Allende.

Eles faziam parte do círculo de dedicados reformistas de esquerda que incluía Pablo Neruda, o poeta inspirado a cujos pés eu tinha adorado como

uma jovem. Em 1964 Neruda tinha chegado a ler sua poesia em um

encontro no King's College, em Londres, e eu ainda carregava em minha mente a sonoridade sensual – tão rica e sugestiva como a música de Chopin

– que ele trouxe para seus poemas de amor, de carinho que enfatizavam sua exuberante força de imagens naturais. Neruda, um comunista, foi tão profundamente envolvido na política chilena que a presidência estava ao seu alcance, mas ele abandonou suas ambições em favor de seu amigo, Salvador Allende. Foi em Cracóvia, na sala de estar do hotel e no último dia da reunião Copérnico, que a notícia do golpe militar de direita contra o legítimo governo chileno chegou até nós, supostamente com o apoio da CIA.

Allende morreu em defesa do Palácio Presidencial. Os Teitelbaums ficaram

surpresos não apenas com a morte de seu presidente tão admirado, mas também com a morte de seus sonhos de reformar a vida empobrecida dos

camponeses oprimidos do Chile. Eles, assim com milhares de outros,

estavam condenados a passar muitos anos no exílio. Seu destino era afortunado, em comparação com aqueles que não conseguiram fugir das represálias cruéis cobradas pela direita do regime Pinochet. Duas semanas

depois, Pablo Neruda, um poeta de língua espanhola tão genial como Lorca

antes dele, morreu na sequência da revolução de direita.

— 9 —

PISADAS CHEKHOVIANAS

SE AS IMPRESSÕES QUE EU CARREGAVA DA POLÔNIA ERAM CONFUSAS, MOSCOU FOI perversamente reconfortante no sentido de que não havia margem para

dúvidas entre seus cidadãos sobre a própria identidade política ou sobre a

nossa. Nós sabíamos – e todo mundo sabia – que a União Soviética era um

estado policial totalitário e que havia pouco a ser ganho ao se vangloriar de uma democracia liberal. Os moscovitas educadamente reconheciam que

vínhamos de uma sociedade privilegiada sem afrontar isso contra nós. No

voo entre Varsóvia e Moscou, Kip nos advertiu a nos comportar como se nosso quarto de hotel estivesse grampeado, não apenas para nossa própria

segurança, mas para a de todos os colegas com que nos reuniríamos.

Stephen tinha visitado Moscou uma vez antes, como estudante, com um grupo de batistas – estranha companhia para um desses ateus renitentes.

Ainda mais estranho foi o fato de que os tinha ajudado a contrabandear Bíblias para a Rússia dentro de seus sapatos.

Essas reminiscências eram pouco adequadas na presente ocasião, que

tinha adquirido a importância de um intercâmbio oficial de alto nível, com

todo o tratamento VIP concomitante. Em nossa chegada ao Hotel Rossiya,

um enorme bloco quadrado entre a Praça Vermelha e o Rio Moskva,

olhamos em volta a nossa suíte, equipada com samovar e geladeira, quase

esperando para descobrir um microfone estrategicamente colocado para

registrar nossos pensamentos privados. Nós, contudo, não recorremos ao expediente do diplomata em uma piada que então circulava: diziam que ele

tinha puxado o tapete e cortado os fios que encontrou debaixo dele. Um estrondo e um grito de horror vieram do quarto abaixo, onde o lustre havia

caído no chão.

Já havia notado que o elevador passou direto pelo primeiro andar do hotel; este

estava fora dos limites e foi dito ser reservado em todos os quatro lados do hotel, cada lado com 40 metros de comprimento, para a

“administração”, para a qual lemos “dispositivos de escuta”. Além disso, muitos dos russos que vieram para nos encontrar no aeroporto, trazendo

acolhedores buquês de rosas e cravos, estavam relutantes em entrar no hotel além do lobby. Significativamente à luz da sua reticência, o doutor Ivanenko, um cientista idoso de modesta reputação, demonstrou muito

prazer em sentar-se no quarto de Kip durante horas, precisamente

enunciando, como se para os ouvidos escondidos, tudo o que ele tinha conseguido avançar para a ciência soviética. Era sempre Ivanenko que acompanhava os grupos de jovens astrofísicos russos para os congressos no Ocidente. Nós em geral supomos que ele era sua ama-seca,

especialmente porque eles estavam sempre inventando esquemas para

fugir dele. Seu próprio comportamento poderia ser misteriosamente

imprevisível. Em 1970, enquanto estávamos no centro de conferências em

Gwatt na Suíça, ele desapareceu durante o curso de uma viagem de barco

ao longo das margens do Lago Thun, para não ser visto novamente até que

apareceu, algum tempo depois, em Moscou.

O objetivo da visita de Stephen a Moscou era duplo. Principalmente um

teórico, ele começou a se envolver na prática questão de detecção de um buraco negro. Nisso, ele estava seguindo o exemplo de um físico norte-americano, Joseph Weber, que conduzira uma luta solitária para construir

uma máquina para a captura das vibrações minúsculas de ondas

gravitacionais que se previa que viessem de uma estrela que fosse engolida

em um buraco negro. Tínhamos passado várias tardes vasculhando lixeiras

em Cambridge em busca de câmaras de vácuo em desuso, que poderiam ser

equipadas, na moda de Heath-Robinson, com detector de barras imerso em

nitrogênio líquido, para complementar o trabalho de Weber na Europa.

Esse aspecto da pesquisa sobre o buraco negro também tinha sido

retomado em Moscou, na universidade, por Vladimir Braginsky, um físico experimental que nos mostrou seu laboratório e alegremente me deu os restos de uma vareta de rubi sintético que ele tinha usado em seu experimento. Ele foi abençoado com uma natureza extrovertida que

ocultava a extensão de sua visão científica e se revelou na sua propensão para piadas políticas arriscadas, mesmo em um ambiente semipúblico. Foi

Braginsky que no jantar, uma noite, manteve a todos cativados com uma torrente de piadas intercalada com uma sucessão de brindes com vodca e

champanhe georgiano. Nem todas as suas piadas eram histericamente

engraçadas. A maioria tinha uma vertente política, como por exemplo, a piada sobre transportes: um norte-americano, um inglês e um russo

estavam comparando métodos de transporte. O norte-americano disse:

“Bem, é claro, precisamos de três carros, um para mim, um para minha esposa e um trailer para férias”. O inglês disse modestamente: “Bem, nós temos um carro pequeno para andar na cidade e um carro da família para

férias”. O russo disse: “Bem, o transporte público é muito bom em Moscou,

por isso não precisamos de carros na cidade, e quando saímos de férias, nós

vamos em tanques...”

Stephen também havia chegado a Moscou para conversar com esses

russos, muitos deles judeus, cuja liberdade de viajar tinha sido

drasticamente reduzida. Yakov Borisovich Zel’dovich, um personagem ardente, impetuoso, tinha estado na vanguarda do desenvolvimento da bomba atômica soviética nos anos 1940 e 1950. Nos anos 1950 e início dos anos 1960, assim como seu homólogo norte-americano, John Wheeler, ele voltou sua atenção para a Astrofísica, em que as condições dentro de uma estrela implodindo espelhavam os da bomba de hidrogênio. Em consequência disso, Zel’dovich tornou-se uma autoridade em pesquisas sobre o buraco negro. No entanto, por causa do sigilo circundante de seu trabalho anterior, ele nunca imaginou ser capaz de emergir por trás da Cortina de Ferro e vir para o Ocidente para compartilhar plenamente a emoção internacional despertada pelo buraco negro. A pesquisa seminal em implosão de estrelas que seu grupo havia gerado foi transmitida para o mundo exterior em seu nome por um colega mais jovem, tímido e um tanto tenso, Igor Novikov, com quem Stephen desenvolveu forte relação de trabalho.

Como Zel’dovich, Evgeny Lifshitz, também um físico judeu nesse grupo, sofreu restrições de viagem, assim como muitos estudantes eminentes que sabiam que teriam de esperar anos antes de receber a cobiçada primeira autorização de viagem, ela mesma um passaporte para receber ali o carimbo de novas permissões. Alguns eram intensos, outros reservados e pensativos. No entanto, por mais extrovertidas que suas personalidades pudessem parecer, era óbvio que eles viviam sob extrema tensão em uma corrente de medo sub-reptícia. Todos estavam seriamente preocupados com as restrições impostas à sua criatividade pela burocracia

incompetente, e todos tinham medo do poder da KGB se eles tentassem melhorar sua situação de alguma forma.

Kip manteve muitas conversas sobre o tema com seus amigos russos,

enquanto Stephen e eu fornecemos uma frente útil de atividades sociais.

Uma noite esse estratagema anteriormente bem-sucedido saiu pela culatra.

Durante a estadia, nossos anfitriões nos presentearam com entradas para o

Bolshoi: para a ópera, *Boris Godunov*, *Príncipe Igor*, e para o ballet, *A bela adormecida* e *O quebra-nozes*. Embora Stephen estivesse ansioso para assistir à ópera, ele estava muito relutante sobre o ballet. De fato, na única ocasião anterior em que tínhamos ido juntos ao balé, para uma produção de *Giselle*, no Teatro de Artes em Cambridge, ele se queixou de uma dor de cabeça no primeiro ato e eu tive de levá-lo para casa no intervalo, apenas

para descobrir que ele tinha milagrosamente se recuperado. Em Moscou, estávamos em nossos lugares pontualmente para a ópera, mas quando

chegamos ao Bolshoi para *O quebra-nozes*, as portas estavam já se fechando. Fomos rapidamente levados a um corredor lateral e as portas se

fecharam atrás de nós. Kip, que tivera a intenção de usar o balé para escapar com um colega, Vladimir Belinsky, nas ruas de Moscou para

discussões clandestinas sobre questões políticas, bem como científicas, se viu preso. Ele havia entrado no teatro para nos ajudar a nos acomodar, e quando as portas foram fechadas, ele não teve opção a não ser sentar-se pacientemente durante todo o primeiro ato de *O quebra-nozes* até o intervalo, enquanto Belinsky esperou por ele fora, no *foyer*. Pelo menos Stephen tinha um companheiro na adversidade.

Apesar de estarmos bem conscientes dessas operações clandestinas à

espreita no fundo, começamos a perceber que os colegas cientistas de Stephen desfrutavam de limitada liberdade que era negada ao resto do povo, a liberdade de pensamento. Na sua ignorância, o oficialismo

comunista foi incapaz de medir a importância da pesquisa científica.

Consequentemente, eles tendiam a deixar os cientistas em paz enquanto eles se comportassem com cautela e a reboque da linha do partido – a menos, claro, gente como Andrei Sakharov, que falava abertamente contra

o regime. De fato, em seu livro *Black Holes and Time Warps*, Kip Thorne refere-se ao medo desnecessário que ele sentia pelos russos Lifshitz e Khalatnikov, quando corajosamente queriam reconhecer o erro de sua

afirmação de que uma estrela não poderia criar uma singularidade quando

ela implodisse para formar um buraco negro:

Para um físico teórico é mais do que constrangedor admitir um grande

erro em um resultado publicado. É um choque para o ego... Apesar de os erros poderem ser demolidores para um físico europeu ou norte-americano, na União Soviética, eles eram muito piores. Uma posição na hierarquia de cientistas era particularmente importante na União Soviética;

isso determinava coisas como possibilidades de viajar para o exterior e a eleição para a Academia de Ciências que, por sua vez, trazia privilégios, como a quase duplicação do próprio salário e uma limusine à sua

disposição...

A liberdade de Lifshitz para viagens já havia sido abreviada, quando, para seu imenso crédito e com a maior urgência, ele tinha persuadido Kip

em uma visita anterior a Moscou, em 1969, a contrabandear um documento

com sua retração e no qual admitia o erro. O documento foi publicado no

Ocidente. Como Kip observa agradecido: “As autoridades soviéticas nunca

perceberam”.

Stephen se dava bem com seus colegas russos, porque eles

compartilharam sua abordagem intuitiva à Física. Como ele, eles estavam

preocupados apenas com o ponto crucial de qualquer problema; os

pequenos detalhes não lhes interessavam, e para Stephen, que levava todas

as suas teorias em sua cabeça, detalhes finos eram um obstáculo para a clareza de pensamento. Efetivamente, assim como ele, eles descartavam toda a madeira morta para uma visão mais clara das árvores. Eles

adaptaram essa abordagem de qualquer assunto que estivesse em

discussão, fosse Física, fosse Literatura. Davam a impressão de ter saído do passado, vindo das páginas de Turgueniev, Tolstoi ou Tchekov. Eles

conversavam sobre a Arte e a Literatura – seus próprios mestres russos e

Shakespeare, Molière, Cervantes e Lorca também. Tal como meus amigos estudantes na Espanha de Franco, recitavam poesias e versos compostos para qualquer ocasião – incluindo poemas em homenagem a Stephen. Para

eles, assim parecia, mais um regime repressivo significava pouco, porque seu país sempre foi governado por regimes totalitários e não tinha a experiência da democracia, assim, como tantas gerações de russos antes, eles encontraram seu consolo na arte, na música e na literatura. Em uma sociedade dominada pelo materialismo soviético, a cultura era seu recurso

espiritual. Através deles, senti que eu poderia tocar a alma do país, a alma melancólica da mãe Rússia, que sempre arrastava suas crianças exiladas de

volta para suas paisagens ondulantes solitárias de rios e bosques de bétulas. Suas personalidades brilharam para fora do cenário de suas vidas

sombrias, como as cúpulas douradas das bem preservadas igrejas, embora

não estivessem mais abertas, e que de repente apareciam por trás dos blocos de concreto da Moscou moderna, iluminando a monotonia cinza com

seu reluzente brilho.

Esses colegas pareciam tão felizes de nos levar em expedições culturais

assim como em falar sobre ciência. Muitas vezes nossos dias foram uma combinação dos dois: discussões científicas acompanhariam nosso turismo.

Vagamos pelas catedrais de cúpula dourada do Kremlin, expurgadas de sua

função religiosa por um comunismo oficioso que, no entanto, não

conseguiu erradicar seu ar de santidade. Ficamos extasiados diante das paredes do altar de ícones, e examinamos pisos de pedras semipreciosas.

Caminhamos pelas galerias de arte, a Tretyakov e a Pushkin, e fizemos a peregrinação para a casa de madeira de Tolstoi, com seu urso de pelúcia em pé no patamar, pronto para receber cartões de visita, e seu pequeno quarto na parte de trás, onde o grande homem se dedicou à sua outra paixão, a sapataria. Do jardim de Tolstoi, eu peguei um punhado de folhas

secas de plátano, laranja e amarelas.

Pedi para ver uma igreja em funcionamento e fui levada tanto para a igreja extravagantemente decorada em vermelho, verde e branco de São Nicolau em Moscou e ao Mosteiro Novodevichy na periferia. Apesar dos cânticos chorosos e das lamúrias das velhinhas devotas, nenhuma delas poderia transmitir a essência da santidade com o poder daquelas duas pequenas igrejas vazias que ficaram abandonadas do lado de fora da nossa

janela, ofuscadas pelo volume do hotel. Uma delas era de tijolos, encimada

por uma cruz de ouro; a outra era pouco mais que uma cúpula dourada.

Parecia que, ao proibir a religião organizada, o regime comunista tinha realmente incentivado o crescimento de uma espiritualidade interior,

sempre presente para aqueles que eram receptivos a ela e estranha para aqueles que não o eram.

Na era das viagens espaciais, fomos atraídos de volta para o passado através da vida dos indivíduos dignos e poéticos com quem estávamos nos

associando. Havia poucos carros nas ruas, seus bens materiais eram

escassos e sua roupa era monótona. Os cuidados de saúde estavam disponíveis para eles de graça, mas o que vimos sugeria que os hospitais e os médicos soviéticos deviam ser evitados a todo custo. Durante a segunda semana Stephen precisou de uma dose de hidroxocobalamina, a injeção de vitamina fortificante que, em Cambridge, a irmã Chalmers vinha para dar-lhe todas as quinzenas. Com alguma dificuldade, seus colegas convenceram um médico para ir ao hotel. À primeira vista, pensei que fosse a Miss Meiklejohn, a terrível senhora do colégio de St. Albans que tivesse entrado no quarto. A médica pegou seu equipamento de uma maleta preta: uma bacia de metal, a seringa de metal e uma seleção de agulhas reutilizáveis.

Nós dois estremecemos. Estoico como sempre, Stephen sentou-se calmamente enquanto ela espetou a mais cega de suas agulhas em sua carne fina. Medrosa como sempre, virei o rosto.

As filas intermináveis, com pessoas de capa de chuva cinzentas nas lojas onde nossos amigos compravam comida, trouxeram de volta memórias de infância de Londres no pós-guerra. Seja na GUM, a loja de departamentos do governo na Praça Vermelha, seja em lojas de bairro, o sistema parecia expressamente concebido para desencorajar seus clientes de fazer qualquer compra. Primeiro, eles tinham de fazer fila para descobrir se os itens desejados estavam disponíveis nas prateleiras, então eles tinham de ir para a fila para pagar por eles com antecedência no balcão do caixa, e, finalmente, agarrando seus recibos, eles teriam que voltar para a fila original para recolher suas compras. Como estrangeiros privilegiados, poderíamos fazer compras nas lojas para turistas, as lojas Berioska, que estavam ávidas por nossas libras e nossos dólares. Lá, brinquedos de madeira, xales de cores vivas, contas de âmbar e bandejas pintadas eram abundantes. Presumi que todos os bens foram produzidos na União

Soviética até que, por acaso, dei com os olhos no rótulo de um par de luvas

de couro preto: “Feito pelo Co-op, Blackburn, Lancs”.

Em outras lojas Berioska, os visitantes estrangeiros poderiam comprar

alimentos importados frescos como uvas, laranjas e tomates, que para o russo médio eram itens de luxo. Se o alimento produzido no hotel, supostamente um hotel de primeira classe, era fora de qualquer critério, o

russo médio vivia em uma dieta de subsistência errática à base de iogurte,

creme de leite, ovos cozidos, pão preto e pepino. A carne que o hotel conseguia fornecer normalmente era escondida em pequenos pastéis, ou era tão dura e sem gosto que só serviria como couro de sapato. Meu conhecimento de russo, aprendido em aulas noturnas há alguns anos, não

era de muita ajuda para escolher entre as várias páginas do menu, porque

uma vez feita a seleção, receberíamos a resposta de que estava em “falta”.

Nos primeiros dias, desesperados para conseguir uma refeição

comestível, descobrimos um restaurante, escondido longe no último andar

do hotel, com vista para as estrelas vermelhas das torres do Kremlin. Nós

estávamos sentados perto de um francês e vimos com espanto a refeição que lhe foi servida. Com a confiança suave de um parisiense ao jantar em

um dos melhores restaurantes em sua cidade natal, ele embarcou em seu primeiro prato, que consistia de um prato de caviar, peixe defumado e carnes frias, com um pequeno copo de vodca. Então, enquanto nós

lutávamos com um pedaço duro de frango que nadava em gordura em

nossos pratos, veio o prato principal do francês. Fatias de batata assada envolviam um suculento esturjão cozido. Com inveja, nós o assistimos comer, saboreando os aromas que desviavam em nossa direção. Só quando

ele se recostou na cadeira com um suspiro gaulês e um gesto de profunda

satisfação que me ocorreu que ali estava alguém com quem eu poderia realmente me comunicar. Tudo o que eu tinha a fazer era pedir-lhe em francês onde encontrar esturjão e caviar no cardápio. Gentilmente, ele indicou os itens 32 e 54, mantendo, assim, a promessa deliciosa de uma dieta aceitável para o resto da nossa estadia. Foi nossa má sorte que, logo

no dia seguinte, o restaurante no último piso fechou, e os artigos 32 e 54

nunca mais apareceram nos cardápios dos restaurantes menos elegantes.

A desconfiança da refeição seguinte tornou-se uma preocupação

constante. No entanto, foi com alguma antecipação que aguardamos com expectativa otimista um dos supostos destaques de nossa estadia, jantar no

Sétimo Céu, o restaurante giratório da Torre Ostankino, a torre de rádio na

periferia da cidade. A torre, um símbolo da era espacial, era muito bem guardada – supostamente por causa de sua importância estratégica – e apenas alguns convidados especiais foram autorizados a comer lá. Mesmo

eles não eram autorizados a aproximar-se da torre diretamente, mas

seriam revistados no perímetro a cerca de cinquenta metros de distância, e

depois, levados ao longo de um túnel subterrâneo para o elevador. Câmeras

eram proibidas, nos foi dito, uma vez que durante o curso de suas revoluções, o restaurante passava por uma fábrica de leite. Para o “leite”, leia-se “armamentos”, disse Kip. A fábrica de leite dava a volta com frequência desconcertante enquanto nos debruçamos sobre nossa primeira

boa refeição em semanas. Nem o passeio foi suave – a torre balançava como

um bêbado no meio de cada ciclo – o que pode explicar por que Stephen e

eu passamos as vinte e quatro horas seguintes competindo pela vez no banheiro.

Não foi nenhuma surpresa para nós que nossos anfitriões russos não tivessem a liberdade de nos convidar para suas próprias casas, mas houve

uma notável exceção. Em nossa última noite em Moscou, fomos convidados

para jantar na casa do professor Isaac Khalatnikov. Ele era um homem radiante e expansivo, que tínhamos encontrado pela primeira vez na

Conferência Geral da Relatividade, em Londres, pouco antes de nosso casamento, em 1965. O táxi nos deixou diante de um imponente bloco de apartamentos perto do rio, no centro de Moscou. Tínhamos ouvido dos contemporâneos sobre as dificuldades da vida familiar em Moscou. Os apartamentos eram escassos. O direito à moradia dependia de a pessoa estar com um pé no Partido. Recém-casados frequentemente tinham de

viver com seus pais em apartamentos de dois quartos. Mais tarde, as famílias muitas vezes assumiam membros sobreviventes da geração mais velha, em particular as *babushkas*, cuja presença era quase essencial, mesmo nessas condições precárias, porque elas geralmente cuidavam da casa e dos filhos enquanto sua filha ou nora estava fora no trabalho.

Ficamos espantados, portanto, ao descobrir que o apartamento dos

Khalatnikovs era excepcionalmente grande, composto por vários quartos espaçosos e bem decorados, com televisão e hi-fi. Além disso, a comida à mesa era um verdadeiro banquete digno de um jantar ocidental. As porções

de caviar, carne, legumes, saladas e frutas foram generosas e apresentadas

com bom gosto. Stephen e eu estávamos agradecidos, mas confusos. Por que, em uma sociedade que alardeava sua igualdade, essa família podia desfrutar de um estilo ostensivamente luxuoso? Como de costume, Kip deu

a resposta: não tinha nada a ver com Isaac Khalatnikov e seu ilustre status

científico. Foi a consequência de conexões de sua esposa. Valentina Nikolaevna, uma senhora loira bastante robusta para quem meu presente

de uma bijuteria delicada era singularmente inadequado, não era outra senão a filha de um herói da Revolução. Em uma nação onde todos eram considerados iguais, alguns eram mais iguais do que outros. Em virtude de

seu nascimento, Valentina Nikolaevna tinha direito a todas as prerrogativas

da nova aristocracia, incluindo habitação preferencial e o direito de comprar sua comida nas lojas Berioska.

As folhas de plátano que coletei no jardim da casa de Tolstoi se mostraram uma metáfora eloquente da Moscou que vimos naquelas

semanas de nossa visita. Foi com alívio genuíno que nos juntamos aos aplausos dos passageiros quando o avião com destino a Londres decolou em meio a uma tempestade de neve em meados de setembro. Como a neve,

as folhas de outono eram arautos do inverno em um país onde todas as liberdades de expressão, de comunicação, de pensamento, de movimento que nós tínhamos como garantidas estavam permanentemente congeladas.

No entanto, suas cores vivas nos lembravam nossos amigos irreprimíveis,

aquelas pessoas corajosas aprisionadas naquele terreno baldio da política.

Enquanto o inverno se aproximava, em Cambridge, nós nos demos conta de

que junto com as folhas e as lembranças, com os ursos dançarinos de madeira e a porcelana pintada à mão, tínhamos trazido de volta conosco um indesejável legado da opressão soviética. Durante várias semanas após

nosso retorno, não fomos capazes de comunicar-nos livremente em nossa

própria casa, por medo de que as paredes pudessem estar nos ouvindo. Se

essa fosse uma medida da pressão psicológica sob a qual nossos amigos viviam o tempo todo, nossa admiração por eles só poderia aumentar.

Emocionados como estávamos por estar de volta com nossos filhos, essa percepção foi grave. Como, perguntamos, poderíamos viver nessas

circunstâncias?

Na época do Natal daquele ano, minha mãe e eu levamos as crianças para ver a versão londrina do balé *O quebra-nozes* no Festival Hall. Lucy ficou fascinada pelo espetáculo e, posteriormente, insistiu em ser chamada

de Clara, como a heroína criança do balé. Ela passava cada tempo livre dançando ao som de um disco bem gasto, e inventou sua própria versão da

dança cossaca, correndo todo o comprimenato da sala e chutando uma pequena perna no ar antes de se virar e correr de volta para o outro lado.

Tal pai, tal filho, Robert ficou menos encantado com o desempenho e teria

preferido o deleite favorito do pai em tempos de Natal, a pantomima. Ele se

remexeu no assento até a primeira metade do balé, e assim que a segunda

parte ia começar, ele arrastou sua avó para fora do auditório, sob o pretexto irrefutável de ter bebido muito suco de laranja no intervalo. Eles

não foram autorizados a voltar para seus lugares, então tiveram de assistir

o resto da apresentação de longe, no saguão da entrada, enquanto Robert,

contente, observava as barcaças que operam para cima e para baixo no rio

Tâmisa.

— 10 —

O VENTO FRIO

NAQUELE INVERNO EM CAMBRIDGE ENFRENTAMOS NOSSO PRÓPRIO CONJUNTO DE

pressões, embora não de natureza política. A conferência na Polônia e

a visita a Moscou, combinadas com as descobertas do ano anterior em Les

Houches, abriram novas possibilidades e novos problemas para a pesquisa

sobre o buraco negro. O objetivo secreto de todos os físicos era descobrir a pedra filosofal, a ainda não formulada teoria do campo unificado, que uniria todos os ramos da Física. Ela conciliaria a estrutura em larga escala do universo – sobre a qual Stephen e George Ellis tinham escrito um livro –

com as estruturas de pequena escala da Mecânica Quântica ou Física Elementar de partículas, e a teoria do eletromagnetismo. Os buracos negros

acenavam com a perspectiva tentadora de que poderiam ser a chave para a

primeira etapa dessa missão especial – na enigmática semelhança entre a

relatividade geral e a termodinâmica contida em suas leis.

Tamanha foi a atração desse objetivo que Stephen não só tinha a

intenção de acompanhar suas discussões em Moscou com consultas em

todo o mundo em todas as conferências disponíveis, como cada vez mais passou todas as horas imerso nessas deliberações. A questão de viagens ao

exterior surgiu com regularidade perturbadora. Eu repeti o cânone das minhas desculpas, mas me pareceu frágil a alegação de que a pressão de deixar as crianças era grande demais quando o futuro da Física estava em

jogo.

Ao mesmo tempo, eu estava confusa com a tendência de Stephen de

passar tantas horas durante a noite e nos fins de semana como *O Pensador* de Rodin, com a cabeça inclinada descansando na mão direita, transportado

para outra dimensão, distante de mim e das crianças que brincavam ao redor dele. Apesar de compreender o desafio intelectual da Física dos buracos negros, eu não conseguia entender as profundezas daquela

autoabsorção. Comecei a supor que ele estava envolvido em um problema

matemático, por isso perguntaria alegremente em que ele estava pensando,

mas muitas vezes ele não respondia, e eu logo ficava ansiosa. Talvez ele estivesse desconfortável em sua cadeira de rodas ou não se sentisse bem,

perguntaria. Eu o teria irritado, talvez por me recusar a ir à próxima conferência? Como ele ainda não respondesse, ou simplesmente desse uma

sacudida pouco convincente de cabeça, minha imaginação corria solta quando comecei a suspeitar que fossem todos esses fatores e muitos mais, não menos o desânimo em sua condição de deterioração, e que tudo isso o estivesse oprimindo insuportavelmente. A posição que ele adotou foi, afinal, uma usada tradicionalmente por artistas para retratar a depressão.

É inegável que seu discurso estava se tornando indistinto, necessitando de sessões aborrecidas com uma fonoaudióloga para tentar corrigir o tartamudear. Algumas pessoas, que nós preferimos pensar que fossem surdas ou estúpidas, não o entendiam. Ele exigia minha ajuda com as minúcias de cada necessidade pessoal, como vestir-se e tomar banho, bem como com movimentos maiores. Ele tinha de ser levantado pelo corpo para dentro e para fora da cadeira de rodas, do carro, da banheira e da cama. Os alimentos tinham de ser cortados em pequenos pedaços para que ele pudesse comer com uma colher. As escadas em nossa casa eram agora um importante obstáculo. Ele ainda podia se erguer – que em si foi um exercício recomendado – mas precisava ter alguém parado atrás dele para sua segurança. Era natural que, quando longe de casa, ele me quisesse com ele o tempo todo. Culpa reprimida por causa de minha relutância em tirar proveito de todas essas oportunidades para viajar pelo mundo, e a frustração com a falta de comunicação estavam me amarrando em nós de ansiedade e desespero. Eu me senti como um viajante que havia caído em um buraco negro: esticada, cutucada e puxada como um pedaço de espaguete por forças incontroláveis.

Dois dias depois, Stephen emergiria de seu isolamento. Com um sorriso

triunfante, ele anunciaria que tinha resolvido ainda outro grande problema

na Física. Foi só depois do evento que esses episódios se tornaram uma piada. Como cada nova situação era ligeiramente diferente da anterior, eu

nunca aprendi a reconhecer os sintomas. Na época, eu sempre me

preocupava que Stephen pudesse de fato estar se sentindo mal. Cada vez eu

ia cumprimentá-lo pelo seu sucesso, mas, secretamente, percebi que as crianças e eu estávamos em uma batalha contra essa deusa irresistível, que

encontrei pela primeira vez nos Estados Unidos em 1965, a deusa da Física,

que privava as crianças de seus pais e as esposas de seus maridos. Afinal de contas, eu me lembrei de que a senhora Einstein citou a Física como a terceira parte em seu processo de divórcio.

Para Stephen, esses períodos de concentração intensa podem ter sido exercícios úteis para cultivar essa força silenciosa interior que o capacitava a pensar em onze dimensões. Sem ser possível afirmar se era esquecimento

ou indiferença para com minha necessidade de conversar sobre o fato de ele fechar-se assim tão hermeticamente, sentia esses períodos como uma tortura, em especial quando, como às vezes acontecia, eles foram

acompanhados por longas sessões de ópera wagneriana, em particular o ciclo do Anel, tocado no volume máximo do rádio ou na vitrola. Foi então

que, como senti minha própria voz sufocada e minha espontaneidade

reprimida dentro de mim, que passei a odiar Wagner. A música era forte, tão forte e poderosa que eu me sentia irresistivelmente atraída para a luxúria sensual daqueles hipnotizantes acordes e daquelas modulações

emocionantes, mas minha rotina diária não me permitia um único

momento de trégua das exigências intermináveis de fazer compras,

cozinhar, realizar os trabalhos domésticos, cuidar das crianças e cuidar de Stephen. Seja da cozinha seja do banheiro, seja até mesmo na sala de jogos no piso superior, eu ficava muito consciente do poder aliciante da música, insinuando-se através de harmonias apaixonantes e dissonantes. Eu tentaria ignorar seu aceno, sua atração ambígua, sabendo que ela era muito manipuladora para meu confuso estado de espírito. A clareza aberta da cultura mediterrânea era a minha medida, não a ameaça sombria dos mitos do norte, onde todos os heróis foram condenados à morte prematura e ao caos e ao triunfo do mal. Stephen poderia estar tão enfeitiçado por essa força como ele estava pela Física – uma vez que tanto uma quanto a outra se tornaram uma religião –, mas eu tinha de manter meus pés no chão. Se eu me permitisse ceder à tirania sombria daquela música, a estrutura que eu tinha construído em torno de mim entraria em colapso e seria reduzida a pó. Wagner veio a representar para mim um gênio do mal, o filósofo da raça superior, o demônio por trás de Auschwitz, e potencialmente uma força alienante. Eu era apenas jovem demais para ser capaz de lidar com tanta pressão emocional.

Felizmente nossa dieta de entretenimento não se limitava a Wagner, ao contrário, era muito eclética. Variou de Wagner, inevitavelmente, e Verdi e Mozart nas casas de ópera, a performances dos oratórios de Elgar na Capela do King's College e Monteverdi em St. Albans Abbey, até *Princesa Ida* no Teatro das Artes – uma vez que, de fato abrangente em seus gostos, Stephen era fã de Gilbert e Sullivan bem como de Wagner. Além de Wagner, o favorito entretenimento dele no verão eram os espetáculos de verão da Footlights, a companhia teatral amadora fundada pelos alunos de

Cambridge, e as pantomimas no inverno. Para ambas ele suspendia seu ácido juízo crítico normal. Eu costumava achar aqueles espetáculos na Footlights tediosos, tendo em vista que o padrão de humor nunca

correspondia às expectativas irrealistas suscitadas pela geração

acostumada a *Beyond the Fringe*, e quanto à pantomima, as piadas obscenas acabavam perdendo a graça de tanta repetição.

Para ocupar as outras noites solitárias em casa quando Stephen estava

imerso em seus pensamentos, e Wagner fora misericordiosamente

suprimido, quando as armadilhas do dia já haviam sido removidas e as crianças por fim estavam na cama, comprei um piano muito compacto, com

o pretexto de que Robert deveria começar a ter aulas. Em um ambiente onde todo mundo era tão naturalmente dotado, foi embaraçoso admitir que

eu queria ter aulas. Tive algumas aulas com um professor aposentado que,

simpatizando com minhas ambições, absteve-se sensibilizado de me dizer

que eu era muito velha para aprender a tocar. Aceitando o desafio, ele me

treinou nas noções básicas de teoria e harmonia e, para minha satisfação,

permitiu-me escolher meu repertório. Robert também teve aulas – com um

jovem professor que desenhava para ele fadas dançando nas claves e gigantes pisando no baixo.

Desde que tinha começado na escola, Robert, anteriormente tão feliz e

animado, estava se tornando muito mais silencioso e mais reservado. Ele tinha apenas quatro anos e alguns meses quando, em linha com a política

de educação local, foi obrigado a começar na escola. Eu estava convencida

de que era muito cedo. Algum tempo depois, li que a diferença psicológica

entre uma criança de quatro anos e uma criança de cinco é a mesma diferença entre uma criança de sete anos e um menino de onze anos, e que

a escola a partir de uma idade tão tenra é realmente prejudicial para o desenvolvimento de uma criança. Robert era um menino tímido e, quando

perguntei o que ele fez na hora do almoço, sua resposta, casualmente dita,

deixou-me muito triste.

– Ah – disse ele, com um encolher de ombros – Eu fiquei sentado no degrau.

Sua escola tinha uma excelente reputação em extrair o melhor de

crianças de aprendizagem rápida que vinham de uma família acadêmica, e

era em essência uma escola literária, onde as crianças que sabiam ler rapidamente faziam rápido progresso. Alguns anos depois, Lucy,

borbulhando com talento criativo e literário, floresceu lá. Robert, porém, teve grande dificuldade em leitura. Fiquei com medo de que isso pudesse ser um efeito retardado daquele episódio em que ele engoliu remédios, mas

minha sogra fez comentários reconfortantes. Era óbvio que Robert era filho

de peixe, disse ela, porque Stephen não tinha aprendido a ler até completar

sete ou oito anos. Então entendi por que o inverno passado pelos Hawking

com a família Graves em Maiorca havia deixado aquela impressão infeliz em Stephen. Se com nove anos ele tinha acabado de aprender a ler, as sessões diárias consagradas à análise do Livro de Gênesis sob o olho de águia de Robert Graves devem ter sido terríveis. Stephen sabiamente afirmou que não importava o que Robert lesse desde que ele aprendesse a

ler, e então nós demos a Robert o *Beano* e todo livro de piadas que existisse, de modo que cada refeição foi acompanhada com piadas

intermináveis da série “Toc, toc”, “Quem está aí?” e a capacidade de leitura de Robert melhorou drasticamente.

Dislexia não era uma condição médica reconhecida nos círculos

educativos no início dos anos 1970. Hoje em dia, diz-se que tanto Leonardo

da Vinci quanto Einstein eram provavelmente disléxicos. Nós

suspeitávamos que Stephen fosse disléxico e tínhamos bastante certeza de

que Robert era também, mas, para além de uma aula de leitura corretiva, não havia nenhuma ajuda específica para disléxicos no sistema educacional

do Estado. Eles eram classificados na melhor das hipóteses como alunos preguiçosos, na pior das hipóteses como atrasados, alunos lentos já com a

idade de cinco anos, condenados a um futuro de segunda categoria. Eu sabia que Robert não era um aluno atrasado: essa foi a criança que, aos quatro anos, quando estávamos fazendo jardinagem uma tarde, perguntou

muito a sério:

– Mamãe, na barriga de quem Deus nasceu?

Essa foi a criança que, aos cinco anos, sentou-se ao piano para explicar

o conceito de números negativos para mim.

– Olha, mamãe – disse ele – todas essas notas passando o dó menor são

números positivos e todas as notas para baixo são números negativos.

Eu tinha certeza de que a ênfase que a escola colocava nas habilidades

de leitura em vez de habilidades numéricas era errada para Robert. Uma nova professora que veio para a escola quando ele tinha apenas seis anos

anunciou que ela ia começar um grupo de Matemática Avançada. Implorei a

ela para deixá-lo juntar-se ao grupo. Ela claramente achou difícil não rir.

– Mas ele não sabe ler! – protestou: – Como ele poderia aprender Matemática?

Eu perseverei:

– Por favor, apenas deixe-o tentar.

Com o maior ceticismo, ela concordou em deixá-lo participar da classe

por três semanas. Durante essas três semanas, Robert não pareceu ter nenhum problema com a Matemática Avançadas e parecia muito menos

tenso. No final das três semanas, meu filho trouxe para casa uma

mensagem da nova professora, que dizia que gostaria de falar comigo depois das aulas. Ela veio ao meu encontro na porta da escola.

– Senhora Hawking, devo-lhe um pedido de desculpas – começou a falar

servilmente. – Eu de fato não achava que Robert seria capaz de lidar com a

Matemática Avançada quando me pediu para deixá-lo vir para a classe, mas

devo pedir-lhe desculpas porque eu estava tão errada. Ele é

extraordinariamente bom em Matemática, e está muito à frente de todos os

outros.

Contudo, a aula de Matemática chegou a um fim prematuro depois de apenas dois períodos letivos, quando a professora saiu para ter um bebê, e

então Robert estava de volta à estaca zero. Como Stephen e eu alegremente

assumimos que, de acordo com nossos princípios socialistas, nossos filhos

seriam educados em escolas estaduais, estávamos então diante de um

confronto retumbante de lealdades porque as necessidades de nossos

filhos não eram compatíveis com nossos princípios políticos. O sistema educacional estatal não tinha servido Robert muito bem até aquele

momento. Ele precisava ser louvado pelas matérias que ele poderia fazer bem,

em especial Matemática, e precisava de incentivo, não de castigo, naquelas que encontrava dificuldades, em especial a leitura e a escrita. Só

no setor privado poderíamos ter certeza de que as classes seriam pequenas

o suficiente para que ele pudesse receber a devida atenção. A Sociedade para Distinção em Ciência, mesmo com esse nome pomposo, não pagava um salário alto o suficiente para que fôssemos capazes de pagar a escola particular, nem o de Assistente em Pesquisas para o qual Stephen foi posteriormente nomeado – no Instituto de Astronomia, em 1972, após a saída de Fred Hoyle, e também no Departamento de Matemática Aplicada

em 1973. Contudo, por outra daquelas reviravoltas irônicas do destino, o fundo necessário tornou-se disponível – de uma forma que nós

lamentamos.

Em 1970, pouco depois do nascimento de Lucy, a tia solitária de

Stephen, Muriel, morreu. Em vez de desfrutar de sua liberdade recém-descoberta após a morte de sua mãe, ela simplesmente foi aos poucos se tornando mais magra e fraca. O dinheiro que poderia ter gasto consigo mesma, fazendo uma viagem ao redor do mundo, por exemplo, ela guardou

com cautela para prover as incertezas do futuro. O futuro nunca veio e o dinheiro foi deixado para alguns de seus sobrinhos-netos e sobrinhos, entre eles Robert, a quem ela adorava. Por si só, a herança não foi suficiente para financiar longos anos de educação, mas quando se somou a uma parte

igual doada pelo pai de Stephen, o total dava para comprar uma pequena casa que poderia ser alugada de forma bastante rentável. Metade da renda

foi para os pais de Stephen, enquanto a outra metade contribuiu

substancialmente para a mensalidade da escola de Robert. Cambridge era

um bom lugar para esse empreendimento, pois os imóveis ainda eram

relativamente baratos e a população flutuante de acadêmicos demonstrava

que havia uma demanda constante por imóveis alugados. Com minha

experiência de reformar a nossa casa, fiquei encarregada do projeto.

Comprar e reformar outra casa e, em seguida, colocá-la para alugar tornou-

se um encargo adicional quando minhas mãos e meu tempo já estavam cheios. O insight que isso me deu quanto às necessidades da vida de outras

pessoas era desanimador, mas uma vez que eu estava muito consciente da

necessidade de economizar dinheiro para as mensalidades escolares

sempre crescentes, eu não tinha opção a não ser assumir o pincel para uma

semana intensiva de decoração da casa uma ou duas vezes por ano. Às vezes esse exercício tinha de ser realizado até com mais frequência para satisfazer os visitantes do verão.

Essa atividade desgastante e as preocupações que me assolavam me

deixavam cada vez menos tempo e energia para a tese. Eu consegui montar

material para o primeiro capítulo e tinha avançado com algumas ideias próprias. Tracei algumas reminiscências verbais muito próximas entre os *kharjas* e os *Cantares de Salomão*, e detectei notáveis semelhanças entre os *kharjas* e os hinos moçárabes da população cristã nativa sob a dominação moura. Com sorte, todas as outras coisas continuando iguais, eu

conseguiria reservar uma hora para a tese na parte da manhã, enquanto Lucy estivesse na creche depois de ter levado Stephen para o

Departamento. Continuar fazendo minha pesquisa levou-me ao limite. Não

havia mais nenhuma chance de ampliar meu espectro de entendimento de

outras áreas de pesquisa medieval, muito menos de investigar as outras áreas e os temas que surgiram para discussão nos jantares da Lucy Cavendish. Eu estava fora de sintonia com a política e a cena internacional e tinha tempo escasso para a leitura. Tinha pouco a oferecer e pouco a ganhar, além de uma consciência

deprimente da minha própria

inadequação, seja na Lucy Cavendish ou nos seminários medievais nos Dronkes. Quando eu ia assistir a um ou ao outro, tinha de blefar durante discussões e conversas ou então manter um silêncio sem graça. Era uma situação desconfortável na qual eu me sentia uma fraude, e minha

participação em ambos começou a se tornar relapsa.

Na Lucy Cavendish, eu tinha apenas uma amiga, Hanna Scolnicov, com

quem me sentia à vontade. Hanna, uma estudiosa elisabetana de Jerusalém,

estava curtindo o descanso que encontrou em Cambridge por causa das tensões de sua terra natal devastada pela guerra. Hanna e eu descobrimos

que tínhamos muito em comum. Embora nossas circunstâncias fossem

inevitavelmente díspares, nós duas estávamos tentando viver uma vida normal e criar nossos filhos de três anos, Robert e Anat, contra um cenário

de tensão e incerteza. Quando nos conhecemos, eu tinha acabado de dar à

luz Lucy e Hanna estava esperando seu segundo filho. No momento em que

Ariel nasceu no verão seguinte, nós duas nos tornamos amigas para a vida

toda. Além disso, no marido de Hanna, Shmuel, um filósofo clássico, Stephen tinha encontrado um parceiro de disputa intelectual. Tanto Hanna

quanto Shmuel eram muito mais intuitivos e perspicazes do que muitas pessoas que nos conheciam há mais tempo e supostamente melhor.

Quando o ano sabático de Shmuel chegou ao fim e eles voltaram para Israel

com sua jovem família, havia ainda menos incentivo para eu frequentar a Lucy Cavendish, e fiquei ainda mais isolada e fora de contato.

Não importava muito. A carreira de Stephen era tão obviamente mais importante do que a minha. Ele estava destinado a provocar um grande impacto na lagoa da Física, ao passo que eu teria a sorte de fazer a menor

ondulação na superfície dos estudos linguísticos. E, como eu lembrava a mim mesma muitas vezes, tinha o consolo das crianças, as duas animadas e

divertidas, amorosas e adoráveis. Muitas pessoas que poderiam muito bem

ter olhado cruelmente para Stephen, absorvidas pela esquisitice daquela deficiência – as mesmas pessoas que teriam chamado a ele de aleijado –

ficavam visivelmente perplexas com a visão de um pai seriamente portador

de necessidades especiais com essas crianças tão belas, cada uma delas um

milagre de perfeição lúcida. Stephen ganhava confiança através de seu orgulho delas. Ele podia confundir aqueles duvidosos espectadores ao anunciar:

– Estes são meus filhos.

A alegria aguda que nós compartilhávamos de sua pureza e inocência,

de seus ditos pitorescos e de sua capacidade de admiração nos dava, por sua vez, momentos de profunda ternura. Nesses momentos, o vínculo entre

nós era reforçado até que não abarcasse apenas a nós mesmos, mas nossa

casa e nossa família, chegando a incluir todas as pessoas que nós mais valorizamos. A família, nossa família, tornou-se minha razão de ser.

Eu me consolei com a certeza de que nenhuma quantidade de

reconhecimento acadêmico poderia ter igualado a realização criativa que eu derivava de minha família. Se, por vezes, as longas horas de cuidados infantis pareciam que nunca terminaria, eu estava sendo bem paga pelo privilégio de estar redescobrindo o mundo, suas maravilhas e

inconsistências, por meio dos olhos das crianças. Felizmente, meus pais também tinham prazer nisso. Nunca os avós foram tão interessados em desfrutar a companhia de seus netos e nunca os netos foram tão

paparicados pelos avós. As crianças traziam a meus pais algum alívio de suas ansiedades, que estavam focadas na minha avó, cujas saúde e memória

estavam falhando rapidamente. Quando, por fim, ela se mudou para St.

Albans de sua casa em Norwich, já era muito tarde para ela se estabelecer

com confiança em qualquer outro lugar, e muito em breve, em sua

desorientação, ela caiu e quebrou um braço. Eu já sabia, quando eu disse adeus a ela em uma tarde de domingo no início de dezembro de 1973, que

nunca mais a veria novamente. Chorei durante toda a semana por causa disso, aquele espírito afável que eu amava tanto. Veio como uma grande tristeza, mas nenhuma surpresa, quando minha mãe ligou na sexta

seguinte, 7 dezembro, para me dizer que vovó tinha morrido durante o sono.

— 11 —

A ARTE DO EQUILÍBRIO

OGRADUAL DESAPARECIMENTO DOS NOSSOS AMIGOS MAIS PRÓXIMOS DO NOSSO MEIO

social não ajudou em nada para aliviar meu desânimo. Raramente eu

via meus amigos de escola ou da universidade; ou eles tinham ido para o exterior ou se mudaram para outras cidades com a família. Os amigos dos

últimos anos foram indo embora, deixando Cambridge para ascensão

profissional, caso aparecesse um trabalho. Rob Donovan, que havia sido o

padrinho de Stephen do nosso casamento, com sua esposa Mariah e sua pequena filhinha Jane, tiveram de trocar Cambridge por Edimburgo. A partir daí, nosso contato com eles se tornou esporádico, mas quando nós tínhamos a oportunidade de nos encontrar, a força da amizade retornava viva e estimulante como sempre. Ficamos com eles fora de Edimburgo no

verão de 1973, pouco antes da viagem planejada para Moscou. Como

sempre na companhia de velhos amigos, nossas conversas percorriam

todos os lugares, lembrando as visitas de domingo à tarde, logo após nosso casamento. Gostávamos de fofocar sobre o cenário de Cambridge, as últimas convulsões em Gonville e Caius, a evolução da ciência, a complexidade dos pedidos de subvenção e os amigos dispersos por todo o globo.

Quando nós falamos sobre a viagem para Moscou, Rob insistiu que não deveríamos ser envolvidos pela falta de cobertura da mídia a supor que, na era pós-Crise dos Mísseis de Cuba, a corrida armamentista havia desaparecido no sótão da história. Sub-repticiamente, as duas superpotências estavam desenvolvendo uma enorme variedade de armas cada vez mais sofisticadas. Embora a ameaça da guerra nuclear ainda pairasse sobre todos nós cada vez que as superpotências, como se fossem dragões rosnando, sentiam o cheiro da presença uma da outra em algum canto controvertido do mundo, o fato de que elas de verdade estavam ampliando e aperfeiçoando seus já enormes arsenais nucleares não foi uma coisa amplamente divulgada. Os comentários cheios de preocupação de Rob me irritaram. Como se já não bastasse que nós tivéssemos crianças, ultrapassava os limites do tolerável pensar que tudo e todos poderiam vir a explodir. Eu não estava preparada para recuar e deixar que o apocalipse monstruoso destruísse a vida de minha preciosa prole, mas o que eu poderia – ou nós – fazer? Haveria pouca razão em apelar para os cientistas que desenvolveram essas armas, nos anos 1940 e 1950 – muitos dos quais eram conhecidos por nós em ambos os lados da Cortina de Ferro – porque as decisões estavam agora nas mãos de políticos indignos de confiança, o

desonesto Nixon, nos Estados Unidos, e o inescrutável Brezhnev, na União Soviética. Era um tanto mais difícil digerir essas desagradáveis verdades num cenário de montanhas na Escócia onde o ar carregado de mel cantava a simplicidade bíblica, do que em qualquer outro cenário urbano feito pelo homem.

Os Carters, Brandon e Lucette, com quem também costumávamos passar tantas tardes de fim de semana, haviam se mudado para a França com sua filha, Catherine. Brandon tinha conseguido um cargo de pesquisa no Observatório de Paris em Meudon. O Observatório foi criado nas terras de um castelo, um pouco como sua contraparte em Cambridge, e proporcionava uma vista magnífica sobre Paris. Eu sentia muito a falta de Lucette por diversas razões, além do fato de que ela era a única pessoa que eu conhecia em Cambridge com quem eu poderia conversar em francês. Matemática respeitada, ela era inteligente e articulada sem ser pretensiosa. Seu interesse sincero pelas pessoas e seu senso entusiasta pela família não eram típicos dos acadêmicos de Cambridge com quem havia se misturado. Ela era musical, imaginativa e abençoada com um delicado senso de poesia. Foi Lucette que, através de seu prazer rapsódico em árvores e flores, cores e perfumes do adro da igreja, apresentou-me a Proust.

O maior choque veio com a perda dos Ellis. Sua partida foi especialmente aflitiva porque eles não estavam deixando Cambridge porque iam para outro emprego, mas porque seu casamento tinha chegado

ao fim. Nós nos identificávamos tanto com eles que, quando George e Sue separaram-se, nossa família também parecia estar sob ameaça. Nossas duas famílias, cada uma com dois filhos pequenos, tinham compartilhado tanto que se tornaram parte do sistema de apoio mútuo. Sue foi madrinha de Lucy. Tínhamos comprado e reformado nossas casas, tivemos nossos bebês, saído de férias e participamos de conferências, quase simultaneamente. Por um lado, George e Stephen tinham escrito um livro juntos, *The Large-Scale Structure of Space-Time*, e, por outro, Sue e eu tínhamos discutido em confidencialidade sobre muitas das crises da maternidade e a luta para competir com a deusa chamada Física. George e Stephen eram semelhantes na capacidade de isolar-se das realidades básicas do mundo exterior, mergulhando profundamente para longe do alcance de suas famílias nos reinos do universo teórico. As muitas experiências compartilhadas e as experiências paralelas tinham construído uma interdependência em nossos casamentos, e quando o deles falhou, a solidez do nosso foi abalada.

Todas essas amizades com casais que já haviam deixado Cambridge foram formadas em circunstâncias especiais. Eles eram o produto de contatos de Stephen no Departamento ou em uma ou outra das faculdades. Ele compartilhava interesses comuns geralmente de cunho científico com os maridos e eu descobria interesses comuns com as esposas. Com a partida dos Ellis, nossos amigos tão próximos, a amizade do quarteto se esgotou. Apesar de estarmos em boas relações com muitos dos companheiros mais jovens de Caius e suas esposas, e de termos feito novos amigos entre os mais recentes pós-graduandos no Departamento, ocorreu

uma sutil mudança. Fiz muitas amigas por intermédio das crianças, mas os

maridos e os pais dessas famílias não tinham muito em comum com

Stephen, e eles estavam compreensivelmente desencorajados pelas

dificuldades de comunicação. Além disso, eu tendia a fazer amizades entre

as pessoas com quem havia um vínculo perceptível de simpatia. Eles ou tinham motivo para tristeza em sua própria vida ou tinham algum

conhecimento específico das necessidades das pessoas com necessidades especiais. De todas essas várias amizades valiosas, duas em particular, as mais leais e mais duradouras, tinham pontos muito relevantes do contato

com Stephen.

Entre a equipe de assistentes de Constance Willis – “os caras dos exercícios do papai” como Robert chamava – havia uma menina magra, de

cabelos louros com aproximadamente a minha idade, Caroline

Chamberlain. No verão de 1970, Caroline deixou de exercer a profissão de

fisioterapeuta porque ela estava esperando um bebê ao mesmo tempo em

que eu estava esperando Lucy. Como morava perto da Escola Leys – a escola pública de meninos onde seu marido ensinava geografia –

mantivemos contato e fomos levadas para a amizade mais estreita logo após nossas filhas nascerem. Minha mente estava focada cada vez mais intensamente sobre os problemas de deficiência que, por vezes, parecia uma armadilha que se fechava sobre todos nós, sobre nossos filhos bem como Stephen. A informação necessária era praticamente inexistente e eu

comecei a depender muito do conhecimento profissional de Caroline para

orientação. Ao mesmo tempo prática e alegre, mas muito sensível, ela estava bem consciente do conjunto de dificuldades que enfrentamos em cada turno e, apesar de todas as pressões de ser a esposa de um professor,

faria o possível para chegar a uma resposta, fosse ela uma postura mais confortável, um item de equipamentos – como uma almofada de cadeira de

rodas ou uma pinça – fosse o endereço de alguma organização pioneira útil.

No portão da escola, o lugar de encontro tradicional para as mães, encontrei outra amiga fiel em Joy Cadbury, cujos filhos, Thomas e Lucy, tinham a mesma idade de Robert e nossa Lucy. A gentileza de Joy confundiu

minha imagem preconcebida dos formandos em Oxford. Longe de ficar

alardeando sua capacidade intelectual em detrimento de outros, ela jogou-a

para baixo, como se isso fosse de absolutamente nenhuma relevância para

seu estilo de vida atual. Filha de um médico de Devon, ela realizara sua verdadeira ambição – a de se tornar enfermeira pediátrica – depois de se

formar em Oxford. Joy lidou com nossa situação com muita solidariedade,

sempre pronta para levar as crianças de minhas mãos em tempos de crise,

sempre pronta a dar uma mão discreta quando a tensão era esmagadora.

Ela não estava pouco familiarizada com a doença degenerativa ELA

(esclerose lateral amiotrófica) – doença incurável sobre a qual tão pouco se sabe. A pouco mais de quatrocentos quilômetros, longe de onde vivia, estava seu pai idoso já em seus estágios terminais dessa doença.

Em Devon, não muito longe da casa da família de Joy, eu tinha outros aliados: meu irmão e sua esposa Penélope. Depois de seu primeiro

emprego temporário em Brighton, Chris foi transferido para Devon quando

se juntou a um consultório dentário em Tiverton. Artista por natureza e interessada em pessoas e suas relações, Penélope entendeu minha

necessidade de falar sobre personalidades, influências e emoções e como as

pessoas se comunicavam com o outro – assuntos que, na família Hawking,

eram praticamente proscritos. Em Chris e sua esposa encontrei um poço profundo de compreensão e apoio; o problema é que eles viviam bem longe.

Nem todos os novos conhecidos poderiam se dar ao luxo de me trazer o

incentivo que encontrei em Caroline, Joy e meus parentes. Alguns dos meus

novos amigos estavam tão marginalizados como eu estava, embora de

maneiras diferentes. Muitas vezes, eles próprios precisavam de apoio e se

voltavam para mim para pedir ajuda. Do ponto de vista da doença física, que dominou nossa vida e que era tão imediatamente óbvia e claramente definida, eu tinha apenas no passado vislumbrado outras tragédias. Com maior maturidade, comecei a despertar para as muitas causas e

complicações do sofrimento. Algumas pessoas lutavam com seu mundo

emocional, com a pobreza gerada por um divórcio traumático, outras

estavam separadas de suas famílias, outros estavam simplesmente muito longe de casa. essas situações e muitas outras eu podia encarar com objetividade, então eu tentava dar algum tipo de incentivo razoável para as

pessoas que viviam essas experiências. De maneira irônica, as situações que eram mais próximas das minhas eram as mais difíceis de lidar.

Alguns amigos bem-intencionados prometeram me apresentar a uma

enfermeira cujo marido estava sofrendo de esclerose múltipla. Eu logo me

dispus a esse encontro, esperando que fosse possível sermos capazes de trazer uma à outra o consolo da experiência compartilhada. Era difícil até

mesmo de mencionar os problemas – a esmagadora responsabilidade, a

tensão emocional, as dores, a fadiga de educar duas crianças pequenas sem

ajuda e, ao mesmo tempo, ter de cuidar de uma pessoa gravemente

portadora de necessidades especiais que estava piorando a olhos vistos –

sem uma pontada de deslealdade. Stephen nunca falou sobre sua

enfermidade, e nunca reclamou. Seu estoicismo heroico aumentou meu

sentimento de culpa por ainda dar voz aos meus menores receios, mas foi a

própria falta de comunicação que foi mais difícil de suportar, por vezes, mais difícil do que todas as tensões físicas e as tensões combinadas.

Considerando que eu tinha esperado inicialmente que houvesse mais

realização em termos de uma unidade de propósitos, no combate conjunto

contra todas as probabilidades tão unidas contra nós, parecia que agora eu

era pouco mais que um burro de carga, efetivamente reduzida ao papel que

em Cambridge os círculos acadêmicos chamavam de o lugar da mulher.

Fundamentalmente, eu sabia que eu precisava de ajuda – ajuda física e apoio emocional – para manter minha amada família caminhando em

frente.

Apenas uma vez eu tive a coragem de falar de meus problemas – com a

máxima cautela – para Thelma Thatcher. Sua resposta, se não uma rejeição,

foi decisiva em sua gravidade.

– Jane – ela disse – vou dizer a você o que eu sempre costumo falar quando as coisas não podem ser alteradas, conte as bênçãos.

Sua resposta foi honesta e ela estava certa. Eu tinha muito a agradecer –

não menos importante, minha família e o trabalho dedicado e a coragem de

Stephen. Eu não era uma pessoa desprovida de recursos e não tinha outra

alternativa senão aceitar meu destino escolhido, manter a fé, trabalhar duro e fazer o melhor possível – como eu descobri, Thelma teve de fazer ao

perder os dois filhos. Além do mais, eu não era infeliz: eu vivia uma intensa felicidade através das duas mais belas e encantadoras crianças que alguém

poderia desejar – Robert com seu cabelo loiro prateado, rosto redondo angelical e olhos grandes cheios de curiosidade e Lucy, de cabelos ruivos como uma rosa e pele tão branca e suave como as plumas do cisne. Eu estava apenas cansada, exausta pelas noites maldormidas, pelo esforço físico extenuante e a sensação incômoda e constante de preocupação e responsabilidade. Fiquei envergonhada por ter até tentado desabafar, e escapuli para ir contar minhas bênçãos.

Prática com sempre, Thelma me telefonou no dia seguinte.

– Estive pensando, querida, você precisa de mais ajuda. Eu posso

telefonar para Constance Babington-Smith e pedir que ela lhe envie sua faxineira. O que você acha? – sugeriu.

A faxineira de Constance Babington-Smith, a apressada senhora

Teversham, era um tesouro de primeira ordem, assim como foi sua

sucessora um ano mais tarde, a alta e angular Winnie Brown. Uma vez por

semana, a limpeza e a ordem eram restauradas em nossa casa. No entanto,

o trabalho doméstico era apenas uma parte do problema. Eu ainda

precisava de um ouvinte simpático, alguém que pacientemente fosse capaz

de ouvir minhas angústias íntimas com compreensão e sem repreensão. Eu

não estava esperando o florescer de uma varinha mágica, que de repente colocasse tudo em ordem, mas eu acalentava a esperança de que talvez um

novo contato, a mulher com o marido inválido, seria a pessoa que ouviria e

responderia com mais entendimento do que qualquer outra, e,

possivelmente, poderia ser capaz até de sugerir novas formas de lidar com

algumas das dificuldades práticas de cuidar mais ou menos sozinha de uma

incapacidade grave. Não era para ser. No momento em que nos

conhecemos, ela estava de partida para os Estados Unidos com um novo parceiro, deixando o marido em uma casa para portadores de necessidades

especiais.

A filosofia de Thelma Thatcher de contar as bênçãos que temos era o único caminho válido que estava aberto para mim. Eu tinha me

comprometido com Stephen. Ao fazê-lo, eu mesma havia me comprometido

a proporcionar-lhe uma vida normal. Estava começando a parecer que essa

promessa significava apenas manter uma fachada de normalidade,

enquanto uma vida anormal estaria sobre todos nós no resto do processo.

Eu não tinha intenção de renegar minha promessa, mas vislumbres

isolados na vida dos outros – como aquele que eu tinha acabado de experimentar – serviram para enfatizar, em vez de aliviar, o isolamento que

me consumia. Há muito tempo tínhamos descoberto que não havia

nenhuma organização, nenhuma autoridade médica a quem pudéssemos

recorrer para aconselhamento e assistência. Agora, uma vez que não havia

ninguém a quem eu pudesse recorrer para obter apoio pessoal para

encontrar um caminho através do labirinto de problemas, resolvi confiar no meu próprio conselho interior, afastando-me de pessoas e situações perturbadoras, fingindo mais do que nunca que nossa família era uma família normal, cercada de uma dificuldade que seria melhor se fosse confinada ao fundo do quintal.

— 12 —

HORIZONTE DE EVENTOS

NUMA NOITE ESCURA E TEMPESTUOSA – EM 14 DE FEVEREIRO DE

1974 – EU LEVEI

STEPHEN de carro para uma conferência em Oxford, no Rutherford

Laboratory no local da Atomic Energy Research Establishment, em Harwell.

Ficamos na Cozener's House de Abingdon, uma antiga casa de campo às margens do Tamisa, que naquele inverno estava em cheia. A chuva

torrencial que vinha do céu pesado não amorteceu nossos espíritos, pois Stephen e eu – e também boa parte dos estudantes – sentíamos uma mistura de tensão e entusiasmo, que antecipava uma ocasião importante: Stephen estava prestes a produzir uma nova teoria. Por fim, ele tinha alcançado uma resolução sobre a mecânica dos buracos negros contra o paradoxo da termodinâmica, que o vinha incomodando desde a escola de verão em Les Houches. Ele havia sido estimulado a mergulhar em cálculos

obsessivos pelas expressas dúvidas vexatórias sobre suas conclusões

anteriores por um estudante de Princeton de John Wheeler – que tinha ficado tão impressionado com a semelhança entre as leis da termodinâmica

e o resultado de 1971 sobre os buracos negros de Stephen, que ele alegou

que às leis da termodinâmica e as leis que regem os buracos negros eram,

na verdade, as mesmas leis. Na opinião de Stephen, a intervenção foi um absurdo, uma vez que para obedecer às leis da termodinâmica, os buracos

negros precisavam ter uma temperatura finita e teriam que irradiar; isto é,

os dois conjuntos de leis teriam de coincidir em todos os aspectos, e não apenas em um. Em sua resolução da questão, a elaboração de Stephen era

inovadora para além de qualquer expectativa.

Esses intensos períodos de concentração total, que as crianças e eu tínhamos testemunhado, levaram-no à conclusão de que, ao contrário de todas as teorias anteriormente apresentadas sobre os buracos negros, um

buraco negro pode irradiar energia. Conforme ele irradia, ele evapora, perdendo massa e energia. Proporcionalmente, sua temperatura e a

gravidade da superfície aumentam enquanto o buraco negro encolhe até o

tamanho de um núcleo, ainda pesando entre um milhão e cem milhões de

toneladas. Finalmente, a uma temperatura inimaginável, ele desaparece em

uma explosão maciça. Assim, buracos negros não deveriam mais ser

considerados impenetravelmente negros e suas atividades poderiam ser

vistas para obedecer, em vez de conflitar, às leis da termodinâmica. A longa gestação dessa criança em particular tinha sido envolta em segredo. De minha parte, eu senti certo interesse em participar de seu nascimento, uma

vez que sua rivalidade para conseguir a atenção de Stephen já tinha me causado muita dor de cabeça. Bernard Carr estava lá para atuar como assistente de parteira, projetando uma transcrição da palestra de Stephen

em slides para o público.

Na manhã do dia da palestra, sentei-me fora da sala de aula, na sala de

chá, preguiçosamente folheando um jornal enquanto esperava a sessão de

Stephen, que começaria às onze horas. Minha concentração foi

interrompida pela conversa estridente de um bando de faxineiras no canto

mais distante da sala. As colheres tilintavam ruidosamente contra a lateral

de suas xícaras conforme mexiam o café e seus cigarros enchiam a sala de

fumaça. Irritantemente, sua fofoca era tão difundida como a fumaça de seus

cigarros, e me vi obrigada a ouvir enquanto elas refletiam sobre a conferência e os delegados. Para meu espanto, uma delas observou para as

duas companheiras:

– E há um deles lá, aquele cara mais jovem, ele está vivendo seus últimos dias, não é?

Momentaneamente, eu não conseguia pensar sobre quem estavam

falando.

– Ah, sim – acrescentou uma das suas companheiras – nesse estado que

ele se encontra, parece que está caindo aos pedaços, mal consegue erguer a

cabeça.

Ela riu seu riso mais cruel, divertindo-se com a própria invenção

cômica. Isso me lembrou de um comentário que Frank Hawking, já de cabelos brancos e com setenta anos, me havia feito ouvir, de que Stephen

estava propenso a morrer antes dele. Aquilo abalou meu senso de

segurança e, em seguida, como agora, a condenação informal de Stephen pelas costas e a rejeição de nossa visão para o futuro me fez sofrer em silêncio.

Quando Stephen veio rolando para fora da sala de aula em sua cadeira

de rodas, pronto para um café rápido antes de embarcar em sua palestra,

eu o examinei cuidadosamente da cabeça aos pés. Ele estava vivo, com certeza – vivo com entusiasmo e expectativa – mas eu tive de me perguntar

se ele de fato parecia como se estivesse vivendo seus últimos dias, e se ele estava realmente caindo aos pedaços. Eu tinha de admitir que, para um observador casual, é provável que ele parecesse estar assim, e essa concessão para as percepções exteriores me deixou muito triste. Para meu

alívio, essas preocupações estariam bem longe de sua mente. Firmemente

enraizado no mundo físico e inconsciente, como Don Quixote, do ceticismo

cruel pouco amável com seu aspecto e seu propósito, ele estava pronto para avançar na batalha, acompanhado por seu fiel Sancho Pança, Bernard

Carr. Ainda abalada, eu os segui para o salão de palestras. Consolei-me com

a reflexão de que aquelas mulheres só tinham visto o estado deplorável daquele corpo frágil e ignoravam o poder da mente e a força do seu espírito, transmitidos de forma tão eloquente nesse crânio imperioso e naqueles olhos inteligentes. Minha convicção de que Stephen era imortal foi se recuperando de mais um golpe.

Com ironia requintada, Stephen reafirmou sua imortalidade naquela

mesma palestra, embora na época o presidente e algumas pessoas do

público tenham dado a impressão de que eles achavam que o palestrante havia perdido o juízo. Sentei-me na ponta da cadeira enquanto ouvia Stephen, curvado em sua cadeira sob as luzes no palco, e lia os slides que

Bernard mostrava no retroprojetor, esclarecendo o conteúdo da fala

sussurrante de Stephen. Com efeito, a palestra foi ministrada duas vezes, uma pelo próprio Stephen e novamente pelos slides, por isso não houve a

menor dúvida sobre a mensagem: os buracos negros não eram tão negros

quanto pareciam.

Apesar da clareza da apresentação, o silêncio reinou quando a palestra

chegou ao fim. O público parecia estar tendo dificuldade em digerir a mensagem simples que tinha sido passada. O presidente, professor John G.

Taylor, do King’s College, em Londres, no entanto, não ficou em silêncio por muito tempo. Horrorizado com aquele ataque herético ao evangelho do buraco negro, ele ergueu-se, vociferando:

– Bem, isso é muito ridículo! Nunca ouvi falar nada parecido! Eu não tenho nenhuma outra alternativa senão encerrar esta sessão

imediatamente!

Seu comportamento pareceu *a mim* ser bastante ridículo, que lembrava, de fato,

o ataque de Eddington em Chandrasekhar, em 1933, com a

diferença de que Eddington tinha usado “absurdo” em vez de “ridículo”

para descrever a teoria de Chandrasekhar. Não é apenas usual para um presidente dar tempo para perguntas após a palestra, como também é uma

cortesia comumente aceita de que ele agradeça ao palestrante por sua “fala

extremamente estimulante”. J. G. Taylor (não confundir com o professor J.

C. Taylor, o físico de partículas que, com sua esposa Mary, se tornou um amigo próximo alguns anos mais tarde) não estendeu nenhuma dessas

cortesias para Stephen; ao contrário, ele deu a impressão de que estaria disposto a vê-lo queimado na fogueira por causa dessa heresia. Aquele insulto consciente a Stephen era tão insuportável como as observações estúpidas das senhoras da limpeza. Implicava uma tentativa deliberada de

depreciá-lo, sugerindo que ele já tinha se provado ser incapacitado tanto mental quanto fisicamente.

Considerando que no auditório se poderia ouvir um alfinete cair, no refeitório após a palestra havia um tumulto. Era como se as partículas de buracos negros irradiantes estivessem girando em todas as direções,

derrubando os delegados de lado, como no boliche. Bernard colocou

Stephen tranquilamente em uma mesa de canto, enquanto eu fui para a fila

no balcão de comida. Ainda vociferando e indignado, resmungando para seus alunos, J. G. Taylor estava atrás de mim na fila, sem saber da minha identidade. Eu estava ensaiando algumas observações agudas em defesa de

Stephen quando o ouvi explodir ruidosamente:

– Temos de eliminar essa palestra de imediato!

Pensei que melhor do que chamar a atenção para mim seria relatar a Stephen o que eu tinha ouvido falar. Embora ele encolhesse os ombros de

uma forma bem-humorada, ele enviou seu trabalho para a *Nature*

imediatamente em nosso retorno a Cambridge. Uma vez que foi revisado para a revista por ninguém menos que J. G. Taylor, não foi surpresa que o

artigo tenha sido rejeitado. Stephen então pediu que ele fosse enviado a um

árbitro independente e, na segunda vez, foi aceito. O trabalho de Taylor também foi aceito, mas morreu de morte natural, enquanto o de Stephen marcou o primeiro passo no caminho para a unificação da Física, a reconciliação da estrutura em larga escala do universo com a estrutura de

pequena escala do átomo – por meio do buraco negro. Sem dúvida, a experiência de Rutherford serviu também para reforçar a determinação de

Stephen para lutar contra todas as probabilidades, sejam físicas, sejam na

Física. A mesma experiência me deixou orgulhosa, mas perturbada por tantas sugestões ocultas que havia revelado. A teoria da evaporação de buracos negros abriu o caminho para a eleição de Stephen para a Royal Society na primavera seguinte, na tenra idade sem precedentes de trinta e

dois anos. Nas instituições, no século XVII, membros haviam sido eleitos com doze anos, mas isso foi na época em que privilégio, em vez de mérito,

era o que assegurava a eleição. No passado mais recente, essa honraria era

algo que os cientistas aspiravam no fim, e não no início das carreiras, geralmente depois de adquirir um punhado de títulos de doutorado e de terem servido em alguns comitês científicos consultivos ao longo do tempo.

É o coroamento de uma carreira científica, perdendo apenas em prestígio

para um Prêmio Nobel.

Fomos informados da eleição em meados de março, duas semanas

antes do anúncio oficial, dando-me tempo para organizar uma festa

surpresa. Planejei uma recepção com champanhe no cenário digno do

Senior Parlour em Caius, para a qual a família, os amigos e os colegas de Stephen foram convidados, e eu preparei um jantar para um grupo menor,

mais íntimo da família e amigos em casa, mais tarde. Não havia nenhuma ocasião mais adequada do que essa para abrir as duas garrafas de Château

Lafitte 1945 que tinham aparecido um par de anos atrás na lista de vinhos

dos Fellows ao preço notável – embora errôneo – de quarenta e cinco xelins

a garrafa. O número de convidados para o jantar foi limitado, portanto, não

pela capacidade da casa, nem pela quantidade de louça que possuíamos, mas pela quantidade do extremamente raro clarete nas duas garrafas, apenas o suficiente para que todos pudessem ter um gostinho.

Na noite de 22 de março de 1974, os alunos de Stephen

diplomaticamente conduziram-no na direção da Faculdade, onde ele foi saudado como um herói conquistador por amigos e familiares, alunos e colegas. As crianças fizeram seu melhor para passar sem mexer nos pratos

de canapés, torradas de caviar, *vol-au-vents* e as miniaturas de salmão defumado e rolos de aspargos em que o departamento de cozinha da Caius

se destacava. Dennis Sciama concordou em propor o brinde para Stephen e

ele fez isso muito generosamente, listando as muitas realizações científicas de Stephen que, segundo ele, teriam mais do que justificado sua fé nele, sem culminar com a honra de ser nomeado para a Royal Society. As crianças e eu ficamos juntas brilhando de orgulho.

Foi a vez de Stephen responder. Foi uma medida da mudança nele

desde nosso casamento, o fato de estar bem acostumado a fazer discursos

em público naqueles dias, mas, é claro, nessa ocasião, a festa tinha sido uma surpresa e ele não teve chance de preparar o que ia dizer. Ele realmente fez um discurso bastante longo, falou devagar e de forma clara, embora com voz fraca. Falou sobre o curso de sua pesquisa e a maneira inesperada em

que a pesquisa tinha se desenvolvido ao longo dos últimos dez anos ou mais, desde que chegara a Cambridge. Ele agradeceu a Dennis Sciama por

seu apoio e inspiração, e agradeceu a seus amigos por terem ido à festa, falando como era seu hábito sempre em termos de “eu” e não “nós”. Com meus braços em volta de cada uma das crianças, eu esperava em um lado

da sala que ele se virasse para nós com um sorriso, um aceno de cabeça, ou

apenas uma breve palavra de reconhecimento pelas realizações durante os

nove anos do nosso casamento. Pode ter sido um mero descuido na

empolgação do momento o fato de ele não fazer menção a nós. Stephen acabou de falar em meio a aplausos gerais, enquanto eu mordia o lábio para

esconder minha decepção.

Na mesma semana da publicação da lista da Royal Society, Stephen

recebeu uma abordagem – sem dúvida instigada por Kip Thorne – do

Caltech, o Instituto de Tecnologia da Califórnia em Pasadena, convidando-o

a aceitar a oferta de uma bolsa de visitante para o ano letivo seguinte. A oferta era generosa ao extremo. Para além de um salário no padrão norte-americano, incluía uma casa totalmente mobiliada sem custo de aluguel, o

uso de um carro e de todos os aparelhos possíveis, incluindo uma cadeira

de rodas com motor elétrico para permitir a máxima independência a Stephen. Fisioterapia e assistência médica seriam organizadas para ele, assim como escola para as crianças. Dois alunos de Stephen, Bernard Carr e

Peter De’Ath, também foram convidados para acompanhá-lo. Nós

precisávamos de uma mudança, uma mudança que nos traria uma

renovação do compromisso, uma nova perspectiva e um novo impulso. A mudança seria boa para as crianças também, e aquele era o momento apropriado para fazê-lo. Lucy ainda não tinha começado a escola e Robert

sairia do sistema de ensino estatal no ano seguinte. A oferta dos norte-americanos, que adotaram nossa causa com generosidade e imaginação, foi

ainda mais oportuna – e nossa situação em Cambridge muito mais precária

– do que imaginávamos. Anos mais tarde, um grande amigo relatou-me uma cena testemunhada em um jantar um pouco gelado em Cambridge

naquele período, no início dos anos 1970. Para a surpresa daquele

convidado do jantar, o provável destino de Stephen foi indicado em uma observação feita com indiferença consumada por um reitor sênior.

– Enquanto Stephen Hawking puder carregar seu peso, ele pode ficar nesta universidade – anunciava o reitor. – Mas assim que ele deixar de fazer isso, ele terá de ir embora...

Felizmente para nós, fomos capazes de ir embora por nossa própria

vontade, sem ter certeza do que o futuro nos reservaria, mas, na verdade,

seríamos convidados a voltar um ano depois.

Se uma oportunidade para trocar o frio gelado dos ventos do charco pelos desertos cálidos do sul da Califórnia foi bem-vinda, os obstáculos associados com esse empreendimento não poderiam ser levianamente

descartados. Pesando as vantagens contra as desvantagens me preocupava

demais. Mesmo que Stephen pudesse ter dominado a história do universo

de quinze bilhões de anos, minha visão do futuro tinha ficado restrita a apenas a perspectiva previsível dos dias seguintes. Eu tinha aprendido a não especular sobre um futuro mais distante, ou planejar para dois, cinco,

dez ou vinte anos, portanto. No entanto, os próximos dezoito meses exigiriam cuidadosa consideração, em especial à luz das minhas

experiências caóticas do passado na costa oeste dos Estados Unidos. Eu me

preparei para enfrentar meu problema pessoal, o medo de voar. Pelo menos dessa

vez eu não teria de abandonar meus filhos, porque eles, é claro, viriam com a gente – mas essa era a menor das minhas preocupações.

Muito mais preocupante foi a questão de como eu conseguiria viajar para

quase o outro lado do mundo sendo a única responsável por Stephen em seu estado bastante debilitado, bem como pelas crianças. Em segundo lugar, como eu poderia enfrentar um ano inteiro sozinha, sem os pais nem

os vizinhos à disposição para ajudar em tempos de crise? Frequentemente,

nos últimos dois anos, quando eu fui derrubada com gripe, dor de cabeça,

dor nas costas e até mesmo pleurisia, eu pude contar com minha mãe ou com os Thatcher para ajudar. Eu não teria essa ajuda na Califórnia.

Além disso, um dos obstáculos mais complicados por algum tempo

havia sido a recusa absoluta de Stephen de aceitar qualquer ajuda externa

com seu cuidado. Ele firmemente se recusou a aceitar qualquer ajuda, além

de pequenos conselhos de seu pai, o que poderia sugerir tanto um

reconhecimento de sua condição, por si só, ou do fato de que ela estava piorando. Essa atitude, juntamente com sua recusa em falar da doença, foi

um dos suportes que sustentaram sua coragem e foi parte de seu

mecanismo de defesa. Eu bem compreendi que, uma vez que ele admitisse a

gravidade de sua doença, a coragem poderia faltar. Eu entendia bem também que a mera luta para sair da cama de manhã poderia derrotá-lo, caso ele desse a mínima atenção para sua situação. Como eu queria que ele,

por sua vez, entendesse que apenas uma pequena ajuda poderia me aliviar

um pouco daquele esmagamento físico que estava abafando meu

verdadeiro eu otimista, e que isso poderia contribuir para uma melhoria no

nosso relacionamento.

Meu médico tinha escutado meus problemas e tinha falado com o

médico de Stephen. Juntos, eles tentaram iniciar uma rota de enfermeiros

domiciliares masculinos para erguer Stephen para dentro e para fora da banheira, pelo menos duas vezes por semana. Esse plano embrionário foi abortado logo depois que ele foi concebido, pois o enfermeiro agradável, mas idoso, só podia chegar às cinco horas da tarde, e uma interrupção tão

abrupta ou uma conclusão de sua jornada de trabalho era,

compreensivelmente, um anátema para Stephen. Somente um milagre

poderia resolver os problemas que enfrentávamos. No entanto, naquela Páscoa o milagre de uma ideia brotou em minha mente como uma semente

de cardo que desliza pela terra. Isso iluminou meus passos e removeu minhas ansiedades na impraticabilidade das tentativas do outro lado do mundo para nos oferecer uma mudança bem-vinda de cenário. A ideia era

muito simples: deveríamos convidar os alunos de Stephen para viver

conosco em nossa enorme casa californiana. Nós poderíamos oferecer-lhes

alojamento gratuito em troca de ajuda com a mecânica de erguer o

professor, dar-lhe banho e vestir-lhe. Isso era o mais essencial, uma vez que Stephen não era mais capaz de alimentar-se sozinho e precisava de um olho

constantemente vigilante sobre ele. Com a ajuda de Bernard, ele não seria

humilhado pela indignidade inominável de ter de receber ajuda de

enfermeiros – que ele considerava um passo maléfico, uma aceitação da piora da sua condição – mas seria assistido por pessoas de seu próprio círculo, se não família, então, pelo menos, amigos que eram parte da família. A primeira reação de Stephen com a ideia foi de rejeição automática, mas quando teve tempo para pensar sobre isso e percebeu que

o destino da aventura californiana poderia depender de sua decisão, ele mudou de ideia. Eu lancei a ideia a Bernard Carr e, em seguida, a Peter De'Ath que, após a devida consideração, concordaram que isso poderia atender a todas as partes muito bem.

Restava uma importante função a ser cumprida naquele verão: a

admissão de Stephen na Royal Society no dia 2 de maio, uma quinta-feira.

Partimos de Cambridge a tempo para o almoço em Carlton House Terrace,

o quartel-general do século XVIII da Royal Society com vista para o Mall.

Quando nos aproximamos do norte de Londres, o carro começou a oscilar

descontroladamente e a direção tornou-se mais e mais pesada. Não tivemos

outra alternativa senão seguir com a viagem, na esperança de que

conseguíssemos chegar ao nosso destino. Por fim, segurando com força o volante resistente, virei o carro com alívio no pátio do Carlton House Terrace, para então embarcar na sequência ensaiada de procurar o grupo

habitual de porteiros idosos, tirar as várias partes da cadeira de rodas para fora do carro, montando-a, estacionando a cadeira ao lado do banco do passageiro e em seguida, levantando Stephen sob os braços e colocando-o

de volta na cadeira. Em seguida, os porteiros tiveram de ser instruídos no

levantamento cuidadoso da cadeira até o inevitável lance de escadas da entrada principal. Dessa vez, a sequência foi mais complicada, pois o carro, assim como Stephen, precisava de atenção: o pneu dianteiro do carro estava furado.

Como em muitas outras ocasiões, a ajuda veio do lugar de onde menos

se espera. Foi o secretário da própria Royal Society – um homem de poucas

palavras, perturbado com as demandas dos convidados mais importantes e

do significado da ocasião, pelos quais ele era o responsável – quem ficou de mãos e joelhos no chão, vestido em seu belo terno cinza-escuro, e trocou o

pneu para nós quando, sem sabermos, estávamos sendo regiamente

entretidos em um almoço formal por outro cientista de Cambridge, o presidente da Royal Society, Sir Alan Hodgkin. A admissão ocorreu no início

da tarde em meio a muito cerimonial no auditório. Discursos foram feitos

para apresentar cada novo membro que, em seguida, subia à plataforma para assinar o livro de admissões. Quando chegou a vez de Stephen, caiu um silêncio sobre o público e o livro foi levado para baixo do pódio para sua assinatura. Ele inscreveu seu nome devagar e com cuidado em meio a

um silêncio tenso. Seu toque final foi saudado por uma explosão de aplausos, que trouxe um sorriso exultante em seu rosto e lágrimas aos meus olhos.

Stephen não foi o único cientista de Cambridge a ser homenageado

naquele ano, nem mesmo o único físico do Departamento. John

Polkinghorne, o professor de Física de Partículas, também estava sendo admitido na Royal Society, e na mesma ocasião. Tendo atingido o apogeu de

sua carreira em ciência, ele estava a ponto de desistir da Física para assumir a Teologia; isto é, deixaria de ser o professor Polkinghorne e se tornaria um estudante de novo, embarcando em um longo período de

estudos para a ordenação, com a motivação particular de resolver o cisma

entre a ciência e a religião que se originou com Galileu. Em sua opinião, a

ciência e a religião não estavam na oposição, mas eram dois aspectos complementares de uma mesma realidade. Essa tese se tornaria o tema de

seus escritos como um padre-cientista. Apesar de não conhecê-lo bem, eu

admirava sua convicção e fui muito encorajada ao ver que o ateísmo não era um pré-requisito essencial da ciência, e nem todos os cientistas eram tão ateus quanto pareciam.

Terceira parte

— 1 —

CARTA DA AMÉRICA

-OLÁ! MEU NOME É MARY LOU E MORO EM SIERRA MADRE. E QUEM SÃO VOCÊS? De onde

são?

A pessoa, uma figura pequena e bronzeada, convidou-nos a responder

com um largo sorriso. Como havíamos acabado de chegar à festa,

organizada por alguns expatriados ingleses uma semana após o

desembarque em Los Angeles, ainda não estávamos acostumados a uma

abordagem tão direta. Houve uma longa pausa enquanto superávamos

nossa surpresa e notamos que a pessoa esperava uma resposta igualmente

espontânea. Afinal, levara quase dez anos para que fôssemos reconhecidos

em festas em Cambridge, e, mesmo assim, a abordagem sempre era tingida

de certa desconfiança. Ultimamente, alguns dos membros mais antigos – e

em especial suas esposas – mostravam com regularidade um benevolente

interesse em nós, mas, ao longo dos anos, nós nos acostumamos a sentar nas pontas das mesas, ou nos cantos, sozinhos, nunca esperando que alguém fosse falar conosco, sempre agradavelmente surpreendidos quando

no decorrer da noite acontecia de encontrarmos um rosto amigo. De fato, um dos gerentes da cozinha uma vez me confidenciara que era difícil nos colocar à mesa em festas da Faculdade, porque ninguém queria se sentar conosco. Não era de admirar, então, que não estivéssemos preparados para

a iniciativa de Mary Lou. Sua exuberância era contagiante e eu tentava transmitir nosso júbilo por todas as coisas californianas em minhas cartas

para nossa família e nossos amigos, como, por exemplo, em minha primeira

carta aos meus pais, escrita nos dias anteriores aos contatos telefônicos regulares financeiramente viáveis:

535 South Wilson Avenue

Pasadena, CA 91106 EUA

30 de agosto de 1974

Queridos papai e mamãe,

É tão emocionante! O voo foi muito longo, mas muito tranquilo em

comparação com a última vez que sobrevoamos o Polo, quando Robert era

bebê. Como um viajante nato refazendo seus passos, Robert ficou fascinado

com a paisagem, os picos negros que se elevam de campos de neve, as montanhas que se erguem de um mar congelado, onde nascentes

ocasionais brilham em um tom profundo de esmeralda no gelo, pontas brancas de icebergs em Hudson Bay, e depois os desertos da América, o Salt

Lake e, por fim, as montanhas costeiras. Em contraste, quando estávamos

sobre o Atlântico, Lucy, bastante impressionada com a aventura, perguntou

se estávamos no solo ainda.

Todos acordamos na aterrissagem, embora tenha sido mais ou menos às duas da manhã (no horário daí), e ficamos de olhos arregalados com a visão

de tanta coisa nova e desconhecida – palmeiras, carros enormes, nossa própria SUV reluzente na qual Kip foi nos buscar, autoestradas tecendo-se

dentro e fora da cidade em todas as direções, arranha-céus e, por fim, a casa com suas paredes brancas, muito mais bonita que nas fotos. Já estava

anoitecendo quando chegamos e havia uma luz em cada janela – uma

fantasia da Disney transformada em realidade! É tão elegante por dentro quanto bonita por fora. E tão confortável! Sofás enormes onde afundamos e

banheiros em todos os lugares, todos com cores que combinam, é claro!

Tudo é novo, todos os móveis imitam os antigos, as toalhas, a porcelana, até as panelas! Essas pessoas devem pensar que estamos acostumados a um padrão de vida astronômico. Se soubessem! Da pia da cozinha eu posso olhar para as montanhas lá fora, e Stephen está mais perto de seu escritório do que em Cambridge, pois a casa fica em frente ao campus. Como uma criança pequena com um brinquedo novo, ele está entusiasmado

aprendendo a manobrar sua cadeira de rodas elétrica, igual à que ele tem

no Instituto, mas muito mais rápida. Faz anos que ele não tem tanta liberdade de movimento, embora a cadeira tenha de ser levantada no meio-fio e nos degraus, o que é meio problemático, porque as calçadas são muito

altas aqui, tendo em vista que ninguém anda na rua, e a estrutura é muito

pesada. As duas baterias de gel sólido pesam uma tonelada cada, para não

falar do próprio cadeirante. Os engenheiros ficaram aqui o dia todo cuidando da cadeira de rodas e fazendo ajustes em todos os outros aparelhos. Nada parece complicado demais.

O jardim é bastante vazio, e é cuidado por uma equipe de jardineiros, que

vieram com tesouras, vassouras e aspirador de pó. Eles cortam, arrumam e

passam o aspirador no gramado, mas nunca reconheceriam uma erva

daninha se a vissem. O gramado precisa de uma grande quantidade de água, que vem de um sistema subterrâneo de irrigação – sem necessidade

de mangueiras ou regadores. É tudo tão exótico! Na primeira manhã, saímos ao pátio e encontramos um colibri pairando sobre uma planta de aparência esquisita, com espinhos laranja e flores azuis. Em volta da casa toda há arbustos de camélias do tamanho de árvores, e no pátio há um enorme carvalho californiano seco, só esperando para ser escalado. Ao redor do jardim temos uma

laranjeira em flor e frutos ao mesmo tempo, dois abacateiros, um pinheiro e uma pequena palmeira. Até agora, como está muito quente, temos feito todas as nossas refeições no pátio – a sala de jantar é tão bonita, com seu tapete vermelho felpudo e sua mesa de mogno,

que dificilmente nos atrevemos a entrar nela, muito menos a comer lá.

As crianças e eu fomos à piscina do Caltech essa tarde. Lucy caiu na água, e não gostou nem um pouco. Ela é considerada terrivelmente atrasada

porque aos três anos não sabe nadar, mas Robert estará nadando dentro de

uma semana. Ele já nada debaixo d'água. Estamos todos tão atordoados, com um cansaço saudável e feliz, que Lucy adormeceu na frente da

televisão (por mais novidade que seja, nós quase nunca assistimos por causa dos anúncios intermináveis), e até Robert mostra sinais de querer cochilar. Acho que talvez eu durma antes dele, mesmo assim.

Com muito amor, Jane

Meu pai deveria se aposentar do Ministério da Agricultura em seu

sexagésimo aniversário, em dezembro de 1974, depois de uma longa e dedicada carreira, e ele e minha mãe planejavam celebrar sua

aposentadoria indo ficar conosco na Califórnia. Nesse meio-tempo, tivemos

um fluxo constante de visitas; algumas ficaram uma semana, mais ou menos, enquanto outras fixaram residência, como Peter De'Ath, estudante

de doutorado de Stephen, que ajudou Bernard a cuidar dele até que encontrou as próprias acomodações. Eu fiquei mais confiante para dirigir e

não achei difícil fazer compras para tantas visitas, porque tudo é cuidadosamente embalado em sacos de papel pardo (não de plástico) e levado para o carro por assistentes sorridentes. Além disso, Robert – de sete anos –, era um copiloto brilhante: ele parecia carregar o mapa da estrada na cabeça, e, ao contrário de seu pai, dizia-me aonde virar com antecedência.

Na primeira manhã das crianças no Town and Country School de

Pasadena, eu as deixei, um pouco apreensiva, no portão da escola, e ao meio-dia voltei para pegar Lucy no berçário e me juntar à fila de carros de

mães que esperavam, contornando o quarteirão com seus automóveis.

Quando cheguei ao portão da escola, dei o nome dela ao professor que estava na calçada e ele chamou pelo alto-falante: “Loossee Hokking, Loossee Hokking”, ele gritou. Ninguém se apresentou, e não havia nenhum

sinal de Loossee Hokking entre a multidão de criancinhas esperando

pacientemente ali dentro. Um grande tumulto se seguiu. Poderia Loossee Hokking ter sido sequestrada – o pior medo da escola – em seu primeiro dia? O lugar estava um caos. Estacionei o carro e entrei. O diretor saiu correndo de sua sala e um bando de senhoras de meia-idade se espalhou em todas as direções na busca frenética pela criança perdida. Não foi difícil encontrar Loossee Hokking. Ela havia gostado tanto da escola que saíra do

almoço e tinha a intenção de ficar até as 14h30. Depois disso, ela saía da escola às vezes temperamental, exausta, pois era um longo dia para uma criança de três anos.

As crianças encontraram um novo amigo em Shu, de oito anos, filho de

nossos vizinhos japoneses, Ken e Hiroko Naka, que haviam vivido durante

algum tempo em Cambridge antes de se mudarem para os Estados Unidos.

Ken era biólogo especializado em olhos de peixe-gato, uma espécie de raridade científica muito semelhante ao olho humano. Os Naka não só levavam Robert e Lucy para a escola todas as manhãs depois daquele primeiro dia, como também planejavam todos os tipos de expedições a parques de diversões e praias para as três crianças. Como descobri quando

buscava as crianças na escola no período da tarde, a conversa de Shu era salpicada com jargão de computador. Enquanto Lucy balbuciava

incontrolavelmente, Shu realizava seu próprio monólogo e Robert assentia

com sabedoria; sem dúvida, foi por isso atraído para sua primeira

introdução à Tecnologia da Informação, ciência que viria a ser sua carreira.

Deliciando-se com sua recém-encontrada independência, Stephen também

em segredo se alegrava por ser a estrela do campus – onde ficava sentado

em uma sala com ar-condicionado durante o dia todo. Rampas surgiram por todos os lugares no campus, bem como na entrada da garagem de casa.

Ele tinha a própria secretária, Polly Grandmontagne, e uma fisioterapeuta

regular, Sylvie Teschke, cujo marido, um relojoeiro suíço, com ansiedade antecipava o fim de sua vida com o advento dos relógios de quartzo.

Bernard Carr, aluno de Stephen, começou a se adaptar à rotina de nossa casa, infalivelmente alegre apesar de seu regime um tanto errático, que consistia em me ajudar a colocar Stephen na cama à noite e depois ir a festas, depois das quais ele ficava até altas horas assistindo a filmes de terror, segundo ele, por causa de sua insônia. E, então, dormia até a hora do almoço. Uma vez, subi para acordá-lo no meio da manhã e o encontrei dormindo profundamente com o corpo na cama e a cabeça no chão!

Naquele outono Mary Thatcher fez uma turnê pelos Estados Unidos

para falar sobre seu arquivo de filmes recém-lançado sobre a vida dos britânicos na Índia. Como a todas as nossas visitas, nós a levamos para ver

a atração local, os jardins e a galeria de Huntington, fundados pelo senhor

Huntington, que havia feito sua fortuna nas ferrovias e se casara com sua

tia para manter o dinheiro na família. Seu retrato sugere que ele pagou um

preço muito alto pelo privilégio, mas a acumulação de riqueza lhe permitiu

comprar para sua galeria o *View on the Stour*, de Constable, vários manuscritos de Chaucer e a Bíblia de Gutenberg, entre outras obras notáveis, bem como criar um belo jardim. Este era dividido de forma fascinante e especializada em áreas

geográficas e botânicas: um ferozmente

espinhoso jardim desértico de cactos, uma área com eucaliptos

australianos, mas não cangurus; uma área de selva, fileiras após fileiras de camélias, um *knot garden* shakespeariano, um jardim japonês clássico completo, com ponte, casa de chá e gongos; e um jardim zen

misteriosamente filosófico – basicamente cascalho arado pontilhado com algumas rochas estrategicamente localizadas. Na verdade, algumas das

melhores obras da arte europeia encontravam-se ao alcance. Se não fosse

na galeria Huntington, seria no Museu de Arte da Califórnia em Pasadena,

no Museu J. Paul Getty, em Malibu, ou no Hearst Castle, no caminho de São

Francisco. Às vezes eu ficava muito sentimental, se não um pouco

nostálgica, ao ver a arte europeia, em particular Constable, no brilho impetuoso da Califórnia. Havia pouco espaço para as sutilezas da vida que

nós conhecíamos tão bem; o céu cinzento, a mesquinhez respeitável, os edifícios em ruínas, a desconfiança, o esnobismo. Os céus da Califórnia, as

cores, a paisagem, as pessoas, seu comportamento e seu uso da linguagem

que achei fortemente bem definido, honesto e sem nuances. Quanto à comida, tudo era gigantesco, mas tão recheado com aditivos que foi um prazer poder plantar um pouco de nossas próprias frutas. Cinquenta e dois

abacates caíram da árvore em um fim de semana de outubro, quando

estávamos longe, em Santa Barbara. Com pressa pegamos todos quando

voltamos e os guardamos no fundo da geladeira para salvá-los da operação

de limpeza semanal dos jardineiros.

Em novembro daquele ano, escrevi para avisar a mamãe e papai o que

esperar.

Queridos papai e mamãe,

Estamos muito ansiosos para vê-los daqui a duas semanas, mas espero que

vocês possam suportar o ritmo daqui. Não venham para a Califórnia para descansar! Vivemos em um redemoinho social constante. Como nossa casa

é a maior e a mais próxima do campus, tornou-se palco de entretenimento

do Grupo da Relatividade este ano. Kip e Linda têm uma casa adorável, no

velho estilo espanhol, em Altadena, mas fica meio fora da cidade e a área em torno é tão cheia de ladrões que assim que compram algo novo, logo desaparece. O mesmo vale para qualquer carro estacionado na rua.

Portanto, fazemos aqui algumas das festas, coquetéis, jantares, happy hours

– para não falar da festa de aniversário de Lucy, para a qual ela insistiu em convidar toda a classe mais os professores. Em breve assaremos um peru

de Ação de Graças. Não sei quantas pessoas vão chegar, mas vou deixar os

acompanhamentos tradicionais, como torta de abóbora, para os norte-

americanos, que sabem fazer essas coisas. Não há explicação para alguns gostos que eles têm, de qualquer maneira. Algumas pessoas vieram jantar

na semana passada e eu servi uma carne de panela. Para minha surpresa,

eles pegaram morangos de outono de uma tigela na mesa e acrescentaram

no ensopado!

Vocês vão conhecer nossos novos amigos também, em especial o outro bolsista no campo de Stephen, os Dicke e os Israel. Bob e Annie Dicke, de

Princeton, são muito parecidos com vocês. Ele é intelectual e excelente pianista, e ela é amorosa como uma vovozinha. As crianças e eu muitas vezes vamos tomar chá com ela e nadar na piscina de seu bloco de apartamentos,

grandiosamente conhecidos aqui como “condomínios”.

Vocês conheceram os Israel, de Edmonton, quando eles chegaram a

Cambridge com o filho de dez anos, Mark, em 1971? Eles são muito cosmopolitas, mas gentis, bem-humorados e extremamente versados, sem

um traço de afetação.

Ah, um recado especial para Chris: Robert teve dor de dente na semana passada, embora eu o houvesse levado ao dentista da escola pouco antes de

virmos para cá, por isso, na quinta-feira fomos a outro. Estilo Califórnia.

Vasos de plantas, tapetes felpudos, sofás macios e música ambiente nos receberam. O dentista foi falar comigo depois de inspecionar os dentes de

Robert. “Bem, senhora Hokking”, começou, e parou para que suas palavras

causassem efeito, “vai ser um grande investimento... Esses jovens molares

precisam de odontologia corretiva, coroas de aço inoxidável... Cerca de cento e oitenta dólares, eu estimaria...”. Posso imaginar a reação de Chris, mas que escolha eu tenho a não ser pagar?!

As crianças e eu ficamos sócias da biblioteca local. Robert pegou um livro

sobre o Império Britânico, o que me pareceu excessivamente patriótico, mas não é ruim para uma criança que apenas um ano atrás foi acusada de

ser atrasada. Eu também tenho um novo interesse viciante graças a outra

esposa do Caltech, Tricia Holmes. Tricia, que é irlandesa, levou-me à aula noturna de coral no Pasadena City College. Uma vez por semana, nós lemos

a partitura e cantamos uma grande obra de coral. Eu não sou boa em ler partitura, mas é muito emocionante. Na semana passada foi um réquiem alemão de Brahms, esta semana o réquiem de Mozart, e assim por diante.

No final do ano apresentaremos *A paixão segundo São Mateus* por duas semanas. A abordagem me faz lembrar o jeito como os norte-americanos viajam

na Europa: um dia em Paris, um dia em Londres, dois dias em Veneza, talvez.

Lucy também tem uma atividade especial, graças também a Tricia Holmes,

cuja filhinha, Lizzie, tem mais ou menos a mesma idade. Lizzie e Lucy fazem

balé juntas, de modo que as sapatilhas estão em uso novamente, e desta vez

é de verdade, não ficar brincando com cantigas de ninar e livre expressão;

mas sem lágrimas também. A professora é uma jovem norte-americana

bastante séria. Minha reserva em relação a ela é que talvez esteja ensinando Lucy pelo método errado... Desde a última vez que escrevi recebemos outro migrante para encher um pouco o espaço nesta casa.

Anna Zytkov, uma jovem astrofísica polonesa, mudou-se para cá até

conseguir encontrar um lugar para alugar. Assim que ela chegou, sugeri um

jogo de tênis, apesar de eu não ter jogado nos últimos anos. Mal havíamos

começado a jogar quando Anna caiu e quebrou o tornozelo. Desde então, imobilizada, ela construiu a mais linda casa de boneca, toda mobiliada, com

uma grande caixa de papelão para o aniversário de Lucy. É uma verdadeira

obra de arte, tão delicada e criativamente trabalhada que faz com que os espalhafatosos artefatos plásticos que se vê nas lojas pareçam

monstruosamente vulgares e malfeitos.

Teremos a casa cheia no Natal. Acho que Anna terá partido até então, mas,

além de nós seis e Bernard, George Ellis vem para ficar uns dois dias, quando ele e Stephen voltarem de uma conferência em Dallas no dia 21; e

no dia 23, Philippa Hawking chegará de Nova York, onde está trabalhando

no momento.

Estaremos no aeroporto às cinco da manhã do dia 16 para buscar vocês!

Estejam preparados para todas as atividades habituais de fim de ano na escola – Robert vai recitar a Batalha de Bunker Hill –, e para uma grande festa aqui no dia 21.

Com muito amor, até dia 16 de dezembro,

Jane

No início de dezembro, Stephen partiu com sua comitiva para a

conferência de Dallas. Enquanto as crianças e eu estávamos sozinhas em casa, acordei uma noite e senti a cama e o chão tremendo debaixo de mim.

Nossas instruções eram que devíamos correr para a varanda em caso de terremoto, mas eu estava apavorada demais para me mexer, literalmente petrificada. Quando por fim me recuperei, corri para cima para ver se as crianças estavam bem, e fiquei surpresa ao encontrá-las dormindo. Voltei para a cama, apaguei a luz e aconteceu de novo. Até o abalo secundário foi

imenso, bem ao contrário dos pequenos tremores que sacudiam as janelas

regularmente todas as tardes. No entanto, se houvesse terremotos no Natal,

provavelmente não os teríamos notado (assim como Stephen não notou um

grande terremoto na Pérsia, em 1962, porque estava atravessando o país de ônibus no momento e sofrendo de disenteria). Mamãe, papai, George Ellis e Stephen, de volta de Dallas, e a irmã de Stephen, Philippa, chegaram no meio das noites seguintes, e demos uma festa para quarenta ou mais amigos e colegas, que se divertiram tanto que ficaram até passadas as duas

da manhã. Para provar, temos a foto de um físico idoso muito distinto, Willy Fowler, fazendo ioga no chão da sala de estar às duas da manhã,

exatamente!

Dezesseis pessoas vieram para o jantar de Natal, o que significava que

as crianças tinham uma audiência pronta para seu show de mágica. Robert

ganhou um kit de mágica, e ele, com sua entusiástica assistente, alegrou-nos com sua bem-sucedida e inocente primeira tentativa com

prestidigitação – diferente da dieta constante de charadas e pegadinhas, que nos deixou perplexos e manteve as crianças rindo em êxtase. O

contraste entre sua semiprofissional estratégia de abertura – “se quiserem

fazer perguntas, por favor, façam após o show, e não antes” – e a desordem

de sua caixa de truques; seu prazer quando um truque dava certo e sua irritação reprimida quando sua assistente roubava a cena, para não falar de

seu sorriso desdentado escancarado, foi tudo muito cativante.

Depois do Natal e do Desfile de Pasadena no dia de Ano-Novo, reunimos

energia para levar a família a passar o dia na Disneylândia. As filas eram enormes e as crianças conseguiram ir a apenas duas atrações cada.

Pegamos um ótimo lugar para ver o desfile da Disneylândia, ricamente produzido, mas até isso foi meio desastroso, porque foi a desgraça de Lucy

terem lhe oferecido uma maçã da Malévola na seção da Branca de Neve. Ela

ficou tão apavorada que se escondeu atrás de minha saia. Depois, no início

do novo ano fomos de carro ao Vale da Morte, o parque do deserto, a trezentos quilômetros ao nordeste. Foi um grande alívio ter meus pais comigo para revezar ao volante, para ajudar a carregar Stephen e a cadeira

de rodas – para não falar das baterias – para dentro do carro, e para manter as crianças entretidas enquanto eu cuidava dele. Ficamos impressionados com a estranha paisagem primitiva, uma área gigantesca onde o solo está

repleto de dunas de areia aqui, crateras vulcânicas ali, e seixos e protuberâncias de rocha cor de areia em todos os lugares. Vastas planícies

de sal abaixo do nível do mar é tudo que resta de um profundo lago glacial.

Por todos os lados, o vale é cercado por montanhas acidentadas cobertas de

neve, cujas diversas estratificações de inúmeros tons testemunham

enormes convulsões geológicas na aurora dos tempos. No verão, o Vale da

Morte é o deserto mais quente do mundo, quase desprovido de vegetação:

só cactos, *atriplex hymenelytra* e a planta de creosoto sobrevivem entre suas rochas e pedras hostis, e só o pequeno e pré-histórico pupfish pode suportar a extrema salinidade de seus poucos e rasos riachos.

Constantemente mudando de cor com o movimento do Sol, a paisagem é magnífica, mas não bonita. As tristes histórias dos pioneiros que tentaram

cruzar o vale em 1849 e os restos da cidade fantasma dos sonhos dos garimpeiros de ouro, juntamente com a esterilidade e o silêncio do lugar, revestem-no de uma atmosfera ameaçadora e proibitiva. Minha mãe

comentou como esses pioneiros devem ter sido dinâmicos, fortes e

perseverantes, e acrescentou que não devemos ficar surpresos ao

encontrar essas mesmas qualidades em californianos modernos, em

especial nas mulheres, descendentes daqueles pioneiros.

Chegamos à casa e tivemos uma agradável surpresa. Já havíamos

organizado uma pequena festa de despedida para meus pais, e foi uma feliz

coincidência que na mesma ocasião pudemos celebrar o prêmio que

Stephen e Roger Penrose receberam, a medalha Eddington da Real

Sociedade Astronômica. Foi tudo muito prestigioso, mas nós não sabíamos

ao certo o que significava, de modo que o anúncio foi uma total surpresa.

No entanto, teve o efeito de lembrar Stephen de pagar sua assinatura atrasada. Lucy estava determinada a voltar para a Inglaterra com seus avós

e empacotou sua maleta. Ficou tão indignada quando o avião decolou sem

ela que tivemos de dar uma corridinha até o KFC mais próximo para acalmá-la.

Martin Rees – agora é presidente da Royal Society e professor do

Trinity College, em Cambridge, mas em 1975 era simplesmente um dos nossos melhores, mais simples e mais amáveis amigos – havia concordado

em aceitar nossos votos no referendo sobre a entrada britânica no Mercado

Comum Europeu. É provável que tenha sido um total desperdício de tempo,

visto que o voto de Stephen deve ter anulado o meu (Stephen tinha o hábito

de fazer isso nas eleições). Em minha maneira de pensar, da Califórnia, a Grã-Bretanha parecia uma pequena ilha europeia, que faria bem de se estabelecer em seu lugar de direito no âmbito do mercado comum, em vez

de se apegar às glórias do passado e à grandeza perdida. Felizmente, foi isso o que aconteceu, apesar da tentativa de Stephen de sabotar meu voto.

Enquanto isso, Stephen se preparava para todos os tipos de travessura.

Como uma espécie de apólice de seguro, ele apostou com Kip Thorne que a

constelação Cygnus X-1 *não* contém um buraco negro, porque ele sentiu que ia precisar de algum consolo na forma de uma assinatura de quatro anos da *Private Eye* se, na verdade, se provasse ser esse o caso. Kip, por sua vez, contentou-se com uma assinatura de apenas um ano da revista

Penthouse se, como parecia provável, a Cygnus X-1 contivesse um buraco negro. Em contrapartida, Stephen estava fazendo contatos com os físicos de

partículas, o que significava que seus interesses estavam se movendo muito

além do horizonte de eventos no coração do buraco negro. Ele estava assistindo a palestras de dois eminentes físicos de partículas, Richard Feynman e Murray Gell-Mann, cujo comportamento cavalheiresco para

com o outro escondia uma arquirrivalidade. Stephen estava presente

quando Feynman apareceu na primeira de uma série de palestras de Gell-

Mann. Notando Feynman na plateia, Gell-Mann anunciou que usaria sua série de palestras para realizar um levantamento sobre a atual pesquisa em

Física de partículas, e procedeu à leitura de suas anotações em um tom monótono. Depois de dez minutos, Feynman se levantou e saiu. Para

grande diversão de Stephen, Gell-Mann, a seguir, deu um suspiro e

declarou: “Ah, bom, agora podemos continuar com as coisas de verdade!”. E

começou a falar sobre sua pesquisa recente na vanguarda da Física de partículas.

O inverno era assustadoramente evidente, porém chovia forte, às vezes

por dois ou três dias seguidos. E então o sol voltava a brilhar em um céu azul e as nuvens se abriam diante das montanhas, revelando o esplendor dos picos que brilhavam com neve fresca.

A chuva subitamente trouxe a primavera para os desfiladeiros, que, tão

marrons quando chegamos, estavam agora verdes e exuberantes, enquanto

os acostamentos das estradas e as falésias à beira da praia agitavam suas

flores silvestres: papoulas cor de laranja, tremoços azuis, girassóis e margaridas. Não deixamos que a chuva interferisse em nossas atividades.

No aniversário de George Washington, em fevereiro, fizemos um passeio e

voltamos várias horas depois, após dirigir quase seiscentos quilômetros – a

distância mais longa que eu já dirigi em um dia. Subimos o gelado e enevoado monte Palomar até o maior telescópio do mundo, e atravessamos

a secura escaldante do deserto de Anza-Borrego, onde uma grande

quantidade de botões estava florescendo. Quando a mãe de Stephen e sua

tia Janet vieram para passar o mês de março, pegamos o carro e fomos ao

parque nacional de Joshua Tree, uma área desértica acima de três mil metros, onde a árvore-de-josué produz suas flores que parecem lírios. Em

uma elevação menor há uma floresta de cactos apropriadamente chamados

"*jumping chollas*" [cacto saltador]. Um deles pulou em mim, enfiando seus espinhos em minha perna; nada do que eu pensei em fazer em meu

aniversário, em especial porque as crianças já haviam se sentado em meu

bolo que estava na parte de trás do carro. Tia Janet, perita médica, veio para o resgate – de minha perna, não do bolo.

Em abril, Stephen recebeu a medalha de ouro Papa Pio XI de ciência, em

uma sessão plena da Pontificial Academy. Parece que a ideia do Big Bang como ponto de criação chamou a atenção do Vaticano, e por fim Galileu encontrou um defensor quando Stephen, em seu discurso para a

assembleia, fez um apelo especial para a reabilitação da memória do cientista – trezentos e trinta e três anos depois de sua morte.

Enquanto Stephen estava na Europa, as crianças, Annie Dicke e eu

atravessamos de barco um mar muito agitado rumo à ilha de Santa

Catalina. Naquela época a ilha era uma joia, intocada, livre de trânsito, mas o que mais nos impressionou foi a viagem que fizemos em um barco com

fundo de vidro. A visão do mundo tranquilo e reluzente do fundo do mar,

onde as algas cresciam a uma altura de seis metros, e os peixes, sem notar

nossa presença, disparavam com uma graça arrebatada entre seus

cardumes, deixou-nos encantados. Eu me perguntava como podíamos ser

tão ignorantes da beleza silenciosa e misteriosa desse outro mundo que estava literalmente aos nossos pés e em nossas costas. Quando voltei à ilha

de Santa Catalina, em 1996, ela havia perdido sua beleza original e o oceano era

tão poluído sob a superfície como em terra. Essa mudança foi uma imagem poderosa do modo como nossa vida mudou nesse ínterim.

Quando esse ano na Califórnia chegou ao fim, senti que, embora tenha

sido positivo e emocionante, de muitas formas, havia começado a definir uma fenda crescente entre nossa brilhante imagem pública e nossa triste face privada. Ele também me jogou de maneira brusca contra minhas

próprias limitações. Aos três anos, Lucy poderia ter sido uma nadadora de

costas, mas, aparentemente, eu era uma mãe muito retardada. Na América,

nos primeiros dias de liberação feminina, uma mulher que não trabalhasse

quando seu filho tinha dois anos era considerada um tremendo fracasso, inevitavelmente carente de "realização pessoal". Então, eu me joguei de cabeça em um ritmo louco de atividades. O fluxo interminável de visitas, a

socialização frenética, os livros da biblioteca e, claro, as crianças, mantinham-me mais ou menos ocupada, distraindo minha mente do efeito

desanimador que a vida na beira do vórtice Caltech tinha sobre quem não

era um gênio científico internacional. A Caltech, o templo onde os devotos

iam adorar no altar da ciência, em especial da Física, excluía todo o resto. O

Wives' Club [Clube das esposas] lutava bravamente para entreter os

cônjuges com viagens para lugares como o Museu J. Paul Getty e o ocasional

concerto ou peça no teatro, mas havia um monte de esposas infelizes, descontentes, desmoralizadas pela obsessão total de seus maridos pela ciência.

Consegui evitar ser engolida pelo abismo Caltech, mas, mesmo assim, isso me fez questionar minha situação. Certo fim de semana em Santa Barbara, enquanto Stephen estava ocupado com discussões intermináveis com seu colega Jim Hartle, eu me sentei na praia, agasalhada contra o vento

gelado, olhando para o mar, enquanto as crianças brincavam. Ao deixar correr a

areia solta por entre meus dedos, eu me perguntei para onde estava indo minha vida. O que eu tinha para mostrar aos trinta anos? Eu tive filhos, “minhas bênçãos” como a querida Thelma Thatcher diria, e Stephen. Apesar de orgulhosa das realizações extraordinárias dele, eu não

sinto que compartilhei seu sucesso – mas, ainda assim, tudo o que aconteceu com ele foi fundamental para mim, seja uma homenagem, o

brilho de sua fama e glória, seja um daqueles ataques de asfixia com risco

de morte que o pegava de surpresa. Eu o amava por sua coragem, sua inteligência, seu senso de ridículo e absurdo, e aquele seu terrível carisma que lhe permitia – e ainda permite – enrolar a maioria das pessoas, inclusive a mim, em volta de seu dedo mindinho. Então eu alcancei o que me propus a alcançar – dedicar-me a Stephen, dando-lhe a chance de realizar sua genialidade. Contudo, no processo, eu estava começando a perder minha identidade. Não podia mais me considerar uma hispanista, nem mesmo uma linguista, e sentia que não impunha respeito em lugar nenhum, nem na Califórnia nem em Cambridge. Talvez toda a frenética socialização e entretenimento tenha sido só minha maneira freudiana de dizer: “Por favor, notem-me também!”.

Foi na Califórnia que pela primeira vez encontramos uma família em circunstâncias semelhantes às nossas. Os Ireland, David, Joyce e John, que

viviam em Arcadia, a poucos quilômetros de Pasadena. Como Stephen,

David era cientista de formação. Ele estudou e ensinou Matemática.

Confinado a uma cadeira de rodas, ele também foi severamente

incapacitado por uma doença neurológica e pouco podia fazer por si mesmo. Muito positiva nas atitudes, Joyce era uma pessoa organizada e cheia de energia e se casara com David com pleno conhecimento de sua doença. Stephen estava muito nervoso por conhecer os Ireland e eu

lamentava sua ansiedade, queria protegê-lo, mas embora ele tenha ficado claramente abalado pela condição de David, conseguiu abrir um sorriso alegre, e juntos, mantivemos a brilhante fachada da normalidade. Fiquei imaginando o que os Ireland teriam pensado de nós. Talvez tenham

admirado nossa determinação, mas a fachada não os enganou. Eles

conheciam muito bem as batalhas e as lutas.

Em muitos aspectos suas batalhas espelhavam as nossas, mas havia

uma diferença fundamental entre nós. A diferença era que sua abordagem

da doença de David era bastante aberta – aberta para eles e para o mundo

exterior, e não escondiam as dificuldades e a dor por trás de um sorriso corajoso. David registrou esse espírito de franqueza em um livro, escrito para se apresentar a seu filho, John, caso ele morresse antes que este nascesse ou tivesse idade suficiente para conhecê-lo. *Letters to an Unborn Child* é um autorretrato muito honesto e um relato comovente das batalhas a que David e Joyce foram submetidos. Também relata uma viagem de autoconhecimento quando David confronta seu grande fracasso, a

ocultação de seu verdadeiro eu por trás de um exterior popular e jovial. Por meio de seu eventual trabalho como conselheiro, David descobriu uma fé reforçada no amor de Deus, um amor pessoal, incondicional, fora dos domínios do tempo e do espaço, e por meio dele ele pôde enfrentar o futuro

sem medo ou rancor. O livro de David me ensinou que minhas frustrações

chorosas, os ataques de raiva que eu tinha pelo descuido e a falta de consideração, em geral quando eu estava cansada além da minha

resistência, eram todas as emoções válidas, uma vez que, nas palavras de David, “elas liberam os venenos que nos deixam doentes ou matam”. Em contrapartida, de acordo com David, o autocontrole imperturbável, o ato de

engarrafar emoções poderosas e reprimir as emoções dos outros é

insalubre e perigoso. Fiquei impressionada com a ironia de descobrir essas

verdades por meio das palavras de alguém que era, talvez, ainda mais portador de necessidade especial que Stephen, alguém que por meio do próprio sofrimento havia aprendido a estender a mão e ajudar outras pessoas.

Uma pessoa que também estendeu a mão a outras pessoas foi Ruth

Hughes, organizadora voluntária do local de brinquedos e bicicletas

infantis dos visitantes da Caltech. Refugiada dos nazistas, Ruth era notavelmente perceptiva e preocupada tanto comigo como com as crianças.

Ela me surpreendeu quando fomos apresentadas dizendo que havia visto Stephen pela primeira vez no Athenaeum, o Caltech Faculty Club, e

enquanto todo mundo elogiava sua coragem e seu brilho – em uma terra onde o sucesso é adorado e a insuficiência lamentada –, ela dissera a si mesma que devia haver alguém igualmente corajoso por trás dele, ou simplesmente ele não estaria ali. Ninguém nunca me havia dito nada assim

antes, e me deixou desconcertada. Mais tarde, quando Stephen foi

condecorado com a medalha do Papa, Ruth me deu de presente um broche

de pérolas, porque, segundo ela, eu devia ganhar alguma coisa também.

— 2 —

EDIFÍCIOS

ANTES DE SAIRMOS DE CAMBRIDGE RUMO À CALIFÓRNIA, NO VERÃO DE 1974, eu sabia

que não voltaria à Little St Mary's Lane número 6, porque a casa era muito pequena para nossa família em crescimento e as escadas muito perigosas para Stephen, mas Cambridge tem muito poucas propriedades

residenciais de fácil acesso ao centro da cidade, por isso a questão de para onde nos mudaríamos não foi facilmente resolvida. Embora nossa casa pudesse obter um preço bastante razoável no mercado, nós nunca

poderíamos nos dar ao luxo de comprar uma casa maior, mais adequada, em qualquer lugar perto do Departamento, e por certo não na área da Grange Road, onde, antes do nosso casamento, Stephen se alojou. Dessa vez, no entanto, não tive escrúpulos de ir ao Gonville e ao Caius College, que teve de engolir a

refletida glória dos repetidos sucessos de Stephen, e seria improvável que nos tratassem com a mesma dura indiferença que haviam

demonstrado nos anos 1960, quando éramos jovens, desconhecidos e

lutávamos para fazer milagres para viver.

Eu soube que o tesoureiro não mais cuidava das admissões da escola.

Felizmente, estavam a cargo do Reverendo John Sturdy, que havia sido nomeado decano pouco antes da introdução de Stephen como pesquisador,

em outubro de 1965, e que com sua esposa havia nos ajudado desse momento em diante, sempre apoiando, sempre preocupada com as

crianças, sempre profundamente solidária. John, um estudioso de hebraico,

erudito, de outro mundo, com aparência de santo, era bem complementado

por sua agitada e intensamente prática esposa, Jill. Naqueles primeiros anos, os Sturdy já tinham dois filhos e estavam esperando o terceiro, ao mesmo tempo em que eu esperava Robert. Ao longo dos quinze anos

seguintes, eles adotaram mais nove, de todas as origens, cores e credos. Jill tinha licenciatura em Inglês, fez um curso de formação de professores e, a

seguir, montou a própria escola para apoiar e educar sua família. No Natal,

os Sturdy instituíram uma festa na Faculdade para os filhos de todos os membros e funcionários, fossem membros, funcionários da cozinha ou da limpeza. John Sturdy ou seu filho mais velho, John Christian, vestia-se de Papai Noel, e as crianças passavam bons momentos brincando

ruidosamente do jogo da cadeira em volta da mesa dos membros.

Eu tinha certeza de que poderia contar com a simpatia de John. Mesmo

assim, a velocidade de sua resposta foi surpreendente.

– Vocês já pensaram onde gostariam de viver? – perguntou, como se o

leque de escolha fosse ilimitado, quando nos reunimos para discutir as perspectivas, em junho de 1974.

Achando meu pedido bastante desesperado, suspirei:

– Algum lugar na área da Grange Road, imagino.

– Bem – respondeu ele calmamente –, vamos olhar as propriedades da

área e ver se há algo adequado para vocês.

Olhamos uma meia dúzia de casas, anteriormente casas de família que

agora pertenciam à Faculdade, na zona oeste de Cambridge, na periferia da

aldeia vitoriana de Newnham. Algumas eram muito distantes do

Departamento de Stephen, algumas ficavam muito perto de ruas principais,

barulhentas, e outras não eram suficientemente espaçosas no térreo para uma cadeira de rodas. Havia uma casa, no entanto, na West Road, perto de

Backs, que imediatamente me chamou a atenção. Sólida e extensa, com uma

autoconfiança vitoriana, plantada em grandes jardins ao lado da Harvey Court, um monstruoso condomínio que foi destaque da *Cambridge New Architecture* nos anos 1960. Nós já estávamos bem familiarizados com esses jardins, uma vez que havia sido o local das festas de aniversário de Robert todos os verões. Minha mãe chegava carregando um lindo bolo de

aniversário decorado – às vezes em forma de trem, às vezes de carro, às vezes um forte –, e meu pai e eu organizávamos jogos e entretenimento suficientes para manter mais de uma dúzia de crianças pequenas ocupadas

por duas horas, as mais exigentes duas horas de toda a agenda social, além

das dedicadas à festa de aniversário de Lucy, que por ser no inverno, no mínimo era ainda mais desafiadora.

Com algumas modificações, o térreo da West Road número 5 poderia

ser bem apropriado para nós, em especial porque tinha um número

suficiente de quartos amplos e bem iluminados para acomodar toda a família, além de todas as outras instalações necessárias, deixando ainda espaço de sobra para festas para todas as idades. Era mais longe do Departamento que a da Little St Mary's Lane, mas não inconvenientemente

longe, e quase à mesma distância da escola primária que Lucy ia

frequentar. Os jardins ofereciam espaço para festas e jogos de todos os tipos – em especial críquete, praticado com a maior relutância no colégio St.

Albans, mas agora vital para a correta criação de meu filho. A casa havia sido vagamente ameaçada de demolição no início dos anos 1970, eu me lembrava, quando o terreno onde estava havia sido indicado como possível

localização de uma nova faculdade, o Robinson College. No entanto, o local

era muito pequeno e a casa foi poupada. E apenas cinco anos antes ou mais,

a West Road número 5 havia sido um próspero hotel familiar, o West House

Hotel, mas quando o contrato venceu, a Faculdade a retomou para usar como alojamento de estudantes. Os alunos haviam recebido carta branca para escolher suas próprias cores e, a antes vitoriana sala de jantar, agora tinha teto preto e paredes vermelhas. Isso não me incomodou, visto que a

tinta era superficial e podia facilmente ser mudada. Eu estava muito mais

impressionada com as dimensões da casa, por isso, no final do nosso passeio, optei por ela sem hesitação, secundariamente silenciando a facção

da Faculdade que queria demolir qualquer edifício, incluindo a casa, que houvesse sido construído antes de 1960. As negociações correram sem problemas, e ficou acordado que quando voltássemos da Califórnia, em 1975, ocuparíamos o piso térreo. Em troca pelo aluguel, a Faculdade usaria

nossa casa na St Mary's para os membros, uma vez que haviam relaxado suas regras e permitiam que os membros alugassem acomodações.

Durante nossa ausência, paredes divisórias foram erguidas na

escadaria para separar os estudantes do térreo dos do andar de cima; o apartamento recém-criado foi todo redecorado, e rampas foram

construídas na frente e nas portas do jardim. Dirigindo as operações da Califórnia, contei com o apoio de um jovem corajoso, Toby Church, que quando era estudante sofreu uma doença paralisante que o privou do poder de expressão e do uso das pernas. Toby utilizou seu conhecimento de

engenharia para adaptar seu ambiente às suas necessidades para que

pudesse cuidar de si mesmo – com uma pequena ajuda de enfermeiros – e

também para construir sua própria invenção, o *lightwriter*, um pequeno teclado portátil com uma tela digital no qual ele podia digitar suas palavras.

Infelizmente, a invenção não foi de muita ajuda para Stephen, visto que operar o teclado exigia muita destreza, e Toby não estava particularmente

interessado em cadeiras de rodas elétricas, pois estava preocupado em manter seus músculos do braço em boa forma, impulsionando-se por aí com a própria força, mas como meu intermediário, Toby foi se

impulsionando pelas ruas do oeste muitas vezes no decorrer do verão de 1975, e quando voltamos da Califórnia, foi um prazer entrar nesse

ambiente encantador. Durante os dezesseis anos que a ocupamos,

tínhamos ciência de nossa boa sorte de poder viver naquela casa. Os quartos eram enormes, de pé-direito alto, com molduras de gesso

decorativas e rosas centrais delicadamente gravadas ao redor dos lustres.

As altas janelas de guilhotina davam para um verdadeiro gramado inglês, emoldurado com coníferas cuidadosamente selecionadas e caducifólias:

teixos de um negro ameaçador misturados com as claras folhas do

salgueiro. Uma sequoia gigante – da Califórnia, evidentemente, uma muda

recém-introduzida na Europa quando a casa foi construída – erguia-se acima do conservatório em ruínas em um canto do edifício, em comunhão

com sua parceira, uma *Thuja plicata*, ou cedro vermelho ocidental, de altura comparável, na ponta do gramado. A velha macieira retorcida produzia fielmente suas flores e seus frutos com tanta abundância que a cada dois anos o solo debaixo dela ficava atapetado com um excesso de maçãs de outubro a dezembro. “Compota de maçã, de novo, não!”, diziam em coro as

crianças à mesa do jantar, enquanto o pai sorria em travesso conluio. A certa altura, ele decidiu que era alérgico a compota, mas isso não foi desculpa para que as crianças se safassem.

No verão pendurávamos uma rede, balanços e cordas de escalada nos

galhos da macieira e ouvíamos o gorjeio dos filhotinhos de melro dentro do

tronco oco. À esquerda da macieira, a plena vista da janela da sala de estar, jazia o gracioso limite herbáceo curvo, com seu cenário de árvores e arbustos floridos, lilases, amêndoas e espinheiros. Mesmo nas profundezas

do inverno mais severo, a beleza do jardim ainda era mágica. Tarde da noite, depois de uma nevasca persistente, eu espreitava pelas cortinas pesadas e estremecia de espanto ao ver a transformação do úmido, marrom

jardim de inverno exterior. A lua cheia no céu sem nuvens iluminava uma

manta brilhante de neve, que cobria o gramado e as árvores com uma pureza encantada, deslumbrante. Em seu auge, o jardim devia ter sido uma

visão esplêndida. Apesar das desenfreadas ervas daninhas e do solo velho

dominante, ainda transmitia indícios de sua antiga glória em sua miríade de

plantas perenes. Como as árvores, elas deviam ter sido plantadas como parte de um esquema global, talvez há um século, quando a casa foi construída. Tentei suplementar os esforços dos jardineiros superatarefados

da universidade capinando e plantando um pouco, em uma tentativa de dominar as ervas daninhas. Jeremy Prynne, um colega de Stephen no

programa e na biblioteca da universidade, aplaudiu meus esforços e propôs

que fosse eleita para o comitê de jardinagem, pois, como ele observou, muitos dos seus membros não conseguiam distinguir um dente-de-leão de

um narciso. No entanto, sua proposta foi rejeitada porque era inconcebível

que um não membro, muito menos uma mulher, fosse eleito para um

comitê universitário. A partir do momento de nossa chegada, no outono de

1975, a casa, assim como o jardim, prestou-se com entusiasmo para

inúmeras festas. Eram festas de família, festas de aniversário e jantares de Natal. E também obrigações – eventos de angariação de fundos quando me

voltei para o trabalho de caridade –, cafés da manhã e noites musicais, festas de departamentos, de início e final do ano letivo, recepções de conferências e jantares. No verão, havia chás (de novo, normalmente para

conferências, em especial para cientistas norte-americanos e russos em visita) no gramado com sanduíches de pepino e croquet, e noites de folk, ceias de churrasco e festas com fogos de artifícios. Essas ocasiões eram divertidas e geralmente apreciadas, mas era um trabalho duro, pois eu não

tinha ajuda nenhuma com o bufê até anos depois. Não era de surpreender

que, às vezes, os acompanhantes não oficiais dos convidados oficiais, os puxa-sacos, me confundissem com uma empregada da faculdade (por causa

do avental), e, condescendentes, pedissem outra taça de vinho ou outro sanduíche, com pouco respeito, não percebendo que eu era a anfitriã.

Parecia que vivíamos em um ambiente privilegiado, mas havia

desvantagens. Apesar de nossa ocupação, a casa permanecia sob ameaça de

demolição. Após a conclusão das reformas realizadas para nosso benefício,

só trabalhos mínimos de manutenção eram autorizados. No inverno, o

sistema de aquecimento central, baseado nos radiadores vitorianos

originais, era pouco adequado quando o vento norte soprava neve pelas frestas das portas e janelas mal ajustadas. A certa altura as lareiras a gás, utilizadas para complementar os radiadores, soltavam mais fumaça nos quartos que a que mandavam pelas chaminés. A fiação consistia em uma combinação excêntrica de tomadas modernas encaixadas em fios antigos dos quais ninguém sabia a procedência.

Muito mais alarmante era que os tetos tendiam a cair ao chão com regularidade preocupante, apesar de meu pai, com sua catastrófica história

de provocar o colapso gravitacional de mais de um teto, não estar por perto. Pela graça de Deus, o dano nunca foi mais que material. Certa noite

de julho, em 1978, o teto da sala de estar desabou com um baque todo-poderoso em meio a uma nuvem de fuligem e pó de gesso, quebrando o aparelho de som em pedacinhos na sala embaixo e fazendo o lustre sair rodando. Felizmente, nós havíamos acabado de ir para a cama e as crianças

estavam dormindo em segurança em seus quartos. Também por sorte,

ninguém estava no banheiro quando, um pouco mais tarde, seu teto

também desabou.

Do lado de fora, o telhado regularmente perdia suas telhas. Esse último

risco foi corrigido graças a uma oportuna visita de Sua Alteza Real, o duque de Edimburgo, chanceler da Universidade de Cambridge, que foi retribuir a

Stephen a visita privada de junho de 1982. Tínhamos tanto medo que uma

telha esmagasse sua cabeça quando Sua Alteza entrasse pela porta da frente que pedi uma tela de proteção para pôr em volta das calhas. O

recado foi dado e, uns meses depois, o telhado foi refeito. Graças à visita real também adquirimos novos acessórios para banheiro.

Nós não éramos os únicos moradores da casa, visto que ocupávamos

apenas o andar térreo. Os estudantes, que tinham uma entrada separada, moravam nos andares superiores, e os ratos viviam nas profundezas

escuras da adega entre equipamentos pertencentes ao University Caving Club. Os ratos passaram a manter distância depois que Lucy adquiriu um gato predatório, mas foi menos fácil atingir um *modus vivendi* satisfatório com os estudantes. Como indivíduos, eles eram um grupo tão

deliciosamente amigável quanto se pode esperar, como descobrimos nas ocasiões em que os convidamos para um drinque, ou os encontramos no gramado no meio da noite, quando o intermitente defeito do alarme de incêndio acordava a casa toda sem motivo, mas, inevitavelmente, o estilo de

vida dos estudantes, sua rotina e seus hábitos estavam muitas vezes em desacordo com os nossos. Houve ocasiões em que sua presença se fazia sentir de uma forma mais perceptível que apenas ruídos altos e solavancos

na noite. Pelo menos uma vez por ano alguém deixava a água do banho correndo no banheiro lá de cima, bem acima de nossa cozinha. Da última vez que isso aconteceu, eu cheguei à casa na hora do almoço com quinze minutos de sobra antes da chegada prevista de uns primos de Stephen da

Nova Zelândia. Ouvi o barulho de água correndo no momento em que virei

a chave na porta e senti um cheiro de mofo quando atravessei o corredor

até a cozinha. O piso já estava alagado e os melhores pratos e tigelas, prontos na bancada, coletavam poças sujas. Queijo, tomate, alface e pão nadavam em piscinas quentes e cinza, enquanto mais água caía pelo teto e

escorria pela instalação elétrica...

Esses inconvenientes ainda não haviam chegado ao nosso

conhecimento, no entanto, quando, em setembro de 1975, minha mãe e eu

limpamos a casa da Little St Mary’s antes de entregá-la à faculdade, e eu arranjei a remoção de nossas posses para West Road 5. Depois da

Califórnia, nossas circunstâncias mudaram drasticamente. Tínhamos de

voltar para a Inglaterra, para os alojamentos que pareciam mais com uma

minimansão, ou um Master’s Lodge, e Stephen tinha assegurado seu

primeiro cargo oficial na Universidade, professor adjunto, uma vez que enquanto estávamos longe circulara um rumor em Cambridge de que

estávamos pensando em ficar na Califórnia para sempre. Imediatamente, o

velho adágio bíblico sobre um profeta sem honra no próprio país se provou

verdadeiro, e o cargo de professor adjunto, que mais tarde seria substituído por uma cátedra própria, materializou-se. Longe de querer que Stephen fosse, como previra antes um professor antigo, a Universidade estava realmente impaciente por seu retorno.

O cargo de professor adjunto trouxe consigo os serviços tão necessários

de uma secretária – sob a forma de Judy Fella, que introduziu uma nova vitalidade e um glamour nada costumeiro aos reinos monótonos do

Departamento de Matemática Aplicada e Física Teórica. Judy trabalhou para Stephen por muitos anos, com lealdade e eficiência incansáveis.

Finalmente havia alguém para assumir a administração de sua vida oficial

na Inglaterra, assim como Polly Grandmontagne havia feito na Califórnia.

Ela digitava suas dissertações, incluindo os hieróglifos, cuidava de sua correspondência, organizava suas conferências, suas viagens, requisitava seus vistos, coisa que passou a ser uma ocupação em tempo integral, visto

que ele era agora muito mais procurado, com status de celebridade.

A América não era a única na adulação do sucesso. De uma forma mais

discreta, camuflada em uma respeitabilidade tímida, a mesma atitude

prevalecia na Grã-Bretanha. Com medo de ser superadas na luta por

reconhecer a brilhante estrela científica que cruzava seus horizontes, sucessivas

instituições científicas se revezavam em premiar Stephen com suas medalhas de maior prestígio. Em muitas ocasiões ao longo dos anos que se seguiram, meus pais foram a Cambridge a tempo de pegar as crianças na escola, enquanto eu pegava Stephen no Departamento,

carregava-o e à cadeira de rodas até o carro, e íamos a algum elegante hotel londrino – o Savoy, o Dorchester ou o Grosvenor – onde o jantar de apresentação aconteceria. Às vezes nos hospedavam durante a noite, o que

aliviava a pressão sobre mim, visto que eu era motorista, enfermeira, manobrista, copeira e intérprete, bem como acompanhante-esposa, tudo ao

mesmo tempo. Quando, por fim, todos os obstáculos que se interpuseram

entre o estilo de vida de Cambridge e o deslumbrante cenário social de Londres haviam sido superados, nós aparecíamos, sempre atrasados, em traje de gala – completo, com a gravata-borboleta que Stephen fazia questão – no cintilante salão de baile ou na sala de jantar para ser saudados pela nata da intelectualidade científica, pares do reino e dignitários variados. Todos muito elegantes e suas esposas muitas vezes eram gentis,

mas, para mim, tudo parecia tão velho, mais velho que meus pais: não eram

o tipo de pessoas que eu provavelmente encontraria na rua ou na porta da

escola, onde meus verdadeiros amigos estavam. As mesmas pessoas, e os membros mais afetados da celebridade londrina, também apareciam em

outras ocasiões sociais notáveis no calendário científico, particularmente a *Conversazioni*, reuniões noturnas no verão na Royal Society, onde ricos e famosos se acotovelavam na fila de bebidas e canapés, enquanto os

expositores, que guardavam suas exposições cuidadosamente preparadas,

esperavam com paciência que a audiência tagarela mostrasse algum

interesse por sua meticulosa investigação.

O glamour artificial dessas ocasiões era ao mesmo tempo divertido e irritante. Enquanto eu me divertia, tinha inevitável consciência das horas seguintes. Não

haveria cocheiro para nos levar de Londres para casa depois

da meia-noite, ou para ajudar a pôr Stephen na cama, e na manhã seguinte

estaríamos de volta à nossa rotina. Eu vestiria Stephen, daria seu café da manhã, seus comprimidos e seu chá, depois limparia a casa e lavaria duas

ou três máquinas de roupa antes de descascar as cebolas e as batatas para a

próxima refeição. Do outro lado da rua, a torre da biblioteca da

universidade pairaria acusadora, uma lembrança silenciosa, mas eloquente,

de minha tese negligenciada. Não haveria sapatinho de cristal, embora pudesse haver uma medalha de ouro reluzente, descansando em uma

almofada de cetim e veludo, para nos lembrar que a noite anterior não havia sido apenas um sonho passageiro. Até as medalhas desapareciam de

vista depois de um dia ou dois. Como a casa estava sujeita a ocasionais e oportunistas roubos mesquinhos – bolsas roubadas no hall, bicicletas roubadas na varanda –, as medalhas tinham de ser levadas para o cofre do

banco, e raramente voltavam a ser vistas.

— 3 —

TESOURO ENTERRADO

AREALIDADE DA VIDA COTIDIANA SEMPRE COMEÇAVA NA NOITE ANTERIOR, QUANDO,

depois de dar a Stephen seus medicamentos e colocá-lo na cama, eu preparava as coisas para o café da manhã das crianças. Por fim, o entusiasmo de Robert para se levantar cedo encontrou seu verdadeiro propósito, pois ele era confiável para fazer o próprio café da manhã e supervisionar Lucy também. De manhã, eu tirava Stephen da cama, vestia-o

e lhe dava uma xícara de chá e suas vitaminas matinais, antes de levar Lucy

para a escola na garupa de minha bicicleta. Quando voltava, geralmente carregada de compras, dava o café da manhã a Stephen e atendia às suas necessidades pessoais antes de ele ir para o trabalho. Depois da liberdade

que ele havia usufruído na Califórnia, Stephen não estava mais no espírito

de suportar as frustrações de empurrar uma cadeira de rodas e solicitara ao Departamento de Saúde um modelo elétrico, veloz, uma vez que, de acordo com a propaganda, esses aparelhos estavam disponíveis

gratuitamente. No entanto, a verdade não tinha muito a ver com as promessas da publicidade. Toda a força da considerável persistência e obstinação de Stephen não foi suficiente para fazer que os grisalhos funcionários desse departamento governamental concedessem sua

requisição, com medo de criar um precedente que abriria as comportas para os semelhantes pedidos. Disseram-lhe que ele poderia apresentar um

novo pedido de um carro de três rodas, com bateria, que ele não tinha força

para controlar; ou, de fato, de uma cadeira de rodas elétrica – mas só o modelo lento, projetado para uso em ambientes internos, como a que ele já

tinha no instituto, comprada por um fundo filantrópico. Perdemos horas argumentando pela cadeira mais rápida, sem sucesso. Era demais para a Previdência Social. Ela havia contribuído tão pouco para nosso bem-estar que se poderia supor que seu objetivo era, na verdade, evitar que as pessoas com necessidades especiais trabalhassem em sua capacidade

máxima e, consequentemente, atuassem como contribuintes para o erário

nacional. Um punhado de pílulas de vitamina sob prescrição médica

parecia ser o melhor que podiam oferecer, com o mínimo apoio físico, prático, moral ou financeiro.

Ficamos ainda mais dependentes de parentes, estudantes e amigos na

batalha diária para funcionar como uma família. Stephen adquiriu a cadeira

de rodas que ele queria graças a fundos filantrópicos, não ao Serviço Nacional de Saúde – e discretamente acompanhado por um estudante, ia trabalhar todas as manhãs. Sua rota o levava através do King's College, onde delfínios e campânulas brancas florescem no inverno e narcisos, na primavera, atravessando o rio sobre a ponte corcunda, e fora da faculdade,

por uma entrada lateral, até sua sala no Departamento, do lado oposto da

Silver Street. O fato de Stephen por fim poder desfrutar o direito humano

básico de se mover livremente, como, quando e onde escolhesse não foi resultado de nenhuma disposição ou benefício do governo; foi resultado apenas de seu trabalho e do próprio sucesso na Física.

O transporte das crianças era outro problema. Eu levava Lucy para a escola na garupa de minha bicicleta todas as manhãs, mas a escola de Robert ficava a uma distância maior. Graças a um parente recém-chegado

de Cambridge, John Stark, Robert chegava à escola no horário. Jean e John

Stark e seus dois filhos haviam ido para Cambridge de Londres no início dos anos 1970, quando John assumira o cargo de médico torácico no Hospital de Addenbrooke; eles haviam se mudado para a casa que Fred Hoyle havia construído para si mesmo uma década antes. John gentilmente

pegava Robert no caminho para o trabalho, e o deixava junto com seu filho,

Dan, na Perse Preparatory School. Eu retribuía a ajuda de Stark pegando os

meninos à tarde e levando Dan para casa. De vez em quando, eu entrava e

conversava com Jean, enquanto as crianças brincavam. Formada pela

Escola de Economia de Londres, ela achava as atitudes chauvinistas do sexo

masculino prevalentes em Cambridge, e sua dominação de todas as esferas

da vida da Universidade, desanimadora. Compartilhávamos nossa

frustração com um sistema que nos educara para competir com os homens até a idade de vinte e um, vinte e dois anos, e depois sumariamente nos consignava a um status de segunda classe. Nem por um momento nos lamentávamos de nossos papéis como esposas e mães, mas nos ressentíamos da baixa estima que a sociedade, em especial a de Cambridge, concedia a essas funções essenciais.

Foi Jean quem insistiu que eu devia trabalhar em minha tese de novo, mas achei tolo sequer pensar na possibilidade de um empreendimento tão desesperador, que havia sido uma presença em minha vida, às vezes bem-vinda, às vezes ressentida, quase dez anos antes. Eu havia terminado só um terço do projeto, embora houvesse acumulado grande quantidade de material, e não poderia sequer imaginar terminá-lo. O único tempo livre que eu tinha era o escasso período entre a saída de Stephen ao meio-dia e uma rápida passada nas lojas no início da tarde antes de pegar Lucy na escola às três e quinze – duas horas e meia, no máximo. No entanto, graças à insistência de Jean – e ao extraordinário exemplo de Henry Button, um dos antigos colegas de Serviço Civil de meu pai que havia começado sua pesquisa sobre o *Minnesänger* alemão em 1934 e o concluíra já aposentado, quarenta anos depois –, a perspectiva começou a parecer menos ridícula.

Como as três áreas e os períodos de minha pesquisa estavam tão claramente definidos, o retorno à tese foi menos exigente do que eu temia.

Eu já havia documentado minhas ideias sobre as primeiras composições líricas, as *kharjas* moçárabes, e poderia então voltar minha atenção para a segunda área de floração lírica medieval – a Galícia, o canto noroeste da Península Ibérica. Ali a linguagem era mais parecida com o português que

com o castelhano, e a cidade de Santiago de Compostela havia alcançado fama internacional e sucesso comercial por causa do santuário de Santiago,

cujo caixão, de acordo com uma lenda local, havia sido lavado nas costas da

Galícia em 824. Por volta do século XIII, as canções dos trovadores galegos

substituíram a declinante poesia de Provença como o divertimento favorito

na corte castelhana, e sua composição se desenvolveu como mais uma das

indústrias de grande escala desse notável rei, Afonso X, o Sábio. Entre muitas composições díspares há um grande grupo, as *cantigas de amigo*, que consistem em canções de amor manifestadas por mulheres e que

contêm muitos dos temas e das características dos *kharjas* – os amantes muitas vezes se encontram na madrugada, a garota confia em uma figura materna ou em suas irmãs, o amante muitas vezes é ausente. Também apresentam elementos folclóricos no estilo e na linguagem que parecem remontar aos antecedentes tradicionais. Naquelas poucas horas à minha disposição todos os dias, era minha tarefa filtrar os elementos tradicionais das 512 *cantigas de amigo*, avaliar as características estilísticas e linguísticas importantes que compartilhavam com os *kharjas*, comparar sua língua com a aprendida de seus precedentes clássicos ou bíblicos e situá-las em um contexto europeu mais geral.

Encontrei muitas semelhanças entre as *kharjas* e as *cantigas de amigo*, que eram possivelmente o resultado de migrações moçárabes do norte, longe de ondas posteriores de fanática opressão árabe. Também encontrei

diferenças marcantes: as cantigas não contêm nada do nítido brilho das imagens *kharjas* ou nenhum senso de antecipação urgente. As imagens derivam do fundo natural de montanhas e riachos do canto norte-ocidental

da Península, expostos à turbulência dos ventos do Atlântico, e se identificam com as emoções dos protagonistas. Poetas cultos teriam

deduzido alusões clássicas e bíblicas para essas imagens de ventos e ondas,

árvores, montanhas e riachos, onde cervos iam perturbar as águas.

Contudo, muito mais persuasiva na busca das origens dessa poesia é a influência de um passado pagão distante, velado nas brumas de um tempo

muito mais anterior às confiantes certezas cristãs dos *kharjas*.

A garota, intimamente identificada com a beleza e a brancura da

madrugada, acorda cedo e vai lavar túnicas no riacho, uma correnteza dedicada, talvez, a um dos antigos deuses da fertilidade celtas ou deusas da Galícia, cujas pedras e inscrições ainda sobrevivem:

Levantou-s' a velida,

levantou-s' alva,

e vai lavar camisas

em o alto:

vai-las lavar alva.

Em alguns desses poemas ela é interrompida pelas brincadeiras

burlescas do vento – em termos pagãos, o veículo de espíritos malignos. Em

outros, pelo cervo da montanha. O cervo que agita a água é um símbolo tanto da presença do amante quanto de sua atividade apaixonada, mas esconde qualquer referência explícita à sexualidade:

Passa seu amigo

que a muit' ama;

o cervo do monte

volvia a augua

leda dos amores'

dos amores leda.

A aparência do cervo na fonte como uma reminiscência bíblica recorda

o Cântico dos Cânticos e os Salmos, mas, em nível popular, poderia muito

bem ser um vestígio dos persistentes ritos de fertilidade pagãos

condenados por vários bispos escandalizados nos séculos IV e V – muitos dos poemas transmitiam uma desolação e uma melancolia que os

diferenciava do brilhante imediatismo dos *kharjas*. Eis aqui os obstáculos ao amor verdadeiro, inconstância, infidelidade e rejeição, bem como as realidades práticas da guerra ou da convenção social, e encontram

expressão por meio de árvores, pássaros e fontes. Examinando o deserto emocional em que sua vida se transformou, a garota apaixonada chama seu

amante negligente, lembrando-lhe como os pássaros costumavam cantar a

seu amor. Ela o acusa de destruir a paisagem do amor deles com sua crueldade. O refrão repetido, *leda m' and' eu*, expressa seu anseio pela felicidade que perdeu.

Vós lhi tolhestes os ramos en que siian

e lhi secastes as fontes en que bevian;

leda m' and' eu.

Embora o retorno à tese tenha reavivado meu moral intelectual, era um

trabalho solitário, sentada a uma mesa na biblioteca, cercada por livros amarelados, tentando avaliar a importância relativa de cada uma das inúmeras influências que contribuíram para a composição desses poemas.

A atitude de Stephen em relação aos estudos medievais não havia

amadurecido com os anos. Em sua opinião, eles ainda eram tão inúteis quanto pegar pedrinhas na praia. O seminário medieval, anteriormente uma fonte de encorajamento e entusiasmo, havia sido dissolvido; minha ligação com o Departamento de Espanhol de Cambridge nunca havia sido mais que tênue, e

apesar de minha mãe ainda lealmente cuidar das crianças

nas tardes de sexta-feira, eu me sentia isolada dos seminários de Londres.

As vozes plangentes das cantigas enchiam meu mundo interior e me

acompanhavam em minhas atividades solitárias. Eles estavam comigo

quando cuidava de meus afazeres domésticos, ocupavam minha mente

enquanto eu dava a Stephen suas refeições intermináveis – pequenos

cubinhos, colher por colher, bocado por bocado – e sempre que um

momento oportuno, ainda que breve, se apresentava, eu corria para minha

mesa à janela da sacada da sala e anotava algumas coisas, algumas ideias,

algumas referências. Contudo, estudar as músicas, anotá-las, analisá-las não era suficiente. Apaixonadamente, eu queria ser capaz de expressar eu

mesma essas emoções por meio da música, a música de qualquer período.

Depois de minha introdução à música vocal na Califórnia, eu desejava ser capaz de cantar bem. Técnica vocal era portátil, ao contrário do piano, e podia ser praticada em qualquer lugar, a qualquer momento, mesmo à frente da pia da cozinha.

Embora o desprezo de Stephen pelos estudos medievais fosse

implacável e sua devoção à grande ópera, especialmente Wagner,

continuasse inabalável, ele incentivava meu novo interesse. Uma vez por semana ele e um estudante voltavam para casa mais cedo para cuidar das

crianças, para que eu pudesse sair por uma hora e fazer uma aula noturna

de técnica vocal, ministrada por um distinto barítono, Nigel Wickens, que era ao mesmo tempo professor de canto e artista. Sua figura alta, ereta, fazia-se mais imponente por seu crânio abobadado, e no contato inicial não

era nem um pouco intimidante, em especial por causa da precisão

exagerada de sua dicção. Isso, no entanto, era apenas uma das

características de sua personalidade expansiva. Bem versado nas artes da

performance, ele podia manter sua classe em sujeição reverente em um minuto, e no próximo levá-la ao riso convulsivo. Um verdadeiro mago musical, Nigel abria sua caixa de truques a cada semana e revelava uma riqueza de cintilantes pedras preciosas, exibindo todos os tons e as cores do espectro emocional e encapsulando o rico legado de uma sucessão de gênios musicais: Schubert, Schumann, Brahms, Fauré, Mozart... Gênios cujas

músicas tocavam o interior, alcançando o âmago da alma, expressando esperanças e medos, tristeza e uma sensação de tragédia para a qual só palavras eram inadequadas. Às vezes, a tristeza das canções e o sentido mal

definido de desejo que evocavam eram tão dolorosos que chegavam a ser

insuportáveis. Depois de algumas aulas, eu sabia que queria aprender a cantar corretamente, treinar minha voz partindo do zero e criar meu próprio instrumento.

— 4 —

UM JOGO DE TABULEIRO

BEM ADAPTADO AO NOVO AMBIENTE E SEGURO EM SEU EMPREGO NA UNIVERSIDADE,

STEPHEN foi mudando de direção na Física, virando as costas para as leis

macrocósmicas da relatividade geral e mergulhando cada vez mais na

mecânica quântica – as leis que operam no nível microcósmico da partícula

elementar, a Física dos quanta, os blocos de construção da matéria. Essa mudança, que foi uma consequência tanto de sua pesquisa sobre o buraco

negro quanto de seus contatos com os físicos de partículas na Califórnia, foi

atraindo-o a uma nova busca; a busca por uma teoria quântica da gravidade

que ele esperava que conciliassem as leis de Einstein da relatividade geral

com a Física da mecânica quântica. Einstein havia desconfiado

profundamente da teoria da mecânica quântica, desenvolvida por Werner Heisenberg e Niels Bohr, em 1920. Ele desconfiava dos elementos de incerteza e aleatoriedade implícitos nesse avanço científico porque

minavam sua crença na natureza maravilhosamente bem ordenada do

universo. Ele expressou essa aversão à força a Niels Bohr, dizendo que

“Deus não joga dados com o universo.”.

As origens do universo dominaram minha imaginação durante toda a

minha vida de casada e antes disso. Minha mãe costumava apontar as constelações, cintilantes contra a clareza brilhante não poluída do céu noturno de Norfolk quando Chris e eu éramos crianças. Ainda nos anos 1970, a iluminação terrestre era escura o bastante para que Robert, Lucy e

eu fôssemos capazes de olhar para o céu à noite e nos maravilhássemos com a remota beleza das estrelas como lantejoulas que brilham na

escuridão. Podíamos especular sobre distâncias imensuráveis e intervalos

de tempo incompreensível e admirar o gênio – pai deles e meu marido –

que podia transformar esse infinito espaço e tempo em equações

matemáticas e logo em seguida decorá-las – como se, de acordo com Werner Israel, estivesse compondo uma sinfonia inteira de Mozart na cabeça. Essas equações tinham a chave para muitas questões sobre nossas

origens e nossa posição no universo, não menos que para a questão mais importante da natureza de nosso papel como minúsculos habitantes de um

planeta insignificante que gira em torno de uma estrela comum nos confins

de uma galáxia normal. Essas perguntas apelavam à minha imaginação, mesmo sendo meu conhecimento sobre Física e Matemática apenas

rudimentar. Em contraste, as colisões de partículas invisíveis,

principalmente quando essas partículas não eram apenas invisíveis, mas imaginárias, não despertavam meu interesse com a mesma paixão que a extraordinária viagem mental através de bilhões de anos-luz até o início do

espaço e do tempo. E tenho de confessar, nem o conjunto de cientistas com

quem Stephen se associava agora me atraía. Em geral, os físicos de partículas eram um bando seco e obsessivo de cientistas pouco

preocupados com o contato pessoal, mas muito preocupados com as

próprias reputações científicas. Eles eram muito mais agressivamente

competitivos do que os descontraídos e amigáveis relativistas com quem nos havíamos associado no passado. Eles assistiam às conferências e compareciam aos eventos sociais organizados em sua homenagem, mas,

além de um punhado de russos fervorosos e joviais, suas personalidades deixavam uma impressão muito pouco duradoura. No meio desse pântano

cinzento era um prazer ocasional ver os rostos daqueles cultos, articulados

e encantadores velhos amigos dos tempos da relatividade – os Israel, os Hartle, Kip Thorne, George Ellis, os Carter e os Bardeen.

Pelo menos o mais famoso físico quântico de todos eles deixou uma impressão duradoura, embora fosse taciturno. Paul Dirac, um físico de Cambridge, que em 1920 havia reconciliado a mecânica quântica com a teoria especial da relatividade de Einstein e, em 1933, ganhado o Prêmio Nobel, era considerado uma figura lendária na Física. Stephen e Brandon se

consideravam netos científicos de Dirac, tendo em vista que o supervisor deles, Dennis Sciama, havia sido supervisionado por Dirac. Eu fui

apresentada a Dirac e sua esposa, Margit Wigner, irmã de um distinto físico

húngaro, em Trieste, em 1971. Dizia-se que quando Dirac apresentou

Margit a um colega logo após o casamento, ele não disse “esta é minha mulher”, e sim “Esta é a irmã de Wigner”. Depois que Paul se aposentou, em

1968, da cátedra lucasiana – cadeira de Newton –, os Dirac se mudaram de

Cambridge para a Flórida, onde ele se tornou professor emérito. Contava-se

que Dirac uma vez havia visto sua esposa tricotando uma peça de roupa.

Quando ela chegou ao fim da carreira, seu marido, que havia descoberto a

teoria matemática do tricô, imediatamente a instruiu a como virar as agulhas e “laçar” a próxima carreira.

Os Dirac nos visitaram uma tarde em Cambridge. Margit não era muito

diferente de Thelma Thatcher em seu porte aristocrático. Com seu cabelo castanho fluido, porém, tinha uma personalidade ainda mais incontrolável,

descontraída e dotada de uma facilidade natural de conversa que

contrastava muito com o silêncio do marido. Enquanto estávamos sentados

tomando chá no gramado, ela falou sobre suas viagens, sua família e sua casa na Flórida, e admirava as crianças, conversando com elas livre e abertamente enquanto o marido ouvia e observava. Margit mais que

compensava seus períodos de taciturnidade, atribuídos à pressão aplicada

sobre ele por seu pai, um professor suíço, que só lhe permitiria falar em francês impecavelmete em casa quando criança, em Bristol. Ela sempre falava pelo marido, assim como eu muitas vezes me vi atuando como porta-voz de Stephen, em especial quando o assunto não dizia respeito à Física.

Stephen e Paul Dirac não eram diferentes no fato de ambos serem homens

de poucas palavras que preferiam pôr suas bem consideradas declarações a

serviço da Física ou à vitória em uma discussão sinuosa. Contudo, em um

aspecto particular eles se diferenciavam drasticamente.

Na semana de sua estadia em Cambridge, Margit Dirac telefonou

convidando-nos ao balé no Arts Theatre. Hesitei, sabendo muito bem que Stephen não ficaria muito satisfeito em passar uma noite assistindo *Coppélia*, mesmo na companhia de um dos cientistas mais famosos do mundo.

– Não, não, querida, não é a ele que estamos convidando! – exclamou Margit enfaticamente em resposta às minhas desculpas em nome de

Stephen. – Paul quer que você venha conosco!

Os desejos de Paul não admitiam mais hesitações. Duas noites depois,

fui com eles ao teatro, um pouco surpresa ao descobrir que Paul realmente

estava lá também, porque eu suspeitava que ele partilhasse o desprezo de

Stephen pela dança que eu tanto amava. Eu estava errada: ele parecia apreciar a performance tanto quanto qualquer outra pessoa. Apesar de sua

taciturnidade, ele e Margit exalavam uma tranquilidade reconfortante, fazendo que eu me sentisse muito bem-vinda, e por uma noite eu não era

obrigada a fazer nada, muito menos me preocupar se meus acompanhantes

estavam se divertindo.

Em casa, a rotina ficou mais fácil quando um novo aluno de pós-

graduação de Stephen, Alan Lapedes, de Princeton, concordou em ir morar

em nosso quarto de hóspedes e, como Bernard na Califórnia, ajudar com as

tarefas mais custosas, em especial levantar Stephen. Reservado e

autossuficiente, Alan era um ajudante que não reclamava, mas eu estava preocupada de explorar sua boa vontade, uma vez que, junto com outros colegas, muitas vezes ele ajudava no cuidado diário de Stephen no

Departamento também. Na verdade, os problemas com conforto físico de Stephen eram consideráveis agora, pois, como manda o figurino, ele se recusava a recorrer a quaisquer medidas paliativas e muitas vezes nos mantinha presos em casa nos fins de semana. Durante a semana isso era uma fonte permanente de ansiedade e frustração, apesar dos esforços da última assistente de Constance Willis, Sue Smith; ela tentou fazê-lo praticar mais exercícios regulares endireitando seu corpo e ajudando-o a percorrer

o trajeto do corredor sustentado por um ajudante de cada lado. Por mais que Sue, com seu contagiante sendo de humor nortista, divertisse Stephen

contando-lhe todas as fofocas, em sua própria forma de entretenimento, ela

nunca pôde convencê-lo a se dedicar a seus exercícios mais que as duas horas de suas visitas a cada semana. “Agora você vai fazer, não vai? Por mim?”, ela implorava, mas ele simplesmente a deliciava com um de seus mais encantadores sorrisos de esfinge.

O fato é que como Stephen era sedentário durante todas as horas de vigília, seus membros ficaram muito prejudicados pela doença e a falta de

exercícios. Para quem via de fora, as vantagens mecânicas da cadeira de rodas elétrica e a independência que conferia escondiam a verdadeira extensão dos estragos da ELA – porque ele conseguiu ganhar bastante liberdade, girando para lá e para cá atravessando o rio, indo e voltando do

Departamento.

Qualquer

obstáculo

no

caminho

desse

veículo

revolucionário, no entanto, precisava da assistência não só de um homem vigoroso, mas de dois ou três para levantar seus cento e vinte quilos para passar um trecho íngreme ou para subir um lance de escadas. Se, quando saíamos juntos à noite, encontrássemos um único degrau, estávamos em apuros.

Ao contrário de mim, Stephen, surpreendentemente, em geral pegava as inúmeras doenças mais simples que as crianças traziam da escola para casa. Ele mantinha um apetite saudável e uma constituição robusta, orgulhando-se de nunca perder um dia de trabalho. Gente de fora não tinha noção, no entanto, de como seu corpo havia se tornado dolorosamente emaciado, nem era comum que testemunhassem os ataques horrendos de asfixia que apareciam na hora da ceia e duravam até a madrugada, quando então eu o embalava nos braços como uma criança assustada, até que os sibilos diminuíam e sua respiração entrava no ritmo fácil do sono.

Tentamos evitar esses ataques experimentando diferentes dietas, primeiro eliminando o açúcar, a seguir os produtos lácteos, e, por fim, o glúten, a proteína da farinha que dá liga a pães e bolos. Eram todos suspeitos de irritar a hipersensível mucosa de sua garganta. Embora as crianças e eu continuássemos a comer pães e bolos, e cozinhar sem açúcar não tenha sido difícil, o desafio da culinária sem glúten na década de 1970 – muito antes do advento dos produtos "livre de" nas prateleiras dos supermercados – exigiu alguns ajustes importantes na cozinha, pois farinha sem glúten naqueles dias era um pesadelo culinário. Mesmo assim, o desafio era infinitamente preferível a esses terríveis ataques de asfixia com risco de morte.

Bem quando achávamos que havíamos escapado do pior dos males do inverno, a primavera de 1976 nos esperava com uma série de pegadinhas

cruéis que fizeram dela uma pista com obstáculos parecida com um

tabuleiro do jogo Rampas e Escadas, mas com muito mais rampas que escadas e com os dados viciados para cair sempre nas primeiras. Em 20 de

março caímos na primeira rampa do tabuleiro, quando Lucy pegou

catapora. Essa banal, mas chata, doença certamente era mais bem superada

na primeira infância que aos vinte anos, como eu sabia por minha própria

experiência quando estudante em Valência. Na segunda-feira seguinte, 22

de março, a pobre Lucy estava miseravelmente coberta de manchas

vermelhas, exigindo toda a atenção que eu pudesse lhe dar dia e noite.

Quanto à catapora, nós não éramos diferentes de nenhuma outra família com crianças pequenas, mas as similaridades acabavam aí. Foi uma sorte Lucy ter se recuperado rapidamente ao longo da semana, visto que o próximo lance de dados nos arremessou direto para uma rampa muito

mais íngreme.

No sábado de manhã todos nós acordamos com dor de garganta, e no

dia seguinte, Alan e Stephen estavam nitidamente mal. As gargantas

inflamadas foram acompanhadas por uma febre alta. Inerentemente

desconfiado da profissão médica, ainda ressentido por causa do terrível tratamento que recebera em 1963 no momento do diagnóstico, e com a mesma fobia de hospitais que eu tinha de avião, Stephen me proibiu de chamar um médico, mesmo ele não conseguindo comer nem beber e

tossindo cada vez que respirava. No dia seguinte, em desespero, liguei para

o médico de plantão, mas Stephen balançava a cabeça rejeitando

furiosamente todas as suas sugestões de medidas paliativas, como xarope

ou qualquer tipo de supressor da tosse, porque ele havia formulado uma teoria segundo a qual essas medidas, ao suprimir seus reflexos naturais, podiam ser mais perigosas que a própria tosse. Efetivamente, ele havia se

tornado seu próprio médico e estava convencido de que sabia mais sobre

sua condição que qualquer membro da classe médica. A mãe de Stephen, que havia ido para o chá da tarde no domingo, ficou conosco, e juntas cuidamos de Stephen durante uma noite bastante conturbada. No dia

seguinte – meu aniversário –, apesar de muito doente, pálido, magro e torturado pela asfixia, Stephen ainda se recusou a me permitir buscar ajuda, até o final do dia, quando, como uma grande concessão de

aniversário para mim, ele me deixou chamar o médico. Quando por fim o doutor Swan teve permissão para pôr os pés na casa, às 19h30, sua reação

foi pragmaticamente simples: ele chamou uma ambulância imediatamente,

tranquilizando Stephen dizendo que ele estaria em casa de novo em dois dias.

Certamente foi providencial que, naquele mais negro momento quando

chegamos para a internação – com Stephen pensando que estava prestes a

ser confinado a uma maldita cela, e eu, na angústia da incerteza, impotente, acariciando seu braço –, o som de uma voz familiar, confiante e autoritária

surgisse da sala dos médicos. Pertencia a John Stark, o médico torácico que

levava Robert para a escola todos os dias. Stephen não podia deixar de respeitar John como amigo, fosse qual fosse sua opinião sobre os médicos

em geral, e eu estava muito feliz por encontrar alguém com autoridade que

pudesse tomar conta da situação sem exigir longas explicações; alguém com competência médica para me aliviar da responsabilidade impossível de cuidar de um paciente muito doente sem ajuda. No entanto, como Stephen era tão impotente para se comunicar com mais que poucas

pessoas, e por causa de seu terror de receber alimento ou medicação que

pudesse ter efeitos nocivos, fiquei no hospital ao lado da cama a noite toda.

O dia seguinte trouxe discreta melhora de sua condição – havia sido diagnosticada uma infecção torácica aguda –, conforme ele gradualmente começava a subir os primeiros degraus da escada rumo à recuperação, e dois dias depois, estava muito mais alegre e parecia suficientemente bem para voltar para casa.

Nesse meio-tempo, a vida em casa havia retomado uma aparência de

ritmo normal. Meus pais haviam ido cuidar das crianças, Lucy fora para a

escola e Robert a uma excursão da escola para York. Quando Alan e eu pegamos Stephen no hospital, em 1º de abril, acalentamos a ingenuamente

otimista esperança de que poderíamos voltar ao normal imediatamente.

Nem bem chegamos à casa, tão ansioso, Stephen começou a engasgar

violenta e incessantemente e quase imediatamente caiu para trás em um estado de desespero. Não havia nada que pudéssemos fazer para ajudá-lo

em seu sofrimento, apesar de todos os conselhos dos médicos especialistas.

Ele engasgava em qualquer posição que adotasse, fosse sentado fosse deitado. Não conseguia comer nem beber e estava fraco demais para

suportar a fisioterapia. Minha mãe, Bernard Carr, Alan e eu adotamos um sistema de revezamento. Um ou dois se sentavam com Stephen o dia todo e

a noite toda enquanto os outros dormiam. Havia pouca dúvida de que a situação era extremamente crítica. Eu praticamente não precisava que os médicos me dissessem que devia me preparar para o pior.

Onde a ciência médica havia admitido a derrota, a preocupação

demonstrada por amigos trouxe um inesperado renascimento da força,

inspirando uma renovação espontânea da esperança. John Sturdy, decano do

Caius, e sua esposa Jill apareceram uma noite, silenciosa e

discretamente, para oferecer apoio por meio de suas orações. Alunos e colegas de Stephen foram inabaláveis em sua devoção, visitando-o

regularmente e ajudando a cuidar dele, muitas vezes durante a noite. Aos

poucos, embora ainda muito frágil e propenso a ataques de asfixia, Stephen

começou a melhorar, até que no dia 4 de abril, um domingo, ele passou o

dia inteiro sem engasgar e conseguiu comer um pouco de comida

amassada. Contudo, nessa noite seu estado se deteriorou de novo, e no dia

seguinte estávamos de volta à estaca zero. Robert acordou naquela manhã

com temperatura elevada, coberto da cabeça aos pés de bolhas de catapora,

e durante o dia teve delírios.

Como meu pai estava prestes a se internar no hospital de St Albans para fazer uma cirurgia, ele e minha mãe haviam voltado para casa quando

Stephen começara a mostrar sinais de recuperação. Em sua ausência, tive

de me apoiar em meus bons amigos para ajudar com as crianças, em especial em Joy Cadbury, que havia vários anos estava por ali, sempre pronta para ajudar, com o máximo de sensibilidade, quando surgia a necessidade. Em 1973, Robert havia ficado com os Cadbury enquanto

estávamos na Rússia, e ele e Lucy sempre se sentiram muito à vontade com

os filhos deles, Thomas e Lucy Grace. Eles já haviam passado algumas noites com os Cadbury quando Stephen estava na UTI e eu com ele no hospital. A magnanimidade com que Joy se ofereceu para cuidar de Robert,

todo cheio de bolhas vermelhas como estava, foi muito além de qualquer senso de amizade, uma vez que era previsto que seus dois filhos pegariam

catapora dentro das próximas três semanas. Eu não tive outra opção a não

ser deixar Robert ir, pois as exigências sobre mim eram tão grandes, e meus próprios recursos tão esgotados, que eu mal podia registrar o que estava acontecendo conosco.

Sob o terno cuidado de Joy, Robert recuperou a saúde, mas, claro, os filhos dela sucumbiram. Meu pai fez sua cirurgia, e quando, um dia depois,

eu consegui tirar uma tarde para fazer-lhe uma visita expressa no St Albans, fiquei feliz por encontrá-lo ativo de novo, andando pela ala. A recuperação de Stephen era mais lenta e menos previsível, principalmente

porque ele se recusava a tomar a penicilina que lhe haviam prescrito. Ele ficava sentado em silêncio em sua cadeira, descansando a cabeça na mão, na mesma postura melancólica que adotara pela primeira vez nos anos 1960. Ele não falava, engasgava com frequência, e comia e bebia em pequenos e cuidadosos goles. Não estava forte o suficiente para sair, de modo que o Departamento foi até ele e realizou seus seminários em nossa

sala de estar. No último fim de semana da Páscoa, ele começou a mostrar sinais de estar ganhando força. Só então pudemos começar a dormir à noite

e eu pude relaxar a guarda um pouco. As crianças voltaram para casa, e na

última semana de férias escolares esperávamos recuperar o atraso com algumas atividades.

Stephen tinha outras ideias. Naquela segunda-feira da semana da

Páscoa, ainda nos estágios iniciais de convalescença, ele convocou seus alunos, requisitou o carro e partiu para uma conferência de cinco dias em

Oxford. Na porta, observando-os partir, minha descrença em tamanha

imprudência se condensava em uma necessidade desesperada de fugir dali,

para o mais longe possível. Dennis e Lydia Sciama, que ficaram

horrorizados com a temeridade de Stephen, recomendaram-me um hotel

em St Ives, na Cornualha. Atordoada pela miserável incompreensão, mal

sabendo aonde estávamos indo ou por quê, impulsionada por um desejo maluco de ficar longe de Cambridge, as crianças e eu fugimos para Londres

e pegamos um trem em Paddington para a região oeste. O trem nos levou

mais e mais ao sul. Depois de Exeter desacelerou, arrastando-se a passo de

caracol, serpeando pelas sinuosas linhas secundárias. Alheia à passagem lenta do tempo, aos jogos das crianças, às risadas e às conversas, eu olhava fixamente pela janela, observando os campos da Cornualha salpicados de prímulas sem de fato vê-los, mergulhada em um estado de estupor de desânimo e exaustão.

— 5 —

FLORESTA CÉLTICA

ERA ÓBVIO: ESTÁVAMOS VIVENDO À BEIRA DE UM PRECIPÍCIO. AINDA ASSIM, É POSSÍVEL, mesmo à beira de um precipício, fincar raízes que penetram rochas e pedras, que se insinuam até mesmo nos solos mais pobres para formar uma

base suficientemente segura para os galhos acima, por mais atrofiados que

sejam, para produzir folhagem, flores e frutos. No final de abril, quando retornamos da Cornualha e Stephen de Oxford, as crianças voltaram para a

escola como se o pesadelo das férias da Páscoa nunca houvesse acontecido.

Silenciosamente calmo e pouco exigente, Robert sempre aceitou a doença e

a incapacidade de seu pai, e, felizmente, ele fora para uma escola que proporcionava muitas possibilidades de fazer todas aquelas atividades físicas que ele e Stephen não poderiam fazer juntos. Como Lucy seguia os

passos do irmão em tudo, ela apresentou poucos sinais de perturbação na

natureza não convencional de seu contexto. Nossa vida parecia ter

retomado seu ritmo habitual, mas, talvez, com uma determinação ainda maior para nos concentrarmos em cada momento de cada dia. Quando

Stephen e as crianças se acomodaram em suas rotinas, usei cada segundo

livre para anotar algumas ideias sobre a tese; redecorei, mais uma vez, a casa alugada de propriedade conjunta de Robert e seus avós, da qual dependíamos para pagar parte de suas despesas escolares; eu ia à aula de

canto sempre que possível; cozinhava para jantares para as crescentes hordas de visitas de verão ao Departamento.

Em pleno verão, uma equipe de televisão da BBC apareceu para fazer um filme sobre Stephen, como parte de um documentário de duas horas sobre as origens do universo. Por coincidência, a produtora, Vivienne King,

havia sido aluna de Westfield no mesmo ano que eu. Apesar de ter estudado Matemática, ela não adotava uma abordagem científica linha dura

nas filmagens; queria apresentar Stephen de forma simpática, como uma pessoa bem desenvolvida, tendo como pano de fundo sua vida familiar.

Essa imagem me atraiu, porque eu temia que uma rigorosa abordagem

científica o apresentasse como um personagem sinistro, como o malévolo doutor Strangelove, do filme de Stanley Kubrick, de cadeira de rodas. O

produto final, o primeiro e melhor de sua espécie, continha os elementos de

um idílio poético – ainda que em um contexto científico. Via-se Stephen, claro, no trabalho no Departamento, interagindo com seus alunos, dando seminários, expondo suas teorias mais recentes. Ele também foi

entrevistado em casa com a participação ao fundo das duas crianças brincando ao sol do verão entre as flores do jardim. Quando o filme foi exibido em todo o mundo, no inverno seguinte, como parte de um grande

documentário da BBC – *The Key to the Universe* –, uma amiga de escola de Lucy, filha de uma professora visitante, assistiu-o quando voltou ao Japão.

A mãe nos escreveu para dizer que sua filha ficou paralisada na frente da

televisão quando viu Lucy sentada em seu balanço debaixo da macieira.

“Lucy, Lucy...”, era só o que ela conseguia dizer, e as lágrimas corriam por seu rosto.

Essa era, sem dúvida, a imagem de autossuficiência a que nós

continuamos a aspirar, apesar de que ela e a doce ilusão de sucesso foram

ficando mais difíceis de sustentar. Alan Lapedes estava tão exausto quando

voltou da conferência de Oxford, depois da Páscoa, que passara duas semanas fora para se recuperar. Afinal, ele também estava doente, com uma infecção no pulmão, mas ninguém dera atenção a seu estado de saúde,

pois sua ajuda era urgentemente necessária no atendimento a Stephen. Ele

generosamente ajudou durante todo o período crítico – e mais além, porque quando Stephen decidiu ir para Oxford, Alan não teve escolha senão

acompanhá-lo.

As corajosas tentativas de Stephen de parecer em forma e bem podiam

tê-lo deixado em uma boa posição no Departamento, mas, em casa, seu ânimo estava assustadoramente baixo e sua constituição perigosamente

enfraquecida. Ele falava apenas para expressar suas demandas, nem bem tinha uma necessidade atendida, uma ordem cumprida, outra surgia,

levando-me até o limite de minha resistência. Precisávamos de ajuda mais

que nunca, mas não havia nenhuma no horizonte, apesar do apelo conjunto

dos nossos médicos ao Serviço Nacional de Saúde. De qualquer maneira, Stephen ainda se recusava terminantemente a aceitar qualquer ajuda

externa. Meu médico requereu à autoridade local uma ajuda em casa, para

auxiliar com as tarefas domésticas, uma vez que toda nossa renda extra era

gasta nas crescentes taxas escolares de Robert e não podíamos nos dar ao

luxo de uma ajuda diária. Contudo, nenhuma ajuda se materializou, porque

quando a assistente social foi nos avaliar, um simples olhar em nosso entorno foi o suficiente para nos desqualificar para quaisquer benefícios.

Ela era apenas uma de uma longa lista de pessoas que não conseguiam distinguir entre a ilusão dourada que lutávamos para manter e a realidade

brutal no cerne de nossa situação.

A ajuda, quando chegou, assumiu uma forma que, em sua inocência, era

tão preciosa que embora aliviasse a tensão física, aumentou cem vezes mais

minha culpa por ser incapaz de me virar sozinha. Robert, com quase nove

anos, saiu da infância e começou a levar e buscar, levantar e empurrar, alimentar e lavar, e até mesmo levar seu pai ao banheiro quando eu estava

sobrecarregada com o peso de outras tarefas, ou simplesmente esgotada demais para responder. Na pragmática filosofia de sobrevivência de

Stephen, os braços e as pernas de Robert eram um bom substituto para os

seus próprios como os de qualquer outra pessoa, e certamente melhor que

ter uma enfermeira em casa, mesmo que temporariamente. Contudo,

perturbou-me muito que a infância de Robert, esse período único de liberdade, tenha tido uma conclusão tão abrupta.

Para a semana de recesso escolar, no final de maio, organizei as férias

de família que não tivemos na Páscoa – cinco dias de descanso em nosso hotel favorito, o Anchor, em Walberswick, a apenas duas horas e meia de carro de Cambridge. Apesar de todos os esforços do pessoal do hotel para

atender a todas as nossas necessidades, incluindo a dieta, o feriado foi um

desastre. Stephen engasgou do início ao fim, mas ficou ressentido com a sugestão de que talvez preferisse fazer suas refeições na privacidade da nosso

próprio chalé. Consequentemente, todas as refeições eram uma

provação, como seus sibilos convulsivos ricocheteando nas paredes e

distraindo os outros hóspedes de sua comida. Ele caiu em uma letargia deprimida e construiu um muro em torno de si, comunicando-se apenas para expressar suas necessidades em um jogo mórbido de “O mestre

mandou...”. A ajuda de Robert foi requisitada mais e mais quando cheguei

ao ponto de ruptura – como fiz muitas vezes, quando essa situação exigia

mais resistência e coragem do que eu possuía.

Eu estava desesperada por ajuda e me perguntava muitas vezes onde

poderia encontrá-la, ficando quase sempre sem resposta. Nossos amigos estavam todos bastante ansiosos para ajudar no curto prazo, mas tinham suas famílias, a própria vida para cuidar. Não havia ninguém que pudesse

dispor de tempo ou energia para nos dar a dedicação de que tanto necessitávamos – acima de tudo para aliviar Robert dos prematuros

encargos e das responsabilidades que estavam sendo jogados sobre seus jovens ombros. Em meu desespero, falei com os pais de Stephen, pois eram

as únicas pessoas a quem eu poderia recorrer. Meus pais haviam nos ajudado muito durante todo o nosso casamento e eram avós maravilhosos,

mas havia pouco que pudessem fazer nessa situação extrema em que a intervenção médica era muitas vezes necessária, nem eu sentia que era justo lhes pedir mais. O pai de Stephen havia prometido ajudar no que fosse

possível naquele período de euforia antes do nosso casamento, em 1965.

De fato, Frank Hawking havia pintado o banheiro para nós quando nos mudamos para a Little St Mary’s Lane; ele e Isobel haviam pago minha estadia na casa de repouso quando Robert nasceu, e também pagaram uma

faxineira uma vez por semana quando Robert era bebê. Eles nos deram uma

grande soma em dinheiro para nos ajudar a comprar nossa casa, e generosamente deram duas antiguidades da família para enfeitar nossa sala de estar. Isobel viera cuidar de Stephen quando as crianças nasceram,

e ela também havia se preparado para viajar de avião com ele para as conferências no mundo todo quando as crianças pequenas e a fobia de voar

me mantinham de castigo. Em nossa viagem anual para a casa de campo no

País de Gales, ela e Frank poderiam ser invocados para ajudar com os cuidados a Stephen; ela, com uma controlada boa natureza, muitas vezes acalmava a impaciência de seu marido, a quem claramente custava um esforço emocional considerável e muita autodisciplina reconciliar-se com as restrições da grave deficiência de Stephen, que consumiam muito tempo.

Apesar de a propriedade deles ser tão assustadoramente inadequada para

uma pessoa portadora de necessidades especiais em cadeira de rodas, eles

eram curiosamente meticulosos na inspeção de castelos e lugares bonitos

para excursões, contando os degraus e registrando quaisquer outros

obstáculos antes de nossa chegada.

Suas visitas a Cambridge, no entanto, foram sempre muito mais formais

que as dos meus pais. Mamãe e papai eram avós que demonstravam sua paixão, envolvendo-se em todos os aspectos da vida das crianças e da nossa, enquanto os pais de Stephen se comportavam como convidados em

vez de manter relações estreitas, e acabei sentindo um distanciamento na

atitude deles, como se o verniz de normalidade que se esforçavam para manter fosse tão convincente que não mais era necessário o envolvimento

de sua parte. Quando voltamos de Walberswick, eu escrevi uma carta desesperada para eles pedindo que trouxessem sua sanidade mental e seus

conhecimentos médicos para cooperar com a situação e ajudar a aliviar as

dificuldades avassaladoras que nos ameaçavam. Minha promessa a Stephen

não havia mudado, mas mesmo com a melhor boa vontade do mundo, foi se

tornando muito mais difícil de sustentar, em especial em face do estresse implacável durante todo o dia, todos os dias, e grande parte da noite também. No mínimo, o ritmo de vida acelerou desde a recente infecção pulmonar de Stephen, com uma grande conferência em Cambridge, mais

jantares, mais coquetéis e mais recepções. Eu estava no ponto de ruptura,

mas Stephen ainda rejeitava todas as propostas para aliviar-me, tanto quanto as crianças – especialmente Robert – do esforço. Sua rejeição constante à nossa necessidade de mais ajuda era uma força alienante, que

desgastava a empatia com a qual eu havia compartilhado cada etapa

desanimadora no desenvolvimento de seu estado. Em resposta a minha

carta, Frank Hawking prometeu conversar com o médico de Stephen sobre

os aspectos médicos do caso e disse que teríamos uma grande

oportunidade de discutir outros assuntos com mais profundidade durante

nossas próximas férias de verão em Llandogo.

Houve, na verdade, muito pouca oportunidade de discutir esses

problemas em Wales, por causa da característica relutância dos Hawking de discutir qualquer coisa de natureza pessoal. De forma responsável, Frank ajudava com os cuidados a Stephen todas as manhãs, e a seguir, geralmente usando botas e casaco impermeável, ele desaparecia no deserto

para atacar as ervas daninhas que estavam debochando de suas tentativas

de cultivar vegetais nas condições tropicais da íngreme encosta voltada para o leste. Isobel corajosamente fazia seu melhor para organizar passeios

interessantes para nós, evitando as chuvas no período da tarde –

piqueniques, uma visita ao Castelo de Goodrich, caça ao trevo de quatro folhas –, todos passeios agradáveis, familiares, realizados sem nenhuma referência aos problemas subjacentes e às tensões. Certa manhã, ela veio até mim e em um tom de desafio confuso, disse:

– Se quiser falar com ele, é melhor agora.

Ela apontou para fora onde Frank estava, na chuva. Vesti minha capa de

chuva e me juntei a ele sob as árvores gotejantes. Caminhamos ao longo da

estrada, sem falar, espirrando água ao atravessar os regatos que corriam em linha reta até o morro para inchar o rio no vale abaixo. Meus pensamentos e minhas emoções se debatiam em um redemoinho tão

caótico que não seriam tão facilmente canalizados para um fluxo coerente.

Eu tinha medo de parecer desleal com Stephen, mas tinha de convencer sua

família de que nem tudo estava bem, que formas e meios tinham de ser procurados e, se necessário, impostos, para aliviar as cargas. No mínimo, era essencial aliviar Robert das tarefas que o oprimiam.

Não atingi nenhum dos meus objetivos. A mera sugestão de insatisfação

com nossa situação foi rapidamente interpretada como deslealdade com Stephen, sumariamente descartada com a implicação de que era um

sintoma de minha inadequação. Frank pelo menos se ofereceu para discutir

a situação com Stephen, mas eu duvidava que suas palavras tivessem algum efeito. De qualquer forma, afirmou ele, nem pensar em forçar Stephen a aceitar mais ajuda. Seus únicos outros comentários foram que Stephen era muito corajoso, que ele tirava coragem de sua determinação, e

que ele próprio, Frank, tinha certeza de que o filho estava fazendo o melhor que podia por sua família. Ele nos sustentava, tínhamos dois filhos adoráveis e muita sorte na posição que ocupávamos. Eu não contestei a veracidade de tudo isso, e em comparação a muitas famílias com

necessidades especiais, nós, sem dúvida, estávamos bem de vida, mas havia

pouco conforto na repetição dessas banalidades. Essas eram as bênçãos com que eu mesma havia me condicionado a contar por tantos anos. Eu sabia muito bem que a determinação de Stephen era sua defesa contra a doença, mas não entendia por que ele tinha de usá-la como uma arma contra sua família. Quanto a Robert, Frank expressou sua preocupação com

ele. Robert era muito introvertido, disse ele; tinha de ser levado para fora de seu escudo para que, no futuro, a inépcia social não prejudicasse sua carreira como Frank acreditava que havia prejudicado a sua, privando-o do

reconhecimento por seu importante trabalho em Medicina tropical.

Não adiantava discutir. Apesar de robusto e saudável, Frank era velho,

uns dez anos mais velho que meu pai. Talvez ele estivesse velho demais para entender como eu me sentia e para se ajustar ao que eu lhe estava pedindo. Independentemente de sua genuína preocupação com Stephen, de

modo evidente ele achava difícil ver o que estava diante de seus olhos.

Tentar explicar o óbvio, repetir o conteúdo de minha carta – que a introversão de Robert era principalmente resultado da situação em casa –

teria sido impossível; ainda mais considerando que minha sugestão

puramente prática de que talvez Frank e Isobel pudessem começar a

participar da administração da casa alugada em Cambridge, em especial visto que eram necessárias tanta redecoração e reformas entre os aluguéis,

havia sido descartada imediatamente por causa da distância – cerca de oitenta quilômetros – entre St. Albans e Cambridge. A conversa se esgotou

e voltamos para casa.

Mais tarde o céu clareou. Eu estava sentada no terraço debulhando

ervilhas para o almoço quando Isobel veio e sentou-se ao meu lado.

– Então, falou com ele? – ela perguntou olhando-me fixamente.

– Não exatamente – respondi.

Ela apertou os lábios e com o mesmo desafio que havia demonstrado anteriormente e anunciou com ferocidade:

– Você sabe que ele nunca permitirá que Stephen seja colocado em uma

clínica, não é?

Assim dizendo, ela se levantou, girou nos calcanhares e marchou para

dentro de casa. Sua observação me deixou com raiva. Eu nunca sequer havia pensado em uma clínica para Stephen, muito menos mencionado uma

ideia tão absurda. Eu havia simplesmente pedido ajuda para proteger meu

próprio filho tão novo dos estragos psicológicos da doença física que afligia o filho deles. Humilhada e ainda mais desanimada, eu me levantei.

Abandonando a panela quase cheia de ervilhas, afastei-me lentamente da casa e adentrei a floresta de Cleddon, e ali, em completa desolação, sentei-me em uma grande pedra achatada, mal consciente do ruído das quedas d'água que ecoavam em meus ouvidos. Nunca estive tão sozinha – sozinha

lá na floresta, na encosta do córrego de águas rápidas. Havia simpatia na natureza quando os seres humanos não podiam oferecer nenhuma, porém

ela era impotente para influenciar seres intelectuais, cujo único critério era o pensamento racional, que se recusavam a reconhecer a realidade quando

se erguia, nua, diante deles, pedindo ajuda.

Na segunda semana do feriado, quando o sol brilhava confiável no céu

claro, parecia que eu poderia ter julgado mal a mãe de Stephen. Ela nos levou a um hotel à beira-mar e dividiu os cuidados a Stephen durante grande parte do tempo, às vezes dando-lhe suas refeições, ajudando a vesti-lo e sentando-se ao lado dele na trilha acima da praia para que eu pudesse

brincar com as crianças nas areias abaixo e tomar banho de mar. Meu ânimo cresceu quando minhas energias começaram a reviver. Parecia que

Isobel estava respondendo aos meus apelos, afinal, e ela estava realmente

se esforçando para ajudar. Fiquei grata, mas sorri com perplexidade por causa de algumas das observações que ela fez.

– Cuidar de Stephen não é tão difícil, sabe? – observou

despreocupadamente. – Robert não parece se incomodar de ajudar o pai.

Na verdade, acho que é bom para os dois – foi sua próxima alegre observação. Eu estava preparada para ver nessas observações a gentileza que queriam transmitir, tendo em vista que o feriado que ela

generosamente nos fornecera havia sido tão divertido e tão benéfico para

todos nós. No entanto, a insistência sobre a facilidade com que todas as minhas responsabilidades poderiam ser realizadas, e a implicação de que meus gritos de socorro não precisavam ser levados a sério, minaram minha

revivida confiança nela. Isobel parecia não entender que, enquanto minha

ingenuidade da infância havia muito morrera e meu inerente otimismo juvenil desaparecera, a ideia de que isso já estava acontecendo com Robert

com menos de dez anos era insuportável.

– A cadeira de rodas não é tão pesada quanto eu imaginava – anunciou

ela alegremente no final da semana. – Lucy me ajudou a colocar a cadeira e

as baterias no carro e juntas conseguimos perfeitamente bem.

Lucy tinha cinco anos; o peso da cadeira e suas baterias de gel sólido já

havia feito muitos estudantes robustos empalidecer.

Uma triste notícia nos recebeu em Cambridge no final de agosto.

Durante nossa ausência, Thelma Thatcher havia sido internada para uma cirurgia da qual não se recuperou. Nos dez anos que nos conhecemos, embora fosse uma grande parte de nossa vida, eram apenas uma pequena

parte da dela, mas ela nos tratou como se fôssemos de sua família. Sua alma

era grande, abrangente, afetuosa e prática, sempre pronta para prestar ajuda em tempos de crise, sempre pronta a ajudar aqueles em situação pior

que a dela, sempre pronta com seu senso de humor rápido para identificar

o ridículo ou absurdo. As crianças a adoravam como uma avó adotiva. Para

mim, ela foi uma verdadeira amiga e uma aliada incondicional, cujo julgamento, eu sabia, era sempre sensato, mesmo que às vezes fosse difícil

de digerir. Eu a vira pouco antes de irmos ao País de Gales. Ela era calma,

considerava seus problemas de saúde insignificantes, embora já soubesse que eram sérios. Normalmente ela estava mais interessada em falar sobre

nós.

– Eu queria que a velha Thatcher fosse mais forte e pudesse ajudar mais

sua brava menina – disse ela enquanto me abraçou pela última vez.

— 6 —

OLHANDO PARA TRÁS

NAQUELE OUTONO, MUITOS CIENTISTAS SE JUNTARAM A NÓS NAS REFEIÇÕES EM FAMÍLIA no final de longos dias cheios de toda a azáfama habitual relativa às crianças e às escolas, aos clubes e às atividades extraescolares, bem como

das necessidades de Stephen. Pouca coisa havia mudado em nossa situação

– e a ajuda de Robert ainda era frequentemente solicitada em casa –, mas

aquela semana à beira do mar, a segunda semana do feriado no País de Gales,

havia restaurado tanto minha força e minha determinação, que eu estava mais capaz de lidar com tudo. Stephen também estava melhor de saúde e ânimo, mas sua recuperação da crise de pneumonia da primavera

não significava que a ELA – que continuava cobrando seu implacável tributo de degeneração muscular –, as dificuldades alimentares, os ataques

de asfixia e os problemas respiratórios houvessem diminuído.

No Departamento, o último exercício acadêmico a ganhar popularidade

era o simpósio, uma espécie de conferência prolongada que se estendia ao

longo de um ano inteiro. Esse exercício era muito atraente para Stephen, pois, com o aumento do financiamento agora a sua disposição, ele poderia

trazer cientistas de todo o mundo para Cambridge e trabalhar com eles quando quisesse em longos projetos, como livros e dissertações – algo que

teria sido uma tarefa impossível na atmosfera apressada da conferência de

quatro ou cinco dias habituais. Embora ele ainda oscilasse entre seus interesses pela relatividade geral e a mecânica quântica, a maioria das visitas do grupo da relatividade no início do ano letivo foi dos velhos rostos familiares, e a maioria provinha da América do Norte.

Do meu ponto de vista, os mais desafiadores deles foram os modestos e

amáveis Chandrasekhar, não por causa de algum conflito de personalidade,

mas porque pouco antes de chegarem para um jantar, descobri que eram vegetarianos. Supus que eram vegetarianos depois de equivocadamente

lhes servir um sanduíche de peixe em um chá, mas não suspeitara de complicações futuras. Foi necessária a revisão de última hora do cardápio.

Descartei minhas receitas previstas, e fui atrás de pratos livres de carne, leite e peixe – e que também não levassem glúten nem açúcar. Meu velho

espanhol em *stand-by*, o gaspacho, deu um toque de distinção a um risoto de

cogumelos e cebola. Era, na verdade, mais apropriado para a mesa da ceia de domingo que para um jantar para esses ilustres convidados.

No meio do trimestre, a panelinha de Cambridge fugiu para Oxford,

para onde Dennis Sciama havia se mudado para assumir uma bolsa de estudos no All Souls College. Roger Penrose foi nomeado professor de Matemática lá, e ele e Dennis regularmente organizavam conferências de um, dois e três dias. Enquanto Stephen e seus colegas davam seus

seminários, aproveitei a oportunidade para conhecer melhor os museus e

os monumentos de Oxford. Ao longo dos últimos anos nós havíamos feito visitas semestrais aos encontros de Oxford, mesmo quando as crianças eram muito pequenas, e eu também havia começado a apreciar o encanto

do lugar, ao mesmo tempo mais cosmopolita e animado que seu homólogo

pantanoso. Stephen adorava estar de volta a Oxford. Ele tinha o layout da

cidade na cabeça, e com um toque de orgulho, podia me guiar

infalivelmente para qualquer local, sugerindo travessas, ruas e ruelas com

calma confiança. Com nostalgia ele apontava a parede que uma vez havia escalado, para cair nos braços de um policial; e a ponte onde ele e alguns

amigos picharam o símbolo da paz no meio da noite, quando um policial passou e prendeu seus amigos, que deixaram Stephen pendurado em uma

gaiola debaixo da ponte. Essas e outras lorotas similares tinham uma aura

meio apócrifa para eles, embora houvesse muitas fotos para atestar as desastrosas brincadeiras de Stephen no rio. Havia pouca dúvida também de

que ele fora um ansioso participante de uma espécie de competição de cerveja, imposta como uma multa por uma violação de comportamento. O

deleite de Stephen nessas memórias era comovente: elas davam uma

pequena amostra do antigo garoto rebelde e despreocupado por quem eu

havia me apaixonado. Relacionavam-se, é claro, aos dias de sua juventude

hedonista, antes do diagnóstico da ELA, que foi, em termos cronológicos, um fenômeno Cambridge.

Para conferências e viagens mais distantes agora havia uma abundância

de colegas e alunos felizes com a oportunidade de viajar e conhecer os nomes famosos da Física. Isso foi um grande alívio para mim, pois eu ainda

tinha medo tanto de aviões como de deixar meus filhos. Eu tentava ser pai e

mãe para cada um deles e não queria que sofressem por ter um pai com uma deficiência grave, mas, naturalmente, encorajei-os a amá-lo e respeitá-

lo. Sem o conhecimento de Stephen, eu compartilhei minhas preocupações

com os professores das crianças na vã esperança de protegê-las contra as

provocações no parquinho. Ocasionalmente – como em dezembro de 1976,

quando Stephen foi com seus alunos para Boston para uma conferência antes do Natal – eu pude me dedicar ao meu papel materno, assistir às peças natalinas, às apresentações de balé e hinos natalinos da escola e levar as crianças à festa de Natal da faculdade.

Em dezembro daquele ano, Alan Lapedes, que nos dera pacientemente

sua ajuda dedicada durante todo o período de crise, voltou para sua casa em Princeton. Então, limpei o quarto de hóspedes, nosso quarto na parte de

cima da casa, para a chegada do novo físico residente, Don Page, que havíamos conhecido na Califórnia, onde havia sido aluno de pós-graduação

de Kip Thorne. Ele e sua mãe haviam ido a Cambridge em uma viagem de

inspeção. Naturalmente, eles queriam ver se o acordo que estávamos

oferecendo era adequado – e, desconfio, para avaliar se eu era uma senhoria suficientemente respeitável. É evidente que passei no teste, e Don

pulou energeticamente para dentro de nossa casa, como o Tigrão de A. A.

Milne. Ele chegou com Stephen de Boston no dia 18 de dezembro, e participou ansiosamente de todas as nossas festividades de Natal.

Eu vivia entre físicos há tempo suficiente para saber que a maioria deles tem origens pouco comuns. O passado de Don Page era tão incomum

que chegava a ser excepcional, até mesmo para os físicos. Nascido de pais

missionários e professores, ele foi criado em isolamento em uma parte remota do Alasca, onde seus pais lhe proveram sua primeira escolarização.

Mais tarde, frequentou um colégio cristão em Missouri, estado de origem de seus pais, e de lá foi para a Caltech, onde se juntou ao grupo de Kip como estudante de pós-graduação. Suas crenças fundamentalistas estavam tão firmemente arraigadas que o aparente confronto entre elas e seu campo de

estudo – a Física gravitacional e as origens do universo –, embora paradoxais para muitos espectadores, não parecia incomodá-lo demais,

porque ele era capaz de compartimentar suas atividades. Por um lado, seu

cristianismo era devoto, baseado em princípios acordes com os valores absolutos que, até então incontestados em sua rigidez, podiam parecer falta

de sensibilidade; por outro, suas sérias convicções evangélicas exigiam dele um zelo incansável em todos os seus empreendimentos.

Embora eu respeitasse seu fervor – ele ia à igreja duas vezes aos domingos e fazia aulas complementares de estudo da Bíblia no meio da semana – e saudasse a solidária influência religiosa que ele trouxe para nossa vida, eu estava ao lado de Stephen na recusa a ser evangelizada, em

especial na hora do almoço. Sem dúvida bem-intencionado, Don alimentava

a esperança de promover uma conversão espetacular – comparável à de Saulo a caminho de Damasco – por meio de suas leituras bíblicas e orações

matinais. Eu poderia ter dito a ele que estava condenado ao fracasso, que

por sua ampla estrada iluminada pelas certezas bíblicas era ainda menos provável que eu encontrasse o sucesso que por meu próprio caminho, um

tranquilo e despretensioso passo lento por pistas sinuosas de simples confiança na fé e nas obras. Stephen não tinha paciência com nada além do

poder racional da Física, de modo que eu duvidava muito que as sinceras leituras e os sermões literais de Don – às oito e meia da manhã, quando eu

voltava depois de levar Lucy à escola – fossem iluminar o caminho adiante.

De qualquer forma, Stephen sempre se escondia atrás do jornal, que ficava

apoiado em uma estrutura de madeira por falta de um e-reader, no café da

manhã. O jornal em pé era uma barreira que a colher cheia tinha de vencer

para levar seu substancial café da manhã de pílulas, laxante, ovos cozidos,

costeletas de porco, arroz e chá, e também era uma barreira para a conversa.

Don não havia previsto essa barreira quando desceu para o café, nos primeiros dias, armado com a Bíblia e folhetos edificantes. Eu não disse nada, deixando-o dirigir-se a sua congregação invisível da melhor maneira

possível. Blindado pelo *Times*, Stephen não seria distraído de seu exame dos assuntos atuais, essencial para um membro que se orgulhava de ter a

última palavra nas mesas de discussões – fosse sobre a situação financeira

precária da Grã-Bretanha desfalcada por empréstimos dos Estados Unidos,

fosse sobre os testes do ônibus espacial. Eu normalmente conseguia não muito mais que dar uma olhada rápida nas manchetes, enquanto Stephen

lia devagar, fotografando mentalmente e digerindo cada trecho de

informação, todos os fatos e as imagens, para regurgitá-los em alguma ocasião mais tarde, provavelmente na mesa dos membros.

Conforme Don foi descobrindo que sua tarefa era árdua, ocorreu-me

que era necessária uma distração, de modo que o convidei a se servir de cereais, granola, ovos cozidos e torradas, e perguntei-lhe se já havia experimentado Marmite. Ele pegou o pote marrom redondo de tampa

amarela.

– Não, não temos isso nos Estados Unidos. Imagino que seja algum tipo

de chocolate – respondeu ele, avidamente passando grandes colheradas da

substância escura e melada em sua fatia de pão.

– Experimente – disse eu, e ele deu uma grande mordida.

Sua expressão aberta, infantil, dobrou-se em rugas de nojo pelo assalto

salgado e pungente a suas papilas gustativas. Até Stephen levantou os olhos

do jornal, e seu largo sorriso revelou aquelas covinhas sedutoras em suas

bochechas. Bem-humorado, depois de um momento de perplexidade, Don

foi capaz de levar na boa a brincadeira, e nunca mais levou seu zelo proselitista para a mesa do café da manhã.

A grande vantagem de ter um norte-americano da Caltech em casa era

que sempre que Stephen queria ir a Los Angeles – ou a qualquer outro lugar nos Estados Unidos no interesse da ciência –, o norte-americano ia querer ir também. Assim, embora no verão seguinte Stephen tenha me pressionado para que o acompanhasse aos Estados Unidos por três

semanas, Don estava muito mais preparado para ir no meu lugar. Essa fácil

solução inesperadamente para um problema previamente intratável abriu

meu caminho para realizar um desejo adormecido por muitos anos.

Passaram-se, de fato, treze anos desde que eu havia posto os pés no continente espanhol, e eu desejava renovar meu contato com esse país e sua civilização, que havia desempenhado um papel tão importante em

minha formação antes que todas as minhas modestas pretensões e

aspirações fossem engolidas. As gentilezas trocadas nas noites de jantares

com o mordomo espanhol da Caius mal haviam bastado para manter meu

domínio uma vez fluente da língua falada, e ao longo dos anos minha habilidade havia diminuído lamentavelmente até um punhado de fórmulas

polidas insubstanciais. A tese estava sofrendo de uma grave falta de inspiração e motivação, em parte por causa de sua extensão, que havia se

tornado incômoda, e em parte por causa das enormes quantidades de notas

desconexas que deviam ser incorporadas em algum tipo de ordem; e

também porque os temas eram tão remotos que eu estava perdendo o

contato com eles.

Como sempre, meus pais vibraram à mera sugestão de umas férias com

seus netos, e juntos, eles e eu planejamos uma longa turnê pelo norte da Espanha e Portugal, coincidindo aqui e ali com o Caminho Francês, a antiga

rota de peregrinação a Santiago de Compostela. O simples exercício de planejamento trouxe de volta lembranças daquelas maravilhosas férias

europeias dos tempos antigos – em especial porque meu pai, com seu faro

de historiador, não havia perdido seu talento para encontrar tesouros históricos singulares que o turista comum teria ignorado.

Uma vez livre de todas as atividades de verão – jantares para uma miniconferência, churrascos, almoços, chás das crianças, dias de esportes na escola, apresentações na faculdade, considerações banais, mas

necessárias, como a manutenção do carro e a limpeza da casa alugada para

alugar de novo, e, em última análise, um violento ataque de sarampo que deixou Lucy de cama pouco antes do fim do trimestre –, Stephen partiu para a

Califórnia e nós, por fim, para Bilbao. Apesar de a encardida cidade

industrial na costa norte da Espanha ter nos dado uma recepção nublada e

úmida, meu coração disparou quando pisei solo espanhol de novo. E

continuou pulando durante toda essa viagem, não só pela redescoberta da

Espanha, um país liberto, onde o fascismo estava morto e a democracia havia sido hesitantemente estabelecida, mas também pelos vislumbres

perceptíveis de meu eu anterior, a adolescente um dia esperançosa,

aventureira, havia muito tempo enterrada sob uma pilha de fardos

exigentes e prioridades mais urgentes. Aos poucos recuperei minha

compreensão da língua espanhola, sua gramática, sintaxe e vocabulário, que também faziam parte de minha redescoberta. Com sua vitalidade, a língua despertou minha voz linguística, por tanto tempo reduzida a um silêncio tímido pelo peso opressivo do preconceito intelectual em

Cambridge, onde logo se aprendia a ficar quieto em vez de fazer papel de

bobo.

Cidades com nomes sonoros – Burgos, Salamanca, Santiago, León,

Coimbra e Porto – e catedrais extravagantes, mosteiros medievais, capelas

moçárabes, procissões de peregrinos, planícies banhadas pelo sol e olivais

retorcidos abriam caminhos de luz ofuscante e calor tórrido na monotonia

fria de nossa vida no norte. Nas enseadas, rios, pinheiros e montanhas rochosas, descobri a paisagem e as tradições de vida das *cantigas de amigo*.

A sensação de que o grande peso da bolsa de estudos que eu estava tentando moldar em uma tese tinha alguma base na realidade, que os estudos medievais eram, afinal, uma atividade mais relevante e produtiva

que pegar pedrinhas na praia, deu-me um grande impulso. Prometi a mim

mesma que terminaria a tese, não importava o que acontecesse, mesmo que ela não pudesse me levar a lugar nenhum, mesmo que fosse

simplesmente um fim em si mesma. Eu me sentia impaciente para registrar

tudo o que via e relacionar com os textos, mas não tanto a ponto de querer

correr de volta para Cambridge antes que houvéssemos espremido cada grama de benefícios daquelas semanas na Espanha e em Portugal. As

crianças, afinal, precisavam de alguma compensação, na forma de alguns dias à beira-mar, por todas as horas que haviam passado na parte de trás

do carro sem reclamar. Lucy, cuja imaginação era tão fértil que era capaz de manter a si mesma e a todo mundo entretido, não importava quanto tempo

durassem as viagens ou quão escaldante fosse o calor, ficou fascinada pela

concha que ornamentava a rota de peregrinação ao túmulo de Santiago. Ela

prestou atenção nas conchas, nos edifícios, nas estátuas e nas placas, deixando escapar um grito de triunfo quando avistava uma. Talvez não seja

surpreendente, depois de tantos monumentos religiosos, que ela e Robert

tivessem uma compreensão bastante confusa da vida dos santos e, como resultado, quando chegamos à praia de Ofir, em Portugal, eles inventaram

um jogo maluco no qual Lucy desempenhava o papel de João Batista, encharcando seu irmão com água do mar, enquanto ele, enrolado em uma

toalha, fez o papel de um estoico peregrino a caminho do túmulo de Santiago. Qualquer conotação religiosa para esse jogo era, desnecessário dizer, totalmente espúria. Enquanto as crianças estavam ocupadas com essa atividade herética e turbulenta, um quase desastre aconteceu quando

papai se viu involuntariamente trancado em seu quarto por causa de uma

fechadura com defeito. Não havia telefone no quarto e a única saída possível era

pela varanda: a única maneira de sair de sua varanda era pulando para a nossa, a vinte metros de altura, e saindo por nosso quarto.

Ele se juntou a nós na praia, explodindo de orgulho pelo feito temerário – e todos nós tivemos de concordar, divertidos e atônitos, que não era tarefa fácil para um homem de sessenta e três anos.

— 7 —

IMPASSE

NAQUELE OUTONO DE 1977, COM MINHA MENTE MAIS UMA VEZ EM DISPARADA PELAS

impressões brilhantes da Península Ibérica, eu estava determinada a

atacar a tese com uma visão e um vigor frescos, embora a organização do

material ainda fosse assustadora e o tempo um fator crucial. Stephen voltou da Califórnia para uma promoção – uma cátedra própria de Física gravitacional. Sua elevação à categoria de professor teve implicações além

de um modesto aumento de salário, pois o título e a posição lhe garantiram

mais respeito e reconhecimento aonde quer que fosse – com algumas

exceções, uma delas dentro do próprio Departamento. Sua promoção

coincidiu com a redecoração e a remodelação do Departamento, e por algum tempo ele esperou que o tapete – ao qual, como professor, ele tinha

direito – fosse colocado em sua sala. Depois de alguns meses de espera, em

vão, ele decidiu abordar o assunto com o chefe do Departamento, que protestou com rabugice:

– Só professores têm direito a tapetes – disse ele.

– Mas eu sou professor! – protestou Stephen.

No fim, confirmando um pouco tardiamente seu status, seu tapete

professoral chegou.

Tapetes à parte, Stephen tinha medo de que a nomeação impusesse

uma distância entre ele e seus alunos, mas se confortou com o fato de que a

ajuda física que ele exigia deles desarmava qualquer desconfiança criada por sua reputação elevada. Apesar de um potentado intelectual

indiscutível, ele estremecia diante da ideia de se adaptar à imagem de um

professor do *establishment*, distante de alunos e colegas. Ele preferia a imagem da juventude eterna, com o sorriso de menino, zombando da

autoridade da qual ele próprio fazia parte agora.

Embora a condição física de Stephen possa ter sido um equalizador

eficaz na esfera do Departamento, sua promoção, apesar de bem-vinda, criou problemas sutis para mim em nossas relações com o mundo em geral,

até porque sua crescente reputação excedia totalmente nossas

circunstâncias. Só nossos amigos mais próximos perceberam que em casa a

luta pela sobrevivência diária continuava inabalável como antes. Apesar dos impiedosos ataques da ELA, Stephen se tornou uma figura nacional, o

membro mais jovem da Royal Society, destinatário de inúmeros prêmios e

medalhas, sucessor de Einstein e professor da Universidade de Cambridge.

O paradoxo de sua situação fez dele o queridinho da mídia. E não só na percepção popular, mas também – eu começava a suspeitar – aos olhos da

própria família, seu sucesso era a prova de que ele havia dominado a ELA –

e, portanto, a batalha estava ganha: não era possível que precisássemos de

ajuda. A ironia mais cruel foi nos tornarmos vítimas inocentes de nosso próprio sucesso. Não era simplesmente um cisma entre a face pública e a

imagem privada; as duas estavam em real conflito uma com a outra.

Certamente, os eventos públicos – como a ocasião memorável, no verão de

1978, quando Stephen recebeu um título de doutorado honorário da

Universidade de Oxford – foram agradáveis e gratificantes, mas ser o centro

das atenções nesse sentido não contribuiu em nada para a ajuda, tanto física quanto emocional, de que necessitávamos mais que nunca, porque a

ELA não havia sido dominada; ainda estava avançando em um ritmo lento,

mas implacável. Para o círculo familiar imediato, os efeitos foram

devastadores e as demandas punitivas. Eu já não podia manter a imagem de que isso era apenas um inconveniente, um fato da vida. A doença dominava nossa vida e a das crianças, apesar de todos os nossos esforços

na manutenção de um precioso verniz de normalidade.

Inicialmente alegre, depois reservado, Robert estava se tornando tão fechado que eu temia que estivesse sofrendo de depressão, uma doença que, de acordo com meu médico, não era desconhecida em crianças. Para se

distrair ele se absorvia em manuais de computador, excluindo-se de outras

diversões. Stephen se esforçava para cumprir seu papel de pai e comprava

elaborados trens elétricos e longas e complicadas estradas de ferro, que Robert não era hábil o suficiente para operar. Mesmo com seu velho amigo

Inigo que trouxe seu conhecimento elétrico mais avançado para ajudar, os

trens nunca rodaram, e Robert rapidamente perdeu o interesse. Além de Inigo, que foi para outra escola, ele tinha poucos amigos e não parecia interessado em cultivar novos. Era óbvio que Robert precisava de um modelo masculino, alguém que brincasse e brigasse com ele, alguém que o

aliviasse de uma infância já perdida para a adolescência, alguém que não esperaria dele nada em troca, muito menos ajuda com as próprias

necessidades físicas.

Lucy, efervescente e sociável, desenvolveu um senso precoce de

independência, o que lhe permitiu cultivar um amplo círculo de amigos no

qual encontrou algumas compensações para as lacunas de sua vida em casa. Desde a tenra idade, ela aplicou todas sua energia borbulhante em um

frívolo ciclo social de brownies, competições de natação, guia de

acampamentos, corridas patrocinadas, jogos escolares, peças e

apresentações da escola, música e drama no Saturday Music For Fun Club,

bem como inúmeras festas. Sem dúvida, sua enorme coleção de bichinhos

de pelúcia e o mundo de fantasia que ela e Lucy Grace Cadbury inventaram

para seus bonecos do Snoopy também desempenharam um papel no

desenvolvimento de métodos subconscientes para lidar com sua vida

incomum; entretanto, ela permaneceu muito sensível a suas circunstâncias.

Tanto sua idade quanto seu gênero lhe permitiram evitar algumas das pressões que recaíam sobre os ombros de Robert.

Meus pais preenchiam muitas das lacunas na vida das crianças com

viagens a Londres, chás no Ritz e idas ao teatro. No entanto, havia um profundo buraco na minha vida que eu não podia sequer começar a dizer a

eles. Thelma Thatcher foi astuta e franca o suficiente para identificá-lo em uma de suas últimas observações antes de morrer, no verão de 1976.

“Minha querida”, ela disse inclinando-se sobre sua mesa, muito polida e me

olhando diretamente nos olhos, “Eu não posso imaginar como você

sobrevive sem uma vida sexual adequada”. Eu fiquei tão surpresa com tamanha

franqueza de uma octogenária que só pude responder dando de ombros. Eu mesma não sabia o que dizer, mas meu senso de lealdade para

com Stephen proibia qualquer discussão aberta sobre o assunto, que para

ele era um tabu tanto quanto sua doença. Eu não me permiti confiar em Thelma Thatcher naquela ocasião e nunca houve outra oportunidade. No entanto, eu precisava urgentemente de uma confidente, em cuja idade e sabedoria eu pudesse confiar. Para além dos aspectos físicos, minha relação

conjugal foi adquirindo conotações profundamente irreconciliáveis.

Intelectualmente, Stephen era um gigante altaneiro que sempre insistia na

própria infalibilidade e para cujo gênio eu sempre ficaria para trás; fisicamente ele era indefeso e dependente como as crianças haviam sido quando recém-nascidas. As funções que eu cumpria para ele eram as de uma mãe que cuida de uma criança pequena, responsável por todos os aspectos do seu ser, incluindo sua aparência – pouco menos que uma enfermeira, tendo em vista que eu me recusava a aplicar injeções ou intervir em assuntos médicos para os quais eu não tinha nenhum

treinamento. Os problemas foram se agravando pela pura impossibilidade

de falar sobre eles. Essa era uma parte intrínseca de sua batalha contra a doença, contra a qual, com uma melhor comunicação, poderíamos ter

lutado juntos, lado a lado, apoiando-nos mutuamente e desenvolvendo

estratégias para lidar com as dificuldades. Em vez disso, tornou-se uma força alienante, erguendo uma barreira de angústia entre nós.

Não era a primeira vez que eu aguçava meus olhos e ouvidos, atenta a

situações semelhantes, palavras de conselho ou migalhas de conforto.

Minhas esperanças renasceram em uma rara visita a Lucy Cavendish não muito tempo depois de uma espécie de aposentadoria de Kate Bertram, quando a nova presidente se apresentou em um banquete, um evento

singular para essa Faculdade, e que apesar de minhas reservas a respeito de meu fracasso acadêmico, eu relutava em perder. Depois do jantar, a nova

presidente se levantou e contou os acontecimentos de sua vida e de sua carreira acadêmica. Lágrimas brotaram em meus olhos enquanto ela falava

de seu casamento: seu marido também sofria de uma doença incapacitante

incurável. Mais uma vez, por um breve momento me pareceu que eu havia

encontrado alguém com quem poderia falar livremente, alguém que

entenderia intuitivamente o cansaço e o desespero por trás da fachada sorridente, mas agora hesitante. Para meu aturdimento, ouvi-a convidar a

simpatia do público por uma escolha que ela havia enfrentado – entre sua

carreira acadêmica e seu marido – quando lhe ofereceram participação em

um prestigiado programa norte-americano de bolsa de estudos. Ela

escolhera a bolsa.

Por fim, em vergonhoso desespero, falei com o doutor Swan no âmbito

clínico da sua sala de cirurgia matutina. Se seu tom de voz era de interessada indiferença, suas palavras foram tão sinceras quanto as de Thelma Thatcher.

– Os problemas que você está enfrentando, Jane, são muito parecidos com os associados à idade avançada – disse ele candidamente. – A ironia é

que você é uma mulher jovem com necessidades e expectativas normais. –

Ele fez uma pausa. – Tudo o que posso sugerir – disse olhando para mim por cima dos óculos de aros dourados – é que você tenha vida própria.

Em um momento ímpar de camaradagem naquele mesmo outono,

Philippa friamente me aconselhou que era hora de eu abandonar Stephen.

– Ninguém a culparia – acrescentou, condescendente, como se esse

conselho medíocre fosse a solução para todos os problemas.

Fossem quais fossem suas razões – e certamente eu tive poucos

motivos para confiar nelas –, seu conselho me pareceu singularmente fruto

de um mau julgamento. Com certeza essa solução teria me expulsado do círculo familiar Hawking com vivacidade. Ela não entendeu que eu não poderia abandonar Stephen mais do que poderia abandonar uma criança.

Eu não poderia destruir minha família, a família que eu mesma, com meu

otimismo, havia criado. Isso equivaleria a destruir a conquista de minha vida e a mim mesma.

Fingir que eu nunca havia achado outros homens atraentes seria

desonesto. No entanto, nunca tive um caso, e meu único relacionamento foi

com Stephen. Essas atrações passageiras nunca haviam sido mais que um

breve encontro que consistia em nada além de um contato visual fugaz. Na

verdade, fazia tempo que eu havia perdido meu senso de individualidade e

qualquer percepção de mim mesma como uma jovem atraente ou

desejável. Eu me via como parte de um casamento, que com base no vínculo

original entre duas pessoas havia crescido como uma extensa rede, como um jardim cheio de diversas plantas e flores, não compreendendo só os pais e os filhos, mas os avós, os amigos leais, os estudantes e os colegas. A árvore central daquele jardim era o lar, que eu havia criado ao longo dos anos, fosse na Little St Mary’s Lane, em Pasadena ou na West Road. O

relacionamento do qual tudo havia brotado agora era só um aspecto dessa

complexa diversidade, e embora essa relação houvesse mudado

drasticamente, o próprio casamento era muito mais importante e

transcendente que as necessidades pessoais das duas pessoas que o

haviam iniciado. Como uma concha frágil, vazia, sozinha e vulnerável, impedida de me jogar no rio só pelo pensamento em meus filhos, eu rezei

para obter ajuda com a insistência desesperada de um suicida em potencial.

A situação era tal, que eu duvidava que até o próprio Deus, quem quer que

fosse ou onde quer que estivesse, pudesse encontrar uma solução para ela;

isso se é que ele podia ouvir minha oração. Contudo, alguma solução tinha

de ser encontrada se nossa família tivesse de sobreviver, se Stephen tivesse de dar continuidade a seu trabalho e viver em casa, e se eu tivesse de continuar sendo uma mãe saudável e capaz para as crianças.

Foi uma amiga excepcional, Caroline Chamberlain – ex-fisioterapeuta

de Stephen –, ao mesmo tempo sensível e prática, que sugeriu que eu poderia me beneficiar com alguma distração, como cantar no coro da igreja

local.

– Venha cantar na St Mark – disse ela –, precisamos de sopranos extras

para os hinos natalinos.

Em um fim de tarde, em meados de dezembro, deixamos as crianças

com o marido dela, Peter, e fomos aos ensaios finais. Essa foi a primeira vez que eu cantava em um coro de verdade, em oposição à aula de coral de Pasadena, e embora minha voz estivesse se desenvolvendo muito bem, ler

partitura e fazer a contagem não faziam parte de minhas habilidades, seriamente me fazendo lembrar minhas experiências de adolescente como

secretária irremediavelmente incompetente. As outras sopranos

pacientemente mediam a batida para mim, disléxica musical, enquanto o jovem maestro, pálido e magro, educadamente engolia seu desânimo para

com o musical do Patinho Feio que Caroline havia introduzido em sua organização. Com a prática meus esforços melhoraram, de modo que

quando chegou a apresentação dos hinos natalinos, minha contribuição não

foi tão terrível como ele temia, e fui convidada a participar do coro cantando os hinos ao redor da paróquia naquela semana.

Lucy me acompanhou e corria pela rua, de porta em porta, batendo em

várias casas, onde os membros do coro e seu maestro pareciam ser não só

bem conhecidos, mas também bem recebidos. Isso foi na área de

Cambridge, onde era a escola de Lucy, mas além da escola e das lojas, eu não conhecia nada. Era uma comunidade muito unida de amigos e vizinhos,

idosos e famílias, para quem a igreja eduardiana de tijolos vermelhos parecia representar um núcleo, quer a frequentassem regularmente, quer não.

Na noite escura de inverno, quando o maestro, Jonathan Hellyer Jones,

caminhava ao meu lado e de Lucy, equilibrando-se na beira da calçada para

nos proteger do trânsito que passava, começamos a conversar. Eu falei o que havia anos não falava, e tive a estranha sensação de que havia encontrado um amigo íntimo de longa convivência, uma lembrança

nublada que bruscamente voltava ao foco, personalizando-se na forma

desse estranho. Nós conversamos sobre canto, música, conhecidos em

comum – eram vários – e viagens, particularmente à Polônia, onde ele havia

cantado com o Coro de Câmara da Universidade, no verão de 1976; ele me

contou sobre a St Mark e seu extraordinário, dedicado e acolhedor vigário,

Bill Loveless, que lhe tinha dado grande apoio e fortalecido sua fé durante

um período muito difícil. Ele não disse que período foi esse, mas eu sabia

por Caroline que dezoito meses antes, Janet, esposa de Jonathan, havia apenas um ano antes, morrera de leucemia.

Não nos vimos de novo por várias semanas, e nosso próximo encontro

foi por acaso. Em janeiro de 1978, quando Stephen esteve nos Estados Unidos com seu séquito por três semanas, eu, Nigel Wickens e um grupo de

sua aula de canto fomos a um evento de entretenimento vitoriano oferecido

pelo barítono solista Benjamin Luxon no Guildhall. No auditório lotado, notei Jonathan imediatamente, uma figura impressionantemente distinta, alto, barbudo, de cabelos encaracolados, do outro lado do corredor. Fiquei

surpresa quando, no intervalo, ele me reconheceu, e o apresentei a Nigel.

“Que homem legal!”, comentou Nigel no caminho de volta pelo King’s College até a West Road, onde ele havia estacionado seu carro. Concordei com cautela, preferindo me concentrar no outro tópico principal da

conversa, o futuro casamento de Nigel com uma talentosa cantora norte-americana, Amy Klohr.

Como resultado desse encontro casual, Jonathan começou a dar aula de

piano a Lucy aos sábados ou domingos à tarde, dependendo de sua

disponibilidade. Ela rapidamente se entusiasmou com ele e sua seriedade foi logo dissipada pela vivacidade dela. No começo, ele ia exclusivamente pelo tempo de duração da aula, depois foi ficando um pouco mais para me

acompanhar nas canções de Schubert que eu estava aprendendo –

enquanto Stephen alternadamente dirigia as operações ferroviárias no

quarto de Robert e nos fornecia público para uma das nossas próprias *Schubertiades* privadas, como as chamávamos. Depois de algumas semanas dessa rotina, Jonathan começou a vir para almoçar antes ou ficar para jantar depois, e para ajudar com as necessidades de Stephen, aliviando Robert de todas as tarefas que o haviam oprimido durante tanto tempo.

Então, quando já conhecíamos Jonathan um pouco melhor, Robert ficava à espreita na porta da frente e pulava sobre ele quando chegava, jogando-o no chão e lutando com ele. Jonathan aceitou bem essa forma não convencional de saudação e respondia na mesma moeda à crescente necessidade de um menino de uma boa luta livre para liberar seu excesso de energia.

Muitas vezes no decorrer de cada semana nos cruzávamos por acaso e admirávamos as extraordinárias coincidências que pareciam nos reunir. Ficávamos na calçada conversando, alheios ao que deveríamos estar fazendo ou aonde estávamos indo. Tínhamos muito o que discutir: seu luto, sua solidão, suas ambições musicais, por um lado, e meus medos por Stephen e meus filhos, e meu desespero diante da dificuldade de fazer tudo o que me era exigido com tolerância e paciência, por outro. Embora mais novo que eu, ele tinha tanta sabedoria, tão ampla perspectiva de vida com a qual ampliar minha visão restrita; tão forte fé e tão luminosa espiritualidade com a qual iluminar meu negro horizonte, que realmente pisamos o solo sagrado que, nas palavras de Oscar Wilde, está presente onde há tristeza. Eu havia conhecido alguém que conhecia as tensões e a intensidade da vida em face da morte. Outras circunstâncias conspiraram para nos reunir da mais estranha das maneiras. Eu ainda participava, mais ou menos uma vez por trimestre, dos jantares de Lucy Cavendish – só para manter o contato, não porque eu tivesse qualquer prazer neles. Em uma dessas ocasiões, esgotado meu limitado estoque de assuntos, estava ouvindo a conversa do outro lado da mesa quando escutei um membro da

faculdade, uma idosa distinta, Alice Heim, elogiar um jovem que visitava sua casa regularmente para tocar duetos de piano com ela. O calor com que

o descreveu, sua gentileza para com ela e seu talento musical me deixaram

perplexa. Ele era único, um verdadeiro Apolo. Seus colegas de

envelhecimento estavam mais que perplexos com as efusões de Alice. “Qual

é o nome dele?”, perguntaram. Quando ela respondeu: “Jonathan, Jonathan

Hellyer Jones,” meus ouvidos queimaram e me senti corar de prazer, como

se eu fosse a única pessoa presente que poderia partilhar sua apreciação desse herói que entrara em nossa vida. Ninguém poderia ter ficado mais surpresa que eu, tanto com minha reação de rubor quanto com o

entusiasmo de Alice Heim. Eu estava desconfortavelmente ciente de que o

brilho quente resultava tanto da vergonha quanto do prazer, como se eu fosse acusada de um segredo culpado. Ainda não havia nenhuma razão aparente para que essa amizade fosse um segredo ou tingida de culpa.

Baseava-se em nossos interesses em comum, em nossa preocupação com a

situação de cada um, no apoio que poderíamos dar um ao outro e,

sobretudo, na música. No entanto, embora nunca houvéssemos tocado no assunto e não o fôssemos fazer por muito tempo, estávamos cientes de que

o segredo culpado era uma admissão da natureza potencialmente física do

relacionamento. A atração entre nós era forte, mas adultério é uma palavra

feia, ao contrário da base ética sobre a qual minha vida e a dele foram construídas. Era esse o preço que eu tinha de pagar para reacender a chama do meu espírito apaixonado? Era um preço que, com toda a

honestidade, eu poderia permitir que Jonathan pagasse? Se eu me

encontrasse na companhia das heroínas adúlteras do século XIX, o preço poderia

ser ainda maior. O resultado final poderia ser só o som estridente

da chaleira rachada de Flaubert em vez de música para sensibilizar as estrelas.

— 8 —

UMA MÃO AMIGA

DURANTE O TRIMESTRE SEGUINTE JONATHAN PERGUNTOU SE EU GOSTARIA DE PARTICIPAR

DO coro da igreja, que estava ensaiando trechos de *Messiah* para uma apresentação orquestral na Páscoa. Como Robert e Lucy tinham idade

suficiente para ficar sozinhos por uma hora diante da televisão no início da noite, entrei para o grupo de paroquianos do coral que ensaiava às quintas-feiras na igreja. Para mim, uma iniciante em comparação com eles, a complexidade gráfica dos coros de Handel – nos quais as ovelhas corriam

perdidas com uma rapidez alarmante, “cada uma por seu próprio caminho”

– representava um desafio ao qual reagi com um entusiasmo obsessivo. Ao

juntar-me ao coro, também me juntei à Igreja, onde os cultos se encaixavam

imprecisamente dentro dos limites do formato da Igreja da Inglaterra que

eu conhecia desde a infância. Contudo, era um anglicanismo desprovido de

dogmas hipócritas e pedantismo sufocante, graças ao dinamismo visionário

do vigário, Bill Loveless, cujo sobrenome (Sem amor) não poderia ter sido

mais inadequado para sua personalidade. Ele havia sido jornalista do *Picture Post*, ator, soldado e homem de negócios, e chegara à ordenação na meia-idade. Felizmente, ainda abençoado com uma vitalidade fenomenal, ele levou toda a sua experiência de outras esferas da vida – e todos os seus contatos também – para ajudá-lo em seu trabalho pastoral e na sua busca

incessante por temas relevantes para seus sermões, ao passo que para seu

fórum mensal sobre temas da atualidade ele convidava uma sucessão de oradores – médicos, policiais, assistentes sociais, ativistas políticos, e assim por diante. Para Bill, o verdadeiro cristianismo não está relacionado a absolutismo, barganhas com Deus ou castigos divinos. Seu princípio

orientador era um amor apaixonado pela humanidade, a afirmação do

amor inequívoco de Deus por todas as pessoas, quem quer que fossem, independentemente das suas imperfeições. O único mandamento dessa

doutrina de amor era amar o próximo. Nesse reino havia descanso para todos os cansados e oprimidos, e lá encontrei consolo. Por fim, o trapo amassado de meu ser espiritual começou a reviver; mas embora meu

retorno à Igreja me trouxesse conforto, também me despertava perguntas

imponderáveis. O que me estava sendo pedido? Que grande sacrifício me era exigido? As circunstâncias em que eu havia conhecido Jonathan, quando

estava no ponto de ruptura, haviam sido tão extraordinárias – e, ainda assim, tão comuns – que eu não poderia evitar a bizarra, talvez ingênua impressão de que esse encontro havia sido deliberadamente concebido por

um poder benevolente, por intermédio de nossos bons e solidários amigos

em comum. Éramos ambos pessoas profundamente infelizes, precisando

desesperadamente de ajuda. Poderia esse encontro realmente ter sido

parte de um plano divino altamente não ortodoxo? Ou eu estava só sendo

absurda, até mesmo herética e hipócrita? Eu conhecia meu Molière bem demais para querer ver a mim ou a Jonathan escalados para o papel de Tartufo, o arqui-hipócrita.

Algumas pessoas podem considerar um feliz acaso o apoio que

apareceu para mim, tirando um peso dos meus ombros. Para outras, pode

parecer só uma coincidência. Para mim, tensa e exausta ao ponto de ruptura,

aquilo tinha a marca de uma intervenção divina – embora nessa fase, na primavera de 1978, Jonathan e eu mal havíamos começado a enfrentar nossos sentimentos, muito menos a lhes dar alguma expressão. A

questão fundamental era como lidar com esse presente enviado dos céus.

Ele poderia ser usado de maneira ferina, destrutiva, com o potencial de acabar com a família na qual eu havia investido tanto de mim, se Jonathan e

eu sequer momentaneamente contemplássemos a possibilidade de sair e

criar um lar juntos. Não seria suficiente afirmar que eu havia cumprido minha promessa feita a Stephen em circunstâncias escandalosamente

difíceis durante um período muito longo, porque essa não era uma

justificativa viável em termos dos ensinamentos de nossa Igreja, que tanto

eu quanto Jonathan acreditávamos que era a única verdadeira base para a

vida humana. O caminho alternativo era o único que poderíamos seguir.

Então, aquele presente especial poderia ser usado também para o benefício

da família como um todo – para as crianças e para Stephen, se ele estivesse

preparado para aceitá-lo como tal. Esse não seria um caminho fácil, pois exigiria uma rigorosa autodisciplina. Em respeito a Stephen, teríamos que

tentar manter distância um do outro, vivendo separados e não nos

permitindo mostrar nenhum sinal externo de afeto um pelo outro em

público. Em princípio, nossa vida social focaria sempre pelo menos três, se

não cinco pessoas, nunca dois exclusivamente. O bem-estar de Stephen e das crianças seria a justificativa para nossa relação sem expectativas de futuro. Na verdade, não havia futuro óbvio para nenhuma pessoa que se envolvesse comigo. Se era egoísta de minha parte monopolizar a vida de um jovem que já havia sofrido tanta tragédia, a resposta era sempre a mesma: com sua ajuda poderíamos sobreviver como uma família, sem ela

estávamos condenados.

Conforme – hesitantemente – começamos a admitir a atração que nos

levava um para o outro, Jonathan dissipou essas dúvidas tranquilizando-me

ao dizer que por meio de nós – todos nós – ele havia encontrado um propósito, que o ajudava a aliviar a dor oca de sua perda. Foi durante uma

rara visita a Londres, sentado em uma tranquila capela lateral da Abadia de

Westminster, que ele anunciou que estava disposto a se comprometer

comigo e com minha família, fosse como fosse. Essa promessa tão altruísta

e tocante me tirou do vazio escuro em que minha vida havia se

transformado. A relação era enobrecedora e libertadora. Ainda era

platônica, e permaneceria muito tempo assim. A atração mútua, e as emoções incontroláveis que ameaçava provocar, foram sublimadas na

música que ensaiávamos e tocávamos juntos, em geral na presença de Stephen nos fins de semana, e, por vezes, nas noites da semana também.

Bastava o fato de ter entrado em minha vida alguém em quem eu podia confiar implicitamente.

Inicialmente Stephen reagiu a Jonathan com certa hostilidade

masculina, tentando de um jeito verdadeiramente Hawking afirmar sua

superioridade intelectual, assim como fazia quando confrontado com um novo estudante de pesquisa. Foi desarmado ao descobrir que essa técnica

era inútil, uma vez que Jonathan não era competitivo por natureza. Muito

sensível às necessidades dos outros, ele respondeu muito mais

rapidamente à impotência de Stephen e ao encanto de seu sorriso que à sonoridade de sua reputação. Stephen se tornou mais gentil, mais calmo, mais

sensível, mais descontraído. E ainda se tornou possível para mim, na

calada da noite, confiar nele de uma forma sem precedentes. Generosa e delicadamente ele reconheceu que todos nós precisávamos de ajuda,

ninguém mais que ele, e se havia alguém disposto a me ajudar, ele não se

oporia, desde que eu continuasse a amá-lo. Eu não poderia deixar de amá-

lo sendo que ele voluntariamente mostrou esse entendimento, e, mais importante, comunicou-o a mim. Nos ocasionais dias em que Jonathan era

atacado pelo negro cão da depressão, Stephen era quem me tranquilizava

dizendo que Jonathan nunca me decepcionaria. Em contrapartida, uma vez

aceita, a situação quase nunca era mencionada. No entanto, foi muito reconfortante para mim saber que podia confiar a Stephen meu segredo.

Todos puxando juntos, nós três embarcamos em um período

excepcionalmente criativo. Havia ainda aqueles momentos em que a

combinação de meu cansaço e a perversidade inata de Stephen me levava à

beira do colapso, mas em geral superávamos. Para Stephen, era como se a

respeitabilidade que lhe fora conferida por sua bolsa da Royal Society e pela medalha papal constituísse um passaporte automático para uma

infinidade de outras honrarias. Enquanto ele continuava a avançar em sua

compreensão do universo, todos os tipos de augustos corpos continuavam

a tropeçar uns nos outros na ânsia de cobri-lo de medalhas, prêmios e títulos honoríficos. Estes já incluíam o doutorado *honoris causa* por sua *Alma Mater*, a Universidade de Oxford, e sua gratificação especial, um título honorífico no University College. A atmosfera dos banquetes semestrais da

Faculdade era calorosa e amigável, e os excessos de graduação de Stephen

eram um tema recorrente de jovial reminiscência. Como para dar corpo às

lembranças, éramos regularmente acomodados em quartos de estudantes,

a certa distância do banheiro mais próximo do outro lado de lajes frias e úmidas.

Em março de 1978, o Caius College, para não ficar para trás,

encomendou a David Hockney o desenho de um retrato de Stephen.

Enquanto Hockney esboçava e desenhava, Lucy se acomodava em uma

poltrona em um canto da sala de estar lendo e desenhando. Sem dúvida para a surpresa dos colegas do Caius, Hockney a incluiu na versão final, um

gentil reconhecimento à família de Stephen para compensar a formalidade

oficial do retrato. No segundo dia de sessão, Lucy fez sua própria homenagem a Hockney. Estávamos sentados no gramado, bebendo café e

aproveitando um breve período de sol de primavera, quando ela saiu correndo da casa, pulando pelo gramado com seu pula-pula, uma grande bola feita de borracha dura. Seu macacão estava dobrado até o joelho, deliberadamente revelando que, como Hockney, ela também usava meias

estranhas, uma branca e uma marrom.

Numa noite de inverno frio naquele fevereiro, Stephen e eu havíamos reunido o distinto grupo de membros em um ônibus rumo à Royal Society

para a admissão do príncipe Charles como membro honorário. (Antes de os

ônibus serem equipados com elevadores para cadeiras de rodas, Stephen tinha de ser carregado para dentro pelo motorista e eu. Neste, porém, era

mais fácil que dirigir e estacionar em Londres.) A ocasião deu a Stephen motivo de muita alegria, uma lembrança bem-vinda do velho estudante irreverente, quase indiscernível para os presentes, por causa de sua fama.

Na cerimônia, o novo presidente da Royal Society elogiou o príncipe pelo dedicado real patrocínio à Sociedade, fundada, como ele disse, por um

homônimo do príncipe Charles, Charles II, e “continuada por seu filho James II”. Stephen deu uma gargalhada e, no mais alto sussurro de que era

capaz, alegremente anunciou:

– Ele entendeu tudo errado! James II era irmão de Charles II!

Na recepção após a cerimônia, Stephen se divertiu ainda mais,

demonstrando o diâmetro da curva da cadeira de rodas ao príncipe Charles

e, ao fazê-lo, passou perto – ou por cima – do calçado real altamente polido, uma preocupação que ele infligiria mais tarde ao arcebispo de Canterbury

em um jantar no St John’s College, em Cambridge.

A carreira de Jonathan foi muito menos meteórica que a de Stephen; na

verdade, ele mal havia começado. Além da tragédia devastadora que havia

sofrido, as frustrações de ser um músico com dificuldades contribuíam para a melancolia dos dias sombrios e às vezes negros que ele sofria. Ex coralista e premiado bolsista do St John College, ele era suficientemente ambicioso para achar desanimadora a perspectiva de uma vida dedicada ao

ensino do piano, mas sua reticência natural e sua modéstia tendiam a esconder seu real talento como organista e cravista. Seu amor intenso e seu

conhecimento da música barroca, particularmente Bach, e em especial

quando executada em instrumentos autênticos, encontrava pouco espaço

na rotina monótona das aulas de piano nas escolas. Convencido de que tinha a missão de afastar os ouvidos do público de instrumentos modernos

de ressonância e interpretações românticas e levá-los para as sutilezas da

execução da técnica barroca, ele não sabia por onde começar. A

autenticidade do desempenho se tornou um dos temas de discussão na hora das refeições, quando a tagarelice das crianças permitia que os adultos trocassem

algumas palavras. Stephen provocava Jonathan acerca das dificuldades de manejar um cravo, insistindo que uma estrutura de aço

resolveria todos os demorados e delicados problemas de afinação e

reafinação. Jonathan salientava que o instrumento então seria não só inadequado para a execução do autêntico barroco, como também deixaria

de ser portátil. Na verdade, poderia muito bem ser um piano.

Apesar do bem-humorado bate-papo, Stephen e eu inevitavelmente

ficamos mais e mais envolvidos com a música e incentivávamos Jonathan a

se lançar, a se afastar do ensino e tocar profissionalmente. Essa proposição o deixou em um dilema do qual ele já tinha boa ciência. Para se tornar um

artista, ele teria de abrir mão da maioria de suas aulas e dedicar seu tempo aos treinos e aos ensaios, mas ele dependia das aulas para viver. Passaria

muito tempo até que ele pudesse ganhar dinheiro suficiente com suas apresentações. Ele tinha uma grande vantagem, no entanto: possuía o próprio instrumento. Não só tinha um piano em sua pequena casa – tão parecida com a de Little St Mary's Lane – do outro lado de Cambridge, como

também a maior parte do espaço restante era tomado por um cravo que ele

mesmo havia construído. Portanto, estava bem equipado para começar a se

apresentar; precisava apenas da oportunidade certa.

Quanto mais nós três discutíamos o dilema, mais percebíamos que a

única maneira de Jonathan construir um repertório e se tornar reconhecido

como artista em um ambiente altamente competitivo, e ainda ter certa renda com as aulas, era criar as próprias oportunidades. Isso ele poderia fazer de forma gradual, autopromovendo-se e oferecendo seus serviços a instituições de caridade. Uma relação simbiótica se desenvolveu entre ele e

as várias instituições de caridade a que se subscreveu, em particular com aquelas

preocupadas com a leucemia e outros cânceres. Ele deu recitais gratuitos e, ao fazê-lo, treinava as técnicas de performance, não apenas tocando as notas, mas superando o nervosismo e planejando e

apresentando os programas, enquanto as instituições de caridade se

beneficiavam com cem por cento dos ingressos, menos os custos de

publicidade.

Enquanto isso, eu vislumbrava no horizonte, irresistível, o fim de minha

peregrinação intelectual. Não gostava de confessar quanto tempo havia levado para chegar a esse ponto, pois foram doze anos e dois filhos. Alan Deyermond, meu supervisor, estava certo ao insistir que eu me

matriculasse na Universidade de Londres, pois qualquer outra

universidade teria me chutado há tempo. Havia sido tudo tão difícil e tortuoso, e quando eu estava desanimada, pensando que não havia fim para

aquilo, Jonathan apareceu para me animar no trecho final. Ele mostrou suficiente interesse no assunto para me estimular; perguntava-me no final

de cada dia o que eu havia conseguido, ouvia só algumas linhas da poesia e

me dava uma mão para separar sua ficha e as muitas notas, rabiscadas em

pedaços estranhos de papel. Esse interesse e um pouco de ajuda prática era

tudo o que eu necessitava para reforçar minha determinação para o

obstáculo final, o último capítulo da tese que seria uma análise da linguagem da poesia popular de Castela no final da Idade Média.

As líricas castelhanas eram animadas e coloridas, cheias de iconografia

medieval de jardins, plantas, frutas, aves e animais, que simbolizavam a multiplicidade dos aspectos do amor. Muitas delas também tinham

importância religiosa e eram comuns ao resto da Europa. O jardim tipifica

as atrações do amado, bem como as virtudes da Virgem Maria. A fonte no

centro é ao mesmo tempo a fonte da vida e o símbolo da fertilidade. A maçã

é o fruto da queda e a pera o da redenção divina, mas, no contexto secular,

ambas são metáforas poderosas para a sexualidade. A rosa é o emblema dos mártires e da virgem, mas também é a imagem mais apelativa da beleza

sensual do amado. A Espanha apresenta o próprio conjunto de imagens vivas, provenientes de sua paisagem exuberante. O fruto que a freira infeliz prova é o limão amargo, enquanto os amantes felizes andam à sombra do

doce laranjal. O olival, da mesma forma, torna-se palco de encontro dos amantes. O fato de que muitas dessas imagens reapareceram na poesia dos

judeus sefardis, expulsos da Espanha em 1492, e na poesia do novo mundo,

é um indicativo de sua primitiva composição folclórica. Tematicamente, esses poemas apresentam uma tradição ininterrupta com seus

antepassados galegos e moçárabes, as cantigas e as *kharjas*. As canções são em geral cantadas por garotas, o motivo da ausência do amante se repete,

os amantes se encontram ao amanhecer e a mãe é uma figura constante.

Durante esparsos minutos e meias horas durante a semana, a escrita começou a fluir com uma facilidade inusitada. Nos fins de semana, sábado e

domingo à tarde, as músicas começaram a fluir também. Eu vorazmente atacava tudo o que Nigel, meu Svengali pessoal, colocasse diante de mim, fosse Schubert, Schumann, Brahms, Mozart, Britten, Bach ou Purcell. Graças

a Stephen, eu rapidamente adquiri minha biblioteca de música, visto que ele me dava livro após livro de música de aniversário e de Natal. Às vezes

eu era chamada para cantar um verso solo na Igreja. De início, o medo do

palco era aterrorizante, mas, com a prática, ele foi diminuindo, e logo minha voz, que Nigel havia meticulosamente transformado em um

instrumento, surpreendeu até a mim. Eu estava produzindo um som que tinha pouca relação com minha suave e incerta voz ao falar. Era forte e confiante, a voz de outra pessoa, equilibrada, segura e firme.

Um fim de semana, naquela primavera, meu irmão, Chris, e sua esposa,

Penelope, trouxeram sua filhinha para ficar, e eu lhes apresentei Jonathan

como um novo amigo. Eles não pediram explicações de uma situação que eu mesma não podia explicar totalmente. Também foram um público

receptivo e grato por algumas canções. Em seguida, Penelope comentou sobre a atmosfera de domingo à tarde na sala de estar. Disse que era mágica, como se uma grande sensação de paz e calma descesse sobre nossa

casa. Essa observação reconfortante aumentou minha confiança em minha

nova amizade. Chris se deu muito bem com Jonathan, e antes de ir embora

chamou-me de lado para deliberadamente me dizer que achara Jonathan uma pessoa maravilhosa, em especial ressaltando seus magníficos olhos bizantinos. Mais tarde, ele me telefonou de Devon. Conversamos por um longo tempo, discutimos minha situação e como estava mudando. Ouvi os

conselhos de Chris com muita seriedade, de coração. “Você levou seu barquinho sozinha, por um mar muito tempestuoso e desconhecido, por muitos anos”, disse ele, e prosseguiu: “Se houver alguém à mão disposto a

embarcar e guiar o barco a um porto seguro, aceite qualquer ajuda que ele

possa oferecer.”

Mais tarde, naquele verão, recebemos a visita de minha antiga diretora,

senhora M. Hilary Gent, que regularmente nos incluía em sua jornada anual

pelo país, com a participação de ex-colegas e alunos de sua longa carreira

no ensino. A memória da senhora Gent para nomes, rostos e circunstâncias

era formidável. Ela transmitia sua própria rede de notícias, ligando alunas

antigas com antigos professores e vice-versa, e estabelecendo a convivência entre pessoas de diferentes períodos de sua vida que nunca haviam sequer se conhecido. Profundamente observadora, ela se mostrara sensível ao meu cansaço e baixo-astral ao longo dos últimos anos e havia feito seu melhor para ajudar escrevendo-me cartas formais, mas encorajadoras, e pondo-me em contato com as velhas garotas de St Albans que moravam em Cambridge. Era raro eu dar continuidade aos contatos; como minha vida havia se tornado muito complicada, eu preferia a companhia de idosos – especialmente porque eu mesma, aos trinta e três anos, era reconhecida por viver a vida de uma pessoa velha, e eu precisava da tranquilidade filosófica de alguém que já havia chegado a um acordo com os dilemas da idade e da mortalidade que me afligiam.

Uma vez por quinzena, mais ou menos, eu visitava a pessoa mais velha que conhecia, uma pequena ex-artista de cabelos brancos, Dorothy Woollard. Enquanto eu me sentava com ela em suas acomodações protegidas, ouvindo suas histórias do passado e me solidarizando com seu mal-estar em suas restritas circunstâncias atuais, seu quarto representava um oásis de tranquilidade, solidão e reflexão em minha rotina frenética. D. W., como a chamávamos, havia frequentado a Bristol School of Art, e quando garota, havia visto a rainha Vitória, uma velhinha pequenininha de capuz preto, em uma visita real à Bristol. Ela havia pintado os retratos para a casa de bonecas da rainha Mary, no castelo de Windsor, e durante a Primeira Guerra Mundial trabalhara na Admiralty desenhando gráficos.

Nunca se casou, mas dedicou muitos anos de sua vida aos cuidados de seu

adorado mestre, preso a uma cadeira de rodas na velhice. O retrato dele era

seu maior tesouro, pendurado em seu quarto, entre uma vasta coleção de

suas gravuras e aquarelas magistrais. Numa idade em que a maioria das pessoas se aposenta de toda atividade, ela se manteve ocupada traduzindo

livros em Braille. Ela ainda era rápida e ágil, mesmo aos noventa anos, tanto que, certa vez, ela deixou a mesa de jantar para demonstrar aos meus

pais atônitos sua capacidade de tocar os dedos dos pés. Ela atribuía sua longevidade – ela viveu até os cem anos – e sua vivacidade, em parte, ao seu chá da tarde, erva-mate, a erva do chimarrão, uma bebida sul-norte-americana que ela me servia quando eu a visitava. Entre meus conhecidos

idosos, só a senhora Gent, que devia ser pelo menos dez anos mais nova, poderia competir com ela em lucidez, clareza de pensamento e rapidez de

raciocínio. Ambas foram abençoadas com a perspicaz sabedoria da velhice

e uma sensibilidade para as doenças – atributos que, em minha experiência,

as pessoas mais jovens muitas vezes não tinham.

Jonathan estava conosco quando Gent chegou, numa tarde de sábado,

para o chá. Imediatamente começaram a conversar. Falaram pelo resto da

tarde, enquanto Stephen – o famoso garoto do departamento preparatório

do colégio St. Albans para garotas – e eu ouvíamos. Descobrimos que Jonathan, em seus vinte e tantos anos, e Gent, no final da septuagésima década de vida, tinham muitos conhecidos em comum, considerando que a

música e a arena musical eram apenas um dos muitos tópicos com que ela

tinha íntima experiência. Ela interrompeu a conversa para me seguir até a

cozinha quando fui buscar o chá. Sem hesitar, com uma abertura que achei

extraordinária para uma enrugada idosa solteirona, e ainda mais para minha ex-

diretora, ela declarou:

– Estou muito feliz por você ter Jonathan.

Ela me lançou um olhar penetrante, como se perguntasse se devia ser

mais explícita.

– Você vem lutando há tanto tempo sozinha – prosseguiu –, não sei como conseguiu; você realmente precisa de alguém para ajudá-la e apoiá-

la. Ele é um jovem maravilhoso.

Era como se Thelma Thatcher, com todos os seus anos de experiência,

estivesse falando comigo, dizendo que meu relacionamento com Jonathan tinha a marca do destino, que o presente tinha mesmo de ser aceito.

Meus pais conheceram Jonathan naquele verão. Como de costume, eles

foram reticentes para expressar suas opiniões, tradicionalmente indicadas

por suas reações, em vez de palavras. Nesse caso eles se comportaram como se Jonathan fosse uma antiga presença em nossa vida; não fizeram cerimônia, nem nenhum comentário sobre suas aparições regulares em

nossa casa. Por sua vez, ele diplomaticamente cedeu seu lugar ao piano a meu pai, cuja paixão por Beethoven havia despertado meu amor pela

música. Assim, enquanto meu pai martelava ao piano a *Appassionata* e minha mãe punha linha na agulha para substituir os botões que haviam caído e consertar os punhos que haviam se rasgado desde sua última visita,

Jonathan discutia os méritos de instrumentos antigos com ela e lhe falava

de sua cruzada por uma performance autêntica. Foi depois que

conhecemos os pais de Jonathan que comentei com minha mãe que pessoas

maravilhosas eram. Minha mãe me olhou com certa surpresa.

– Bem, bobinha, o que você esperava? – disse ela. – Pessoas que têm um

filho como Jonathan são obrigadas a ser maravilhosas. Como poderia ser diferente?

No final do verão nos separamos, já antecipando nosso reencontro no

outono. Jonathan deixou a Inglaterra para frequentar a escola barroca de verão na Áustria e lecionar nela, e partimos, com a assistência de Don, para a Córsega. Agora que as crianças haviam crescido e minha autoconfiança reemergira, o medo de avião estava começando a se dissipar um pouco.

Viajar de avião não representava mais a temida ameaça de separação de pequenos seres dependentes; em vez disso, era a promessa sedutora de umas férias pelo Mediterrâneo em uma ilha de língua francesa. O fato de que na época também houve uma conferência de Física não foi um

obstáculo para que nos divertíssemos. Na verdade, foi um acordo perfeito,

porque Stephen e seus colegas estariam fazendo aquilo de que mais

gostavam – Física –, enquanto as famílias estariam desfrutando o melhor tipo de férias na praia, bem pertinho do centro de conferências. Eu estava

particularmente ansiosa para ver os Carter de novo. Pretendia me abrir com Lucette. Com sua compreensão intuitiva de pessoas e relacionamentos,

ela sempre me ofereceria bons e sensatos conselhos.

— 9 —

O INESPERADO

CARGESE, O LOCAL DA CONFERÊNCIA, NA COSTA OESTE DA CÓRSEGA, FOI, CERTAMENTE, O

acordo mais feliz já inventado para os físicos obcecados e suas jovens

famílias. Enquanto Stephen se deleitava com a Física, as crianças e eu curtíamos o sol brilhante, a areia e o mar cintilante. As ocasionais explosões de bombas e

os preços elevados preservavam a ilha do turismo de massa,

mantendo suas praias e enseadas limpas e sem aglomeração, como era Maiorca antes. Cargese foi criada como lar de uma colônia de gregos que buscavam refúgio da perseguição turca no século XVIII. A presença deles ainda era muito evidente nos nomes de ruas, de famílias e do nosso hotel, o

Thalassa – o mar. Em promontórios com vista para a cidade, Cargese orgulhosamente ostentava duas igrejas, uma latina e outra grega. O mesmo

sacerdote oficiava em ambas, alternando os domingos entre as duas.

Lucette e eu assistimos o rito grego, fascinadas com uma exibição tão exemplar de harmonia que poderia haver em uma comunidade dividida.

Ambas as igrejas continham imagens de João Batista; o ícone grego era persuasivo por sua nítida clareza bizantina, em especial a representação do

assombro nos longos olhos do santo, oblíquos, tão parecidos com os de Jonathan. Contudo, nem a imagem conseguiu me inspirar coragem de

contar a Lucette sobre minha amizade com ele. Sempre que eu tentava reunir as palavras, fosse em inglês, fosse em francês, ficavam presas em minha garganta, presas por minha autocensura pela mera sugestão de

deslealdade para com Stephen. O glorioso novo relacionamento, que

prometia tanto, despertava dúvidas. Isso me obrigaria a viver uma mentira,

a levar uma vida dupla? Isso poderia vir a ser tão difícil quanto a tensão e a angústia de meses e anos anteriores. Eu pensei seriamente quando

relembrei o conselho de Chris e o incentivo da senhora Gent, mas na companhia de físicos e de suas famílias – entre os quais Stephen era um herói inspirador – a coragem me faltou.

Em uma baía tranquila, longe dos gritos das crianças, eu me enfiei em

um canto nas pedras e escrevi uma longa carta a Jonathan, tentando organizar meus pensamentos e dar um jeito em minha consciência

problemática. Eu disse a Jonathan quanto sentia sua falta e como seria eternamente grata pela luz que ele trouxe para minha vida, como a luz do

sol da Córsega sondando as profundezas verdes do oceano. Falei da

gratidão que sentia por toda a ajuda incansável que ele nos dava, da transformação que ele havia trazido para nossa casa, aliviando as tensões e

assumindo a maior parte dos esforços. Contudo, também disse que não podia arriscar fazer mal a minha família, que meu primeiro dever era para

com Stephen e as crianças, que como Stephen e eu havíamos vivido tantas

dificuldades juntos, eu não poderia renegar meu casamento, pois ele, mais

impotente que uma criança pequena, precisava de mim mais que nunca.

Descansando contra uma rocha quente, com as ondas salpicando aos meus

pés, eu estava me preparando para o pior. Eu sabia, no coração, que não seria de todo surpreendente se após um período de reflexão durante sua estada na Áustria, Jonathan acabasse decidindo que a associação com a família Hawking representava muitos desafios físicos e muitas dificuldades

emocionais. Essa decisão seria compreensível. Por que ele deveria querer se sobrecarregar com todos os nossos problemas e de bom grado entrar em

uma armadilha emocional uma vez que era jovem e livre, com a merecida

perspectiva de uma vida plena e feliz à sua frente?

As memórias da Córsega desapareceram rapidamente quando voltamos

para casa, mas essas semanas nos legaram uma lembrança duradoura. Ao

retomar as rédeas da rotina de Cambridge naquele outono, começou a parecer ainda menos provável que Jonathan quisesse se envolver conosco

de novo, e a perspectiva de um reencontro feliz desapareceu nas névoas com a luz minguante do sol de setembro. À medida que os dias se tornavam

mais curtos e um frio penetrava o ar, eu ansiosamente observava a data no

calendário, começando a suspeitar, assombrada e perplexa, que poderia estar grávida. Já fazia algum tempo que eu deixara de me preocupar com a

contracepção, uma vez que não parecia relevante e simplesmente

aumentava as dificuldades. Durante o dia todo e nas muitas horas sem dormir à noite, crescia a compreensão de que no aprazível abandono do clima mediterrâneo eu estava errada. Embora houvesse adorado meus

bebês, a ideia de cuidar de outra pessoinha, que seria totalmente

dependente de mim, em uma situação intoleravelmente demandante, sem o

benefício da ajuda de Jonathan, foi aterrorizante. O fato de Jonathan ter considerado escorar a família existente, como havia feito por quase um ano,

havia sido notável. Contudo, esperar que ele assumisse outro pequeno Hawking, em especial não tendo seus próprios filhos e sem perspectiva de

tê-los desde que se associara conosco, era inconcebível. Eu estava

resignada a perdê-lo, e, com sua perda, perder toda a esperança de futuro.

Eu ficaria sozinha de novo.

A gravidez havia sido recentemente confirmada quando Stephen partiu

para uma conferência em Moscou. Como eu já estava sofrendo de enjoos matinais, sua mãe concordou em ir com ele em meu lugar. Don também foi

embora com seu pai, em um merecido descanso de todas as suas funções,

que ele realizava criteriosamente. Com a aproximação do inverno em

Cambridge, as garras geladas do frio interno, escuro, do qual eu havia quase escapado começou a reafirmar seu aperto. Escrevi para Jonathan contando-lhe sobre o bebê, sentindo-me miserável na certeza de que essa carta equivaleria ao anúncio de um fim abrupto para aqueles poucos meses de recuperação e bem-aventurada felicidade platônica. Eu não sabia se ele havia voltado da escola de

verão na Áustria e não esperava uma resposta.

Por algum tempo não tive notícias, mas por fim ele respondeu,

desculpando-se por ter se permitido um tempo para digerir a notícia e se

ajustar a ela. Ele declarou que seu compromisso conosco não havia sido alterado. Embora não soubesse absolutamente nada sobre bebês, ele tinha

certeza de que eu precisaria de sua ajuda mais do que nunca, e estava pronto para oferecê-la.

Fiquei profundamente grata e me senti abençoada pelo apoio de

alguém cuja própria tragédia precoce havia despertado sua simpatia e consideração pelas desgraças dos outros, que eram excepcionais, quase ao

ponto da excentricidade. Ele estendeu a mão e me salvou da morte por afogamento, e não apenas em águas profundas, mas em águas profundas sob uma camada de gelo. Seu apoio transformou os longos meses de

gravidez de momentos de ansiedade desesperada e maus augúrios, a um período de expectativa cheia de esperança e até mesmo de prazer. Ele me

deu a segurança emocional fundamental que me restituiu meu velho eu otimista e permitiu que eu me preparasse para mais um desafio, com a certeza de que, pela primeira vez em muitos anos, esse era um desafio que

eu não teria de enfrentar sozinha.

Não havia como escapar do fato de que um limite de tempo bem

definido se estabelecia para a tese. Ela tinha de estar terminada quando o

bebê chegasse, caso contrário, poderia muito bem ser jogada no lixo.

Recuperei meu incentivo, pondo mãos à obra com renovado propósito,

mesmo sendo um trabalho fadado a ser sempre feito aos trancos e

barrancos. Como de costume, o trabalho teve de ser encaixado no meio da

rodada costumeira de tarefas domésticas, cuidados com Stephen, festas infantis, doenças das crianças, dias de discursos, jantares, almoços, visitas e viagens. Esta última incluiu uma conferência de Física em Dublin. Foi nossa

primeira visita à Irlanda e Lucy foi conosco. Sua imagem, não muito diferente do desenho que Hockney fez dela, saiu na primeira página do *Dublin Times*, quando um repórter a encontrou escondida atrás de uma porta lendo um livro em uma recepção formal do governo.

Como Jonathan prestava muita ajuda com as necessidades de Stephen,

com as crianças e com as tarefas – até mesmo com as compras –, era possível fazer um bom, porém fragmentário, progresso com a tese; apesar

de que meu trabalho também competia por tempo com a música e minhas

consultas médicas. Foi na primeira consulta, em novembro, que eu de repente me dei conta da realidade de um embrião de quatorze semanas, uma criatura misteriosa, etérea, sussurrando a mensagem de sua existência

por meio de uma nova invenção científica, a ultrassonografia. Depois de me

fazer a bateria de exames habituais, os médicos me ligaram a uns fios, e quando ficaram satisfeitos com os resultados, perguntaram se eu gostaria

de ouvir também. O tum-tum rítmico daquele minúsculo coração batendo depressa dentro de mim, mais lento e mais alto, foi pungentemente tocante;

despertou em mim uma profunda ligação com a nova vida que ouvia, mas

não via. Era como se a criança tentasse me atrair por meio da música de seus batimentos cardíacos, e assim, muito antes do nascimento, comecei a

valorizar essa presença invisível, a amar a criança tanto quanto amava Robert e Lucy.

A música acompanhou a gestação do bebê durante todo o inverno.

Jonathan, nosso autonomeado diretor de entretenimento, frequentemente

trazia ingressos para concertos, muitos dos quais aconteciam na sala de concertos da universidade, recém-inaugurada, a apenas cinco minutos de distância. Nós nos sentávamos no palco ao lado dos artistas, à frente do público, pois não havia lugar para cadeirante. Muitas vezes, os artistas –

vários músicos célebres, de Menuhin a Schwarzkopf – atrasavam sua saída

após a cortina baixar para ir cumprimentar Stephen. Em casa eu cantava sempre que podia, treinando meu repertório para a primeira apresentação

pública. O bebê respondia com apreço, animado, chutando forte no ritmo da música. Estávamos ensaiando com dois objetivos musicais em vista. Um

era minha entrada no Cambridge Competitive Festival em março, e outro,

em fevereiro, era um concerto beneficente que nós e alguns músicos amigos de Jonathan íamos dar em casa. Convidamos quantas pessoas

caberiam na sala de estar, e, seguindo a tradição das inúmeras festas em nosso imóvel, servimos comida e bebidas no intervalo. Depois, em um estado avançado de gravidez e mais avançado ainda de nervosismo, fiz minha primeira apresentação pública – além do solo ocasional na Igreja.

Ela consistiu em duas canções folclóricas de Benjamin Britten e duas canções de Fauré; com as quais eu também concorreria na competição. O

público foi gentilmente apreciativo, e ao sair, fez doações generosas para nossas duas causas beneficentes: pesquisas sobre leucemia e a Motor Neuron Disease Association, que havia sido fundada recentemente e na qual Stephen era patrono dos pacientes. Quando, havia muito tempo, sua doença fora diagnosticada, disseram-nos que era muito rara, que pouco se

sabia sobre ela, e que como poucas pessoas padeciam dela não havia base

para um grupo de apoio. Nada disso era verdade. Por meio da Associação

descobrimos que a doença – também conhecida nos Estados Unidos como

doença de Lou Gehrig – nome do atleta que padeceu dela nos anos 1930 –

era, de fato, bastante difundida. A qualquer momento poderia haver tantos

diagnósticos de ELA quanto portadores de esclerose múltipla, doença que

até então recebia muito mais publicidade porque havia mais sobreviventes.

A ELA se desenvolve muito mais rapidamente – em geral em dois ou três anos –, distorcendo as estatísticas e deixando os pacientes e suas famílias

nas mãos da crise, sem tempo nem oportunidade de criar organizações de

apoio ou grupos de autoajuda. Com a fundação da Associação algumas informações, por fim, foram disponibilizadas. Verificou-se que a ELA poderia surgir em uma de duas formas: a forma aguda, que paralisa os músculos da garganta da vítima, precipitando sua morte, e a forma mais rara, aquela que havia atacado Stephen, que resulta em uma paralisia progressiva dos músculos voluntários do corpo inteiro – incluindo, a certa

altura, a garganta – por um período mais longo, talvez cinco anos ou, no máximo, dez. A sobrevivência de Stephen – dezesseis anos desde o

momento do diagnóstico, em janeiro de 1963 – fez dele um fenômeno médico, tão inexplicável quanto a própria doença.

Ao longo dos anos seguintes Jonathan e eu demos muitos recitais juntos

de repertório barroco para a incipiente Motor Neuron Disease Association,

em igrejas por toda a Ânglia Oriental, conseguindo arrecadar quantias bastante respeitáveis de dinheiro, e como Stephen geralmente se destacava

na plateia, a ELA e a Associação chegaram ao conhecimento do público.

Como voluntária, visitei algumas das famílias atingidas na região, cuja vida havia sido abalada por um diagnóstico que deixara a todos chocados e perplexos, como a nós anos antes. Eu sentia que tinha o dever de tentar dar

a essas famílias o benefício de nossa experiência, transmitindo-lhes as técnicas práticas que havíamos desenvolvido para o controle da doença, e

destacando o fato de que Stephen, o sobrevivente, era a prova viva de que o

diagnóstico não era necessariamente uma sentença de morte se a pessoa tivesse vontade de lutar. Talvez porque as pessoas que conheci fossem todas muito mais velhas que nós, não pareciam dispostas a lutar com a mesma veemência. Com certeza ficaram feridas e aturdidas, mas revelavam

mais calma e aceitação do que eu esperava. O estilo de vida frenético, que

se tornou a marca de nossa rejeição à doença, não era para elas. Viviam tranquilamente, apreciando tudo o que havia sido feito por elas, gratas por

todo o amor e carinho que recebiam de suas famílias, muitas vezes à espera

de seu destino com resignação. Eu ia com cautela, temendo invadir a privacidade delas ao introduzir propostas brilhantes e bem-intencionadas

de exercícios, dietas, injeções ou vitaminas. Havia, ao que parecia, um elemento na vida dessas pessoas que faltava na nossa e que eu me vi invejando. Não era derrotismo, mas paz interior.

A posição de Stephen como patrono da Associação e minhas tentativas

de ajudar na arrecadação de fundos e como voluntária colocou-me de novo

frente a frente com uma dessas ironias de nossa situação. Mais uma vez éramos elevados em um pedestal e nos sentíamos distantes. Precisávamos

de conselho tanto quanto qualquer um, mas não o podíamos procurar, porque a admissão de nossas necessidades teria sido uma negação da fachada confiante da qual outras pessoas dependiam para levantar seu moral. O número de pessoas abençoadas com a perspicácia de ver por trás

dessa máscara não era grande. Entre eles, minha família, Jonathan e seus pais e alguns amigos excepcionais.

Pouco antes da data prevista para o nascimento do bebê tivemos a

sorte de conhecer novos amigos de sensibilidade incomparável: o colega australiano de Stephen, Bernard Whiting, e sua esposa Mary, quando foram

para um dos nossos encontros musicais. Relaxado e descontraído, Bernard

foi dar uma mão a Stephen, da mesma forma que George Ellis havia feito no

passado. Mary, uma arqueóloga clássica, estava escrevendo uma tese de doutorado e trabalhava no museu Fitzwilliam na catalogação de uma

extensa coleção de pedras preciosas. Ela era uma peça de museu não fossilizada. Seu cabelo fluido, prematuramente grisalho, emoldurava

feições juvenis finamente entalhadas, dando-lhe uma distinção graciosa, como uma Madonna de Raphael. Sua aparência combinava bem com sua

personalidade, pois ela era tanto erudita quanto espirituosa, e seus interesses se estendiam muito além da arqueologia: arte, literatura e música, em especial música barroca; de modo que quando ela e Jonathan se

conheceram, imediatamente tiveram muito sobre o que conversar.

No final de março de 1979, Robert, que estava no sexto ano em uma escola em Perse, partiu para um acampamento de escoteiros. Não fiquei muito feliz com esse acampamento para crianças de onze anos porque seria

em um campo no norte de Norfolk, exposto aos ventos cortantes de uma primavera relutante. O campo, no fim das contas, ficou alagado, debaixo de

alguns centímetros de água. Houve neve durante o acampamento e Robert

voltou exausto, molhado até os ossos e com uma tosse persistente. Estoico

como sempre, ele declarou que o acampamento havia sido “legal”. Depois de alguns dias de cama, ele se recuperou o suficiente para ir com Lucy para

a casa de campo no País de Gales, onde deviam passar a Páscoa com os pais

de Stephen. Enquanto isso, eu fiz minha estreia no palco do Cambridge Competitive Festival, cantando as canções de Fauré e Britten com o acompanhamento do talentoso Jonathan ao piano, enquanto Stephen sorria

– seu animado incentivo – na plateia. O jurado educadamente elogiou meu

timbre de voz, mas, afora isso, só se permitiu comentar que percebera que

meu controle da respiração estava um pouco inibido. Quando o concurso acabou, de volta à St Mark ensaiamos para o serviço devocional da Sexta-feira da Paixão e para o Festival de Páscoa, quando eu faria um solo, *Now the Green Blade Riseth*, acompanhada na flauta pelo velho amigo de escola de Jonathan, Alan Hardy. Depois de ensaiar na Igreja no início da Semana

Santa, estava tudo pronto para a apresentação no Domingo de Páscoa.

A tese estava quase concluída; só o que faltava era a tarefa

insuportavelmente chata de ordenar alfabeticamente a bibliografia e

revisar todas as minúcias dela, por insistência do meu supervisor. Cada vírgula, ponto final e parêntese tinha de estar no seu devido lugar, caso contrário, ele não apresentaria a tese. Na Quinta-feira Santa, com um floreio, pus o ponto final na última entrada da bibliografia, concluindo, assim, treze árduos anos de seminários, pesquisas, anotação, fichas, organização, elaboração, redação, edição, notas de rodapé e referências.

No dia seguinte, Sexta-feira da Paixão, durante o serviço devocional eu

me senti desanimada, à beira das lágrimas. Talvez tenha sido uma reação à

força emotiva dessa celebração religiosa em particular e da música que a acompanhava; talvez tenha sido o efeito anticlímax de terminar a tese; ou

talvez eu estivesse sentindo falta dos meus filhos, que iam ficar com os avós até depois que o bebê nascesse, em uma semana ou duas. No dia seguinte, a

melancolia cedeu. Fortes sintomas físicos tomaram seu lugar, deixando pouca dúvida de que o bebê nasceria muito em breve. Passei a maior parte

da tarde no jardim com Stephen ao meu lado, relaxando ao sol e pegando

ramos de violetas. Don nos levou para a maternidade no início da noite, mas um exame de rotina não revelou nenhum movimento significativo, de

modo que nos mandaram embora de novo. Passamos pela casa de Jonathan

na volta e ficamos para comer uma marmita de comida indiana,

encaixando-nos o melhor que pudemos entre os instrumentos musicais no

espaço restrito da sala de estar. Como Jonathan e Stephen adoravam comida indiana, muitas vezes ele separava um pouco para viagem, em especial nas noites de domingo, quando a cozinha, depois de sete dias produzindo refeições de três pratos para todos os visitantes, só fazia ovos

mexidos. Excepcionalmente, essa marmita era de sábado à noite: uma

dupiaza muito picante.

De volta à casa, passei uma noite bem desconfortável, e, de madrugada,

acordei Don e lhe pedi que nos levasse de novo ao hospital. Como Stephen

queria estar presente no nascimento de seu terceiro filho, fizeram um arranjo especial para acomodá-lo na sala de parto. Joy Cadbury, presidente

da Friends of the Maternity Hospital, gentilmente conversara com a

enfermeira-chefe para tomar as providências adequadas para acomodar a

cadeira de rodas. O único espaço grande o suficiente para acomodar Stephen e Sue Smith, sua fisioterapeuta, que cuidaria dele – além da equipe

médica, para não falar de mim – era a sala de parto, então, eu tive de passar o resto do dia deitada na superfície dura da mesa de parto esperando o nascimento acontecer. Don ficou fora, no corredor, de vez em quando olhando pela porta, enquanto Jonathan sabiamente tirou uma folga para passar aquele domingo de Páscoa quente e ensolarado no interior com seus

pais. Nessas condições adversas, o trabalho de parto desacelerou até parar.

Mandei mensagens para Don dizendo que ele podia tranquilamente

abandonar seu posto no corredor e ir ao culto da manhã em um ou outro

dos seus locais eclesiásticos, e enquanto eu estava mal acomodada

tentando soltar meu peso em uma posição confortável, lamentei a urgência

com que havíamos ido para o hospital, em especial quando percebi que poderia estar cantando na igreja. Lá, Bill Loveless teve de anunciar o cancelamento do interlúdio musical por causa da ausência da cantora, que

tinha outro compromisso.

As várias tentativas feitas para acelerar o nascimento tiveram como único efeito transformar-me em uma almofada de alfinetes humana da

manhã até a noite. Don voltou e saiu de novo – desta vez para as Vésperas.

Enquanto ele estava fora, houve uma crise: o coração fetal, aqueles batimentos cardíacos infantis que se mostraram para mim vários meses antes, apresentou preocupantes sinais de fadiga. Enquanto a equipe médica

estava de costas, preparando seus instrumentos de tortura para trazer o bebê ao mundo sem demora, eu rapidamente reuni todas as minhas

energias restantes em um impulso todo-poderoso e meu filho pascal

nasceu. Quando o deram para que eu segurasse, meu coração se penalizou

por ele. Enrolado em um velho cobertor verde, seu rosto estava azul por causa do esforço. Embora ele fosse maior que Robert ou Lucy ao nascer, não exibia a energia com que eles haviam recebido o mundo; jazia inerte,

choramingando em meus braços. Por um momento, fiquei alheia à comoção

das operações de limpeza em torno de nós, absorvida pela criatura a quem

eu já conhecia tão bem. Então, Don irrompeu triunfalmente na sala de parto. Ele teve o prazer de conhecer seu afilhado, e ficou ainda mais satisfeito consigo mesmo por causa de uma pequena cantiga que ele havia

criado ao voltar da Igreja. Para minha vergonha, ele a repetia a todos que

encontrava durante várias semanas após o parto. Era assim:

On Easter Day,

the disciples went to the garden

and found the empty tomb;

I went to the hospital

and found the empty womb [4]

4 No dia de Páscoa, / os discípulos foram ao jardim e encontraram o túmulo vazio; / Eu fui para o hospital /e encontrei o útero vazio. (N. T.)

DISSONÂNCIA

DURANTE A SEMANA QUE TIMOTHY STEPHEN (NOME COMPLETO DO BEBÊ) E EU FICAMOS

no hospital, Lucy foi levada de volta a Cambridge para conhecer seu irmão mais novo – mas Robert ficou em St. Albans, por razões que não foram mal explicadas. Aparentemente, as crianças haviam brincado

descalças no riacho no País de Gales e ele pegou um resfriado. Ele estava tossindo de novo, tanto que quando as crianças pediram o chá aos meus pais em St Albans, minha mãe o colocou na cama. Ali ele ficou pela semana

seguinte, até que Mary, irmã de Stephen, médica, decidiu que ele estava suficientemente bem para voltar para Cambridge. Seu retorno coincidiu com nossa volta à casa. Ele embalou o irmão mais novo no colo, sentado em

uma poltrona na sala de estar, mas parecia muito corado e indisposto. A mãe de uma das amigas de Lucy, Valerie Broadbent-Keeble, pediatra

respeitada, foi nos fazer uma visita social para me ver e ver Timothy. Por

coincidência, ela chegou junto com o doutor Wilson, meu clínico geral. Os dois médicos deram uma breve olhada em Timothy, que já havia se

ajustado à nova vida e estava radiante e saudável; Robert, em

contrapartida, atraiu a atenção deles. Ambos estavam visivelmente

alarmados com o estado de saúde dele e tinham quase certeza de que ele

estava com pneumonia viral. Valerie foi embora para cuidar da internação

imediata de Robert na ala infantil do Addenbrooke enquanto o doutor Wilson fez uma receita de penicilina.

Foi uma bênção que o novo bebê ainda estivesse cansado da provação

de seu nascimento, e, por consequência, dormiu por longos períodos

durante o dia e, pasmem, à noite também. Senão, as semanas após seu

nascimento teriam sido um pesadelo ainda pior do que realmente eram. Eu

era necessária para todos o tempo todo. As necessidades de Stephen eram

óbvias, as do bebê eram inegáveis. Lucy precisava de conforto agora que havia um rival para usurpar seu lugar de caçula da família. E acima de tudo, Robert estava muito doente no hospital e precisava ainda mais de mim.

Depois de uma noite na pediatria, ele acordou coberto de vergões dos pés à

cabeça.

Ou ele havia contraído uma doença infecciosa ou era alérgico a

penicilina. Como não havia jeito de saber qual das duas havia sido a causa,

ele foi transferido para uma ala de isolamento no topo do hospital, pelo medo de que infectasse os outros pacientes críticos na pediatria. Isolado, as refeições eram passadas a ele por uma portinha, e a equipe médica vestia

batas, luvas e máscaras quando entrava em seu quarto. Ele só podia receber visitas restritas, que tinham de vestir as mesmas roupas de proteção das enfermeiras. Entediado, solitário e doente, ele ficava deitado

na cama com as lágrimas escorrendo por suas bochechas quentes.

Minhas visitas ao hospital tinham de ser cronometradas, precisamente

entre as mamadas do bebê de semanas. Depois que ele estava alimentado,

trocado e deitado, eu saía correndo para passar as próximas horas na cabeceira de Robert, ler para ele e jogar, antes de correr para casa de novo para a próxima mamada. Essa foi minha rotina até Robert receber alta do

hospital. A mãe de Stephen fez seu melhor para manter a casa funcionando,

fazer compras e preparar refeições saudáveis mas era coisa demais para ela

fazer sozinha. Nunca a ajuda de Jonathan foi mais urgentemente necessária.

Ele cuidava de Stephen, fazia as compras pesadas, pegava Lucy na escola e

visitava Robert, permitindo-me, às vezes, fazer uma pausa da rigorosa e pressurizada rotina. Foi uma pena que ele houvesse sido apresentado tão

brevemente à mãe de Stephen antes de ocorrer essa crise. Uma vez que suas visitas a Cambridge eram muito mais raras que as de meus pais, a oportunidade não surgira antes. Eu percebi que não poderia esperar que qualquer um dos Hawking – ao contrário dos nossos amigos próximos e diplomáticos – adivinhasse o significado da presença de Jonathan em nossa

casa. Contudo, esperava, porém, que eu houvesse conquistado o total respeito deles ao longo dos muitos anos em que havia cuidado do filho deles e que confiassem em mim, pelo menos para tentar fazer o meu melhor para Stephen e as crianças na presente situação tão demandante. E

confiava que eles pudessem expressar alguma simpatia ou tolerância

discreta. Acima de tudo eu queria tranquilizá-los de que eu não

abandonaria Stephen ou destruiria o lar, nem Jonathan me incentivava a isso. Não houve oportunidade adequada para abordar o assunto com

Isobel. Quando, uma tarde, ela e eu estávamos sozinhas em casa com o bebê, Isobel tomou a iniciativa, pegando-me de surpresa. Ela me olhou diretamente nos olhos:

– Jane – disse ela adotando um tom tonitruante –, eu tenho o direito de

saber quem é o pai de Timothy. É Stephen ou Jonathan?

Encontrei seu olhar de aço, consternada por ela ter tão prontamente tirado conclusões, e a conclusão mais insensível possível. Toda a disciplina com que Jonathan e eu havíamos forçado a nós mesmos para tentar

sublimar nossos desejos e manter um relacionamento discreto estava

sendo pisoteada. A simples verdade é que não havia a menor possibilidade

de que Timothy fosse filho de qualquer outro senão Stephen.

No dia seguinte, Frank Hawking atendeu à convocação urgente de sua

esposa e chegou a Cambridge no início da manhã. De casa eu os vi, juntos,

irem para o gramado e desaparecer entre os arbustos, conversando,

conspiratórios. Pouco depois foram, ofensivamente desafiadores, sem

sequer se preocupar em me cumprimentar. A combinação de tantos

eventos traumáticos em um espaço tão curto de tempo após o nascimento

teve o previsível efeito decepcionante de diminuir minha capacidade de amamentar meu bebê de duas semanas, que estava saindo de seu estupor

pós-natal, exercitando seus pulmões leoninos e suas cordas vocais com entusiasmo saudável. Stephen não admitia oposição para resolver a

situação à sua maneira. Ele arregimentou Lucy, de oito anos, para

acompanhá-lo à cidade e ajudá-lo a fazer compras no Boots, onde comprou

um conjunto de mamadeiras, bicos, líquido para esterilização e leite em pó.

Assim acabaram minhas patéticas tentativas de amamentar meu terceiro filho, e desse modo teve início uma nova tarefa para Jonathan. Todas as noites antes de sair de West Road para sua casa, ele deixava preparado o suprimento de leite para o dia seguinte e o armazenava na geladeira, pronto para o uso.

Algumas semanas depois, quando eu estava cuidando dos preparativos

para o batismo de Timothy no início de junho, Stephen recebeu uma carta

de seu pai. A carta anunciava que ele havia estado em contato com uma equipe norte-americana de médicos em Dallas, Texas, que estavam

tratando a ELA com uma nova droga. Esses médicos convidaram Stephen a

se tornar um dos primeiros pacientes a testar a droga. Parecia que era um

fato consumado. Nós todos, Stephen, Robert, Lucy, Timothy e eu, com um simples movimento de varinha, iríamos de mala e cuia para o Texas, onde

Stephen se submeteria a um programa prolongado de tratamento com

duração de meses, se não anos. Ele me passou a carta sem comentários, sem explicação, e a tácita implicação era que a decisão repousava sobre meus ombros.

Minha cabeça rodava e meu coração se apertou com a complexidade da

responsabilidade que ele me convidava a assumir. Em primeiro lugar, se havia uma chance de cura para Stephen, eu nunca poderia lhe negar essa oportunidade. Contudo, eu tinha plena ciência de que as exigências sobre a

família e sobre mim seriam monumentais, muito além de qualquer coisa que nós já houvéssemos experimentado antes. As crianças seriam

sumariamente retiradas da escola, do ambiente e da casa onde estavam felizes e seguras, e despejadas em uma enorme e estranha cidade norte-americana. Não seria Pasadena. Não estava claro do que viveríamos, nem como nosso alojamento ou transporte seriam organizados. Eu, mãe de um

bebê de seis semanas, estava sendo convidada a pegar toda a família, os três filhos e o pai paraplégico deles, levá-los a dar um terço de volta ao mundo e fixar residência ali por tempo indeterminado. Não havia nenhuma

indicação de como eu poderia atingir esse objetivo, nenhuma promessa nem possibilidade de ajuda nessa tarefa gigantesca que não fosse o jovem

Robert, nem qualquer certeza de que o tratamento seria bem-sucedido. As

lembranças dolorosas de Seattle em 1967 vieram à tona, multiplicadas milhares de vezes pelas experiências dos últimos anos.

Conforme a data do batismo do bebê se aproximava, eu não conseguia

mais esconder dos meus pais esse doloroso dilema. A festa de batismo foi

estrategicamente dividida em dois campos opostos. Em uma situação que exigia extremo tato de todos os lados, os Hawking ficaram em um canto da

sala de estar, banindo o resto do grupo – meus pais, os padrinhos de Tim e

suas famílias, e alguns amigos. A atmosfera era tão insuportável que, em determinado momento, eu saí da sala e me refugiei em meu quarto. Meu pai

me seguiu, bastante consciente da pressão intolerável sob a qual eu estava.

Em uma semelhança intelectual com os Hawking, mas desprovida de

qualquer afetação ou esnobismo, ele puxou um pedaço de papel do bolso.

– Jane – disse ele –, dê uma olhada nisto. Se aprovar, vou mandá-lo para

Frank Hawking.

Ao ler o papel, a gratidão pela intervenção de meu pai me dominou. A

carta era uma solução magistral para o dilema, sem de forma nenhuma questionar minha lealdade com Stephen. Afirmava que todos nós

queríamos o melhor para Stephen, mas que os Hawking deviam estar

cientes de que cuidar de duas crianças pequenas e do bebê – seus netos –,

além da carga de cuidados com Stephen, tornava inviável que eu fosse para

o Texas. Ele sugeria que se eles tinham certeza da eficácia do tratamento,

deviam considerar a hipótese de acompanhar Stephen para o Texas. Mais uma vez, meu pai, às vezes exigente, sempre honrado, sempre

despretensioso, com calma e inteligência e por trás dos bastidores, veio em

meu resgate. A carta foi enviada. Ele não recebeu resposta.

Depois de tantos anos de tolerância velada, eles haviam expressado sua

antipatia por mim com franqueza cáustica quando eu estava no meu ponto

mais baixo, logo após o nascimento do meu terceiro filho, enquanto meu filho mais velho estava muito doente. A antipatia deles surgira e se espalhara com hostilidade indisfarçável. Foi estúpido de minha parte não ter reconhecido sua animosidade e me resignado a ela antes; foi estúpido de minha parte ter vivido

na inocente esperança de que as coisas

mudariam. Como eles eram os parentes mais próximos de Stephen, eu fui

obrigada a tentar me dar bem com eles, o melhor que pudesse. Na verdade,

por isso mesmo eu ainda era obrigada a manter um verniz de civilidade.

Gostasse eu ou não, o íntimo laço de sangue era o único fator invariável nessa situação.

A seguinte notícia invernal chegou: a equipe texana estava oferecendo

enviar seu tratamento para Cambridge. Contudo, o neurologista do

Addenbrooke declarou com firmeza que o tratamento não havia sido

testado, nem comprovado, e era impróprio para a ELA. Ele suspeitava que

Stephen seria usado como cobaia, e que os pesquisadores estavam

procurando a respeitabilidade científica e a publicidade associada a seu nome, possivelmente para atrair financiamento. O tratamento teria de ser

administrado no hospital e o tempo necessário seria considerável, com possibilidade mínima de um resultado positivo, mesmo no curto prazo. A esclerose lateral amiotrófica já havia feito seu pior em Stephen; havia pouco mais que pudesse fazer, e era um fato bem conhecido da ciência médica que o corpo não era capaz de reparar o tecido nervoso danificado. O

maior risco para sua sobrevivência nessa época era a pneumonia, e não a

ELA em si. O tratamento proposto seria uma perda do precioso tempo de

Stephen e pouco mais que uma dessas quimeras contra as quais Frank Hawking havia alertado a si mesmo de forma tão decisiva nos anos 1960.

— 11 —

TURBULÊNCIA

TALVEZ EU TENHA FICADO MENOS TRISTE COM O COMPORTAMENTO DOS HAWKING AO ME

dar conta de como implicitamente podia contar com a família de

Jonathan. Com uma bondade despretensiosa, eles se dedicavam de modo incansável a outras pessoas, quem quer que fossem, independentemente de

suas origens. Eles não faziam distinção entre família, amigos, paroquianos

ou estranhos. Qualquer pessoa com problemas, rico ou pobre, podia bater à

sua porta de dia ou de noite e ter a certeza da ajuda e de um ouvido simpático, e provavelmente de uma refeição. Eu não podia acreditar que quaisquer pais, por mais bem-intencionados que fossem, gostariam de

receber o tipo de família com que seu filho mais velho estava envolvido. Eu

estava errada. Em nossa primeira visita a sua casa paroquial, eles nos trataram – a Stephen, as crianças e a mim – como se fôssemos as visitas mais bem-vindas do mundo, como se estivessem mesmo felizes em nos ver.

Nunca demonstraram o menor sinal de julgamento acerca de nós ou de nossa situação.

Como Bill Loveless, John Jones havia se ordenado tarde. Ele chegara a

Cambridge para se preparar para o ministério, após sua carreira inicial de

dentista em Warwickshire. Nessa mudança de direção à meia-idade, ele foi

incentivado de forma inequívoca por sua esposa Irene, assim como por sua

própria mãe, em sua fé silenciosa e garantida. Do alto da colina, nos arredores de Cambridge, eles atendiam a seu rebanho no pantanal

circundante e se devotavam com uma tenacidade prática que já teria sido

extraordinária em um jovem incumbente, imagine só em uma pessoa mais

velha. John, com a ajuda de Irene, não só cuidava das almas a seu cargo em

Lolworth e suas freguesias associadas, como também recuperou a

estrutura do edifício medieval que lhe foi confiado por uma diocese sem dinheiro. No início dos anos 1980, a torre da igreja Lolworth precisava muito de reparos. Como não havia fundos disponíveis para isso, John e Irene vestiram capacetes e macacões e começaram a remover de várias toneladas de excrementos de pássaros de dentro antes de revesti-la e reforçar sua estrutura eles mesmos.

Para mim parecia inacreditável que essas pessoas não relacionadas a nós de forma nenhuma pudessem encontrar alguma boa razão para

receber bem a mim e a minha família, e eu não conseguia entender por que

demonstravam tanto interesse genuíno em nós e tanta preocupação

conosco. Eles espalhavam a luz da bondade, simpatia e altruísmo na escuridão. Não foram só os pais de Jonathan que nos receberam em seu coração, mas, inexplicavelmente, toda a sua família, suas tias, seus tios e seus primos, seu irmão Tim e sua irmã Sara. Antes fisioterapeuta, Sara foi

abençoada com o mesmo tipo de bom senso intuitivo de Caroline

Chamberlain em sua abordagem das deficiências graves; ela sabia o alto preço que uma doença paralisante poderia cobrar da família próxima, bem

como do paciente. Sara e eu rapidamente nos tornamos amigas íntimas.

Tínhamos mais ou menos a mesma idade e havíamos tido bebês mais ou menos ao mesmo tempo. A primeira filha de Sara, Miriam, nasceu em fevereiro de 1979, dois meses antes de Timothy.

Assim, eu já não precisava do apoio dos Hawking. Em vez disso,

comecei a nutrir o distanciamento frio que eles mostravam havia anos.

Surpreendentemente, outros parentes mais distantes de Stephen entraram

no espaço deixado pela ausência dos pais dele. Michael Mair, um primo de

Stephen que havia estudado em Cambridge no final dos anos 1960, quando

Robert era recém-nascido, voltou a trabalhar no departamento de

Oftalmologia do Hospital Addenbrooke. Ele e sua noiva sul-africana,

Solome, radiógrafa, adoravam cozinhar. De vez em quando eles traziam uma refeição deliciosa rica em calorias, feita na hora, para toda a família.

Antes que chegassem, Robert e Lucy ficavam na varanda olhando através da porta de vidro e salivando antes mesmo de eles aparecerem na calçada.

Nunca essas refeições expressas foram mais bem-vindas que nos meses após o nascimento de Timothy, quando lutávamos para retomar o rumo, desesperadamente cansados do esforço extenuante de levar nosso pequeno

barco por mares turbulentos.

A verdade é que um adulto era obrigado a assistir em tempo integral a

cada um dos membros menos capazes da família. Incapacitado a ponto de

não conseguir fazer nada sozinho – exceto manipular os controles simples

de sua cadeira de rodas e do computador que ele havia comprado para celebrar o nascimento de Timothy –, Stephen precisava da presença

constante de uma pessoa conhecida, eu, Don ou Jonathan. O bebê, antes tão

dócil, estava começando a reivindicar seus direitos, respondendo a todas as

atenções dispensadas a ele com enormes sorrisos cativantes, tão grandes que poderiam nos engolir, mas protestava quando desviávamos a atenção

para outra coisa. Nessas ocasiões, minha mãe ria e apontava a semelhança

dele com o pai. Certamente ele herdou as covinhas angelicais de Stephen, mas também como o pai, tinha o engraçado hábito de inclinar os cantos da

boca para baixo para expressar indignação, em especial quando estava com

fome. Em outros aspectos, apesar de ser um bebê maior do que Robert havia sido, ele era a imagem exata do irmão mais velho. Eu os chamava de

meus gêmeos – gêmeos com quase doze anos de diferença. Na verdade, mais de uma vez conhecidos passavam, olhavam para Tim e com alegria diziam: “Olá, Robert!”, e, perplexos, achavam que deviam ter caído em uma

armadilha do tempo antes de perceber o erro.

Felizmente, agora podíamos nos dar ao luxo de uma babá duas manhãs

por semana, então eu podia cuidar das coisas necessárias para produzir as

quatro cópias encadernadas da tese exigidas pela burocracia. Minha

ajudante, Christine Ikin, mais tarde batizada de Kikki por Tim, também era

mãe de três filhos. Ela vinha para a cidade com a regularidade que lhe permitia o imprevisível serviço de ônibus, e alegremente aspirava, limpava

e cuidava do bebê, enquanto eu contatava datilógrafos, revisava seus trabalhos, cotejava centenas de páginas e procurava encadernadores.

Minha relação com a poesia medieval espanhola seguia seu curso e estava

chegando ao *grand finale*. Uma vez que uma tese não é uma promessa muito óbvia de carreira, eu já havia aceitado o fato de ela ser um fim em si mesma, e não um meio para um avanço maior. De qualquer forma, ter uma

carreira estava completamente fora de questão, uma vez que 99% de

minha atenção tinha de estar na casa e na família. Eu tinha de dividir minha atenção de forma equitativa entre as crianças e Stephen, e ainda encontrar

tempo para manter meu cérebro vivo.

Robert e Lucy estavam com dificuldades para se ajustar às novas

circunstâncias. Lucy se via em uma posição incerta, no meio da família, nem

a mais velha nem a mais nova, e foi só quando Robert foi para outro

acampamento de escoteiros no fim do verão que ela demonstrou interesse

no bebê. Então, de repente, ela tinha de buscar e levar mamadeiras, fraldas, alfinetes e talco – tarefas que Robert fazia antes. No início, ela resistiu de maneira desafiadora, e então caiu em pranto. Nesse momento eu percebi quanto ela também havia sido afetada pelo trauma que havia sofrido desde

a chegada do pequeno Tim. Lucy havia sido deixada por conta própria, quando, na verdade, ela precisava tanto de tranquilidade quanto qualquer

outra pessoa. Eu a abracei e disse que não havia deixado de amá-la só porque havia outra pessoa para cuidar na família. Ela se enterneceu com seu irmão mais novo de imediato, como se em todas aquelas miseráveis semanas ela estivesse louca para mostrar seus verdadeiros sentimentos, mas não soubesse como. Ela pegava e levava as coisas de tão bom grado quanto Robert fazia, e depois disso, ninguém era mais dedicada a Tim nem

se comovia mais com seus avanços do que ela.

Robert esteve muito doente, e apesar de ter se recuperado bem e

voltado às aulas, às vezes ele parecia fraco e esquecido. A dislexia ainda era uma deficiência grave em seus estudos. A escola marcou algumas sessões com uma psicopedagoga, que tentou incutir nele técnicas para lidar com a

dislexia, mas ela não conseguiu identificar a verdadeira extensão do problema. Só muitos anos depois eu descobri que na raiz do problema estava uma enorme sensação de inadequação. A uma idade muito precoce

ele tinha consciência de que seu pai era um gênio científico, e que as pessoas, em especial os professores – não seus pais – tinham expectativas

que ele sabia que não poderia atender. Sua crença em si mesmo estava afogada em dúvidas, e sua solução foi não se preocupar com seus estudos,

tendo em vista que se sentia condenado ao fracasso aos olhos do mundo, por mais que tentasse. A parte mais triste foi que desde os sete anos, quando teve ciência de que seu pai era um gênio, ele se sentia inferior.

Robert tinha a duvidosa vantagem de uma inteligência ágil, científica, que o

destinou a uma carreira científica, mas sem alcançar a fama de seu pai.

Quanto a Lucy e Tim, mais tarde sofreriam por não ser cientistas, e os dois

se sentiam gravemente humilhados quando contavam quão desapontados

seus professores ficaram com neles. Realmente, as três crianças estavam em uma situação sem possibilidade de vitória. Contudo, apesar de os preconceitos de seus professores terem lançado uma sombra sobre a

educação deles, Lucy e Tim não sofreram tanto quanto Robert, para quem

as expectativas da sociedade em geral lançavam uma longa sombra da reputação de seu pai.

No outono de 1979 a reputação de Stephen foi muito reforçada

publicamente em Cambridge por sua nomeação à presidência da cobiçada

cátedra lucasiana em Matemática. A cátedra, subvencionada em 1663 com

cem libras por Henry Lucas, foi uma das de maior prestígio em uma das universidades de maior prestígio: era a cadeira de Newton. Stephen era agora inequivocamente equiparado a Newton. Ele celebrou sua elevação à

vertiginosa altura acadêmica valendo-se da oportunidade para dar uma aula inaugural, um costume que havia caído em desuso, pelo menos entre

os cientistas. Um estudante esteve ao lado dele no palco do auditório Babbage e interpretou seu discurso, que já havia se tornado tão fraco e indistinto que só um punhado de estudantes, colegas e a família poderiam

entendê-lo. A plateia extasiada de cientistas, muitos deles jovens otimistas, esforçou-se para entender seu discurso. As palavras não foram projetadas

para lhes oferecer a perspectiva confortável de um futuro seguro, visto que

Stephen alegremente previu que o fim da Física estava próximo. O advento

de computadores mais rápidos e mais sofisticados significava que até o final do século, em apenas vinte anos, todos os grandes problemas da Física

teriam sido resolvidos, incluindo a teoria do campo unificado, e não haveria nada que os físicos fizessem. Ele próprio ficaria bem, declarou Stephen jovialmente, tendo em vista que ia se aposentar em 2009. O público adorou

a brincadeira, embora eu não achasse que eles tivessem muito do que rir...

Nem Stephen, de fato, tinha muito do que rir. Sumariamente prevendo

o fim da Física ele se fazia um refém da sorte, e sua Nêmesis, a deusa ofendida da Física, o pegaria muito depressa. Poucas semanas depois, a nova década se abriu pouco auspiciosamente para todos nós, em especial para Stephen. Depois do Natal, todos pegamos resfriados fortes, incluindo o

bebê. Com a chegada do Ano-Novo a gripe se instalou no peito de Stephen,

judiando de seu corpo com asfixias angustiantes a cada gole de água ou a

cada colherada de comida picadinha; até mesmo a cada respiração. Esses ataques ocorriam no final do dia e duravam até a noite. Usando as técnicas

que eu havia aprendido na ioga, eu tentava fazê-lo relaxar os músculos da

garganta calma e monotonamente repetindo frases calmantes. Às vezes eu

tinha sucesso e registrava a mudança do pânico ofegante para a respiração

regular, quando então o sono tomava conta de sua triste e tão perseguida

estrutura. Às vezes, o tédio da repetição me fazia cochilar

intermitentemente, enquanto ele continuava tossindo e bufando ao meu lado até a madrugada. Na manhã seguinte estávamos os dois exaustos, embora ele, com verdadeira coragem, nunca admitisse, e embarcasse em sua programação normal, sem medo dos acontecimentos da noite anterior.

Enquanto todos nós temíamos uma repetição do ataque de pneumonia

de 1976, Stephen, previsivelmente, não me deixou chamar o médico, nem

queria tomar nenhum medicamento, uma vez que ainda tinha receio de que

o adoçante do xarope para tosse – mesmo no xarope sem açúcar – irritasse

a mucosa de sua garganta e os ingredientes do remédio para suprimir a tosse confundissem seu cérebro ou o levassem a um estado de coma. Assim,

ele tossia e engasgava, e engasgava e tossia, dia e noite, enquanto o bebê fungava e gemia com o nariz entupido e eu ofegava para respirar, tendo em

vista que eu mesma não estava me sentindo muito bem.

Como sempre, minha mãe veio prontamente de St Albans para cuidar

da casa, enquanto Jonathan, Don e eu tentávamos, contra todas as

probabilidades, cuidar de seus ocupantes em dificuldade. Mamãe insistiu em me mandar para a cama, pelo menos entre as várias tarefas que eu tinha para fazer. Bill Loveless foi me visitar na tarde seguinte, sábado.

Deitei-me na cama, prostrada de cansaço e falta de ar, enquanto Stephen, o

paciente real, estava sentado lendo o jornal na cozinha, determinado a vencer sua crise. Eu derramei meus problemas sobre Bill. Ainda queria apaixonadamente cuidar de Stephen, dar-lhe uma vida familiar feliz, fazer

todo o possível por ele, dentro da razão. Às vezes, como no presente, suas

demandas eram superiores a todo o razoável, e o muro de sua obstinação

foi tornando a vida insuportável. Em consequência, eu estava ficando cada

vez mais dependente de Jonathan para preservar minha sanidade mental, para compartilhar meus fardos e para me sentir amada. Essa dependência

só aumentava meu sentimento de culpa.

Bill pegou minha mão.

– Jane – disse ele, pensativo, mas com firmeza –, quero que saiba de uma coisa.

Se eu esperava, nervosa, uma severa repreensão, estive completamente

enganada. Com delicadeza, ele prosseguiu:

– Aos olhos de Deus todas as almas são iguais. Você é tão importante para Deus quanto Stephen.

Dizendo isso, ele me deixou refletindo sobre essa revelação

surpreendente, e foi falar com Stephen. Mais tarde, o doutor Swan foi chamado e recomendou um curto período na casa de repouso local para Stephen, e ele, embora ferozmente indignado, relutantemente aceitou seu conselho. Em certo sentido, eu sabia que Stephen tinha razão, porque na clínica ele não era conhecido. As enfermeiras não entendiam sua fala nem

dominavam as técnicas muito precisas necessárias para cuidar dele. Assim

que se espalhou a notícia de que o catedrático lucasiano havia sido levado

para uma casa de repouso, não houve escassez de ofertas de ajuda. Mais uma vez, os leais alunos e os colegas, em especial Gary Gibbons, ex-aluno de pesquisa de Stephen, estabeleceram um esquema de atendimento para que

Stephen nunca ficasse impossibilitado de comunicar suas necessidades às enfermeiras. O diretor da escola de Robert, Antony Melville, lembrando circunstâncias trágicas semelhantes em sua família, espontaneamente se ofereceu para levá-lo para sua casa em caso de necessidade. John Casey, um

colega da Caius que ocultava simpatia genuína por trás de uma fachada pouco educada, decidiu que a Faculdade devia pagar as despesas de

Stephen na casa de repouso e se comprometeu a convencer o órgão

executivo e o tesoureiro. Talvez essa tarefa fosse menos difícil do que parecia, pois é digno de nota que o vice-marechal da aeronáutica

reformado, Reggie Bullen, foi o tesoureiro mais humano a ocupar esse cargo na Faculdade.

Na semana seguinte, enquanto Stephen estava na casa de repouso,

aceitei um convite de Rees Martin, professor plumiano de Astronomia e

Filosofia experimental desde 1973, para encontrá-lo no Instituto de

Astronomia. Gentil, dúbio em seus esforços para parecer um cientista intransigente, Martin me fez sentar em sua sala e declarou enfaticamente:

– Aconteça o que acontecer, Jane, você não deve deixar a situação derrubá-la.

A ironia não intencional de suas palavras me deixou perplexa, mas

como eu estava cansada e consternada demais para comentar, não disse nada, simplesmente esperando que ele continuasse. Ele repetiu o que havia

dito e chegou a sugerir que já era tempo de Stephen ter atendimento de enfermagem domiciliar. Se eu encontrasse as enfermeiras, ele se ofereceu

para arranjar a verba – de várias fontes filantrópicas – para pagá-las. Fiquei profundamente grata por sua preocupação e sua oferta muito prática, proposta com tanto cuidado e consideração. Minha gratidão era mais pelo

fato de ele ter percebido que eu precisava de ajuda que pela própria ajuda.

Havia três fatores a considerar na oferta de atendimento médico

domiciliar, e certamente o benevolente Martin cuidaria de um deles: o financeiro. Eu não tinha ideia de como cuidar dos dois restantes. Onde eu

encontraria enfermeiros adequados, e mais importante, como ia convencer

Stephen a aceitá-los? Sempre que eu e o bebê íamos visitá-lo, ele rangia os

dentes de raiva em sua prisão temporária, mantendo os olhos fixos na tela

da televisão a sua frente e se recusando a olhar para nós. Eu podia lhe propiciar um pouco de consolo, mas, em vez disso, minha presença parecia

enlouquecê-lo; mas se eu não o visitasse seria logo acusada de negligência.

Ofegante com o peso do bebê robusto, eu me esforçava pelo longo corredor,

duas vezes por dia, ensaiando todos os pedaços de informações e

mexericos que eu havia coletado para ele. O modo como ele nos recebia sempre tinha um efeito amortecedor, lavando a cor e a vida desses pequenos fios, diluindo seu impacto, até que eram quase tão interessantes

quanto uma queima de fogos durante uma tempestade. Os pais de Stephen

foram visitá-lo um dia sem se preocupar em nos ligar na West Road.

Estávamos esperando meu pai chegar a Cambridge para o almoço do

próximo fim de semana quando ouvimos a campainha. Mamãe e eu ficamos

perplexas ao encontrar um carro desconhecido na garagem e uma mulher

de meia-idade do lado de fora da porta. Seu marido estava trazendo meu pai para casa. Esse casal havia viajado cerca de dez quilômetros até Cambridge depois de ver o carro de meu pai deslizar na estrada em um pedaço de gelo preto e colidir com a margem oposta. Eles o socorreram.

Embora o carro de meu pai fosse uma lata velha, milagrosamente ele parecia ileso, mas muito abalado. No entanto, achamos melhor chamar um

médico para verificar se tudo estava bem de verdade. John Owens, o médico que fizera o parto de Robert doze anos antes – e que,

coincidentemente, também havia atendido à esposa de Jonathan, Janet –

chegou prontamente e disse que papai estava em notável bom estado, considerando o risco de morte que havia corrido. Só dois dias depois, tivemos razão para chamar o médico de novo. Lucy, que também estava com um forte resfriado, deu-nos um susto quando um capilar se rompeu em seu nariz e começou a sangrar. Nem bem secou a abundante

hemorragia nasal, outra começou. Dessa vez, o médico era novo para nós.

Como ele estava na meia-idade, foi surpreendente quando ele se

apresentou como um estagiário. O doutor Chester White tinha escolhido a

Medicina como uma segunda carreira na meia-idade, e havia se formado

recentemente. Ele fez um check-up em Lucy, assegurando-nos que não

havia motivo para alarme.

Quando estava prestes a sair, ele voltou sua atenção para mim.

– E você? Está se sentindo bem? – perguntou ele, para minha surpresa.

– Você parece exausta.

Ele se sentou, e eu contei sobre Stephen e a crise em que estávamos.

Não foi necessária muita explicação, visto que ele conhecia a reputação de

Stephen e já o havia visto na rua. Ele não sabia, no entanto, que nós havíamos lutado por anos com a ajuda mínima do Serviço Nacional de Saúde, e ficou chocado ao saber que tínhamos o benefício do *home care* só duas manhãs por semana, quando a enfermeira da região ajudava Stephen

a sair da cama e lhe dava um banho e uma injeção de hidroxocobalamina.

Stephen havia sido obrigado a deixar que esses enfermeiros lhe dessem banho quando, em um estado avançado de gravidez, eu vi meu espaço de manobra no banheiro severamente restringido.

Eu contei a mesma velha história de nossa cansativa luta para

continuar e encontrar um caminho nessa pista de obstáculos em que nossa

vida havia se transformado, mas não tinha ilusões: o doutor White quis ouvir com a maior simpatia, mas seria incapaz de realizar alguma melhoria.

Quem poderia, mesmo com os recursos que Martin Rees havia prometido?

Eu previa o que ele ia dizer, como tantos outros já haviam dito antes: “Bom, sinto muito, mas não sei o que sugerir”. Eu quase não o levei a sério, então, quando, com uma percepção incomum, ele refletidamente sugeriu dois

cursos de ação. Primeiro, disse ele, ia prescrever uma medicação para mim,

e depois, entraria em contato com um enfermeiro de sua lista que fazia

atendimento particular e poderia organizar uma equipe regular para cuidar

de Stephen.

A esperança de que essas propostas fossem mantidas era sedutora

demais para que não fossem consideradas brevemente, mesmo com o velho

ceticismo. Havia uma chance de que a dificuldade de encontrar enfermeiros

adequados fosse superada como resultado desse encontro casual; e o

último obstáculo – e, sem dúvida, o mais alto –, a resistência de Stephen, também poderia ceder em face dessa iniciativa, uma vez que estava sendo

imposta por uma autoridade externa. A culpa por esse pior passo não recairia totalmente sobre meus ombros. Em poucos dias Martin Rees

arranjou uma fonte provisória de renda para financiar alguns cuidados profissionais para Stephen quando voltasse para casa – mas, como eu temia, levou mais tempo para Chester entrar em contato com os

enfermeiros que ele conhecia. Essa perspectiva, ao que parecia, era, afinal, mais um daqueles enganosos fogos-fátuos, um vislumbre de esperança

extinta antes mesmo de se incendiar. Talvez fosse melhor assim: em meu coração, eu não gostava de conspirar contra aquilo que sabia ser a vontade

de Stephen, por mais intolerável que fosse a situação.

Então, certa manhã, no final de janeiro, o contato do doutor White, Nikki Manatunga, o enfermeiro, materializou-se do nada. O tranquilo e trabalhador enfermeiro do Sri Lanka, que se instalara com sua esposa e dois filhos em uma vila na periferia de Cambridge, não demonstrou

preocupação com meu relato das dificuldades e demandas. Ao contrário, tinha confiança de que seria capaz de montar uma equipe de enfermeiros

entre seus colegas do Fulbourn, hospital psiquiátrico local, onde ele trabalhava. Uma semana depois, quando chegou para o primeiro turno, Stephen se recusou

terminantemente a olhar para ele ou a se comunicar de

qualquer maneira, exceto atropelando seus pés com a cadeira de rodas. Eu

me desculpei com Nikki, que perseverava com um sorriso, imperturbável.

– Está tudo bem – disse ele –, estamos acostumados a lidar com

pacientes difíceis.

Na semana seguinte, ele trouxe e nos apresentou outro enfermeiro para

o sistema de turnos, e depois outro. Um enfermeiro já estabelecido vinha com cada novo recruta e lhe passava os detalhes da rotina, de modo que sempre havia uma transição harmoniosa com a mínima exigência de

intervenção nossa, dos cuidadores residentes. Lentamente a irritação de Stephen foi diminuindo e aumentava a aceitação da presença dessas

pessoas pacientes e dedicadas; e ele acabou percebendo que poderia

chamá-los se precisasse de ajuda fora do horário estrito de trabalho deles.

Ele poderia levar os enfermeiros nas viagens para o exterior e ficar independente de seus alunos e colegas, até mesmo de sua família. Não precisaria mais confiar em um pequeno grupo de amigos íntimos para ajudá-lo com suas necessidades pessoais. Uma nova era estava surgindo para o mestre do universo, e, por extensão, para o resto de nós.

— 12 —

AD ASTRA

TIRANDO DOS NOSSOS OMBROS O PESO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM A STEPHEN, A

equipe de Nikki nos permitiu começar a viver a vida como família, em

vez de só lutar para sobreviver. Cuidar de Stephen era relativamente fácil

em comparação com a rotina anterior, em especial desde que Jonathan estava

quase sempre conosco, na maioria das noites e durante os fins de semana inteiros, ajudando a alimentar Stephen, levá-lo ao banheiro e levantá-lo para sair e entrar no carro. Ele também era testemunha

impotente dos aterrorizantes ataques de asfixia, que a cada refeição pareciam espremer os últimos sopros de ar de sua vítima. Aguardávamos,

na esperança de que o ataque passasse, prontos para chamar a emergência,

sabendo que nesses momentos críticos o fio pelo qual Stephen se agarrava

à vida ficava mais tênue. O ataque passava por fim, e depois de alguns goles de água morna ele retomava sua refeição, descartando qualquer item que

ele suspeitasse que irritava sua garganta. E então, quando todos

começávamos a relaxar, ele era vítima de outro ataque.

Jonathan era, por natureza, sensível a dificuldades e lutas, percebendo

onde e como ele era necessário, ajudando com todas as tarefas domésticas

que antigamente eu fazia sem ajuda: ele trazia sacos de batatas, esvaziava

lixeiras, trocava lâmpadas, checava a calibragem dos pneus e abastecia os

carros. Agora havia alguém para me ajudar a arrastar para casa as montanhas de compras semanais feitas no mercado e no Sainsbury.

Durante anos eu havia puxado as pesadas sacolas em um carrinho atrás de

mim ou carregando-as no carrinho de bebê, penduradas na alça e

espremidas na bandeja da parte inferior. Agora, juntos, cuidávamos dos três filhos, mas era geralmente Jonathan quem provinha o serviço de motorista para levar Robert e Lucy a seus vários compromissos, e ele mimava o bebê com suas atividades favoritas: Timmie adorava ser jogado

para o alto, até o teto, abandonando-se, de boca aberta e olhos arregalados, a essa fração de segundo de suspense antes de voltar para a terra e cair na

segurança dos braços de Jonathan.

Ao longo dos anos 1980, as ambições de Stephen e seus sucessos

continuavam a não conhecer limites. O catálogo de instituições,

universidades e entidades científicas que disputavam entre si para cobri-lo

sonoramente de medalhas – Prêmio Albert Einstein, medalha Einstein,

medalha Franklin, medalha James Clerk Maxwell – e outras honras, graus honoríficos, parecia a lista de conquistas amorosas de Leporello, de *Don Giovanni*, a ópera de Mozart. Ao contrário de *Don Giovanni*, no entanto, as conquistas de Stephen não se restringiam à Europa. Contudo, não houve falta de cerimônias de premiação na Grã-Bretanha, e quando estávamos perto de casa, eu mesma levava Stephen. Em uma ocasião memorável,

fomos de Leicester a uma cerimônia de formatura na Universidade, onde o

chanceler era *sir* Alan Hodgkin, professor do Trinity College, em Cambridge; ele havia sido anteriormente presidente da Royal Society, quando Stephen se tornou membro em 1974. Genial e despretensioso, com

um sorriso radiante, mesmo em pé no palco vestido de gala de preto e dourado, ele recebeu Stephen nas fileiras dos doutores *honoris causa* da universidade, apertando firmemente sua mão – a mão que Stephen usava para controlar a cadeira de rodas. A pressão fez Stephen, a cadeira de rodas e *sir* Alan Hodgkin – que ainda estava, por assim dizer, ligado ao aparelho –

saírem em um *pas de deux* rodopiante, levando o conjunto de vestes cerimoniais, divisórias de tijolos, corpos e cadeira de rodas perigosamente

perto da borda do palco. Eu me levantei correndo e desliguei o *joystick* bem a tempo de evitar uma catástrofe horrível.

No entanto, a maioria das cerimônias acontecia nos Estados Unidos, e

era uma sorte que Nikki e sua equipe fossem companheiros de viagem bem

dispostos. Graças a eles, Stephen pôde aproveitar cada cerimônia de entrega do

outro lado do Atlântico para as quais sua passagem e as deles haviam sido pagas. A seguir, ele se voltava para o sério propósito de sua viagem: discussões científicas com seus colegas em outros locais mais interessantes. Nessa época, ele estava particularmente envolvido na

produção – muitas vezes como coeditor com Werner Israel – de vários volumes de ensaios e conferências sobre relatividade, e na tentativa de conciliá-la com a Física quântica. As conferências – ou melhor, workshops –

registradas nesses volumes eram a nova paixão de Stephen, pois ele descobriu que sua fama internacional e sua posição de destaque como professor lucasiano lhe proporcionavam uma vantagem para atrair fundos

para o Departamento; apesar de que uma de suas queixas favoritas era *ainda* a falta de dinheiro para a ciência. Havíamos sido usados para receber e entreter os delegados de conferências e seminários regulares durante anos em uma escala modesta. Nesses dias, Stephen poderia convidar seus

colegas – até mesmo seus adversários – a ir a Cambridge em uma escala maior e presidir todas as suas deliberações como a autoridade final. Os workshops se desenvolveram para assuntos muito maiores e de muito mais

prestígio, com o dinheiro não só para convidar os palestrantes e delegados

mais eminentes, mas também para oferecer jantares e entretenimento. Por

consequência,

meu

papel

como

anfitriã

da

conferência

foi

misericordiosamente diminuído. Acabaram-se os dias de ficar preparando

bufê para jantares para quarenta ou mais pessoas; com o novo sistema, os

jantares dos workshops costumavam ser realizados na Faculdade, onde os

delegados estavam hospedados. Meu envolvimento era geralmente

limitado às recepções de hospedagem e aos chás no jardim, e para tanto, encomendava sanduíches de pepino, como de costume, na cozinha da

Caius. Em contrapartida, os jantares em casa eram mais íntimos, para nossos amigos mais próximos do exterior.

A maior parte das decisões administrativas complexas para esses

workshops – viagens dos delegados, alojamento, locais, métodos de

pagamento e todo o material impresso para a conferência –, bem como a transcrição após o evento, passaram para a esforçada secretária de

Stephen, Judy Fella, embora em teoria ela só trabalhasse meio período. Isso

tudo ia além de sua carga de trabalho regular como secretária do grupo da

relatividade. Seus filhos tinham a mesma idade de Robert e Lucy, porém ela

muitas vezes trabalhava até tarde da noite, às vezes tendo de recorrer à mais avançada tecnologia experimental – instalada pelos dinamistas no porão do departamento – para produzir cópias dos hieróglifos e diagramas

das conferências. Embora Stephen apreciasse sua dedicação, muitos

colegas dela não conseguiam entender as pressões não convencionais sob

as quais trabalhava, e tornavam a vida bastante desconfortável para ela.

Foi no Departamento, e não em casa, que uma nova onda de pressões,

na forma da mídia mundial, surgiu. Por algum tempo, as descobertas de Stephen haviam sido bem documentadas na imprensa científica britânica e

norte-americana; a postura era sempre de consideração e respeito, o contexto estritamente científico, com pouca ou nenhuma referência à

condição física de Stephen. No início dos anos 1980, a imprensa popular começou a ter um interesse mais ativo no fenômeno do próprio homem. O

contraste entre as restrições impostas a ele por sua postura encolhida e seu discurso truncado de um lado, e o poder de sua mente, que lhe permitia vagar pelos confins do universo, de outro, representou uma fonte fértil para muitos voos imaginativos de prosa fantástica. Além disso, o próprio sujeito estava longe de ser avesso à publicidade; na verdade, era um entrevistado bem disposto, apesar das incursões que as entrevistas faziam

em sua agenda já sobrecarregada. Judy encaixou em sua agenda as

demandas extras decorrentes do influxo de jornalistas e equipes de

televisão – e não apenas das redes nacionais, mas de todo o mundo –, porém

houve

alguns

acadêmicos

do

Departamento

que,

compreensivelmente, contestaram, achando que a sala de chá havia sido transformada em um estúdio de televisão mais uma vez.

Stephen gostava da desconcertante visita de jornalistas. Ele pedia

desculpas por não poder levar um modelo do universo em quatro

dimensões a sua sala para demonstrar suas teorias; ou, quando perguntado

sobre o infinito, respondia que era um pouco difícil falar sobre isso, visto que estava muito longe dali. Abertamente ele admitia a decepção pelo fato

de os buracos negros até então não poderem ser detectados, uma vez que a

prova de sua existência lhe asseguraria um Prêmio Nobel. Os jornalistas faziam o que podiam com essas respostas muitas vezes enigmáticas,

espirituosas, a suas perguntas, e a seguir, retiravam-se para compilar matérias reverentes de sua quantidade desconcertante de anotações.

Poucos deles conseguiam alcançar um equilíbrio em suas reportagens.

Muitas vezes faltava sensibilidade em suas tentativas de descrever a presença física de Stephen, ao passo que o que diziam da ciência, talvez compreensivelmente, baseava-se nas interpretações de alunos e colegas de

Stephen.

O jornalista mais insensível de todos foi um produtor de televisão da equipe do programa *Horizon*, da BBC. O primeiro filme, feito cerca de seis anos antes por minha amiga da Faculdade, Vivienne King, fora um sucesso

retumbante; ela havia mostrado Stephen em contexto e evitara a armadilha

– ou a tentação – de retratá-lo como doutor Strangelove. Ainda era um dos

meus piores temores que nas mãos do produtor errado Stephen fosse

retratado como uma espécie de cientista grotesco de cadeira de rodas, retorcido de corpo e mente, destrutivamente decidido a sair em busca da ciência a todo custo, que foi mais ou menos o que aconteceu no segundo filme do *Horizon*. Quando perguntei se ele gostaria de incluir brevemente a família no filme, o produtor observou de maneira depreciativa que as crianças e eu não éramos nada mais que papel de parede na vida de Stephen, e quando o filme saiu, seis meses depois, a cena do almoço no Centro Universitário na qual Tim e eu estávamos presentes foi narrada pela

voz ao fundo de um dos alunos de Stephen. Ele disse: “Nem a senhora Hawking nem seu filho Timmie estão particularmente interessados em

Matemática, por isso, quando eles vêm para o almoço, tentamos não falar sobre trabalho”. Mais tarde, eu soube que, para seu grande embaraço, o aluno em questão havia sido obrigado pelo produtor a ler isso. Meu ex-supervisor, Alan Deyermond, galantemente escreveu para a BBC

protestando contra a injustiça de um insulto tão deliberado. Ironia das ironias, a abertura do filme *Professor Hawking’s Universe* começava com uma das nossas fotos de casamento. As únicas pessoas que tiraram algum

proveito disso foram meus pais, que estavam na foto do casamento: de uma

hora para outra eles se tornaram as celebridades da televisão em St Albans.

Mesmo antes do programa *Horizon*, Stephen tornou-se um nome

familiar. No verão de 1981, o príncipe Philip, chanceler da Universidade de

Cambridge, expressou seu desejo de conhecer Stephen em suas rondas

pelos departamentos universitários. Parecia mais adequado convidá-lo a uma visita privada à nossa casa, onde ele poderia falar com Stephen sem perturbações. Robert, definitivamente um cientista iniciante aos quatorze anos, interpretou as respostas de seu pai às perguntas do chanceler sobre a

idade do universo e a natureza dos buracos negros. A visita, em 10 de junho, coincidiu com o sexagésimo aniversário de nosso convidado, e eu fiz

um bolo gelado de frutas, decorando-a com meia dúzia de velas que Timmie e o príncipe Philip sopraram juntos antes de o visitante real ser precipitadamente levado para seu próximo compromisso.

Quando o nome de Stephen apareceu como Comandante do Império

Britânico na Lista de Honra do Ano-Novo de 1982, decidimos que, dado o

potencial de calamidade envolvido no controle da cadeira de rodas,

Stephen não devia ir para frente sozinho para cumprimentar a rainha, e Robert deveria acompanhá-lo. A investidura no Palácio de Buckingham foi

marcada para 23 de fevereiro. A ocasião exigia roupas novas para todos nós, exceto para Timmie, que era novo demais para ser convidado e teve de

ficar com meus pais. Robert usou seu primeiro terno – que nunca usou de

novo, tendo em vista que na outra ocasião formal que surgiu já estava pequeno para ele. Lucy, que estava passando por uma fase Tomboy, deixou

bem claro que ela só seria forçada a pôr um vestido e um casaco, em vez de

seus jeans e camiseta habituais, como uma exceção que nunca mais se repetiria.

Como Robert e eu estávamos cuidando de tudo sozinhos, sabíamos que

seria uma grande pressão para chegarmos ao Palácio de Cambridge às dez

horas, de modo que fomos para Londres na noite anterior. Ficamos no apartamento reservado para uso dos membros, no piso superior da Royal

Society, com vista para as copas das árvores da avenida e as torres e ameias ao redor do Horseguards Parade. Só quando estava ocupada guardando

todas as novas roupas e seus acessórios no guarda-roupa, tarde da noite, foi que percebi que os sapatos novos de verniz de Lucy estavam faltando.

Ela estava inocentemente com seus surrados coturnos e parecia muito contente de ir ao Palácio com a aparência de quem acabou de subir nas árvores do jardim. A mulher do zelador achava que talvez houvesse uma loja de sapatos no fim da Regent Street, mas duvidava que vendessem calçados infantis. Nós nos resignamos a começar ainda mais cedo que o planejado na manhã seguinte. Deixando Robert dando a Stephen seu café da manhã, Lucy e eu corremos até a Regent Street quando as lojas estavam

abrindo, e compramos o único par de sapatos disponível do tamanho de Lucy. Eram sérios e normais, de couro marrom, devidamente elegantes, mas não tão bonitos quanto os de fivelas brilhantes que haviam ficado em

casa. Ironicamente, foram usados demais, ao passo que os sapatos de verniz ficaram intactos no fundo do guarda-roupa e acabaram sendo

doados.

Apesar da crise de última hora, ainda estávamos dentro da

programação quando partimos para o Palácio. Nós não contávamos, porém,

com o maior engarrafamento de todos na avenida: toda a população

parecia estar convergindo para o Palácio de Buckingham, dando à avenida

o mesmo ar de urgência frenética das estradas que levam ao aeroporto de

Heathrow. Assim como no aeroporto, a maioria dos recém-chegados era deixada no portão, mas foi um privilégio dirigir através desses tantas vezes televisionados portais ornamentados que davam para um mundo à parte.

Era um mundo que parecia funcionar em uma escala de tempo diferente da

nossa, um mundo onde tudo corria com a precisão de um relógio, mesmo

sem que ninguém mostrasse o mínimo sinal de perturbação ou

impaciência; uma cortesia insossa e um charme moderado eram as

características de todos.

Deixando o carro, que de repente parecia embaraçosamente velho,

surrado e sujo, no meio do pátio, mostraram-nos uma entrada diferente da

dos outros, e subimos vários andares em um elevador antigo. Lacaios nos

conduziram com rapidez e gentileza por um labirinto de corredores, onde

só pudemos fazer uma pausa momentânea para olhar os móveis, os

quadros, os vasos chineses e os requintados marfins em armários de vidro

que cobriam as paredes. Quando chegamos à galeria principal, fomos

separados: Robert e Stephen foram levados para se juntar às filas de espera

dos heróis e heroínas nacionais, enquanto Lucy e eu fomos deixadas em nossos lugares felpudos e cor-de-rosa na parte lateral do magnífico salão de baile.

Havia o bastante para absorver nossa atenção enquanto esperávamos

que começasse. Lustres de cristal enormes brilhavam contra a decoração branca e dourada. Uma extremidade da imensa sala consistia em uma

espécie de templo de veludo vermelho, banhado por uma luz dourada

suave, onde *beefeaters* (guardas da torre de Londres) idosos da Torre montavam guarda sobre o estrado onde a rainha ia ficar. Em uma varanda,

na outra ponta, uma banda militar tocava um repertório festivo antes de executar o hino nacional no momento da chegada da rainha. O tema da manhã foi rapidamente introduzido e a investidura assumiu um formato muito familiar, combinando as honradas tradições britânicas de entrega de

prêmios e as cerimônias de formatura com a tendência nacional de pompa

em grande escala, conforme cada candidato dava um passo à frente de uma

aparentemente interminável fila, para seu momento de glória, cara a cara com sua majestade a rainha. Lucy me cutucou, espantada, quando viu um *beefeater* idoso, que estava em pé atrás da rainha, capotar – vítima do calor, do peso de seu traje e das horas passadas em pé. Ele foi discretamente removido do palco, primeiro os pés, sem nenhuma interrupção da

cerimônia.

Quando Robert e Stephen apareceram na entrada lateral esperando sua

vez, mais ou menos no meio do procedimento, minha espinha se arrepiou

de amor e orgulho. Ao atravessarem o salão até o centro e se voltarem para

a rainha, formavam uma dupla dramaticamente impressionante – o

cientista indomável, mas frágil, largado em sua cadeira com um largo sorriso, acompanhado por nosso alto e tímido filho de cabelos louros.

Stephen tinha todo o direito de sorrir de prazer pelas próprias realizações.

Talvez ele também estivesse sorrindo pela ironia. O ex-iconoclasta, o antigo jovem socialista fervoroso havia sido indicado por um governo

conservador para receber uma das mais altas honrarias do soberano e estava sendo levado para o seio da instituição que ele desprezara com tanta

veemência.

Mais tarde, durante o almoço em um hotel de luxo no centro de

Londres, inspecionamos a insígnia, uma cruz finamente trabalhada com esmalte vermelho e azul suspensa por uma fita vermelha com bordas cinza.

A inscrição: “A Deus e ao império”, como o próprio palácio, pertencia aos mistérios e à mitologia de outra era. Quando lemos o livreto com

informações que vinha com a insígnia, como era chamada, o único

privilégio que pudemos descobrir que poderia ser remotamente relevante

para nós foi que Lucy, como filha de um CBE [Commander of the (order of

the) British Empire], poderia se casar na capela da ordem na cripta da Catedral de St Paul.

– Tomara que ela se lembre dos sapatos – observou Robert secamente.

Não foi só o *establishment* britânico que fez questão de incluir Stephen entre seus descendentes. Ele já havia recebido a medalha do papa em 1975,

e no outono de 1981 fora convidado a participar de uma conferência organizada pelos jesuítas na Pontifícia Academia do Vaticano. A Pontifícia

Academia é um grupo unido de eminentes cientistas de caráter

irrepreensível que assessoram o papa em questões científicas. Essa

conferência foi organizada para a atualização papal sobre o estado do universo. Nessa fase inicial, os enfermeiros de Stephen ainda não haviam começado a acompanhá-lo nas viagens ao exterior, de modo que Bernard Whiting, o pesquisador australiano de pós-doutorado que estava

trabalhando com Stephen, concordou em acompanhá-lo à conferência,

interpretar sua palestra para o público e me ajudar com os cuidados gerais.

Desde o nascimento de Timothy, todas as minhas ansiedades sobre

deixar as crianças sozinhas voltaram, e eu só poderia ir a Roma levando um

ou todos comigo – se não Robert, para quem a escola era um negócio sério

agora, pelo menos Lucy e Timmie. Felizmente, Mary Whiting, que conhecia

bem Roma, foi também. Sem os Whiting, a viagem teria sido um desastre absoluto. O Hotel Michelangelo, supostamente o mais próximo do Vaticano,

embora para nossos padrões uns bons vinte minutos de distância do local

da conferência, não servia refeições, nem mesmo café da manhã. Havia um

elevador, mas para chegar a ele era preciso primeiro subir um lance de escadas. Como se não bastasse, Roma estava em época de chuvas

cataclísmicas. Os dias amanheciam claros e ensolarados, e nós alegremente

acompanhávamos Stephen ao Vaticano, deslizando diante dos guardas

suíços no portão, atravessando o solo da residência do Pio IV, uma linda e

rústica construção renascentista erguida para o papa no século XVI. Mais tarde, acomodava visitantes ao Vaticano do sexo feminino e, desde 1936, abrigava a sede da Pontifícia Academia. Ali deixamos Stephen alegremente

se preparando para lutar pelo lado galileano e instruir os papais

cosmólogos em sua visão revisada do universo que não tinha começo nem

fim, nem nenhum papel para um Deus criador.

Até a hora do almoço na Academia, a confiável boa refeição do dia, eu passeava pelos bosques de loureiros e as crianças brincavam nos córregos ornamentais que escorriam pela encosta. Contudo, todas as boas manhãs se deterioravam em tardes nubladas e abafadas, quando as majestosas nuvens dignas de Michelangelo pairavam sobre a cúpula de São Pedro. Explodiam espetacularmente deslumbrantes em meio a raios e trovões, e rasgavam os céus da noite. Mary nos levou a excursões aos locais que ela amava e conhecia tão bem – o Coliseu, o Fórum, as Termas de Caracalla e as Catacumbas de São Calixto –, mas nossos passeios eram sempre temperados pelo conhecimento de que estaríamos encharcados até os ossos se não estivéssemos de volta ao hotel até as quatro horas da tarde. A partir de então, tínhamos de esperar uma pausa nas nuvens, por volta da hora do jantar, para nos permitir sair, com a cadeira de rodas e o carrinho de bebê a reboque, para a ceia. Desnecessário dizer que o estado permanente de engarrafamento romano tornava impossível chegarmos perto do hotel antes da chuva. Normalmente, às quatro horas e aos primeiros relâmpagos e trovões nos encontrávamos nas imediações da estação ferroviária em busca de um ônibus para nos levar para o outro lado do rio Tibre.

O pequeno Tim provou ser um herói inesperado: ele amava os ônibus, por mais lentos, cheios de gente e sufocantemente embaçados que fossem, e os passageiros italianos o adoravam. *Che bel bambino!* , exclamavam abrindo

espaço para eu me sentar com ele em meu colo. *Carissimo, carissimo!* , sorriam, acariciando seus cabelos loiros e fazendo cócegas em seu queixo. Ele havia acabado de começar a descobrir a arte de formar frases em um inglês preciso, gramatical, e adorava ter um público cativo com quem treinar seu talento recém-descoberto. “Você tem casa?”,

perguntava ele, perscrutador, a seus adoradores, fossem secretárias

incompreensíveis, estudantes, empresários ou avós corpulentas. “Você tem

carro?”, continuava com as próprias respostas. “Nós temos uma casa.

Temos um carro. Temos uma garagem. Temos um jardim.” Eles riam,

meneando a cabeça com emoção enquanto a chuva escorria pelas janelas e

o trânsito romano buzinava na paralisia da noite escura lá fora.

Mary assumiu seu papel de guia tão conscienciosamente que ela não

descansaria até que Lucy, Timmie e eu houvéssemos visto todas as igrejas

notáveis de Roma, incluindo a sua favorita, a igreja de San Clemente. A igreja medieval, conhecida por seus radiantes mosaicos coloridos do século

XI da Exaltação da Santa Cruz na abside, foi construída sobre a antiga igreja, e seus primeiros afrescos datam do século VI, ao lado dos restos de uma casa romana. Depois de ter admirado o brilho dos mosaicos, seguimos Mary com cautela para dentro da mal iluminada igreja inferior de tijolos vermelhos, que inexplicavelmente fazia ecoar o som de água corrente.

– Ah – disse Mary alegremente –, é a Cloaca Maxima, o principal dreno

construído pelos romanos. Venham por aqui.

O principal dreno parecia para mim mais um poderoso rio correndo,

mas imaginei que Mary sabia do que estava falando.

A viagem de ônibus de volta ao hotel, na chuva, foi ainda mais

demorada que o normal naquela noite. A cidade inteira estava paralisada.

Pela conversa dos outros passageiros com o motorista Mary descobriu que

o atraso se devia a inundações – a Cloaca Maxima havia estourado os limites de seu canal romano e estava se derramando nas ruas da cidade.

Para passar o tempo, divertidos, discutimos se isso seria um presságio, um

sinal, uma indicação da ira divina pela temeridade de Stephen de professar

suas teorias heréticas dentro das paredes santificadas do próprio Vaticano.

O Vaticano, um dos estados mais poderosos, dogmáticos e ricos já

conhecidos, era presidido por um homem cujos atributos pessoais de

santidade e coragem não eram questionados; porém, ele tentou impor

limitações à liberdade de pensamento – rigidamente como esses cientistas

ateus que questionavam nosso direito de perguntar por que o universo existe. O mesmo homem que deveria abordar a questão “por que” estava ocupado dizendo aos cientistas que eles não tinham o direito nem de perguntar “como” em relação a certos aspectos da criação. No final da conferência, o papa disse à assembleia, em seu discurso, que embora os cientistas pudessem estudar a evolução do universo, não deviam perguntar

o que aconteceu no momento da criação, no Big Bang, e certamente nem antes, porque isso era preservado por Deus. Nem Stephen nem eu ficamos

impressionados com aquelas injunções; eram todas muito reminiscentes

das atitudes por trás da prisão e do confinamento de Galileu, trezentos anos antes. Só agora a Igreja estava começando a se atualizar com a história das descobertas de Galileu. Havia um constrangimento detectável por suas

teorias terem sido proscritas por tanto tempo. Embora fossem mantidos a

sete chaves, os documentos relativos ao destino de Galileu foram

prontamente, quase desculpando-se, apresentados ao escrutínio de

Stephen – o que implicava que havia sido simplesmente um descuido

ninguém ter pensado em reabilitar sua reputação mais cedo. No entanto, o

pronunciamento papal indicou que a Igreja ainda estava tentando

restringir o pensamento, dando a impressão inegável que não muito se aprendeu nesses trezentos anos.

— 13 —

HARMONIA RESTAURADA

AMÚSICA, POR MEIO DA QUAL EU HAVIA VOLTADO PARA A IGREJA NA INGLATERRA,

TORNOU-SEa porta de entrada para meu renascimento e crescimento

espiritual, e foi graças a Mary Whiting que consegui fazer minhas aulas de

canto de novo logo após o nascimento de Timothy. Ela implorou para levá-

lo para um passeio uma vez por semana, na esperança de que o

relacionamento com bebês pudesse ajudá-la a ter um filho. Nas tardes de quarta-feira, portanto, apesar de muitas vezes cansada, retomei minhas aulas com Nigel Wickens, que conhecia bem as demandas da paternidade após o nascimento de sua filha Laura. Sob sua orientação e o

acompanhamento sensível de Jonathan – como e quando seus

compromissos com o ensino lhe permitiam –, voltei para a alegria de Schubert, Schumann, Brahms e Mozart. As emoções se intensificavam e depois se suavizavam, competindo dentro do meu eu mais profundo.

Enquanto isso, Mary e Tim iam alimentar os patos, caminhar no parque, sentar-se sobre os balanços e enterrar o rosto em sorvetes.

Houve muitas oportunidades para executar o repertório solo em

concertos de angariação de fundos para as causas que Stephen e eu defendíamos, e às vezes me chamavam para preencher lacunas em outros

programas, e foi como minha carreira de cantora atingiu seu extraordinário

apogeu no verão de 1982, com uma breve explosão de canções na capela do

King's College no interlúdio de um recital de órgão que Jonathan estava dando para uma conferência médica. Minha confiança tanto em minha voz

como em minha capacidade de aprender rapidamente a música crescera o

suficiente para eu sentir que era hora de diversificar, entrando em uma sociedade de coral. Era-me possível cogitar dar esse passo porque eu agora

gozava de um grau de liberdade sem precedentes. Enquanto Stephen se deleitava com a glória merecida da aclamação internacional, aqueles

primeiros anos da década de 1980 testemunharam minha transformação.

Por um lado, a equipe de enfermeiros me deu o alívio que eu precisava desesperadamente das exigências físicas implacáveis que antes haviam

consumido toda minha energia disponível. Por outro, com o apoio

inabalável de Jonathan e sua devoção à família como um todo, aspectos de

mim mesma que havia muito tempo foram suprimidos, estavam

adormecidos em um canto escuro da luta diária, emergiram para a luz. Eu

não precisava mais viver parcialmente. Estava começando a experimentar a

plenitude da vida, percebendo que as areias que haviam corrido entre meus dedos na praia de Santa Barbara anos antes não haviam, com o passar do tempo, decretado o fim das minhas aspirações individuais.

Em um concerto na igreja Great St Mary, na universidade, encontrei o

tipo de coro que estava procurando – um grupo misto, de pessoas de todas

as idades e de todas as esferas da vida –, executando um vasto repertório e

aspirando a um alto padrão. O jovem maestro, dinâmico, Stephen

Armstrong, recentemente formado pela Universidade, aceitou-me, e depois

disso, passei a frequentar os ensaios uma vez por semana, o que exigia aplicação intensa durante duas horas, no final de um longo dia, e muito estudo no meio da semana. O dia da apresentação, normalmente um

sábado, era agitado. Com concerto ou sem, a família tinha de ser alimentada

e cuidada, e o ensaio final sempre era cansativo. Daí, o concerto em si acabava em um piscar de olhos, e o trabalho de oito semanas desapareceria

em uma única noite, às vezes criando uma sensação de euforia selvagem em partes que haviam saído excepcionalmente bem, às vezes deixando

reflexos de frustração de outras que não haviam alcançado as expectativas.

Um concerto sucedia outro, com mudanças rápidas de expressão e

personalidade musical, do barroco ao moderno, atravessando os períodos clássico e romântico. De Bach a Benjamin Britten, a alegria de cada bom desempenho era inebriante. Não me importava o que cantávamos; cada

obra sucessiva, cada compositor sucessivo se tornava minha paixão

favorita pela duração dos ensaios e do concerto, provocando uma

destilação atemporal do *páthos* frágil de nossa vida, transformando intensidade dolorosa em espiritualidade consoladora.

Foi nesse tempo, quando minha estrela estava em ascensão, que minha

mãe adoeceu com gravidade. Recentemente, ela e seu único primo vivo, Jack, andaram preocupados por causa de tia Effie, que já estava com seus noventa anos. Eu sabia que não era preciso procurar fora de minha própria

casa para encontrar uma causa óbvia da ansiedade crônica que podia ter agravado a doença de minha mãe. Pelo menos, a profunda mudança em nossas

circunstâncias ocasionadas pelo advento da equipe de enfermagem

de Nikki me permitiu dar aos meus pais algum apoio moral nesse momento

mais crítico e tentar retribuir um pouco do cuidado que eles demonstraram

conosco durante tanto tempo. O novo regime também significava que,

menos cansada e menos abatida, eu também poderia dar mais atenção às crianças. O bebê havia crescido e se tornado a criancinha mais

irresistivelmente engraçada, observadora, que fazia perguntas sem parar e

dançava com uma vitalidade travessa. Por volta dos dezoito meses, muito

antes de seu encontro com amorosos passageiros no ônibus italiano, ele havia começado a desenvolver um fascínio precoce pela Astronomia. No início da noite ele ficava vendo a Lua em sua cadeira na cozinha, seguindo

seu curso, distraído do mais importante que era seu jantar. Enquanto ela atravessava o céu – e a janela –, ele ficava impaciente com a comida, clamando para ser liberado de seu cinto de segurança. Quando a Lua desaparecia de vista, ele corria animadamente para a sala para esperar o reaparecimento de seus veios brancos pelas janelas de lá. Cada noite era, para ele, um triunfo da expectativa. Até que a Lua minguava, abandonando-o na escuridão da decepção mistificada. Então, aos vinte e dois meses, ele

demonstrou uma poética, embora não científica, consciência de outros fenômenos naturais. Em uma tarde fria, em fevereiro de 1980, quando enormes flocos de neve caíam vagarosamente, brancos e delicadamente

geométricos em contraste com um céu de chumbo, ele correu para a janela

da sala, gritando:

– Estou vendo *tars*! Estou vendo *tars*!

Tars era seu jeito de dizer *stars* [estrelas]. Ele dançou pela sala, cantando animadamente o pequeno refrão da música silenciosa daquelas constelações estelares que caíam suavemente.

A exuberância de Tim era encantadora, mas podia levá-lo a tentar

proezas potencialmente perigosas de independência, à imitação de seus irmãos, se deixado sozinho por um segundo sequer. Duas semanas antes de

seu segundo aniversário, eu estava preparando o jantar na cozinha quando,

de repente, a casa parecia estranhamente calma. Não havia barulho de brincadeiras infantis – carrinhos de brinquedo sendo arrastados pelo chão,

o tambor de lata sendo tocado, vozes conversando e risadas. Meu sangue gelou nas veias no terrível silêncio. Corri para a porta da frente e a encontrei aberta. Timmie havia fugido.

Robert, disparando à minha frente e à de Stephen, fugia com frequência

quando era pequeno, mas sempre com algum propósito, e sempre se

deixava ser facilmente encontrado. Lucy desaparecera só uma vez – um belo dia no meio do verão, quando ainda morávamos na Little St Mary's Lane. Thelma Thatcher e eu saímos ansiosas atrás dela na rua e no pátio da

igreja, sem sucesso, quando uns norte-americanos que passavam disseram

que havia uma garotinha com um carrinho de boneca na Mill Bridge. Lá estava ela, de bermuda, uma mão apoiada na alça do carrinho e a outra segurando o guarda-chuva verde transparente. Ela estava cercada por um

grupo de alunos admirados, claramente querendo saber o que fazer com esse fenômeno infantil tão senhor de si mesmo.

Cerca de dez anos depois, no isolamento da West Road, onde não havia

avós adotivos amigáveis para pedir ajuda e onde o gramado corria por acres sem um muro ou um portão, eu estava parada com a porta aberta em

um frenesi de indecisão, sem saber que caminho tomar. Timmie teria corrido para a estrada e para o rio, ou em volta da casa, para o jardim? O

pessoal da universidade, já fechando seus escritórios no fim do dia, ouviu-

me freneticamente chamar seu nome e eles foram me ajudar. Pat, da manutenção, seriamente me advertiu a chamar a polícia. Ele ficou ali por algum tempo; com minha pulsação retumbando em meus ouvidos e as

mãos trêmulas, liguei para a polícia. Fiquei chateada porque o policial que

atendeu à ligação não reagiu de forma mais dramática. Ele não parecia notar a urgência da situação.

– Espere um minuto senhora – disse ele jovialmente.

Voltou ao telefone um momento depois.

– Pode descrever seu filho e o que ele está vestindo? – perguntou, ainda

no mesmo tom irritantemente alegre.

– Cabelos louros, olhos azuis, blusa azul e calça verde – respondi distraída pela preocupação.

– Tudo bem – disse o policial –, estamos com um menino em uma das

nossas viaturas, mas como ele não sabia dizer onde morava, a policial ficou

rodando na esperança de encontrar a mãe.

Timmie foi levado para casa pela viatura da polícia, por uma policial e a

gentil pessoa que o havia recolhido quando ele estava prestes a pôr o pé na

estrada, ao que parecia, para visitar sua madrinha, Joy Cadbury. Essa pessoa o segurara no colo até que o menino molhado, louro, de roupa azul e

verde foi entregue de volta aos meus braços trêmulos.

Apesar de serem menos dependentes de minha presença física, meus

dois filhos mais velhos precisavam de uma grande dose de compreensão.

Robert parecia destinado a ser uma criança solitária, com alguns

companheiros, ao passo que a transferência para a escola de ensino fundamental II separou Lucy de seu querido grupo de amigos que ela conhecia desde que nascera. Como Robert havia recebido uma educação privada, graças a sua herança, nós sentimos que não poderíamos fazer menos por Lucy, porém ela foi a única de sua turma a ir à escola Perse para

meninas. Nós lhe demos um gatinho para confortá-la e distraí-la e, na esperança de que ajudasse a pagar suas mensalidades escolares, Stephen decidiu que havia chegado a hora de escrever um livro popular, que descrevesse sua ciência – o estudo das origens do universo – ao público em

uma linguagem acessível, evitando as barreiras do jargão técnico e das equações. Eu havia lhe pedido muitas vezes para aceitar o desafio de explicar sua pesquisa, argumentando que, em particular, eu me beneficiaria

de ler um livro assim, do mesmo modo como os contribuintes em geral, que

financiavam a pesquisa por meio do custeio do governo.

Robert e Lucy às vezes iam comigo à St Mark, onde, sempre inventivo,

Bill Loveless continuava a atender a todas as idades e todos os gostos. Ele

não só mantinha a congregação de Newnham moral e intelectualmente

desperta com seus comentários mensais acerca do estado da nação, como

também fazia um esforço prodigioso para atrair as famílias para a Igreja por meio do culto familiar. Esse culto, sempre divertido, às vezes imprevisível nas respostas que poderia provocar, influenciou toda uma geração de crianças em uma era cada vez mais secular. Lucy, que sempre tinha um papel a desempenhar, acendendo as velas do altar ou apagando-as, lendo o sermão, participando dos testes ou de várias dramatizações, adorava. Num domingo, quando eu havia deixado as crianças cochilando preguiçosamente em casa, Bill anunciou a sessão inaugural de um novo clube de jovens a ser liderado por ordenandos da faculdade de Teologia local; o objetivo era combinar jogos, diversão e discussão séria. Robert mostrou pouco interesse quando lhe contei, mas com relutância concordou

em ir àquela noite só para me agradar. Às sete horas eu o levei à casa paroquial

prometendo esperar fora dez minutos para o caso de ele não gostar. Ele gostou bastante, e fui para casa sozinha depois de esperar dez

minutos, e depois disso, ele nunca perdeu um encontro. Ele reviu velhos conhecidos do ensino fundamental e fez novos amigos, meninas e meninos.

Eles formaram um grupo coeso e leal daquele dia em diante, incentivando

Robert a desenvolver a autoconfiança e a sociabilidade que antes lhe era tão difícil. Só duas semanas depois, ele conheceu Bill Loveless quando ia de bicicleta da escola para casa, e disse-lhe que queria receber o sacramento

da confirmação. Bill se tornou o amigo de confiança e mentor de Robert e

Lucy. Muitas vezes ele os tranquilizou e gentilmente explicou as

complexidades da vida adulta quando as anomalias de sua origem – o flagelo da doença de Stephen ou a natureza não convencional da presença

de Jonathan na família – perturbavam suas noções idealizadas,

preconcebidas, acerca de como a vida familiar e os pais deviam ser.

A atmosfera daquele tempo era normalmente muito mais descontraída,

e eu consegui retomar o contato com minhas amigas de escola de novo. Elas

vinham com seus maridos e a família para uma visita de domingo, uma ou

duas vezes por ano. Depois de um lento almoço, durante o qual muitos temas – políticos, ambientais, científicos, literários ou musicais – eram intensamente discutidos, os adultos passeavam pelo jardim e se juntavam

às crianças para brincar de esconde-esconde por entre as clareiras e os arbustos do Harvey Court, propriedade da Caius, ao lado. Essa brincadeira

se tornou uma tradição. Com Stephen atuando como vigia, o resto de nós perdia nossa reserva de adultos e recuperava por apenas uma hora a intensa excitação da infância.

Na comparativa harmonia desse período, minha relação com Stephen

entrou em uma nova fase, na qual nossa tendência de assumir os papéis de senhor e escravo foi controlada. Éramos companheiros e iguais de novo – como havíamos sido nos anos 1960 e início dos 1970. O emblema da CND [Campaingn for Nuclear Disarmament], que Stephen usava regularmente na lapela em programas de televisão, era apenas uma indicação das várias causas que defendíamos em conjunto. O aumento inexorável de armas nucleares, do qual Rob Donovan havia nos advertido assustadoramente no início dos anos 1970, havia crescido para uma corrida armamentista de pleno direito, uma competição louca, descontrolada entre o leste e o oeste para chegar ao Armagedon o mais rapidamente possível e aniquilar todos os seres vivos do planeta. A campanha de desarmamento nuclear se tornou de novo uma força nacional e grupos locais brotaram por todo o país.

Nosso grupo, Newnham Against the Bomb [Newnham contra a bomba], reunia-se uma vez por mês na casa de Alice Roughton, uma médica aposentada. Uma figura de energia imensa e generosa, convicções incisivas e excentricidade mítica, tinha fama de servir esquilo recheado com urtiga nos jantares. Seu marido era conhecido por preferir o galpão do jardim à casa. Nós, a dúzia de membros da Newnham Against the Bomb, nos sentávamos em volta de sua fogueira aquecendo as mãos em um copo de vinho quente, enquanto ouvíamos as apresentações de palestrantes experientes, mas pessimistas. Então, planejávamos estratégias, discutíamos o que poderíamos fazer para deter a corrida armamentista. As perspectivas não eram animadoras. Estávamos, afinal, colocando-nos contra os

complexos industriais militares das duas superpotências. Havia o leve consolo derivado do fato de que nós, pelo menos, fazíamos um esforço – e,

de qualquer maneira, Stephen e eu estávamos acostumados a brincar de Davi contra um monolítico Golias.

Juntos, ele e eu redigimos uma carta e a enviamos a todos os nossos amigos em todo o mundo, em particular aos dos Estados Unidos e da União

Soviética. Pedimos a eles que protestassem contra a escalada de armas nucleares que ameaçava destruir a população do hemisfério norte e

produzir tanta radiação que as perspectivas de vida restante em outro lugar seriam insignificantes. Apontamos que existiam quatro toneladas de

explosivos para cada homem, mulher e criança no planeta, e que o risco de

uma guerra nuclear ser desencadeada por erro de cálculo ou falha de computador era inaceitavelmente alto. Stephen usou o mesmo tema em seu

discurso para o Instituto Franklin, na Filadélfia, quando foi premiado com a medalha Franklin, em 1981. Ele comentou que os mamíferos e o homem haviam levado cerca de quatro bilhões de anos para evoluir, e nossa civilização científica e tecnológica cerca de quatrocentos anos. Nos últimos quarenta anos, o progresso na compreensão das quatro interações da Física

havia avançado para um estado com uma chance muito real de descobrir uma completa teoria do campo unificado, que descreveria tudo no

universo. E isso tudo poderia ser dizimado em menos de quarenta minutos

no caso de uma catástrofe nuclear, e a probabilidade de que uma catástrofe

dessas ocorresse, por acidente ou de propósito, era assustadoramente alta.

Ele concluiu dizendo que esse era o problema fundamental de nossa

sociedade e muito mais importante do que quaisquer questões ideológicas

ou territoriais.

Defendemos mais ou menos os mesmos pontos quando conhecemos o

general Bernard Rogers, formado pela Rhodes Scholar e supremo

comandante das forças aliadas na Europa, em uma festa na University College, em Oxford. Após a refeição, Stephen barrou seu caminho com a cadeira de rodas quando estava prestes a deixar a mesa de jantar. O general

escutou atenciosamente enquanto eu, com certo embaraço, recitei meu

discurso em nome da Newnham Against the Bomb. Então, educadamente

reconheceu que ele mesmo estava muito preocupado com a situação e

tinha de fato se envolvido em discussões com seu homólogo soviético.

Dentro de alguns anos, a rápida mudança da situação econômica e política

por trás da Cortina de Ferro ultrapassaria nossos esforços locais. Nunca saberemos se nossos modestos protestos individuais e grupais tiveram o menor impacto no curso da história, se qualquer uma das nossas cartas chegou a seus objetivos ou se nossas mensagens chegaram ao coração dos

establishment políticos do leste ou do oeste.

Mais perto de casa, nossas campanhas diziam respeito a questões

menos apocalípticas, apesar de serem igualmente apaixonadas, em especial

quando relacionadas com os direitos dos portadores de necessidades

especiais. As faculdades de Cambridge eram tão incrivelmente lentas na implementação da Lei dos Deficientes – que em sua forma inicial havia chegado ao estatuto em 1970 – que na década de 1980 novos edifícios sem

nenhuma estrutura para pessoas portadoras de necessidades especiais

ainda estavam sendo encomendados. Um deles, o do Clare College, a menos

de cem metros de nossa casa, havia feito um apelo para atrair fundos para

um edifício que contivesse uma biblioteca e uma sala de recital, anunciados

como lugares públicos, mas não fizera nenhuma instalação para pessoas portadoras de necessidades especiais. Nós fazíamos vigorosas campanhas na mídia contra essa atitude dúbia e éramos recebidos com comentários como “Se Stephen Hawking quer um elevador para portadores de

necessidades especiais, ele mesmo deve pagar.”. Quando, por fim, lorde Snowdon – que havia ido fotografar Stephen para uma célebre revista –

divulgou nossa causa no rádio, a Faculdade foi obrigada a capitular.

Stephen e eu – e Jonathan – havíamos apoiado as atividades de

angariação de fundos da Motor Neuron Disease Association desde sua

criação, em 1979. Por algum tempo, Stephen foi patrono dos doentes e eu

participava de reuniões e conferências. No início dos anos 1980, ele foi convidado a ser vice-presidente do Leonard Cheshire Foundation, e em outubro de 1982, a participar do Comitê de Apelação para arrecadar fundos

para a conversão de uma casa vitoriana em Brampton, perto de

Huntingdon, em uma casa para portadores de necessidades especiais em Cheshire. Eu participei de reuniões mensais em Huntingdon e logo descobri

que minha área para captação de recursos não era outra senão a

Universidade de Cambridge – cada faculdade dentro da Universidade e cada membro dentro de cada faculdade. Armada de uma cópia do livro de

matrículas da Universidade, minha tarefa era vasculhar centenas de

prováveis doadores e enviar cartas implorantes para cada um, em

preparação ao lançamento público do apelo, no verão de 1984. O

lançamento em Hinchingbrooke House era um bom augúrio para o apelo, mas, infelizmente para a instituição de caridade, coincidiu com um período

de seis semanas de greve dos correios, enquanto a consciência nacional estava distraída demais com as diárias imagens horrendas na televisão sobre a fome na África para doar a instituições de caridade locais.

Consequentemente, foram muitos anos de angariação de recursos antes de

a casa ser aberta. Para Stephen e eu, no entanto, essas campanhas foram uma atividade totalmente positiva e unificadora que nos deu um papel conjunto fora da Física.

— 14 —

ASSUNTOS PENDENTES

NO INÍCIO DOS ANOS 1980 HAVIA DOIS ASSUNTOS PENDENTES QUE EU TINHA DE RESOLVER.

Em primeiro lugar, a tese. Fui convocada por Westfield para meu

exame oral em junho de 1980, na presença de Stephen Harvey, professor de espanhol do King's College, e do meu supervisor, Alan Deyermond. Na noite anterior, em Cambridge, Stephen e eu havíamos assistido a uma apresentação de uma ópera de Handel, *Rinaldo*, como parte das comemorações de fim de ano na Caius. Embora muito elogiado, o

desempenho não conseguiu me impressionar, porque a música, até mesmo

a famosa ária *Lascia ch'io pianga*, havia perdido temporariamente seu apelo. Como naquelas ocasiões em que Stephen estava de má vontade no balé, eu me contorcia de impaciência na cadeira, lamentando o uso

indevido de meu tempo valioso. Eu estava preocupada pensando que no dia

seguinte, às quatorze horas, nunca seria capaz de lembrar cada ponto, cada

data, cada referência das 336 páginas da tese.

No dia seguinte, tensa e meio míope, pois perdera uma lente de contato

a caminho de Londres, eu tateava durante o exame, até que, com um sorriso

maroto, Stephen Harvey perguntou se eu havia lido um livro do autor David

Lodge. Um tanto surpresa, procurei em seu rosto pistas sobre o significado

da pergunta. Certamente ele não estava se referindo a *Invertendo os papéis*, a hilariante e autêntica história de um intercâmbio acadêmico entre Philip

Swallow, da Rummidge University (conhecida como Birmingham) e

Maurice Zapp, da Euphoric State University (conhecida como Berkeley). Eu

não consegui nem remotamente detectar nenhuma conexão entre

Invertendo os papéis e a poesia medieval espanhola; mas criei coragem para perguntar se ele estava se referindo a algum dos romances de David Lodge.

– Não, não – respondeu ele –, eu me referia a *Modes of Modern Writing*.

Eu tive de admitir que não havia lido seu estudo crítico. Depois disso, o

exame correu em um ambiente mais descontraído. Depois, Alan

Deyermond confessou que não havia lido *Invertendo os papéis*.

Na primavera seguinte, Jonathan e Stephen – que me comprou a túnica

vermelha de doutor em filosofia – acompanharam-me até o Albert Hall e ficaram pacientemente sentados durante a demorada cerimônia. Esse era o

fim de uma longa e árdua jornada. O fato de ter acabado em um beco sem

saída não era significativo. Eu não havia acalentado nenhuma grande esperança de um cargo de professora, nem mesmo de supervisões pagas por hora na Universidade de Cambridge, tendo em vista que minhas

preliminares investigações para saber se haveria algum cargo no

Departamento de Espanhol haviam sido educadamente ignoradas.

A chance de dar início a uma atividade profissional, se não uma

carreira, chegou de forma inesperada e centrada em minha outra língua, o

francês; a língua que eu havia encontrado pela primeira vez, com certa perplexidade, no vidro de molho HP aos três ou quatro anos. Felizmente, o

fascínio pelo francês engendrado pelo molho HP – junto com o ensino simpático da primeira infância – havia sido forte o suficiente para superar o poderoso desencorajamento da senhora Leather, a macilenta e felina

professora francesa que solicitava “cinquenta verbos franceses” como sua forma preferida de punição. Seu obituário dizia que ela conseguia manter uma sala de aula em silêncio absoluto, mesmo em sua ausência.

No início dos anos 1980, quando terminei a tese e Lucy e seus

contemporâneos estavam ansiosos para aprender francês no ensino

fundamental, ensino de línguas foi sumariamente retirado do currículo –

uma vítima das medidas econômicas do governo conservador. Uma das

minhas mais valiosas amigas de portão de escola, Christine Putnis, era uma

australiana, mãe de uma grande família de filhos inteligentes, convenceu a

mim e a Ros Mays, outra mãe, a ensinar francês a um grupo de crianças depois do horário escolar. Com alguma apreensão, demos início a um projeto que devia durar dez anos. Toda tarde de segunda-feira recebíamos

nossos alunos com bebidas e biscoitos, e a seguir, nós os submetíamos a uma hora de aprendizagem intensiva, engenhosamente escondida em

quebra-cabeças, jogos, músicas, desenhos e histórias.

Um ou dois anos depois, eu fui obrigada a revisar o francês do nível GCE

O [nível básico] com Robert. Foi seu boletim, pouco antes do fim do nível básico, que me estimulou a isso. “É improvável que ele passe no exame”, diziam sobre seu francês. A ideia de um filho meu não passar em francês foi

tão terrível que foram necessárias medidas drásticas. O amigo de Robert,

Thomas Cadbury, foi chamado para fornecer algum estímulo competitivo e

assegurar seriedade de propósito, e um mínimo de cinquenta verbos foi conjugado em todas as pessoas e em todos os tempos. Esse ataque

linguístico atingiu seu alvo com tanto sucesso que o resultado do exame sugeria, tal pai tal filho, que ele poderia fazer francês de nível A; sugestão que só recebeu frívola consideração, tendo em vista que ele havia sido inserido, desde o nascimento, na Física, Química, Matemática, mais

Matemática e, claro, na Computação.

Quando eu estava começando a me sentir confiante o suficiente para assumir o ensino mais formalmente, de francês ou de espanhol, outra reunião na porta da escola proporcionou uma oportunidade de ouro. Uma

das mães me colocou em contato com uma recentemente estabelecida

escola onde ela trabalhava, o Cambridge Centre for Sixth-Form Studies (também conhecido como CCSS). A conclusão surpreendente de uma

entrevista informal com o diretor foi que acabei concordando em lecionar

para candidatos à Oxbridge, uma proposta desafiadora, e que eu suspeitava

que era uma espécie de teste de iniciação. Se eu pudesse fazer com que os

alunos entrassem em Oxbridge, provavelmente seria contratada. As

vantagens eram que eu poderia fazer meu horário, e como a organização tinha instalações limitadas, poderia lecionar em casa.

Passei horas olhando antigos exames de admissão na biblioteca da

universidade, elaborando programas de ensino e ruminando sobre as

questões morais e filosóficas estabelecidas na prova, que giravam, de uma

forma ou outra, em torno desses quebra-cabeças filosóficos e linguísticos tão amados de Bertrand Russell, tais como: “Há um barbeiro em Atenas que

barbeia todo aquele que não quer se barbear sozinho. Quem barbeia o barbeiro?". Ou "as generalizações são falsas". Citações epigramáticas também eram umas das favoritas dos examinadores, que encontravam

ampla oferta nas obras de Oscar Wilde: "A verdade é raramente pura e nunca simples", por exemplo. Essas formulações eram acompanhadas de

títulos de ensaios que convidavam a discussões sobre a ética da dissuasão

nuclear ou os valores positivos e negativos da ciência, como, por exemplo,

"A genialidade de Einstein leva a Hiroshima". Todos esses temas e muitos

outros como eles eram alimento para meu cérebro faminto.

Com o apetite aguçado por exames de admissão na universidade,

devorei o material do programa de nível avançado. Gramática, tradução, compreensão, textos literários – todas as horas necessárias de pensamento,

preparação e revisão forneciam um suntuoso banquete para eu alimentar meu intelecto faminto. Além do mais, eu realmente achava que gostava de

lecionar, e gostava da faixa etária dos jovens de dezesseis aos dezoito anos que foram colocados sob minha responsabilidade. Como meus alunos eram

sempre da mesma idade de um ou outro dos meus próprios filhos em algum estágio acadêmico, eu sentia uma afinidade natural com a faixa etária de adolescentes e rapidamente descobri que até os alunos mais difíceis respondiam a uma abordagem amigável. Muitos deles haviam sido

colocados em internatos aos seis anos, e aos dezesseis haviam

demonstrado sua frustração de uma ou outra maneira dramática, e,

portanto, haviam sido expulsos. Agora, tinham uma segunda oportunidade

e era preciso facilitar as coisas para que a agarrassem. Havia também alguns alunos estrangeiros, muitas vezes multilíngues, cujos pais queriam que seus filhos se beneficiassem de uma educação inglesa dentro da segurança de um

alojamento supervisionado. Esses alunos eram

geralmente os mais motivados e os mais estimulantes, mas, muitas vezes,

por causa de suas origens multinacionais, tinham incertezas acerca de sua

verdadeira identidade nacional e não tinham fluência escrita em nenhuma

das suas línguas. A força do curso de nível avançado era que ensinava os alunos a pensar analítica e criticamente para si mesmos e introduzia literatura a pessoas que talvez nunca houvessem lido um livro na vida. Era

especialmente gratificante quando, depois de dois anos de estudo, o aluno

me agradecia por abrir seus olhos para as maravilhas da leitura.

O prazer era mais intenso quando um dos alunos era disléxico. Em

minha família, tive ampla experiência com a multiplicidade de problemas associados à dislexia e sabia que poderia oferecer incentivo especial. Em um sistema educacional incompreensivo, seja estatal seja privado, os disléxicos de uma classe, como meus próprios filhos, normalmente eram chamados de lentos, estúpidos ou preguiçosos, e mandados sentar-se no fundo da sala. Disléxicos não são estúpidos. Seu QI costuma ser maior do que o do resto da população, mas seu cérebro superdesenvolvido descarta

outro mecanismo, geralmente associado com a linguagem ou a memória de

curto prazo. Uma criança inteligente, cujos poderes de comunicação são limitados e que é mandado para o fundo da classe, torna-se uma criança frustrada que precisa de ensino paciente e atencioso para recuperar sua autoestima e expressar sua inteligência latente.

Lecionar em casa por algumas horas por dia segundo minha

conveniência foi o arranjo perfeito. A sucessora de Kikki, Lee Pearson, uma

garota delicada e confiável, encarregava-se de Timmie no período da manhã enquanto eu lecionava. Meus alunos chegavam quando Stephen

estava saindo para o trabalho, e quando a campainha tocava, eu só precisava tirar o avental antes de atender à porta. Eu me sentia

intensamente feliz: as habilidades que eu tinha para oferecer estavam sendo mobilizadas. Conquistei o respeito dos meus alunos e, aos poucos, descobri uma identidade profissional para mim, como se acordasse de um

coma intelectual.

— 15 —

PARTIDAS

POR MEIO DO ENSINO, PRIMEIRO DE NÍVEL BÁSICO E MAIS TARDE DE NÍVEL AVANÇADO, EU

estava começando a encontrar meu valor, mas havia outro assunto

pendente, a maior barreira para a recuperação do meu verdadeiro eu: o medo de avião. A fobia de avião, negra consequência daquela fatídica viagem a Seattle logo após o nascimento de Robert, quando eu amamentava

meu bebê em aviões que atravessavam todos os Estados Unidos, havia me

privado de muitas excelentes oportunidades de acompanhar Stephen –

para a Califórnia no meio do inverno, para Creta na primavera, ou para Nova York, de Concorde. Isso havia me forçado a inventar desculpas evidentemente frágeis, porque todas as sugestões de viagem de avião me davam arrepios, colocando-me imediatamente na defensiva. Havia causado

tensão na casa e me deixado muito infeliz. A ansiedade começou a produzir

sintomas físicos tão marcantes que antes da viagem a Roma, no outono de

1981, fiquei doente de verdade. Eu estava desesperada para encontrar uma

cura.

Foi com grande entusiasmo que, folheando despreocupadamente uma

revista na sala de espera do dentista no fim do inverno, eu me deparei com

uma referência a uma clínica onde a fobia de voar era aceita sem constrangimento, como uma condição tratável. Algumas perguntas e uma carta do meu médico me colocaram em contato com a York Clinic, no Guy's

Hospital, onde Maurice Yaffe, um psicólogo, tratava vítimas em particular ou em grupos pelo Serviço Nacional de Saúde, com uma variedade de técnicas. Não havia nada de clínico em Maurice Yaffe: sua personalidade e

seu jeito eram distraidamente pedantes; ele nunca mencionava a palavra

"fobia", só "dificuldade". Depois de nos entusiasmar com as delícias das tarifas aéreas mais baratas, nós, seus pacientes, fomos incentivados a focar os prazeres de Paris, Roma ou Nova York, em vez das agonias de chegar lá.

A seguir, um curso básico de aerodinâmica não deixou nenhuma dúvida na

mente dos céticos de que os aviões foram feitos para voar. Por fim, Maurice

Yaffe revelou sua própria ideia, o simulador de uma cabine de avião, situado em uma pequena sala no subsolo do Guy's Hospital. Poucos

minutos depois de nos acomodarmos no simulador, encontramo-nos

voando para Manchester – porque o vídeo que aparecia na janela da cabine

era o de um voo para Manchester, com todos os sons e as sensações da decolagem e do voo: os anúncios, os motores acelerando, os bebês

chorando, a inclinação do solo, os solavancos da turbulência quando o avião supostamente passava por uma nuvem. Depois de uma sensação

inicial de pânico seguida de mais ou menos doze voos para Manchester, a

coisa toda ficou tão chata que esqueci de ter medo e comecei a relaxar. O

ponto culminante do curso foi um fim de semana em Paris, organizado nos

pequenos detalhes por Maurice Yaffe, mas, naturalmente, não pago pelo Serviço Nacional de Saúde.

Se Paris foi o primeiro passo em meu caminho rumo à libertação, a Califórnia foi outro passinho em termos psicológicos. No verão de 1982, renovamos velhas amizades por todo o estado e revisitamos velhos

fantasmas. Jonathan havia feito arranjos para participar de uma

conferência sobre música antiga em Vancouver nesse agosto, e combinou seu evento com uma visita nossa a Santa Barbara, onde muitas vezes foi tomado por um dos alunos de Stephen. Na verdade, ele morava com os estudantes em seu alojamento, e para todos os efeitos, partilhava suas obrigações, mas, ao contrário deles, Jonathan pagava a própria viagem.

O pequeno Tim ficou surpreso com o tamanho do país. “Eles

construíram um grande país”, ele murmurava para si mesmo enquanto

olhava pela janela do carro os desertos e as montanhas. Enquanto

observávamos o pôr do sol sobre a cordilheira de Santa Inés de nosso apartamento todas as noites, ele declarava solenemente: “É o fim do mundo, é o fim do mundo!”. Algum tempo depois, perguntei do que ele mais

gostava da Califórnia: o J. Paul Getty Museum, os desertos, as montanhas, o

mar ou o museu e os jardins de Huntingdon. Era uma pergunta estúpida para uma criança de três anos. Ele respondeu com o que achava que eram

meus próprios termos, pois, rápido como um raio, disse: “O museu Mickey

Mouse...”.

Eu já estava pronta para voar tanto para o leste como para o oeste de

novo. Cautelosamente com vistas às possibilidades de emprego, Lucy

começou a estudar russo. Em retrospecto, não foi uma boa escolha, pois, apesar da mudança dos tempos, isso não a levou a uma carreira brilhante e

só lhe causou muita frustração. No entanto, os rigores de estudar a igreja russa do século XVII em Oxford e um inverno passado em Moscou, em meio

às privações de 1992, ainda estavam no horizonte distante, quando Lucy foi

com seu pai, um bando de enfermeiros e eu a uma conferência nessa cidade

em outubro de 1984. As tentativas de Lucy de falar russo foram recebidas

com alegria em êxtase, em especial quando ela se levantou para propor um

breve brinde à *Mir i Drujba* – paz e amizade – no banquete de encerramento da conferência. Foi um desses banquetes russos onde os *hors d'oeuvre* são pródigos – caviar, peixes defumados e carnes, nozes, picles e, claro, o onipresente pepino – e duram horas, interrompidos por brindes, discursos e, no caso de um delegado japonês equivocado, um canto fúnebre

interminável de interpretação monocórdia que ele mesmo havia composto

em ininteligível inglês. O prato principal, a massa habitual de carne não identificável e o purê de batata, chegou às mesas quando todo mundo estava indo embora.

Onze anos antes, nossos conhecidos demonstravam a máxima cautela

nas suas relações conosco. Agora pareciam não se importar nem um pouco

com a oficialidade. A jovem guia que foi mandada para "cuidar" de Lucy e

de mim estava muito mais interessada em nos acompanhar a comprar

roupas nas lojas de moeda forte a que tínhamos acesso, que em dirigir nossos movimentos. Dois dos colegas mais próximos de Stephen, Renata Galosh e seu marido, Andrei Linde, convidaram-nos para jantar em seu pequeno apartamento na periferia de Moscou. Ofereceram uma refeição

deliciosa, em parte graças a uma relação amigável com o gerente de um ou

outro restaurante, e em parte por causa das conservas da *dacha* de Renata no país, entre elas, o suco de morango caseiro extraído de preciosas frutas e engarrafado em casa.

Embora a fobia de voar estivesse mais ou menos sob controle,

simplesmente não era possível acompanhar Stephen em cada uma de suas

expedições internacionais: viajar tornou-se uma obsessão para ele, e parecia passar mais tempo no ar que no solo. Foi difícil para ele aceitar que, além de Lucy e Tim, eu não estava preparada para abandonar Robert ou meus alunos de nível avançado na primavera de 1985, um período que ele

havia designado para uma extensa turnê pela China. Bernard Carr e Iolanta,

uma de suas enfermeiras, corajosamente assumiram o comando, levando

Stephen para dentro e fora de aviões e trens, e valentemente manobrando a

cadeira Grande Muralha acima. Voltaram exaustos, nem Stephen estava na

melhor condição, mas sentia-se triunfante por sua realização. Ele tossia com frequência e parecia estar ainda mais sensível a substâncias irritantes

nos gêneros alimentícios. Muitas noites passei cuidando dele em meus braços, tentando acalmar o pânico que precipitava ainda piores crises de asfixia.

No entanto, as férias de verão prometiam uma trégua. Íamos passar

agosto inteiro em Genebra, onde Stephen planejava manter discussões com

os físicos de partículas do Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (CERN), enquanto o resto de nós poderia apreciar os arredores do Lago de

Genebra. No CERN, Stephen trabalharia com as implicações da direção da flecha quântica do tempo e as observações do acelerador de partículas.

Esse foi um tema sobre o qual ele falou havia algum tempo, com a ajuda de

Robert, para a Sociedade Astronômica da Perse School. Foi nessa palestra

que eu me resignei à conclusão de que a Física se tornara tão abstrata que

mesmo explicada de forma pictórica, ia além da minha compreensão. Não

importava a quantidade, nenhum filme passado de trás para frente com copos e pires quebrados pulando de volta para as mesas e se remontando

poderia me convencer de que a direção do tempo poderia ser revertida.

Essa suposição poderia alterar o curso da história humana se visitantes do

futuro pudessem interferir no passado. Contudo, parecia essencial provar matematicamente que isso não era uma possibilidade, uma vez que a prova

garantiria que nada pode viajar mais depressa que a luz.

Apesar das viagens de Stephen no tempo e no espaço, foi um bom

verão: começou quando a gata teve uma grande ninhada no chão da

cozinha. Os mais bonitinhos foram dados a vários amigos e conhecidos, até

que, por fim, só restou um preto e branco de tom indistinto, que um dos meus alunos mais suscetíveis, Gonzalo Vargas Llosa, um jovem peruano, insistiu em levar para fazer companhia a seu coelho, criado solto em seu quarto. Lucy completou seu primeiro intercâmbio francês com uma garota

bretã cujo pai, barqueiro, havia ganhado na loteria. E houve festas. Robert

definiu o estilo celebrando seu décimo oitavo aniversário, pouco antes do início de seus exames, com uma *ceilidh*, festa tradicional irlandesa, no jardim em uma noite clara e quente sob a lua cheia. Houve também concertos de todos os tipos, corais e instrumentais, recitais e até um show

pop no Albert Hall para comemorar o aniversário de seis anos de Tim, que

havia se tornado um grande fã da banda Sky, dedicando-se única e

exclusivamente, durante todo o seu tempo acordado, a imitar seu incrível rufar de tambor. Um concerto inesperado, de uma natureza diferente, ocorreu em nosso gramado, num domingo, no início de julho, quando

Stephen e eu estávamos voltando para casa de uma expedição à Suffolk medieval com os delegados da conferência de Física desse verão,

apagaram-se as luzes do University Concert Hall até a estrada. Jonathan ia

tocar cravo no concerto naquela noite e nos deu a notícia do desastre. O

tempo estava bom e seco, de modo que a solução óbvia era que os artistas se acomodassem com seus instrumentos no gramado enquanto o público se reuniria em volta, sentados ao ar livre em quaisquer tapetes, almofadas e esteiras que pudéssemos arrumar.

Embora Jonathan fosse regularmente chamado a tocar com orquestras modernas e amadoras, como fez em nosso gramado, havia muito tempo que ele lamentava a falta de uma autêntica apresentação barroca em Cambridge, na qual muitos jovens esperançosos que tocavam teclado disputavam as poucas oportunidades disponíveis. Em contrapartida, ele estava muito distante do cenário londrino para que isso fosse uma perspectiva viável. Não fosse seu compromisso conosco, em especial comigo, claro que ele poderia muito bem ter se mudado para Londres, onde poderia ter avançado em sua carreira com muito mais facilidade. O único caminho para ele era formar a própria orquestra, mas era uma perspectiva assustadora em termos de tempo, compromisso e dinheiro necessários. Ele estava ficando muito frustrado com o isolamento musical em que se encontrava, ansiava desesperadamente tocar em uma orquestra, quando, na primavera de 1984, internou-se para fazer uma cirurgia, e eu decidi tomar conta da situação. Primeiro, peguei o telefone e reservei o University Concert Hall; a seguir, liguei para vários contatos e reservei uma orquestra pequena, mas completa, de músicos barrocos. Jonathan voltou da anestesia e recebeu a notícia de que durante sua temporária ausência de consciência, havia sido nomeado diretor da recém-formada Cambridge Barroque Camerata, e que daria seu concerto inaugural no dia 24 de junho. O

planejamento, a programação e a publicidade frenética encheram as

semanas seguintes, que foram também as semanas de sua convalescença.

Na noite de estreia, Robert ficou na bilheteria, Lucy vendia programas e

vários amigos atuaram como lanterninhas, enquanto eu corria para lá e para cá, fazendo a ligação entre a frente da casa e os bastidores e cuidando de Stephen, sentado ao lado do palco. Para nossa surpresa, a fila para comprar ingressos se estendia até o pátio. Contamos cada membro da plateia conforme entravam na sala de concertos naquela noite de junho, visto que a casa cheia era crucial para o sucesso financeiro da empreitada.

"Sucesso financeiro" não significava ter lucro; significava só cobrir os gastos. Todas as poltronas estavam ocupadas e a apresentação, intitulada *The Trumpet Shall Sound*, foi aplaudida. Entusiasmada com o sucesso do concerto de 1984, a Cambridge Barroque Camerata se aventurou nos

palcos de novo em 1985, com mais uma promoção própria – um programa

para marcar o tricentenário do nascimento de Bach, Handel e Scarlatti.

Felizmente, a aposta valeu a pena uma segunda vez – embora, em algumas

ocasiões posteriores, atrações inesperadas rivais, como a final de futebol televisionada, diminuíssem deprimentemente o tamanho da audiência. A

estreia da orquestra em Londres, prevista para outubro de 1985 no Queen

Elizabeth Hall, devia ser considerada um investimento para o futuro, pois certamente as contas não fechariam, mas atrairia para a Cambridge

Barroque Camerata a atenção de um amplo público.

Nosso lar parecia ter recuperado um considerável grau de equilíbrio.

Ninguém teve resultados mais satisfatórios que o próprio Stephen, que havia acabado de escrever o primeiro rascunho de um livro popular sobre

Cosmologia e as origens do universo. O tamanho do livro mudou com uma

discussão com os primeiros cosmólogos modernos sobre as teorias da

Física de partículas e da flecha quântica do tempo – com especial referência, é claro, ao significado dos buracos negros. Em conclusão, o autor aguarda com expectativa o momento em que a humanidade será

capaz de “conhecer a mente de Deus” através da formulação, em alguma data não muito distante no futuro, de uma teoria unificada completa do universo, a teoria de tudo. Stephen havia recebido o nome de um agente em

Nova York, onde o livro estava sendo oferecido aos editores, e enquanto isso, na Inglaterra, discutíamos métodos tributariamente eficientes de receber direitos autorais, o que esperávamos que representasse uma

modesta renda complementar regular ao longo dos anos, visto que diziam

que livros didáticos eram muito mais confiáveis no longo prazo que best-sellers. Era improvável que atingisse o objetivo inicial de pagar os estudos de Lucy, visto que ela já estava no fundamental II.

No final de julho, poucos dias antes do resto de nós, Stephen, sua nova

secretária Laura Ward, alguns estudantes e enfermeiros, foram para

Genebra. Eu estava ansiosa para ficar e esperar Robert partir em uma expedição de escoteiros para a Islândia antes de sair de Cambridge. O plano

era que em uma semana encontraríamos Stephen e sua comitiva na

Alemanha, em Bayreuth, a meca wagneriana, para uma apresentação de

Ring Cicle, e depois, voltaríamos para Genebra, para uma casa alugada para o feriado. Finalmente eu começava a alcançar um feliz equilíbrio em minha

vida, e sentia que com a ajuda de Purcell, Bach e Handel eu poderia lidar com os efeitos das modulações sinistras de Wagner com um espírito de bem-humorada tolerância.

Foi muito casualmente, sem pensar duas vezes, que eu disse adeus a Stephen quando ele saiu de casa no dia 29 de julho. Genebra, afinal, era perto em

comparação com a China, e famosa por seus padrões de higiene.

Estávamos todos preocupados com o pai de Stephen, que tinha uma doença

crônica, e temíamos que ele morresse durante nossa ausência. Ele encarou

sua doença com o mesmo estoicismo rude e pragmático com que lidava com todas as situações e que usava para esconder a dor ou o

constrangimento. Apesar das vicissitudes de minha relação com a família Hawking, eu não deixara de respeitá-lo, ainda mais porque nos últimos tempos ele havia começado a me escrever cartas sinceramente gratas, elogiando meus cuidados a Stephen e às crianças e minha administração da

casa. No entanto, minha maior ansiedade nesse momento era por Robert, meu filho mais velho, a quem eu vira partir em companhia dos escoteiros

três dias após a partida de Stephen. Seus planos – uma caminhada por uma

geleira e um passeio de canoa pelo litoral norte da Islândia – encheu-me de

silentes maus agouros.

Quarta parte

— 1 —

A NOITE MAIS ESCURA

ERA RARO QUE JONATHAN E EU FICÁSSEMOS SOZINHOS POR QUALQUER PERÍODO DE TEMPO.

Tentávamos seguir um código de conduta na frente de Stephen e das crianças, graças ao qual nos comportávamos apenas como bons amigos, suprimindo, às vezes com dificuldade, qualquer demonstração de carinho mais íntimo na tentativa de evitar ferir alguém. Todas as noites eu ficava atrás de Stephen na porta da frente quando via Jonathan partir,

despachando-o para sua casa, do outro lado da Cambridge. Em nossos esforços para manter o lar funcionando por esse método não convencional

tivemos o apoio de muitas pessoas, entre elas, minha antiga ajudante em casa, Eve Suckling. Eram pessoas que testemunharam a situação de perto e

que eram sábias o suficiente para não tirar conclusões precipitadas. Até mesmo Don, cujos valores absolutos haviam sido abalados certa noite, na primavera de 1978, pouco antes do nascimento de Tim, quando encontrou

Jonathan e eu confortavelmente apoiados um no outro no sofá, admitira que a situação muitas vezes exigia dele muito mais do que ele esperava, e

às vezes mais do que podia dar – com certeza mais do que poderia dar indefinidamente. Ele admitia que vivera conosco tempo suficiente para saber que os rigores incessantes de nosso modo de vida muitas vezes o colocaram em um desconfortável conflito com sua consciência. Sabíamos também que sempre poderíamos contar com a orientação de Bill Loveless

para fortalecer nossa determinação e ajudar a manter nossa perspectiva no

âmbito disciplinado que havíamos tentado estabelecer para nós, enquanto

via nossas fraquezas com compaixão. Mais de uma vez ele disse que nossa

situação era única e que ele não saberia dizer como devíamos agir.

Ocasionalmente, quando Stephen ia para o exterior ou quando íamos de

carro encontrá-lo em algum lugar do continente, hesitantes permitíamos que nossa relação florescesse. Contudo, eu era tão sensível à natureza pouco ortodoxa da relação que a experiência muitas vezes era regada a lágrimas de culpa, uma vez que uma palavra impensada de uma das

crianças, ou um encontro inesperado em uma praia ou em um

acampamento poderia destruir rapidamente a breve e inebriante ilusão de

liberdade e fazer minha consciência cair no desespero. Discrição e

enganação dividiam-se por uma linha tênue, e nunca era fácil julgar de que

lado da linha estávamos. Havia outras celebridades que ficaram

gravemente deficientes, e era de conhecimento público que seus cônjuges haviam encontrado consolo com outros parceiros enquanto ainda cuidavam com responsabilidade e carinho deles. Talvez fosse porque esses cônjuges eram maridos, em vez de esposas, e era mais fácil para eles deixar que suas novas relações aparecessem para o exterior.

No entanto, esses curtos períodos de trégua, passados sob uma barraca sob um vento furioso ou às vezes compartilhando um pequeno quarto de hotel estrangeiro com duas ou três crianças, permitiam-nos momentos de liberdade da ansiedade persistente e dos constantes cuidados. Restauravam nosso enfraquecido ânimo e, paradoxalmente, reforçavam nossa lealdade para com Stephen. Nossas viagens muitas vezes nos levaram pela França, dando-me a oportunidade de apresentar Jonathan a Brandon e Lucette, que agora viviam nos arredores de Paris; e a Mary e Bernard Whiting, que com seus dois filhos pequenos viviam no coração dessa cidade mágica. Todos eles receberam sinceramente bem Jonathan como um elemento essencial em nossa vida familiar. Em 1985, no entanto, nosso percurso nos levou à Bélgica e à Alemanha, em vez de à França. Tornou-se uma parte integrante da rotina da família Stephen participar de um curso de verão em alguma parte desejável da Europa, indo de avião com seus alunos e enfermeiros, e eu, Jonathan e as crianças íamos de carro, de uma forma mais descontraída, tirando alguns dias de férias no caminho. Então, na sexta-feira, 1º de agosto de 1985, após a partida de Robert para a Islândia com os escoteiros, Jonathan, Lucy, Tim e eu partimos para Felixstowe a bordo da balsa, fazendo a travessia noturna para Zeebrugge.

Havíamos planejado passar o fim de semana à beira-mar na costa belga

antes de atravessar de carro a Bélgica e a Alemanha rumo a Bayreuth, onde

em 8 de agosto íamos encontrar Stephen para a apresentação do *Ring Cycle*

– mas só uma noite na costa, onde as ardentes tempestades de areia sopravam ao longo da praia sob um céu de chumbo, foi suficiente para nos

levar ao interior e procurar acampamentos em Ardennes, a área florestal acidentada da Bélgica, perto da fronteira alemã. Não só a chuva torrencial

começou a atacar nosso para-brisa antes de chegarmos a Bruxelas, mas também uma coceira estranha começou a rastejar por nossa nuca e

pescoço, e achamos carrapichos irritantes em nossas blusas e casacos. A verdade foi que estávamos levando para passear os piolhos que haviam infestado a escola de Tim pouco antes do fim do trimestre. Todos havíamos

cuidadosamente lavado os cabelos com o xampu prescrito, e Stephen, como

uma boa medida, havia insistido para que também passássemos em seus cabelos uma loção de odor fétido, que ele usou por um dia inteiro no Departamento. Naquela noite, ele observou que, além de seu fiel

aluno/assistente, ninguém havia chegado perto dele o dia todo.

Nessas férias de verão na Bélgica estávamos pouco melhor que os

mendigos, molhados até os ossos e tomados de piolhos até que eu consegui

encontrar o xampu apropriado. Ainda seguimos na chuva da Bélgica a Luxemburgo, onde paramos para fazer um piquenique em Echternach, uma

cidade arborizada, na fronteira alemã. Depois de ficar preso dentro do carro a manhã toda, Tim correu com alegria para cima e para baixo por um

longo corredor de árvores de um parque. Inevitavelmente, ele escorregou e

caiu de cara no chão em uma poça de lama. A aparição saindo da terra era

um menininho irreconhecível, anteriormente louro, coberto de lama da cabeça aos pés, das pontas dos cílios aos cordões dos tênis. De cada peça de roupa, incluindo seu casaco, escorria lama marrom. Jonathan me guiou para o banco da frente do carro e, a seguir, pegou depressa a bacia de lavar louça e montou o fogão de acampamento na calçada. Aqueceu um pouco de

água e lavou a criatura e as roupas da melhor maneira possível, à vista de

todos os transeuntes – para intenso constrangimento de Lucy. A etapa final

dessa jornada nos levou até alguns amigos de Jonathan, de Mannheim até

Rothenburg, uma atração turística medieval de fácil alcance ao wagneriano

santo dos santos. Montamos nossas barracas no início da noite e nos demoramos, sonolentos, sobre a comida e o vinho em um restaurante de atmosfera agradável. No caminho de volta para o acampamento parei em uma cabine telefônica para ligar para Genebra e checar os arranjos para encontrar Stephen em Bayreuth no dia seguinte. O telefone foi atendido por

Laura Ward, que havia substituído Judy Fella quando esta fora fazer uma longa viagem pela África do Sul com o marido. A voz de Laura estava tensa,

com uma urgência inesperada.

– Ah, Jane, graças a Deus você ligou! – ela quase gritou ao telefone. –

Você precisa vir depressa, Stephen está em coma no hospital, em Genebra,

e não sabemos quanto tempo ele vai viver!

A notícia foi devastadora. Fez-me mergulhar em um buraco negro de

miséria. Totalmente irracional, esquecendo todas as viagens para lugares distantes a que ele já havia sobrevivido muito bem sem mim, eu me perguntava como podia ter deixado Stephen sozinho com sua comitiva, privado da proteção de meu conhecimento íntimo de sua doença, de suas necessidades, seus remédios, seus gostos, seus desgostos, suas alergias, seus medos? Como eu podia tê-lo visto partir, sem nem um pingo de ansiedade e, depois ter saído de férias – com Jonathan?

Enquanto ainda estávamos em Cambridge, Stephen havia ligado, como sempre fazia quando chegava, para dizer que estava tudo bem. Ele estava morando em uma bela casa em Ferney-Voltaire, bem situada, pouco distante do laboratório. E nos desejou boa viagem, disse estar ansioso para nos encontrar dali a uma semana em Bayreuth. Depois disso, na confusão de todas as minhas outras preocupações, em especial minha ansiedade em relação à viagem de canoa de Robert pelo litoral norte da Islândia, eu mal havia pensado em Stephen, sabendo que ele estava seguro e em boas mãos. Afora a tosse incômoda que ele trouxera da China, estava bem quando saíra de casa. Era inacreditável que ele pudesse ter entrado em coma em Genebra. Entramos no carro entorpecidos, discutindo a notícia. Decidimos levantar acampamento e partir para Genebra imediatamente, mas, na volta, encontramos tudo fechado: o portão principal estava fechado e a única entrada ou saída era por um postigo para pedestres. Não havia jeito de sair dali antes do início da manhã. Fiquei acordada em meu saco de dormir, ouvindo lobos uivarem e animais de fazenda cacarejando em algum lugar na noite negra distante. “Por favor, Deus, deixe Stephen viver!”, sussurrei, impaciente, até o amanhecer.

Assim que o camping abriu, carregamos o carro e partimos feito loucos por toda a Europa rumo a Genebra. Centenas de quilômetros de pasto alemão passaram sem que percebêssemos que havíamos atravessado a fronteira com a Suíça. A única vantagem de estar na Alemanha era que não havia restrições de velocidade. Fizemos uma pausa na fronteira para dar algo de comer às crianças, mas eu não tinha estômago para comer, e logo

retomamos nosso caminho frenético ao longo das margens desalmadas e tranquilas dos lagos azuis, lago Neuchâtel e, a seguir, o lago Genebra.

Conversamos pouco, cada um absorto em um tumulto infeliz de reflexões confusas. Até as crianças estavam quietas no banco de trás do carro.

Genebra brilhava sob o sol de fim de tarde quando nos aproximamos, mas

tínhamos apenas um objetivo: o Hôpital Cantonal, onde a terrível verdade

de vida ou morte nos aguardava. A combinação dos conhecimentos de

Jonathan de leitura de mapas e minha capacidade de pedir indicações em francês nos levou a ele: um limpo, clínico complexo de edifícios brancos e

brilhantes por fora, altamente polido e brilhante de aço inoxidável por dentro. Fomos levados diretamente à UTI, e Stephen estava deitado ali, quieto e imóvel, com os olhos fechados em um sono comatoso. Uma

máscara cobria sua boca e seu nariz, e havia tubos e fios ligados a várias partes de seu corpo, arrastando-se em todas as direções; os monitores e a

dança interminável de linhas onduladas luminosas verdes e brancas

traçavam os padrões rítmicos de sua força de vida lutando para manter a

superioridade sobre o velho inimigo, a morte. Ele estava vivo.

A equipe médica da enfermaria me ofereceu uma recepção rude.

– Quantos anos faz que você viu seu marido pela última vez? –

perguntaram-me friamente.

Era óbvio que achavam que Stephen e eu vivíamos vidas separadas e que sua doença piorara desde nosso último encontro. Eles ficaram confusos

quando eu respondi que o havia visto semana passada.

– Bem, então por que ele está viajando nesse estado de saúde? –

perguntaram com a chocada incompreensão da inata cautela médica.

Eu não poderia responder a essa pergunta mais do que eles próprios, mas tentei contar a história usual de coragem indomável de Stephen combinada com sua genialidade científica, etc. etc. Uma história muitas vezes repetida que era muito longa e muito complicada para contar em meu drenado estado emocional, e ninguém acreditaria, de qualquer

maneira. Em vez disso, eles me deram uma versão deturpada do que havia

acontecido.

Aparentemente, a tosse de Stephen piorara depois de sua chegada a

Genebra. Talvez, como eles não viviam com ele todos os dias e todas as noites, seus acompanhantes não tenham percebido que era razoavelmente

normal. Muito contra sua vontade, eles insistiram em chamar um médico.

Depois de horas de discussão, o médico, por sua vez, insistiu em interná-lo.

Foi diagnosticada uma pneumonia, e depois de mais discussão, Stephen foi

ligado a um aparelho de suporte de vida. Ele não estava em coma, como sua

secretária havia dito, apenas havia sido drogado para permitir que uma potente mistura de antibióticos e alimentos fosse administrada a seu sistema por meio de vários tubos, enquanto a ventilação respirava por ele.

Ele não estava em perigo, uma vez que todas as suas funções eram governadas por máquinas. Eu podia facilmente imaginar que isso era a realização do pior e mais aterrorizante pesadelo de Stephen: seu destino, que jazia no controle que ele próprio exercia de seus cuidados médicos, havia sido retirado de suas mãos por estranhos que não sabiam nada sobre

ele, sequer quem ele era.

Na casa alugada em Ferney-Voltaire, nossa chegada foi recebida com

alívio por estudantes, enfermeiros e secretária – um desperdício, tendo em

vista que, com a remoção do jogador principal, sua presença era supérflua.

Também estavam em estado de choque, em silêncio, questionando o que mais poderiam ter feito. Enquanto Stephen jazia drogado no hospital, não

havia nada a fazer. No entanto, nos dias seguintes, quando me encontrei sugada para um vórtice de problemas administrativos, emocionais e éticos,

eles inventaram novos papéis para si mesmos, que cumpriram com

eficiência e tranquilidade. Os alunos faziam as compras e cozinhavam, os enfermeiros cuidavam das crianças e as levavam para passear – afinal, supostamente, aquelas eram suas férias de verão –, e Laura, a secretária, mantinha contato permanente com Cambridge e o CERN para tentar

resolver nossos problemas financeiros e de seguros. A notícia foi um duro

golpe para a família de Stephen, em especial para a mãe. Seu marido estava

inválido, e agora a vida de seu filho estava criticamente ameaçada também.

Mantínhamos contato diário por telefone, e ela foi sempre solidária e fleumática. Com seu jeito não emotivo, ela já parecia estar resignada com a

morte de Stephen. Era cruel que três gerações de homens da família Hawking estivessem em risco ao mesmo tempo, ainda que tão distantes: Frank estava velho e doente na casinha de Bedfordshire para a qual ele e Isobel haviam se mudado recentemente; Stephen estava muito doente em

Genebra; e só Deus sabia o que estava acontecendo com Robert. Eu não sabia se sua canoa havia virado no mar da costa norte da Islândia.

Não havia nenhuma ansiedade em relação ao bem-estar do quarto e

mais jovem Hawking, Tim. Seu futuro imediato era um problema, porém, uma vez que ele tinha de voltar para a Inglaterra e para meus pais de um

jeito ou de outro; eu estava preocupada demais em Genebra para cuidar dele, e os enfermeiros logo iriam embora. Ainda que Lucy tivesse seu próprio passaporte, Tim estava registrado no meu, de modo que fui ao consulado

britânico para que nos ajudasse a levá-lo para casa. Ninguém poderia nos culpar por pensar que os funcionários consulares estavam sendo deliberadamente obstrutivos. A mulher de cabelos escuros e cara amarrada no balcão dispensou-me sumariamente depois de eu passar

horas à espera de uma entrevista, apesar de eu ter explicado as

circunstâncias extraordinárias. Não havia chance de Tim voltar para a Inglaterra sem passaporte, disse ela. Para isso, eu precisaria apresentar sua certidão de nascimento. Suspirei. A certidão de nascimento de Tim estava

na sala de estar de casa, na mesa que pertencera à avó de Stephen. Com vã

esperança, telefonei para nossa casa, sem esperar ser atendida. Para minha

surpresa, a voz de Eva surgiu do outro lado da linha. Providencialmente, ela estava em casa fazendo a limpeza da primavera. Ela foi até a mesa, encontrou a certidão de nascimento e a enviou para Genebra por entrega expressa. Triunfante, balancei o documento na cara da mesma funcionária

dois dias depois, porém ela não pareceu impressionada.

– Isso não resolve – ela disse, mordaz, como sempre. – Isso é só uma declaração de nascimento, e precisamos da certidão inteira, da Somerset House.

Olhei para ela, incrédula.

– De qualquer maneira – ela prosseguiu –, há papéis para preencher e

seu marido terá de assinar.

– Eu já lhe disse – respondi com os dentes apertados – que meu marido

está inconsciente e paralisado, preso a um ventilador artificial na UTI do Hôpital Cantonal. Ele não pode assinar nada.

– Bem – ela prosseguiu, obtusa –, se seu marido não sabe que você vai

levar a criança para fora do país, certamente não pode fazer um passaporte

para ele.

Em uma última tentativa, à beira das lágrimas, exasperada, eu implorei.

– Eu só estou tentando mandar o menino para casa.

Ela parou por um segundo, durante o qual seu humor se acalmou um pouco, como se só naquele momento minhas palavras houvessem sido

registradas por seu cérebro.

– Se você arranjar outra pessoa, um britânico com algumas

qualificações, um professor, talvez, para assinar os papéis e me fornecer uma foto, posso pensar – ela respondeu.

Para nossa diversão privada, Jonathan preencheu e assinou os

formulários, visto que cumpria todas as exigências oficiais. Levamos Tim a

uma cabine fotográfica e o fizemos treinar sua assinatura. Por fim, no dia 13 de agosto, foi emitido um passaporte britânico em nome de senhor T. S.

Hawking; ostentava a atraente fotografia inocente e a assinatura

garranchada e inexperiente de uma criança de seis anos. Assim equipado, o

senhor T. S. Hawking voltou para casa – classe business, por falta de assento na econômica –, para a Inglaterra com Lucy e os enfermeiros, e ficou com meus pais.

Em sua ausência, Robert era a única fonte de boas notícias do verão.

Bernard Carr, sempre um aliado leal *in extremis*, foi para Genebra para assumir o lugar dos alunos quando a situação começou a mudar. Ele levou

os resultados do exame de nível avançado de Robert, que foram excelentes,

o único vislumbre de luz entre as mais negras nuvens. Esses resultados garantiam a Robert uma vaga na Universidade de Cambridge, no Corpus Christi College, faculdade de meu pai, para cursar ciências naturais.

A LINHA TÊNUE

SE O COMPARATIVAMENTE TRIVIAL PROBLEMA DO PASSAPORTE DE TIM TOMOU UMA

quantidade excessiva de tempo para ser resolvido – na natureza às

avessas das coisas durante esse período –, um assunto muito mais sério foi

resolvido em questão de segundos. Dois dias depois de nossa chegada a Genebra, o médico responsável pelo caso de Stephen pediu para falar comigo sobre um assunto de certa urgência. Ele me levou para uma sala lateral nua e cinza. No começo, achei que ele só queria checar os fatos da existência excepcional de Stephen. A equipe de enfermagem havia

começado a aceitar que Stephen não era um paciente comum, nem vítima

de negligência por parte de sua família. Depois de ter verificado vários detalhes de sua fenomenal longevidade e de sua autogestão, o médico foi abruptamente ao ponto. A questão era se sua equipe devia desligar o ventilador enquanto Stephen estivesse dopado, ou se devia tentar trazê-lo

de volta da anestesia. Fiquei chocada. Desligar o suprimento de vida era impensável. Que ignominioso fim para uma luta tão heroica pela vida! Que

negação de tudo pelo qual eu também havia lutado! Minha resposta foi pronta e rápida. Eu não precisava nem pensar nisso ou discutir o assunto

com outras pessoas, visto que só havia uma resposta possível.

– Stephen tem de viver. Você deve trazê-lo de volta da anestesia –

respondi.

O médico passou a explicar as complicações dos procedimentos que se

seguiriam. Stephen não conseguiria respirar sem ajuda, e quando estivesse

mais forte teria de passar por uma traqueostomia. Essa seria a única forma

de livrá-lo do respirador, pois contornaria a área hipersensível de sua garganta que vinha lhe causando tantos problemas. Falou das tecnicidades

da traqueostomia, um furo na traqueia abaixo das cordas vocais que precisaria de cuidados profissionais permanentes. Não dei muita atenção a

esse prognóstico sombrio, embora realista. Eu tinha tomado a decisão que

era necessária. A verdade importante era que Stephen estava vivo e que permaneceria vivo enquanto eu tivesse qualquer poder de influenciar os acontecimentos.

Saí da sala para uma visão notável. Ali, parado no corredor, estava um

membro do Gonville e Caius College, embora nenhum de nós dois o

conhecesse muito bem. James Fitzsimons e sua esposa francesa, Aude, estavam de férias com a família de Aude, em Genebra, quando a notícia de

que Stephen estava doente no hospital os alcançou, e eles estavam ali para

oferecer ajuda. Eles não poderiam ter chegado em um momento mais

propício. Eu estava profundamente abalada pelos acontecimentos da

semana passada e ficara perturbada, embora insolente, com a entrevista.

Percebi que as crises não haviam acabado, e, de fato, outra pior poderia ser iminente, pois não era de todo certo que Stephen sobreviveria à

reanimação de seu sono induzido por drogas.

James e Aude trouxeram nova energia e dinamismo, embora com

sensibilidade, resolvidos a reforçar nossos recursos. Conforme Stephen ia lentamente voltando para nós, James se juntou a nossas longas vigílias,

participando do rodízio, que fazíamos Bernard, Jonathan, os demais alunos

e eu. Não estávamos ali para atuar como enfermeiros – havia muitos deles

no hospital –, e sim para fortalecer a frágil esperança de Stephen na vida e despertar seu interesse e sua curiosidade de seu estado de inércia sem precedentes. James falava francês fluentemente e conseguiu me aliviar de algumas pressões para comunicar cada pedido indistinto de Stephen à equipe de enfermagem. Suas tentativas de fazer os pedidos eram impedidas

por tubos e máscaras que cobriam seu rosto. Quem estivesse perto dele tinha de tentar antecipar suas necessidades e fazer as perguntas certas; ele responderia negando ou afirmando com seus olhos dolorosamente

expressivos, agora abertos de novo, e levantando as sobrancelhas ou franzindo a testa.

Para aliviar o tédio, nós líamos em voz alta qualquer material que tivéssemos conosco. Com meu aluno Gonzalo Vargas Llosa eu havia

começado a explorar as obras do polímata argentino, cego e multilíngue Jorge Luis Borges, cujas ideias me deixaram animada: fiquei

particularmente fascinada com sua preocupação com o paradoxo e a

ambiguidade, o tempo e a eternidade e a natureza cíclica dos

acontecimentos históricos. Sua escrita parecia espelhar-se na forma

literária, poética até, da maior parte da substância das descobertas científicas do século XX, e podia ser concebida como versões literárias dos

espacialmente irreconciliáveis desenhos de Escher, as próprias

representações artísticas de um conceito matemático, a fita de Möbius. Eu

tinha a intenção de ler *O livro de areia*, de Borges, durante as férias de verão, por isso, na esperança de que suas charadas e seus enigmas pudessem atrair Stephen, encomendei a Bernard que trouxesse de Genebra

uma tradução para o inglês. Se Stephen apreciou os jogos bastante

complexos e cerebrais da escrita de Borges, não descobri. Eu apreciava as

histórias pela fuga intelectual que me proporcionavam da tensão

estressante e da monotonia da UTI. Contudo, meu fascínio se tornou ainda

mais forte quando descobri que eu estava sendo absorvida pelo quebra-cabeça da literatura, em especial pela primeira história, “O outro”, um conto aparentemente autobiográfico que se passa em Genebra. Borges está

sentado em um banco em Cambridge, Massachusetts, em 1969, com vista para o rio Charles. Um jovem vai se sentar ao lado dele e os dois conversam. O jovem, no entanto, afirma que estão sentados em um banco

com vista para o Rhône, em Genebra, em 1914. Ele é, naturalmente, o Borges jovem, e conta detalhes de sua vida em casa, no número 17 da Route

de Malagnou, em Genebra. As ideias contidas na história – de identidade, viagens no tempo, sonhos, previsão, de a história se repetir e de saber o futuro, eram estimulantes em si mesmas. Contudo, a coincidência de eu ter,

sem saber, escolhido ler esse conto para Stephen em Genebra deu-me a impressão de que, surpreendentemente, eu havia entrado e me tornado parte dela, acrescentando-lhe outra dimensão. Bernard, ainda envolvido na

pesquisa parapsicológica como um antídoto para a Física, gostou da

coincidência. Uma tarde, quando Jonathan e eu estávamos saindo do

hospital, sugeri que saíssemos da cidade para um breve vislumbre dos Alpes. Nossa rota nos levou ao longo do caminho de Malagnou. No caminho

para fora da cidade e de volta, percorremos a rua para achar o número 17,

a casa da história de Borges. Encontramos 15 e 19, 14 e 16, mas do número

17 não havia nenhum vestígio.

Uma vez que Stephen recuperou a consciência, o ritmo se acelerou.

Assim que possível, uma ambulância aérea, paga pela Caius, foi contratada

para nos levar de volta a Cambridge. Com uma enorme quantidade de bagagem, Jonathan foi para casa de carro no mesmo dia em que Stephen e

eu – acompanhados por um médico, paramédicos, ventiladores portáteis e

outros equipamentos – embarcamos com cuidado em uma ambulância

rumo ao aeroporto, e depois em um jatinho vermelho e fomos

arremessados para o céu assim que a escotilha se fechou. Não fossem as circunstâncias de nosso voo, eu poderia ter curtido – até Stephen se levantou o suficiente para espreitar pela janela quando subimos acima das

nuvens. Foi assim que andei de avião de novo. Nosso avião particular tinha

prioridade sobre todos os outros aviões que faziam fila no espaço para pousar; não houve tempo para ansiedade, nenhum dos problemas usuais e

atrasos. No aeroporto de Cambridge, John Farman, chefe da UTI do

Addenbrooke, esperava-nos na pista com uma ambulância.

Embora Stephen houvesse inegavelmente recebido excelente

tratamento em Genebra, houve um sentimento irreprimível de alívio por estar de volta à casa, onde nós e nossa situação éramos bem conhecidos.

Muitas pessoas familiares apareceram na UTI naquele dia, incluindo Judy Fella, ex-secretária de Stephen. Ela já havia lutado por ele e estava pronta para prestar toda a ajuda necessária. Não houve surpresa com a ambiciosa

programação de viagens de Stephen, ou incredulidade quanto ao domínio sobre a ELA por parte da equipe do Addenbrooke. Foi necessário um mínimo de explicação geral. No entanto, foram necessárias explicações detalhadas da gestão de seu caso, das rotinas que ele havia desenvolvido, das quantidades precisas e das frequências dos medicamentos que ele tomava, das posições que gostava de adotar quando deitado na cama, de sua insistência por uma dieta sem glúten, mesmo quando alimentado por sonda. Todos e cada um desses assuntos, e

muitos mais, tornaram-se objeto

de longas discussões e investigações.

Três dias após o voo, quando a condição de Stephen estava estabilizada

nos cuidados intensivos, John Farman achou que seria possível aliviar sua

dependência do respirador; ele fez questão de incentivá-lo a respirar sem

ajuda, na esperança de evitar a traqueostomia. Na terça-feira, 20 de agosto, Stephen parecia estar fazendo progresso suficiente para tentar. Ele estava

confortável e ganhando forças, e nós – ou seja, o maior número de amigos e

parentes que puderam se reunir – havíamos desenvolvido um sistema

rotativo de guarda dia e noite. Normalmente, os estudantes – sofridos de longa data – ou nossa equipe de enfermeiros ou fisioterapeutas, incluindo

Sue Smith e Caroline Chamberlain, ficavam com Stephen à noite, e a família

e outros amigos se revezavam durante o dia. Os enfermeiros prometeram

ligar se Stephen precisasse de mim naquela noite, enquanto davam início ao delicado processo de desligá-lo do respirador.

O telefone tocou em meu quarto às primeiras horas da manhã. A

enfermeira da ala falou pouco, mas achava que eu devia ir para o hospital

imediatamente. Ela não me deu nenhuma explicação. Como meus pais

estavam cuidando de Tim, eu só precisava me vestir e deixar um bilhete antes de sair à primeira luz da manhã. Stephen estava muito mal: uma palidez cinzenta e manchada dominava sua pele esbranquiçada, e seus olhos esbugalhados haviam perdido toda a cor. Seus membros estavam

rigidamente congelados em espasmo, enquanto uma tosse brutal voltava a

atormentar sua garganta, como um gato brincando com um rato, soltando-o

e em seguida atacando-o com as garras afiadas. Entre cada ataque, ele tentava desesperadamente respirar. O medo estava estampado por todo o

seu rosto.

A expressão no rosto das enfermeiras deu-me a entender que achavam

que muito pouco poderia ser feito por ele, e que o fim estava próximo. Eu

pensava diferente. Que o velho demônio estava de volta e que tinha vantagem era óbvio, mas detectei um elemento familiar na sufocação. Esse

elemento era a própria tendência de Stephen, compreensível, entrar em pânico. Contudo, ela havia sido controlada antes, e havia uma chance de eu

conseguir fazê-lo obedecer utilizando as simples técnicas de relaxamento que eu havia aprendido nas aulas de ioga e que praticara com sucesso com

ele em casa, em crises passadas. Sentei-me à cabeceira da cama e coloquei

um braço em sua nuca. Enquanto acariciava seu rosto, seu ombro e seu braço com a outra mão, eu lentamente sussurrei palavras suaves em seu ouvido, como se faz para acalmar um bebê inquieto. Escolhi as palavras com cuidado e tentei criar um ritmo suave para aliviar o pânico. Sugeri cenários tranquilos, lagos azuis e amenos, céu claro, colinas verdes e douradas areias quentes. Gradualmente, durante as horas seguintes,

conforme a tensão diminuiu e seu corpo relaxou, os paroxismos cederam a

um padrão de respiração regular mais tranquilo. Por fim, ele cochilou. Eu estava exausta, mas exultante: minha tentativa caseira de hipnose havia funcionado! No entanto, não havia como escapar do fato de que Stephen ainda estava gravemente doente.

Saí um pouco para descansar, deixando o número de telefone de nossos

bons amigos, John e Mary Taylor, que moravam perto do hospital. Além de

serem visitas regulares de Stephen, os Taylor haviam me oferecido sua casa. Naquela manhã aceitei, às sete da manhã, a cama que Mary me ofereceu, mas

preferi sentar um pouco no jardim para respirar o ar fresco

matutino, tão bem-vindo depois da atmosfera estéril e seca do hospital, e deixar o sol acariciar meu corpo cansado. Mary me serviu café da manhã e

nos sentamos para conversar. Eu estava muito cansada, mas sentia um desejo irresistível de falar com Robert. Fazia tanto tempo desde que eu o vira pela última vez, e tanta coisa acontecera nesse ínterim... Eu tive de concluir que ele estava bem e que não ter notícias era uma boa notícia. De

acordo com a programação, ele devia voltar à base do acampamento antes

de partir para a expedição final, e, portanto, ficar incomunicável. Senti que havia chegado o momento de lhe avisar que seu pai estava muito doente, mas eu não tinha a intenção de lhe pedir que voltasse para casa.

– Telefone daqui – sugeriu Mary com sua habitual generosidade.

Eu não tinha vontade de protestar. Fiz o que ela disse, e liguei para a Islândia com hesitação. Quando ouvi a voz de Robert, minha resolução desmoronou e eu desabei. Quaisquer que fossem minhas intenções, foram

substituídas por um grito que escapou do coração antes que eu o pudesse

suprimir.

– Por favor, venha para casa! – eu me ouvi implorando ao telefone.

– Tudo bem! – disse ele sem a menor hesitação.

Ele voltou para casa no dia seguinte e chegou à casa dos Taylor em Heathrow. Eu não sabia que se ele houvesse completado a expedição, teria

se classificado para Queen’s Scout Award. Quando, mais tarde, ele falou do

episódio do naufrágio da canoa, riu como se fosse uma trivialidade.

Meu retorno ao hospital revelou o tipo de variações sobre o tema da doença que havia se tornado familiar ao longo das últimas duas semanas intermináveis. A vida de Stephen ainda estava por um fio, novas cepas de

bactérias foram encontradas em seus pulmões e a medicação havia sido trocada. Ele estava respirando pelo ventilador de novo, mas se animou consideravelmente com a notícia do retorno de Robert. Discuti com John Farman a possibilidade de chamar um hipnotizador profissional para

incentivá-lo a aliviar os ataques de pânico e relaxar os músculos que sofriam espasmos quando ele tentava respirar. John prontamente

concordou, e chamou uma médica conhecida sua que também era

hipnotizadora treinada. Ela teve sucesso moderado, usando as mesmas

técnicas que eu havia usado, mas não o suficiente para justificar o desligamento de Stephen do ventilador por um período prolongado. Ao que

parecia, não havia alternativas para a traqueostomia, a cirurgia que lhe permitiria respirar por um buraco na traqueia, contornando as membranas

e os músculos problemáticos de sua garganta.

Agosto virou setembro, e os médicos começaram a falar seriamente

sobre a realização da cirurgia. A infecção pulmonar por fim respondeu ao

tratamento e Stephen foi ficando mais forte. O que quer que eles sentissem

quanto aos riscos daquele passo, eu estava começando a me sentir

confiante de que Stephen ia sobreviver.

Como poderia não sobreviver com tantas pessoas contribuindo de

todas as formas imagináveis para sua recuperação? Alguns ofereceram

inestimável ajuda prática à cabeceira de sua cama, atuando na enfermagem

e na comunicação; alguns ajudaram com os problemas administrativos do

dia a dia ou com o funcionamento de nossa casa; outros, mais distantes, ofereceram apoio moral; outros oraram. Muitos, como Jonathan, que havia

voltado de Genebra, e os pais dele e os meus fizeram isso tudo.

A cirurgia foi um sucesso, e Stephen se recuperou tão depressa que após quatro semanas de tratamento intensivo já era possível levantá-lo da

cama e pô-lo na cadeira de rodas; mas ele ainda estava fraco demais para

operá-la sozinho. O prognóstico melhorou dia a dia, até que consideraram

seguro tirá-lo da UTI e levá-lo para uma das alas neurológicas. Houve um

preço a pagar por sua recuperação, no entanto. A cirurgia o privou inteiramente do poder da fala.

— 3 —

O PESO DA RESPONSABILIDADE

EM GENEBRA NÓS ESTÁ VAMOS PROTEGIDOS DA AGITAÇÃO DO RESTO DO MUNDO. PUDEMOS

nos concentrar em Stephen e em sua doença, todos os nossos

movimentos se restringiam à rota entre o hospital e Ferney-Voltaire.

Daquela cidadezinha fronteiriça eu vi só a estátua de Voltaire, seu mais famoso morador, que foi instalada ali em 1759, colocando uma distância confortável entre ele e o governo francês, pronto para fugir para o exílio na Suíça num piscar de olhos. Afora as várias chegadas e partidas, o mundo exterior que existia do outro lado da linha telefônica era irreal, distante da intensidade da tragédia da qual fazíamos parte. Em Genebra cada dia era nossa medida de tempo. Não olhávamos para frente, não planejávamos

nada para semanas ou meses depois.

De volta a Cambridge, a proteção ruiu. Por um lado, havia todos os assuntos habituais associados a nosso modo de vida em casa, que tinham de ser observados; as crianças tinham de ser alimentadas e cuidadas, as contas pagas, Tim tinha de ser levado à escola todas as manhãs e trazido de

volta na parte da tarde, as apresentações da escola contavam com nossa participação e eu tinha de cumprir meus compromissos letivos. Por outro, a

preocupação com as flutuações do estado de Stephen continuavam tão

angustiantes quanto em Genebra, e as visitas ao hospital consumiam muito

tempo. Minhas horas de aula tiveram de ser espremidas no meio do dia –

depois de sair do hospital pela manhã e antes de voltar, à tarde. Foi só porque meus pais e Jonathan funcionaram como um sistema completo de apoio, e porque muitos amigos, em especial as madrinhas de Tim, Joy e Caroline, generosamente ofereceram ajuda de alguma forma produtiva ou

de reforço, que sobrevivemos como família a esse período exaustivo e mais

demandante.

Manter a casa funcionando e cuidar de Stephen no hospital não era, de

jeito nenhum, toda a extensão de minhas responsabilidades. Havia muitos

assuntos a ser resolvidos, como o não menos importante futuro do livro de

Stephen. Ele existia como um primeiro rascunho manuscrito, que havia sido aceito por uma editora. Assim que o contrato foi assinado, no verão de

1985, uma editora de Nova York começou a trabalhar no manuscrito, e sua

carta com as críticas preliminares esperava por Stephen quando voltamos à

Inglaterra. Contudo, Stephen não estava em condições de lê-la. Não foi nenhuma surpresa o fato de que o manuscrito não era publicável nessa forma inicial, visto que vários dos conceitos que continha eram muito obscuros para o consumo popular. Eu mesma o havia lido e marcado em vermelho as passagens em que a ciência era incompreensível, e os editores

destacaram que isso reduziria as vendas pela metade. Em suas

circunstâncias atuais, era improvável que Stephen conseguisse fazer as mudanças fundamentais necessárias. A menos que o manuscrito pudesse

ser alterado por um *ghost writer*, talvez tivéssemos de devolver o adiantamento, pago pouco antes do início das férias de verão. Procurei um

dos ex-alunos de Stephen, Brian Whitt, para pedir ajuda com a reescrita, mas todas as outras considerações a esse respeito coloquei

temporariamente no fundo de minha mente, pois havia outros assuntos muito mais prementes na frente.

Quando Stephen começou a fazer progressos e foi transferido para a ala

neurológica, seu eventual retorno à casa foi debatido como uma nítida possibilidade. Não estava totalmente claro como isso seria feito, tendo em

vista que, sem dúvida, Stephen precisaria de enfermagem especializada vinte e quatro horas por dia. Nosso sistema anterior, descontraído, de apoio de enfermeiros psiquiátricos em horários específicos e por períodos

limitados não seria mais suficiente, nem a formação psiquiátrica deles era

adequada para lidar com o que era, essencialmente, uma situação médica crítica. A traqueostomia que salvou a vida de Stephen também trouxe seus

próprios riscos concomitantes, porque o tubo inserido em sua garganta tinha de ser higienizado com regularidade com uma espécie de

miniaspirador para eliminar as secreções que sempre se acumulavam em seus pulmões, e o próprio dispositivo era potencialmente uma fonte de infecção e danos perigosos. Ele estava assustadoramente frágil e

vulnerável. Era impossível imaginar uma deficiência física mais extrema.

O serviço de enfermagem vinte e quatro horas por dia, todos os dias do

ano, custaria uma quantia fenomenal; previsivelmente, só pequena parte dessa despesa seria subvencionada pelo Serviço Nacional de Saúde.

Teríamos de encontrar financiamento privado, e enfermeiros privados

também. As fundações filantrópicas que haviam financiado o serviço de

enfermagem por algumas horas por dia provavelmente não pagariam por cuidados de vinte e quatro horas, de custo mínimo entre trinta e quarenta

mil libras por ano por tempo indeterminado. Então, nesse momento mais crítico, chegou uma mensagem da Califórnia, de Kip Thorne. A notícia da doença de Stephen havia se espalhado, e depressa, graças à intervenção de

Judy Fella, e em resposta, Kip me aconselhou, como uma questão urgente, a

apresentar uma petição à Fundação John D. and Catherine T. MacArthur, uma organização filantrópica norte-americana com sede em Chicago. Na opinião de Kip, havia uma chance de a Fundação MacArthur ser levada a fazer uma grande doação, na escala necessária para o serviço de

enfermagem permanente de Stephen, se o caso fosse bem apresentado.

Murray Gell-Mann, físico de partículas da Caltech, fazia parte do conselho da Fundação, e Kip tinha certeza de que ele encorajaria os outros diretores

a dar ao nosso caso um julgamento justo, apesar de haver certa dúvida quanto ao fato de a Fundação sancionar uma subvenção fora dos Estados Unidos. Rapidez era essencial, uma vez que a próxima reunião deles estava

a poucas semanas de distância.

Eu não tinha prática em escrever cartas para pedir doação, mas

qualquer que fosse a relutância que eu pudesse sentir quanto a esse exercício desapareceu em face da necessidade avassaladora. Coloquei todas

as informações adequadas que pudessem influenciar a comissão, não

deixando de mencionar que Stephen havia sido um visitante frequente nos

Estados Unidos e recebera muitos títulos honoríficos lá. Também incluí fotografias, tiradas em tempos mais felizes, da família sorridente. Era essencial garantir à Fundação que qualquer subvenção seria administrada

por uma equipe de contabilistas profissionais, por isso, minha próxima tarefa era negociar com as autoridades da Universidade e persuadi-las a administrar o

fundo em nosso nome. As negociações foram complexas e demoradas, mas a boa vontade demonstrada foi encorajadora.

A necessidade de criar um regime de enfermagem privada era o mais urgente, uma vez que certos aspectos do tratamento que Stephen estava recebendo no hospital eram menos que satisfatório. Na UTI ele havia recebido toda a atenção dos enfermeiros especializados, mas a situação mudou quando ele foi para a ala neurológica. A enfermagem de lá era em

geral alegre e competente, mas alguns membros de sua equipe pareciam não ser tanto. Eram muito menos em proporção ao número de pacientes que na UTI, mas a falta de dedicação, compreensão e continuidade era muitas vezes alarmante, principalmente porque muitos dos pacientes

estavam em estado vegetativo, incapazes de reclamar, pensar ou até

mesmo falar por si mesmos. Uma enfermeira, em particular, apareceu para

tirar proveito desse estado para infligir um tratamento quase desumano.

Ela estava de serviço quando eu cheguei para uma visita à tarde. Stephen, já sentado em sua cadeira de rodas, começou a fazer caretas e se contorcer de

desconforto enquanto a jovem enfermeira, de expressão impassível, andava

pelo quarto, deliberadamente – ou assim parecia – ignorando a necessidade

urgente de ele urinar. Eu ajudei Stephen e mandei a enfermeira sair do quarto. Essa era sua atitude habitual, explicou Stephen tremendo de raiva.

Ela sempre ignorava suas necessidades quando estava de plantão. Ele não

confiava nela e tinha medo do que pudesse fazer ou deixar de fazer. Eu entendia o que ele queria dizer. Em sua expressão impenetrável e em seus

olhos azuis vazios havia um toque frio de sadismo que a mim também pareceu muito alarmante. Não havia alternativa, eu teria de mover céus e terra para levar Stephen para casa, e isso significava resolver todos os problemas associados à enfermagem vinte e quatro horas o mais depressa

possível.

Se Stephen foi capaz de reclamar do comportamento da enfermeira foi

graças a um equipamento milagroso que havia chegado inesperadamente

para seu uso. Nós, familiares, alunos e amigos, havíamos feito tudo que pudemos para deixá-lo confortável: mandamos manter o rodízio de

atendimento constante com um intervalo de não mais que alguns minutos,

e eu comprara uma televisão para seu quarto. Contudo, nada poderia compensar a terrível perda do poder de expressão, e quando essa perda parecia deprimentemente irremediável, os novos recursos de comunicação

chegaram de forma imprevista e sem prévio aviso. Na verdade, foi o resultado dos incansáveis esforços de Judy nos bastidores. Ela se lembrou

de ter visto uma reportagem sobre comunicação para pessoas com

deficiência grave no programa de ciência da BBC, *Tomorrow's World*, e depois de uma pesquisa abrangente em busca de informações, conseguiu localizar o inventor britânico do equipamento. Ela levou a ele e a sua invenção – um conjunto de eletrodos que, quando conectados à cabeça, mediam o movimento rápido dos olhos – ao hospital e convenceu uma empresa de computadores de Cambridge a ceder gratuitamente o

computador necessário. Stephen recusou o desconforto intrusivo dos

eletrodos ligados a suas têmporas, mas quando um dos seus alunos

adaptou o mecanismo a uma caixa de controle manual, ficou mais disposto

a experimentar o dispositivo.

O computador recebeu um programa que combinava dicionários e

manuais de conversação. Usando o controle, o operador poderia fazer a varredura da tela procurando as palavras que queria usar. Quando clicava

em cada uma, elas tomavam seu lugar na frase que estava se formando na

parte inferior da tela, onde o observador podia ler o que o operador estava

querendo comunicar. Frases usadas com frequência podiam ser

incorporadas inteiras, e terminações verbais podiam ser adicionadas aos infinitivos, conforme necessário. Inicialmente, era uma forma lenta,

laboriosa e silenciosa de se comunicar, o que requeria paciência e concentração, tanto do operador como do observador. Descobri que, dadas

uma ou duas palavras para me levar na direção certa, eu podia muitas vezes interpretar os pensamentos de Stephen telepaticamente e salvá-lo do

incômodo de digitar todas elas; mas muitas vezes ele insistia em escrever

toda a sentença para pegar prática. Quando seus músculos da mão e dos dedos recuperaram algum movimento, o novo dispositivo absorveu grande

parte do tédio desse período final no hospital. Ainda que cuidadosamente,

ele começou a dominar a nova técnica que lhe permitia, mais uma vez, ir além do ambiente monótono de seu quarto de hospital e fazer contato com

o mundo exterior. Ele poderia conversar com seus alunos sobre Física de novo e poderia começar a experimentar com a escrita, bem como

administrar o próprio tratamento médico.

Depois de tudo acionado para levantar o dinheiro, Laura Ward e eu embarcamos na busca por enfermeiros. Nenhuma de nós tinha a menor

experiência com entrevistas ou contratação de pessoal, menos ainda de enfermeiros, mas eu esperava que os vários departamentos de serviços sociais do hospital e da comunidade nos dessem apoio e aconselhamento nesse processo. Muitos assistentes sociais e enfermeiros foram chamados, e

ficamos conversando e tomando café enquanto eles falavam sobre seus animais de estimação e afins. A quantidade de informação útil que eu consegui com eles caberia na parte de trás de um selo postal. Laura e eu ficamos responsáveis por anunciar e contratar enfermeiros, e a seguir, criar uma escala de trabalho de três

turnos de oito horas, da melhor forma que

pudéssemos.

Laura colocou anúncios no jornal local e cuidou das respostas

inicialmente, pedindo referências, que depois ela checava. Como o tempo era curto, decidimos entrevistar todos os candidatos que pareciam

adequados antes de receber as referências. Todos pareciam plausíveis, simpáticos até, e eu estava com pressa para definir o esquema com o maior

número possível de enfermeiros, de modo que Stephen pudesse voltar para

casa. Presumi que os enfermeiros eram, por natureza, dedicados e

idealistas, e que poderia confiar neles. Expliquei a situação da melhor maneira possível e deixei claro que embora quiséssemos que Stephen

pudesse viver em casa, era importante que a casa, também o lar de três filhos, não se transformasse em um hospital. Eu esperava tratar os enfermeiros como convidados em minha casa, e, em troca, acreditava que

respeitariam nosso direito à privacidade. Que vã esperança!

Mesmo entre as pessoas que eu havia entrevistado e gostado, minhas ideias preconcebidas acerca do idealismo e devoção não foram sempre bem

baseadas. Quando as referências começaram a surgir, tivemos de descartar

muitos dos candidatos que pensávamos contratar. Alguns eram

desleixados, outros pouco confiáveis, alguns até criminosos. Nós nos perguntávamos como é que não havia regulação dos movimentos desse

último grupo, uma vez que os empregos em casas de repouso aos quais estariam se candidatando ocorreriam, quase todos, por definição, em

situações delicadas e de vulnerabilidade. Ainda ficamos com alguns bons candidatos, mesmo depois de eliminar os indesejáveis, mas, infelizmente, quando Laura escreveu aos candidatos promissores oferecendo-lhes o

emprego, um número deprimente ou se recusou a responder, ou respondeu

dizendo que havia arranjado outro emprego, ou que não considerava a situação adequada. Para nosso próprio profundo desânimo, houve algumas

pessoas extremamente adequadas a quem tive de descartar, a conselho dos

médicos de Stephen, por causa de sua falta de formação técnica em traqueostomia.

A alternativa era contratar uma agência de enfermeiros. A desvantagem

da agência era que o elemento essencial de continuidade estaria perdido: uma enfermeira diferente a cada troca de turno só poderia aumentar as frustrações consideráveis que Stephen e o resto de nós éramos obrigados a

viver. Igualmente proibitivo era o aspecto financeiro: pagar as taxas das agências, além da remuneração dos enfermeiros, seria desperdiçar a

concessão da MacArthur. A verba havia sido aprovada, apesar de certa desconfiança compreensível por parte dos curadores acerca do papel do tão alardeado Serviço Nacional de Saúde da Grã-Bretanha. Eles queriam saber como o atendimento a Stephen não era coberto pelo SNS. Eu tive de

escolher cuidadosamente as palavras para explicar como as políticas

monetárias do governo Thatcher – que estava no poder desde o nascimento

de Tim –, de inspiração norte-americana, estavam destruindo nossos já sobrecarregados SNSs livres. A verdade é que a fim de incentivar um novo

materialismo egoísta, essas políticas estavam destruindo não apenas o serviço de saúde e nosso sistema educacional, mas a própria estrutura da

sociedade. De fato, a senhora Thatcher havia negado a existência da sociedade. Para ela, consistia em nada mais que um conjunto de indivíduos

sem nenhum senso de propósito comum. Era um momento infeliz para

estar doente, desempregado, ser muito jovem ou idoso, ou socialmente

desfavorecido.

Dois meses depois, Laura Ward ficou doente e teve de se afastar. Por grande sorte, Judy Fella, que já havia nos ofertado tanta incansável ajuda,

estava disposta a retomar seu antigo cargo de secretária de Stephen até que encontrássemos uma substituta em período integral. Judy era mais prudente que eu na seleção de enfermeiros, pedindo cautela em face de minha impaciência para trazer Stephen para casa. Ela se preocupava

inclusive com alguns enfermeiros cujas referências pareciam ser

impecáveis. De fato, de forma independente, chegaram aos meus ouvidos informações sobre uma enfermeira particular que havia sido contratada por um período de experiência; fui avisada de que, apesar de ter

apresentado boas referências, tinha reputação de causadora de problemas,

e que havia enfermeiros que se recusavam a trabalhar com ela por causa de

suas obsessões, aparentemente nada saudáveis, por alguns pacientes.

Nessas circunstâncias, eu me recusei a dar ouvido às fofocas, que, de qualquer maneira, poderiam ter inspiração maliciosa. Eu conhecia de vista

a enfermeira em questão; ela era mãe e eu a havia visto na porta da escola.

Ela me parecia confiável e eficiente, e como frequentava regularmente a igreja, eu sentia que podia confiar nela.

Durante o mês de outubro levei Stephen – com uma enfermeira – do hospital para casa aos domingos à tarde. Era uma aventura

preocupantemente delicada. Às vezes, a mudança de atmosfera o assustava

e se precipitava uma crise de asfixia. Ele ainda estava muito fraco e tossia bastante. O miniaspirador era constantemente usado, limpando o muco de

seu peito. Às vezes tínhamos de voltar para o hospital antes do fim da tarde, porque a pressão era grande demais para ele; de vez em quando ele

relaxava e curtia estar em casa, mas eu sentia que ele achava o mundo exterior intimidante após uma prisão de três meses. Nesses três meses de

crise, seu instinto indomável de sobrevivência teimosamente se manteve apegado à vida. Agora tudo parecia estranho e desconhecido para ele, como

se não pudesse acreditar no que estava vendo. Parte dele queria voltar à agitação da normalidade imprevisível, e parte queria a segurança previsível

do hospital. No entanto, foi marcada uma data, segunda-feira, 4 de novembro, para sua alta.

Nesses três meses desde o início de agosto eu havia escapado só uma

noite da rotina angustiante, a fim de assistir à estreia em Londres da Cambridge Barroque Camerata, em 1º de outubro. A noite estava agradável

depois de um dia quente e ensolarado, dando a Londres uma atmosfera de

carnaval no meio da qual eu me senti estranha e desconfortável. O

concerto, executado para um público considerável, correu bem, mas a atmosfera carecia do zumbido de excitação com que as casas cheias de Cambridge haviam recebido a orquestra. Era um mistério como Jonathan conseguira arranjar tudo, dado que cada momento livre que tinha ele passava no hospital cuidando de Stephen ou em West Road cuidando da família. Imperturbável, ele calmamente prosseguia com suas atividades –

organização, administração, treino e ensaios – até tarde da noite, escondido em sua casa. Quando ele se apresentou e dirigiu a orquestra sob as luzes no

palco do Queen Elizabeth Hall, sempre com uma simplicidade

despretensiosa e um estilo elegante, ninguém poderia imaginar as pressões

das semanas anteriores. Eu estava feliz por estar ali para testemunhar seu

sucesso, mas afetada pela culpa de ter deixado Stephen abandonado no hospital, sentado ao ar livre no sol do outono em um pedaço de terra nua

que eufemisticamente se considerava um jardim.

No final de outubro a situação era diferente. Stephen estava muito mais

forte, mas eu completamente exausta. Eu havia desenvolvido asma crônica

e dormia mal, cada vez mais dependente de comprimidos para dormir e também sujeita a equimoses que iam e vinham, provocando formigamentos

doloridos nas palmas das minhas mãos e na boca. Tudo isso era, claro, nada

mais que sintomas de estresse grave. Os médicos recomendaram uma

pausa, mesmo que só um fim de semana, antes da volta de Stephen a casa.

Em setembro, Robert havia deixado Cambridge para passar um ano

sabático na Escócia. Ele foi morar temporariamente com os Donovan fora

de Edimburgo e começou a trabalhar em uma fábrica em Ferranti, onde aprendeu as técnicas básicas de engenharia, sob o olhar de um capataz exigente. Mais tarde, foi fazer escavações em Edimburgo. Não era uma vida

fácil para um jovem de dezoito anos, e eu temia que ele não estivesse se cuidando adequadamente. O último fim de semana antes da volta de

Stephen para casa – que também foi o primeiro fim de semana do recesso

escolar – era um momento oportuno para fugir. Eu poderia me beneficiar

de uma mudança de ares e de rotina, acalmar meus nervos e ver

pessoalmente como Robert estava.

Foi um consolo encontrá-lo em boa forma – e Edimburgo estava em seu

mais glorioso e melhor outono. Contudo, três dias, por mais ensolarados e

brilhantes, claros e nítidos, estimulantes, com novas imagens e sons, não eram o suficiente para apagar a incessante, intensa e traumática tensão dos

últimos três meses.

Nem três dias, nem três meses e nem mesmo três anos poderiam ter me

preparado, ou a qualquer outra pessoa, para o que ainda estava por vir.

— 4 —

MOTIM

STEPHEN VOLTOU PARA CASA NO INÍCIO DA TARDE DE 4 DE NOVEMBRO. ERA COMO SE

estivéssemos levando um bebê recém-nascido para casa. Reinava uma

emoção tingida de nervosismo, um medo de que o indefeso e frágil ser de

repente parasse de respirar no momento em que entrasse na casa. Stephen

também estava tenso e nervoso, desconfiado da competência dos

enfermeiros contratados para cuidar dele e ansioso por causa de cada grão

de poeira na atmosfera que pudesse perturbar sua respiração. No melhor

dos tempos, ele tinha pouco respeito pela inteligência dos outros. E agora,

no pior dos tempos, estava inclinado a considerar todos idiotas. Seus temores tinham fundamento, mas não totalmente pelas razões que se

poderia supor.

A enfermeira que apareceu naquela primeira tarde ficou mal; ela era pouco mais que uma criança grande abandonada, e embora tenha

cumprido seus deveres de forma admirável, ligou depois para dizer que não conseguiria voltar, pois a tensão era grande demais para ela. Foi um duro golpe, porque essa enfermeira em particular havia sido escalada para

vários dos 21 turnos semanais. Houve outros como ela, pessoas agradáveis

e bem-intencionadas que não conseguiram lidar com o estresse. A agência era o único recurso, qualquer que fosse o custo. Nas semanas seguintes, enquanto Judy e eu tentávamos salvar a escala em vias do colapso com uma rodada frenética de anúncios, entrevistas e treinamento de possíveis candidatos, a agência forneceu enfermeiros de diversos graus de competência. Para ser justa, esses enfermeiros provavelmente não sabiam o que se esperava deles. As piores preocupações de Stephen – e as minhas – nunca foram tão plenamente justificadas. A agência mandava um enfermeiro diferente a cada ocasião. Embora em geral fossem bem-intencionados e bem qualificados, nenhum deles entendia com facilidade o que era necessário. Jonathan ou eu passávamos o turno todo repetindo as mesmas instruções, sem parar.

Alguns enfermeiros nunca dominaram o ângulo do copo para evitar que o chá escorresse pelo tubo ou nas roupas de Stephen. Alguns não cortavam sua comida em pedaços suficientemente pequenos, outros a esmagavam até formar um purê inaceitável. Alguns tentaram lhe dar os comprimidos na ordem errada. Alguns batiam a mão no controle da cadeira de rodas, fazendo-a girar. Outros fizeram uma total confusão na rotina do banheiro.

Apesar de sua experiência médica, todos eles tinham medo do tubo da traqueostomia na garganta e ficavam nervosos para utilizar o aspirador.

Era raro o mesmo enfermeiro voltar duas vezes. Quando, ocasionalmente, um deles tinha a coragem de cruzar o limiar e repetir a experiência, eu o cumprimentava, a ele ou a ela, como um amigo há muito perdido, só pelo alívio de não ter de repetir todo o procedimento até enjoar do som de minha própria voz. Tentei muito ser paciente e reconfortante, mas meus nervos estavam no

limite, e eu irritadiça de exaustão, preocupação e tristeza. A frustração de Stephen era compreensível, claro, e ele não fazia nenhuma tentativa de disfarçar.

Se a rotina diurna beirava o impossível, à noite os problemas eram de

outra ordem. Uma vez na cama, Stephen não tinha mais o uso de seus recursos informáticos de comunicação e era de novo privado da fala. Havia

apenas dois dispositivos para ajudá-lo. Um deles, um quadro com o

alfabeto, que devia ter sido o máximo em tecnologia na terapia ocupacional

da Idade das Trevas. O alfabeto, em grupos de letras grandes, era exibido em um quadro transparente. Stephen devia fixar os olhos primeiro em um

grupo de letras, a seguir em um caractere individual dentro desse grupo para soletrar suas necessidades letra por letra. O atendente deveria seguir

seus movimentos oculares e descobrir o significado. O dispositivo exigia uma paciência extraordinária e notáveis poderes de dedução de todos os interessados. Eu tentei simplificar o procedimento desenvolvendo um

código de taquigrafia para que Stephen tivesse apenas de se concentrar em

uma letra para que seu significado se tornasse evidente. Meu código se perdeu na confusão de seu quarto, ou os enfermeiros acharam que podiam

fazer melhor; de qualquer maneira, minha invenção não durou muito

tempo.

O outro dispositivo, que acabou substituindo o quadro de alfabeto e determinou um avanço tecnológico considerável sobre ele, foi o sinal sonoro. Durante a noite toda Stephen segurava o controle na mão, da mesma forma que segurava o de seu computador durante o dia, e exerceria

pressão sobre ele para iluminar um pequeno quadro onde um número

limitado de comandos apareceria em sequência em um painel para indicar

suas necessidades. Por um longo tempo, mesmo quando ele estava bem de

saúde, havia sido difícil acomodar de modo confortável seus membros rígidos na cama, e agora que ele estava gravemente doente, o processo tomava a maior parte da noite. Nesses primeiros meses eu ficava com ele

até que tinha certeza de que estava bem acomodado, pois sabia que ele tinha medo de ficar com um enfermeiro estranho. A seguir, às duas ou três

da manhã, eu caía na cama, muitas vezes para ser acordada logo depois pela enfermeira da noite, que constatava que não poderia cuidar dele sozinha.

Além dos problemas do dia a dia e da noite a noite, os meses após o retorno de Stephen foram marcados por muitos outros dramas com risco de morte. Geralmente ocorriam tarde da noite, quando o tubo da

traqueostomia ficava obstruído ou se descolava. Enquanto o enfermeiro tentava limpá-lo ou ajustá-lo, eu ligava para a UTI em busca de algum médico versado na técnica de trocá-lo. Uma corrida ao hospital e

intermináveis horas de espera no pronto socorro se seguiam, até que um novo tubo era inserido e Stephen podia respirar de novo. Desde que nosso

último aluno ajudante, Nick Warner, um alegre australiano, havia ido embora no verão e não havia sido substituído, Jonathan dormia no quarto

de cima para poder cuidar de Tim e levá-lo para a escola logo cedo quando

eu ainda estava me recuperando dos distúrbios da noite.

Como Robert havia saído de casa, seu quarto, amplo e arejado na frente

da casa, foi logo convertido em um dormitório para Stephen. Era

particularmente apropriado, porque tinha um lavatório e armários

adequados para os equipamentos médicos – dos quais recebíamos entregas

regulares e abundantes. Havia também muito espaço para uma cama

ortopédica, caixas, computadores, mesas, poltronas, todos os tipos de outros apetrechos e, é claro, a cadeira de rodas. Este último item foi se tornando cada

vez mais volumoso e pesado. O equipamento informático que Judy havia adquirido para Stephen quando ele estava no hospital havia

sido substituído por uma versão mais sofisticada, enviado da Califórnia. O

novo computador tinha a vantagem adicional de um sintetizador de voz para que Stephen pudesse ser ouvido, ao falar as frases que ele digitava na

tela. Não importava que a voz sintetizada parecesse irritantemente a de um

robô: Stephen mais uma vez era dotado do poder da fala. O marido de uma

das enfermeiras, David Mason, era engenheiro de computação, e começou a

trabalhar para adaptar o computador e adicionar suas várias partes à cadeira de rodas, de modo que Stephen já não ficaria preso a uma mesa, e

poderia levar sua voz consigo aonde quer que fosse. O pesado computador

e a caixa de voz foram presos na parte de trás da cadeira, e a tela foi anexada à estrutura, onde Stephen pudesse vê-la. Algum tempo depois, quando encontramos uma balança de pesagem industrial, colocamos

Stephen e todas as suas engenhocas nela. O peso da cadeira, baterias, computador, tela, várias almofadas e o ocupante totalizaram cento e trinta

quilos.

Houve crises recorrentes quando o recém-inventado mecanismo

apresentou problemas iniciais, assim como houve crises recorrentes por causa do próprio estado de saúde de Stephen. Se David Mason não era chamado com urgência a qualquer hora do dia, então nosso fiel amigo, John

Stark, o médico torácico, ou o paciente doutor Swan ou outro médico de plantão no centro cirúrgico era convocado a qualquer hora da noite.

Fisioterapeutas eram chamados nos fins de semana e nossa farmácia era acordada após o horário de expediente. Em suma, afundamos em um

estado infinito de crise por novembro e dezembro inteiros, com sua habitual

ronda de apresentações do coral escolar e outros preparativos para o Natal. Estávamos de novo pilotando nosso barco em águas

turbulentas. Essas águas desconhecidas estavam envoltas em trevas, e tínhamos a bordo uma tripulação potencialmente amotinada.

A maior parte das minhas energias e de meu tempo era dedicada a

Stephen. Eu bebia cada gole de água com ele, comia cada colherada de comida e respirava cada sopro de ar. Quando minha força falhava, Jonathan

dividia o fardo comigo, em silêncio e sempre disponível, em segundo plano.

O pouco tempo e a energia que me restavam eu dava aos meus filhos e aos

meus alunos. Lecionar era minha única oportunidade de me concentrar por

algumas horas por dia em outros assuntos – o momento em que língua e a

literatura preenchiam e animavam o vácuo criado pelo desânimo e pelo cansaço esmagadores. Os alunos desse ano tornaram-se muito especiais para mim. Em geral, eles demonstraram uma compreensão extremamente

madura para adolescentes, e com eles eu recebia a copiosa valorização que

fortalecia minha decisão de continuar a lecionar, não importava o que acontecesse, desde que eu fosse capaz de fazer o trabalho corretamente.

Era essencial para minha saúde mental instável.

Stephen não via minhas modestas tentativas de atender a meus

interesses intelectuais com a mesma luz. Ele havia sofrido, e ainda estava sofrendo terrivelmente, e ainda estava muito assustado; como o rei Lear, ele havia se transformado em criança – uma criança possuída por ego maciço e fracionado. Por um lado, seu patético estado físico expressava muito claramente sua necessidade de segurança amorosa constante; por outro, tornava-o inacessível, entrincheirado atrás da atitude desafiadora e

do ressentimento. De impositivo no passado, ele se tornou autoritário, até

mesmo – ou talvez especialmente – conosco, nós que havíamos passado por

tanta coisa com ele. Stephen ficou indignado com algumas das decisões que

eu havia sido forçada a tomar em termos de família durante o período que

ele passou no hospital, e insistia em seus direitos como uma questão de princípio. Era natural que ele quisesse se reafirmar, mas ninguém estava disputando com Stephen o direito de ser rei do universo e dono da casa. Foi

difícil, portanto, entender por que ele parecia querer tornar a rotina diária ainda mais preocupante que o habitual por meio de diversas manobras grosseiras, que em geral envolviam deliberadamente estacionar sua

cadeira de rodas na posição mais obstrutiva que se possa imaginar, ou contestando o direito dos outros à privacidade, particularmente de Lucy.

Ela e eu éramos muito próximas. Seu caráter aberto, cheio de entusiasmo, e

seu espírito independente eram infinitas fontes de força e encorajamento,

mesmo nas profundezas do desespero. Ela e eu conversávamos

longamente, discutíamos todos os tipos de assuntos, sem restrição. Era óbvio que em nossa situação extraordinária ela precisasse de espaço para

si mesma. Seu quarto tinha de ser respeitado como seu santuário, longe da

agitação constante causada por enfermeiros e cadeiras de rodas. Ela era tão

intensamente leal a seu pai quanto a mim, mas ansiava pela privacidade, longe dos olhares curiosos, ouvidos atentos e línguas soltas da equipe de enfermagem. E essa privacidade lhe era constantemente negada.

Contei minha consternação com as atitudes aparentemente irracionais

de Stephen a um amigo médico, que respondeu:

– Basta pensar, Jane, no que ele passou! Ele quase morreu, foi mantido

vivo por máquinas e drogas. Dá para dizer que tudo isso não teve nenhum

efeito em seu cérebro? Deve ter havido momentos em que seu cérebro foi

privado de oxigênio, e é mais que provável que a escassez tenha causado diminutas lesões indetectáveis que agora estão afetando seu

comportamento e suas reações emocionais. Contudo, felizmente para ele, seu intelecto está intacto.

Outra amiga, uma enfermeira sênior de um hospital para vítimas de

doenças degenerativas incuráveis, estava convencida de que as famílias dos

pacientes de ELA atingidos no auge da vida, e não na velhice, eram os que

mais sofriam angústia. Em certo sentido, essas opiniões e esses conselhos

eram reconfortantes. Mostravam que Stephen não era completamente

responsável por suas ações e que não era só seu excesso de energia egoísta

inata que determinava sua falta de consideração, mas os efeitos

combinados da ELA e do trauma recente. Essas opiniões, no entanto, tinham pouco peso em outros lugares, mesmo no círculo médico, uma vez

que ficou claro para todos que, intelectualmente, Stephen havia voltado do

inferno ileso.

No entanto, essa não era a história completa. Judy, Lucy e eu estávamos

bem cientes de que o egoísmo de Stephen estava sendo alimentado e exortado por seus enfermeiros. Eu poderia muito bem ter manifestado minhas preocupações – acerca de manter a casa como um lugar feliz para

toda a família e não permitir que se transformasse em um hospital – para

uma parede de concreto, visto o impacto que elas haviam exercido sobre a

equipe de enfermagem. Eles eram indiferentes ao fato de que a casa também era o lar de um menino tímido e sensível de seis anos e de uma adolescente

espirituosa, inteligente, imersa em estudos de nível básico.

Uma das primeiras enfermeiras virou a casa de ponta-cabeça logo que entrou pela porta da frente. Preocupada com a falta de esterilidade, esfregava tudo à vista, tentando deixar nossa casa nos padrões de uma UTI,

enquanto Eve, que continuava a prestar seus valiosos serviços de lavar, limpar e aspirar diariamente, olhava, incrédula. “É uma idiota!”, era o comentário de Eve. Por fim, a nova vassoura decidiu que era muito estressante trabalhar em uma atmosfera tão anti-higiênica e foi embora.

No entanto, verdade seja dita, havia os enfermeiros dedicados e

perspicazes, e o mais exemplar era o Mr. Jo, como o chamávamos, que não

só cumpria todos os seus deveres de enfermagem, como também de vez em

quando nos trazia a mais perfumada comida indiana nas noites de

domingo. Geralmente os mais dedicados eram as mulheres mais velhas – ou

os homens – treinadas em uma idade mais disciplinada, ou pessoas que haviam atingido um nível de educação mais elevado que o normal; ou pessoas a quem os problemas não lhes eram estranhos. Havia outros de laia

semelhante que prometiam ser tão confiáveis quanto, mas que acharam o

esforço físico demasiado para eles. Para a maioria, as palavras “disciplina profissional” e “compreensão” não faziam sentido, e os próprios interesses

eram o mais importante. Nossas histórias dos meses angustiantes antes de

sua chegada não significavam nada para eles, nem dedicavam um momento

de reflexão ao estresse sob o qual vivíamos o tempo todo. Um turno de sete

ou oito horas pode ser estressante, mas o enfermeiro que cumpria essas horas podia se afastar para se recuperar em sua casa. Isso não era uma opção para os membros da família.

Um problema comum era que os enfermeiros, como os assistentes

sociais antes deles, eram facilmente enganados pela aparência de nosso entorno. Porque vivíamos em uma grande casa eles supunham que

devíamos ser super-ricos. As tentativas discretas de explicar que

alugávamos nosso apartamento da Faculdade caíam em ouvidos moucos.

Nenhum era mais mouco que o da enfermeira que mal interpretou nossas

circunstâncias externas e o cargo de professor de Stephen como prova de

riqueza e poder. Tarde da noite, ela foi até mim na cozinha enquanto eu estava preparando as coisas do café da manhã e descaradamente exigiu que

eu lhe arranjasse uma hipoteca na Universidade. Sem ter certeza de que eu

havia ouvido corretamente, pedi a ela que repetisse seu pedido na frente de

Stephen, que já estava na cama. Fomos para o quarto de Stephen, onde, parada ao lado da cama, ela repetiu o que havia dito. Expliquei-lhe que devia ter havido algum mal-entendido, visto que eu não tinha nenhuma influência perante a Universidade e não estava em condições de obter uma

hipoteca em seu nome. E então, à meia-noite ela começou a gritar e a se contorcer, batendo no peito, antes girando em uma dança de guerra

frenética ao redor da cama de Stephen. Eu corri para o telefone e liguei para Judy, que chegou imediatamente. Ela, de forma inteligente, mas com muito tato, retirou a mulher, que gemia com voz esganiçada, que gritava seus protestos e ameaçava com processos judiciais no meio da rua,

enquanto eu ligava para a agência para pedir um substituto.

Outra enfermeira, uma mulher solitária e triste com quem fiz amizade,

acabou sendo alcoólatra. Ela não só se servia de pequenas quantidades de

licor de nossa modesta variedade de bebidas depositadas no fundo do armário da cozinha, como também aproveitava qualquer oportunidade

para mentir. Quando de repente ela saiu, o motorista de táxi que a levou a

Heathrow por acaso era conhecido de Judy. Ele informou que a enfermeira não só havia pago a corrida – cerca de 45 libras – em moedas de 25 centavos, como passara toda a viagem presenteando-o com os detalhes íntimos da vida em nossa casa. Essa enfermeira podia muito bem participar de tudo o que acontecia sob nosso teto, porque a privacidade era inexistente. Era praticamente impossível ter uma conversa privada, muito menos íntima, com Stephen – ou com qualquer outra pessoa – sem primeiro marcar hora e pedir ao enfermeiro de plantão a gentileza de sair da sala por cinco minutos.

Graças à escassez de tempo e à lentidão da comunicação, eu tinha o hábito de preparar o que queria dizer a Stephen com antecedência. Eu esperava que lhe apresentando um argumento sucinto e lógico, pudesse simplificar a questão em discussão, financeira ou familiar. Stephen se opunha a isso, pois implicava mais uma vez que eu estava lhe negando seus direitos. Ele insistia em voltar ao início e discutir meu raciocínio em todas as fases, na certeza da superioridade de seus argumentos. Assim, questões menores se tornavam importantes, e o estado de espírito alegre e otimista com que eu havia entrado em seu quarto rapidamente se desintegrava em derrota e desilusão. Quando Stephen recuperou sua capacidade de falar, eu fiquei nervosa, fechada de novo, insegura de mim mesma e tão incerta de minhas opiniões que deixei de expressá-las, tão vítima da pressão psicológica quanto Stephen era vítima de sua doença. Eu notei o processo quando aconteceu, mas não havia nada que eu pudesse fazer para detê-lo, porque era parte integrante da situação. Caí em uma armadilha e comecei a

ter pesadelos duas ou três vezes por semana. O pesadelo era sempre o mesmo: eu era enterrada viva, presa no subsolo, sem meios de fuga.

Em uma última tentativa de conter a onda de insurreição do pessoal da

enfermagem, Judy e eu decidimos fornecer uniformes aos enfermeiros, em

resposta aos pedidos de alguns deles, que se queixaram de que suas roupas

estavam ficando estragadas pelos salpicos e derramamentos de líquidos.

Um dos veteranos tinha acesso a uma empresa que fornecia macacões

brancos de segunda mão e nos arranjou mais ou menos uma dúzia. Um macacão branco usado com um cinto e uma fivela pareceria elegante e oficial; os enfermeiros da agência sempre usavam uniforme, de modo que

pareceu apropriado que os nossos usassem também. Um uniforme também

traçaria claramente uma linha entre os enfermeiros e a família, e

esperávamos incutir-lhes algum senso de disciplina profissional. Stephen, porém, recusou-se a permitir que seus enfermeiros usassem o uniforme: ele queria manter a ilusão de que seus assistentes eram apenas amigos.

Posteriormente, os enfermeiros tiveram carta branca para vestir o que quisessem. Às vezes, sua roupa e sua maquiagem teriam sido mais

apropriadas para uma esquina do Soho que para a casa de um professor de

Cambridge com deficiência grave e sua família.

Lucy logo se acostumou a ter o jornal do enfermeiro de plantão batendo

em seu nariz quando se sentava para tomar seu café da manhã antes da escola. A seguir, o jornal era cerimoniosamente depositado no lugar de Stephen para aguardar sua chegada, uns dez minutos depois. Logo o resto

da família se tornou cidadãos de segunda classe, como se fôssemos os mais

baixos dos baixos, agachados no primeiro degrau de uma escada em cujo topo os

“Florence Nightingale” cuidavam do mestre do universo. No meio havia os vários escalões de estudantes, cientistas e engenheiros da computação, que, obviamente, eram mais importantes que nós. Quando

uma das enfermeiras, Elaine Mason, perguntou por que eu não desistia de

lecionar e fazia treinamento em enfermagem, aprendendo a usar a máquina

de sucção para poder cuidar de Stephen, foi a indicação mais clara de que o

resto de nós, que não tinha nenhuma qualificação médica, estava sendo relegado ao desprezo e à obscuridade. A facilidade com que Elaine Mason

usava sua segurança evangélica para maquiar questões profundas como se

fossem a vontade de Deus era desconcertante. Quando, diante de Stephen,

ela alegremente anunciou que cuidar dele era muito mais fácil que de seus

dois filhos, eu quis muito salientar que ela cuidava dele apenas duas vezes

por semana. Essas observações lembravam muito a atitude petulante dos Hawking que eu encontrara no passado. Como era uma enfermeira

eficiente, eu tentava encarar seus pronunciamentos insensíveis com a indiferença que mereciam.

Em face dessa pseudofilosofia santimonial, encontrei ainda maior

consolo em minha ligação com a St Mark. Eu ouvia os sermões de Bill Loveless atentamente e também os de seu colega pregador, um cientista e

ex-missionário, Cecil Gibbons, que com sua idade avançada cumpria seu dever de se manter a par dos desenvolvimentos científicos e interpretá-los

em um contexto religioso. Ambos sempre tinham algo pertinente a dizer, e

sob medida para mim, pessoalmente, quer sobre o sofrimento, sobre o lugar do homem na criação, quer sobre o bem e o mal, e sob sua orientação

comecei a formular minha própria simples filosofia sobre alguns dos obstáculos

para a fé, em especial entendendo que o livre-arbítrio é um pré-

requisito da condição humana. Se a crença em Deus fosse automaticamente

decretada pelo Criador, a raça humana seria apenas um bando de

autômatos sem nenhuma evolução de pensamento, nem motivação para a

descoberta. O mal, raciocinei, muitas vezes se convertia, mesmo que distante e vagamente, em ganância e egoísmo humanos – instintos de animais predadores ditados pela natureza para a sobrevivência em um distante passado evolutivo, muito antes do desenvolvimento da inteligência

mais refinada e da aurora da consciência. O egoísmo, reação instintiva, a raiz do mal, está fora do alcance de Deus, precisamente porque o livre-arbítrio impede Sua intervenção. Deus não poderia evitar o sofrimento, mas poderia aliviar seus efeitos, restaurando a esperança, a paz e a harmonia. Havia ainda a doença degenerativa, incurável, paralisante e devastadora que não se encaixava nesse sistema – a menos que a doença também fosse o resultado, ainda que remotamente, da falibilidade humana,

um erro na pesquisa ou no tratamento, na forma de vida escolhida ou no ambiente. Se a causa da doença de Stephen era realmente uma vacina não

estéril contra varíola aplicada nos anos 1960, podia ser explicada assim.

Quanto ao presente caos, eu só poderia esperar que mantendo a fé, tentando dar o melhor de mim, dias mais calmos e brilhantes

amanhecessem no futuro.

No front administrativo, Judy era assediada. Ela elaborava e aprovava a

escala da enfermagem com um mês de antecedência, só para descobrir que

sua organização cuidadosa havia sido misteriosamente alterada e que a escala final de trabalho tinha pouca semelhança com a que ela havia elaborado e distribuído. Nem ela nem eu tínhamos a menor ideia de quem

esperar e em que momento; o sistema era inexplicavelmente adulterado e

os enfermeiros da agência tinham de ser chamados. Arrasadas e

desmoralizadas por causa de todos os imprevistos e das, muitas vezes desnecessárias, complicações que acompanhavam nossos melhores

esforços para permitir que Stephen voltasse para sua família e sua comunidade, Judy e eu agendamos uma série de reuniões para tentar

resolver várias diferenças de uma vez por todas. Chegara aos ouvidos dela,

indiretamente, que além da interferência na organização da escala,

problemas estavam sendo provocados entre os funcionários por questões que não tinham relevância para nosso esquema de enfermagem privada.

Os fundos da Fundação MacArthur chegavam em seis parcelas mensais.

A cada sexto mês os contabilistas da Universidade elaboravam um balanço

para apresentar aos curadores da Fundação como o dinheiro foi gasto, e eu

apresentava um relatório sobre a saúde e os cuidados a Stephen, junto com

outro pedido para implorar uma nova subvenção para o próximo semestre.

Em minha segunda carta à Fundação, de março de 1986, expliquei como havia tentado formar nossa própria equipe de enfermeiros colocando

regularmente anúncios no jornal local. Falei dos “problemas” indescritíveis

que esse método havia ocasionado, e que como resultado havíamos tido de

recorrer muitas vezes à agência – daí as contas de volume considerável da

agência de enfermagem. A verba, embora generosa, era suficiente apenas para pagar as contas.

E certamente não era suficiente para atender às demandas que uma

enfermeira encrenqueira já estava concebendo, às quais Judy pensou em responder convocando a primeira reunião. Depois de agradecer aos

presentes por toda a ajuda, expliquei como o dinheiro era obtido e organizado na esperança de que eles tivessem uma ideia melhor das

dificuldades por que passávamos. Ressaltei que a conta com a enfermagem

chegava a pelo menos 36 mil libras por ano e que era financiada pelos Estados Unidos. Também enfatizei que nunca havia nenhuma certeza de que o financiamento seria renovado. Portanto, era impossível fornecer aos

enfermeiros nada mais que o emprego ocasional em regime de meio

período, que era estritamente o esquema anunciado. Por consequência, não

havia nenhuma possibilidade de fornecer auxílio saúde, férias remuneradas

ou qualquer outra regalia que eles estavam começando a reivindicar.

Daí em diante, o pessoal mais moderado concentrou sua atenção nos

pedidos práticos, como cestos de roupa suja, toalheiros, iluminação

adequada, prateleiras e afins, e reparos nos buracos da calçada. Judy e eu

aproveitamos a oportunidade para distribuir o código de conduta de

enfermagem do UK Council, e pedimos a todos que prestassem atenção a suas quatorze cláusulas. Essas recomendações tiveram tanto impacto

quanto a preocupação que eu já havia expressado sobre como manter na casa, nosso lar, um ambiente feliz e bem equilibrado para Stephen e as crianças.

— 5 —

RENASCENDO DAS CINZAS

APESAR DO CAOS DOMÉSTICO FORJADO POR INTERVENÇÃO EXTERNA, STEPHEN SE ERGUEU

como uma fênix, e no início de dezembro de 1985 ele estava

suficientemente bem para tentar saídas curtas até o Departamento. No começo eu

o levava de carro até lá, mas, a menos que o tempo estivesse ruim, ele logo foi empurrando sua cadeira por sua rota habitual. A única diferença era que ele ia acompanhado por uma enfermeira em vez de um

dos fiéis estudantes. Todas as expedições levavam mais tempo que antes, e

envolviam muita preparação cuidadosa do paciente antes de sair. Muitos apetrechos essenciais tinham de ser acomodados na parte de trás da cadeira de rodas, dando a todo o equipamento uma aparência

extremamente desajeitada. Pesada e adornada com aparelhos excêntricos,

como se fosse toda remendada, a cadeira ofuscava seu ocupante, que, pequeno e ali largado, dirigia sem medo na batalha para reafirmar sua soberania sobre seu domínio intelectual.

Não era prudente deixar-se obcecar pela vulnerabilidade de Stephen,

embora fosse difícil não cair na cilada da superproteção sentimental.

Muitos haviam caído nessa armadilha. Alguns de nós se esforçavam para encontrar um equilíbrio entre a preocupação profunda com a mínima e evanescente presença física, e certa irritante reverência perante seu imenso poder psicológico e intelectual. Esse equilíbrio delicado, tão essencial para uma vida familiar saudável, no qual um não deve pretender

ser mais importante que qualquer outro, tornara-se impossível de manter.

Na melhor das hipóteses, implicava uma atenção estressante a cada detalhe

do atendimento a Stephen, e um ceticismo saudável em relação a alguns dos seus pronunciamentos mais bizarros e extravagantes. Um domingo à noite, por exemplo, Jonathan levou a comida indiana habitual. Embora fosse neurótico e desconfiado em relação aos ingredientes da minha

comida caseira cuidadosamente elaborada, com a garantia de não conter glúten, aos domingos Stephen comia com gosto um prato enorme de

comida indiana, sem nunca se preocupar com os ingredientes. As crianças e

eu considerávamos essa flagrante incoerência como uma pequena

provocação.

Também eram ocasiões para amplas discussões. Conversas privadas

tornaram-se impossíveis, mas na atmosfera descontraída dessas noites de

domingo – às vezes também no almoço de domingo, quando Robert, que voltara a estudar em Cambridge em 1987, levava seus amigos da faculdade

para uma boa refeição –, questões da ciência e da fé formavam a base das

longas e bem-humoradas discussões. Cecil Gibbons apontara em um dos seus sermões que a pesquisa científica exigia um amplo salto de fé na escolha de uma hipótese sobre a qual trabalhar, assim como a crença religiosa. Stephen geralmente sorria à menção da fé religiosa e da crença, mas, em uma ocasião histórica, ele fez a surpreendente concessão e declarou que, como a religião, sua própria ciência do universo exigia esse salto. Em seu ramo da ciência, o salto de fé – ou suposição inspirada –

centrava-se em qual modelo do universo, qual teoria, qual equação

escolher como objeto mais adequado de pesquisa. E então, na fase

experimental, o objeto tinha de ser testado em contraste com a observação.

Com sorte, a suposição – ou o salto de fé – poderia, nas palavras de Richard Feynman, provar “temporariamente não ser errada”. O cientista tinha de contar com o senso intuitivo de que sua escolha foi acertada, ou poderia desperdiçar anos com pesquisa inútil, com um resultado final

definitivamente errado. Quaisquer outras tentativas de discutir as questões

profundas da ciência e da religião com Stephen eram recebidas com um sorriso enigmático.

Insensível às sutilezas da nossa relação e incapazes de distinguir a mente do corpo, os enfermeiros, em contrapartida, tendiam a sufocar Stephen com um cobertor de sentimentalismo. Isso contradizia sua força de

espírito e minava minhas tentativas de manter o equilíbrio correto. Para eles, Stephen era um ídolo, imune a críticas ou até mesmo ao ceticismo saudável que os enfermeiros psiquiátricos haviam gerado. Eles se

concentravam na calamidade da doença, em vez de na vitória sobre ela, faziam todos os caprichos do paciente e interpretavam qualquer gracejo inocente como um insulto a seu ídolo.

O mesmo erro sentimental havia sido cometido anteriormente, em

1985, por um artista contratado conjuntamente pelo College e a National Portrait Gallery para pintar o retrato de Stephen. A pintura, revelada naquele verão, mostrava muito claramente o *páthos* do corpo, caído desconjuntado na cadeira, mas não conseguiu mostrar a força de vontade e

a genialidade transmitidas com tanta convicção na expressão de seu rosto e

na luz de seus olhos. Considerei o retrato uma caricatura, e disse isso – para o desespero das entidades que os haviam encomendado. No entanto, nos primeiros meses de 1986, a luz da determinação voltou aos seus olhos quando Stephen recuperou a mobilidade, e com ela, sua posição

inexpugnável no Departamento. O efeito do período de doença não foi diferente para Stephen que o do exílio de Cambridge para Newton, quando

a Universidade foi fechada por causa da praga em 1665. No isolamento da

mansão de Woolsthorpe, perto de Grantham, Newton havia encontrado

tempo para a contemplação e os cálculos necessários para desenvolver sua

teoria da gravidade. Nos meses em que esteve fraco demais para sair de casa, Stephen aprendeu a utilizar o novo computador com a mesma

motivação obsessiva que havia demonstrado para memorizar longas

equações quando, no final dos anos 1960, ele perdera a capacidade de escrever.

Com a perda da voz, ele descobriu que havia ganhado um método

melhorado de comunicação. Ele podia conversar com qualquer um, não só

com o pequeno grupo de familiares e alunos, como no passado, e não dependia mais de ter um estudante à mão para interpretar suas palestras

para ele. Aumentando o volume do alto-falante ele poderia falar em público

de forma tão eficaz, se não mais, quanto qualquer outra pessoa. Sua voz sintetizada era lenta, uma vez que tinha tempo para escolher o vocabulário,

mas não havia nada de incomum nisso, visto que seu discurso sempre foi comedido. Stephen sempre se permitira tempo para pensar antes de falar,

para evitar os clichês ou a inanidade, e para garantir que a última palavra

sobre qualquer assunto fosse dele e só dele.

Ele não só estava habilitado a expressar os próprios pensamentos

diretamente, dar as próprias palestras e escrever as próprias cartas; também era capaz de trabalhar de novo em seu livro. Seu ex-aluno, Brian

Whitt, nos últimos meses havia começado a ajudá-lo com a organização metódica do material, e continuou a ajudar, em especial com diagramas e buscando material de pesquisa; mas o projeto estava agora firmemente de

volta às mãos de Stephen. O livro lhe deu motivação para explorar todo o

potencial do computador, e este lhe deu os meios de escrever uma versão

revisada do manuscrito, incorporando as sugestões da editora norte-

americana. Começava a parecer que o livro podia se tornar uma realidade.

Não só não teríamos de reembolsar o adiantamento, como também, por fim, tínhamos a perspectiva de segurança financeira. O livro podia não fazer fortuna, mas poderia fornecer uma renda complementar regular,

anunciando o fim de quase um quarto de século de economia.

Em casa, procurei conciliar meus interesses – o ensino, a música e as crianças –

com as cansativas demandas de enfermeiros rebeldes. Com a ajuda da fiel Judy, tentei evitar o caos iminente fazendo entrevistas semanais com novos candidatos e atendendo às solicitações de melhorias dos que já estavam na escala. Sentíamos que nós éramos os bodes

expiatórios para as frustrações que os enfermeiros não podiam desabafar

com Stephen. Discuti nossa situação com uma velha amiga de escola que dava aula de enfermagem. Ela reconheceu a síndrome. “Enfermeiros, como

soldados, são treinados para agir, não para pensar”, ela disse. “Se houver um paciente que necessita de tratamento, seu dever é para com o paciente,

excluindo todo o resto. Eles agem em um nível intensamente físico, que não

envolve o intelecto. Imaginação não é uma qualidade valorizada em

enfermagem.” Essas informações certamente esclareceram o problema,

mas representaram pouco consolo, pois significavam que os enfermeiros operavam no extremo oposto do espectro filosófico do resto de nós, e por

mais que tentássemos transigir, eles, por definição, não seriam capazes de

fazê-lo.

Nesse meio-tempo, Stephen comemorou seu retorno à normalidade. No

imediato curto prazo, isso assumiu a forma de uma saída para uma

representação teatral de pantomima em seu aniversário, e para a College Ladies’ Night, dois dias depois. No longo prazo, ele já estava planejando suas viagens para o próximo ano, precipitadamente, sem se intimidar com

a experiência de Genebra. Paris e Roma estavam em seu itinerário para o

outono, viagem precedida por outra experimental ao exterior em junho – a

uma ilha na costa sueca, para uma conferência sobre Física de partículas.

Como tudo isso se realizaria era outro assunto, em especial porque as datas

da conferência sueca coincidiam com os primeiros exames de nível básico

de Lucy, e eu estava relutante em deixá-la em um momento tão crítico.

Na verdade, as atenções se voltaram drasticamente de Stephen para

Lucy na primavera de 1986, em março, quando ela partiu com a escola para

Moscou – mas não, como todos nós havíamos esperado, sob os auspícios exuberantes de sua professora de russo. Todos os anos, era costume de Vera Petrovna vestir suas alunas como o boneco Michelin, com camadas e

mais camadas de roupas adquiridas em brechós e saldões. Em Moscou, as

garotas faziam um tour pela cidade, visitando todos os amigos e parentes

da professora, descascando caritativamente uma camada de roupa em cada

parada. No entanto, em 1986, recusaram-lhe o visto pela primeira vez, de

modo que outros professores que não falavam russo tiveram de

acompanhar a turma a Moscou e Leningrado. Portanto, foi uma potencial catástrofe quando Lucy adoeceu em Moscou, só com o próprio

conhecimento de russo para ajudá-la. Aterrorizada só de pensar em ser abandonada em um hospital russo, ela não disse a ninguém que estava se

sentindo mal; não comeu nada e ficou se contorcendo de dor de estômago

por dez dias. Quando chegou à casa, estava muito doente, com febre alta e

dor abdominal insuportável, e não podia ir a lugar nenhum exceto direto para a cama. O médico chegou e diagnosticou apendicite aguda. Então, lá estávamos nós de novo, andando pelos corredores no meio de outros

familiares no Hospital Addenbrooke, sentados nas mesmas cadeiras de

plástico, desta vez por um apêndice perigosamente inflamado, em vez de um aparelho respiratório perigosamente obstruído. Fomos informados no

dia seguinte, quando Lucy já estava se recuperando, que ela havia tido muita sorte de não ter tido a apendicite em Moscou.

No entanto, a chegada do calor aliviou algumas das tensões associadas

à susceptibilidade de inverno, e a vida começou a apresentar pelo menos uma fina camada de sua antiga normalidade conquistada a duras penas.

Desafiadoramente determinada a que a casa ainda fosse digna desse nome,

tentei dar menos importância às complexidades do serviço de enfermagem

em tempo integral, fingindo, como tantas vezes no passado, que era só mais

um pequeno inconveniente. Mais uma vez, oferecemos jantares e coquetéis

para cientistas visitantes e participamos de atividades locais nas escolas e na igreja. Tim convidou dezessete colegas de escola para sua festa de aniversário, na qual o bom e velho show de marionetes Punch and Judy manteve os convidados encantados por parte do tempo, enquanto, pelo resto da tarde, meu pai, seguindo a honorável tradição ao piano, divertiu-os com brincadeiras musicais.

Conforme a saúde de Stephen melhorava gradualmente, eu me

aventurei a retomar algumas das minhas antigas atividades, como cantar no coro da igreja e na sociedade de coral na qual eu havia entrado no início dos anos 1980. Como os ensaios semanais desta última ocorriam na capela

do Caius College, por gentil permissão do decano, John Sturdy, essa atividade era bastante compatível com os movimentos de Stephen. Ele, acompanhado por uma enfermeira, jantava na Faculdade enquanto eu

cantava – ou tentava cantar, em meio a uma interminável sucessão de resfriados – na capela. Muitas vezes ele ia à capela depois do jantar para ouvir as etapas finais do ensaio, e então, íamos para casa juntos. Lucy estava adotando um estilo de vida cada vez mais independente, que girava

mais e mais em torno do teatro e a mantinha fora de casa.

Três enfermeiros e um médico foram contratados para a viagem de

Stephen à Suécia, esticando a verba da MacArthur até o limite. No entanto,

foi um investimento rentável, uma vez que Murray Gell-Mann, um dos curadores da Fundação MacArthur, também foi um dos participantes da conferência. Ele pôde ver com os próprios olhos como eram terríveis as circunstâncias de Stephen e quão necessário era o caro cuidado

profissional para dar suporte a sua vida e a sua contribuição para a Física.

Em meu pedido seguinte à Fundação, em setembro de 1986, eu pude falar

de nosso encontro com Murray Gell-Mann e informar que a saúde de

Stephen, embora muito mais estável, continuava a exigir o mesmo grau de

serviço profissional de enfermagem. E eu previa que seria necessário indefinidamente. Depois disso, a Fundação MacArthur concordou em arcar

com as despesas de enfermagem de Stephen por tempo indeterminado e aceitou minha explicação de que o Serviço Nacional de Saúde fornecia apenas uma fugaz visita matinal da enfermeira do distrito para checar os suprimentos, uma visita semanal do médico de família, um turno de oito horas além dos vinte e um, e ajuda adicional com o banho duas vezes por

semana.

A pequena ilha de Marstrand, sem trânsito, ao largo da costa oeste da

Suécia provou ser o lugar mais agradável e adequado para um físico convalescente exercitar seus músculos intelectuais. Enquanto Stephen e seus acompanhantes exploravam o universo por meio das trajetórias das partículas elementares, eu relaxava, valorizando a paz e a solidão nas enseadas rochosas e caminhando pelas trilhas da floresta onde narcisos ainda floresciam em junho e o sol brilhava até tarde da noite. A liberdade

daqueles poucos dias na Suécia foi um luxo raro, que só ocasionalmente surgia em meu caminho graças à inesperada e útil intervenção da mãe de

Stephen após a morte do marido, em março de 1986. O pai de Stephen não

foi um paciente fácil durante sua última doença; a frustração da

imobilidade foi pesada demais para quem na juventude não pensara duas

vezes para atravessar sozinho, de carro, toda a África para se alistar no início da Segunda Guerra Mundial, e que habitualmente, aos oitenta anos, passava semanas inteiras acampando e caminhando nas montanhas

galesas. Seu funeral marcou um triste fim para uma distinta, mas

inadequadamente reconhecida carreira de Medicina tropical. Acho que eu não era a única pessoa cujos sentimentos em relação a ele eram

decididamente ambivalentes. Eu o admirava e respeitava por ter sido sensível e atencioso, grato até, mas ele também podia ser frio, duro e distante.

Depois de sua morte, Isobel, que antes era rigorosa e inflexível, parecia

ter se suavizado, dando mostras de grande compaixão. Ela parecia ansiosa

para compartilhar as tensões de nossa vida familiar de uma nova maneira,

e se tornou popular com as crianças por causa de seu senso de humor sarcástico e frio, e por sua aparentemente natureza descontraída, que exigia pouco delas. Ela também demonstrava uma tolerância

surpreendente e benevolente em relação a meu relacionamento com

Jonathan, como se por fim houvesse percebido que ele não tinha a intenção

de destruir a família e que era genuinamente solidário a todos nós, incluindo Stephen. Fiquei grata pela ajuda e por sua compreensão, em especial quando se ofereceu para cuidar da casa para que pudéssemos retomar nosso acampamento de férias. Se pudesse ansiar com confiança por duas semanas de férias de verão longe da tensão de uma meia-vida em

uma casa onde eu estava de plantão sete dias por semana, durante um mínimo de quarenta e nove semanas por ano, tentando equilibrar todos os

meus papéis, tentando ser tudo para todos, achava que eu poderia reunir forças para continuar, por mais onerosas que essas obrigações pudessem ser. No final do tempo estipulado, voltei para Stephen sem nenhuma dúvida.

Depois de abrir suas asas de fênix na Suécia sem contratempos,

Stephen estava ansioso para usá-las de novo e de novo. Em setembro, o circo itinerante – que agora incluía um jovem formado em Física como assistente pessoal de Stephen – partiu para Paris para uma conferência no

Observatório de Meudon, onde Brandon Carter trabalhava. Fiquei muito feliz por passar um tempo com Lucette, atualizando-a sobre os

acontecimentos do ano anterior, e lá eu também descobri um novo papel para mim mesma: motorista e intérprete do grupo. Pelo menos os

enfermeiros puderam ouvir, se não ver, que eu servia para alguma coisa.

Apenas um mês depois estávamos de novo em Roma, onde Stephen

seria recebido pelo papa na Pontifícia Academia de Ciências, apesar das heresias que ele ainda andava pregando sobre o universo não ter começo

nem fim. Tim foi também, assim como a comitiva de enfermeiros e o jovem

assistente pessoal, cuja responsabilidade era cuidar do funcionamento do computador e da mecânica de palestras de Stephen. Tentamos escolher os

enfermeiros que sabíamos ser católicos e que apreciassem a importância da ocasião. Tivemos sorte porque duas das enfermeiras mais confiáveis e agradáveis da escala, Pam e Theresa, eram católicas e ficaram muito felizes

ao ser convidadas. Precisávamos de três enfermeiros, no entanto, mas nem

todos ficaram tão entusiasmados como as duas. Foi só no último minuto que Elaine Mason concordou em ir conosco: e isso só depois que ficou claro

que ela não teria de apertar a mão do papa, visto que esse gesto seria contra seus princípios.

A segunda visita a Roma foi mais formal que a primeira de 1981. O tempo estava melhor, e também nossas acomodações. Ficamos em um hotel muito mais confortável, mais perto do Vaticano, e visitas especiais aos tesouros da arte do Vaticano foram organizadas para as mulheres e as crianças enquanto os cientistas conferenciavam na sede renascentista da Academia. O clímax da visita foi uma audiência com o papa João Paulo II, na qual todos os membros do grupo de Stephen foram recebidos. Com a mão descansando suavemente sobre a cabeça de Tim, o papa falou baixinho com Stephen e comigo, apertando nossas mãos e dando-nos sua bênção. Depois, apertou as mãos dos outros, e nenhum deles resistiu. Fiquei comovida com a cordialidade de sua personalidade, a suavidade de suas grandes mãos e a santidade da luz de seus brilhantes olhos azuis. Eu não tinha preconceitos religiosos, e havia ido a Roma com o coração e a mente abertos. O papa tocou meu coração e minha mente, porque – política e dogmas à parte – senti que ele sinceramente se preocupava com as pessoas que conhecia e as incluía em suas orações.

Encorajado pelo sucesso dessas viagens experimentais ao exterior, mas dentro da Europa, as aspirações de Stephen não viam limites. Em dezembro daquele ano, ele foi para a habitual conferência de Chicago, que acontecia antes do Natal, para recuperar seu lugar no circuito internacional. Nesse tempo ele viajava com todo o cerimonial de um xeque árabe, cercado por hordas de asseclas, enfermeiros, estudantes, o assistente pessoal e o colega ocasional. Ele levava tanta bagagem que as limusines que o transportavam para o aeroporto muitas vezes tinham dificuldade de rodar quando saíam

da frente da garagem. As companhias aéreas haviam aprendido a tratar Stephen com respeito, como um cliente valioso, e não como uma

inconveniência, e concediam a ele toda a deferência e a assistência que se

houvesse chegado vinte anos antes, quando eu lutava para cuidar de Stephen e de um bebê, poderia ter me poupado um grande estresse. Nesses

dias, ironicamente, minha presença era quase supérflua nas viagens

internacionais. Sozinha entre tantas pessoas, eu muitas vezes levava Tim para me fazer companhia, assim como Robert havia sido meu pequeno

acompanhante em épocas passadas. Tim cumpria esse papel de forma

admirável. Ele adorava as viagens aéreas, e enquanto o avião ganhava velocidade para a decolagem – meu pior momento –, ele suspirava: “Mais rápido! Mais rápido!”. Meus temores persistentes se dissipavam com seu entusiasmo contagiante. Havia muita coisa que eu poderia lhe ensinar e fazer despertar seu interesse nessas viagens, como noções de línguas românicas. Na Espanha, com paciência e uma total falta de competitividade,

ele me ensinou a jogar xadrez, algo que seu pai nunca conseguiu fazer.

— 6 —

MATEMÁTICA E MÚSICA

APESAR DE DEZOITO MESES ANTES AS CHANCES DE STEPHEN DE SOBREVIVÊNCIA TEREM

sido consideradas insignificantes, ele havia confundido os pessimistas

mais uma vez: sobrevivera e estava de volta à vanguarda da investigação científica, teorizando com suas suposições obscuras sobre partículas

imaginárias que viajam no tempo imaginário em um vítreo universo que não existe fora da mente dos teóricos. Sua ressurreição fenomenal e a consequente transformação de suas perspectivas estimularam-no à

atividade ainda mais intensa. Ele estava viajando de novo, terrena e universalmente, sempre e aonde quer que escolhesse. Acima de tudo,

pouco mais de um ano depois de suas primeiras tentativas de dominar o funcionamento do computador e seu retorno cauteloso ao Departamento, ele havia completado o segundo rascunho de seu livro e estava à procura de um título. Seu estado de saúde continuava extremamente precário –

tema da ansiedade perpétua –, mas com toda a ajuda da Medicina moderna

e as vinte e quatro horas de cuidados de enfermagem à sua disposição, ele

praticamente carregava o próprio mini-hospital consigo aonde quer que fosse. Os enfermeiros haviam aprendido técnicas de emergência para

trocar o tubo de traqueostomia, e o próprio Stephen tomava conta de sua

medicação, pois achava, e com razão, que sabia mais sobre o caso que qualquer médico.

Outra enfermeira – alta, aristocrática –, Amarjit Chohan, do Punjab, entrou na escala. À noite, ela trabalhava no centro cirúrgico do

Addenbrooke, e durante o dia (seu tempo livre) ia cuidar de Stephen. No exílio solitário de sua casa, vítima de racismo velado, ela nos adotou com uma intensidade apaixonada, o que logo começou a incomodar os outros enfermeiros. Stephen ficava lisonjeado por ser o prêmio disputado nas batalhas que os mais voláteis e menos estáveis assistentes seus travavam por seus favores, e admirava suas disputas com cumplicidade e

perplexidade. Na Espanha, Tim e eu ficamos pasmos quando vimos uma das enfermeiras flertar descaradamente com um aluno, e a seguir, saiu aos

socos com outra enfermeira por causa de pequena discussão. Como um trovão distante, a rivalidade entre personalidades assertivas, cada uma insistindo na superioridade do próprio método de cuidados, roncava

ameaçadoramente. E ainda era um cansativo problema adicional em casa e

uma fonte de constrangimento em público fora dela.

O grande evento de 1987, que, entre as trajetórias imaginárias e

universos ilusórios, estava exercitando Stephen e todos aqueles atraídos para sua órbita, foi a comemoração do tricentenário da publicação de *Principia Mathematica*, de Newton, com uma conferência internacional que seria realizada em Cambridge. Stephen foi firmemente posicionado no

centro do evento, uma vez que a tradição newtoniana de liderar a pesquisa

cosmológica de Cambridge foi entregue aos seus cuidados como professor

lucasiano, e seu trabalho era a lógica extensão da Física newtoniana modificada pela influência da Teoria da Relatividade de Einstein, do século

XX.

Isaac Newton nasceu em 1642, ano da morte de Galileu e trezentos

anos antes do nascimento de Stephen. Apesar de estudar em Grantham e ser *sizar*, ou funcionário-aluno do Trinity College, era conservador, e sua principal obra, *Principia Mathematica*, foi diretamente influenciada pelos princípios mecânicos e matemáticos formulados por René Descartes,

grande filósofo francês do século XVII. Em Cambridge, na década de 1660,

as teorias de Descartes provocaram “tanto rebuliço, queixas contra ele e a

proibição da leitura de suas obras, como se houvesse refutado o próprio Evangelho. No entanto, havia uma tendência geral, especialmente da parte

animada da Universidade, de utilizá-lo”. Newton levou os princípios de Descartes para casa, em Woolsthorpe Manor, logo após sua formatura, na

época do surto de peste. Foi durante esse período de extraordinária criatividade em Woolsthorpe Manor que Newton, aos vinte e três anos, desenvolveu suas três grandes descobertas: o cálculo, a teoria da

gravitação universal e a teoria da natureza da luz.

Newton pode ter sido “animado” na adoção de teorias de Descartes,

mas não foi nada disso em relação à publicação dos resultados a que elas o

levaram. *Principia Mathematica* foi, por fim, publicado em 1687 por insistência de Samuel Pepys, presidente da Royal Society, e Edmond Halley,

o jovem astrônomo. Em seu *Opus Magnum*, Newton não só propôs a lei da gravitação universal, prevendo o movimento elíptico dos planetas ao redor

do Sol, como também desenvolveu os complicados cálculos desses

movimentos. Diz em *Principia Mathematica* que a Matemática é

aproveitada a serviço da Física e é rigorosamente aplicada ao universo visível. *Óptica*, outra grande obra de Newton, também foi desenvolvida nos anos da peste, mas só publicada em 1704, descreveu a luz como um espectro de cores que, em combinação, formam a luz branca, mas que poderia ser dividida em sete faixas que a compõem. Newton colocou um prisma no trajeto de um raio de sol e viu que a luz branca que o atravessava se dividia nas cores do arco-íris, produzindo não a imagem arredondada do

sol na parede oposta, e sim uma oblonga, na qual as sete cores, do azul ao

vermelho, separavam-se e espalhavam-se “de acordo com seus graus de refrangibilidade”. Se *Principia Mathematica* foi inspirado pela queda de uma maçã no jardim da Woolsthorpe Manor, a inspiração para *Óptica* foi comercial – a melhora da lente do telescópio, o instrumento que Galileu havia voltado para os céus pela primeira vez no inverno de 1609. Embora

Newton se descrevesse como filósofo natural, pode ser considerado o primeiro grande matemático e físico moderno.

Produto de uma infância infeliz, Newton podia ser ditatorial, mas nem

um pouco desonesto. Ele ganhou a reputação de vingativo na relação com

Leibniz Gottfried, filósofo alemão, que afirmou ter descoberto o cálculo primeiro. A descoberta de Newton do cálculo, ou fluxão, como ele o chamava, foi motivada pela necessidade, em meados da década de 1660, de

um método geral de cálculo matemático, essencial para trabalhar com a dinâmica

do movimento planetário. Foi imediatamente utilizado em sua teoria da gravitação, mas, como era típico, não conseguiu publicar seus resultados, e ficou indignado quando Leibniz publicou suas descobertas independentes em 1676. Havia, contudo, um aspecto mais humilde desse gênio amargurado que me atraía. Ao escrever sobre seu papel na ciência, ele especulou sobre sua própria importância, sem saber o significado de suas descobertas: “Eu não sei o que posso parecer para o mundo; mas, para

mim, pareço só um garoto brincando na praia e me desviando de vez em quando para encontrar uma pedrinha mais lisa, ou uma concha mais bonita

do que o normal, enquanto o grande oceano da verdade jaz ainda por descobrir diante de mim”. “Pegar pedrinhas na praia” foi a imagem que Stephen usou em 1965 em desprezo aos estudos medievais.

Newton não deixou pedra sobre pedra em sua praia particular. Embora

na opinião dos contemporâneos ele fosse surdo, em 1667 ele produziu uma

teoria da música. *On Musick* era um tratado bastante banal que não continha nada novo; nele, Newton considerou as questões de afinação da escala e comparou, em termos logarítmicos, os temperamentos justos e igualitários. Ele também usou a música para fazer analogias sinestésicas entre as sete notas da escala diatônica e as sete faixas de cor no espectro, baseando essas analogias na largura das faixas de cores e das sete cordas

necessárias para produzir uma escala.

A ligação entre os gostos pessoais de Newton e a música era bastante

tênue, mas, analisado com todas as outras considerações, seu interesse teórico foi forte o suficiente para justificar que se colocasse em um concerto música de sua época para comemorar seu tricentenário. Outra das

considerações centrava-se no fato de que a genialidade de Newton foi inicialmente impulsionada pela nova abordagem da ciência proveniente da

França, ao passo que com a restauração da monarquia, em 1660, uma onda

de entusiasmo pelo inovador estilo francês na música chegou à Inglaterra

com Charles II, inspirando outro grande gênio inglês do período, Henry Purcell. Uma vez que, juntamente com a música de Bach e Handel, a música

de Henry Purcell formaria a base do repertório da Cambridge Barroque Camerata, não poderia ter sido mais adequado entreter os delegados da conferência do tricentenário de Newton com um concerto de música desse

período. Por mais que Stephen preferisse, a apresentação de *Ring Cycle* não era viável. A grande vantagem de uma ocasião tão prestigiada ser realizada

no Trinity College foi que por fim atraiu patrocínio comercial para a orquestra, não só permitindo a Jonathan dar uma base segura a sua empresa musical, mas também gravar o programa, intitulado *Principia Musica*.

Mais uma vez, Stephen, Jonathan e eu parecíamos ter recuperado uma

síntese de nossos variados talentos e interesses. Embora a moderna teoria

da Física quântica fosse algo muito distante para mim, eu conseguia pesquisar sobre Física newtoniana com certa compreensão dos conceitos, se não da Matemática, e podia fazer conexões úteis entre a Matemática e os

aspectos musicais desse grande empreendimento do verão. Eu gostava da

organização dos concertos. Era um trabalho duro, como lecionar, fazia bem

para minha autoestima. Assim como na prática da promoção dos concertos,

organização do local, publicidade, venda de ingressos, e assim por diante, havia o estímulo intelectual de pesquisar a fundo a música para as informações que constariam do programa. Em busca de informações sobre

o cenário musical do final do século XVII, eu me vi de volta à biblioteca da universidade, onde o ritmo frenético da vida diária desacelerava até uma cadência reverente, sem pressa. Minhas pesquisas mostraram uma conexão

bem-vinda entre Newton e Purcell nos escritos de um eminente musicólogo

do século XVII e contemporâneo de graduação de Newton, Roger North, que concluiu que os grandes “desvios práticos” de sua vida se “reduziam a

duas cabeças: uma, matemática, e a outra, música". Seu prazer com a Matemática culminou na "nova e mais requintada teoria da luz de Newton,

como uma mistura de todas as cores". Quanto à música, não pode haver dúvida de que "o divino Purcell" lhe proporcionou o maior prazer quando

ele entrou "a todo vapor na superioridade da faculdade musical".

Como em dias passados, as horas que eu podia permanecer na

biblioteca da universidade eram escassas, lamentavelmente. Eu tinha

tempo só para checar rapidamente algumas referências antes de sair

correndo com uma pilha de livros debaixo do braço. Antes das celebrações

de Newton, em julho, houve uma enxurrada de outras atividades a serem previstas no calendário. Eu nunca descansava, impulsionada por uma

tensão interna que permeava todos os aspectos do meu ser – físico, mental,

intelectual, criativo e espiritual. Mais uma vez, eu tinha de provar a mim mesma que eu era uma companheira digna da genialidade de Stephen, e para o mundo em geral eu tinha de provar que ainda éramos uma família

normal. Além das nossas atividades acadêmicas, houve mais festas e

jantares, mais trabalho para instituições de caridade, mais concertos e conferências, mais cursos e mais títulos honorários. Embora outras famílias

tivessem vidas ocupadas, em comparação com a delas a nossa não era normal: era insana. Para minha sobrevivência, eu dependia de todo o apoio

e reforço que minhas inúmeras atividades e minha família, amigos e Jonathan pudessem me dar. Os enfermeiros de Stephen, dotados de

nenhum discernimento ou imaginação, viam tudo isso como contrário aos

interesses de Stephen, em vez de um apoio a eles. Logo, eu e o resto da família sentíamos como se tivéssemos de pedir desculpas por nossa

presença, por nossa existência, por respirar o mesmo ar que o gênio. Muito

frequentemente era Lucy quem me ajudava a manter a perspectiva e

Jonathan que me encorajava a manter um pouco de respeito próprio. A presença frequente e reconfortante de Jonathan, no entanto, havia se tornado causa de muitos comentários à boca pequena com gente fora de casa, que, em sua superficialidade, procurava governar os outros segundo

normas que – como os acontecimentos provaram – eles mesmos não

puderam manter.

Como Lucy continuava estudando russo e estava no primeiro ano do

nível avançado, ela foi a Moscou de novo em maio de 1987, comigo e com

Stephen, para mais uma conferência na Academia de Ciências. A Academia,

como tantas outras instituições russas, foi discretamente abandonando sua

antiga nomenclatura "soviética" em reconhecimento à mudança dramática

que estava ocorrendo na sociedade russa. A *Perestroika* e a *Glasnost* eram as palavras que dançavam na boca de todos com um entusiasmo

contagiante, beirando a euforia.

– O que você acha da mudança das coisas neste país? – perguntaram os

jornalistas a Lucy e a mim após a palestra de Stephen.

– O fato de você poder fazer essa pergunta é prova suficiente da mudança extraordinária – respondemos.

A liberdade de expressão, o fim da opressão, liberdade de viajar – eram

todas liberdades imensamente preciosas para as pessoas que haviam sido

restritas aos limites frios e cinza de um sombrio estado de partido único.

Nós também ficamos muito mais livres que em visitas anteriores a

Moscou. Podíamos ir aonde quiséssemos sem ser acompanhadas ou

seguidas, e o entretenimento para nós não foi apenas a obrigatória visita ao Bolshoi, mas também um concerto em uma igreja nos arredores de Moscou.

O fervor religioso tomava conta de Moscou. Na igreja do convento de Novodevichy, por exemplo, o ar estava cheio de fumaça das centenas de velas acesas, em torno das quais os fiéis cantavam e se ajoelhavam, como se

quisessem compensar o tempo perdido. Por coincidência, eu havia passado

os meses de inverno ensaiando as *Vésperas* de Rachmaninov com o coro –

em russo –, para uma apresentação na capela do Jesus College em março.

Para minha deliciosa surpresa, o concerto a que nos levaram foi executado

por um grupo similar de cantores amadores e consistia em arranjos

litúrgicos russos não acompanhados, parecendo muito com as *Vésperas*, em uma atmosfera tensa com a novidade e a promessa do despertar da

tradição. Diante de um cenário ricamente dourado de ícones, as majestosas

vozes *Basso Profondo* reuniam as misteriosas vogais russas, rolavam-nas sobre a língua e as emitiam no ressonante espaço da antiga igreja, onde sua

sonoridade profunda deixava a audiência extasiada.

Por estar em Moscou, eu perdi uma ocasião em Cambridge que foi de profundo significado, não só para as crianças, Jonathan e eu, mas para todos os fiéis da St Mark. Nosso vigário, Bill Loveless, estava se aposentando. Tão devastada ficou a congregação por perder seu amado incumbente que a paróquia entrou em um estado parecido ao luto coletivo

por um longo período após sua partida. Na primavera, Lucy havia tido a oportunidade de participar da última série de aulas de Bill, terminando com sua confirmação. Por volta dessa época, em homenagem a sua próxima

aposentadoria, o coro fez uma apresentação na qual eu cantava dois de seus *Lieder* favoritos de Schubert, incluindo *Die Forelle*, e depois fizemos um grande jantar de despedida na West Road. Mesmo assim, eu fiquei triste

por não estar presente em seu último culto de domingo. Ele tinha uma sabedoria profunda, da qual eu havia apenas arranhado a superfície; de fato, um dos seus últimos sermões, sobre o tema da busca de uma mente quieta, impressionou-me profundamente. Nele, expôs todos os aspectos da

minha falta de paz: minhas preocupações, meus medos – por Stephen, por

meus filhos e por mim –, minha incapacidade de descanso, as tensões e os

cuidados, as frustrações e as incertezas. Ele também abordou outro grupo

de distúrbios emocionais associados a uma mente inquieta: os evocados pela culpa, que não eram estranhos para mim. Minha autocensura me

seguia como uma sombra ameaçadora. Eu escutava na esperança de

qualquer migalha de conforto que ele pudesse jogar em minha direção.

Viver no presente, disse ele, e confiar em Deus na escuridão, na dor e no medo. Então, quando ele citou a passagem bíblica dos Coríntios: "... Fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis", senti que suas palavras tinham a mim como alvo. A culpa, disse ele, é o risco que se corre

esforçando-se sempre para o mais e o melhor; o amor é a única resposta para a culpa. Somente no amor podemos sustentar uns aos outros. Suas palavras ofereciam uma nova solução para o torturante dilema da culpa. O

amor era com certeza a força que sustentava nossa casa. De acordo com isso, eu estava sendo fiel a minha promessa: eu tinha amor para todos, abundante amor materno para cada um dos meus filhos; o amor por

Stephen, bem como amor por Jonathan. O amor tem muitas facetas, tanto Ágape quanto Eros, e eu queria continuar a provar meu amor por Stephen

fazendo meu melhor por ele; mas, às vezes, o amor se tornava tão emaranhado por causa da legião de preocupações geradas pela

responsabilidade de cuidar dele que era difícil saber onde terminava a ansiedade e onde começava o amor. O próprio Stephen se sentia insultado

por qualquer menção a compaixão. Ele a equiparava à piedade e ao

sentimentalismo religioso. Recusava-se a entendê-la e a rejeitava de imediato.

— 7 —

EXTREMOS

COM UMA PEQUENA AJUDA DE SHAKESPEARE, STEPHEN ENCONTROU UM TÍTULO PARA SEU

livro; o manuscrito havia sido moldado em uma forma aceitável para a

editora e uma data, junho de 1988, foi estabelecida para a publicação. A edição norte-americana devia ser publicada na primavera, antes da edição

britânica. Essa primeira edição norte-americana teve de ser recolhida de última hora por causa do medo de um processo judicial em decorrência de

certas calúnias expressas no texto sobre a integridade de um casal de cientistas norte-americanos. Esse infortúnio permitiu a correção de uma omissão menor: Stephen dedicou *Uma breve história do tempo* a mim, um gesto de reconhecimento público muito apreciado, mas a dedicatória havia

sido deixada de fora da edição norte-americana. As prensas foram

colocadas em marcha acelerada para produzir dez mil exemplares da

edição modificada dentro de dias, o potencial libelo foi apagado, meu nome

apareceu na dedicatória e o livro foi lançado nos Estados Unidos.

Enquanto Stephen estava na América para o lançamento, Tim e eu

fomos ficar com o melhor amigo dele, Arthur, e seus pais, que agora viviam

na Alemanha. Os dois meninos se viam raramente nessa época, mas

nenhum deles havia feito outros amigos íntimos; quando se encontraram, com alegria estabeleceram sua rotina familiar, como irmãos havia muito tempo separados. Como houve uma nevada tardia na Floresta Negra, o pai

de Arthur, Kevin, nos surpreendeu perguntando se gostaríamos de ir

esquiar. Eu nunca havia esquiado na vida e nunca esperava fazê-lo, apesar

dos rumores que diziam que Stephen havia sido um esquiador competente

e que Lucy regularmente esquiava com seus amigos. De fato, naquele momento ela estava nos Alpes recuperando-se de uma árdua rodada de ensaios para uma peça de teatro que ela e seus colegas do Cambridge Youth

Theatre iam montar em Cambridge em abril, antes de se apresentar no Festival de Edimburgo no verão. Tim e eu aproveitamos a chance de aprender a esquiar. Ele aprendeu depressa, lançando-se pista abaixo em alta velocidade, ameaçando ultrapassar o estacionamento na parte inferior.

Eu observava, impotente, enquanto a mãe de Arthur, Belinda,

desesperadamente gritava instruções para que ele desse um *snowplough* –

isto é, desacelerasse virando os esquis para dentro. A lembrança dos braços

quebrados quando aprendi a patinar no gelo me deixou muito mais

cautelosa e nervosa, até que percebi que a neve era uma cama macia, embora fria e úmida, para cair nela. Durante esse fim de semana na Floresta Negra recuperei um pouco da minha fanfarrice perdida. No alto da

colina, com o vento em meu rosto e o sol brilhando sobre a neve branca cintilante, eu me alegrei com a liberação dos cuidados e da

responsabilidade, e das brigas tediosas e separatistas de enfermeiros petulantes que haviam transformado nossa vida em casa em uma luta

infinitamente deprimente. Esquiar exigia 100% de concentração, tanto

física quanto mental: o objetivo imediato era a parte inferior da encosta, e a

única pergunta que o cérebro podia acomodar era como chegar lá inteira.

Stephen ficou nos Estados Unidos por mais de três semanas. Logo após

seu retorno, fomos juntos para Jerusalém, onde ele foi receber o prestigioso Prêmio Wolf, outorgado conjuntamente a ele e a Roger Penrose por sua distinção na Física.

Minhas dúvidas em relação à viagem a Israel não foram causadas

exclusivamente por minha relutância em deixar a família ou suspender minhas aulas. Embora eu estivesse ansiosa para encontrar Hanna

Scolnicov, minha amiga dos tempos de Lucy Cavendish, não estava muito ansiosa para visitar a mais santa e antiga cidade do mundo na companhia

de um grupo de físicos. Eu teria preferido uma peregrinação com pessoas

mais afins, mas não tinha escolha. Havia uma tensão perceptível no ar quando Stephen disse que se eu não quisesse ir, ele tinha certeza de que Elaine Mason, a enfermeira que o acompanhara à América, ficaria feliz em

ir em meu lugar.

Ele estava ressentido por minha recusa a ir à América com ele em março, quando Tim e eu havíamos ido esquiar, e desde seu retorno a comunicação entre nós se tornara frágil e tensa. Minha sugestão de que ele

deveria demitir alguns dos enfermeiros encrenqueiros encontrou a

resposta inexpressiva e incontestável: “eu preciso de bons enfermeiros”.

Quando me ofereci para colaborar com ele em uma proposta de

autobiografia, um projeto que eu esperava que nos aproximasse mais, sua

reação foi de desprezo:

– Eu deveria estar contente por sua opinião.

Só então comecei a perceber a verdade que outros enfermeiros

estavam tentando me dizer havia algum tempo, ou seja, que um deles estava exercendo uma influência indevida sobre Stephen, deliberadamente

provocando e explorando, em uma cada vez mais extravagante rede de astúcia e engano que ele foi tecendo, e nesse sentido, havia pouco que eu pudesse dizer em minha defesa, uma vez que claramente aos olhos do mundo nosso relacionamento era culpado.

Antes de nossa partida para o Oriente Médio, só houve tempo para ver

Lucy atuando no animado espetáculo *The Heart of a Dog*, uma adaptação ao teatro da sátira política escrita em 1920 pelo escritor russo Mikhail Bulgakov. O romance, no qual Bulgakov expressou suas preocupações na apropriação da sociedade russa pelo proletariado, foi considerado abrasivo

demais para ser publicado na época, e não foi lançado na União Soviética até 1987, ano de nossa visita mais recente. No domingo seguinte, deixando

meus pais no comando da casa, partimos para Israel.

Embora tenha havido atrasos no aeroporto de Heathrow, o principal

trecho do voo transcorreu sem incidentes. Jonathan, que estava em turnê com Cambridge Barroque Camerata, deu-me um walkman e fitas da *Missa*

de Bach em si menor de aniversário, e com isso eu passei o tempo, ocasionalmente olhando pela janela para baixo, para as profundezas azuis

distantes do Mediterrâneo. Quando a noite caiu e o céu e o mar

escureceram, uma faixa de luzes de néon surgiu lá embaixo marcando claramente o litoral, e nos mandaram apertar os cintos de segurança para o

pouso em Tel Aviv. O avião começou a descer, e vi como deslizávamos sobre edifícios e estradas iluminadas. Ouvi o barulho do trem de pouso sendo baixado e esperei o choque na pista. Não aconteceu. Em vez disso, o

avião pegou o caminho de volta para o céu da noite. Para minha surpresa,

fiquei fascinada, não assustada. Não houve comunicados. Um silêncio caiu

sobre a cabine e eu sentia que as mesmas perguntas estavam passando pela

cabeça de todos os passageiros: havíamos sido sequestrados e estávamos indo para o Líbano?

Dez minutos depois, a voz do capitão surgiu no sistema de som. Nós não

havíamos podido pousar em Tel Aviv por causa da súbita neblina, explicou

ele, e havíamos sido desviados para a única outra pista disponível, uma pista de pouso em uma base aérea militar no deserto de Negev, o pescoço

do território israelense que se estreitava até o Mar Vermelho entre o Egito

e a Jordânia. O avião zumbiu na noite rumo ao deserto, onde fez um pouso

abrupto e acidentado em uma pista curta, não construída para acomodar um 747 – e lá ficamos. Quando o nevoeiro desapareceu em Tel Aviv, o horário de trabalho para nossa equipe havia expirado, de modo que nós – e

eles – tivemos de esperar por outra equipe de Tel Aviv que fosse nos buscar. Eu fechei a persiana, enrolei-me e dormi. O assistente de Stephen,

Nick Phillips, cutucou-me na manhã seguinte, assim que os motores foram

acionados. Abri a persiana e olhei para fora, para uma perfeita introdução à Terra Santa. Lá fora a cena era de paz e beleza atemporal: areias douradas,

dunas de seda e montanhas roxas e áridas, tudo tingido pelo suave tom rosado do amanhecer.

O foco da visita oficial foi a cerimônia do Prêmio Wolf no Knesset, diante de uma imensa tapeçaria de Chagall sobre a história do povo de Israel. A cerimônia aconteceu na presença do altamente respeitado e liberal

presidente de Israel, Chaim Herzog, e o notório linha-dura de direita, o primeiro-ministro Yitzhak Shamir. Eles sintetizavam as duas extremidades

do espectro político em um país onde o bom senso e o fanatismo coexistiam

em medidas iguais. Após a conclusão dos cerimoniais, Stephen e Roger Penrose

ficaram bastante ocupados com reuniões científicas, palestras e seminários com seus colegas israelenses, e eu muitas vezes pude passear por Jerusalém e explorar à vontade. “Vá ao bairro judeu na Cidade Velha de

qualquer jeito”, aconselharam-me, “mas não vá ao bairro árabe: é muito perigoso por causa da Intifada”. Em minha impaciência para ser

independente do partido oficial, ouvi o alerta com indiferença, feliz ao descobrir que o hotel, um edifício moderno, ficava a pouca distância a pé do portão de Jaffa da Cidade Velha. Como um ímã, as paredes cinzentas na colina oposta, tão austeras e ameaçadoras quanto as de Alhambra, em Granada, atraíram-me para elas. Despreparada para a agitada e barulhenta

massa de colorida humanidade que subia e descia para dentro e para fora

do portão sob a Torre de Davi, fiz uma pausa, olhando em volta tentando saber que caminho seguir, para a direita ou para a esquerda. Eu estava tentada a me deixar levar pela multidão e ser sugada pela rua estreita à minha esquerda, mas levando em conta o conselho de ficar longe do bairro

árabe, parti para a direita, passando pela catedral anglicana de pedra cinza em uma rua que corria ao longo do interior das muralhas da cidade. Era decepcionantemente monótona e tranquila. Marteladas se ouviam de uma

oficina ocasional, algumas pessoas que cuidavam de seus assuntos diários

corriam pela rua, o som de um piano flutuava saindo de uma janela superior. Afora isso, havia pouco a despertar meu interesse. Era agradável,

mas não impressionante. Continuei andando e encontrei uma nova área habitacional que foi ainda mais decepcionante. No entanto, um beco entre

as casas à esquerda dava para uma íngreme escadaria que descia para uma

pequena praça arborizada, onde eu parei para tomar uma bebida antes de

prosseguir e descer o próximo longo lance. No fundo havia uma vasta área

aberta, do outro lado fechada por um muro alto de pedra queimada de sol.

Homens vestidos de preto oravam e beijavam o muro e noivas eram

fotografadas contra ele. Eu havia chegado ao Muro das Lamentações.

Caminhei pelo espaço aberto, vendo a multidão, alguns sérios e devotos, outros rindo e conversando.

De um lado da área havia um pequeno túnel vigiado por soldados, sob

uma massa de edifícios. As pessoas iam e vinham por ele bem livremente,

de modo que me juntei a elas. Ao passar por esse túnel, descobri – sem o

auxílio de equações matemáticas complexas – que a viagem no tempo é uma possibilidade real. Em termos práticos e políticos, o túnel dividia a parte judaica e os bairros árabes da cidade velha. Em termos históricos, dividia a modernidade secular do passado antigo, que vibrava de sons, cores e tradições dos tempos bíblicos. Como visitantes de outro planeta, peregrinos e turistas se misturavam com os habitantes locais, que com seus

filhos e burros, cuidavam de sua vida diária como se o século XX não houvesse acontecido. Andei sozinha, parando de vez em quando perto de um grupo de peregrinos. Ouvi a explicação do guia de cada parte e me juntei a suas orações e hinos em duas das Estações da Via Sacra, na Via Dolorosa.

Foi uma experiência estranha de repente estar sozinha, livre para fazer

minhas descobertas e formar meus próprios julgamentos. Estremeci com a

melancólica e repulsiva sensação de intriga que invadiu a Igreja do Santo Sepulcro com suas disputas entre seitas rivais e suas filas de turistas que esperavam para passar pelo santuário. Eu mal podia esperar para sair dessa atmosfera mórbida para a luz do dia. A vista da torre era sua única

característica redentora. O panorama de telhados planos e brancos era tão

impressionante quanto a vista dos telhados vermelhos de Veneza do topo

do Campanile. Muito abaixo, galinhas cacarejavam, galos cantavam e um burro zurrava.

Foi com relutância que me afastei da Igreja de St Anne, perto das escavações do Tanque de Betesda, a apenas cem metros do Lion Gate, com

vista para o Monte das Oliveiras. A Igreja de St Anne, imensa e abobadada,

clara e arejada, estava deserta quando entrei. Estalei os dedos – um truque

que Jonathan havia me ensinado para testar a acústica de um edifício – e fiquei surpresa ao descobrir que a igreja era até mais ressonante que a capela do King's College. Entusiasmada com o silêncio da igreja vazia, cantarolei algumas notas de *Evening Hymn*, de Purcell – "*now, now that the sun has veiled his light and bid the world goodnight*…" 5 –, e escutei com espanto o som de minha voz ser captado pelos pilares e atirado para a cúpula. A música ganhou vida própria e se tornou êxtase antes de correr de

volta para a terra em um sussurro. O amigável guardião árabe da igreja surgiu de uma porta lateral. Disse que gostava de ouvir os peregrinos que

iam cantar em sua Igreja. Aparentemente, eu tive a sorte de tê-la só para mim, tendo em vista que normalmente coros faziam na fila para esperar sua vez. Ele me convidou a voltar sempre que quisesse.

O bairro árabe da cidade não representou nenhum terror para mim; de

modo que no outro dia, fui ao Domo da Rocha, o espetacular lugar sagrado

para o Islã e o lugar da pedra onde Abraão preparou o sacrifício de Isaac. A entrada estava fechada e guardada por soldados israelenses. Estaria

fechada, exceto para os adoradores, pelo futuro próximo. Decepcionada, voltei à rua pelo bazar árabe, com sua variedade heterogênea de produtos

turísticos – vidro azul, cerâmica e couro de Belém. Naveguei entre suas barracas de antiguidades, que exibiam pedaços de vidro romano, cobre e moedas, e as de comida transbordavam de todas as delícias do

Mediterrâneo Oriental, nozes e azeitonas, deleites turcos e *halva*, bem como uma infinidade de frutas e legumes. Como os feirantes que eu havia conhecido em Tânger vinte e cinco anos antes, os árabes ali eram educados

e simpáticos. Após discutir o preço de uma linda conta de vidro romano em uma das barracas de antiguidades, um colar de malaquita e prata de preço ridiculamente baixo em outra logo chamou minha atenção. O proprietário foi falar comigo sem tentar me pressionar a comprar. Ele falava bem inglês e estava me contando sobre seu primo, em Middlesex, quando olhou para a rua e rapidamente me empurrou para sua loja. Então, postou-se na porta com as mãos nos quadris. Seu alarme era compreensível. Uma tropa de soldados israelenses armados forçava passagem ruidosamente rumo ao beco. Não pareciam preocupados em respeitar nenhuma propriedade, carrinhos de mão ou barracas no caminho, e pela postura adotada por meu lojista e outros nas proximidades, parecia que eles tinham a reputação de ter coceira no dedo do gatilho. Quando o barulho de sua passagem, das botas sobre o calçamento e seus gritos haviam morrido na distância, o lojista voltou para dentro suspirando. Pediu desculpas por me empurrar pela porta e simplesmente disse:

– Veja só, temos de ter muito cuidado.

Eu comprei o colar e uma placa pintada à mão ricamente decorada e me despedi, prometendo voltar. Voltei no último dia e descobri todas as lojas fechadas. Estavam fechadas com tábuas, e além dos gatos, as ruas estavam desertas. O velho espetáculo de luz, vida, ruído e cor havia desaparecido.

Em todos os lugares, em cada rua, cada esquina, cada praça, havia a escuridão lúgubre e intimidante – uma cidade fantasma que fechara suas portas para os viajantes do tempo.

Assim como simpatia pelos árabes, eu sentia uma afinidade natural com

o povo judeu: muitos dos nossos amigos eram judeus, altamente

inteligentes, articulados e sensíveis, cujas famílias haviam sido devastadas pelo Holocausto. Contudo, eu não poderia, simpatizar com as táticas desumanas do exército israelense que eu havia testemunhado no bairro árabe de Jerusalém, ainda menos do que poderia simpatizar com o

repugnante motorista que nos havia sido atribuído. Era um judeu norte-americano de origem centro-europeia que expressava suas opiniões em voz

alta e de forma grosseira aonde quer que fôssemos. Enquanto dirigia pela

estrada sinuosa até o Mar Morto, ele apontou para uma fileira de casas brancas nas colinas.

– Veja – disse ele com orgulho –, é um dos nossos assentamentos, estamos construindo todas essas casas. Os árabes têm essa terra há dois mil anos e não fazem nada com ela. Eles tiveram sua chance, mas, agora, é

nossa vez, e eles querem nos empurrar para o mar.

Eu havia exaustivamente ouvido esses argumentos antes, pronunciados

no mesmo tom norte-americanizado monótono por outros imigrantes. Mais

abaixo na estrada, deparamo-nos com um simples acampamento beduíno.

– O que se pode fazer com pessoas assim? Basta olhar para eles! –

resmungou o motorista. – Eles não avançaram em dois mil anos!

Não pude conter minha indignação:

– Talvez eles gostem do estilo de vida tradicional – retorqui.

Fiquei triste por a paz ser tão difícil entre dois povos de mesma origem

racial que tinham muito a oferecer um ao outro. Os melhores judeus e os melhores árabes tinham muito em comum. Ambos podiam ser inteligentes,

generosos, simpáticos e divertidos. Talvez os judeus tivessem vantagem sobre os

árabes em argumentos racionais, em Ciência, Tecnologia e

Matemática, mas os árabes tinham habilidades poéticas e artísticas

intuitivas superiores. Os dois juntos tinham a chave para a mais bem-sucedida e talentosa cultura que o mundo já viu.

Houve, inevitavelmente, muitos eventos oficiais. Câmeras de televisão e

repórteres seguiam Stephen a todos os seus compromissos, ansiosos por suas reações a uma ampla gama de questões. Incessantemente uma

pergunta retornava a cada entrevista. Eu observava e ouvia do lado de fora

e meu coração se apertava quando a ouvia repetida várias vez, de uma forma ou de outra. “Professor Hawking, o que suas pesquisas lhe dizem sobre a existência de Deus?” Ou “Há espaço para Deus no universo que o senhor descreve?”. Ou, mais diretamente, “O senhor acredita em Deus?” A

resposta era sempre a mesma. Não, Stephen não acreditava em Deus e não

havia lugar para Deus em seu universo. Roger Penrose era mais

diplomático. Quando lhe faziam as mesmas perguntas, ele admitia que havia maneiras diferentes de se aproximar de Deus: algumas pessoas

podiam encontrar Deus na crença religiosa, outros na música, outros concebê-lo na beleza de uma equação matemática. As respostas de Roger não conseguiram, porém, dissipar minha tristeza. Minha vida com Stephen

havia sido construída sobre a fé – fé em sua coragem e genialidade, fé em

nossos esforços conjuntos, e fé, em última instância, religiosa –, e, ainda assim, ali estávamos no próprio berço das três grandes religiões do mundo,

pregando algum tipo de ateísmo mal definido, fundamentado em valores científicos impessoais, com pouca referência à experiência humana. A vazia

negação de tudo em que eu acreditava era amarga, de fato.

Sentei-me em um silêncio triste na parte de trás da van enquanto o motorista nos

levava a todos os locais sagrados do Antigo e do Novo Testamento – a pequena caverna escura em Belém, as pedras branqueadas

de Jericó, as montanhas secas de Wilderness, o fluxo verde ondulante do rio

Jordão e do mar da Galileia. Muda em meu canto na van, pensei que essa terra trágica parecia fazer brotar conflito. Com a paisagem impenetrável de

fundo, a sensação de conflito era onipresente e insidiosa. Até Stephen e eu

corríamos o risco de sucumbir a ele, uma vez que nós raramente

parecíamos concordar.

Contudo, enquanto Stephen terminava seu almoço em um restaurante

perto de um lago em Tiberíades, eu nadava sozinha nas águas azul-

turquesa do mar da Galileia, e por alguns preciosos minutos eu me senti em

paz e em harmonia com a paisagem e sua história. A ameaça de guerra sobre as colinas de Golã havia preservado a Galileia dos estragos da indústria do turismo, e como resultado, pouco havia mudado em dois mil anos. Tiberíades era, possivelmente, menos em 1988 do que havia sido nos

tempos romanos, e o lago estava tão calmo e preservado quanto uma lagoa

escocesa.

Não fosse pelo calor, a Galileia vista da capela do Sermão da Montanha

poderia muito bem ser o lago Lomond. No final do dia, todos nos

banhávamos no Mar Morto. Encorajado por mim e apoiado por sua

comitiva e a flutuação natural proporcionada pelo sal, Stephen se deitou, boiando na água morna, brevemente restabelecendo o contato com a

realidade da natureza por tanto tempo negado a ele, em vez de com sua teoria, com a qual ele estava em comunhão incessante. Houve um silêncio

em torno de nós. As únicas testemunhas do pacífico banho de Stephen eram

as nebulosas montanhas roxas de Jordão na distância, o céu azul e uma ave

de rapina solitária. Era impossível se afogar ou até mesmo nadar. Minha tentativa de nadar de peito acabou em água espirrando e eu me debatendo,

e encheu meu nariz de sal. Meus treinos de natação teriam de ser reservados para a piscina do hotel, no terraço, onde eu nadava algumas voltas todas as noites depois da quente e empoeirada excursão de cada dia.

A novidade de nadar com toda a Jerusalém espalhada abaixo teria sido muito agradável, não fosse a presença de uma criança suspeitosamente empipocada na água. Eu reconheci a catapora, mas confiava que estava bem

protegida pelos anticorpos contra o vírus como resultado de minha

experiência na Espanha quando estudante.

5 “Agora, agora que o sol velou sua luz e deu boa noite ao mundo...” (N. T.)

— 8 —

A RAINHA VERMELHA

AVIAGEM AO ORIENTE MÉDIO FOI UM PRELÚDIO PARA AS DEMANDAS DAQUELE VERÃO,

que provou ser ainda mais intenso que o habitual. Embora não

houvesse nenhuma possibilidade de fuga das brigas intermináveis dos

enfermeiros, o epicentro do descontentamento surdo se mudara para o Departamento, pois era ali que Stephen passava a maior parte do dia. O

jovem assistente, Nick Phillips, escreveu-me para se desculpar por pedir demissão, coisa a que foi forçado, pois era muito frequentemente alvo do mau humor e da crítica de uma das enfermeiras. “Maldade” foi o termo que

ele usou em sua carta. Eu simpatizava com ele, mas havia pouco que pudesse fazer para ajudar. Os enfermeiros tinham uma lei própria, e nem Judy Fella nem

eu tínhamos a menor influência. O que quer que tenha acontecido no Departamento estava completamente fora do meu alcance.

Minha preocupação tinha de ser focada na manutenção de um ambiente civilizado em casa.

Com o início dos exames de nível avançado e o final dos compromissos

de aulas particulares daquele ano, voltei minha atenção aos planos para a

vigésima primeira festa de aniversário de Robert. Comemoramos o dia real

com um grande jantar em família em casa, e planejamos outra festa à noite,

uma semana depois, no gramado, com uma banda; uma repetição de sua festa de dezoito anos – mas desta vez seria uma banda de jazz, e Robert enviou convites para uma festa cujo tema seria O Chapeleiro Maluco. Os preparativos para a festa estavam em pleno andamento, mas, três semanas

depois de voltar de Jerusalém, eu acordei uma manhã com dor de cabeça e

manchas que coçavam ao redor da cintura. A única dor de cabeça

comparável de que eu conseguia me lembrar era a que havia precedido a catapora na Espanha, quando eu era estudante. Lucy levou seu irmão mais

novo para a escola e eu caí de volta na cama. Não vi ninguém até que Eve

chegou, como de costume, às dez horas. Seu reconfortante sotaque

brummie era claramente audível do lado de fora de meu quarto.

– Onde está Jane? – ela perguntou.

A voz lânguida de Elaine Mason soou na pronta resposta:

– Ela está deitada... fingindo.

Eve a ignorou, mas foi direto para meu quarto. Uma olhada em mim bastou:

– Você precisa de um médico! – pronunciou ela com firmeza e em voz

alta para que todos ouvissem.

O médico diagnosticou herpes-zóster, a reativação do vírus da catapora exacerbado pelo estresse. Ele prescreveu repouso e um novo medicamento para aliviar a coceira. Tristemente eu me lembrei da criança empipocada na piscina no terraço de Jerusalém e me perguntei como eu faria para encaixar repouso na longa lista de coisas a ser feitas.

Graças a Eve – mesmo sofrendo depois de ter quebrado o braço –, Lucy e Jonathan, consegui descansar um pouco. Jonathan fazia compras e levava Tim de e para a escola e o acampamento, entre a organização e o ensaio de seu próximo concerto, enquanto Lucy interrompia seu giro habitual de atividades sociais para me levar xícaras de chá, cozinhar e repelir invasões indesejadas. Felizmente Jonathan não dependia mais de minhas habilidades administrativas na gestão de sua orquestra barroca, uma vez que a empresa já estava estabelecida em uma base financeira suficientemente firme para que ele pudesse contratar um administrador que cuidasse de todos os detalhes de cada concerto. Agora que a Camerata era uma preocupação constante e dava concertos com regularidade, até nos lugares mais remotos da Terra, Jonathan estava frequentemente longe de Cambridge. Ele trabalhava duro, ensaiando e atuando, e muitas vezes voltava dos concertos distantes nas primeiras horas da manhã. Sua agenda irregular, típica da vida de um músico itinerante, era incompreensível para os enfermeiros. Sem ter presenciado ou apreciado seu talento na prática, o menos imaginativo deles supunha que sua presença na casa durante o dia sugeria que ele era um preguiçoso, um vagabundo, que sugava a

generosidade de Stephen. Sua presença dava origem a muita fofoca.

Lucy, enquanto isso, fazia malabarismos entre sua vida social, os

ensaios para o Festival de Edimburgo e os exames de verão. Como meu herpes-zóster melhorava muito lentamente, ela se viu obrigada a espremer

mais um compromisso imprevisto em sua já agitada rotina. Eu pretendia acompanhar Stephen a Leningrado para uma conferência na terceira

semana de junho, mas era óbvio para todos, exceto para ele e seus asseclas

subversivos, que eu não estaria suficientemente bem para viajar. Como ele

fazia um esforço sobre-humano para superar todos os obstáculos, era difícil

para Stephen ver por que os outros, sobretudo sua mulher, não eram capazes do mesmo emprenho e força de vontade, em especial porque todas

as outras doenças eram insignificantes em comparação com a ELA. Era claro que eu não podia mais viver de acordo com suas expectativas. Eu me

via tendo de começar cada frase com desculpas estranhas, e cada tentativa

de pedir desculpas por ser eu mesma me deixava ainda mais ciente de minha inadequação. Quanto mais minha sensação de deficiência crescia, mais intenso o herpes-zóster se tornava. A nevralgia e as tonturas se intensificavam até proporções ofuscantes, enquanto meus nervos vibravam

como se sofressem mil picadas de abelha nas pontas dos dedos sempre que

eu tentava comunicar meus sentimentos ou minhas ideias sobre qualquer

assunto de família, mesmo que trivial.

Havia um compromisso que eu não podia perder, por pior que me

sentisse. Era o lançamento de *Uma breve história do tempo*, programado para ocorrer em um almoço para a família e amigos na Royal Society, em 16

de junho, uma semana depois de o herpes-zóster me atacar. *Uma breve história*

do tempo era a expressão tangível da vitória de Stephen sobre as forças da natureza, as forças da doença, da paralisia e da morte. Era uma vitória e uma conquista que nos envolvia os dois de uma forma que lembrava as lutas passionais e os triunfos emocionantes dos primeiros anos de nosso casamento. Essa vitória, porém, não era um assunto privado,

e sim um evento muito público, que contara com intensa publicidade.

Minha aparência nesse evento era quase espectral: faltava-me o vigor até para manter uma conversa coerente, e ainda mais para enfrentar o

subsequente ataque violento da mídia com uma mínima demonstração de

confiança.

No dia seguinte ao lançamento levantei-me da cama de novo, vesti

minha túnica vermelha e uma coroa de papel vermelho, apliquei fortes manchas de ruge em meu rosto e apareci na festa de Robert como a Rainha

Vermelha. Fiz uma piada triste com o fato de que, como a Rainha Vermelha,

eu estava sempre correndo no mesmo lugar. Eternamente cansada e

apática, eu lutava até o fim do trimestre com uma longa série de compromissos e as últimas aulas do ano letivo. Eu não tinha nem a energia

nem a inclinação para intervir de novo nas rivalidades febrilmente

explosivas entre os enfermeiros, que se tornavam cada vez mais venenosas

com a ascensão meteórica de *Uma breve história do tempo* ao topo da lista dos mais vendidos. Enquanto as disputas dos enfermeiros não ameaçassem

mais o equilíbrio da vida em casa, eu tentava tratá-las com o desprezo que

mereciam. A quantidade mínima de tempo que eu estava – em tese –

disposta a lhes conceder era esticada até a eternidade quando eles expressavam longamente suas queixas por telefone, alheios ao fato de que

eu poderia ter coisas melhores para fazer, mas prontos para se sentir mortalmente ofendidos se eu desligasse o telefone sem ouvi-los. Por fim fui

obrigada a pedir a uma das enfermeiras, Elaine Mason, cujo

comportamento parecia estar na raiz dos problemas, que viesse para uma

reunião, na qual eu pretendia lhe dizer que não poderia ficar de lado e ver a escala de enfermagem, minha casa e minha família dilaceradas. Eu bem que

poderia ter poupado meu fôlego. Com complacência e condescendência, ela

negou todas as intenções maliciosas, chamando o marido para atestar seu

caráter imaculado antes de sair da casa, de cabeça erguida, enquanto eu afundava em um buraco de desespero envolvente.

Em comparação, os intrusos que ligavam – geralmente da América – no

meio da noite, sem levar em consideração a diferença de fuso, pareciam um

alívio. A qualquer hora eles exigiam falar imediatamente com “o professor”.

Como certo senhor Justin Case, todos eles haviam resolvido o enigma do universo e estavam impacientes para dizer ao professor que seus cálculos

estavam errados. O senhor Justin Case teve de disputar a linha telefônica às três da manhã com o senhor Isaac Newton, que era um interlocutor regular

do Japão. Lucy atendeu a um telefonema de um homem que a pediu em casamento.

– Loura Lucy – suplicou ele –, quer se casar comigo? Mas leia minha tese a seu pai primeiro!

Outra pessoa desesperada, da Flórida, insistia em falar com Stephen porque tinha certeza de que o mundo ia explodir em meia hora.

– Desculpe – dissemos –, ele está longe.

– Bem, então – veio a resposta desesperada –, é o fim do mundo, e não

há nada que eu possa fazer para salvá-lo!

Alguns até apareciam na porta da frente e ficavam ali esperando

Stephen, nem sempre com vantagem para eles, no entanto. Um, vestindo apenas uma regata de redinha, não estava preparado para a abertura da porta da frente, que abria para fora. Quando a porta se abriu e Stephen surgiu em sua cadeira de rodas, o pobre homem foi jogado em cima de uma

roseira. A camiseta de redinha ficou presa nos espinhos, e Stephen já estava bem longe quando o homem conseguiu se libertar. Houve também a estrela

de cinema de Hollywood que queria testar sua teoria mística, meio crua, do

universo; os jornalistas fraudulentos, que prometiam fazer doações para a

caridade em pagamento pelas entrevistas que Stephen lhes concedia, mas

nunca fizeram; e os pretensos biógrafos não autorizados, que queriam fazer

um dinheirinho rápido à nossa custa. Era com impaciência que eu ansiava

pelas férias de verão, quando enterraríamos o fantasma do episódio de Genebra com um retorno a essa cidade. Qualquer lugar tinha de ser melhor

que Cambridge.

Estrelas de Hollywood e dificuldades domésticas à parte, quando

conseguíamos nos comunicar, Stephen e eu falávamos um pouco sobre o assunto mundano de como gastar o dinheiro do Prêmio Wolf. Isso e os rendimentos previstos de *Uma breve história. . ,* juntamente com as modestas economias que eu havia feito ao longo dos anos, somavam o suficiente para nos permitir pensar em comprar uma segunda casa.

Stephen estava interessado em comprar um apartamento em Cambridge

para investimento, mas eu acalentava o sonho de uma casa de campo em algum lugar longe de toda a agitação, as tensões e as invasões persistentes

de nossa privacidade. Uma casa de campo na costa norte de Norfolk teria

sido meu ideal, mas estava além de nossos recursos. Uma casa de campo poderia nos dar a tão ansiada paz e o anonimato, o tempo e a quietude para

Stephen pensar e para as crianças se prepararem para os exames, enquanto

eu seria dona de minha própria casa e meu próprio jardim.

Só quando nos deparamos com um inglês excêntrico – quando

Jonathan, Tim e eu atravessávamos o norte da França em direção ao sul para encontrar Stephen, em Genebra, em agosto daquele ano – foi que o pensamento de comprar um imóvel na França começou a atravessar minha

mente como uma ideia viável. Esse cavalheiro, que tinha uma pequena propriedade em Franglais, com animação entrou no mundo dos negócios comprando e reformando propriedades rurais francesas e vendendo-as aos

britânicos, a preços que eram extraordinariamente baratos em comparação

com os de Cambridge. Quando ele abriu as plantas para um extasiado público de espectadores franceses desconcertados e observadores ingleses

fascinados em um restaurante de beira de estrada, a emocionante verdade

começou a nascer: que essa era uma possível saída para nossos recursos.

Aproveitaríamos todas as vantagens de uma casa de campo, no exterior, mas menos distante que o País de Gales, e nós e nossos filhos seríamos verdadeiros europeus, com uma base na Europa, e, ainda por cima, quem sabe, bilíngues.

Com todo o tumulto do início do novo ano letivo assim que voltamos à

Inglaterra, eu abandonei a ideia, que passou à categoria de um sonho.

Nossas férias com Stephen em Genebra haviam sido um sucesso animador

a partir do momento em que nos encontramos com ele no aeroporto, e depois desse feitiço harmoniosamente restaurador, Jonathan, Tim e eu havíamos passado dez dias acampando no sul da França. Voltamos para Cambridge revigorados e prontos para tomar as rédeas, completamente

inconscientes do novo caos que nos aguardava. Em primeiro lugar, a requisição de vaga de Lucy na Universidade de Oxford – que seu pai e seu

avô paterno haviam frequentado – teve de ser retirada e refeita às pressas.

O inesperado sucesso do Cambridge Youth Theatre no Festival de

Edimburgo a impossibilitou de prestar os exames de admissão, de modo que ela teria de contar com uma entrevista e suas notas do nível avançado.

Em segundo lugar, o inquilino da casa pertencente a Robert e sua avó estava ameaçando tomar medidas legais, porque durante minha

permanência na França Stephen, para resolver um problema que havia

surgido, mandara-o sair. Em terceiro lugar, o administrador da Cambridge

Barroque Camerata achou a carga de trabalho muito grande e queria se demitir. Em quarto lugar, e mais atípico para o mundo discretamente privado de uma instituição científica, o Departamento havia se

transformado em tal caldeirão de intrigas que Judy, incapaz de realizar seu

trabalho corretamente por causa da indisciplina entre os enfermeiros, foi levada ao ponto de pedir demissão. Essa foi uma triste sucessão de eventos

para nós que havíamos testemunhado e apreciado sua devoção a Stephen

por um longo período de quase quinze anos.

Eu tinha medo de que as erupções vulcânicas no Departamento

pudessem transbordar e engolir a casa no pior momento possível – quando

Lucy estava sob a maior pressão. Ela agora estava estudando para entrar em Oxford, ao mesmo tempo em que ensaiava para outra temporada de *The*

Heart of a Dog, porque o desempenho do Youth Theatre no Festival de Edimburgo havia recebido um dos principais prêmios, o prêmio

independente para a melhor performance no Festival, que lhes dava direito

a duas semanas de apresentação em palcos de Londres. Infelizmente, essas

apresentações foram programadas para pouco antes das cruciais

entrevistas de admissão a Oxford, de modo que Lucy teria de ir a Londres

para atuar todos os dias depois da aula, e em seguida, voltar à escola, como de costume, na manhã seguinte. Como sua resiliência seria testada até o limite, era essencial para ela contar com um ambiente estável e tranquilo em casa. Contudo, essa simples questão de bom senso não deu frutos na maioria das pessoas que regularmente entravam e saíam de casa.

A ação de retaguarda para manter as batalhas dos enfermeiros sob

controle simplesmente não era suficiente para manter a calma em casa. De

um cientista bem conhecido na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos,

Stephen de repente alcançou a fama no mundo todo. Ele se tornou uma figura cultuada com o sucesso do livro. Sentimos o primeiro gostinho disso

em outubro de 1988, quando Tim e eu o acompanhamos a Barcelona para a

publicação da edição em espanhol de *Uma breve história do tempo*. Ele foi reconhecido em todos os lugares, atraiu multidões, que paravam para aplaudi-lo na rua. Eu fui chamada para traduzi-lo aos jornalistas nas coletivas de imprensa e entrevistas de televisão, e fui convidada a dar entrevistas para revistas femininas. Era uma satisfação trabalhar junto com

Stephen de novo como sua parceira intelectual. No entanto, a demanda por

entrevistas estava atingindo seu auge, não só na Espanha, mas em todos os

lugares, em casa e no exterior. Era mais fácil lidar com a publicidade no exterior, porque estávamos lá expressamente para vender o livro, e esse pacto mefistofélico nos obrigava a ficar disponíveis para a mídia. Em casa,

onde tínhamos nossa rotina diária para seguir em tranquilo anonimato, as

intromissões da imprensa representavam uma mudança penosa na vida

familiar. O equipamento de televisão tornou-se uma característica regular

no escritório de Stephen, onde os enfermeiros competiam entre si para posar para as câmeras, e não era um problema. O problema surgiu quando

os jornalistas pediram para fazer uma entrevista ou fotos em casa também.

Isso eu estava extremamente relutante a conceder, e as crianças se opuseram com veemência. Já era ruim o bastante com enfermeiros na casa

o tempo todo: com câmeras de televisão e repórteres, não haveria

nenhuma privacidade para ninguém em nenhum lugar. Contudo, meus

argumentos não intimidaram. Foram tomados como mais uma prova de

minha deslealdade para com o homem genial. Era óbvio que com minha dependência de Jonathan e minha recusa a me capacitar como enfermeira

eu já estava condenada. Minha relutância em regalar a imprensa com histórias de vida com esse gênio dentro das paredes de minha casa era apenas mais uma admissão de minha perfídia.

No dia 7 de novembro, a turnê de duas semanas de Lucy em Londres começou no Half Moon Theatre, na Mile End. Ela saiu da escola às dezesseis

horas com apenas meia hora de sobra antes de pegar o ônibus. A peça exigia enormes reservas de energia e concentração de seu jovem elenco, que trocava de

papéis a cada cena, às vezes aparecendo em cenas

individuais, às vezes em conjunto. Ela chegava à casa depois da meia-noite,

e na manhã seguinte, em torno das nove horas, tinha de estar de volta à escola pelo dia inteiro. Sua agenda era cruel, mas o estresse melhorou um

pouco com a decisão de Stephen de ir para a Califórnia com sua comitiva por um mês inteiro no dia seguinte à primeira apresentação.

Posteriormente, a qualidade de vida melhorou muito em casa, e todos demos um longo suspiro de alívio quando nos vimos em paz e isolamento,

comparativamente. Em uma nada costumeira atitude de autoindulgência,

eu estava sentada de braços cruzados folheando o jornal de domingo quando um artigo sobre a disponibilidade de imóveis na França chamou minha atenção. Embaixo havia um anúncio modesto de uma agência inglesa

que se oferecia para procurar casas adequadas no interior da França para

seus clientes. Eu liguei para o número de telefone, e em poucos dias fotocópias começaram a chegar do norte da França. As fotografias pareciam

ter sido tiradas em momentos de densa neblina ou de uma tempestade de

neve, e a terminologia usada frequentemente me fazia pegar o dicionário, mas os preços eram extremamente baixos. Nenhum era maior que cerca da

metade do preço de uma casa com terraço vitoriano de dois quartos no sul

da Inglaterra, e, embora fosse impossível dizer em que estado estavam as

propriedades, eram obviamente muito mais substanciais em termos de

área de terreno. Claro que mais investigação seria necessária, e foi assim que Tim, Jonathan e eu navegamos para a França, em um sábado, em meados de novembro.

PROSPECTANDO NO PARAÍSO

AFRANÇA EM NOVEMBRO ERA SOMBRIA E TRISTE, NA VERDADE, E MUITO FRIA E ESCURA.

Contudo, às sete horas da noite, Arras, nosso destino, ainda estava cheia de vida e atividade, as lojas dispensavam seus últimos clientes nas ruas iluminadas. Estavam cheias de sedutoras vitrines com iguarias e brinquedos de Natal, que prontamente fez um buraco em nossos bolsos.

Além disso, para nossa surpresa, placas em todos os lugares anunciavam que o *Beaujolais Nouveau* havia chegado! O fim de semana começou a assumir uma perspectiva diferente, em especial depois de uma excelente refeição no bar de nossa pensão, onde o recém-chegado *Beaujolais Nouveau,* vermelho rubi, encontrou a aclamação da crítica em geral. Se tudo o mais falhasse, o fim de semana teria cumprido a promessa de resolver a

maioria das compras de Natal e de certo prazer líquido também.

No dia seguinte, o granizo caía pesado, firme e inflexível, e embora eu

pudesse dizer que não tinha o menor interesse em casinhas pitorescas espalhadas pela paisagem, um agradável e solícito corretor e seu assistente

nos esperavam, preparados para abrir mão da melhor parte de seu

domingo para nos escoltar por aquelas que eles consideravam as

propriedades mais adequadas de seu cadastro. Que domingo, e que pontos

turísticos vimos amontoados na parte de trás do carro do corretor! A chuva

caía, e de vez em quando dava lugar à neve. Quando por fim o granizo e a

neve acabaram, uma escura névoa penetrante se instalou enquanto nós olhávamos as casas em ruínas, de teto com goteiras, bangalôs de papelão, e

uma casa onde a passagem entre a cozinha e a sala de jantar era, de fato, o

banheiro. Estávamos à procura de uma casa velha com caráter, mas,

basicamente, em bom estado, com algumas possibilidades de reforma, e com abundância de cômodos no térreo para os membros idosos e doentes

da família, em especial para Stephen. Vista agradável era desejável, e a distância da estrada principal era uma consideração importante. Nada do que havíamos visto no primeiro dia sequer se aproximava de nossas

necessidades.

O dia seguinte amanheceu claro e brilhante e a paisagem cintilava sob

uma fina camada de neve crocante, fresca. Na volta para Bolonha, paramos

em um pequeno mercado para encontrar só mais uma corretora, madame

Maillet. Ela nos guiou para fora da cidade em direção à costa. A estrada saía do buraco onde a cidade se situava e subia até um extenso planalto varrido

pelo vento – na verdade, um pico amplo entre dois vales fluviais. Passamos

por uma pequena pista de corrida à direita e atravessamos correndo uma

pequena aldeia. Havia poucos sinais de habitação, apenas uma ocasional torre de igreja, uma caixa d'água ou um moinho em ruínas. Então, de repente, madame Maillet virou à direita. Nós a seguimos, e lá estava ela, a

um quilômetro ou mais de distância da estrada principal, longa e baixa, caiada, com telhas vermelhas. "Essa é nossa casa, mãe", disse Tim, então com nove anos. E assim foi, inequivocamente acenando para nós no campo,

uma velha amiga de uma existência passada, instantaneamente

reconhecível, imediatamente atraente. *Un vrai coup de foudre*, diriam os franceses. Amor à primeira vista. Nem ficamos desapontados quando

pegamos a calçada do moinho – isso é o que era, uma antiga casa de moinho

de vento, este há muito destruído. A baixa fachada sorridente que havíamos

visto da estrada provou ser apenas um dos três lados da casa, que abraçavam um pátio, meio ao estilo de uma vila romana, o tipo de casa com

que Stephen e eu havíamos sonhado nos dias de ouro do nosso noivado. O

aspecto dentro do pátio era tão agradável e acolhedor quanto o exterior havia sido olhando da estrada. As salas de estar, a cozinha, tudo dava para o pátio ou para o jardim e o pasto nos fundos; eram selvagens e

despenteados, à mercê de um bando de gansos hostis, com exceção de um

canto com uma horta tradicional.

Os dormitórios, do lado mais comprido da construção, que primeiro

captaram nossos olhos e nossa imaginação na estrada, eram ideais para as

necessidades de Stephen, no térreo, e os cômodos poderiam ser

consideravelmente expandidos reformando o grande, claro e arejado sótão,

que corria por todo o comprimento dessa ala da casa. Era quase bom demais para ser verdade. Pelo que dava para dizer, a casa cumpria todos os

requisitos; ficava a uma hora de carro da costa, não mais longe de Cambridge que as partes ocidentais do país, e certamente mais perto que o

País de Gales. Gozava de uma linda vista de campos de madeira e ficava bem longe da estrada principal, embora com acesso fácil. Era antiga e cheia

de personalidade, mas, aparentava estar em boas condições. Havia evidente

potencial para melhorias, e, mais significativamente, o preço deixava uma margem suficiente para qualquer reforma.

Durante todo o caminho para casa minha mente estava fixa no moinho,

processando nas impressões, a emoção, as ideias. Uma vez de volta à Inglaterra, apressei-me a escrever tudo, e com papel, caneta e régua, a fazer esboços da propriedade e plantas para a adaptação às nossas necessidades,

e mandei tudo por fax para Stephen no sul da Califórnia. Stephen

respondeu positivamente. Era muito menos complicado comunicar-se com

ele por fax atravessando o Atlântico que cara a cara, e eu interpretei seu sucinto comentário “Parece bom” como aprovação. Em seguida, as rodas para a compra do moinho foram postas em movimento a uma velocidade notável. Também rapidamente tive de aprender a língua e os

procedimentos para adquirir um imóvel na França, pois, desde o início, ficou claro que era muito diferente em cada etapa dos equivalentes em inglês. Tive de me familiarizar com o Direito francês e a terminologia jurídica, o sistema bancário francês, as normas de construção francesas, os

estilos de seguro francês, os impostos locais e as excentricidades dos serviços públicos. A libra esterlina era flutuante em relação ao franco na época, de modo que eu tive o consolo de me beneficiar de uma taxa de câmbio favorável. O pensamento reconfortante era que a mesma

quantidade de dinheiro não podia comprar qualquer coisa que valesse a pena ter na Inglaterra. No fundo, dentro de mim eu sentia uma segurança e

uma certeza que não conhecia havia anos. Esse projeto, baseado em meu empenho e meu conhecimento da língua francesa, seria minha contribuição

para a vida da família – mas, claro, seria financiado conjuntamente. Muitas

das nossas viagens no passado haviam tido um único objetivo: a busca da

ciência. Esse projeto combinaria todos os nossos interesses e talentos –

línguas, o amor à França e ao modo de vida francês, descontração, jardinagem e música, também, com sua busca científica. Quanto mais eu olhava para minhas plantas e meus desenhos, mais percebia que o moinho

tinha um potencial ainda maior do que eu havia julgado possível

previamente. Tinha um velho celeiro, anexo à casa, que estava no ponto para se transformar em acomodações no andar de cima, com potencial para

uma sala de conferências no andar de baixo, permitindo a Stephen ter sua

própria escola de verão, para a qual ele poderia convidar seus colegas cientistas e suas famílias. Eu tinha visões de nossa versão da escola de verão Les Houches

na ondulante região rural do norte da França, e era minha esperança que encontraríamos mais uma vez a unidade e a

harmonia que tínhamos antes dos acontecimentos de 1985, e que desde então fugiam de nós na Inglaterra.

— 10 —

A VOLTA PARA CASA

MEUS PLANOS PARA O MOINHO FORAM SUSPENSOS NO INÍCIO DE 1989 PORQUE EU ESTAVA ocupada revisando a edição francesa de *Uma breve história do tempo*.

Não era só uma questão de checar a linguagem, mas de cavoucar muito mais profundamente. A edição inglesa abria com uma introdução do

cientista norte-americano Carl Sagan. Fiquei perplexa ao descobrir que ela

não havia sido traduzida para o francês, e que, sem o conhecimento de Stephen, a Flammarion, a editora francesa, havia encomendado uma

introdução a um físico francês para substituir a de Sagan. Achei

inacreditável o tom depreciativo de certas observações na introdução francesa, e as excluí. O lançamento de *Une Brève Histoire du Temps* foi marcado para o início de março, em Paris, e coincidiria perfeitamente com

a conclusão da compra da casa. As semanas antes do lançamento levaram

uma procissão de jornalistas e câmaras de televisão franceses para

Cambridge, enquanto a conclusão do processo de transferência da

propriedade focava minha atenção cada vez mais no outro lado do Canal da

Mancha. Meus horizontes foram se expandindo, não mais limitados pelas quatro paredes da casa da Inglaterra.

Os meandros do sistema jurídico francês, os mecanismos para a criação

de uma conta bancária, os detalhes do contrato de seguro, tudo isso eu ataquei com entusiasmo, ajudada pelos personagens deliciosamente

idiossincráticos com quem eu fazia contato na região rural e tranquila de Ternois, no norte da França. Os projetos para a reforma já estavam esperando aprovação quando, a caminho de Paris, eu assinei o contrato de

compra da casa em uma cerimônia formal em 1º de março, em si um feito

considerável, uma vez que todas as partes no acordo tinham de estar presentes e Stephen havia decidido que não poderia arranjar tempo para participar. Ele havia acabado de voltar de uma viagem a Nova York de Concorde. Quando a notícia da casa na França começou a vazar por meio de

amigos e parentes na Inglaterra, fiquei perplexa com algumas das reações.

“Stephen não gosta do campo”, anunciou sua mãe, inflexível, diante dele, como se a intenção fosse predispô-lo contra o moinho. Ela havia esquecido

Llandogo? Certamente a desconfiança de Stephen em relação ao campo

podia ser justificada depois dessa experiência, mas condenar o moinho, que

havia sido escolhido com tanto cuidado e estava sendo preparado

meticulosamente para seu gozo, parecia muito injusto. A imagem que suas

relações e alguns dos seus enfermeiros cultivavam de Stephen era de um playboy que vivia para as luzes brilhantes da cidade e que achava chata a

vida rural. Essa imagem, em conflito com minhas percepções dele, e as calúnias sobre meu empreendimento foram minando seu interesse pela

casa.

Os poucos dias em Paris após a compra da casa certamente

intensificaram o amor de Stephen pelas luzes brilhantes. Ele foi

homenageado e perseguido aonde quer que fosse, o queridinho da mídia e

o bem mais valioso da editora. Como eu amei Paris, não foi difícil apreciar as luzes brilhantes também. Jantamos no La Coupole; comemos no restaurante da Torre Eiffel, onde Stephen foi convidado para adicionar seu nome às assinaturas dos ricos e famosos no livro de visitas; visitamos o recém-inaugurado Museu d'Orsay e entretivemos amigos e parentes franceses de Stephen, incluindo sua prima Mimi, em um jantar em celebração pelo lançamento. Fotógrafos nos seguiam por toda parte e os jornalistas clamavam por entrevistas, nas quais eu ou um colega francês de Stephen fazíamos a interpretação. Fiquei lisonjeada ao ser convidada para uma entrevista por um famoso radiojornalista, Jean-Pierre Elkabbach, na rádio Europe 1. Quando cheguei, meu entrevistador estava em uma longa e acalorada discussão com Jean Le Pen, o líder nacionalista. Jean-Pierre Elkabbach rapidamente recuperou a compostura e me tratou com charme e deferência. A entrevista foi transmitida por toda a França, e, como resultado, nós e as nossas circunstâncias foram apresentadas para nossos novos vizinhos em nossa aldeia no norte do país antes que nos instalássemos.

Dentro de três semanas eu iria para a França de novo, dessa vez com Tim e Lucy em um carro carregado até o teto com embalagens de armário e estantes desmontados, roupas, louças, talheres, utensílios e alimentos.

Como se fosse uma homenagem a nós, descobrimos que uma nova autoestrada havia acabado de ser inaugurada, diminuindo vinte minutos ou mais da viagem de Calais, por isso, quando chegamos ao moinho mais cedo que o esperado, encontramos a casa cheia de trabalhadores dando os últimos

retoques no esforço hercúleo de fazer arranjos apropriados para Stephen – e de transformar o sótão em dormitórios, coisa que concluíram

em dezessete dias. O prazer radiante deles por nosso deleite ficou óbvio quando visitamos a casa que eles haviam tão depressa reformado.

Stephen havia comprado recentemente uma van Volkswagen, que fora

equipada com uma rampa e peças para fixar a cadeira de rodas com firmeza no lugar. A van também provou ser inestimável no transporte de grandes peças de mobiliário. Já tarde da noite, Jonathan chegou ao volante

da van, que estava lotada com ainda mais móveis e bagagem. No dia seguinte ele foi até o aeroporto de Le Touquet – tão em voga para os britânicos em seu auge – para encontrar Stephen, Robert e a comitiva de dois enfermeiros seguros e confiáveis. Os adiantamentos e direitos autorais

provenientes das várias edições de *Uma breve história do tempo*

permitiram a Stephen o luxo raro de fretar um pequeno avião no aeroporto

de Cambridge para levá-lo para a França pelo mais simples e confortável meio possível. O gentil piloto australiano abriu espaço na asa para guardar

malas e partes da cadeira de rodas, e convidou um dos passageiros, nessa

ocasião Robert, a se sentar ao lado dele na cabine de seu aviãozinho de seis lugares.

O tempo estava tão bom durante o feriado da Páscoa que o norte da França adquiriu um aspecto mediterrâneo. As longas paredes brancas e os

baixos telhados vermelhos da casa e dos anexos brilhavam sob o sol contra

um céu azul, enquanto nuvens de flores brancas tremulavam sobre a terra

como flocos de neve de seda no prado e nos arbustos. Até Stephen ficou impressionado, mas reclamou que o campo era tão plano quanto

Cambridgeshire. Isso não era verdade, como Robert descobriria quando fosse dar

uma volta de bicicleta. A casa ficava no alto de um planalto, dividido por muitos vales de um rio sinuoso, com aldeias, moinhos de água,

castelos em ruínas, abadias, choupos e riachos com trutas. Stephen parecia

gostar,

embora,

é

claro,

ele

nunca

se

permitisse

admitir.

Independentemente de sua opinião sobre a vida no campo e pitorescas casas antigas, ele com certeza gostava do cenário social. Ele e as crianças saíram para comprar champanhe rosé para a festa de inauguração da casa

que demos para todos os nossos vizinhos e todas as pessoas que me ajudaram com a compra ou que trabalharam na casa. Stephen era, de boa

vontade, a atração: mostrou seu computador e sua capacidade de falar em

uma versão deturpada e norte-americanizada da língua francesa, para a diversão de todos, e graciosamente agradeceu as abundantes felicitações pelo sucesso de seu livro. As crianças logo fizeram novos amigos, e até Tim

estava se comunicando de forma eficaz em francês, com algumas palavras

bem escolhidas e gestos, como “futebol?” ou “*jouer?* ”. No entanto, recusava-se a ser beijado em ambas as faces a cada encontro, até que Robert comentou que dentro de alguns anos ele ficaria muito feliz por ser beijado

nas duas faces pelas garotas. Quanto a mim, na França eu podia ser francesa, espontânea, natural e fiel a mim mesma, sem ter de justificar minhas ações nem me desculpar por existir.

— 11 —

O PREÇO DA FAMA

OS BROTOS DA MINHA GERMINANTE AUTOESTIMA, CULTIVADA NO SOLO DA SOCIEDADE

francesa, seriam rapidamente esmagados na Inglaterra. Otimista como

sempre, eu não esperava que a chegada, no final de abril, de um produtor

de cinema de Hollywood fosse um dos primeiros tiros de um ataque

violento a nossa vida doméstica. Ele parecia amigável, inspirando minha confiança com histórias de sua jovem família, e transmitindo um genuíno senso de propósito em seu plano de fazer um filme de *Uma breve história*

do tempo. Seria um filme sério e informativo baseado no livro, e ele gostou de minha ideia de que devia assumir a forma de uma viagem no tempo e pelo universo através dos olhos de uma criança. A ideia era atraente.

Enquanto o filme permanecesse estritamente científico e pudesse ser feito

com imaginação, utilizando a inovadora tecnologia gráfica, seus planos teriam um bom augúrio.

Em seu encalço chegou uma equipe norte-americana de filmagem,

dirigida por uma mulher animada que também conquistou minha confiança

com sua abordagem simpática. Aceitamos a rotina de que as equipes de filmagem primeiro causariam estragos no Departamento antes de voltar sua atenção para nossa casa, para dar um reconfortante toque de

aconchego ao retrato enigmático do gênio incapacitado. Em um primeiro momento, todos os diretores pareciam ser agradáveis, atenciosos, pessoas

comuns, efusivamente prometendo que qualquer perturbação seria

mantida a um mínimo absoluto. Sua observação discreta não tomaria

tempo e exigiria apenas algumas fotos, não causando interrupção de nossas

atividades normais. Câmeras, cabos, lâmpadas de arco voltaico e

microfones permaneceriam todos a uma distância discreta; os móveis não

seriam afastados; podíamos nos vestir informalmente e levar nossa vida diária como de costume.

A realidade não teve relação nenhuma com essas promessas. Sem

exceção, no curto intervalo entre a descontração inicial e as filmagens, o produtor – diante dos nossos olhos estarrecidos – tornou-se

devastadoramente intrusivo. Ignorando as garantias que tinha dado, todos

os produtores e diretores alegaram falta de tempo ou escassez de recursos

para justificar sua súbita mudança de abordagem assim que as câmeras começaram a rodar. Os móveis foram empurrados, muitas vezes

danificados, e jamais devolvidos a suas posições originais. Lâmpadas cegantes de arco voltaico e irritantes telas reflexivas em suportes de metal frio substituíram a corriqueira desordem familiar, obscurecendo os móveis,

os livros e os jornais. Longos cabos serpeavam de forma perigosa pelo chão

dentro e fora de cada aposento; microfones foram pendurados em qualquer

gancho ou prateleira disponível. Nós, estranhos na paisagem

desagradavelmente transformada de nossa irreconhecível casa de aço

tubular, tivemos nossos papéis estereotipados: o ator principal (embora não treinado) deveria reagir com graça natural e aprumo diante das câmeras – objeto sagrado de adoração do século XX. Enquanto eu

observava impotente e participava com relutância, uma voz desesperada dentro de mim protestava. Com certeza tinha de haver um meio-termo entre essa bisbilhotice insaciável e a abordagem nitidamente impessoal do

filme *Horizon* alguns anos antes. Contudo, um criativo meio-termo exigiria muito mais tempo e dinheiro do que qualquer um dos diretores tinha a sua

disposição enquanto corriam freneticamente de um projeto para o

próximo.

Por falta de saída, minha rebelião silenciosa diante desse fardo extra retumbou só abaixo da superfície. Apesar das queixas das crianças, em especial de Lucy, para quem o brilho da publicidade e a intrusão das câmeras eram mais perturbadores, por causa da aproximação dos exames,

eu não tinha condições de barrar a entrada das câmeras em casa por medo

do antagonismo de Stephen, que apreciava a publicidade. Ele havia acabado

de voltar de mais uma viagem à América, mas a pausa não me armou de força suficiente para combater as depredações da equipe de filmagem naquela que sempre foi para mim a pior época do ano, quando o pólen das

árvores entrava feito pimenta em meus seios paranasais. A diretora norte-

americana, que à primeira vista parecera tão amigável e simpática,

rapidamente se tornou assertiva, constrangedora até, quando suas câmeras

nos seguiram até a cidade para filmar minha rotina habitual de compras aos sábados de manhã. Era incomum eu ter a companhia de Stephen e sua

comitiva nessa tarefa semanal, ainda mais com uma equipe de filmagem para cada um de nós seguindo nossos passos. Não houve possibilidade de

tomar medidas evasivas. Não teria sido tão ruim se eles pelo menos houvessem me dado uma mão com as compras, em vez de nos seguir como

sombras, enfiando suas câmeras e microfones em meu rosto enquanto eu

empurrava o carrinho de compras até o meio-fio e arrastava seu peso até a

casa.

A função principal desse filme era ser um retrato de Stephen para um

canal de notícias da televisão norte-americana; subsequentemente, servir para a dupla finalidade de fornecer um fundo biográfico a outro

documentário científico baseado em *Uma breve história do tempo*. Contudo, pensar que essa avalanche de filmagens serviria a ambos os propósitos foi

o que fez que esse horrível fim de semana fosse suportável. Quando um refinado jornalista/entrevistador e sua esposa chegaram para tomar uns drinques conosco no sábado à noite, eu não estava com disposição para acolher mais nenhuma personalidade de cinema ou televisão, nem técnicos.

Mal me apresentei a eles e a esposa do jornalista perguntou casualmente,

quando eu estava lhe entregando uma bebida:

– Você tem religião?

A pergunta foi feita com tal frieza e ousadia que congelou meus nervos

esfrangalhados. Dei as costas a minha insípida interrogadora, mais ou menos dizendo que fosse cuidar da própria vida, mas então, superando de

imediato e já arrependida, ouvi minha voz ridiculamente convidando toda a

equipe para jantar para compensar minha grosseria.

Sozinha, tarde da noite, eu estava deitada na cama ciente de que uma armadilha estava se fechando sobre mim. O estresse da publicidade foi me

forçando a me comportar de maneiras nada características e infiéis a mim

mesma, e não havia como escapar. Era óbvio que, aos olhos da mídia, eu havia me tornado um apêndice, um objeto, relevante para a sobrevivência

de Stephen e seu sucesso só porque no passado distante eu havia me casado com

ele, construído um lar e gerado seus três filhos. Nos dias atuais eu estava lá para apaziguar o anseio da mídia por detalhes pessoais reconfortantes, enquanto internamente meu espírito se revoltava tanto por

minha indignação como por meu desamparo.

Dez dias após a luta das filmagens ter chegado ao fim, Stephen deu uma

palestra sobre Schrödinger em um quente e abafado auditório, lotado, no Imperial College, em Londres. A equação de Schrödinger, fundamental para

a ciência da mecânica quântica, que ele desenvolveu em 1926 está para a

mecânica do átomo tanto quanto as leis de movimento Newton estão para o

movimento dos planetas. A palestra de Stephen sobre o tempo imaginário

foi tão lúcida quanto poderia ser, e em seguida ele foi homenageado e perseguido por representantes da IBM – empresa que patrocinara a

palestra –, que desejava uma fotografia com ele, presumivelmente como uma das vantagens de seu trabalho. Fiquei timidamente de lado, pensando

que era a única presente não cientista, até que fui apresentada à filha de Schrödinger, a quem eu havia encontrado uma vez antes em uma ocasião semelhante, em Dublin, 1983.

Ela foi discreta e despretensiosa, informando-me pela segunda vez que

era filha de Schrödinger com outra mulher, mas que depois havia sido adotada pela senhora Schrödinger. Fiquei triste por ela; de uma forma desconfortável, ela era perseguida pelo legado de seu pai – talvez tão envergonhada por sua fama de mulherengo quanto assombrada por sua

fama científica –, e caminhava em sua sombra. Eu temia por meus filhos; não queria para eles um destino como o dela.

No sábado seguinte, antes de ir para a cidade vender bandeiras para a

Fundação Nacional de Esquizofrenia, eu abri a correspondência de Stephen

para ele, como de costume. Continha uma carta da primeira-ministra

Margaret Thatcher recomendando seu nome à rainha como Companion of

Honour na lista do próximo aniversário. A proposta nos fez correr para a enciclopédia. Descobrimos que essa honra singular era uma das mais altas

do mundo, ficando acima da distinção de cavaleiro e sendo discretamente

expressa, sem título, apenas pelas letras colocadas depois do nome. Como

Stephen estava prestes a partir para a América, coube a mim aceitar em seu

nome.

Como Stephen já havia sido indicado para um doutorado honorário em

ciência na Universidade de Cambridge, o verão prometia marcar o apogeu

de sua carreira. Contudo, com a inevitável enxurrada de interesse da mídia,

como isso se conciliaria com a preparação de Lucy e de Robert para os exames, e ainda mais com a estabilidade e a harmonia, não era nada óbvio.

Nossas prioridades foram divergindo drasticamente. A minha era

preservar a sacralidade do lar e a privacidade de nossa vida familiar – ou os farrapos que sobraram disso depois de os enfermeiros terem se

empenhado em arrasá-la e depois de a mídia ter pilhado cada canto da casa. Apesar de toda sua fama, Stephen era apenas mais um membro de uma família na qual uma pessoa não tinha o direito de ser mais importante

que qualquer outra. Apesar de sua doença exigir mais atenção para si que

para qualquer outra pessoa, a casa ainda tinha de atender de forma justa às

necessidades de todos os seus ocupantes, adultos e crianças. As crianças nunca deveriam ter motivos para se ressentir das circunstâncias em que haviam nascido.

Stephen, por sua vez, deliciava-se com a publicidade. Ele festejava seu

relacionamento com a mídia, que fez de seu nome uma palavra familiar no

mundo todo. Sua fama, em face de uma sociedade cética e por vezes hostil,

representava a vitória não só de sua mente sobre os segredos do universo,

mas também de seu corpo sobre a morte e a incapacidade. Para ele, qualquer publicidade era boa e ele podia sempre justificá-la alegando que

aumentaria as vendas do livro. Uma caixa de champanhe chegou da Bantam

Press no fim do verão, em comemoração à 52ª semana de *Uma breve história.* . na lista dos mais vendidos. Na 53ª semana ele disparou de volta à sua posição de comando no número um. Parecia que Stephen havia

conseguido conciliar dois extremos na tarefa que ele mesmo havia

estabelecido para si: na descrição de seu ramo da ciência, a mais fundamental e mais indescritível de todas as ciências, ele conseguiu aplacar a intelectualidade científica e atrair o leitor popular.

Embora não houvesse como negar que o livro era um sucesso

fenomenal, eu tentava manter na confidencialidade a correspondência

relativa aos generosos direitos autorais. Se nossa súbita onda de riqueza se tornasse pública, eu sabia que corria o risco de perder muitos dos meus amigos de verdade com quem no passado havia ralado e economizado para

fazer face às despesas, e também estava ciente de que qualquer publicidade

dada a nossa situação financeira melhorada atrairia exatamente o tipo de pessoas com as quais eu não queria ter nada a ver. No passado, enquanto a

mente de Stephen estava focada em assuntos mais importantes, eu cuidara

dos nossos assuntos financeiros, sempre com um olho ansioso no futuro incerto, quando ele pudesse ficar doente demais para trabalhar e o dinheiro desaparecesse. Eu cuidava do orçamento familiar com prudência e

acumulara uma poupança suficiente para pagar os estudos superiores de Lucy e proporcionar uma proteção contra um dia chuvoso, o que para nós

poderia representar meses e anos. Desde a assinatura do contrato de *Uma*

breve história. . em 1985, eu também cuidava da correspondência sobre o assunto com o agente em Nova York. Inexplicavelmente, o acordo que eu havia feito sobre os direitos autorais de repente foi modificado pelas minhas costas. Foi pelo agente em Nova York que eu soube da mudança: ele

me disse que havia sido instruído a enviar toda a correspondência

relacionada ao livro de Stephen ao Departamento, e não mais para casa. Eu

não tinha ideia do que havia provocado essa mudança, e Stephen não me deu nenhuma explicação. Era como se, depois de muitos anos de confiança

mútua, minha capacidade de lidar com assuntos financeiros de forma

eficiente e com discrição estivesse sendo questionada. Na confusão

resultante, até os auxiliares mais casuais eram autorizados a abrir e ler correspondência privada; ficava espalhada em escrivaninhas e mesas,

deixadas ali para que qualquer um visse, como uma confirmação da

indiscutível supremacia do gênio.

A segunda viagem de Stephen à América naquela primavera permitiu a

todos um tempo para respirar longe das tensões e retomar os outros elementos de um estilo de vida mais regular: o ensino, o estudo, a literatura e a música, e criar hábitos mais simples e mais descontraídos, sem as distrações vãs e cansativas da fama, da publicidade e dos enfermeiros contenciosos. Tim realizou uma de suas paixões quando fomos passar um

prometido fim de semana na Legolândia na Dinamarca, e em maio voltamos

à França para passar o recesso escolar.

O moinho, acolhendo-nos em trajes de verão pela primeira vez, abriu sua caixa

de delícias com uma nova roupagem. A reforma adicional havia sido concluída, um banheiro para uso exclusivo de Stephen havia sido adicionado, o trabalho em cima do celeiro havia sido iniciado e o jardim estava começando a tomar forma. Meu sonho de um jardim inglês estava sendo realizado na França, tão satisfatoriamente que até Claude, meu valente faz-tudo, confessou que havia começado a plantar flores em seu jardim, onde antes só cresciam vegetais. Ainda mais significativamente, o moinho abriu a porta para outro mundo, uma época passada, onde o

turbilhão impossível de nossa vida em Cambridge desacelerava para um ritmo influenciado pela terra e o céu, e onde o único som era o canto da cotovia, que voava alto no azul acima do milharal verde no sol da manhã. O

local já estava gravado em meu coração. Seu ar limpo e o vasto mosaico de

campos desvaneciam em um horizonte cinza distante; suas persianas

sonolentas e seu aroma de lenha recém-cortada e madeira velha, seu cenário de altas coníferas e arbustos que brilhavam ao sol, tudo cantava nessa rara paz, solidão e salvação. Ali eu podia estar sozinha, sem ser perturbada por enfermeiros, pela imprensa, por câmeras, pelo clamor das

demandas incessantes. Eu podia mexer em meu jardim; podia mergulhar nos livros, sem medo de ser interrompida e podia aprender e ouvir música

sem medo de críticas e dessa minha inútil autoindulgência. Podia encontrar

meu verdadeiro centro, em estreito contato com a natureza, à moda antiga,

talvez, certamente contemplativa, uma sonhadora cuja ocupação preferida

era admirar a vasta extensão do céu ocidental, todas as noites, encantada com a magnificência mutável do sol poente caindo atrás da linha de silhuetas das árvores do campo.

Nesses momentos de reflexão, enquanto eu mexia no jardim, plantava

sementes e roseiras, eu me identificava com o herói de um dos textos que

eu usara para ensinar no programa francês do ano anterior. Cândido, jovem

herói de Voltaire, cujo otimismo no “melhor dos mundos” – como ensina o

filósofo doutor Pangloss – é tristemente traído pela experiência, e por fim

ele dá as costas ao mundo e se refugia em seu jardim. “*Il faut cultiver notre jardin. .* ” é sua final e pessimista solução pessoal para o mau funcionamento da sociedade. O confronto da lógica inexorável, mas muitas vezes simplória,

com os lancinantes problemas emocionais não resolvidos jazia como um material corrosivo na raiz de nossa existência em Cambridge, e essa raiz estava sucumbindo ao efeito insidioso do veneno invasivo da fama e da fortuna. Na França, o solo era fresco e fértil, e o jardim cheio de promessa de futuro, um futuro previsível, cíclico, decretado pelas leis imutáveis da natureza.

— 12 —

HONORIS CAUSA

NO VERÃO DE 1989, TODA A ATENÇÃO ESTAVA CONCENTRADA NAS VÁRIAS VITÓRIAS DE

Stephen e na avalanche de interesse da mídia nelas. A data para a concessão do Doutorado Honorário pelo chanceler, o duque de Edimburgo,

foi marcada para quinta-feira 15 de junho, ao passo que a homenagem real

no Palácio de Buckingham, conhecida só por nós mesmos, seria confirmada

no dia seguinte e publicada na mídia dia 17, sábado. Por uma feliz coincidência, essa foi também a data de um concerto em homenagem a Stephen realizado por Jonathan e a Camerata, dois dias depois da cerimônia

do Doutorado Honorário, também no Senado. Embora em 1987 as

celebrações de Newton e o concerto houvessem fornecido uma isca

atraente para patrocinadores apoiarem a Camerata, eles se tornaram

extremamente vulneráveis às cruéis vicissitudes da vida na Grã-Bretanha de Thatcher. A tinta mal havia secado nas assinaturas de um generoso acordo de

patrocínio quando a empresa patrocinadora, uma firma britânica

muito cavalheiresca, foi devorada por uma empresa de computação norte-

americana que não teve pudores em declarar que estava no negócio para ganhar dinheiro, não para apoiar artes, música ou qualquer outra

instituição de caridade. Prontamente cancelaram o contrato de patrocínio.

Isso deixou Jonathan, cuja agenda de shows contratados por dois anos se baseava nos cálculos do acordo de patrocínio, com uma potencial dívida enorme, uma vez que ele mesmo, no melhor dos tempos, ganhava pouco mais que uma renda de subsistência com a música. Naquele momento mais

auspicioso para Jonathan e a Camerata, a fama e o sucesso de Stephen ofereciam uma esperança de salvação. Um concerto em homenagem a

Stephen poderia atrair um grande público de pessoas que aplaudiriam o cientista, bem como ouviriam a música. Também poderia atrair novos

patrocinadores para os quais a fama científica seria atraente. Stephen seria homenageado com suas peças favoritas da música barroca e a coleta de doações poderia ser dividida entre as instituições de caridade que todos nós apoiávamos. Esse plano era de bom augúrio para todos, e Stephen deu

sua aprovação – juntamente com sua aprovação à carta ao primeiro-

ministro – antes de partir para a América, em maio.

O desafio de planejar o concerto, sempre correndo em face do sólido senso econômico, já havia adicionado certo tempero e bravura às minhas outras ocupações diletantes. Esse concerto teria sido uma exceção, não fossem as eternas incursões da mídia. Os jornalistas que iam me entrevistar

formavam um grupo heterogêneo: alguns eram razoavelmente agradáveis,

alguns clínicos, outros exigentes. Era impossível dizer com antecedência que tipo de comentários eles fariam em uma entrevista. Jornalistas

franceses, espanhóis, representantes de todas as nações chegavam em um

fluxo interminável, todos querendo um ponto de vista diferente da ciência e

de nosso contexto. Levavam suas técnicas de entrevista superficiais para a

situação; de minha parte, eu desenvolvi minhas técnicas para lidar com eles, decidindo antecipadamente quanta informação estava preparada para

compartilhar com eles. Eu não via nenhuma razão para confiar todas as complexidades íntimas de minha vida a um jornalista, um estranho cujo interesse em mim era regido pela necessidade de vender mais jornais. Se eu quisesse confessar, procuraria um padre; se precisasse de tratamento psiquiátrico, recorreria a um médico, e se tivesse uma história para contar, poderia um dia escrevê-la. Apesar de que o respeito à privacidade – minha

e a dos outros – poderia muito bem superar o desejo de contar a história.

Portanto, se as questões colocadas pelos jornalistas ultrapassavam meus limites, eu transformava a entrevista em uma conversa, pedindo sua

opinião e perguntando por suas reações, em vez de lhes dizer as minhas.

Inevitavelmente me tornei alvo de comentários depreciativos. Por exemplo,

um jornalista informou que eu havia “cuidado de Stephen por apenas dois

anos depois do nosso casamento”. Minha antiga diretora e apoiadora leal, senhora Gent, escreveu ao editor desse jornal, o *Times*, pedindo que corrigisse o erro. Ela ficou chocada com a resposta arrogante: longe de oferecer uma reparação ou um pedido de desculpas, ele afirmou que sabia

mais que ela e que estava confiante de que os fatos do artigo estavam corretos. Nosso leal amigo George Hill, marido de minha amiga de escola Caroline, sempre ansioso para nos proteger dos olhares curiosos da

imprensa sensacionalista, disse que sabia das deturpações do *Times* porque ele havia olhado por cima do ombro do jornalista enquanto este escrevia a

matéria. No entanto, George havia ficado tão aliviado por não encontrar nenhuma menção a Jonathan que achou melhor deixar o artigo como

estava, em vez de revelar a estreita associação de Jonathan conosco.

No entanto – como uma vez fiz quando estava sendo entrevistada para

o *The Guardian* –, se eu me permitisse demonstrar alguma insatisfação com os velhos clichês banais sobre as recompensas da vida com um gênio –

essas banalidades muitas vezes repetidas que habitavam a fama e a

fortuna, como se a doença e a deficiência não fossem fatores fundamentais

em nossa vida –, eu seria acusada de deslealdade para com Stephen.

Contudo, pelo que via, se eu continuasse a perpetuar o mito da alegre autossuficiência, sem sequer mencionar as dificuldades, eu estaria

enganando muitas pessoas com necessidades especiais e suas famílias, que

provavelmente estariam sofrendo todas as dores de cabeça, as ansiedades,

as privações, as tensões e os esforços que nós mesmos havíamos sofrido nos anos anteriores. Seria muito fácil para uma sociedade indiferente apontar um dedo acusador a outras pessoas com necessidades especiais e

declarar: “Se o professor Hawking pode, por que você não?”. Os cuidadores

em dificuldades poderiam ser pressionados a executar até as tarefas mais

impossíveis por causa da imagem irreal de nosso modo de vida

apresentado pela mídia. Eu não podia mais oferecer com sinceridade a fachada sorridente e despreocupada, dando a impressão errônea de que nossa vida era satisfatória e fácil, marcada só por um pequeno

inconveniente pontual. Para essa entrevista ao *The Guardian* minha avaliação foi sincera e verdadeira: apontei as vitórias, mas não ignorei as dificuldades. Divulguei nossas críticas ao Serviço Nacional de Saúde e destaquei o fato de que o sucesso de Stephen e a obtenção de fundos para

pagar a enfermagem deviam-se inteiramente aos nossos próprios esforços.

Descrevi como oscilávamos entre os picos brilhantes de sucesso e os negros lamaçais do estado de saúde crítica e do desespero, com muito pouco terreno plano entre os dois.

Essas verdades simples e bastante óbvias foram as mais intragáveis

para as pessoas que acreditavam na imortalidade e na infalibilidade de Stephen, e convenientemente destacaram a realidade de sua condição, ou seja, de sua família e de alguns dos seus enfermeiros. Meus comentários foram interpretados como traição; nenhum indício de crítica jamais

poderia ser tolerado. Essas reações só serviram para aumentar minha sensação de isolamento. As pessoas que me cercavam eram cegas ou

loucas, ou eu é que estava perdendo a cabeça? Aquelas pessoas viviam em

um universo paralelo, onde os papéis haviam sido invertidos e, como pareciam sugerir, era eu que estava doente? Outras acusações de

deslealdade foram lançadas de forma obtusa e rápida na exibição de um filme que a BBC fez naquele verão. Nele eu repetia as dúvidas manifestadas

nas duas entrevistas a jornais, em uma vã tentativa de restaurar um equilíbrio sensato, tanto para a representação de nosso modo de vida quanto para a apresentação das teorias científicas de Stephen como se fossem a base para uma nova religião. Meu desempenho diante das

câmeras, que rodaram durante todo o período das homenagens e

comemorações e depois, foi ruim por causa de uma gripe e uma furiosa dor

de garganta – apenas duas das várias infecções e doenças recorrentes que

se seguiram umas às outras em rápida sucessão do começo ao fim da década. A gripe forte emprestou à minha entrevista e narração uma

coloração ictérica, amortecendo qualquer humor e traindo um toque

involuntário de amargura.

Com certeza havia tristeza em minha voz: era a lamentável

manifestação externa de um sentimento interior profundo de desolação e mau pressentimento. Nem Cassandra poderia prever de forma mais

precisa, ou com maior temor, a catástrofe que eu sabia que pairava sobre

todos nós. Até Nikki Stockley, a jovem produtora de televisão, havia comentado que Elaine Mason interrompera a filmagem quando tentavam

filmar no Departamento. Em público e em casa, ela estava ocupada

usurpando meu lugar em todas as oportunidades, às vezes me imitando, às

vezes me prejudicando, sempre ostentando sua influência sobre Stephen.

Ela havia arquitetado um inatacável controle sobre a equipe de

enfermagem, e se congraçava com tanto sucesso que qualquer protesto era

inútil: todos os comentários eram comunicados a Stephen, e eu era

castigada por minha interferência. Meus apelos ao secretário da Royal College of Nursing para fazer cumprir o código de conduta de enfermagem

encontraram uma categórica recusa a se envolver, a não ser que eu pudesse

produzir provas fotográficas de negligência. Esse era o cenário do caos físico e do tormento emocional onde a tapeçaria da tradicional cerimônia de Doutorado Honorário se desenrolava, brevemente transportando-nos a

um reino fantástico de teatro, grandeza, champanhe e celebrações, no qual

toda a frivolidade das roupas novas, ritos arcaicos, sorrisos fixos, conversas educadas e apertos de mão intermináveis se espalhava como uma camada

branca e insubstancial sobre a abrasadora realidade abaixo.

Em uma modesta tentativa de garantir um pouco de privacidade, Lucy,

otimista, havia marcado no calendário a partir de 8 de junho: *Lucy começa o*

nível avançado e se torna uma reclusa completa (!). O dia do Doutorado Honorário de Stephen, 15 de junho, ela anotou como, *L faz 2 níveis avançados*. Embora Lucy tenha perdido as festividades por causa dos exames, havia pouca esperança de conseguir suas intenções de reclusão, de

modo que não foi de surpreender que em 22 de junho aparecesse entre parênteses um apelo fervoroso: *(Dê-me a solidariedade que eu mereço!)*.

Naquelas circunstâncias, seria uma grande coisa se ela conseguisse fazer seus exames, e ainda fosse bem.

O dia 15 de junho, dia de dois exames mais intensivos de nível

avançado, estava brilhante, quente e ensolarado – o que não foi de muita ajuda para Lucy. Para a cerimônia de Doutorado Honorário de Stephen, no

entanto, o tempo estava ideal. Nunca as discrepâncias entre o melhor para

os diferentes membros da família foram mais acentuadas. Lucy foi mais cedo para a escola, bem nervosa, enquanto o resto de nós estava ansioso por um dia de pompa e alegria, um verdadeiro feriado do estresse e das vozes dissidentes. Saímos de casa às dez horas e caminhamos pela rua até o

Backs. Os gramados e prados junto ao rio não poderiam parecer mais pastorais e pacíficos: cada folha de grama cor de esmeralda, cada folha –

verde, ouro ou bronze – ondulava ao sol luminoso da manhã, enquanto o rio resplandecia como um espelho prateado, refletindo o brilho infinito do

céu na correnteza e as folhas que pendiam do salgueiro à beira da água, fazendo sombra.

Chegamos ao Caius e encontramos um burburinho de excitação

inusitado: toda a Faculdade estava reunida para aplaudir Stephen no Caius

Court, o tribunal renascentista perto do Senado. Foram alguns minutos para vestir a beca de formando honorário na antecapela, e um pouco de tempo para deixá-lo confortável na cadeira com a pesada roupa vermelha,

que teria sido boa para o meio do inverno, mas que era insuportavelmente

quente no verão. Ele se recusou a usar o gorro de veludo preto com aro dourado, de modo que Tim usou-o em seu lugar. Quando saímos da capela,

os membros, todos de beca, precederam-nos posicionando-se ao longo do

caminho até o portão da Honra. De outro portão, o da Virtude, surgiu uma

banda de sopro, e a seguir, o coro começou a cantar o hino *Laudate Domino*.

Outra banda ressoou ao redor do tribunal, perseguindo Stephen enquanto

ele corria a toda velocidade pelo portão da Honra em direção ao Senado e

ao pátio do Senado.

Robert havia arregimentado a ajuda de uns amigos estudantes

musculosos para levantar a cadeira de rodas e seu ocupante pela longa escada caracol até o salão comunal no antigo edifício escolar, onde os outros formandos honorários, incluindo Javier Pérez de Cuéllar, secretário-geral das Nações Unidas, se reuniam. Stephen só teve tempo de tomar um

gole de suco de maçã antes de o príncipe Philip, o chanceler, chegar. Bem-

humorado, ele foi falar conosco e relembrou sua visita a West Road em 1981. Brincou com Tim sobre o chapéu e assistiu à demonstração de Stephen do computador antes de ser levado até os outros dignitários.

Passamos pelo personagem real quando seguimos para nos preparar para a

procissão antes do resto da festa.

– Autopropulsão, não é? – perguntou ele.

– Sim – respondi. – Cuidado com os dedos!

A procissão, que já havia se formado no momento em que nos juntamos

a ela, começou a se mover de imediato. Nós quatro – Stephen, Robert, Tim e

eu – caminhamos lentamente em volta do gramado do Senado no fim da fila, observados por uma multidão do lado de fora das grades e pelas câmeras do lado de dentro. As nuvens de tensão, atritos e confusão evaporaram sob o sol feroz, e por um momento fugaz foi difícil acreditar que haviam existido. No Senado tudo era fresco, escuro e solene. Os mestres de vestes vermelhas das Faculdades e os professores e o chanceler

de vestes negras trançadas de ouro tomaram suas posições, e a audiência

de familiares e amigos, vestidos com a formalidade condizente com uma ocasião de tamanha pompa, sentou-se em silenciosa expectativa. Quando as

grandes portas de carvalho se fecharam para o brilho do meio-dia e para a

multidão informal de turistas de camiseta reunida lá fora, os coros do St John e do King's College abriram a cerimônia com um hino de Byrd, seguido

de uma peça do século XX, e a seguir, as apresentações começaram. Um teólogo alemão, o lorde chanceler Mackay, Pérez de Cuéllar e Stephen foram introduzidos pelo orador público, e em um latim espirituoso

pronunciado com tamanha petulância e floreio que quando concluiu seu discurso em homenagem a Stephen, Tim – não conhecido por sua erudição

em latim – explodiu em aplausos espontâneos. Pérez de Cuéllar foi descrito

como alguém que "trouxe a paz aos persas e aos mesopotâmicos", enquanto

a substância do elogio de Stephen foi adaptada da primeira teoria atômica,

como descrita por Lucrécio em *De Rerum Natura*.

Em meio a muitas reverências, apertos de mão e retiradas de chapéus, o

duque de Edimburgo outorgou os diplomas, um por um. Cada entrega

terminava com uma salva de palmas, que na vez de Stephen atingiu

proporções arrebatadoras. Alguns formandos, como a diminuta e frágil Sue

Ryder, pareciam nervosos como jovens universitários; outros, como a

cantora de ópera Jessye Norman e o próprio Stephen, eram velhos nesse jogo e receberam suas ovações com confiança e estilo.

A cerimônia chegou ao fim com mais hinos e dois versos do hino

nacional. Deixando Tim com seus avós, Robert e eu saímos com Stephen, caminhando calmamente ao redor do verde de novo, antes de ir ver a Parada do King's sob o sol escaldante. A multidão vibrava, sorrindo e acenando, e as câmeras clicavam.

Quando chegamos ao Corpus Christi College – que, por coincidência, era

a faculdade de Robert e o local do almoço –, vimo-nos cercados pela nata do

país, todos visivelmente desfalecendo de calor dentro da tenda, onde o champanhe estava sendo servido, seguido de um almoço em outra tenda também sufocante. Para aumentar o desconforto de Stephen, afora o

salmão, a comida não era adequada para ele. Ele se entreteve com seu vizinho à mesa, mas eu tive um momento bastante difícil com o meu, uma

conhecida autoridade em história francesa que parecia não ter nada a dizer

até que eu mencionei nossa casa na França. Então, ele ressuscitou. Sua esposa havia acabado de comprar uma propriedade na Normandia, disse ele, mas ele era um homem da cidade e não muito interessado no campo.

Diante disso, foi hilário quando ele compartilhou seus pontos de vista com

Stephen e este sorriu, concordando.

Nas

temperaturas

em

elevação

os

discursos

foram

misericordiosamente curtos. Começando com Stephen, “porque tudo

começa com ele”, o duque de Edimburgo expressou sua admiração pelos formandos, que “refletiam o melhor de nossa civilização”. Lorde Mackay respondeu brevemente, e depois tudo acabou. O resto do dia foi uma perturbadora mistura de frivolidade e violação da normalidade, como se a

dura realidade da tempestade iminente não pudesse se prorrogar por

muito mais tempo.

Em casa, um seleto grupo de parentes e amigos se reuniu, e a Faculdade

havia preparado um chá com sanduíches de salmão defumado, morangos e

creme no gramado, tudo para ser consumido com champanhe. Robert não

estava na festa, pois tinha outro compromisso. À noite ele foi remar no segundo barco do Corpus, na corrida de Bumps. Consegui me livrar dos convidados remanescentes bem a tempo de vê-lo remar. Entretanto o dia,

longo e cansativo, ainda não havia terminado. Lucy voltou para casa muito

aflita, pois não havia ido bem em nenhum dos exames, e a seguir, no final

da tarde, quando todos os convidados haviam ido embora e eu estava limpando tudo, o telefone tocou. Era Robert. Conversamos um pouco e, em

seguida, ele deixou escapar que os resultados de seus exames haviam saído

e que não foram tão bons quanto ele esperava. Ele estava

compreensivelmente muito chateado, e eu também senti profundamente

sua humilhação e a ironia da situação. Robert, leal e tranquilo, como sempre, havia obedientemente ajudado seu pai no Senado, acompanhara-o

na procissão formal e fornecera uma equipe de ajudantes, seus amigos, para levantá-lo nos degraus e demais obstáculos no Corpus Christi College.

Com amável reticência, ele havia testemunhado a boa sina de seu pai sem

presunção, sempre ofuscado por ela. Durante toda a cerimônia em

homenagem a seu pai, todos os excessos de exposição da mídia, todas as loas, os aplausos e os prêmios, Robert havia guardado para si a irritante notícia de que seus resultados finais, publicados naquele mesmo dia, foram

decepcionantes. A verdade subjacente da situação era que seu profundo senso de individualidade havia se rebelado contra a sombra avassaladora da genialidade de seu pai, silenciosamente recusando-se a competir com ele. Eu não podia deixar de sentir uma dor muito mais profunda pelo desânimo de meu filho que alegria por meu marido em toda a glória de seu

multifacetado sucesso. Eu me identificava com Robert. Eu só podia ficar à

margem do sucesso de Stephen.

Se Robert não havia obtido o sucesso acadêmico que ele esperava,

compensou a decepção no rio. Perseguida pela equipe de filmagem da BBC,

levei Stephen para as corridas da tarde seguinte. Apesar de pegarmos um

caminho errado – as corridas aconteciam em um trecho do rio em Fen Ditton, a mais de oito quilômetros fora da cidade –, chegamos a tempo de

ver o barco do Corpus passando agitado, habilidoso na cola do barco do Lady Margaret. Na esteira do barco do Corpus a notícia de que ele havia colidido com sua presa subiu o rio. Meu pai, que em sua época também havia remado pelo Corpus, ficou emocionado com o talento de Robert no rio. Ele sempre lamentou que, sob constante pressão para sonhar alto, não

pudera relaxar e desfrutar seus anos na Universidade de Cambridge, em 1930. E por isso, em sua opinião, era importante que Robert passasse a maior parte de seu tempo na Faculdade.

— 13 —

HONORÁVEL COMPANHEIRISMO

MAIS TARDE, NAQUELA MESMA NOITE DE 16 DE JUNHO, SENTAMO-NOS PARA ASSISTIR AO

anúncio, à meia-noite, das Honras de aniversário. Inexplicavelmente,

Elaine Mason, a enfermeira de plantão, foi depreciativa e de desaprovadora,

mas meu pai pulava de empolgação com a elevação de seu genro aos escalões mais altos da criação como Companion of Honour. Como o pai de

Stephen, ele sentia um prazer vicário por sua proximidade com o tipo de sucesso público que as circunstâncias lhe haviam negado. Na manhã

seguinte, acordei com a preocupação mais prática de como começar o dia

de uma forma adequadamente festiva. Eu não havia pensado no início do dia e na mais importante refeição de Stephen, seu café da manhã. Então, lembrei-me de que devia haver algum caviar que sobrara de uma viagem a

Moscou, e champanhe das celebrações de quinta-feira na geladeira. A consequência desse café extravagante foi que nenhum de nós conseguiu fazer muita coisa naquela manhã, só ir cambaleando pelo brejo até o Centro

Universitário, onde eu havia reservado uma mesa para o almoço. No início

da tarde, no entanto, pedalei até a cidade para verificar a organização do concerto da noite no Senado, e encontrei a família de Jonathan ocupada organizando os assentos e o layout geral, enquanto ele ensaiava a

orquestra. Fui embora e corri de volta para casa para pegar meu pai e fazer

um passeio-relâmpago até o rio. Chegamos a tempo de ver o segundo barco

a remo do Corpus descendo com um galho de salgueiro, sinal de que havia

feito outra colisão triunfante.

Essa noite quente e sem nuvens de junho nos viu de volta ao Senado, espantados com a visão da longa fila de amigos e admiradores que

esperavam com paciência para entrar ao concerto, apropriadamente

intitulado *Honoris Causa*. Desviei o caminho para evitar que Stephen fizesse um comentário sem tato sobre os resultados dos exames, as listas de classe,

que estavam fixados do lado de fora do Senado, e o deixei sentado no mesmo gramado em torno do qual havíamos saído em procissão dois dias

antes. Lá, foi fotografado em companhia de vários convidados ilustres – da

empresa patrocinadora do concerto, de sua Faculdade e de sua

Universidade –, enquanto fui investigar por que a fila estava andando tão lentamente. O comprimento da fila foi parcialmente explicado pelo fato de

que Tim, de dez anos, era o único vendedor de programas dentro do edifício. Contudo, Lucy e meu pai trabalharam duro indicando à multidão seus lugares. Depois de arranjar ajuda para Tim, voltei para Stephen. O

gerente da casa do Senado insistiu, para meu embaraço, que Stephen e eu

devíamos fazer uma entrada formal, e nos deteve fora até que o resto do público se sentou. Fomos recebidos por uma ovação em pé. Enquanto

Stephen sorria para o público e fazia uma pirueta com a cadeira, eu me sentia muito tímida e desajeitada, e fiquei feliz por poder me sentar de costas para a plateia.

Dois minutos depois, os sons do trompete barroco da sonata de Purcell

para esse instrumento gloriosamente abriu o concerto, subindo acima da cabeça do público para se misturar com o forro ornamentado do teto do século XVIII. Como eu esperava, o público ficou tão satisfeito no final do entretenimento da noite que contribuiu generosamente com a coleta de doações, e, como resultado, pudemos enviar generosos cheques às três instituições de caridade – a Motor Neuron Disease Association, Leukaemia

Research e a Fundação Leonard Cheshire –, bem como cobrir os custos do

concerto com a venda de ingressos. A noite havia sido um tremendo sucesso. As instituições de caridade haviam se beneficiado; a Cambridge Barroque Camerata havia conseguido um novo acordo de patrocínio e

fizera uma apresentação espetacular para o Senado lotado; e, o mais importante, Stephen havia sido profusamente festejado e aplaudido por centenas de simpatizantes. Ele, no entanto, estava nervoso e descontente.

Suas percepções do evento foram coloridas pela visão rancorosa de que Jonathan e a orquestra o haviam obscurecido como centro das atenções.

Isso foi tão injusto quanto diferente do caráter normal de Stephen. Ele havia entrado no projeto com animação, e quando não estava nos Estados

Unidos, participara do planejamento com entusiasmo. Jonathan, com sua reserva natural, havia cuidadosamente se afastado para permitir que

Stephen se deleitasse com a adulação do público no final do espetáculo, e,

de fato, não houve nenhuma dúvida de que o show era de Stephen. Era ainda menos típico de Stephen me fazer lembrar que, uma vez que a homenagem não implicava um título, eu não tinha participação nela. A conclusão foi tão inevitável quanto desagradável: ele havia caído vítima da

lisonja. As fontes bajuladoras dessa lisonja não eram desinteressadas, e pareciam estar alimentando-o com ideias que estavam em desacordo com

sua anteriormente generosa, embora teimosa, natureza.

As luzes da ribalta cegamente focaram Stephen pelo resto do verão, e mais ainda quando fizemos nossa segunda visita ao Palácio de Buckingham,

algumas semanas depois. No entanto, em comparação com a primeira

visita, sete anos antes, essa foi surpreendentemente íntima. Seguimos uma

rotina semelhante – mais uma vez ficamos na Royal Society na noite anterior –, mas com a diferença de que, dessa vez, Tim e Amarjit Chohan, a

enfermeira indiana de Stephen, foram conosco, e Lucy se lembrara de colocar na mala os sapatos elegantes para usar com o vestido marrom-escuro que combinava bem com seu cabelo louro. Assim como antes, o trânsito estava parado, mas, dessa vez, foi por causa da troca da guarda.

Para evitar o congestionamento ao redor da entrada principal, fomos encaminhados à entrada privada da rainha, e, de repente, transportados para um tranquilo e colorido jardim campestre longe do tumulto abafado e

quente de Londres e seu trânsito. Um escudeiro, lacaios e uma dama de companhia

nos

cumprimentaram

com

sorrisos

graciosamente

imperturbáveis e nos introduziram no Palácio, passando pelo reluzente carro de brinquedo do príncipe Charles quando era criança e duas

bicicletas, até o grande salão de pilares de mármore, iluminado em toda a

sua extensão e decorado com damasco vermelho e rosa. Enormes vitrines

de lírios postavam-se como sentinelas decorativas, guardando os tesouros.

Viramos uma esquina e retornamos pela galeria de imagens,

rapidamente voltando nossos passos pelo salão de mármore, sem quase tempo de olhar os retratos de Charles I e sua família, olhando em mudo distanciamento um para o outro pelo salão. Um par de Canalettos, um gênero holandês de pintura, e muitos retratos da princesa Augusta

chamaram minha atenção. Entramos em uma passagem tão estreita que

provavelmente levava aos aposentos dos criados, e saímos em uma

pequena sala cheia de quadros e móveis, o Salão Imperial. Depois de uma

rápida apresentação do escudeiro, Stephen e eu fomos rapidamente

afastados da família para atender à rainha, que nos esperava em uma sala

no final do corredor. Como manda o figurino, Stephen disparou à frente em

direção à porta aberta do outro lado da passagem. Ali, perto do console da

lareira, estava a rainha, com um vestido azul royal de listras brancas. Ela olhou em nossa direção com um sorriso amigável, mas apreensivo. E logo

mudou para um olhar de horror absoluto quando Stephen, irrompendo

apressado em sua sala de recepção como uma locomotiva norte-americana,

enroscou o tapete nas rodas. A cadeira engoliu a borda do tapete cor de café forte, enroscando-o, fazendo Stephen parar de maneira abrupta e bloquear o caminho para a sala. Por trás da cadeira eu não podia ver bem o

que estava acontecendo, e não havia nada que eu pudesse fazer para liberar

o emaranhado real. A rainha era a única pessoa dentro da sala. Ela hesitou,

e depois, por um momento fez um gesto, como se ela mesma estivesse prestes a dar um passo a frente e liberar o mecanismo pesado e seu ocupante do enrosco. Para alívio de todos, o escudeiro que nos havia anunciado se espremeu na lateral da cadeira, levantou as rodas dianteiras e

resolveu a bagunça.

Naturalmente, Sua Majestade estava um pouco nervosa – como eu –,

por isso, não conseguimos trocar um aperto de mão e eu me esqueci da reverência quando ela proferiu um breve discurso formal de boas-vindas.

Depois de um silêncio constrangedor, ela deve ter decidido que o melhor a

fazer era seguir em frente com a apresentação, sem demora, e assim, começou a anunciar que tinha o prazer de conferir a Stephen a insígnia de

Companion of Honour. Recebi a medalha em nome de Stephen e a mostrei a

ele, lendo em voz alta a inscrição enquanto a estendia para que ele a visse.

“In Action Faithful, in Honour Clear” [significando fiel nas ações, limpo na honra], dizia. A rainha comentou que achava que essa era uma frase particularmente bonita, e Stephen digitou: “Obrigado, minha senhora”. Nós,

então, presenteamos a rainha com um exemplar autografado (com a digital

de Stephen) de *Uma breve história do tempo*. Ela, um tanto perplexa, perguntou:

– É um relato em linguagem popular de seu trabalho, assim como um advogado pode fazer do seu?

Foi minha vez de ficar perplexa, visto que eu não poderia imaginar algo

que se aproximasse remotamente um relato em linguagem popular sobre lei. Recuperei minha compostura o suficiente para dizer que achava que *Uma breve história* era mais legível que isso, em especial nos primeiros capítulos, e que fornecia um relato fascinante do desenvolvimento do estudo do universo – antes de a Física se tornar muito complicada por causa das partículas elementares, da teoria das cordas, do tempo

imaginário e esse tipo de coisa. A conversa prosseguiu pausadamente por

mais ou menos dez minutos, indo de uma explicação básica da ciência e dos

interesses de Stephen até uma demonstração do funcionamento do

computador e sua voz norte-americana. A rainha dirigia suas perguntas a mim com seus penetrantes olhos azuis, tão brilhantes quanto o grande broche de safira e diamante que usava no ombro. Embora houvesse

cordialidade e consideração, bem como entusiasmo naquele olhar, ele me paralisou. Eu estava apavorada demais até para mexer os olhos, e teria gostado tanto de olhar em volta da bela sala de recepção turquesa, com suas pinturas e lembranças... mas fiquei sem jeito, pregada no chão, mal ousando virar a cabeça para a esquerda ou para a direita.

Durante o almoço no último andar do Hilton, nós contamos os detalhes

da audiência para a família, cujos movimentos eram restritos ao Salão Imperial, não omitindo o episódio do tapete, que despertou um senso de humor irreverente. Descrevemos a conversa subsequente como algo entre

uma prova oral e uma entrevista com um intenso, mas bem-intencionado,

diretor ambos igualmente aterrorizantes. Eu tinha poucas dúvidas de que para a rainha havia sido muito difícil também. Será que demos as respostas

certas?, perguntamo-nos olhando para o horizonte de Londres. Lá,

diretamente abaixo de nós estava o Palácio, cercado pelos Campos Elíseos,

onde, após a audiência, havíamos acabado de ir. Stephen reclamou que ele

não conseguira conversar tanto quanto gostaria por causa de um problema

com a configuração do controle de mão do computador, decorrente dos contratempos com o tapete. Seja como for, a impressão geral era de que a

ocasião havia sido legal, e Stephen tinha outro medalhão impressionante para adicionar a sua já extensa coleção.

Quando estávamos saindo do restaurante, fiquei surpresa ao me

deparar com um enorme buquê de lírios cor de laranja e amarelos presente

da administração. Embora proviesse de uma instituição comercial, um

hotel da cadeia Hilton, o gesto foi muito comovente. Lembrei-me da pérola

que Ruth Hughes havia me dado na Califórnia, quando Stephen foi

condecorado com a Medalha do Papa em 1975, e o gesto me disse que alguém havia me notado.

— 14 —

DIES IRAE

UMA SEMANA DEPOIS, TIM E EU ESTÁVAMOS NA FRANÇA DE NOVO. O MOINHO PESTANEJAVA sonolento no sol da noite quando nos dirigíamos a ele pela trilha e quando abri os portões. O frio ar fresco penetrou em meus pulmões asmáticos, revigorando meu ânimo, pois eu estava fisicamente cansada depois da longa viagem e emocionalmente tensa após os altos e baixos recentes. O pátio interno estava tranquilo e imóvel, envolvendo-nos como

um cobertor macio e protegendo-nos da tirania do mundo exterior. O

silêncio era quebrado apenas pelo pio dos pardais que ecoavam nas

paredes brancas. Então, Tim juntou sua voz sibilante às deles, pedindo-me

impacientemente que abrisse a porta para poder entrar e subir até seu sótão e verificar o estado dos seus aeromodelos, que se precipitavam vertiginosamente sobre a escada, suspensos dos corrimões por uma

intrincada teia de fios e fita adesiva. Dentro, fomos de sala em sala inspecionando todos os cantos e renovando nossa familiaridade com cada

velho raio de luz. Para nosso espanto, o celeiro preto e empoeirado havia

sofrido uma transformação Cinderela e estava pronto para acomodar a comitiva de enfermeiros de Stephen. O entulho, as teias de aranha e as vigas podres haviam desaparecido, e em seu lugar, ao descermos as

escadas, encontramos uma grande sala com um piso frio e uma cozinha; e

no andar de cima, dois quartos e um banheiro. Uma mistura de novas vigas

sólidas e umas velhas ainda aproveitáveis sustentava a estrutura, tão confiantes em sua antiga tradição que se não fosse o brilho de novidade em

todos os acessórios, eles poderiam ter estado ali desde tempos imemoriais.

Em seguida, corremos para o jardim, antecipando mais descobertas. Algum

estranho feitiço foi feito em nossa ausência. Tim suspirou:

– É como o Palácio de Buckingham!

E, de fato, ele estava certo. As plantas e sementes na borda herbácea haviam pulado para a maturidade, e onde em maio havia pequenos

aglomerados isolados e mudas pequenininhas, agora uma densa

insurgência de flores balançantes e cores dançantes gritavam saudações em êxtase. Ainda havia coisas a ser feitas, paredes a ser pintadas e piso a

ser coberto, mas o trabalho essencial estava concluído. O moinho estava pronto para receber não só a nós, mas também a toda a multidão de visitantes de verão. Meu irmão levaria sua família de quatro filhos mais ou

menos na mesma época em que o amigo de Tim, Arthur, e seus pais estariam chegando para passar um fim de semana. Jonathan levaria meus

pais e Stephen chegaria por via aérea de Le Touquet, acompanhado por Pam Benson, uma enfermeira mais confiável, e por Elaine e David Mason e

sua família.

Apesar das dúvidas da minha mãe, em meu otimismo eu havia

convidado a família Mason, na esperança de que a experiência de viver conosco na mesma casa, mas em circunstâncias mais descontraídas que em

Cambridge, incentivasse mais respeito pela autodisciplina que era básica para nossa rotina. Eu não tinha nenhuma intenção de interferir em nenhum

apego apaixonado que pudesse ter se desenvolvido entre Elaine e Stephen,

mas pensei que, como uma enfermeira profissional, ela poderia ser

persuadida a ver que o sucesso do nosso trabalho dependia de um trabalho

em equipe bem equilibrado. Não havia espaço para encrenqueiros nessa situação. Ingenuamente, eu acreditava também que ela perceberia que

Jonathan e eu naturalmente não dormíamos juntos no mesmo quarto,

aprenderia a respeitar o *modus vivendi* que nos permitia continuar a cuidar de Stephen e das crianças por tempo indeterminado, não importava o que

acontecesse. Só os fundamentalistas mais fanáticos poderiam ser cegos para o que estávamos tentando alcançar e o esforço e contenção que colocávamos nesse empenho. Era irônico que em dias passados Stephen teria sido contundente em sua intolerância ao fundamentalismo e teria zombado de qualquer um que tentasse pregá-lo.

Nós – ou seja, eu, Tim, meu faz-tudo Claude e uma garota muito útil da

aldeia – estávamos ainda aplicando energicamente tinta branca nas

paredes da nova parte da casa, no andar de baixo, quando meu irmão distraído e sua família de quatro filhos chegaram uma semana mais cedo.

Contudo, Chris mais que compensou sua chegada inesperada assumindo a

cozinha. Em sua opinião, as melhores atrações turísticas da França eram os

supermercados, onde ele ficava feliz passando os dias vagando pelas prateleiras em busca de cada vez mais ingredientes extravagantes para adicionar à sua panela, cujo aroma emanava da nova cozinha deixando-nos

com água na boca todas as noites com a promessa de delícias

gastronômicas.

No momento em que Stephen e seu grupo heterogêneo foram para Le

Touquet, em meados de agosto, a nova ala da casa havia sido bem testada

por sucessivas ondas de visitantes, incluindo meus pais, que a haviam considerado inteiramente satisfatória tanto pelo charme como pela

conveniência. Contudo, uma tensão perceptível reinava entre os recém-chegados. Minha alegria ao ver Stephen encontrou uma resposta fria, despertando minhas suspeitas de que os murmúrios desleais sobre sua antipatia pelo campo francês haviam achado solo fértil, convencendo-o de

que ele realmente não queria passar férias na França, muito menos no campo. Todos os esforços para fazê-lo se interessar pela gloriosa vista da casa, dos campos encharcados de sol à distante linha azul de colinas e florestas

encontraram a mesma expressão de tédio e desdém. Dia após dia,

a verdade forçava impiedosamente passagem para dentro de mim: que

seus sorrisos e seu interesse eram reservados para Elaine, e eu não tinha dúvidas de que ele estava sendo incentivado a me desprezar porque eu era

falha e não me encaixava na imagem de perfeição com a qual ele era constantemente atormentado. Stephen estava sendo convencido de que eu

não tinha mais nenhuma utilidade para ele, que eu não servia para nada.

Elaine estava em uma posição de poder: suas responsabilidades eram

mínimas e ela conseguia satisfazer Stephen fazendo qualquer coisa que ele

pedisse; ela podia lisonjear e persuadir, e sua formação especializada lhe permitia atender a todos os seus caprichos. Uma vez que para Stephen seu

trabalho e sua condição física eram suas duas preocupações principais, meu papel foi, é claro, muito diminuído, e o dela aparentemente muito estendido. Os laços familiares e intelectuais que eu havia valorizado e por

meio dos quais mantínhamos uma aparência de normalidade, ao que

parecia tornaram-se insignificantes. Provavelmente nela ele havia

encontrado alguém mais forte que eu, com quem ele poderia de alguma forma voltar a ter um relacionamento físico, independentemente das

outras dimensões do seu caso. Eu não podia lhe negar isso, e fui preparada

para aceitá-lo em nosso esquema das coisas – da mesma forma que ele generosamente aceitara minha relação com Jonathan –, desde que fosse discreto e não representasse nenhuma ameaça para nossa família, para nossos filhos, para nosso lar ou para o funcionamento da escala de enfermagem conseguida a tão alto custo. Era também essencial que isso não negasse minha relação com Stephen, porque eu tinha certeza de que sem mim ele seria como uma criança perdida; uma criança assertiva e indisciplinada, mas indefesa e ingênua. Meu destino estivera ligado ao seu

tão de perto e por tanto tempo que eu nunca poderia ser indiferente a ele,

por mais difícil que seu peculiar conjunto de circunstâncias – de um gênio

incapacitado – o tenha feito ficar. Cuidar de seu bem-estar tornara-se uma

segunda natureza para mim. Se houvesse o menor sinal de sofrimento, desconforto ou desaprovação à traição de seus recursos móveis, eu não poderia ignorar. A verdade é que eu ainda o amava com uma profunda compaixão afetuosa. Naquele corpo emaciado, apesar do poder da mente, seu sofrimento era dolorosamente aparente, e era por meio desse

sofrimento que meus sentimentos por ele eram constantemente avivados.

Esses sentimentos nunca quiseram ser paternalistas; na verdade, muitas vezes eles podiam me levar a uma corda bamba emocional, na qual o desespero e a frustração com sua teimosia e as exigências descabidas tinham sempre de ser conciliados com a deferência por sua dignidade e o

respeito por seus direitos como uma pessoa extremamente incapacitada.

Nosso casamento, e a grande e complexa estrutura em que se

transformou, era a definição de minha vida adulta, resumindo minhas conquistas mais importantes: a sobrevivência de Stephen, os filhos, a família e o lar. Era a longa história de nossas lutas conjuntas contra sua doença e a história de seu sucesso contra todas as probabilidades. Eu havia

dedicado a maior parte de mim a ele – mesmo tendo aceitado ajuda que me

permitiu perseverar sem me tornar suicida. É verdade, às vezes eu ansiava

por mais liberdade de movimento e me ressentia das estritas limitações impostas, mas nunca pensei em fugir, exceto – quando levada ao total desespero – afogando-me. Talvez a estrutura tivesse se tornado

perigosamente desequilibrada e instável, mas não dava para acreditar que

tudo que o casamento representava pudesse ser arrastado por uma onda de paixão. O fato de Elaine ter um marido saudável e uma família própria

estava além do alcance de minha compreensão. Era um assunto para sua consciência, do qual eu não poderia participar.

A situação talvez se resolvesse pacificamente se as pessoas envolvidas

fossem diferentes, se fossem mais atenciosas, menos determinadas, menos

egocêntricas, menos voltadas ao cumprimento dos próprios desejos com a

exclusão de todo o resto. Talvez, se eu houvesse sido mais forte e menos confusa, pudesse ter lidado com a situação de forma diferente e com mais

segurança. Do jeito que foi, as férias foram um desastre. Vários percalços se combinaram para intensificar o desgosto de Stephen pelo campo, até

mesmo pelo moinho, tão diferente de seu entusiasmo na primavera, e ele se

tornou cada vez mais hostil tanto com a família como com Pam, a outra enfermeira. Quando por fim eu resolvi comentar com Stephen que com o comportamento dele e Elaine corríamos o risco de perder Pam,

inadvertidamente detonei a conflagração que nos consumiria a todos, que

envolveu a velha casa naquele dia e na noite seguinte, devastando o silêncio tão prezado e balançando as velhas vigas ao se alastrar em volta de mim.

Chamas de vitupérios, ódio, desejo de vingança saltaram sobre mim por todos os lados, rapidamente me queimando com acusações – a esposa

infiel, a parceira indiferente, a profissional egoísta, preguiçosa e frívola, mais interessada em cantar que em cuidar de seu frágil e indefeso marido.

Eu havia feito as coisas do meu jeito por tempo demais, eles disseram. Eu

deveria “pôr Stephen em primeiro lugar”.

Enfrentei os ataques sozinha. Eu não faria Jonathan se rebaixar,

levando-o para essa briga incivilizada; mas não pude apagar as chamas. Foi

inútil tentar salientar que, ao longo de todas as distrações alienantes da Física e

da rotina pesada, das exigências incessantes da doença, eu honestamente havia tentado ser uma boa esposa para Stephen; que no meio da parafernália de medicamentos, equipamentos médicos e turnos de

enfermagem, no meio da multiplicidade de trabalhos científicos, equações e

reuniões, eu havia honestamente tentado fazer meu melhor, por mais

distorcida que minha vida se houvesse tornado. O fato de que o amor e a ajuda de Jonathan nos preservaram e me salvaram do total desespero nunca seria tolerado como uma defesa válida. Meu melhor não foi bom o suficiente, e agora eu estava sendo deixada de lado em favor de alguém que

enganara o homem doente com as frágeis palhetas de promessas

extravagantes e expectativas irrealistas. Foi o início da morte do nosso casamento.

Sozinha em meu quarto depois que a primeira onda de ataque por fim

diminuiu, o desamparo me reduziu a quentes lágrimas de raiva. Meu

espírito se rebelou contra a superficialidade de muitas das pessoas que haviam chegado recentemente a nossa vida. Elas nunca tiveram de ficar cara a cara com múltiplas sucessões de crises, nunca tiveram de enfrentar o

imenso trauma de viver em face da morte, dia a dia por mais de um quarto

de século. Elas nunca haviam sondado as profundezas da emoção ou sido dilaceradas por dilemas morais. Nunca se haviam esticado para além dos limites de suas capacidades físicas e mentais. Sua experiência com essas questões havia sido fácil, só roçando a superfície da realidade, motivada pela autogratificação, ditando aos outros valores absolutos que elas mesmas não podiam seguir. Na verdade, a seus olhos eu era um mero autômato sem a justificável pretensão de qualquer reação humana. Minha

necessidade de ser amada pelo que eu era foi repudiada como absurda.

Depois desse fiasco, Stephen e os Mason voltaram para a Inglaterra, e Tim e eu ficamos no moinho. A bela casa antiga e o jardim recolheram meu

corpo desgastado e minha mente carbonizada no conforto de seu abraço quando a calma da zona rural da França se instalou mais uma vez. Se Stephen realmente não me queria, raciocinei, eu poderia construir uma vida boa para mim na França. Poderia me sustentar lecionando inglês e espanhol, e Tim poderia se tornar totalmente bilíngue. No início de setembro, ele começou a ir à escola da aldeia, onde logo fez amizades, não

perturbadas pelas demandas da língua. Ele descia a estrada para a aldeia de

bicicleta todas as manhãs, enquanto eu acenava e o via subir a colina em frente e desaparecer sob as árvores. Em casa, muitas vezes nós falávamos

francês. O inglês e a Inglaterra tornaram-se estranhos para mim, um país e

uma língua que abrigaram e expressaram tormento pessoal extremo – para

não falar das injustiças políticas generalizadas dos anos de Margaret Thatcher –, ao passo que a França oferecia um novo estilo de vida, novos amigos e um senso de igualdade. Além disso, a França, um país

predominantemente católico, era devoto da Mãe de Jesus, a intermediária

feminina para as figuras masculinas da Trindade. Ali uma mulher tinha um

lugar reconhecido na divina ordem das coisas. Maria teve uma presença humana que foi trágica, amorosa e reconfortante. Muitas vezes, nas igrejas

e catedrais francesas, eu me sentia atraída pela imagem da Virgem Maria –

talvez uma santa de gesso pintado grosseiramente – que oferecia o consolo

do sofrimento compartilhado.

Tim e eu rapidamente entramos em uma rotina que eu estava confiante

de ser capaz de sustentar. Poderíamos viver na França permanentemente,

se necessário, ou, eventualmente, voltar para a Inglaterra quando Stephen

houvesse resolvido seus problemas. Jonathan, que havia voltado a

Cambridge para uma série de recitais de órgão, mantinha contato

regularmente, incitando-nos a permanecer na França se era onde nos

sentíamos à vontade.

Stephen também telefonou quase todos os dias, urgindo-nos a voltar

para a Inglaterra. Sentia nossa falta, disse, precisava de nós. Ele era tão convincente que acreditei que de fato tinha a intenção de restaurar certa harmonia em nossa vida e manter seus enfermeiros sob controle. Mais tarde, naquele mesmo mês de setembro, acreditando que minha criança perdida realmente precisava de mim, partimos para a Inglaterra

atravessando os mares tempestuosos, determinados a evitar o confronto. A

família, que eram meus pais e Robert, ficaram felizes ao nos ver quando chegamos à casa, tarde da noite, depois de longos atrasos nas autoestradas.

A recepção que eu, mas não Tim, recebi de Stephen foi gelada. Não era o filho perdido que foi nos receber, e sim o déspota. Imediatamente eu soube

que havia cometido um grave erro ao voltar para a Inglaterra.

— 15 —

REALIDADE DEMAIS

NA SEGUNDA-FEIRA SEGUINTE TIM VOLTOU PARA SUA ESCOLA E EU RETOMEI MINHAS

AULAS, comprometendo-me pelo menos para o trimestre, se não para

todo o ano letivo. Então, exatamente uma semana depois de nossa volta, Stephen me entregou uma carta anunciando sua intenção de ir morar com

Elaine Mason. Naquela noite, por uma infeliz coincidência, Robert teve a mandíbula quebrada por assaltantes que o atacaram a caminho de casa.

A execução da decisão de Stephen foi consideravelmente retardada pela

razão extraordinária e eminentemente prática de que ele e Elaine Mason não tinham para onde ir. Enquanto isso, nós vivíamos em um turbilhão de

caos e confusão; eu me agarrava como uma rocha à crença de que a tempestade um dia passaria, e que, apesar de seu atual lamentável

descontrole emocional, Stephen escolheria ficar com sua família. Como uma

folha seca em um vendaval, ele veio e se foi muitas vezes, sem nenhum aviso prévio. A extrema pressão de fora caía sobre ele, e cada episódio explosivo era sucedido por um período de calma, como se nada houvesse acontecido. Esses períodos, porém, eram apenas o olho da tempestade, só

pressagiando outros elementos imprevistos que soprariam com a força de

um furacão. Ouvi dizer que a enfermeira já estava anunciando seu

casamento com Stephen. Eu vivia com o medo constante de que poderia haver uma batalha pela custódia de Tim, e Jonathan foi banido de West Road sob a ameaça de um mandado de segurança; por isso, ele não tinha escolha a não ser manter a própria casa. Uma discussão aberta era impossível, porque uma barreira intransponível havia surgido entre

Stephen e mim, e quanto mais ele parecia perder o controle de sua situação,

mais eu sentia que tentava me controlar, como se eu fosse simplesmente um objeto. Os enfermeiros jogavam cartas desagradáveis pela janela de meu carro quando eu saía para o trabalho todos os dias, e exigências impossíveis me eram feitas todas as noites. Observações desagradáveis e falsas motivações me foram atribuídas. Disseram-me para desistir de

Jonathan e “colocar Stephen em primeiro lugar”. Eu mesma me vi sendo relutantemente arrastada para conflitos sobre dinheiro, e não apenas com

Stephen, mas com Elaine Mason também. Por meio da concentração exigida

pelo magistério – em especial para lecionar sobre os absorventes e intelectualmente provocantes romances e contos de Gabriel García

Márquez –, eu consegui preservar um pouco de sanidade, ao passo que entre

meus colegas na sala dos professores encontrei uma simpatia

tranquila e o apoio que emprestava uma sensação de estabilidade às poucas horas de cada dia que eu passava longe de casa. Em outros momentos, a música acalmava e consolava minhas emoções agredidas, mas

muitas vezes sua intensidade fazia minha voz falhar e desaparecer. Em contrapartida, a confusão reinava e nossa casa se tornou o cenário de uma

violência sem precedentes; a loucura de outras pessoas forçaram a entrada

em nossa casa e deixaram a Tim e a mim apavorados, sem o menor gesto de

apoio dos dois corpos de enfermeiros profissionais, o Royal College of Nursing e o UK Nursing Council, que se recusaram a se envolver.

Mais tarde, naquele mesmo mês, quando me despedi dos dois filhos

mais velhos em dias consecutivos – Robert foi para Glasgow fazer pós-graduação em Tecnologia da Informação, e Lucy foi para Oxford –, parecia

que toda minha existência e a estrutura sobre a qual ela repousava estavam

se esfarelando. Minha identidade pessoal, que eu havia desesperadamente

tentado construir ao longo dos anos com todos os fragmentos díspares – as

peças do quebra-cabeça da vida cotidiana –, havia sido partida. Eu estava sozinha e sem abrigo no meio de uma guerra particular. Para onde quer que olhasse eu via os escombros e as ruínas do edifício corajoso, ousado, embora frágil, que Stephen e eu havíamos construído. Um abismo escuro se

abrira no chão, engolindo esse edifício, e com ele, mais de vinte e cinco anos de minha vida – todos os anos de minha juventude e início da vida adulta,

todas as esperanças e todo o otimismo. Em seu lugar restava pouco mais que uma mortalha vaga, insubstancial, fantasmagórica e fechada, objeto de

tortura mental diária. A única certeza de futuro era que meu filho mais novo e mais vulnerável, Tim, tinha de ser protegido, por isso, por mais esmagada e

arrasada que eu pudesse estar, tinha de reunir a força e a coragem de lutar por ele.

Jonathan e eu nunca havíamos contemplado a possibilidade de um

futuro juntos sem Stephen. Não tínhamos fantasias nem sonhos. A ideia da

mudança era estranha para nosso pensamento. Eu havia fechado minha

mente para ela e não a procurava. No passado, eu achava que nós havíamos

alcançado um equilíbrio no qual todos podiam florescer, mesmo que

exigisse considerável contorcionismo, contenção e autodisciplina em nível

pessoal. Isso provou ser nada mais que ilusão complacente, pois eu estava

agora forçosamente entendendo que Stephen havia estado insatisfeito por

algum tempo com nosso modo de vida. Essa revelação foi surpreendente para mim. Se Stephen fervera de ressentimento por tanto tempo, por que não me falara nada? Como ele conseguia ser tão bem-sucedido, criativo e dinâmico se estava de fato infeliz? Aparentemente, ele não havia gostado de

ser tratado como apenas um membro da família, visto que considerava seu

lugar de direito um pedestal no centro de tudo. E alguém aparecera e fora

preparada para adorá-lo e fazer dele o ponto focal de sua vida. Esse alguém

lhe prometera que ele nunca teria de contratar outros enfermeiros, tendo

em vista que ela sozinha cuidaria dele vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana e viajaria com ele para qualquer lugar que quisesse. Era evidente que eu não combinava com aquela devoção obsessiva, e, como resultado, eu estava sendo forçada à mudança do tipo mais cruel. Fui ameaçada de ser expulsa da casa da família, e meu papel na vida de Stephen

estava sendo sistematicamente negado, como se toda referência a mim, toda a memória de mim tivesse de ser apagada de todos os registros.

Quando começou o trimestre e Tim e eu nos entrincheiramos na rotina

de Cambridge, não houve como voltar para a França, mas eu precisava muito de um lugar para onde fugir. A casa de Jonathan estava fora de questão, uma vez que um movimento significaria que eu estava terminando

o casamento, coisa que não era e nunca havia sido minha intenção. O lugar

para aonde fugir tinha de ser um território neutro, onde Tim e eu pudéssemos escapar das tensões, das batalhas, do veneno e das

recriminações que estavam criando o amargo caos na West Road. Havia apenas uma opção. Embora a faculdade tivesse a posse de nossa casa na Little St Mary's Lane havia anos – como parte do pagamento de nossa casa

ali –, a propriedade tecnicamente ainda nos pertencia. Como eu sabia que a

casa estava desocupada, escrevi ao mestre suplicando que permitisse que Tim e eu a usássemos temporariamente até que as batalhas houvessem terminado e a crise se resolvido para melhor ou para pior. O mestre era novo na Faculdade – eu mal o conhecia, nem ele a mim. Sua resposta foi inequívoca: embora ele lamentasse, existia um acordo formal entre Stephen

e a Faculdade para a troca das duas propriedades, e enquanto ele não revogasse esse acordo, eu não poderia ter acesso à casa.

Durante o dia a asma reprimia minha respiração e confundia minha

mente, enquanto minhas mãos formigavam de medo até as pontas dos

dedos cada vez que Stephen anunciava que queria falar comigo. Todas as noites terríveis pesadelos voltavam, eu acordava em pânico, apavorada.

Meu coração batia acelerado quando edifícios desabavam sobre mim,

enterravam-me em um túmulo subterrâneo e escuro. Tim também tinha

pesadelos; sonhava que estava sendo perseguido por bandidos por

corredores e ruas. Durante o dia ele ficava excessivamente introvertido e

ansioso. O médico receitou betabloqueadores para mim e me mandou

consultar um psicólogo. O único remédio para Tim era distanciá-lo dos problemas, mas, como a casa da Little St Mary's Lane nos fora negada, não

era fácil. Eu pedi a seu diretor que alertasse sua equipe acerca da intolerável tensão a que Tim estava sendo submetido em casa. Demasiado

tarde eu descobri que ele havia deixado de transmitir minha ansiedade a sua equipe, e muitas vezes o pobre Tim voltava da escola em lágrimas.

As batalhas continuaram se enfurecendo pelo resto do trimestre, com apenas uma pequena trégua durante a visita à Espanha para a entrega de

um prestigiado prêmio pelas mãos do herdeiro do trono espanhol, o

príncipe das Astúrias, em Oviedo. Estar na Espanha elevou meu espírito e

fez essa visita suportável. Apesar de a trégua ter trazido as próprias tensões menores e superficiais na forma de aparições públicas repetidas, coletivas de imprensa e entrevistas, pelo menos isso me deu a

oportunidade de provar de novo a mim mesma minha capacidade

profissional e reafirmar minhas qualificações como linguista e como

companheira de Stephen. A tensão subjacente que resultou de sua decisão

recentemente anunciada de comprar um apartamento para sua enfermeira

favorita era muito mais grave. A mente que havia dominado os segredos matemáticos do universo não era páreo para o abalo emocional que agora o

oprimia. Como seu herói wagneriano, Siegfried, Stephen se envolvera em um manto de proteção, a capa dura da determinação – inspirado pela razão

implacável, protegendo-o contra a fragilidade sentimental na crença de que

ele era invencível. Contudo, como Siegfried, ele esteve frágil e impotente quando sua vulnerabilidade foi exposta ao ataque. O ponto fraco físico de Stephen era sua garganta, mas ele também tinha um segundo ponto fraco,

psicológico, que era uma total falta de resistência à manipuladora pressão

emocional. Ele nunca havia sido submetido a isso antes, e não tinha armadura contra ela. Esse era o tipo de pressão que estava sendo exercida

sobre Stephen: tornou-se uma panela de pressão, assobiando com energia

incansável, até que entrou em erupção em uma série de surtos emocionais

de força vulcânica, que arrasou todos os obstáculos com seu fluxo quente e

vermelho de raiva e paixão. Então, muito milagrosamente, cada nova

erupção diminuía tão depressa quanto havia explodido, e a paz descia mais

uma vez sobre nossa vida em casa. Ele ficava mais gentil, mais dócil e arrependido, genuinamente preocupado em deixar a turbulência para trás

e retomar a vida familiar na qual havia prosperado no passado. Então, ele

admitia que estava sendo vítima de emoções conflitantes e que precisava de apoio, compreensão e da possibilidade de uma reconciliação. Isso eu estava muito disposta a dar, queria compartilhar a tragédia de sua situação

e ajudá-lo a passar por ela. Contudo, a calmaria durava só até o terrível momento em que outra carta, outro ultimato, outra intimação atingia seu alvo. Aprendi a temer o resultado quando Stephen saía correndo,

abandonando as refeições e os compromissos sociais para apaziguar e ficar

ainda mais enfeitiçado. E assim foi até o Natal. Os planos dos meus pais de

celebrar suas bodas de ouro foram uma catástrofe no fluxo e refluxo da força dessa maré. Com uma aleatoriedade que havia se tornado

perversamente previsível, Stephen passou o dia de Natal no seio de sua família, mas, em seguida, à noite, sua van apareceu lá fora e ele desapareceu na escuridão, saiu de casa com Elaine para ficar em um hotel

antes de partir para uma conferência em Israel no dia seguinte.

Não o vimos nem tivemos notícias dele até o início de janeiro, quando as crianças, Jonathan e eu chegamos à casa depois de uma pausa alegre e despreocupada na França. Encontramos Stephen esperando por nós como se nada houvesse acontecido. Nenhuma explicação foi proferida, e eu sabia que não devia pedi-la. Naquela noite nos reunimos em volta da mesa à luz de velas, banqueteando-nos com pato assado ao molho de laranja para comemorar o aniversário de Stephen. A carta alegre que eu escrevi para a mãe de Stephen na manhã seguinte genuinamente expressando minha alegria porque as perturbações pareciam estar acabando e nós poderíamos retomar nossas tentativas de levar uma vida familiar criativa, recebeu uma resposta totalmente negativa. Pela carta, ficou claro que Isobel desconsiderava, até duvidava de meu esforço durante tanto tempo para cuidar de Stephen, e, pelo contrário, via-me como beneficiária hedonista de sua fama e seu sucesso, cuja intenção agora era negar-lhe sua chance de felicidade com alguém que ela realmente aprovava e de quem gostava.

A estabilidade durou pouco: muito em breve a situação começou a se deteriorar. Depois de várias semanas nas quais as ameaças, as recriminações e os abusos mais uma vez ganharam força, as crianças e eu partimos para encontrar Arthur e seus pais e esquiar alguns dias na Áustria durante o recesso escolar. Em nosso retorno a Cambridge não havia nenhum sinal de Stephen. Ele havia ido embora. Ele havia por fim saído, auxiliado aparentemente pelo marido de Elaine, no dia em que nós partimos para a Áustria, 17 de fevereiro de 1990. O fim havia chegado. Eu não senti tristeza nem alívio. Eu estava entorpecida.

Não foi o fim, no entanto. No dia seguinte, Stephen telefonou dos Elstree Studios, onde a versão cinematográfica de *Uma breve história do tempo* estava sendo filmada, e me pediu que me juntasse a ele em um retrato de família, um pano de fundo biográfico para o filme. Foi um pedido

surpreendente. Era inacreditável que depois de ter acabado de deixar sua

família, ele pudesse esperar que continuássemos a atuar como marionetes

para as câmeras, ainda transmitir a já vencida fachada feliz e unida. Não havia mais a menor hesitação tímida em minha voz. Ao tomar a decisão de

nos deixar, Stephen involuntariamente abandonara seu poder sobre mim, deixando-me livre para tomar minhas decisões, não mais com medo de suas reações imperiosas. Recusei-me a ir aos Elstree. Recuperei o controle

de minha vida.

Depois disso, a tragédia se transformou em farsa. O telefone tocava incessantemente. Um após outro, os produtores e diretores norte-americanos tentaram me adular, bajular, persuadir para participar do filme. Quando foram para Cambridge para criar uma réplica exata do escritório de Stephen em uma igreja abandonada, bateram em minha porta

trazendo consigo seus argumentos patéticos. Milhões de dólares estavam em jogo, lamentavam retorcendo as mãos; minha ausência estragaria todos

os seus planos; sem um elemento biográfico substancial, o filme ficaria desequilibrado. Dei de ombros e citei a garantia que eles haviam dado, consagrada no contrato, sobre a natureza do filme: um documentário

puramente científico com apenas uma breve referência biográfica. Quanto

mais eles revelavam sua falta de integridade, negando todas essas

promessas, mais fácil para mim era me manter firme – e quanto mais fácil

era manter-me firme, mais forte eu me tornava.

NULO E SEM EFEITO

FOSSE QUAL FOSSE O PEQUENO CONFORTO QUE PUDESSE TER DERIVADO DE MEU ESPÍRITO

independente recém-descoberto, o cataclismo, na verdade, deixou-me

despedaçada. Na escuridão da derrota, eu me senti desacreditada e

rejeitada, errando a esmo para encontrar uma identidade, como se os anteriores vinte e cinco anos houvessem sido apagados sem deixar

vestígios. Na verdade, essa impressão não era simplesmente subjetiva: ganhou substância com as duas instituições de caridade pelas quais eu havia trabalhado tão duro. Eles não podiam arriscar sua credibilidade pública, segundo disseram, continuando a ter associados a seus esforços os

dois parceiros de uma separação ou divórcio, de modo que ambas

dispensaram meus serviços. Naturalmente o nome de Stephen era mais útil

que o meu. Foi um duro golpe. Como eu suspeitava, fora do casamento e longe de Stephen, eu não era nada.

Foi, no entanto, nesse labirinto cego de desorientação que comecei a sentir o despertar de uma força sem precedentes, quase palpável no ar em

torno de mim, uma força espiritual sem relação com meu minado estado físico. Ela se revelou em expressões espontâneas de preocupação e amor, estendendo-se telepaticamente até mim dos nossos muitos amigos por

todo o mundo. Eram os verdadeiros amigos, pessoas que nos conheciam havia muitos anos, amigos que testemunharam as lutas e muitas vezes ajudaram em tempos de crise, que haviam generosamente se encantado

com o sucesso sem ser cegos para a dura realidade subjacente. Eram amigos, também, que sabiam de minhas tentativas de chegar a um acordo

com a situação, amigos que haviam conhecido e admirado Jonathan por sua

dedicação à família, tanto quanto por seu talento musical. Muitos disseram

que choraram quando ouviram a notícia. Eles me provocaram uma

sensação de paz que me permitiu ver meus recursos. Em vez de afundar no

ressentimento, eu colocaria em um novo projeto a energia que

anteriormente havia dedicado ao bem-estar de Stephen; um projeto meu.

Seria um livro, mas não o livro de memórias que várias editoras já pediam,

uma vez que era um assunto muito doloroso e ainda lhe faltava uma perspectiva clara. Meu livro descreveria nossas experiências de instalação

da casa da França, e seria composto por histórias divertidas e informações

práticas, voltadas para o considerável mercado de compradores britânicos

para casas na França. Como muitos desses francófilos não pareciam ter grande domínio da língua francesa, eu compilaria um léxico fonético de termos úteis relativos a todas as áreas de habitação e de residência na França: aspectos legais, de seguro, reforma, serviços de utilidade pública, sistema de telefonia, governo local e sistema de saúde.

A maior parte do tempo que eu costumava gastar cuidando da casa,

atendendo às necessidades de Stephen, acomodando seus enfermeiros,

organizando escalas, atendendo aos telefonemas de cuidadores

descontentes e dando festas, eu dediquei a esse livro. Ao escrevê-lo e compilar o léxico, eu aprendi – como Stephen, no período crítico após sua

doença – a usar o computador. Como eu queria ter tido um nos anos em que estava trabalhando em minha tese! O computador e a impressora

foram um magnânimo presente de despedida de Stephen. Por que ele os comprou eu nunca descobri, mas suspeito que o gesto foi típico do estado

de confusão em que se encontrava, e que, como sempre, ele era orgulhoso e

autossuficiente demais para admitir. No entanto, fiquei devidamente

sensibilizada, visto que eu não poderia ter compilado o glossário de termos

úteis sem ele. Embora o aspecto francês do projeto fosse infinitamente divertido e estimulante na pesquisa e na escrita, a publicação foi repleta de dificuldades, porque, em minha ingenuidade, caí nas mãos erradas. Um agente literário aparentemente simpático pegou o livro, mas, na verdade, como tantos outros, ele estava interessado apenas no livro de memórias.

Agentes literários desonestos à parte, a notícia da separação,

felizmente, permaneceu escondida da imprensa durante vários meses.

Como não havia atingido as manchetes dos tabloides, tivemos um período

de descanso benéfico. Esse limbo habilitou a Stephen e a mim a tentar definir novas bases para nossa relação, sem a dificuldade da atenção da mídia. Pudemos nos encontrar como velhos amigos, sem o estresse do atrito do dia a dia que havia azedado o relacionamento. Ele podia ir a West

Road para ver Tim na hora das refeições, e podíamos discutir assuntos de

interesse da família com calma e bom senso. A única diferença era que ele

morava em outro lugar com outra pessoa.

A imprensa por fim soube de nossa separação, literalmente em

resultado de um acidente. Uma noite, quando Stephen estava voltando para

seu apartamento, ele e a enfermeira de plantão (não Elaine) foram

atropelados por um táxi em alta velocidade. A cadeira de rodas virou e ele

ficou caído na rua escura. Foi um milagre ele não sofrer nada pior que um

ombro quebrado e ter passado apenas dois dias no hospital.

Inevitavelmente, a imprensa soube do acidente, e, é claro, queriam saber por que sua casa não era mais em West Road. Repórteres e cinegrafistas, em especial dos

tabloides, agruparam-se em volta do portão como uma matilha de cães, latindo, farejando escândalo e aterrorizando a Tim e a mim. Estávamos sendo caçados. Foi graças ao bom senso do recepcionista

de Harvey Court que eles foram despistados, e Jonathan, de cuja existência

eles não tinham conhecimento, conseguiu escapar pela porta dos fundos.

Uma vez que a separação caiu em domínio público, a Faculdade não

perdeu tempo e mandou o tesoureiro perguntar quando íamos nos mudar.

Ele foi bastante explícito: a Faculdade se sentia desobrigada a abrigar a família tendo em vista que Stephen, com quem haviam fechado o acordo, não vivia mais ali. Ele estava efetivamente notificando-me para sair. Eu não tive nem a presença de espírito para protestar nem a vontade de lutar. No

dia anterior, teria sido – tecnicamente, era – nosso aniversário de vinte e cinco de anos casamento. Naquela manhã de segunda-feira de julho ficou muito claro para mim que tudo o que havia acontecido naqueles vinte e cinco anos não tinham nenhuma importância para ninguém. Os registros haviam sido eliminados. Aqueles anos podiam muito bem nunca ter

acontecido. Stephen era a única pessoa que importava. Eu não tinha nenhuma importância, nem as crianças. Eu havia recebido uma notificação

para partir; havíamos sido efetivamente jogados na rua. Era hora de despertar para uma nova realidade.

A única concessão que nos foi dada foi a graça de um ano para nos adaptarmos. Isso foi particularmente importante, pois Tim havia entrado no King’s College, do outro lado da rua, e teria sido o cúmulo da ironia se

houvéssemos sido forçados a nos mudar exatamente quando ele entrou em

uma escola a menos de cinco minutos de casa. Outra vantagem do King’s para Tim era que seu amigo Arthur frequentava também a escola como interno, assim, quaisquer que fossem as reviravoltas em casa, ele podia contar com ver seu melhor amigo todos os dias na escola. Na verdade, Tim

não via Arthur só na escola, mas em casa também, porque pelos dois anos

seguintes Arthur foi morar conosco. Foi um acordo muito feliz para todos

os envolvidos. Arthur se tornou parte da família e deu a Tim inestimável apoio moral diante de suas circunstâncias.

Foi uma sorte infinita eu não estar sozinha. Jonathan havia ficado discreta e firmemente ao meu lado, apesar de ser alvo de hostilidade considerável. Igualmente de forma discreta e com firmeza, e com paciência

infinita, ele começou a remontar os cacos do que havia sido minha personalidade, ao mesmo tempo tentando lidar com o que havia

acontecido. Desde o início, ele não tinha nenhuma ilusão. Sabia que nossa

relação dependia de um bom equilíbrio e da aceitação de Stephen, que era

dedicado à sobrevivência, e não à destruição da família. Jonathan temia a possibilidade de repercussões freudianas, mas havia subestimado os

estragos que a intervenção de uma terceira parte poderia causar pela fofoca e a deturpação. Não havia nenhuma alternativa viável, uma vez que

ele se importava profundamente comigo e com a família, incluindo Stephen.

De minha parte, não só não poderia suportar: eu não poderia sobreviver sem ele. Ele arcava com a sobrecarga física, e em seus braços eu encontrei a almejada segurança emocional. A nova realidade nos aproximou, embora sem nenhuma alegria ou euforia, só com tristeza pela traição de nossas melhores intenções, juntamente com o silencioso alívio de que o longo calvário havia acabado. Embora Jonathan e eu começássemos a viver juntos

e a procurar uma casa adequada para comprar, não tínhamos intenção de

casar depressa. Estávamos comprometidos um com o outro, mas eu não estava em condições físicas ou emocionais para me casar com ninguém, muito menos com alguém que merecia muito mais do que eu poderia

oferecer. De certa forma, uma vez que não havia menção de divórcio, eu ainda

estava tecnicamente casada com Stephen.

Certo consolo foi que, apesar do caos em que *Uma breve história do tempo* havia nos feito mergulhar, pelo menos não me deixou na miséria.

Conseguimos comprar e ampliar uma casa isolada em uma área moderna do mesmo lado de Cambridge. À primeira vista, achei a casa e o jardim desanimadores ao ponto do desgosto. A casa era apertada, inexpressiva e sem inspiração; uma caixa moderna de tijolo e concreto, paredes internas

cobertas de juta rasgada e desbotada; o jardim era lamentavelmente nu e

ensombrado pela cerca viva de ciprestes dos vizinhos que precisava de poda. Mais uma vez eu teria de começar do zero e tentar recriar um lar naquela casa sem personalidade e um jardim de flores na obstinada argila

cinzenta que contaminara o solo. O atrativo da casa era sua posição: estava

à mesma distância de bicicleta do centro da cidade e da escola de Tim.

Também ficava bastante próxima do apartamento luxuoso de Stephen, o que devia ser considerado como uma vantagem, visto que ele insistia em ver Tim duas vezes por semana. Com uma lealdade resignada, Arthur

acompanhava Tim nessas visitas regulares, cujo resultado nunca era

previsível e sempre perturbador. Fiquei aliviada por Stephen não mostrar

urgência pelo divórcio, porque eu temia que Tim se tornasse vítima de uma

batalha ainda mais amarga. De vez em quando, chegava uma carta com exigências, mas como isso era claramente a resposta de Stephen a uma pressão interna, elas podiam ser tomadas de ânimo leve, qualquer que fosse seu conteúdo. Geralmente nossas discussões eram civilizadas e até mesmo carinhosas sempre que nos encontrávamos.

Enquanto não se abrisse um processo de divórcio, Tim estava a salvo de

disputas judiciais sobre a custódia. Um dia esse problema em potencial deixaria de existir, por causa de sua idade. De minha parte, eu estava levando uma vida

normal, um imenso luxo depois de mais de vinte e cinco anos de uma vida que nunca havia sido normal. Jonathan e eu gostávamos de nossa normalidade e privacidade, mas ainda vivíamos com medo de abuso por parte da imprensa marrom, que sabíamos que não hesitaria em explorar nossa situação para agradar os gostos picantes de seus leitores. Ocasionalmente esses temores se justificaram, mas nunca com efeitos duradouros.

Não era segredo que tanto a Universidade quanto a Faculdade tinham planos para o terreno da West Road. As duas instituições estavam envolvidas em negociações para reformar a parte do fim do jardim e fazer uma biblioteca para a Faculdade de Direito, ao passo que por muitos anos a Faculdade teve a intenção de construir dormitórios no terreno da casa. Nesse último ano de nossa ocupação, víamos de casa, em um silente estado de sítio, os topógrafos perseguindo o jardim, armados com instrumentos de medição, marcando distâncias com estacas e postes, enquanto por baixo da cerca viva um equipamento bate-estaca forçava passagem profundamente no leve solo aluvial. Com nossa mudança, o destino de toda a propriedade – a antiga casa, seu lindo jardim tranquilo e o majestoso cenário arborizado – seria selado. Em nome do progresso, a Universidade e a Faculdade tinham a intenção de destruir mais um ensombrado espaço verde. No caos da mudança, havia pouco que eu pudesse fazer para salvar a casa e o jardim,

exceto garantir que as árvores, especialmente as duas magníficas

sentinelas, a sequoia gigante da casa e o cedro vermelho ocidental, a *Thuja plicata*, no final do gramado, fossem protegidas por ordens de preservação.

Os autodenominados oficiais arbóreos realizaram uma pesquisa e me

garantiram que eu não tinha nenhuma necessidade de me preocupar: as árvores já estavam protegidas porque estavam em uma área de

preservação. Eu me mudei de casa com a certeza de ter cumprido meu dever cívico e ambiental.

Durante o ano seguinte, visitei o jardim com frequência no caminho da

cidade para casa para verificar se nada incomum havia acontecido. A ameaça parecia ter recuado. Tudo estava calmo, afora a ação constante do

bate-estaca. O jardim, a grama, as árvores permaneciam intactas, do mesmo

jeito que eu os havia deixado. Eu divagava de nostalgia nesse santuário, lembrando com tristeza as festas, as danças, os jogos de croquet e cricket, e olhando para as janelas vazias da casa, janelas que haviam contido tanta alegria e tanta angústia. A casa guardava intimamente seus segredos, revelando seu passado apenas em alguns remanescentes dispersos, como os espólios esquecidos de uma batalha – os restos do tanque de areia de Tim lavado de chuva, um balde de brinquedo surrado, uma bola de futebol

murcha, um vaso rachado e o varal rotativo enferrujado, que prestara um

bom serviço. Tudo isso falava de vidas e eventos dos quais os estudantes,

ocupantes atuais da casa, eram pouco conscientes.

Embalada pela tranquilidade imutável da cena, minhas preocupações

com o jardim foram substituídas por outros assuntos mais prementes. O

agente literário estava tendo pouco sucesso em encontrar uma editora para

At Home in France, meu manual sobre a compra de propriedades francesas.

Depois de vários fracassos de sua parte, pensei que eu poderia tentar publicar o livro sozinha, e ele me enviou uma cópia do contrato apontando

que eu estava vinculada a ele por quatro longos anos – a menos que eu quisesse assinar um novo contrato dando-lhe direitos eternos sobre

qualquer biografia que eu viesse a escrever sobre Stephen. Fiquei furiosa,

tanto comigo mesma por ser tão ingênua, quanto com esse cliente

escorregadio do agente que havia de forma flagrante se aproveitado de minha inexperiência e meu desânimo. Sua desonestidade atiçou minha

determinação de publicar meu livro francês custasse o que custasse e privá-lo eternamente de qualquer comissão sobre qualquer outro livro que

eu viesse a escrever.

Mais ou menos na mesma época a Receita Federal voltou sua atenção para os lucros obtidos com *Uma breve história do tempo*. Como resultado da alta taxa de desemprego provocado pelas políticas de governo

conservadoras, o Tesouro estava com pouco dinheiro e instruíra a Receita

Federal para aumentar sua renda por meio de investigações de

regularidade, particularmente focando situações em que o fim de

casamento pudesse ter causado confusão fiscal. Embora eu já não estivesse

envolvida na administração do livro de Stephen, o inspetor fiscal derramou

toda a força de sua provocadora beligerância profissional sobre minha cabeça cansada. Ele me assediava com cartas e telefonemas, ligando até no

Natal, quando minhas mãos estavam enfiadas na farinha e minha mente nas

canções de Natal, nos pudins e nos presentes.

Essas e outras preocupações me distraíram da questão das árvores e do

jardim da West Road. Só em uma segunda-feira, em julho de 1993, foi que

eu me peguei pensando neles de novo; estranhamente, esses pensamentos

cresceram em força, até que se tornaram uma vontade irresistível de ir até

o jardim. Meu eu racional suprimiu essa sensação intrigante, tendo em vista

que eu estava muito ocupado naquela segunda-feira com os preparativos para as férias de verão, bem como com outras atividades. Foi só no fim da

semana que encontrei tempo de passar na West Road a caminho de casa depois de umas compras antes das festas. Quando dobrei a esquina da casa,

deparei-me com um espetáculo horrível. Onde eu esperava encontrar o bem conhecido e muito amado paraíso de flores e folhagens, tudo que vi foi

maciça destruição arbitrária. A ponta do jardim havia sido saqueada, destruída. Onde antes havia árvores e arbustos, rosas e papoulas, pássaros,

ouriços e esquilos, agora não havia nada mais que um enorme buraco negro

no chão, uma cratera enlameada onde a Mãe Terra havia sido desnudada,

devastada e exposta. Um rápido cálculo mental sugeriu que cerca de quarenta árvores haviam sido derrubadas, sendo a mais espetacular o cedro vermelho ocidental, sob cuja sombra Cottontail, o coelhinho de Tim,

tivera sua gaiola. Enquanto eu estava paralisada de choque e descrença diante de tamanha devastação, lembrei a sensação estranha que havia sentido no início da semana. Será que aquelas árvores realmente haviam me chamado para pedir socorro? O que teria acontecido com minhas

tentativas de protegê-las por meio das ordens de preservação?

Em resposta às minhas perguntas, a Câmara Municipal não conseguiu

encontrar nenhum registro dos meus pedidos anteriores de ordens de

preservação para as árvores. Os projetos do novo edifício, quando

apresentados ao comitê de planejamento, faziam só uma breve referência a alguns arbustos e mudas insignificantes, de modo que tinham dado o sinal verde sem mais investigações. A proteção oferecida às árvores por se tratar de área de preservação foi inútil. Houve, no entanto, um sentido de justiça poética na tragédia. O destino das árvores e do jardim espelhou o nosso. Não poderia ter sido uma metáfora mais poderosa ou pungente para o fim de nossa vida familiar que o buraco negro no chão.

POSFÁCIO

Fevereiro de 2007

ESTOU COMEÇANDO A ESCREVER ESTE NOVO POSFÁCIO ENQUANTO DECOLO PARA SEATTLE

para um voo de nove horas e meia pela frente. Heathrow logo desaparece abaixo, dando lugar a um Inglês patchwork de campos verdes quando saímos das nuvens. É uma viagem que eu tenho feito muitas vezes desde a primeira, em 1967, e ter um novo neto do outro lado do planeta é agora uma cura convincente para a fobia de voar. À medida que voamos sobre as montanhas escocesas polvilhadas de neve em direção ao noroeste, Islândia e Groenlândia, viajo de volta no tempo lembrando-me do voo de quando Robert era um bebê e Stephen, seu pai, apresentava os iniciais sintomas incapacitantes da ELA, e fico maravilhada mais uma vez com a coincidência de Robert ter resolvido se estabelecer em Seattle com sua esposa, Katrina, uma escultora de talento, e seu bebê. Também me maravilho com o fato de que Stephen, a quem haviam dado cerca de dois anos de vida em 1963, não só continua vivo 44 anos depois, como também

recentemente recebeu a medalha de maior prestígio da Royal Society, a Copley.

Em 1995, enquanto visitava Robert, que assumira um cargo na

Microsoft seis meses antes, eu senti que havia certa poesia na maneira como Seattle havia descrito um círculo em torno de quase todos os anos do

nosso casamento. Agora eu sinto essa poesia da coincidência ainda mais forte, enquanto nos preparamos para celebrar naquela cidade o primeiro aniversário de nosso netinho, chamado George, como meu pai. Neste voo não estou sozinha: Robert está comigo, voltando para Seattle depois do funeral de minha mãe, ontem. Há apenas uma semana ela morreu muito pacificamente e em silêncio, enquanto dormia, após uma súbita doença. Eu

estava em um ensaio no momento e senti sua passagem como um leve arrepio, a escovação das asas de um anjo. Mal precisei que me dissessem,

quando voltei para casa, que havia uma mensagem para mim de sua clínica,

porque eu já sabia o que havia acontecido.

Foi em Seattle, em 1995, logo após a finalização do divórcio e um ano

após a publicação de *At Home in France*, que comecei a contemplar a possibilidade de escrever um livro de memórias sobre minha vida com Stephen. Fiquei surpresa, portanto, ao encontrar à minha espera o convite

de uma editora para fazer exatamente isso quando voltei a Cambridge.

Naquele mês de setembro as palavras fluíram de maneira rápida e

apaixonada, como se me pedissem para me libertar de um passado que muitas vezes havia escalado os picos vertiginosos de façanhas impossíveis,

e ainda havia sondado as profundezas da mágoa e do desespero. Eu

precisava exorcizar esse passado e definir claramente o fim de uma longa

era antes de embarcar em um novo futuro, e foi por isso que a equipe editorial me permitiu contar minha história de forma espontânea. Essa primeira edição

representou um grande e catártico derramamento de

otimismo, euforia, desânimo e tristeza.

Minha relutância inicial de enfrentar uma biografia – decorrente da desconfiança acerca da perda de privacidade que esse exercício poderia implicar – cedeu perante a conscientização gradual de que eu não tinha escolha. Minha privacidade estava comprometida de qualquer forma,

porque minha vida era já propriedade pública como resultado da fama de

Stephen, e seria apenas uma questão de tempo até que os biógrafos começassem a investigar a história pessoal por trás de sua genialidade e sobrevivência. Coisa que inevitavelmente me incluía. Eu não tinha

nenhuma razão para supor que eles me tratariam com mais consideração

que a imprensa no passado. Portanto, seria muito melhor eu contar minha

história, do meu jeito. Eu revelaria verdades tão profunda e dolorosamente

pessoais que não podia suportar a ideia de que a música pudesse ressoar

apenas como *Fele chaudron*, a chaleira rachada de Flaubert. Embora meu papel na vida de Stephen houvesse diminuído drasticamente – o novo casamento de Stephen de fato fechou a porta para nossas linhas de comunicação –, eu não poderia fechar minha mente para um quarto de século de vida vivida no limite de um buraco negro, em especial quando a

inegável prova viva dos extraordinários sucessos desses vinte e cinco anos

eram nossos três lindos, bem ajustados e amorosos filhos, bem como a aclamação que Stephen pôde apreciar. Conforme as palavras fluíam,

descobri que a voz e o registro estavam ali dentro de mim, prontos e esperando para surgir e expressar a massa de memórias acumuladas ao longo dos anos. Eram memórias que poderiam simplesmente ser vistas

relacionadas à saga de uma família inglesa na última parte do século XX.

Muito disso seria comum, bastante comum na vida da maioria das pessoas,

não fosse por dois fatores: a ELA e a genialidade.

Na verdade, a ELA forneceu um motivo igualmente poderoso para

colocar a caneta no papel, no desejo de despertar políticos e governantes para a realidade de cortar o coração enfrentada diariamente em uma sociedade indiferente às pessoas com necessidades especiais e seus

familiares – as batalhas com a burocracia, as lutas solitárias para manter um senso de dignidade, o cansaço, a frustração e o grito angustiado de desespero. Eu esperava que o livro de memórias alcançasse também a classe médica com o objetivo de melhorar a consciência tão modesta no âmbito do Serviço Nacional de Saúde acerca dos estragos da ELA e seus efeitos sobre a personalidade, bem como sobre o corpo físico de suas vítimas.

Como resultado da publicação encadernada de agosto de 1999 de *Music*

to Move the Stars, título original derivado da citação de Flaubert, recebi uma sacola cheia de cartas de apoio, em especial de mulheres que

simpatizavam profundamente com minha situação, elogiavam minha

decisão de escrever e contavam a história da própria vida, muitas vezes conturbada. Algumas haviam sido cuidadoras ou haviam lutado para

manter a família em circunstâncias adversas; outras simplesmente

encontraram ressonâncias com que podiam se identificar. Muitas admitiam

que o livro as havia feito chorar. De dentro de Cambridge as manifestações

de apoio foram muito grandes. Todos disseram que foram cativados pela história, incluindo uma senhora de noventa e quatro anos que se recusou a

ir para a cama enquanto não acabasse de lê-lo! Muitas pessoas, levadas erroneamente a pensar, pelas aparições televisivas de Stephen, que nós desfrutávamos de toda a ajuda possível, ficaram horrorizadas ao descobrir

quão pouca assistência nós de fato recebemos, confirmando, assim, minha

suspeita de longa data de que a face pública e a realidade privada eram muito afastadas, se não contraditórias uma com a outra.

O passado foi amplamente depositado no computador, se não

totalmente exorcizado, quando Jonathan e eu nos casamos, em julho de 1997. O dia do nosso casamento provou ser uma ilha de refúgio na paisagem tumultuada de doenças, acidentes e desastres que estavam

afetando nossa família e alguns amigos mais próximos. Nós mesmos não estávamos em muito boa forma. Jonathan havia sido acometido por

cálculos renais durante uma apresentação em Liverpool, e eu fiquei

mancando, de muletas, por algum tempo, com os ligamentos de ambos os

joelhos rompidos, após um acidente de esqui. A multiplicidade de

problemas que nós e as pessoas próximas e queridas havíamos sofrido deixara pouco tempo para os aspectos práticos de planejamento, e muito menos para qualquer preparação mental, emocional ou espiritual.

Na verdade, nada poderia ter nos preparado para o poder emocional e

espiritual desse dia. Um ou dois minutos antes de sair de casa, eu de repente me dei conta, para minha embaraçosa surpresa, que a menos de dois quilômetros descendo a rua havia uma igreja cheia de pessoas me esperando. A seguir, na chegada à St Mark na companhia de meus três filhos, nem a calma e a amigável saudação do nosso novo vigário pôde dissipar aquela sensação de espanto e admiração. Talvez suas vestes cerimoniais resplandecentes, brancas e douradas, só tenham contribuído para a poderosa qualidade onírica da ocasião – uma qualidade que se tornou avassaladora quando Robert, Lucy, Tim e eu assumimos nossas

posições na varanda de onde vislumbramos meu futuro marido subindo os

degraus da capela-mor. Uma onda de emoção tomou conta de nós quando o

organista lançou os majestosos acordes de *A chegada da rainha de Sabá* e meus filhos me levaram, tremendo e incapaz de olhar para a direita ou para

a esquerda, até o corredor, depositando-me ao lado de Jonathan. À minha

esquerda, pálida e frágil, minha mãe se sentou na cadeira de rodas à qual

acabou ficando confinada.

Seguiram-se os hinos, as orações, as leituras e as canções, suas palavras

cuidadosamente escolhidas, estudadas, analisadas, traduzidas em francês e

espanhol, digitadas e extraídas do computador muitas vezes. Todas essas palavras ganharam vida no discurso e na música, emprestando amplitude,

profundidade, verdade, urgência e clareza às vozes do clero, aos leitores, à congregação e ao coro. Este último foi composto de velhos amigos, muitos

deles músicos profissionais que fizeram uma interpretação comovente de *How lovely are thy dwellings fair*, do *German Requiem* de Brahms. Quanto ao pregador, só havia uma escolha possível. Só Bill Loveless, que nós dois conhecíamos havia muito tempo e que nos apoiara nos momentos de

provação, poderia ter feito o discurso. Apesar dos problemas de saúde e da

idade avançada, ele subiu ao púlpito e fez um discurso apaixonado com todas as características de seu vigor e compromisso habituais. Ele falou com sincera candura e honestidade dos dilemas e das angústias do

passado, sem comentar sobre a realidade do nosso relacionamento. Ao recordar outros tempos, ocorreu-me que todos aqueles amigos de todo o mundo que nos deram tanto apoio valioso em tempos passados, e para quem eu regularmente fazia uma oração silenciosa em meu banco da igreja

nas manhãs de domingo, estavam todos na igreja, conosco e ao nosso redor

– todos menos Stephen, meu companheiro por tanto tempo e pai dos meus

filhos.

A imagem da querida Lucy em pé no púlpito para recitar o soneto de Shakespeare sobre o casamento de mentes verdadeiras foi inesquecível. Ela

se levantou, radiante em seda creme, com as mãos sob sua barriga de seis

meses, como se precisasse ganhar a confiança de seu bebê enquanto Alex,

seu noivo, sorria com orgulho na congregação. Houve momentos de

distração ímpares – como a horrível caneta que arranhava, transformando

minha assinatura nos registros em um rabisco desordenado, trazendo de volta lembranças humilhantes de uma péssima nota na prova de caligrafia

no colégio St. Albans. Em seguida, muito brevemente a missa acabou, e Jonathan e eu deslizamos pelo corredor, levados pela melodia *St Anne Prelude*, de Bach, e pela alegria no rosto da congregação. Saímos para o sol

– foi o primeiro dia bom nas últimas semanas – para beijar e abraçar todos

os nossos convidados e outras pessoas bem-intencionadas, antes de sair à

frente do longo e lento cortejo liderado por nossos amigos da França, até o

Wimpole Hall para as fotografias, recepção, jantar e festa, que durou até a

noite.

Jonathan e eu víamos à frente, com otimismo, uma vida

comparativamente normal juntos depois do casamento. Desde então, tenho

aprendido que não existe isso de vida normal. Nós levamos uma vida agitada, na qual a música desempenha um papel importante: eu ainda me

deleito com o repertório do coral e também continuo a dar recitais solo ocasionais com o acompanhamento de Jonathan. Já não leciono; há muitas

outras demandas para minha atenção, mas consegui arranjar tempo para a

dança, que por tanto tempo no passado não foi uma atividade viável para

mim, quer como praticante quer como espectadora. Jonathan e eu viajamos

muito. Com a máxima frequência possível entramos na outra dimensão da

França rural, onde eu trabalho no jardim que criei para marcar o milênio,

enquanto Jonathan planeja novos empreendimentos musicais – tanto com a

Cambridge Barroque Camerata quanto com o coro do Magdalene College, que ele vem regendo e administrando nos últimos cinco anos em sua qualidade de precentor e diretor de música da faculdade.

Raramente, porém, há um momento que não se caracterize por

problemas e ansiedades. No verão de nosso casamento minha mãe havia se

tornado muito incapacitada por causa da artrite, e pôde continuar vivendo

em sua casa em St. Albans somente graças à devoção de papai ao seus cuidados. Embora eu os visitasse com regularidade, inevitavelmente

chegou o dia em que meu pai, que já não ouvia bem, não podia mais cuidar

dela sozinho. Mais uma vez, tivemos de contratar cuidadores privados de uma agência, de novo porque não tivemos nenhuma ajuda do SNS ou dos Serviços Sociais. Nossas expectativas de que os cuidadores pagos seriam profissionais foram frustradas. Com algumas ótimas exceções, muitos

mostraram ter caráter duvidoso, honestidade duvidosa, qualificação

incerta e treinamento inadequado, e muitas vezes meu pai teve de me chamar para ajudar em um feriado bancário, quando o cuidador substituto

não aparecia. Com frequência ele ficou perplexo com as idiossincrasias dos

cuidadores, como, por exemplo, quando um deles colocou molho de salada

em uma torta de frutas, mas nunca perdeu seu senso de humor. Contudo,

por fim, tomou a decisão de se mudar com mamãe para uma clínica fora de

Cambridge.

Aliviado por tê-los instalado nas proximidades e em boas mãos, fiquei

responsável por limpar e vender a casa deles, uma tarefa colossal e desgastante. Contudo, eu estava feliz por poder fazer isso enquanto eles ainda estavam vivos. Ainda em plena posse de sua notável inteligência, mas

muito aflito com o contraste intrigante entre seu jovem eu interior e seu quadro de desintegração externa, papai sucumbiu a uma pneumonia,

agravada pela doença de Parkinson, em junho de 2004. Ele se recusou a ir

ao hospital de Addenbrooke porque estava muito decepcionado com o

terrível tratamento que mamãe recebera ali semanas antes, quando ela teve uma infecção no peito. Contra todas as expectativas, mamãe

sobreviveu a ele, e não só comemorou seu nonagésimo aniversário em março de 2006, como também conheceu o pequeno George, seu quarto

bisneto e nosso segundo neto.

Como muitas das grandes experiências da vida, não há preparação para

a fase em que nossos pais se tornam nossos filhos idosos e nós ficamos presos como recheio de um sanduíche de geração. Não há nenhum aviso sobre o trauma que sentimos com a morte dos pais, independentemente da

idade que tenham. As duas pessoas com quem eu podia contar

incondicionalmente, e de quem pude depender infalivelmente por toda a minha vida, já não estão comigo. É como se uma parte de mim estivesse faltando, e agora, apenas uma semana depois da morte de mamãe, eu me pego voando para o outro lado do mundo em um estado miserável de entorpecimento e choque. Em casa há muitas mensagens encorajadoras de

simpatia com homenagens a seu caráter altruísta, sua genuína preocupação

e seu interesse por outras pessoas, sua dedicação às boas causas, sua devoção a

sua família e sua fé profunda e inspiradora, mas a tristeza da última semana está muito presente. Ela viaja comigo aonde quer que eu vá.

Antigamente, eu podia imaginar quão terrível devia ser perder um filho ou

um cônjuge, mas eu não tinha noção de como é fundamentalmente

chocante perder os pais.

Nos últimos dez anos, desafios diferentes de cuidar dos meus pais

idosos têm surgido na família. Não vou me estender sobre eles, mas exigiram recursos especiais que eu encontrei na rocha da fé que tem me sustentado desde os primeiros dias de meu casamento com Stephen. É

nesses dias que a fé é mais ampla, mais crítica e cética, mas não deixa de ser enraizada na ética cristã e encontra sua expressão espiritual na música. O

velho otimismo se foi, e uma determinação para superar a adversidade, provavelmente aprendida com Stephen, prevalece em seu lugar.

No que diz respeito à família, embora Robert pareça estar

permanentemente sediado nos Estados Unidos, temos a sorte de ter dois dos nossos filhos que ainda vivem na Grã-Bretanha, e os vemos com frequência. Lucy é escritora em tempo integral, bem como mãe solteira de

seu lindo filho, William. Um bebê bonito, mas difícil; foi diagnosticado com autismo em 2001.

Tim teve de se livrar da insegurança que caracterizou sua infância e se

tornou perspicaz e perceptivo. Embora ele tenha orgulho de seu pai, é particularmente sensível aos problemas dos que vivem à sombra da fama e

prefere ser considerado pelos próprios talentos e trabalho duro, e não por

causa de seu passado. É linguista, como eu, fez línguas modernas e depois

decidiu fazer mestrado em marketing.

E Stephen... notavelmente, desde seu segundo divórcio ele reafirmou

seu controle sobre sua vida, e apesar dos surtos de doenças, ele vem mantendo sua posição no cenário mundial. Conseguimos nos reunir

livremente de novo e aproveitar muitas ocasiões de família. Tem sido bastante como nos velhos tempos, com muita brincadeira e sagacidade circulando em volta da mesa de jantar enquanto esperamos a última

palavra de Stephen. Fiquei encantada por ser convidada à Royal Society para testemunhar a entrega da medalha Copley, a mais antiga da Sociedade.

Como em tantas ocasiões anteriores, eu me senti orgulhosa de sua

conquista, embora eu não saiba dizer do que sua ciência é formada hoje em

dia, afora sua retratação muito divulgada de algumas de suas ex-teorias.

Devo admitir que não fiquei feliz com sua vontade expressa, anunciada no

rádio no dia da premiação, de ir para o espaço. De forma menos ambiciosa,

mas talvez mais produtiva, ele partiu para Israel duas semanas depois, uma

viagem que empreendeu com a condição de ser autorizado a visitar

Ramallah e conversar com os palestinos. Vimos com admiração a página dupla central do *The Guardian* que mostrou Stephen dirigindo sua cadeira de rodas por entre hordas de espectadores palestinos reunidos. Antes de ir

para o espaço ele tem a intenção de exercer de seu jeito muito especial o papel de embaixador no Irã, mas se as circunstâncias políticas vão permitir

que isso aconteça, ainda não se sabe. Em seu retorno de Israel, ele passou o Natal conosco e comemoramos o Ano-Novo juntos. Muitas vezes ele almoça

conosco aos domingos e frequentemente vamos ao teatro juntos. Ele e sua

mãe estiveram presentes no funeral de minha mãe, e eu fiquei muito feliz

por vê-los lá. Isobel parece frágil, mas muito em forma, e é bastante

irrepreensível, apesar de sua memória ser pouco confiável. Com seu bom humor jovial e sua sagacidade na ponta da língua, Isobel me lembra do modelo positivo que um dia achei que ela era. Dois anos atrás, ela me mandou uma carta agradecendo por tudo o que eu havia feito por Stephen.

Foi um gesto nobre, que ajudou a aliviar algumas das memórias mais dolorosas, restaurando nosso relacionamento com uma base civilizada.

Um enorme dormitório estudantil fica no local da West Road 5, onde uma vez vivemos naquela casa esplêndida e relaxamos em um lindo jardim.

Algumas das árvores mais significativas, no entanto, ainda estão em pé, resultado da campanha que realizei na década de 1990, quando descobri o

estrago que havia sido feito no jardim após nossa partida. Eu vejo o avião a caminho de Seattle lançando sua sombra sobre o norte do Canadá e

liberando seus vapores sobre o recuado esgoto gelado do Ártico, e me pergunto se a destruição de nosso jardim em nome do progresso não foi só

mais um pequeno sintoma da louca corrida para explorar todos os recursos

disponíveis que está levando inexoravelmente ao declínio do planeta. A casa e o jardim de nossa vida foram demolidos, mas o espírito essencial da

família – realmente a afirmação de todos os meus anos de juventude –

ainda existe e se reafirma nas ocasiões em que todos nós podemos nos encontrar e desfrutar da companhia uns dos outros. Se o espírito da terra

pode, eventualmente, recuperar-se e se reafirmar é a maior questão que a

humanidade enfrenta, não diferente daquela questão ameaçadora dos anos

1960, quando Stephen e eu nos conhecemos, de que a Terra e todas as formas de vida nela estavam destinadas a ser destruídas pela guerra nuclear.

Post Script – maio de 2007

Desde que terminei de escrever o posfácio, Stephen completou seu voo

de gravidade zero e voltou para a Terra intacto, dando origem a imagens triunfantes na mídia. O sorriso em seu rosto quando ele flutuou livre do peso teria movido as estrelas. Ele me comoveu profundamente e me fez refletir sobre o privilégio que era viajar até mesmo a uma curta distância com ele no caminho para o infinito.

Última palavra – agosto de 2014

A série de aventuras científicas criativas para crianças de Lucy, que começa com *George e o segredo do universo*, recebeu aclamação mundial.

Ela lutou incansavelmente para obter o tratamento adequado para William,

que cresceu e se tornou um jovem encantador, carinhoso e prestativo.

Tim é agora um gerente de marketing de sucesso e viaja muito a

trabalho.

Robert, ainda em Seattle, trabalha em algum lugar na nuvem da

Microsoft. Ele tem uma família maravilhosa, muito animada, que nos

mantém interessados, entretidos e divertidos em suas visitas a Cambridge.

Stephen, o cientista mais famoso do mundo, permanece no centro da

família, bem como no centro da Física. Na verdade, estamos todos prestes a

sair de férias juntos!

Document Outline

- Primeira parte
  - 1 Asas para voar
  - 2 No palco
  - 3 A carruagem real
  - 4 Verdades ocultas
  - 5 Princípios incertos
  - 6 Pano de fundo
  - 7 E m boa fé
  - 8 Uma introdução à Física
  - 9 A alameda
  - 10 Uma pausa de inverno
  - 11 Curva de aprendizado
  - 12 Um final insignificante
  - 13 Os ciclos da vida
  - 14 Um mundo imperfeito
- Segunda parte
  - 1 Insones em Seattle
  - 2 Terra firma
  - 3 Esferas celestes
  - 4 Dinâmica perigosa
  - 5 Expansão do Universo
  - 6 Em campanha
  - 7 Mobilidade ascendente
  - 8 Inteligência e ignorância
  - 9 Pisadas chekhovianas
  - 10 O vento frio
  - 11 A arte do equilíbrio
  - 12 Horizonte de eventos
- Terceira parte
  - 1 Carta da América
  - 2 Edifícios
  - 3 Tesouro enterrado
  - 4 Um jogo de tabuleiro
  - 5 Floresta céltica

    - 6 Olhando para trás
    - 7 Impasse
    - 8 Uma mão amiga
    - 9 O inesperado
    - 10 Dissonância
    - 11 Turbulência
    - 12 Ad Astra
    - 13 Harmonia restaurada
    - 14 Assuntos pendentes
    - 15 Partidas
- Quarta parte
    - 1 A noite mais escura
    - 2 A linha tênue
    - 3 O peso da responsabilidade
    - 4 Motim
    - 5 Renascendo das cinzas
    - 6 Matemática e música
    - 7 Extremos
    - 8 A Rainha Vermelha
    - 9 Prospectando no Paraíso
    - 10 A volta para casa
    - 11 O preço da fama
    - 12 Honoris Causa
    - 13 Honorável companheirismo
    - 14 Dies Irae
    - 15 Realidade demais
    - 16 Nulo e sem efeito

Table of Contents

ASAS PARA VOAR
1
2
3
b
4
5
Primeira parte
1 Asas para voar
2 No palco
3 A carruagem real
4 Verdades ocultas
5 Princípios incertos
6 Pano de fundo
7 E m boa fé
8 Uma introdução à Física
9 A alameda
10 Uma pausa de inverno
11 Curva de aprendizado
12 Um final insignificante
13 Os ciclos da vida
14 Um mundo imperfeito
Segunda parte
1 Insones em Seattle
2 Terra firma
3 Esferas celestes
4 Dinâmica perigosa
5 Expansão do Universo
6 Em campanha
7 Mobilidade ascendente
8 Inteligência e ignorância
9 Pisadas chekhovianas
10 O vento frio
11 A arte do equilíbrio
12 Horizonte de eventos

Terceira parte
1 Carta da América
2 Edifícios
3 Tesouro enterrado
4 Um jogo de tabuleiro
5 Floresta céltica
6 Olhando para trás
7 Impasse
8 Uma mão amiga
9 O inesperado
10 Dissonância
11 Turbulência
12 Ad Astra
13 Harmonia restaurada
14 Assuntos pendentes